unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Presidente Prudente

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

"Tudo junto e misturado: rolês e fluxos dos jovens das periferias"

Capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade

Élvis Christian Madureira Ramos
Orientador: Prof. Dr. Nécio Turra Neto

Élvis Christian Madureira Ramos

TUDO JUNTO E MISTURADO, ROLÊS E FLUXOS DOS JOVENS DAS PERIFERIAS

Capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade

Agências de apoio para a pesquisa

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – **FAPESP**

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – **CAPES**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente como requisito para obtenção do título de Doutor em Geografia – Área de Concentração: Produção do Espaço Geográfico, sob a orientação do Prof. Dr. Nécio Turra Neto

PRESIDENTE PRUDENTE

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Ramos, Elvis Christian Madureira.
R142t Tudo junto e misturado, rolês e fluxos dos jovens da periferia : capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade / Élvis Christian Madureira Ramos. - Presidente Prudente : [s.n], 2017
477 f. : il.

Orientador: Nécio Turra Neto
Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia
Inclui bibliografia

1. Espacialidade das culturas juvenis. 2. Juventudes da periferia urbana. 3. Capital espacial. I. Ramos, Élvis Christian Madureira. II. Turra Neto, Nécio. III. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia. IV. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: **"TUDO JUNTO E MISTURADO: ROLÊS E FLUXOS DOS JOVENS DAS PERIFERIAS" CAPITAL ESPACIAL CONSTRUÍDO POR REDES JUVENIS NO CAMPO DA DIVERSÃO E GEOMETRIAS DE PODER NA CIDADE**

AUTOR: ELVIS CHRISTIAN MADUREIRA RAMOS
ORIENTADOR: NECIO TURRA NETO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em GEOGRAFIA, área: PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. NECIO TURRA NETO
Departamento de Geografia / Faculdade de Ciências e Tecnologia

Profa. Dra. MARIA ENCARNACAO BELTRAO SPOSITO
FCT / UNESP/Presidente Prudente (SP)

Profa. Dra. EDA MARIA GOES
Departamento de Geografia / UNESP/Presidente Prudente

Profa. Dra. JOSELI MARIA SILVA
Departamento de Geociências / UEPG/Ponta Grossa

Professor Assistente Doutor LEILA SOLLBERGER JEOLÁS
Departamento de Ciências Sociais / UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

Presidente Prudente, 07 de abril de 2017

Inicialmente dedico este trabalho a minha esposa Gleide Sales, cujo apoio e companheirismo foram essenciais nessa jornada, algo que não apenas deriva de nossa cumplicidade, mas do respeito mútuo e incondicional por nossos projetos de vida.

Também dedico a dois jovens amigos, pobres e moradores da periferia, um deles negro e pai, ambos com seus 19 anos que num breve e esquecido fragmento de seus cotidianos, há muitos anos atrás, no fim de seus expedientes de trabalho numa fábrica, ingenuamente foram ansiosos ao encontro de um anúncio sobre uma bolsa de estudo ofertada numa escola famosa e localizada em área nobre. Até lá foram e externaram profundo interesse e sinceridade diante da simpática profissional de RH, saíram acreditando que apesar do fato de serem pobres teriam aquela chance materializada, mas depois desse dia, nenhum contato aconteceu, nem mesmo tocaram no assunto. Já tinham consciência de algo que se aprende nas subliminaridades da vida e se guarda para si, foi possível aprender a mais dura lição que um jovem pobre poderia aprender: que sua condição social, além de não abrir porta alguma, tem o sentido de uma visão deformada para os outros, por trás das expressões e gestos, esconde-se a distinção, os estigmas e que só vai se descobrindo isso e se tornando cético nessa vida, quando se aprende que se está num mundo de divisões e hierarquias - como um princípio naturalizado das relações sociais.

AGRADECIMENTOS

Sem a orientação segura do Professor Dr. Nécio Turra Neto e, principalmente, por sua seriedade, embasamento e constante entusiasmo em discutir os problemas envolvidos em nossa temática da Geografia Social e das Juventudes, as coisas ficariam muito mais difíceis, graças às conversas e seus conselhos, foi possível encarar com confiança essa tese.

Às Prof. Dra. Maria Encarnação Sposito e Prof. Dra. Eda Góes e o Prof. Dr. Arthur Whitaker, reconheço o empenho em proporcionar condições para se refletir criticamente sobre questões centrais da Geografia Urbana e pela oportunidade de ter participado de suas aulas, aprender nas discussões e com suas experiências. Novamente em especial à professora Carminha, por suas contribuições importantes para esta tese.

Também quero deixar registrado meu carinho pela Prof. Dra. Ruth Künzli, cujas aulas me motivaram a revalorizar a importância da Geografia das Culturas.

Ressalto a contribuição para esta tese dos conselhos e apontamentos da Prof. Dra. Leila Jeolás, que passou a também significar uma amizade.

Nessa jornada se formou a "A sociedade do anel", em alusão a clássica trilogia de J.R.R. Tolkien, composta por mim e mais duas amigas do coração, Patrícia Milani e Tatiana Colasante. Sociedade onde compartilhei meus receios, mas também, onde partilhei alegrias e um sentimento de sólida amizade, que nunca mais poderei esquecer.

Agradeço aos jovens e àqueles não tão jovens, que encontrei nessa pesquisa e para qual cederam seu tempo e atenção, para me ajudar a compreender as práticas e as diversidades de ser jovem na periferia de hoje e de tempos passados.

Sou grato a instituição da UNESP, onde sempre me senti em casa e num ambiente plural, e cuja estrutura possibilitou condições para realizar esta pesquisa.

As exigências materiais e financeiras impostas nesta pesquisa não poderiam ser contornadas plenamente e com certa tranquilidade sem o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)[1], pela bolsa concedida (Processo 2013/25894 – 4), às quais sou grato.

[1] As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade de Élvis Christian Madureira Ramos e não necessariamente refletem a visão da FAPESP

A possibilidade de escolha do indivíduo não é o fator decisivo na determinação do seu grau de liberdade, mas sim o que pode ser escolhido e o que é escolhido pelo indivíduo.

Herbert Marcuse – Homem Unidimensional

SUMARIO

LISTA DE QUADROS..... *10*

LISTA DE FIGURAS..... *11*

LISTA DE MAPAS..... *14*

RESUMO..... *15*

ABSTRACT..... *16*

INTRODUÇÃO..... *17*

CAPÍTULO 1: CONDIÇÕES METODOLÓGICAS DE UMA ETNOGEOGRAFIA..... *23*

1.1. A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA..... *26*

1.2. AGENTES SOCIAIS E ESTRUTURAS NA ESCALA DA CIDADE..... *31*

1.3. ETNOGEOGRAFIA COMPARATIVA..... *36*

1.4. O TRABALHO DE CAMPO..... *39*

CAPÍTULO 2: UMA PERSPECTIVA SOCIOESPACIAL SOBRE AS JUVENTUDES E SEUS ESTUDOS..... *55*

2.1. AS JUVENTUDES..... *58*

2.2. REPRESENTAÇÕES SOBRE A JUVENTUDE..... *72*

2.3. ESTUDOS DA JUVENTUDE NA DIMENSÃO SOCIOESPACIAL E TERRITORIAL..... *80*

2.4. CONTEXTO DO TEMPO LIVRE E LAZER..... *87*

2.5 O DESENVOLVIMENTO DOS CONCEITOS ANALÍTICOS..... *94*

2.5.1 ESPAÇO..... *95*

2.5.2 LUGAR..... *99*

2.5.3 CAPITAL ESPACIAL..... *100*

2.5.4 TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E MICROTERRITORIALIDADE..... *104*

2.5.5 CULTURA..... *108*

2.5.6 REDES JUVENIS..... *112*

2.5.7 ESCALAS GEOGRÁFICAS..... *114*

2.5.8 CULTURAS TRANSTERRITORIAIS E TRANSESCALARES..... *120*

2.5.9 CONSUMO..... *125*

2.5.10 VISIBILIDADE SOCIAL E BIFRONTE..... 129
2.5.11 CONCEITOS ÊMICOS E JUVENIS..... 132
CAPÍTULO 3: A CIDADE E OS ROLÊS DOS JOVENS DA PERIFERIA NAS GERAÇÕES ANTERIORES..... 138
3.1. A DIVERSÃO NOTURNA A PARTIR DE 1970..... 142
3.2. A DIVERSIFICAÇÃO DA GEOGRAFIA DA NOITE E DO LAZER..... 160
3.3. A VIRADA NA ECONOMIA DO LAZER EM BAURU E MARÍLIA..... 179
3.4. AS NOVAS POSSIBILIDADES DE CONSUMO ENTRE OS JOVENS DAS PERIFERIAS..... 193
3.5. SÍNTESE SOBRE A ECONOMIA DO LAZER E DAS TRAJETÓRIAS DOS JOVENS DAS PERIFERIAS..... 198
CAPÍTULO 4: PROCESSOS SOCIOESPACIAIS E A SOCIABILIDADE DOS JOVENS NA PERIFERIA..... 203
4.1. FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DAS PERIFERIAS EM BAURU E MARÍLIA..... 209
4.2. ESTIGMATIZAÇÃO SOCIOESPACIAL DAS PERIFERIAS..... 218
4.3. DIFERENTES FORMAS DE VIVER E CONCEBER A PERIFERIA ENTRE SEUS MORADORES... 229
4.4. PERFIL SOCIOESPACIAL DO JARDIM SANTA ANTONIETA EM MARÍLIA COM ÊNFASE NO LAZER..... 235
4.5. PERFIL SOCIOESPACIAL DO BAIRRO OCTÁVIO RASI EM BAURU COM ÊNFASE NO LAZER 256
4.6. SÍNTESE SOBRE AS FORMAS DE ESPACIALIDADE E SOCIABILIDADE NOS BAIRROS PESQUISADOS..... 276
CAPÍTULO 5: REDES, ESCALAS E CAPITAL ESPACIAL DOS JOVENS DAS PERIFERIAS NO CAMPO DA DIVERSÃO EM DIVERSAS MICROCULTURAS..... 280
5.1. *ROLÊS* DOS JOVENS ADOLESCENTES NOS ESPAÇOS DE CONSUMO..... 284
5.1.1. AS ESCALAS E CONFLITUALIDADES DOS *ROLÊS* NOS ESPAÇOS DE CONSUMO..... 288
5.1.2. REDES E VISIBILIDADE NOS ROLÊS DOS JOVENS ADOLESCENTES 299
5.1.3. A ESFERA SOCIAL PRODUZIDA NOS ROLÊS NO SHOPPING CENTER..... 305
5.1.4. OS *ROLÊS* DOS JOVENS ADOLESCENTES NAS GEOMETRIAS DO PODER..... 309
5.2. *TUDO JUNTO E MISTURADO: FLUXOS, BAILES E BONDE*..... 313
5.2.1. OS ENREDAMENTOS JUVENIS EM TORNO DO *FLUXO*..... 317
5.2.2. ATERRISAGENS CULTURAIS NA PERIFERIA..... 325
5.2.3. ESCALAS DO *FLUXO* NA RUA E NOS *BAILES*..... 328

5.2.4. TERRITORIALIDADE E AS MICROTERRITORIALIDADES NA FESTA DO *FLUXO*..... 334
5.2.5. CONSUMO E AS CONSTRUÇÕES DE VISIBILIDADE SOCIAL NA FESTA DO *FLUXO*..... 347
5.3. REDE DE AMIGOS NOS CIRCUITOS DAS *BALADAS*..... 349
5.3.1. AS RELAÇÕES RETICULARES DOS JOVENS DAS *BALADAS*..... 352
5.3.2. ESCALAS PRODUZIDAS PARA AS *BALADAS*..... 358
5.3.3. AS ESTRATÉGIAS DE VISIBILIDADE E *PASSAPORTE DE CLASSE*..... 364
5.3.4. AS TERRITORIALIDADES E AS CLIVAGENS SOCIOCULTURAIS DOS JOVENS DAS *BALADAS*..... 369
5.4. *WHEELING*: A CIDADE TERRITORIALIZADA EM DUAS RODAS..... 379
5.4.1. CONTEXTO SOCIOECONÔMICO DA MICROCULTURA DO *WHEELING*..... 383
5.4.2. AS REDES JUVENIS DO *WHEELING*..... 385
5.4.3. ESCALAS E TERRITORIALIDADE DO *WHEELING*..... 392
5.4.4. A VISIBILIDADE E INSERÇÃO DO *WHEELING* NO CAMPO DE PODER NA CIDADE..... 403
5.5. *LOW*: OS CARROS *SOCADOS* NO CHÃO..... 406
5.5.1 CONTEXTOS CULTURAIS EM RELAÇÃO A MICROCULTURA DO *LOW*..... 410
5.5.2 TERRITORIALIDADES E AS ESCALAS DO *LOW*..... 413
5.5.3 VISIBILIDADE BIFRONTE E ESTRATÉGIAS ESPACIAIS..... 421
5.5.4 A CONSTRUÇÃO DO CAPITAL ESPACIAL..... 425
CONCLUSÃO: OS IMPACTOS DAS PRÁTICAS DE DIVERSÃO DOS JOVENS DAS PERIFERIAS NA CIDADE..... 430
ARTICULAÇÃO DAS ESCALAS DOS JOVENS DA PERIFERIA NA ESCALA DA CIDADE..... 430
TRANSTERRITORIALIDADE CULTURAL NA CIDADE..... 432
A PLURALIDADE NA PERIFERIA..... 433
AS REDES E AS MICROCULTURAS JUVENIS..... 435
A IMPORTÂNCIA DO CAPITAL ESPACIAL..... 436
VISIBILIDADE E CONSUMO NO CAMPO DA DIVERSÃO..... 438
A POSIÇÃO DOS JOVENS DA PERIFERIA NAS GEOMETRIAS DO PODER NA CIDADE..... 441
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 444
REFERÊNCIAS..... 450
APÊNDICE..... 466
ANEXOS..... 476

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 MATERIAL ETNOGEOGRÁFICO PRODUZIDO 54
QUADRO 2 QUADRO SINÓPTICO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS E ÊMICOS..... 136

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	RELATOS E COMENTÁRIOS SOBRE BAIRRO JÓQUEI CLUB EM MARÍLIA	51
FIGURA 2	INTERESCALARIDADE CULTURAL E SIMBÓLICA DA REDE JUVENIL DO *WHEELING* EM MARÍLIA-SÃO PAULO	125
FIGURA 3	AVENIDA SAMPAIO VIDAL E O CINE MARÍLIA – ANOS DE 1970	145
FIGURA 4	CINE MARÍLIA NA AVENIDA SAMPAIO VIDAL	152
FIGURA 5	AVENIDA NAÇÕES UNIDAS EM BAURU	163
FIGURA 6	TRANSPORTE COMUM PARA O CLUBE DOS BANCÁRIOS, CONHECIDO *BUSÃO* EM BAURU	165
FIGURA 7	CALÇADÃO DA RUA BATISTA DE CARVALHO	166
FIGURA 8	COMENTÁRIO EM TORNO DA VIDA NOTURNA NA CASA DE SHOWS STALUS EM BAURU	171
FIGURA 9	DOMINGUEIRA NO BAURU ATLÉTICO CLUBE	181
FIGURA 10	FAVELAS EM ÁREAS PRÓXIMAS A ESCARPA NA CIDADE DE MARÍLIA	212
FIGURA 11	CONJUNTO HABITACIONAL NOVA MARÍLIA EM 1980	215
FIGURA 12	OS TIPOS DE CONSTRANGIMENTO DE QUEM MORA NA PERIFERIA	227
FIGURA 13	COMENTÁRIOS EM TORNO DA "INSEGURANÇA" DO BAIRRO OCTÁVIO RASI	228
FIGURA 14	PAGINA ORKUT "ORGULHO DA FAVELA" – MORRO DO QUEROSENE	233
FIGURA 15	RECINTO POLIESPORTIVO NO JARDIM SANTA ANTONIETA	245
FIGURA 16	JOVENS SKATISTAS NO SANTA ANTONIETA	249
FIGURA 17	*POINT* JUVENIL NA AVENIDA JOÃO MARTINS COELHO	250
FIGURA 18	FEIRA LIVRE NO BAIRRO OCTÁVIO RASI	260
FIGURA 19	MENINAS NO BAIRRO OCTÁVIO RASI	262
FIGURA 20	GRAFITE NO WALTER BARRETO MELCHERT	268
FIGURA 21	*FAMÍLIA A.K(AL-AKAEDA <3)*	297
FIGURA 22	ESTILO *CHAVOSA* E *PATRICINHA* NA TEATRALIZAÇÃO DOS *ROLÊS*	304
FIGURA 23	JOVENS SENTADOS DEFRONTE À ENTRADA DO SHOPPING ESMERALDA – MARÍLIA	310
FIGURA 24	JOVENS NO BAIRRO OCTÁVIO RASI EM BAURU	320

Figura 25	*Fluxo da leste* Mary Dota em Bauru	324
Figura 26	Cartaz de um baile no bairro (antiga favela) do Ferradura Mirim Zona Leste de Bauru	330
Figura 27	*Fluxo da leste* em Bauru	343
Figura 28	Encontro dos amigos na Avenida Getúlio Vargas	368
Figura 29	Casa noturna de estilo country e sertanejo universitário, núcleo de lazer das Avenida Nações Unidas em Bauru	370
Figura 30	Evento com atividades e grupos relacionados a consciência negra em Marília	371
Figura 31	Festa com variedade de gêneros e grupos musicais na Casa Bamba em Marília	372
Figura 32	Chico Bala empinando sua moto na Avenida das Esmeraldas em Marília	381
Figura 33	Jovem numa rodovia de Marília que corta a cidade no sentido Norte e Sul	382
Figura 34	Evento dos grupos de *wheeling* em Marília	390
Figura 35	Grande *rolê* de moto diurno e de final de semana	392
Figura 36	Base física da rede juvenil *26daNorte* e encontro com os amigos	393
Figura 37	Bar Texas – local de encontro dos grupos de *wheeling*	394
Figura 38	Jovens no núcleo de lazer da Avenida Tiradentes em Marília	395
Figura 39	*Jovens do wheeling* pista Aero Motos em Marília	396
Figura 40	Encontro do *Cachorro Loko* uma rede do *wheeling* e de motoqueiros de Bauru	397
Figura 41	Jovens da equipe *Pratique Wheeling* – Zona Sul de Marília	398
Figura 42	Evento que serve de encontro dos grupos de *wheeling* da cidade	399
Figura 43	*Rolê para arrecadação* beneficente em Marília	401
Figura 44	*Rolê* na Avenida Nações Unidas em Bauru	402
Figura 45	*Rolê* dos jovens do *low* e aviso do encontro no pátio do Posto Alexandria	414
Figura 46	Encontro organizado pelo *Club 365*, no pátio da casa noturna UNIK	420

FIGURA 47 COMENTÁRIO DE UM *JOVEM DO LOW* A RESPEITO DAS SUAS PRÁTICAS E GOSTO EM TORNO DOS CARROS REBAIXADOS..... 425

FIGURA 48 *CLUB OLD SCHOOL* MARCANDO PRESENÇA NA AVENIDA DAS ESMERALDAS..... 428

LISTA DE MAPAS

MAPA 1	DISTRIBUIÇÃO DOS NÚCLEOS PRINCIPAIS DE LAZER NOTURNO EM MARÍLIA	141
MAPA 2	DISTRIBUIÇÃO DOS NÚCLEOS PRINCIPAIS DE LAZER NOTURNO DE BAURU	142
MAPA 3	LOCALIZAÇÃO DAS CIDADES DE BAURU E MARÍLIA NO ESTADO DE SÃO PAULO	143
MAPA 4	PROJEÇÃO DA MANCHA URBANA E BAIRROS DE BAURU	207
MAPA 5	PROJEÇÃO DA MANCHA URBANA E BAIRROS DE MARÍLIA	208
MAPA 6	ZONA NORTE DE MARÍLIA EM DESTAQUE O JARDIM SANTA ANTONIETA	237
MAPA 7	ZONA LESTE DE BAURU EM DESTAQUE O BAIRRO OCTÁVIO RASI	258
MAPA 8	TRAJETÓRIAS DOS *ROLÊS* DOS JOVENS DO OCTÁVIO RASI	290
MAPA 9	TRAJETÓRIAS DOS *ROLÊS* DOS JOVENS DO SANTA ANTONIETA	291
MAPA 10	NÚCLEOS DE LAZER E CIRCUITO DE LAZER DOS *JOVENS DAS BALADAS* EM BAURU	360
MAPA 11	*POINTS* NOTURNOS DOS *JOVENS DO LOW* DE MARILIA	417
MAPA 12	ESCALA INTRAURBANA DOS ENCONTROS E RETÍCULAS DO *LOW* ESPALHADAS REGIONALMENTE A PARTIR DA CIDADE DE MARÍLIA	419

RESUMO

RAMOS, Élvis Christian Madureira. **Tudo junto e misturado, rolês e fluxos dos jovens das periferias**: Capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade. 2017. 478f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente/SP.

Esta tese buscou compreender as estratégias socioespaciais dos jovens moradores das periferias de Bauru e Marília no campo da diversão. Revela que estes jovens, apesar de submetidos a uma condição de segregação e estigmatização territorial, constroem, através de suas redes sociais no âmbito da diversão, formas de compor seus circuitos de lazer, além de transporem a própria periferia. São práticas socioespaciais estimuladas tanto pelas injunções de uma economia de lazer dirigido, como também, a partir de conteúdos culturais que aterrissam em seus bairros, e pela qual são redefinidos por suas redes sociais e que favorecem a formação de diversas microculturas juvenis. O trabalho etnogeográfico possibilitou, além da descoberta de uma diversidade cultural na periferia, também o contato com algumas microculturas juvenis, a partir do qual se descortinou uma diversidade de estratégias que os jovens das periferias pobres realizam para saltar as escalas na cidade, afim de compor suas práticas no campo da diversão. Este campo oferece, igualmente, condições para as suas dissimilações, ou seja, na diversão, os jovens buscam se tornar visíveis na cidade, sair da condição de invisibilizados, projetarem suas expressões, performances e preferências de gosto numa escala maior que a dos seus locais de moradia. Contudo, ao se tornarem visíveis e móveis na cidade, entram também num campo de disputa territorial, não apenas sofrem constrangimentos, intimidações e cerceamentos de seus movimentos, mas também a violência simbólica, como formas de estigmatização e julgamento do gosto. E são essas assimetrias que configuram uma geometria de poder na cidade, onde estes jovens lutam pelo espaço e pelo direito de viverem sua condição juvenil. A pesquisa também revela que o capital espacial se torna imprescindível para suas territorialidades, ou seja, no horizonte de suas possibilidades objetivas encontram e articulam, através de suas redes, meios para se tornarem móveis na cidade, e assim, efetivamente criarem estratégias para saltar as escalas na cidade, para viverem seus enturmamentos e festas.

Palavras-chaves: Juventudes. Microculturas juvenis. Diversão. Etnogeografia. Periferia Urbana. Capital Espacial. Bauru. Marília.

ABSTRACT

RAMOS, Élvis Christian Madureira. ***Tudo junto e misturado, rolês e fluxos dos jovens das periferias*: Spatial capital built by youth networks in the entertainment field and power geometries in the city**. 2017. 478pp. Thesis (Doctorate in Geography). São Paulo State University (UNESP), Presidente Prudente/SP.

This thesis aimed to understand the socio-spatial strategies of young residents from Bauru and Marilia periphery in the entertainment field. It reveals that these young, although submitted to a segregation condition and territorial stigmatization, build, through their social network in the entertainment field, ways to compose their leisure circles, besides transferring their own periphery. These are social-spatial practices stimulated as by the injunctions of a directed leisure economy, as also, by the cultural contents that lands in their neighborhoods, and which are redefined by their social networks and that favor the formation of diverse juveniles microculture. The ethnographic paper enabled, besides the discovery of a cultural diversity in the periphery, also the contact with some juvenile microcultural, in which was found a diversity of strategies that periphery's young realized to jump the cities scales, in order to compose their practices in the entertainment field. This field offers, equally, conditions to their pretenses, in entertainment, young seek to become visible in the city, leave the condition of being invisible, project their expressions, performances and taste preferences in a bigger scale than of their living places. However, as they become visible and movable in the city, they also enter in a territorial dispute field, not only suffer embarrassments, intimidations and curtailment of their movements, but also symbolic violence, as a form of stigmatization and judgment of taste. And are these asymmetries that configure a geometry power in the city, where these young struggles for space and for the right of living their youth condition. The research also reveals that the spatial capital becomes indispensable to their territoriality, in other words, in the horizon of their objective possibilities meet and articulate, through their nets, ways to become mobile in the city, and thus, effectively create strategies to jump the city scales, to live their entertainment and parties.

Key-words: Youth. Juvenile Microcultures. Entertainment. Etnogeography. Urban Periphery. Spatial Capital. Bauru. Marilia.

INTRODUÇÃO

A origem deste estudo surgiu da necessidade de compreender como os jovens pobres das periferias, que podem ser entendidos como moradores de bairros populares distantes, investem e participam das tramas e ofertas de lazer nas cidades de Bauru e Marília, no interior do Estado de São Paulo. Explorações iniciais[2], nessas cidades, apontaram a dificuldade em notar a presença destes jovens nas áreas centrais mais luminosas, sobretudo, no lazer noturno.

Em contrapartida, formulei uma suposição inicial de que, talvez, estivessem presentes, mas por meio de outros circuitos e territorialidades, encobertos e desconhecidos, tal como costuma ocorrer com a própria periferia popular. Isto é, passavam desapercebidos ou realizam seus *rolês*[3] sob outros conteúdos e estratégias socioespaciais. Em shopping centers, onde essa presença era mais visível, outras perguntas eram geradas, abrangendo questões sobre visibilidade social e estigmatização. Porém, como transpunham as escalas da cidade? Até que ponto a condição de segregação e estigmatização territorial, a que estão submetidos, limita os seus movimentos e as suas territorialidades nos núcleos de lazer e áreas centrais? Criariam esses mesmos jovens outros circuitos, fora dos espaços mais luminosos, ficando invisíveis ao olhar menos familiarizado com este universo?

Além disso, as vidas desses jovens, no plano das sociabilidades, costumam ser descritas, invariavelmente, num tom depreciativo, rigidamente circunscritos nas temáticas da pobreza e violência. Uma juventude posta como fracassada e transladada numa zona de inferioridade social, lembrada principalmente como parte dos noticiários policiais. Não são convidados à darem sua voz, invisibilizados, mas, paradoxalmente, lembrados apenas quando saem da periferia para fazer seus *rolês* nos espaços de consumo das áreas centrais.

---

[2] Estas explorações foram realizadas no primeiro semestre de 2013.

[3] Entre os dicionários se identificam duas formas escritas e fonéticas, uma é "rolé", por exemplo falando no Rio de janeiro e "rolê", usado mais frequentemente em São Paulo. Optei pela última grafia. No capítulo 2 discuto este termo, conferindo-lhe o status de conceito êmico.

O campo da diversão emergiu como um espaço-tempo apropriado para confrontar essas visões, revelar até onde tais perspectivas resumiam todas as suas histórias ou deixavam de fora outras narrativas. Como, por exemplo, poderia a classificação "jovens pobres das periferias" estar encobrindo uma rica diversidade de sociabilidades e práticas socioespaciais? Como também, poderia a diversão, além do sentido de uso do tempo livre, ser um campo de visibilidade social, no qual é necessário construir escalas, demarcar territorialidades e cujos agenciamentos igualmente atingem a discussão em torno do direito a cidade (LEFEBVRE, 2001)?

Ou seja, era certo que a periferia pobre, de forma redundante, estava relacionada com várias formas de precariedades, escassez de recursos e de infraestruturas. Mas, isso justificaria reduzi-la a um "espaço patológico" (MARTINS 2008)? Será que as práticas socioespaciais dos jovens, que aí moram, seriam também pobres e, por conseguinte, confinadas desgraçadamente ao limbo de uma vida social sem perspectivas e entediante? Há uma certa insistência na identificação dos que mandam e dos que são subjugados[4]. Como eu passei a juventude na periferia, percebi que havia algo além desse esquematismo. Era necessário falar da natureza da luta, da diversidade dos jogos, do campo de possibilidades e das assimetrias do poder, com os quais todo jovem deve saber lidar, dentro e fora da periferia, o que aponta para resistências e formas variadas de viver a cidade.

Estava diante de jovens que se comportavam como agentes sociais[5], numa luta, onde precisam mobilizar diferentes capitais (social, simbólico, econômico e espacial) para fazerem investimentos sociais, entre eles o lazer. Jovens que precisam encontrar, no mapa social da cidade, entre diversas coordenadas simbólicas, meios e recursos para as suas visibilidades. São essas **estratégias e seus impactos que me inclinaram a descrevê-las e analisá-las**, para revelar suas práticas socioespaciais em relação as estruturas que compõe o campo da diversão.

---

[4] Embora isso não quer dizer que esteja afastada a concepção de que no plano da cidade haja conexões entre o local e global, onde se materializam entre outras relações, níveis de comando e subordinação no âmbito da rede urbana e numa divisão territorial do trabalho (SANTOS, 2006).

[5] Ao usar o termo **agentes sociais** me apoio em Bourdieu (2013), para fazer referência àqueles que com suas predisposições têm competência para mobilizar o discurso e a percepção das condições de prática, ainda que situados dentro de um campo de posições sociais. Com suas predisposições ajustam suas táticas e aspirações com as possibilidades objetivas no espaço social.

Para enfrentar estas questões, apoiei-me em dois pilares: a **descrição etnogeográfica**[6] e uma **perspectiva socioespacial e simbólica**[7]. Em um certo sentido, ambos aparecem presentes uma na outra ao longo do trabalho. Mas, por etnogeografia, sempre enfatizarei: as sociabilidades e as redes juvenis, encontradas nas periferias de Bauru e Marília. Ou seja, descrições em torno de suas práticas no campo da diversão: como se veem e são vistos; um olhar de dentro e de perto (MAGNANI, 2002), mas, sem ignorar suas relações culturais interescalares, assim, como de seus movimentos e interações com as estruturas espaciais na cidade. Por análise, estarei fazendo uso de referências conceituais com foco nas práticas socioespaciais, para entender os jogos de poder, nos quais aqueles agentes estão inseridos.

As referências conceituais da análise articulam um diálogo franco entre o campo e a teoria: entre o que encontrei, junto de uma ampla rede de jovens e outros colaboradores, e aquilo que serviu de reflexão a partir de outras pesquisas e pesquisadores, principalmente, nos campos da Geografia, da Antropologia e da Sociologia.

Em síntese, **redes, territorialidade, escalas, capital espacial e visibilidade** constituem a matriz conceitual do presente trabalho, na qual ancoro as descrições dos *rolês* e, ao mesmo tempo, possibilita entrever o campo de luta (simbólico, espacial e social), no qual estão envolvidas as práticas socioespaciais dos jovens das periferias. A chave da análise está na concepção de que estes conceitos são também construções **socioespaciais que envolvem os agentes sociais na relação com diversos tipos de estruturas.**

É com base nas descrições e nessas análises que elaboro uma tese: de fato, as microculturas e as redes juvenis formadas pelos jovens pobres da periferia estão ainda sob forte estigmatização social e territorial, mas, diferente das gerações anteriores, não estão reduzidas ao lazer circunscrito numa cidade monocêntrica. As cidades de hoje oferecem maior diversidade de lazer, com novos espaços de consumo. Porém, não apenas o centro urbano se reestruturou, mas também, a própria periferia passou a fazer

[6] Cuja inspiração metodológica vem de Turra Neto (2012).
[7] Base de análise e conceitos analíticos que poderei melhor dissertar no capítulo 2.

parte da ligação interescalar de redes e culturas juvenis. E foi a partir da articulação de vários recursos e com novas possibilidades, que esses jovens conseguiram construir uma territorialidade múltipla e difusa nas cidades, e algumas vezes, saltaram para além da fronteira dessas.

Esses agentes sociais formam redes, produzem escalas e circuitos de lazer, criam apropriações territoriais com diferentes formatos, que se imbricam de forma ambivalente com a economia de lazer e consumo nessas cidades – ainda que não com as mesmas condições de acesso e poder de consumo que as de outras classes sociais.

Não obstante, essas práticas socioespaciais são diferentes momentos e táticas que revelam um recurso imprescindível para seus *rolês*: um **capital espacial** que, por sua vez, impacta e é impactado no campo da diversão por diversas estruturas e agentes – como o Estado e a indústria do lazer e entretenimento.

Em síntese, reunir condições e fazer um *rolê* é construir um capital espacial, que pode ser compreendido como o poder de sair da situação de confinamento territorial, com a oportunidade para se tornarem visíveis e se dissimilarem em suas redes. Porém, é uma **visibilidade bifronte**, pois os estigmas se aplicam para além de seus espaços de origem, classificando-os nos seus movimentos na cidade, baseados em julgamentos de gosto, cerceamentos e violências simbólicas. Neste sentido, suas práticas se inserem numa geometria de poder (MASSEY, 2000), o que significa dizer que a diversão vai além de um tempo *ipsativo* e neutro. Implica também disputa territorial e a necessidade de estratégias socioespaciais no sentido de contornar as barreiras materiais e simbólicas impostas a estes jovens e suas microculturas.

Desenvolvo as descrições e os argumentos ao longo de cinco capítulos. Os capítulos têm uma estrutura peculiar, uma lógica interna. Os dois primeiros sustentam as premissas, as condições da pesquisa, os conceitos operacionais delineados. Já nos três últimos, desenvolvo as descrições, até chegar nos resultados e discussões, em que estabeleço os argumentos conclusivos.

Alguns conceitos e esclarecimentos são apresentados num preâmbulo de cada capítulo. Visam dar entendimento de sua estrutura e informar como eles organicamente

se ajustam na tese. Na parte final de cada capítulo estará presente uma breve síntese do que foi descrito e apresentado.

O capítulo um está voltado ao esclarecimento de algumas questões teóricas, quanto à definição do objeto e sujeito da pesquisa. Apresento os procedimentos metodológicos utilizados em campo e a descrição de como se deram as escolhas de aproximação com colaboradores e sítios de pesquisa.

No capítulo dois revisito algumas abordagens e formulações teóricas sobre a condição juvenil, com destaque para as juventudes em condições de marginalidade; depois exploro algumas questões centrais sobre as juventudes, como moratória, geração e classe; em seguida, discuto algumas perspectivas socioespaciais que se sobressaem em pesquisas importantes da condição juvenil. Finalmente, apresento e defino os conceitos centrais dessa pesquisa.

No capítulo três realizo uma abordagem geracional, em atenção às mudanças do espaço urbano; descrevo as sociabilidades e diversão dos jovens em seu contexto técnico, econômico e cultural a partir dos anos de 1970. Destaco como construíam suas escalas e territorialidades, algumas de suas conexões culturais interescalares e transterritoriais.

O capítulo quatro inicia com a problemática da redefinição do conceito de periferia, com destaque para as formas de estigmatização territorial (WACQUANT, 2006); em seguida, apresento as formas de diferenciações sociais que ocorrem entre os bairros da periferia. Por último, descrevo, por meio de uma abordagem etnográfica, os dois bairros de Bauru e Marília em que a pesquisa etnogeográfica está ancorada, as observações, entrevistas e interações, com destaque para os espaços de relações, núcleo das sociabilidades juvenis.

O capítulo cinco tem foco na diversidade das redes, microculturas, festas juvenis encontrados a partir da periferia, com atenção às suas diferentes formas de construírem e transporem as escalas da cidade; suas territorialidades reticulares; as conflitualidades e as tensões que ocorrem em torno dos espaços públicos e privados. Este capítulo se subdivide na descrição dos *rolês* dos jovens adolescentes nos espaços de consumo; das

festas do *fluxo*[8], dos jovens das *baladas*; dos *jovens do wheeling* (aqueles que empinam motos) e dos *jovens do low* (os dos carros rebaixados).

Na última parte da tese, realizo um extrato das conclusões e concepções em torno dos principais aspectos discutidos e que se sobressaem das descrições das redes e microculturas juvenis. Discuto o impacto de suas territorialidades, circuitos de diversão e como se transformam em agentes de uma luta, às vezes deflagrada, outras vezes dissimulada no espaço urbano.

[8] A palavra *fluxo* em itálico servirá para identificar a festa juvenil, permite não fazer confusão, com o que geralmente a Geografia entende como movimento, fluidez de objetos e pessoas.

CAPÍTULO 1: CONDIÇÕES METODOLÓGICAS DE UMA ETNOGEOGRAFIA

O leitor vai encontrar neste capítulo a trajetória metodológica ou etnogeográfica desta pesquisa. As reflexões e descrições aqui apresentadas caminham no sentido de se juntar às problematizações sobre as formas de abordagem espacial para os estudos das sociabilidades juvenis. Também viso mostrar os caminhos e descaminhos metodológicos que se deram nesta trajetória e as possibilidades que foram abertas, no sentido de tentar desvelar uma periferia menos conhecida, em termos de complexidade da vida social e práticas juvenis.

A apresentação do percurso da pesquisa visa favorecer uma compreensão sobre o que foi possível se fazer com as escolhas e diante das limitações em campo, bem como os dilemas e desafios enfrentados na pesquisa, quanto a produção de informações (BECKER, 1999).

Também, por trás de tudo que vai se seguir, está presente o argumento de que os usos de métodos qualitativos em Geografia adquirem uma dimensão metodológica e epistêmica importante, pois, de forma inescapável, entra-se nas zonas de contato, negociações e conflitualidades vividos por sujeitos de carne e osso, ou de grupos que expressam suas identificações e territorialidades, em relação a diversas formas de barreiras e poderes, que são parte do que se denomina espaço urbano.

E uma Geografia de contato se faz a partir da proximidade com os sujeitos sociais, ou como bem destacou Bernard Kaiser (1985, p.97), na cerrada crítica a uma certa ideia espaciológica, que busca com todo empenho possível falar das relações espaciais, sem levar em conta que "(...) não se pode compreender estas relações sem conhecer e compreender as relações dos homens entre si, quer dizer, as relações sociais". O que remete também às considerações de Suertegaray (2002, p.4), segundo as quais ir a campo, para o geógrafo, é "um ato de observação da realidade do outro, interpretada pela lente do sujeito na relação com o outro sujeito". Foi com estas intenções que se buscou fazer o trabalho de campo e aprender ao longo deste processo.

Esta aproximação com os praticantes da cidade permite entrever outras projeções, indo além da contumaz abordagem *top down*[9] para uma abordagem *botton up,* uma distinção inspirada em Pais (2005; 2007), que nos faz pensar a cidade além de algo determinado, planejado e imposto por diferentes hierarquias de poder, mas que nos convida a pensar na cidade que se auto-organiza, a partir de seus grupos e agentes sociais, como pelas ações juvenis nos espaços urbanos – o que não exclui aquelas estruturas e relações de poder que se impõem nas práticas socioespaciais destes grupos.

Ainda em relação aos jovens e suas práticas, há também aqui um pressuposto importante do qual parte a perspectiva que agora se apresenta, que é um esforço para se ultrapassar aquelas visões que buscam restringir as práticas juvenis dentro de um quadrante cultural isolado e desprendido das conexões e dos contextos em que vivem, ou ainda, como "unidades fechadas" e "autocentradas" como bem destacou Magnani (1996). Tipos de recortes analíticos que os desligam das outras realidades nas quais estão entrelaçados. Contextos que, quando desprezados, deixam de lado as várias interfaces sociais e tecnológicas, que acabam em algum grau tendo impacto nas suas práticas.

São tendências que têm uma falsa noção de exterioridade ou de que os jovens estão além do social. Desconsideram, por exemplo, a disputa que se dá no campo do Estado e do mercado, onde o corpo e a própria ideia de juventude estão em disputa (REGUILLO, 2004). As práticas juvenis em suas diversas singularidades culturais merecem atenção, mas não escapam das lutas e atritos que ocorrem na sociedade. Em decorrência disto, busco levar em conta a totalidade da condição de ser jovem (DAYRELL, 2007), isto é, que suas escolhas, preferências e identidades se dão em diversos campos da vida social, em vários entrecruzamentos, como do trabalho, família, lazer, política, etc.

[9] Palavras em itálico fazem referências aos estrangeirismos não incorporados no vocabulário da Língua Portuguesa (uso normas do senado federal https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/estilo/estrangeirismos-grafados-sem-italico). Mas, também usarei itálico para enfatizar as expressões entre os jovens, suas falas e seus conceitos êmicos, sobre os quais trarei maior esclarecimento no capítulo 2.

Lançar mão de uma visão socioespacial sobre a temática da juventude é uma oportunidade de contribuir no aprofundamento de questões centrais que costumam ser ignoradas, como a descrição e análise das suas práticas socioespaciais, como das produções de escalas e territorialidades que se multiplicam junto da diversidade de redes juvenis no espaço urbano. Ao mesmo tempo, o direcionamento para estes estudos aproxima a Geografia das coreografias do cotidiano, com um olhar para os agentes sociais nos espaços de relações que formam o mosaico sociocultural das cidades. Ou, como bem destaca Alice Lindón (2006), seriam "geografias" da vida cotidiana, já que não constituem um recorte de apenas uma "geografia", mas é uma transversalidade, pois é urbana, rural, jovem, idosa e entre outros tantos segmentos sociais que pluralizam as práticas na cidade na atualidade.

Não obstante, esta transversalidade exige tensionamentos internos sobre os próprios métodos, fundamentos e conceitos geográficos. Sem contar que é um momento de diálogo também com as Ciências Sociais, primeiro, porque não se pode ignorar o volume de pesquisas sobre a juventude neste amplo campo disciplinar, que é em si, um grande corpo temático (PEREIRA, 2014) e, segundo, o acesso às profícuas pesquisas e outras formas de tratamento sobre as práticas juvenis que também não ignoram as espacialidades produzidas (CARRANO, 2002; CASTRO, 2004; MAGNANI, 1992; 2005).

Por último, geralmente quando se fala de metodologias, logo se costuma entrar nas descrições sobre instrumentos e formas de trabalho da pesquisa. Neste caso, como é a pesquisa qualitativa, o foco recai nas estratégias de observação utilizadas e nas formas de analisar as informações. Preferi fazer outro caminho, antes de entrar nessa questão propriamente dita, busquei não desenredar as questões práticas dos problemas teóricos iniciais, por isso, tratarei nos primeiros dois subcapítulos de reflexões que antecedem as próprias práticas de campo, questões importantes que abrem um maior entendimento de como a pesquisa qualitativa se torna necessária nos estudos que articulam escala da cidade e as redes juvenis. Após a sequência destes primeiros subcapítulos, aí então serão abordadas as experiências observacionais e de uso de instrumentos de pesquisas que consubstanciaram as descrições elaboradas sobre as redes juvenis no âmbito do lazer e de outras negociações no espaço urbano.

1.1 A construção do sujeito da pesquisa

A construção desse processo começou a partir da possibilidade de uma pesquisa comparativa, sobre a condição juvenil no espaço urbano de duas cidades, relacionada ao projeto "Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo[10]", proposto e executado pelo GAsPERR (Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais). O projeto no todo tem como foco as relações entre reestruturação urbana e reestruturação de cidades[11] médias, tendo como eixo de abordagem analítica o consumo. Portanto, ao se usar a expressão "**cidade média**", está se fazendo um primeiro recorte analítico, em torno de cidades que passam por transformações estruturais, entre elas, novas formas de consumo, alterações nas suas centralidades, e de seu papel intermediário nas trocas e nas diversas outras relações com a rede urbana a qual se articulam.

A ideia de trabalhar com os jovens pobres moradores de bairros distantes das áreas centrais mais consolidadas e/ou de maior status social atingia o núcleo de uma questão daquele projeto, que era avaliar as práticas de diferentes sujeitos sociais no quadro de uma reestruturação das cidades médias, que apresentava como tendência o aumento das desigualdades socioespaciais. Outra aproximação que fez a escolha pender para os jovens da periferia foi, no bojo destas reestruturações, a ampliação das ofertas de consumo nestas cidades. Desse modo, surgiu como indagação prévia: até que ponto aqueles jovens, moradores de bairros tão afastados, diante de diversas barreiras econômicas e sociais, participavam deste novo consumo, numa cidade que se reestruturava e se tornava mais desigual?

A partir destas aproximações, deu-se conta do quão problemático era falar de **jovens pobres da periferia**, uma vez que o enfoque neste segmento juvenil carrega

[10] Este projeto tem o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, na modalidade de Projeto Temático.
[11] O termo "reestruturação" faz referência às várias mudanças econômicas e estruturais quanto aos seus rebatimentos espaciais e que são orientadas pelas formas atuais de produção e expansão capitalista. A reestruturação urbana faz referência à mudanças no posicionamento das cidades na rede urbana, enquanto a reestruturação da cidade remete à transformações no próprio espaço das cidades estudadas (SPOSITO, 1996).

algumas prévias suposições. Geralmente, as imagens e discursos sobre estes jovens os situam em completa condição de vulnerabilidade social, fragilizados por estarem em condições de poucos recursos materiais e bens culturais, além de privados de viver uma juventude plena. Tanto os imaginários, assim como os discursos a este respeito, ao meu ver, não estão totalmente fora do que se pode chamar da realidade dos jovens pobres no Brasil, como é diagnosticado de forma conjuntural no trabalho de Castro e Abramovay (2002).

O que passei a indagar, e isto se deu pela proximidade com o cotidiano, é que mesmo sob restrições econômicas e espaciais, estes jovens, por meio de uma série de práticas socioespaciais, poderiam arquitetar uma variedade de estratégias para expressarem suas preferências culturais, seus jogos e performances inerentes à uma condição juvenil também construída por eles.

É preciso destacar que parte dos estudos, como o de Glória Diógenes (1998) a respeito também de jovens pobres da periferia, tende a focar a inserção destes jovens nos espaços de consumo, como no centro das cidades, nos lugares de espetáculos ou nos circuitos noturnos que desenvolvem. Estudos que, geralmente, focam na vida nas metrópoles. Contudo, Fausto Neto e Quiroga (2000) alertavam para a necessidade de entendimento também dos locais de origem destes jovens. Este alerta era um comprometimento que colocava em cheque a forma de abordagem espacial e escalar sobre as práticas juvenis, ou seja, não apenas "estar nos espaços de lazer", mas também, "como chegam até lá".

Para lidar com essa questão, era necessário discutir o próprio local de origem destes jovens, entrar na periferia, em seus bairros. Jovens cujos bairros de moradia costumam ser atingidos por diferentes modos e produções de estigmas territoriais (SLATER, 2015)[12], entre os quais, as representações que enxergam as periferias como espaços patológicos (MARTINS, 2008) e bairros ausentes de uma vida social diversificada em termos de lazer e quaisquer conexões culturais com outros espaços.

[12]Uso o conceito de estigma territorial não com o objetivo de individualizar os tipos de estigmas (étnicos, sociais, gênero ou da condição de pobreza, moradia) mas para falar dos processos que estariam por trás da produção das estigmatizações em espaços urbanos, como bairros degradados, tal como é discutido em Wacquant; Slater; Pereira, 2014.

Diante de tais representações, digamos, englobantes, o que logo se impôs era estar na periferia para construir uma descrição, a partir dos contextos de vida dos jovens, questionar se a rubrica **jovens pobres da periferia** poderia, na realidade, encobrir uma especial diversidade de grupos e práticas socioespaciais. Ou ainda, levantar a hipótese de que a periferia urbana poderia não ser um espaço tão nulo como se imagina frequentemente, mesmo em se tratando de periferias em cidades médias.

Não obstante, também ficaram evidentes as complicações de unir uma Geografia que tende a analisar articulações escalares e relações espaciais predominantemente na dimensão econômica, com o estudo específico de redes juvenis e seus movimentos na cidade. Isto é, um olhar voltado para o cotidiano e que visa considerar as relações e rebatimentos socioespaciais em diferentes redes e escalas.

Além disso, o recorte geográfico da pesquisa impunha outras considerações, que não apenas supor uma articulação de níveis de análise, mas como dar conta de um estudo comparativo em duas cidades médias, neste caso, as cidades de Bauru e Marília. Havia nessa escolha, quanto a este tipo de cidade, a introjeção de algumas questões importantes a serem ponderadas e levadas em conta sobre discussões nas quais estas cidades estavam inseridas.

A primeira constatação derivava do grande número de pesquisas, em sua maioria voltados ao desvendamento do papel destas cidades na escala regional, assim como, dos impactos gerados pelos novos ajustes e processos, que estão ocorrendo no âmbito da expansão capitalista internacional nas últimas décadas, com profundos impactos sobre estas cidades médias (SPOSITO, 2000).

Uma segunda constatação e derivada daqueles mesmos processos, como mencionado acima, são as específicas formas de rebatimento das centralizações do capital e das regulações estatais no âmbito interno destas cidades, provocando novas recontextualizações: como na relação centro e periferia e da passagem de uma monocentralidade ligada a um centro principal de comércio e serviços, para uma policentralidade, com a multiplicação de novas áreas de comércio e serviços. E tudo isso acrescido da diversificação de atividades econômicas e da segmentação do perfil do mercado de consumidores (SPOSITO, 2000).

Transformações estruturais que também escoavam para o âmbito da economia do lazer nestas cidades. Com aumento do comércio e serviços voltados a diversão noturna, como bares, *nigthclubs, pubs* e shows. Alterações e novos arranjos espaciais que, por sua vez, podiam implicar impactos nas trajetórias e territorialidades dos jovens na cidade, inclusive dos jovens pobres da periferia, que também não são mais os mesmos dos anos de 1970, ou dos anos de 1990, quando tais transformações se aceleraram nestas cidades.

Era preciso juntar as duas pontas. De um lado, uma compreensão destes jovens e suas sociabilidades na cidade e de outro lado, aquilo que foi se tornando cada vez mais claro durante a pesquisa, que estas práticas tangenciavam questões que iam desde as mudanças que estas cidades estavam sofrendo, no âmbito da recontextualização de espaços de consumo, até questões de natureza social e política, como as formas de uso e apropriação dos espaços públicos e privados por estes jovens.

Em síntese, o desafio foi transpor a questão dos jovens e suas práticas para dentro de discussões amplas sobre reestruturações e direito a cidade (LEFEBVRE, 2001). O que sugeria a construção de um objeto de estudo, com foco nos agentes sociais e nas imbricações de suas práticas com questões da cidade e talvez com outras escalas e relações mais globais, por exemplo, as sobreposições de aspectos culturais e midiáticos no conteúdo de suas práticas de lazer.

Diante desse quadro inicial, o foco no lazer, sobretudo, o lazer noturno, pareceu oferecer um campo espaço-temporal no qual se poderia amarrar aquelas problemáticas em torno de um elemento comum, sem perder a consideração sobre os agentes sociais e estruturas. Algo que Margulis (1997) também identificou, em Buenos Aires, com a alteração de composição das atividades de lazer noturno naquela cidade, em face da sua geografia urbana. Ou seja, a possibilidade de intersectar a descrição e análise das práticas socioespaciais dos jovens da periferia, sem deixar de lado as interfaces destas práticas com o contexto de mudanças nestas cidades médias.

Este recorte analítico passou a ser então uma oportunidade de contextualizar suas redes de sociabilidade, seus circuitos de lazer e suas territorialidades em relação as barreiras espaciais, como a distância e acessibilidade aos locais de lazer e diversão. Assim como, das formas de apropriação de espaços públicos e privados e se estes

jovens estariam divorciados ou não de um consumo dirigido de lazer ou concebido por uma crescente economia do lazer, que estaria moldando a esfera de lazer nestas cidades médias[13].

Considerei a importância do lazer na vida destes jovens, em razão também de outros estudos que concebiam as pesquisas sobre o lazer e o uso de tempo livre na juventude, como um espaço e tempo para além de uma ótica simplista, que costuma fazer do lazer um momento de relações e fruições desligadas de tramas mais complexas, como em termos de maior autonomia no exercício de afirmações identitárias e expressões socioculturais (MAGNANI, 2000; PALLARÉS e FEIXA, 2000; CARRANO, 2002; PAIS, 2003).

Todas estas prévias considerações e aproximações levavam a várias perguntas que estavam ligadas umas às outras, interconectavam-se, como, por exemplo: Estariam estes jovens também excluídos das novas formas de consumo na cidade, dos espaços de lazer, do espetáculo da cidade noturna, com suas luzes, comércio e vida nos locais de consumo? Quais seriam suas práticas diante das barreiras sociais e espaciais? Ou, como já destacado, conformariam-se às estruturas de lazer moldadas por uma economia do lazer nestas cidades? Portanto, os jovens focados nesta pesquisa, ainda que revelassem suas próprias particularidades em relação as suas demandas, modos de vida e interações, estavam envolvidos com várias tramas e desdobramentos sociais e urbanos.

[13] Esta tem sido uma constatação derivada de outras pesquisas, que apresentei em outros trabalhos sobre o lazer noturno nestas cidades como "As mudanças nas centralidades de diversão noturna em duas cidades médias: continuidades e descentralidades na espacialidade do lazer noturno", no III Simpósio Internacional sobre Cidades Médias, de 2015. Como também me apoio em outros trabalhos originados pelo GASPERR e discussões a respeito desta questão com o meu orientador Nécio Turra Neto.

1.2 Agentes sociais e estruturas na escala da cidade

Uma vez construído o que seria o sujeito da pesquisa **os jovens da periferia** como objeto empírico de pesquisa, era necessário aprofundar as discussões em torno do panorama teórico e contextual, pelo qual emergia o estudo em tela. Uma das primeiras barreiras foi a pouca bibliografia ou estudos que abordassem com profundidade a relação espaço e sociabilidade de redes juvenis com as mudanças na cidade. Em realidade, essa articulação de agência, escalas e estruturas tem passado despercebida.

Uma exceção neste universo é o trabalho de Turra Neto (2014), que evidencia a importância da situação geracional da condição juvenil no espaço urbano, associando as mudanças geracionais no tempo e espaço. O que implica abrir a lente para questões sobrepostas, por exemplo, a relevância das alterações estruturais da cidade, condição de abertura ou nulidade para conexões culturais externas, assim como, a complexidade do espaço urbano e seu efeito nas próprias sociabilidades e territorialidades juvenis. Neste estudo, centrado em Presidente Prudente, cidade do Oeste Paulista, tendo como ponto de vista os agentes sociais, isto é, de pessoas que viveram sua condição juvenil na cidade, articula suas trajetórias de vida juntamente com o processo de mudanças estruturais, descobrindo os efeitos que estas estruturações e complexificação do espaço urbano logram na sociabilidade juvenil, como do surgimento atual de diversas grupos juvenis em torno de culturas e estilos na cidade.

Na maioria dos estudos urbanos, sobretudo, com cidades médias, predomina uma considerável preocupação com os processos de mudança nas macroestruturas e forma urbana. Embora tenham seu valor heurístico, às vezes tendem a desprivilegiar a constelação de diferentes impactos que se dão no contexto da vida cotidiana dos diversos segmentos socioculturais da cidade (classes, gêneros, etnias e gerações). Isto é, uma ciência do espaço com seu forte interesse nos grandes atores, nos grandes sistemas e nas grandes modificações do espaço, sobretudo na dimensão econômica, mas que tem deixado escapar o entendimento da pluralidade cultural urbana e das demandas que se clivam na sociedade e que, por sinal, têm requerido suas próprias espacialidades e territorialidades nestas cidades.

Ainda que haja uma preocupação assaz importante na discussão da questão urbana e das dificuldades em se operar com diferentes planos da realidade social, há sempre a insistente visão que paira homogênea sobre os segmentos sociais da cidade. Ainda que se fale em desigualdade socioeconômica, deixa-se de lado outras desigualdades, outras assimetrias, outras práticas que fazem parte de uma tessitura urbana que é, na verdade, bastante complexa.

Na outra ponta, algo de semelhante pode ser dito dos estudos culturais e sociais em relação à escala da cidade, com poucos estudos que buscam explorar o peso das mudanças urbanas nas territorialidades e sociabilidades dos grupos e/ou gerações. Há uma espécie de isolamento dos estudos culturais em relação a outras interfaces geográficas. A meu ver, são estudos importantes voltados para aspectos simbólicos e/ou materiais da vida social de grupos ou movimentos socioculturais, mas que em sua verticalidade, costumam se afastar de contextos adjacentes, como o econômico e das relações de poder na cidade.

Fica de lado uma Geografia do social, do movimento, da diversidade de práticas socioespaciais produzidas pelos diferentes grupos na cidade, que em muitos casos, revelam tensões e disputas, ou ambiguidades com as estruturas econômicas e espaciais vigentes no âmbito da cidade.

No horizonte das Ciências Sociais, o problema e as dificuldades em se articular o plano de análise das macroestruturas com o plano dos agentes sociais quanto as suas ações e sociabilidades é objeto de longa história e debate. Uma tentativa de superar este dualismo e visões teóricas unilaterais, surgiu com as teorias das práticas[14].

Em linhas gerais, esta perspectiva, em vez de isolar as questões de agência e estrutura, procuram não descartar a relação íntima entre estas instâncias na vida social (ORTNER, 2007). Ao menos se colocam no desafio de não sucumbir diante de modelos

[14] Um grande arco de autores destaca o foco na ação social ou práticas sociais, como, Pierre Bourdieu, Anthony Giddens, Alan Warde, Löic Wacquant, nestas e em outras leituras tenho entendido "prática" como algo além de uma contraposição à teoria, ou ao idealismo. Mas ações/interações do cotidiano, que estabelecem ações repetidas, rotinas, que plasmam e são plasmadas sob diferentes contextos e estruturas sociais e espaciais.

explicativos que encobrem as particularidades e diferentes estratégias de lidar com as formas de coerção que se impõem no cotidiano da realidade social.

Por exemplo, Pierre Bourdieu (1994) assinala que o olhar para as práticas é uma forma de explorar as relações dialéticas entre as estruturas objetivas e os agentes que tanto interiorizam estas estruturas, como as exteriorizam em novas práticas. Ou ainda, nas palavras de Sherry Ortner (2011, p 39) "trata-se de uma teoria geral da produção de sujeitos sociais por meio da prática no mundo e da produção do próprio mundo por intermédio da prática".

Uma maneira de abordar a dimensão espacial nesta perspectiva é discutida em Martina Löw (2008), para quem o espaço estrutura e é estruturado nas ações sociais. Desse modo, o espaço não se reduz apenas a explicação dos contextos ou regiões onde se dão as práticas sociais. O espaço é reconhecido como uma estrutura dotado de recursos (mercado, políticas públicas, transporte etc.) que potencializa ações e não raro aplica regras, estabelece ambiências particulares de interação, impõe controles, institucionaliza práticas. Mas que também é estruturado pelos agenciamentos[15], no curso das ações de diversos agentes, como na alocação e sínteses de objetos, na criação de fronteiras, contexto de lazer, trajetórias. Ou ainda, num sentido mais sintético, o espaço não seria propriamente o objeto, mas parte das condições e da constituição das relações entre pessoas e grupos (LÖW, 2008), visto que estas relações são elas próprias espaciais: espacializam-se, confirmam e/ou produzem o espaço da sua própria existência.

Na Geografia, uma importante frente de vanguarda é a que torna central a importância do espaço em várias questões sociais, como da política de acesso e dos direitos civis e políticos, entrando nas questões das afirmações identitárias no âmbito da luta no e pelo espaço. Uma Geografia que busca revelar as diferenças quanto a pluralidade étnica, social e cultural no que tange as diversas demandas socioespaciais. Os estudos de Massey (1998, 2000, 2004, 2008) e Smith (2000) são alguns entre os

[15] Uso esse conceito, inspirado em Deleuze e Guattari (1996), em que **agenciamentos** podem assumir uma multiplicidade de tipos e naturezas: podem ser, artísticos, perversos, científicos, políticos, mas que são forças, recursos e desejos que implicam uma série de caminhos e linhas de atuação (circuitos, conjunções; superposições, passagens etc.).

pioneiros que lidam com estas interfaces. Uma posição que também foca na condição de um espaço aberto às diferenças e conexões, assim como das relações interescalares.

Um aspecto desta abordagem, e que se buscou levar a efeito nesta pesquisa, foi não ignorar que diferentes grupos também estão diferentemente situados no espaço e numa **geometria do poder** (MASSEY, 2000), assim como se configuram conjunturas diferenciadas e distribuição desigual de recursos, capitais e estratégias entre os segmentos, classes e gerações na cidade.

É preciso assinalar que Doreen Massey (2000) usa o termo geometria do poder no sentido das transformações advindas do encurtamento das distâncias físicas, pela compressão espaço-temporal, ou seja, pela instantaneidade das comunicações e da velocidade dos meios de transporte que ocorre como um recurso diferenciado entre grupos e agentes. Neste sentido, o poder para estabelecer contatos distantes por parte de um grupo ou empresa, de modo direto e mais rápido, pode, por exemplo, marginalizar cidades ou regiões que antes se beneficiavam de antigas rotas e trajetos. O que se depreende que no âmbito do espaço-tempo, nem todos têm os mesmos recursos de capital espacial para determinar o ritmo de seus movimentos, escalas e até mesmo formas de inclusão.

No sentido que é aplicado este de conceito de Massey (2000) nesta pesquisa, além de incorporar que há uma diferenciação de posse e uso de recursos que se aplicam na mobilidade e encurtamento aparente das distâncias, também se estabelece outras **geometrias de poder** que se estendem para a escala da cidade, onde grupos e segmentos sociais são afetados quanto suas autonomias e acessibilidades, por suas localizações, distâncias e formas de mobilidade, as vezes restringindo ou ora ampliando seus acessos e oportunidades sociais e culturais. Uma geometria que no espaço urbano guarda intencionalidades de grupos e segmentos que por diferentes estratégias visam cercear ou confinar outros grupos, estabelecendo uma relação territorial de poder na cidade.

Foi a partir destas perspectivas teóricas que se abriram amplas possibilidades de aprofundar uma análise socioespacial relacionada aos sujeitos desta pesquisa, levando em conta as diferentes formas de barreiras e injunções aos quais estes sujeitos precisam lidar e negociar.

Restava ao menos outra questão, afinal, por onde começar? Pelas estruturas e chegar nos agentes, ou fazer o caminho inverso? Como anteriormente salientado, Machado Pais (2005; 2007) já tinha discutido num certo sentido essa questão e destacado um outro modo possível de perspectivar a cidade e seus grupos sociais, em que se pode privilegiar o sentido *botton up*. Ou seja, revelar as práticas dos agentes, a partir de seus contextos socioespaciais e como estas mesmas práticas logram a construção de espaços de relações, produções de escalas e territorialidades na cidade.

Associei, então, não somente uma direção, digamos, topológica de ver a cidade, a partir do "chão da cidade" que se auto-organiza, mas também no seu plano, ou seja, das bordas para o centro, isto é, a partir "da" e "na" periferia, para as espacialidades de lazer construídas pelos jovens. São as práticas encontradas entre jovens de bairros pobres e afastados que vão nos dizer da magnitude e extensão de suas estratégias espaciais, da sua diversidade e dos elementos culturais e sociais que dão conteúdo a tais estratégias, assim como, das lutas e sistemas de classificação nos quais estes jovens estão envolvidos.

1.3 Etnogeografia comparativa

E é nesse quadro que fez todo sentido a pesquisa qualitativa ou etnográfica. Uma etnografia que, como destacou Fredrik Barh (2000), permite compreender um momento de um processo, da construção de práticas e que possa trazer a visualização dos elementos envolvidos e interdependentes desse processo.

Jovens igualmente inseridos não apenas no contexto de mudança estrutural e econômica da cidade, como também submetidos a certas barreiras sociais e espaciais. E é onde também uma etnogeografia tem sentido nesta pesquisa, que é, a partir do próprio fazer social, no nível da sociabilidade dos jovens que se possibilitou chegar até as estruturas e escalas socioespaciais.

Para desfazer possíveis suspeitas iniciais, é preciso dizer que o termo **etnogeográfico** não tem a pretensão de sugerir uma nova disciplina, ou um ramo das pesquisas geográficas ou sociais. Em realidade, já existe o emprego desse termo, ao menos nos estudos abordados no Brasil, relacionados com pesquisas com comunidades indígenas, nos quais se acentua o trabalho a partir de grupos étnicos, desbravando aspectos relacionados a sua distribuição geográfica ou como estes grupos concebem suas territorialidades e suas práticas culturais em meio a processos externos de escolarização, tal como é discutido no trabalho de Paladin Júnior (2010)[16]. Contudo, o que chamo de etnogeografia deriva de pesquisas juvenis em Geografia que demonstram que, através da articulação de métodos qualitativos, com ênfase nos processos e práticas socioespaciais, como aqueles elaborados e desenvolvidos em Turra Neto (2012a, 2012b), torna-se possível abordar não apenas as microculturas juvenis nas suas especificidades locais, como também nas redes e com as culturas transterritoriais as quais estariam articuladas. Um tipo de abordagem que permite

16 Heitor Antonio Paladin Junior, em sua tese "Etnogeografia: reflexões sobre a educação escolar, a espacialização e a territorialização do povo Xakriabá no Norte de Minas Gerais", chama de "Etnogeografia" algo mais que o diálogo entre Geografia e Etnografia, nega também que seja um olhar para os grupos indígenas através da antropologia. Reforça que é um estudo pelas lentes da Geografia. Faço movimento contrário, justamente o diálogo entre estas duas disciplinas é que favorece aprofundar meios e estratégias de campo para examinar mais a fundo grupos jovens no espaço urbano.

alcançar as diferentes articulações entre redes, escalas e territorialidades de grupos juvenis na cidade.

Particularmente neste estudo, a etnogeografia está calcada na possibilidade de revelar o alcance da produção de escalas e das territorialidades relacionas as práticas dos jovens estudados, a partir da periferia, como também, se estas mesmas práticas tensionam algumas continuidades estruturais pretéritas a atuais em termos sociais e espaciais.

Uma vez localizado em linhas gerais a possibilidade de uma etnogeografia nos estudos juvenis, também era evidente a necessidade de fazer o trabalho que geógrafos do alvorecer desta ciência estavam acostumados a fazer, ou seja, ir a campo e lidar com as descrições. E, ao mesmo tempo, tentar superar aquela "visão de sobrevoo" em Geografia, como bem já tinha destacado Souza (2007), além de falar do espaço, tornava-se central entender a espacialidade produzida, estar próximo dos jovens, buscar entender como conseguem e combinam seus recursos para criarem seus momentos de lazer.

Um outro ponto que impôs desafios metodológicos foi que, o estudo em duas cidades exige algum tipo de metodologia comparativa. Era necessário definir não apenas os bairros a serem enfocados, mas como se deveria tratar as informações. O que esperar de informações que não fossem convergentes, mas sugerissem divergências e/ou distanciamentos? As informações sobre grupos e territorialidades poderiam ser comparadas de forma justaposta entre as duas cidades? Poderia se generalizar ou simplesmente traçar paralelismos, no sentido de contrapor ou correlacionar informações e resultados?

A bem da verdade, o núcleo destas questões parece tocar no problema etnográfico e também geográfico daqueles estudos que se voltam para a revelação das singularidades e diferenças, que se escondem nas narrativas universais e englobantes ou dos estudos que buscam conferir se as injunções e disposições estruturais (econômicas, culturais e espaciais) são validadas em recortes mais específicos da realidade social ou geográfica. A comparação surge para atender a ambas abordagens. Encontrar tendências, contrastes, aproximações, que permite generalizações, ou revelar as singularidades dos casos.

De modo particular à esta pesquisa, a intenção que ficou projetada foi no sentido de estudar um certo segmento juvenil em cidades médias, com foco nas diversas práticas encontradas. Desse modo, a atitude observacional para as duas cidades passava por um tipo de comparação, mas cujo centro não era discutir a diferença entre as cidades, **mas as diferenças quanto aos tipos de periferias e a variedade de territorialidades juvenis encontradas nas cidades médias**. Ou seja, o centro da comparação seria a descrição das próprias diversidades de práticas socioespaciais juvenis que se distribuem nas periferias de duas cidades médias. Uma maneira de argumentar contra a concepção contumaz de uma periferia homogênea e pouco plural.

Por outro lado, uma atenção às diversidades socioespaciais não elimina, numa **etnogeografia comparada**, o efeito de que o grande volume de informações e descrições produzidas tende ao risco de se perder de vista a possibilidade de explorar interpretações e delineamentos conclusivos sobre a empiria. Ou seja, era preciso chegar a algum limite que pudesse ser possível tratar do grande arco de observações, anotações e revisões que qualquer trabalho etnográfico supõe ocorrer. E ainda tentar fazer as pontes com as questões levantadas e conceitos teóricos.

Para resolver esse impasse, encontrei na experiência de **etnografia comparada** realizada por Bourdieu (DURÃO; WACQUANT, 2008) um caminho, que também poderia explorar, sem me deter apenas no empirismo. Sabia que era necessário revelar as práticas, entrar no mundo da subjetividade, dar aguda atenção às minucias das ambiências de lazer, mas também era necessário, como demonstrava Bourdieu (1979), fazer do campo não um fim, mas uma realidade que se reconhece e que retroalimenta conceitos importantes, que ao mesmo tempo ordenam as práticas socioespaciais e tangenciam contextos mais amplos. O limite era quando se pudesse encontrar na experiência do campo uma ponte com questões genéricas, lançando luz e provocando outra leitura da própria realidade com a qual interagia.

Outro aspecto que merece esclarecimento é que não se pode deixar de apontar que as descrições desta tese acabaram se inclinando mais para as performances masculinas que se produzem no campo da diversão, sobretudo no capítulo 3. Nos outros capítulos, ainda que não se pode equalizar com uma diversidade de experiências juvenis relacionadas as identidades de gênero, buscou-se pluralizar a partir de maior

presença na pesquisa das experiências das jovens. Todavia, isso também alerta que uma etnogeografia que busca descrever agentes nas suas relações socioespaciais, incorporando as estruturas e suas trocas culturais, não pode se ausentar das maneiras como a posição dos grupos em termos de identificação e atos performativos de gênero podem manifestar não somente diferentes modos de práticas socioespaciais, mas como são desiguais seus recursos e as formas como adquirem visibilidades.

Para chegar na primeira etapa, ou seja, no campo, foi sendo posto em operação um concerto de várias estratégias de observação e interação para abarcar uma fração significativa das práticas juvenis encontradas na periferia. A seguir pode-se visualizar o caminho e as potencialidades destas triangulações em campo[17].

1.4 O trabalho de campo

Como ocorreram as escolhas e as estratégias que foram utilizadas no campo para produzir informação sobre as sociabilidades dos jovens da periferia? Trago para esse intento, num escopo geral, o contexto das opções metodológicas que se deram nas cidades de Marília e Bauru, desde os sítios de observação, até as estratégias de aproximação com os colaboradores. Também destaco o modo pelo qual consegui acesso às informações que permitiram constituir um panorama das formas de lazer que gerações anteriores de jovens da periferia configuravam.

O "pé na estrada" começou com um esboço inicial, quanto a um projeto de pesquisa e com a missão de obter informações iniciais sobre o campo. Ou seja, antes do mergulho propriamente etnogeográfico, foram feitas algumas incursões exploratórias nas cidades de Marília e Bauru, para avaliar a espacialidade do lazer

[17] Triangulação implica na decisão de utilizar diversas estratégias de observações, que estão associadas com a extensão e dimensão das práticas dos agentes sociais. Como se verá nesse subcapítulo, os jovens também fazem interfaces com as plataformas digitais, o que implica não apenas um esforço de observação e interação direta com os agentes, mas uma tentativa de compreender o peso dessas interfaces no conjunto de suas próprias práticas, algo que só é possível entrando nas suas esferas sociais online.

noturno, bem como localizar os pontos de encontros dos jovens pobres naqueles espaços observados. Foi com estas explorações iniciais que se pôde construir as perguntas da tese, assim como, a identificação das problemáticas teóricas que se fizeram importantes, como anteriormente discutido.

Em Marília, as incursões exploratórias nas áreas centrais não deixaram distinguível onde apareciam os jovens da periferia. Em Bauru, encontrei estes jovens em grande número em pátios de postos de combustíveis em vias importantes da cidade, onde se reuniam para um tipo de festa, ao qual denominavam de "*fluxo*" e também encontrei muitos jovens adolescentes de bairros afastando nos shopping centers das duas cidades.

O que se apresentava com estas observações é que talvez estes jovens tinham um modo próprio de produzirem seus espaço e circuitos de lazer na cidade, que ainda não tinham sido documentadas ou identificadas e que nem sempre coincidiam com as áreas que exerciam centralidade noturna, pela concentração de oferta de equipamentos de diversão (bares, casas noturnas, restaurantes etc.), mais voltados para outros segmentos de renda.

Nessa primeira fase de breves incursões, como também na sequência da fase mais sistemática de observação, não tinha ainda definida uma rede de colaboradores. Isso foi algo conquistado no dia a dia da pesquisa. Um fator essencial nestes primeiros momentos no campo foi me familiarizar com a cartografia da cidade. Esse ponto se tornou muito importante, pois é preciso estar atento a uma lista considerável de objetos geográficos: os locais, estruturas espaciais, bairros, núcleos de lazer, as vias e avenidas importantes, assim como os locais simbólicos e os fluxos de jovens para os locais de densidade de oferta de lazer.

Nestas primeiras incursões utilizei muito o serviço de mototaxistas, que auxiliaram a reconhecer os espaços de lazer da cidade, como também ajudaram a compreender como era a vida boêmia e o lazer, sobretudo, na cidade de Marília. Bauru era uma cidade que conhecia, portanto, os problemas eram bem menores que com a desconhecida Marília em relação a sua cartografia. Abaixo um fragmento de meu diário de campo, com o registro da primeira incursão em Marília:

> Marília 31/08/2013 22:10 - Fiz meu primeiro contato com um informante em Marília, chamado Rogério, um mototaxista. Cheguei ao local, depois de rodar muito de carro, e não encontrar o bairro, preferi ao invés de ficar perguntando a alguém, estacionar o carro e ir direto ao serviço, perguntei ao atendente, onde ficava a vila Maria Antonieta (ainda não sabia que o nome correto era Santa Antonieta), pois eu supunha, disse a ele, que era a um bairro afastado, pobre e de periferia. Também de forma direta, e para minha surpresa, ele disse que era dessa vila e ele mesmo me lavaria lá. Devo deixar registrado que rodei quase uma hora, quando ele foi me apresentando todo o bairro. Como era sábado, havia muitas lojas, gente circulando na rua, locais luminosos e outros de breu. A corrida ficou no preço de 30 reais.

Essa gradual familiaridade com o espaço urbano e as primeira informações deram condições para uma avaliação mais clara das distâncias, barreiras e dificuldades que os jovens que habitavam os bairros da Zona Norte tinham para acessar áreas de lazer mais centrais, ou seja, como era a dificuldade para construírem suas escalas, para além da local. Estas experiências favoreceram a sensação do que era na prática do movimento estar perto ou estar longe em relação a certas estruturas espaciais, como um shopping center. As referências espaciais que foram surgindo nas entrevistas puderam ser elucidadas graças a uma prévia noção do tecido urbano.

A escolha dos bairros de estudo em Marília e em Bauru se deu a partir de um recorte geográfico e socioeconômico em torno de características bem explícitas, como de ser um bairro localizado em áreas distantes, com vida popular e estar sob formas de estigmatização territorial e exclusão social. Os bairros determinados como nucleares para observação e entendimento das práticas juvenis foram o Santa Antonieta em Marília e o Octávio Rasi em Bauru. Para o caso de Bauru, a escolha tinha como base minha experiência no bairro, ao longo de dez anos, como professor da Rede Pública de Ensino.

Nos bairros escolhidos para observação e descrição, houve uma atenção às formas de lazer e de aglomeração juvenil, mas, longe de um sistema fechado, busquei abrir as observações para os movimentos e trajetórias das práticas juvenis, um constante diálogo com a cidade como um todo, tentando identificar através dos jovens destes bairros afastados, os traçados e trajetórias que os ligavam a outras partes da cidade em relação ao lazer.

O foco perceptivo e as escolhas sobre o que observar, inicialmente, eram orientados pelas primeiras informações, como também inspirados em outras pesquisas, o que serviu para construir um primeiro planejamento de pesquisa de campo. Porém, quando já estava em campo, acabava ocorrendo, na verdade, um movimento de construção e desconstrução das mesmas premissas que inicialmente orientavam o plano inicial. A ida e a permanência no campo alimentam novas considerações e algumas observações não se encaixavam perfeitamente nas prévias concepções teóricas. Neste sentido é que existe um movimento de ida e volta entre prática e teoria (WINKIN, 1998).

Um exemplo foi a dificuldade em determinar um circuito de lazer dos jovens da periferia. Apesar de focar e mapear os principais núcleos de lazer noturno tanto em Bauru como em Marília, a prática revelou que os circuitos dos jovens das periferias eram mais complexos e diversos, que aquilo que tinha pré-avaliado. Outro planejamento inicial que não vingou foi a ideia inicial de aplicar enquetes aos jovens em meio as suas práticas de lazer, apesar de relativa colaboração, perdiam-se as próprias observações, as formas como se comportavam ou como os outros os percebiam. Resolvi, separando os dois momentos e utilizando mais tarde as mídias sociais online ou aplicando enquetes nos próprios bairros.

Porém, é preciso dizer que a serependidade também está presente no campo. Num dia que tentava aplicar aquelas enquetes no entorno do shopping Esmeralda, em Marília, que por sinal tinha pouca presença de jovens em relação a outros fins de semana (o *rolê* coletivo dos jovens não tinha acontecido naquele dia, pois não foi programado), numa simples troca de conversa, diante do nada para fazer, encontrei um colaborador central, que renderia muitas informações e contatos, sobre as épocas de diversão noturna na cidade, mais ainda, era um elo de ligação entre redes juvenis relacionadas a manobras com motos nas ruas, reconhecido até mesmo entre os jovens da periferia .

Finalmente, em termos de script, separei o campo de pesquisa entre periferia e áreas centrais. Quando me dirigia para as áreas do centro da cidade, então, o foco se voltava para identificar onde os jovens da periferia se encontravam no lazer noturno, se eles criavam ou não suas territorialidades na noite estando com ou separados de jovens de outras classes sociais. Ou seja, de um lado, olhava para a periferia para captar especificidades do modo de ser jovem na periferia e, de outro lado, inclinava minhas

observações para como estes jovens, diante de seus recursos, faziam suas aglomerações e "enturmamentos", ou num sentido mais amplo, suas práticas socioespaciais nas áreas centrais da cidade. Este script também ajudou na própria descrição.

O trabalho de interação e observação mais sistemático no bairro, e mesmo nas áreas centrais, exige explicitar de que maneira eu me posicionei como observador. Existe uma certa variedade de formas e técnicas de observação neste sentido (CICOUREL, 1999), porém desde o início, decidi por deixar claro minha condição de pesquisador, mas também não queria estar muito longe dos contextos de diversão dos jovens. O formato que se aproximou disso seria o que Cicourel (1980) chamou de observador como participante, em que o observador, através de mediações de colaboradores, insere-se nos contextos sociais, sempre deixando claro sua condição de outsider. Acaba sendo uma observação direta e também mediada, quando o colaborador ajuda elucidando questões e descrevendo com suas palavras as práticas desenvolvidas. Essa técnica – na qual normalmente se conta com um mediador, que geralmente faz parte da liderança da microcultura ou rede juvenil, para ajudar a explicar as práticas – possibilitou obter mais facilmente muitas informações.

O aspecto da interação em campo também merece uma atenção, pois se trata de relações interpessoais nas quais se buscam resultados. Como destaca Angrosino (2009), a etnografia moderna é dialógica, nasce e se desenvolve numa rede de relacionamentos, é um diálogo entre o pesquisador e a comunidade estudada e pela qual se depende da cooperação, do consentimento e boa vontade das pessoas que interagem na obtenção de informações. Por isso, tão importante quanto o planejamento e as indagações que vão se formulando, também é necessário ser simpático, manter uma disposição para ouvir e tecer boas relações.

No início, nas explorações no bairro, houve uma sensação de perplexidade, sobretudo no Jardim Santa Antonieta em Marília. Era um local totalmente desconhecido, não conhecia ninguém e as dúvidas cresciam, sem mediador algum e com certo ceticismo que contamina a própria avaliação quanto à adequação da escolha do bairro. Contornei isso, escolhendo a estratégia que estava mais a mão e que achava menos complicada, em vez de procurar primeiro os próprios jovens, tomei como foco inicial o local em si e a vida social no bairro, com a identificação das formas de lazer,

equipamentos urbanos, fluxos e periodicidades destes lazeres. Alguns destes locais passaram a ter uma importância maior, como uma pizzaria, a quadra poliesportiva central do bairro e uma das suas escolas.

As caminhadas a pé e as circulações de motocicleta nas ruas do bairro e áreas centrais se constituíram estratégias cruciais para encontrar enturmamentos, rodinhas de jovens em torno de carros, conversas nas mesas de bar e até nas práticas esportivas, o que favoreceu vislumbrar que se estava diante de uma pluralidade de encontros e microculturas juvenis. Magnani (2000) chama atenção para essa circulação e a necessidade de manter uma observação focada na regularidade, mais do que nas cenas episódicas e inusitadas. Isso é um fator importante, por exemplo, vai se notando coisas que a princípio pareciam prosaicas, e que na verdade, revelam-se práticas e intencionalidades significativas e pertencentes a práticas sutilmente elaboradas.

Por exemplo, o que seria um simples andar das meninas na noite remete à intencionalidades e propósitos diferentes em relação à um sábado à tarde. Durante o dia estão mais à vontade, circulam sem assumir uma visibilidade que ajuda a ser notada na multidão, mas durante a noite, muitas destas meninas adolescentes estão em grupos e o fraseado das roupas e sapatos compõe uma corporeidade que visa ter um destaque especial. O corpo acaba se constituindo em seu maior capital nos ambientes de descontração e diversão na noite no bairro. A própria estrutura do bairro acaba oferecendo, a partir de algumas praças e avenidas, as condições para visibilidade social.

Esta regularidade e periodicidade do olhar para as práticas socioespaciais dos jovens vão possibilitando identificar distinções também nos enturmamentos detectados nas esquinas, na reunião nos bares e nas calçadas. Prevalecem nestes enturmamentos características que se tornam importantes na identificação das formas de lazer e preferências. Observações simples, como os símbolos nas estampas das camisetas, tipos de tênis e outros aspectos do fraseado corporal dos jovens, sugerem tentativas de descobrir ou elucubrar sobre os significados e importância destes aspectos em suas cosmovisões, sobre a espacialidade construída a partir das demonstrações e performatividades destes jovens.

Em realidade, toda a observação tem que se tornar até certo ponto estranha e o comum tem que ser inquirido. O que poderia ser apenas uma atenção despreocupada,

revelou que uma casa de esquina do bairro não apenas era ponto de encontro de jovens, uma espécie de reunião de fim de tarde de sábado, mas que geralmente os três ou quatro automóveis enfileirados na sua frente tinham em comum suas suspensões rebaixadas. Essa observação foi crucial para descobrir e mais tarde buscar uma aproximação com a microcultura dos carros rebaixados, ou com os jovens do low, como são conhecidos.

Outros exemplos: o que era um lava-jato nos dias comerciais se transformava, nos finais de semana, em um pedaço (MAGNANI, 1992) onde jovens ligados às manobras de empinar moto, conhecida como prática do wheeling se reuniam. Ou ainda, que um posto de combustíveis pudesse nas noites de final de semana se transformar num point juvenil e poder-se-ia revelar diferentes expressões de estilos juvenis em meio a cacofonia de som e luzes.

Outra estratégia que se associou à observação, foi estabelecer aproximação com a escola do bairro, um espaço importante na vida tanto escolar como social dos jovens do bairro. Foi com a entrada na escola que se começou um outro estágio da pesquisa qualitativa, que é a efetiva aproximação com mediadores e com jovens enturmados em microculturas juvenis. Através de conversas com funcionários e professores da escola, foi possível aplicar enquetes e estabelecer contato com alguns jovens que frequentavam a escola em finais de semana para o lazer, como skatistas, grupos de encenação teatral, praticantes de futsal e rodas de capoeira, assim como outros grupos e atividades.

A escola também possibilitou entrar na fase das entrevistas e mergulhar nas redes de amigos. Conforme eram vislumbradas algumas trilhas e pistas, foi possível identificar colaboradores importantes quanto ao exercício de uma liderança e do conhecimento que tinham sobre as formas de lazer e as culturas juvenis em que estavam diretamente envolvidos. Tornou-se comum a indicação de algum jovem que conhecia um outro jovem que liderava ou era "conhecido" de uma rede juvenil. Sem essas pistas e indicações não teria sido possível entrar no âmbito das subjetividades e maior compreensão de suas práticas. Os registros destes encontros eram posteriormente transferidos para diários de campo.

Em Bauru, este trabalho foi facilitado pela rede de alunos e ex-alunos que tinha contato, seja na escola, ou na interface com as mídias eletrônicas. Também em Bauru

consegui desenvolver uma entrevista em grupo, com alunos do segundo e terceiro anos do Ensino Médio. Essa experiência ocorreu na escola de Ensino Médio "Walter Barretto Melchert".

Na estratégia de observação à noite, foi dada preferência à circulação nas áreas de lazer e consumo no centro da cidade, atenção para as aglomerações externas que se davam entorno das casas noturnas, bares e outros espaços de consumo. Por outro lado, impunham-se dificuldades de observação, em face da dinâmica das pessoas que entram e saem de cena a todo o momento, as situações de encontro que podem, de um momento a outro, tomar outras configurações por conta de algum elemento não previsível, as alternâncias e simultaneidades de eventos interessantes, que se abrem para percepção numa mesma avenida ou rua. Mesmo com estas dificuldades, as observações suscitavam hipóteses quanto a presença ou não de jovens da periferia nestes espaços, que aliás foi sendo vencida fortemente com o apoio da netnografia, como irei comentar adiante.

Outra estratégia era seguir alguns jovens que embarcavam nos ônibus circulares a partir do bairro com destino às áreas centrais. Esta estratégia passou a ter dupla finalidade: uma boa oportunidade para observar o fraseado visual e estético destes jovens e suas prováveis filiações identitárias e, por último, não menos importante, ajudava a definir o destino destes jovens quanto ao circuito de lazer que costumavam realizar.

Vale a pena comentar que a busca por compreender a mobilidade destes jovens, também, de certa forma, exigiu similar estratégia de mobilidade para observação. O que ajudou de modo essencial a ter essa mobilidade e "ganhar tempo" nas observações foi o uso de motocicleta em campo, recurso que permitiu uma flexibilidade para parar, anotar, fluir pelas ruas e acompanhar os passeios dos jovens na cidade em tempo real. Visitar e observar vários locais com certa discrição e, ao mesmo tempo, com liberdade maior na circulação.

Em relação às entrevistas, elas ocorriam em tom mais formal, eram agendadas em horários pré-estabelecidos com os colaboradores e seguiam os moldes de um roteiro de perguntas semiestruturadas. Há, nesse caso, um dinamismo que exige de quem faz as perguntas, sensibilidade em aproveitar algumas deixas e insights, no

sentido de reformular as perguntas originais ou inserir outras, talvez, mais pertinentes. Uma entrevista com um jovem skatista do bairro Santo Antonieta foi interessante, pois, de um lado, as gírias dominavam a conversa, por outro lado, a empatia em ouvir e mostrar curiosidade pelas expressões faladas permitiu conhecer mais a fundo outros grupos no bairro e ser convidado para visitar um local da cidade onde se reuniam.

Outras vezes a boa empresa da conversa informal acabava sendo tudo o que se tinha. Uma entrevista tinha gerado uma informação importante sobre um outro jovem que era um dos pioneiros do rap no Jardim Santa Antonieta, que poderia me informar sobre a aterrisagem desta cultura no local. Depois de uma indicação segura sobre seu endereço, fiquei quase toda uma tarde e começo da noite esperando que ele chegasse do trabalho. A espera tinha a finalidade de marcar uma entrevista, mas em meio ao encontro, o papo foi fluindo, o que gerou muitas informações. Contudo, a entrevista nunca aconteceu devido as condições de trabalho do jovem. Mas a conversa, posteriormente anotada, por sorte, foi de todo modo bem aproveitada e significativa.

Este exemplo faz lembrar que esta fase, digamos, mais etnográfica do estudo, embora pareça até aqui ter uma sequência linear e objetiva, se deu, na verdade, com alguns percalços, improvisações, pausas e dificuldades operacionais, como de conseguir marcar entrevistas e não raro convivendo com o cancelamento de algumas. As pausas foram obrigatórias, como a necessidade de parar com o campo, para transcrever entrevistas e dialogar com a teoria.

São momentos para se avaliar as intuições, insights e ideias que a todo instante emergem da interação com o campo de pesquisa. Foi diante de uma destas pausas, que foi possível avaliar outras formas de abordagem qualitativa para dar conta de novas questões que surgiam no campo. Uma destas reflexões importantes foi que estes jovens com quem estava interagindo costumavam mediar seus interesses e suas práticas nos espaços de lazer, por meio de múltiplas redes e escalas, tanto em comunicação não mediada como mediada[18].

18 Thompson (2011) distingue comunicação "face a face", mediada (uso de telefones, smartphones) e "quase mediada", como dos programas de televisão, canais de vídeos que sustentam uma interação do tipo monológica. A "interação quase-mediada" é dirigida e monológica, mas se difunde para um número indefinido de receptores e contextos espaciais, canais de vídeos e mesmo postagens do *Facebook*, podem difundir mensagens para os mais diversos receptores, classes, segmentos e faixa etária, etc.

Por exemplo, identifiquei, de maneira similar aos grandes centros urbanos, um grande fluxo de jovens adolescentes que frequentavam, nos finais de semana, os shopping centers (os chamados *rolezinhos* nas mídias jornalísticas). Em conversas informais com alguns destes adolescentes em frente a um destes shopping centers, foi possível saber que era um encontro que era, usualmente, programado, em que utilizavam de plataformas virtuais e mídias sociais para combinar e definir os dias de encontro.

Pareceu-me que a vantagem destas plataformas virtuais, como o Facebook, era não somente divulgar o encontro, como de mostrar, através da sua rede de usuários, quem confirmava ou expressava interesse no encontro. Um mecanismo interessante para se reforçar mutuamente interesses e aproximações, como também, garantir um grande fluxo de jovens para aquelas superfícies de consumo. Outra mídia social com destaque foi o WhatsApp, um aplicativo de smartphones que passou a mediar conversas em tempo real com amigos e formar grupos fechados tanto de amigos, familiares, colegas de empresa etc. O aplicativo é inerente a telefonia móvel celular, permite transferência de dados e imagens, tem sido usado com frequência quase absoluta entre os jovens, tanto para conversarem, como também para marcar encontros e formar redes sociais. Penso, que um dos seus sucessos é que é um aplicativo gratuito e sem custo para envio de mensagens.

Estas interfaces virtuais passaram a ter uma importância na pesquisa, pois possibilitavam formar ou associar a diversas redes de amigos e conhecidos, além de terem forte impacto socioespacial. Viabilizava a transposição de escalas na cidade, aumentando eficazmente, por meio da comunicação mediada, o enturmamento e fluxo para encontros em espaços de consumo, como nos shopping centers e que, muitas vezes, estavam distantes de seus espaços de moradia.

Foi por estas observações e reflexões que o uso da netnografia passou a ser considerado como uma maneira de investigação qualitativa, apesar de nova, interessante nas observações e registros de outras formas de expressões, visibilidades e associações que os agentes estendiam para além das suas relações mais imediatas. Agentes sociais que ampliavam suas redes sociais, organizam encontros, expunham suas práticas sociais utilizando-se de plataformas digitais. Criando práticas a partir de

várias interfaces de mediação. Por isso, a netnografia se tornou essencial na pesquisa. Tal como define Kozinets (2014), a netnografia não deixa de ser uma etnografia aplicada a comunicação mediada por computador e plataformas de comunicação virtuais. O trabalho netnográfico permitia ampliar com informações e entendimentos aspectos além daqueles produzidos em contato imediato com as unidades de observação (os próprios agentes, seus locais de encontro, festas), atingindo uma escala maior de abordagem, mas sem necessariamente perder contato com o campo.

As navegações exploratórias na internet tornaram possível encontrar um repositório de gravações, imagens, avisos sobre festas e práticas socioespaciais, que ajudavam a descobrir novas informações, assim como, preencher com informações a complexidade que se revelava sobre as redes juvenis nas periferias das cidades médias.

Um uso satisfatório a partir dessa estratégia veio no sentido de possibilitar confrontar informações e até completá-las com apoio de relatos, comentários e postagens de diferentes participantes de grupos temáticos fechados ou abertos. Outro uso não menos importante, foi a chance de observar através das postagens e comentários nas páginas pessoais dos usuários destas mídias sociais, informações e conteúdos relacionados aos encontros e festas no lazer noturno. Observações que nos levaram a atinar para a importância dessas mídias sociais no sentido destes jovens investirem em suas visibilidades sociais.

Outra frente que acabou por adquirir importância no arcabouço da pesquisa foi a compreensão geracional, quanto as mudanças estruturais da economia do lazer e seu impacto nas sociabilidades juvenis em relação ao lazer. Como se faziam lazer noturno e os investimentos no tempo livre nos espaços urbanos ao longo do tempo. Essa metodologia fora desenvolvida por Turra Neto (2008; 2014) e que nesta pesquisa poderia ajudar a elucidar as práticas de lazer dos jovens das periferias pobres no passado, favorecer a determinação de continuidades e descontinuidades da presença juvenil no circuito de lazer.

A exploração da memória não é um tipo de estratégia muito comum em Geografia, mas que Kaiser (1985, p. 94), num tom provocativo, veio a indagar, afinal, "por que não confiar também na memória individual e coletiva? Através das lembranças das pessoas e da reconstituição que elas fazem da história que aprenderam, os grandes

traços determinantes da situação atual aparecem claramente". O passado também era então um tipo de exploração geográfica, que poderia ser um instrumento para recuperar alguns pedaços importantes sobre as formas de interação socioespacial juvenis esquecidas, que não se tinham registros materiais, mas que poderiam lograr maior inteligibilidade ao processo socioespacial que se estava tentando elucidar na pesquisa.

Essa nova dinâmica temporal da pesquisa refletiu na própria estrutura da tese, que se impôs para a identificação das continuidades e descontinuidades dos *rolês* juvenis. Afinal, há uma historicidade, formas de espacialidade e de sociabilidade que refletem diferentes conexões geracionais e culturais. Ou seja, o que se chama rolê dos jovens da periferia como algo presente e emergindo de uma realidade repentina, na verdade é um processo que se altera num devir espaço-temporal.

Para entrar no campo geracional, se fez uso da netnografia e de entrevistas com citadinos que viveram a juventude em bairros da periferia, que experimentaram as formas e ofertas de lazer e diversão em suas gerações. Além das falas dos entrevistados e do recurso da netnografia, obtive também algumas informações cartográficas e históricas em visitas nas câmaras municipais e bibliotecas de ambas as cidades, no sentido de reconstruir um panorama das mudanças urbanas na cidade.

Um exemplo do campo netnográfico foi a participação em grupos fechados na mídia social do Facebook, como do grupo memória de Marília, o qual reúne internautas de Marília, que contam histórias do passado da cidade, além de postarem fotos. Neste ambiente, era oportuno realizar perguntas e registrar os comentários gerados, o que permitia esclarecer e até mesmo conhecer certas nuances e fatos sobre o lazer da cidade que não estavam bem claras nas entrevistas. Abaixo, a título de exemplo uma conversa na mídia social Facebook:

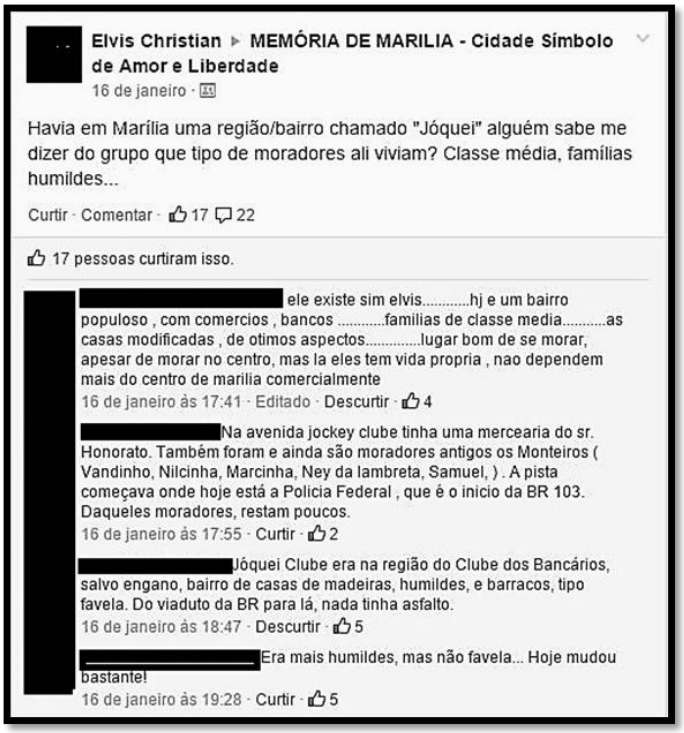


Figura 1: Relatos e comentários sobre bairro Jóquei Club em Marília.
Fonte: Mídia social Facebook - grupo "Memória de Marília".
Acesso:16/01/2014 - https://www.facebook.com/groups/memoriademarilia/?fref=ts

Neste exemplo, havia poucas informações nas bibliotecas da cidade sobre o bairro Jóquei Clube em Marília, mas havia a suspeita quanto a existência deste bairro, por intermédio de uma entrevista. Tive a informação que dali os jovens dos anos de 1980 saiam para frequentar casas noturnas no centro da cidade e que havia festas juvenis no próprio bairro.

Canais de vídeos e blogs também constituíram fontes importantes para reconhecer fatos sobre a economia do lazer. Além disso, os comentários ou depoimentos nestas mídias ajudaram a determinar muitos locais de encontros dos jovens, tais como seus *points* de diversão, assim como, ter algumas descrições sobre como eram as ambiências das casas noturnas. Tais fontes serviam tanto para elucidar lacunas sobre a História Oral, como também para comparar ou ampliar as informações produzidas pelas entrevistas.

Foi também estabelecido como método acompanhar postagens das redes juvenis que envolviam festas, comentários sobre *baladas* e as maneiras como tramavam

seus encontros. Outra modalidade foi de estabelecer contatos para obter entrevistas, ou informações complementares, através de bate-papos pelas mídias sociais e eletrônicas.

Este novo flanco da pesquisa e as observações, sejam das minúcias do cotidiano em torno dos jovens em seus bairros, assim como, as observações e netnografias relacionadas a identificação de conteúdo simbólico nas interações e nas práticas socioespaciais juvenis, foram constituindo um registro material para uma interpretação dos significados destes registros, ou aquilo que Geertz (1989) denomina de descrição densa.

Este é um ponto arquimediano em relação ao que o geógrafo tem feito como rotina de campo, ou seja, tem demonstrado uma preocupação com o detalhamento das formas e dos fluxos, geralmente dentro de um rígido roteiro pré-determinado. Mas, no caso da descrição densa, há um trabalho de criação ao se elaborar uma narrativa que busca desvendar os sentidos das práticas, mediante as observações livremente experimentadas no contato com os agentes nos seus espaços de relações. Esse desafio é algo ainda em experimentação, que não é apenas a busca por dados, mas em como interpretar aspectos das práticas socioespaciais que vão além do aparente.

É nesta perspectiva que a pesquisa ganha um rumo mais amplo e em condições de concatenar aquela ligação entre o fazer social com as estruturas e coerções que se plasmam na vida cotidiana dos grupos. Pois, em certa medida, ao "seguir" os agentes sociais, como em nosso caso - os jovens pobres da periferia, torna-se possível ver que a sociedade urbana é muito mais difratada que certas narrativas englobantes têm descrito.

Por outro lado, deve-se registrar nesta pesquisa uma grande dificuldade em entrar no universo semântico das práticas juvenis. A observação, entrevistas e outras diferentes formas de interação implicam lidar com as formas de falar. Gírias que circulavam entre eles, como *rolê* e *fluxo*, mais que meras palavras e expressões que fazem parte de suas interações, denotam uma rede de significados cujos sentidos podem elucidar as maneiras próprias destes jovens de conceber suas práticas. Neste caso, como em outros, talvez, a pesquisa qualitativa oferece muitas informações, mas cobra também um grande esforço de tratamento conceitual e semântico.

Quanto ao que se poderia depreender das escolhas das estratégias de investigação e dos diferentes sítios de pesquisa, seja na periferia, nas áreas de lazer e mesmo nas interfaces com diversas plataformas e mídias sociais, é que, apesar da variedade de recursos, o princípio foi de seguir estes jovens onde quer que poderiam ir, frequentar, onde quer que estabelecessem interações. É um princípio que vai guiando o observador. O sentido de usar esta ou aquela estratégia de observação depende da disposição, mas também dos recursos que se têm para seguir os agentes sociais. Há muito investimento de tempo e recursos financeiros que implicam fazer recortes mais definidos, não somente para dar conta da variedade de sítios de observação, como no tratamento que se exige para interpretar as informações de campo.

A determinação de usar ou não as estratégias de observação são escolhas que fiz e que levam a uma reflexão, tal como alertado por Turra Neto (2011), pois não basta adotar as técnicas, é preciso pensar em como elas têm um papel na sua relação com o objeto de pesquisa, com os agentes enfocados. As estratégias definidas de observações são parte do que se está privilegiando sobre o entendimento da realidade. Não obstante, não se pode ignorar o aspecto intuitivo, que nasce do aprendizado e do amadurecimento durante a pesquisa, e que, às vezes, permite fazer apostas e tentativas quanto à certas estratégias aproximativas.

Outro ponto a destacar é que cada mergulho etnográfico exige diferentes tempos, tempos de aproximação e às vezes de reaproximações, para se chegar ao fundo do que é esotérico nestas redes e microculturas juvenis. Nesse sentido, é preciso desde já explicitar que o mergulho no universo dos jovens das periferias na atualidade, em busca das suas práticas, revelou-se algo acima do que esperava, em virtude da quantidade de redes e microculturas que vão sendo conhecidas em campo, o que limita o tempo de contato com estas microculturas.

Contudo, ainda que muitas informações, anotações, entrevistas ficaram de fora ao menos deste trabalho, foi possível para aquelas redes juvenis escolhidas, fazer um trabalho etnogeográfico com maior grau de detalhes e profundidade. Em relação, ao que ficou de fora, não faltou interesse, mas isso demandaria estudos bem mais específicos quanto as teias relacionais que estas redes juvenis produzem e que se

articulam com outras redes mais amplas e de perfil interescalar. Logo abaixo no quadro 1 há um extrato quantitativo do material etnográfico:

Quadro 1 - Material etnogeográfico produzido

	Bauru	Marília	Observações
Diário de campo	719 folhas		Incluso anotações, transcrições, capturas de tela, fotos
Entrevistas com jovens	8	10	
Entrevistas geracionais	5	5	
Entrevistas com empresários e representantes	-	3	
Relatos e anotações de contatos informais	16	14	Incluem os bate-papos no *Facebook*
Grupo focal	1	-	Transcrição parcial
Enquetes	2	2	Nos Apêndices
Observação em campo	13	14	Visitas em eventos, grupos e shows
Relatos netnográficos	25	20	Incluem frames de vídeos; postagens e fotos.
Mapas	6	6	

O próximo capítulo busca apresentar e discutir aspectos importantes em torno do tema das juventudes, algumas das problemáticas envolvidas, tendo como dimensão privilegiada, a condição juvenil em termos socioespaciais. Também clarifico os conceitos utilizados na pesquisa e como eles são definidos e abrem condições para as descrições e análises.

CAPÍTULO 2: UMA PERSPECTIVA SOCIOESPACIAL SOBRE AS JUVENTUDES E SEUS ESTUDOS

A investigação proposta gira em torno da questão sobre a **sociabilidade e espacialidade dos jovens pobres das periferias,** seu uso do tempo livre e práticas de lazer, um problema cujo foco está centrado na descrição de como se dariam estas práticas e seus impactos nas estruturas sociais e espaciais que inicialmente as conformam.

Os recortes, delimitações, as especificidades propostas em torno da formulação do problema estabelecem uma espécie de objetividade, ou zona de análise, assim como, auxilia na previsão dos esforços necessários para a pesquisa e na projeção de hipóteses. Entrementes, sempre se vai descortinando uma rede de causalidades, relações e consequências que, no princípio, eram ignoradas e que precisavam ser enfrentadas, para se chegar em algo novo sobre o problema de pesquisa proposto. Nesta pesquisa, esta zona de análise apresenta três dimensões iniciais: **juventude, espaço e lazer**. Mas elas não se articulam apenas entre si, também invadem outros campos[19] ou dimensões sociais, provocando desafios e curtos-circuitos. Desse modo, a problemática adquire uma extensão maior, mas, apesar disso, este reconhecimento acaba permitindo que se possa entrever o real jogo que os agentes em questão estão jogando, no qual existem sempre outros agentes, com diferentes recursos e cujo campo de forças e posicionamentos tem implicação nas suas estratégias.

A pergunta sobre o lazer dos jovens que vivem na periferia popular revelou ser um arco de várias articulações, muito amplas e a solução que encontrei, como se verá no decorrer desta pesquisa, foi estabelecer um eixo de referência em torno de alguns conceitos centrais da Geografia e outros derivados de outras Ciências Sociais, que foram se tornando necessários na exploração do problema. Afinal, as questões científicas não só são respondidas, como também se explora suas implicações. Estes conceitos não são aleatórios, são chaves que permitem conhecer a constituição das práticas socioespaciais

19 "Campo" no sentido dado por Pierre Bourdieu de um campo de forças, sistemas de classificação, um orbital onde se dão uma certa hierarquização de valores, distribuição de bens materiais e simbólicos.

do lazer, mas não são apenas reconhecidos e aplicados, são tensionados conforme o empírico introduz novos questionamentos e reedita novas hipóteses.

Este eixo de referência também precisou ser continuamente revisto, conforme as práticas dos agentes atingiam, ou atravessavam, no seu fazer social diferentes escalas geográficas. Por exemplo, pode-se falar aqui de uma cultura juvenil específica, tendo como foco a natureza das conexões e difusões de seus códigos, entre lugares próximos e/ou distantes, mas, também, "descer" para uma escala microscópica ou do cotidiano, como dos jovens que fecham ruas da cidade para promover seu *pancadão*[20] e estender a discussão desta prática quanto ao uso de espaços públicos. Os dois níveis não se excluem, o local sofre pressões, influências e impactos do que se dissemina globalmente, assim como, o global se concretiza e é analisado a partir dos lugares. Alguns conceitos, como de escala e território, tiveram que ser elásticos o suficiente para englobar estes movimentos na própria realidade, mas sem evanescer seu núcleo explicativo.

Por isso, ao longo deste capítulo, os conceitos serão desenvolvidos teórica e criticamente. É onde apresento os pressupostos e critérios que vão alinhavar os elementos privilegiados, na descrição da sociabilidade e espacialidade dos jovens da periferia, assim como, vão alimentar as reflexão e análises que visaram aquela junção entre o plano das sociabilidades e o plano das estruturas sociais e espaciais na escala da cidade, que conforma aquelas práticas. A apresentação das escolhas teóricas e conceituais de outros pesquisadores e escolas não serão simplesmente apresentadas, mas, a partir delas, começarei a delinear quais foram as filiações e adaptações feitas para chegar aos conceitos operacionais desta pesquisa.

Outro ponto importante, que é preciso deixar claro, é como a dimensão socioespacial será tratada nas descrições e análises desta pesquisa, para que não seja encarada como um reducionismo no pensamento sobre juventudes. O mais importante no momento é destacar que o desafio proposto não é de deslocar questões relacionadas aos estudos juvenis para o âmbito de um só prisma conceitual, ou mesmo

[20] Uma expressão usada para se referir ao som das batidas das músicas do funk – mas não só deste estilo musical - e que são tocadas dando preferência aos graves dos alto-falantes.

disciplinar, na presunção deste dar conta das várias questões e formas de tratamento do tema da juventude, nem de encapsular a questão.

Ao contrário, busco aqui lançar mão de perspectivas teóricas e metodológicas, para lidar com estudos que têm uma certa tradição nas Ciências Sociais e para os quais intento contribuir, no sentido de revelar outras implicações e/ou estender seu entendimento. Portanto, este trabalho se incorpora a um esforço coletivo (visto que é compartilhado com outros Geógrafos) de ressaltar a relevância da consideração à sério da dimensão espacial para a compreensão das questões sociais e culturais.

Porém, uma coisa é buscar compreender as práticas juvenis na periferia das cidades médias, através de um conjunto de referências espaciais e territoriais, nas quais elas estariam inseridas, tomando o espaço como mero pano de fundo, ou como espaço de localização. Outra, é entender **como diferentes interações e sociabilidades daquele segmento juvenil envolvem a própria construção do espaço em relação às diversas estruturas espaciais e sociais -** sem negar a importância da dimensão espacial como contexto de realização e localização relacional do fenômeno**.** Este segundo modo de conceber o espaço parece ser uma via mais promissora para a Geografia e demais Ciências Sociais, pois vai além do espaço como um receptáculo, ou como uma entidade já preestabelecida, sobre a qual não é necessário refletir.

Além dos **conceitos analíticos** que serão usados, tanto para realizar as descrições como a etapa da análise, também serão importantes os conceitos oriundos das práticas dos agentes, daqueles que praticam, ou seja, seus **conceitos êmicos**[21]**,** pois constituem formas autênticas da discursividade juvenil e, portanto, elementos importantes nas descrições e nos tensionamentos com os conceitos analíticos**.** Quero dizer, de um lado, existem os conceitos que se aplicam no ordenamento e interpretação da realidade social e, de outro lado, uma atenção aos conceitos que emergem dos próprios agentes

[21] Conceito originado do linguista Kenneth Pike e foi expandido para outros estudos. Em sua origem, enquanto "ético" tende a ser o estudo dos comportamentos e interação linguística a partir de fora do sistema, o "êmico" resulta do estudo das interações e comportamentos de dentro do sistema. Na sequência, a antropologia cultural passou a entender como êmico, também, a rede de crenças e significados dos *insiders* (OLIVE, 2014). Para efeito de esclarecimento, nesta pesquisa, o termo êmico abrange o uso de expressões e palavras entre os jovens que emergem de suas práticas e enunciações.

sociais em suas práticas. Tento estabelecer, neste sentido, aproximações e correspondências que possam ajudar a elucidar os *habitus*[22] por trás de suas práticas.

A estrutura do capítulo começa com uma rápida abordagem a partir de algumas posições teóricas, sem intenção de esgotar toda a extensa produção intelectual que atualmente existe sobre o tema das juventudes[23], em sua diacronia, mas busco oferecer, através das leituras selecionadas, o caminho que possibilitou conceber diferenças de visões e problemáticas importantes relacionadas ao objeto de pesquisa. Em seguida, coloco em relevo algumas questões importantes que se sobressaem quanto à temática das juventudes, em que outras pesquisas se tornam importantes em revelar faces e divergências em torno de alguns tópicos que diretamente afetam esta pesquisa e que constituem alguns pressupostos. Na sequência, enuncio os conceitos operacionais e analíticos e alguns conceitos que surgem entre os jovens, pelos quais se pode estabelecer uma perspectiva geral sobre o tratamento das informações, sua descrição e análise.

2.1. As juventudes

O foco nas práticas de lazer dos jovens das periferias de fato é algo específico de uma realidade social e geográfica, mas não é uma questão solta, sem enlaces ou parentescos com pesquisas pioneiras e importantes do passado – e que também revelam o que se entendeu por juventude ao longo do tempo. Em realidade, os desdobramentos destes estudos e perspectivas no tempo não ficaram totalmente para trás, ainda inspiram ou dão suporte para se pensar nas dimensões da realidade juvenil

[22]Este é um conceito central derivado do pensamento bourdieusiano, que se apoia nas disposições (saber agir) socialmente aprendido e internalizado, numa determinada sociedade ou campo, um saber prático. Porém o *habitus* não é uma ação puramente racional ou mecânica, mas que constitui um "suporte ou portador da estrutura" (BOURDIEU, 1996), em realidade, os agentes jogam por meio das estruturas em determinados campos, aprendem a responder as exigências do seu campo, atuar num espaço de possibilidades, com aquilo que aprendem ou adquirem, o *habitus* pode "funcionar como um capital" (BOURDIEU, 2006), possibilitar criar com estes capitais e com que aprenderam, outras possibilidades de ações e as vezes impactar as próprias estruturas (BOURDIEU, 2006; BRANDÃO, 2010).

[23] Uso "juventudes" no plural tendo em vista a maneira de encarar as diversas maneiras de ser jovem, nos variados contextos socioespaciais nos quais os jovens estão inseridos e na forma como constroem seus espaços de relações (DAYRELL, 2005; 2007; TURRA NETO, 2015b).

do presente. Questões do passado que ecoam nesta pesquisa, como referências, contextos e formas de abordagem. Por isso, acredito que vale a pena religar o passado com o presente, através de um brevíssimo apanhado das ideias, concepções e correntes importantes que surgiram.

Não se pode eclipsar que o estudo de jovens marginais, de redutos ou subúrbios em cidades, não é uma novidade, como demonstram as primeiras pesquisas da condição juvenil em ambientes urbanos, como os estudos sobre gangues nos subúrbios de Chicago nos anos de 1930. Tal como não se pode deixar de lado, apesar da distância temporal, algumas semelhanças nas práticas socioespaciais e na maneira como eram encaradas, como por exemplo, entre as práticas dos jovens das periferias brasileiras, cujas escalas também atingem o "coração da cidade", com os "jovens apaches" de Paris, das primeiras décadas do século XX:

> Na sua construção, Michelle Perrot descreve o Apache como: um rapaz de dezoito ou vinte anos, que vive na cidade com um grupo. Ele é um jovem operário das periferias urbanas, principalmente parisiense; a sua gangue ou grupo recebe o nome do seu bairro, e ele está em conflito com a sua família. Ele rejeita o trabalho assalariado e a situação proletária de seus pais, assim como a ideia de ser um derrotado. Fábricas e pobreza são o seu pesadelo; ele tem desejos insatisfeitos de consumo. Ele gosta de vagar, passear pelos grandes bulevares; um forasteiro, vindo dos subúrbios, ele quer estar no coração da cidade (SAVAGE, 2009, p.63).

Seja numa distante França do começo do século XX, ou no Brasil de hoje, os jovens das periferias continuam sendo um tipo de forasteiro nas cidades, sobretudo quando fazem suas escalas, circulando para além de seus espaços de vida, nas áreas de espetáculo e consumo. Embora com o reconhecimento de muitos avanços na legislação e nos direitos dos jovens e adolescentes, a violência física[24] e simbólica continua se

[24] Segundo dados da UNICEF, no Brasil, por ano, e apenas focando em oito capitais de estados (Belém, Fortaleza, Maceió, Manaus, Rio de Janeiro, Salvador, São Luís e São Paulo) são assassinados 2,1 mil jovens entre 10 e 19 anos. Desde o surgimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o número de homicídios contra jovens até 19 anos duplicou, de 1990 até 2013, de 5 mil homicídios, o número saltou para mais de 10 mil por ano. Neste mesmo estudo, detectou-se que nos bairros mais pobres, a taxa de homicídios atingia o indicador de 136 assassinatos por 100 mil habitantes. Em bairros mais ricos essa taxa é zero. Fontes: Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-07/homicidios-de-jovens-na-periferias-sao-mais-que-o-dobro-da-media. Acesso em 12/05/2016 e Relatório ECA 25 anos pela UNICEF. Disponível em http://www.unicef.org/brazil/pt/ECA25anosUNICEF.pdf. Acesso em 12/02/2016.

abatendo sobre a população jovem e pobre. Pouco se tem explorado e enfrentado a questão em torno das condições de vida que criam um "*habitus* precário" (SOUZA, 2013).

Também não se pode apagar as abordagens geracionais, apesar de muitos estudos no passado terem apenas focado no conflito geracional, ainda é um aporte teórico válido para se identificar as mudanças que intercalam diferentes contextos e modos de ser jovem. Além do que, os estudos geracionais podem ser utilizados com resultados empíricos interessantes, identificando as continuidades e descontinuidades das estruturas sociais e espaciais (TURRA NETO, 2014), que fizeram parte do campo da diversão das gerações dos jovens pobres. Outro aporte possível é que as juventudes podem ser entendidas em suas práticas, pela posição de classe, como também de uma posição geracional, sem que um tenha que excluir o outro, em vez disso, até abordar as duas ou mais correntes tendo em vista os diferentes ângulos teóricos aos quais as juventudes podem ser exploradas em termos de ganhos heurísticos (PAIS, 2003).

Descoberto como um espaço de relações importante, a escola ainda enseja um campo de pesquisa fundamental para o entendimento da socialização juvenil e da formação de redes de sociabilidade. Outra frente de análise ainda em vigor é a que explora a força da indústria cultural na criação de concepções de juventude que, desde os anos de 1960, vem assumindo outros formatos, alterando sua força mercadológica e simbólica, que não apenas se impõe através de diferentes mídias, mas que também captura a cultura urbana e a reelabora comercialmente para o mercado.

Tal como, também, não se pode esquecer os estudos científicos inovadores em juventude, que trouxeram importantes conceitos como de subculturas, culturas juvenis, tribos, circuitos juvenis e até mesmo metodologias de pesquisas, que ainda hoje são pontos de referência, para se explorar ou criticar, com novas perspectivas (apenas para citar alguns: MAGNANI, 1992, 1996, 2005; FEIXA, 1999; MAFFESOLI, 1998; CARRANO, 2002; PAIS, 2003; DAYRELL, 2003; FERREIRA, 2008).

Um começo um tanto arbitrário para esta breve diacronia, mas que ainda é um ponto de inflexão, é começar das primeiras décadas do século XX pois foi aí, que o processo de consolidação de grandes cidades e metrópoles na Europa e Estados Unidos foi sendo intensificado de modo não mais reversível, período em que se dá o

aparecimento de maiores circulações de notícias e mesmo de alguma publicidade em torno de um estrato da população que se convencionou chamar de juventude.

Inúmeros jornais e revistas passavam a produzir informações e notícias relacionadas àqueles que não eram mais crianças, mas também não eram considerados adultos. Onde identifica-se a juventude como uma fase da vida (PAIS, 1990). A preocupação com este grupo etário da população, foi muito mais difundida nos Estados Unidos e Europa, talvez porque a juventude, enquanto uma condição social tenha acontecido primeiramente nestes contextos, antes de se difundir para outras partes do mundo, acompanhando a difusão da própria Modernidade, a partir destes grandes centros.

Por sinal, é muito ilustrativo, como argumenta Savage (2009), que a juventude já surge como mais um signo do mercado, e é nos Estados Unidos do começo do século XX, que se vai configurar uma indústria voltada aos jovens, e cresce a venda de livros destinados a este público, brinquedos e parques de diversão. A juventude ou seu conceito vai sendo reconhecido inicialmente, como uma faixa da população que podia ser fagocitada pelo mercado, um estoque de demanda em potencial, uma nova frente de expansão dos negócios.

E é também nas primeiras etapas de consolidação das grandes metrópoles que passam a se destacar as visões negativistas sobre a juventude, em grande parte atreladas às mudanças radicais, que muitas metrópoles estavam atravessando. Grande parte da visibilidade da juventude levou à construção de imagens que a enxergavam como um subproduto destas transformações. Os jovens dos subúrbios eram representados, comumente, como desocupados, membros de gangues e desordeiros. Sobretudo, os jovens que viviam nos guetos, como nas cidades de Chicago e Nova Iorque. Porém, sobretudo no âmbito da sociologia e antropologia urbanas também se estabeleciam esforços para se compreender essa condição juvenil como causa daqueles vigentes processos de urbanização.

Mas, paralelamente, existia um cenário novo entre a classe mais intelectualizada e segmentos mais ideológicos, que passaram a mirar em outros aspectos da juventude, em geral uma preocupação com a formação da juventude, daí os debates sobre a ociosidade juvenil, a escolaridade e formas de trabalho e formação do caráter. Tal como

se desenvolve nas primeiras décadas do século XX, o surgimento de produtos culturais, que ampliavam a popularização de romances que traduziam anseios e conflitos geracionais da juventude, além de obras de fantasia onde os jovens eram protagonistas (SAVAGE, 2009).

No estudo de Savage (2009), também é interessante observar a tendência da imprensa naquela época, de noticiar e sensacionalizar as práticas de vandalismo e pequenos roubos de algumas gangues ou grupos juvenis, criando medos generalizados, sempre com a projeção ao imaginário de futuras gerações de desordeiros que poderiam colocar em risco os marcos de uma civilização burguesa. O furor dos estratos afluentes e a sensacionalização dos fatos, quase sempre, recaiam sobre grupos jovens originados de áreas pobres de cidades como Paris e Londres[25].

Daí também se decanta a ideia de que muitos jovens precisavam ser "reformados" ou reeducados, uma vez que a delinquência poderia se agravar se não fosse contida. Em outras vezes, as políticas se traduziam em penalidades severas a estes jovens (ABRAMO, 1994). Transportando para nosso presente, seria algo semelhante ao tratamento que a mídia e alguns setores dão aos jovens dos *rolês* que se aglomeram no shopping[26] e/ou outras redes juvenis, que não raro, são postos sob o ângulo da criminalização ou de praticantes da "barbárie urbana".

Paralelo às visões reformadoras e de controle sobre a juventude, disciplinas como Psicologia, Sociologia e Antropologia começaram a tematizá-la cientificamente, dando respaldo à ideia de que juventude constituía uma especificidade em termos biológicos e nas suas formas de socialização. Geralmente, estas abordagens caminhavam para o entendimento da dimensão comportamental e ao desenvolvimento psicossocial. Vai se difundindo a ideia de que a juventude é uma etapa problemática em decorrência de uma condição geracional intermediária.

Um dos trabalhos pioneiros e abrangentes na compreensão da juventude foi a obra de Stanley Hall "Adolescence" (1905), que passou a abordar a juventude como uma

---

[25] Uma referência sobre as generalizações midiáticas se encontra no capítulo 2 do livro de Jon Savage, onde ele destaca os grupos juvenis dos *Hooligans* na Inglaterra e dos *Les Apaches* em Paris.

[26] Tratarei exclusivamente desse grupo juvenil no capítulo 5, mas, em geral, são jovens adolescentes que, em grupos, fazem seu *rolê* nos *shoppings centers*, ultimamente, atraindo muita atenção da mídia e causando debates sobre seu direito de fazer lazer nestes ambientes.

etapa do desenvolvimento humano, sujeito a crises e instabilidade emocional (FEIXA, 2006). Surge, neste trabalho, a ideia de um intervalo temporal, uma concepção de moratória, com o objetivo de assegurar a esta parcela da população, um tempo dedicado com atividades voltadas ao seu pleno desenvolvimento, a fim de que pudessem atravessar esta etapa sem maiores sofrimentos, e se preparar para a vida adulta de forma mais tranquila e ajustada.

Em contraposição à visão da juventude como uma fase problemática e de desajustes, surgem as pesquisas etnográficas de Margaret Mead nas ilhas Samoa (Adolescência, Sexo e Cultura em Samoa, 1928) que, ao invés de focar nos "problemas da adolescência", derivados do seu desenvolvimento endógeno, passou a discutir a condição social e o perfil da sociedade, na qual os jovens estavam inseridos (FEIXA, 1998). Suas observações apontavam que, por exemplo, as jovens samoanas não passavam pelos mesmos problemas e dificuldades, que as jovens ocidentais, o que resultava que estas jovens de Samoa teriam uma juventude muito mais feliz, pois não eram submetidas a tantas pressões sociais. Estes resultados obtidos por Margaret Mead questionavam, de um lado, as pressões sociais que imperavam na sociedade ocidental e, de outro, as ideias universalistas sobre a juventude, como uma etapa inevitavelmente cheia de angústias, distúrbios e instabilidades. Um importante avanço dessa iniciativa foi focar a juventude a partir de um grupo concreto e em um contexto particular, justamente para confrontar as perspectivas universalizantes (CARVALHO, S.M.S; RAVAGNANI, O.M; LAUAND, 1980; SAVAGE, 2009).

Outro foco dos estudos juvenis salienta o franco avanço da urbanização, nas primeiras décadas do século XX, que era marcado por problemas de estrutura (habitação, saneamento, poluição), além dos altos índices de violência e desemprego, que atingiam muitas cidades estadunidenses, agravados pelos anos da recessão econômica que abrangeu grande parte dos anos de 1930. Surgiram questões sobre os riscos e limites de se manter a coesão social destes espaços urbanos. Nesse sentido, aparecem alguns estudos que passam a focar a juventude, tentando encontrar explicações sociológicas para a delinquência juvenil, buscando, através da descrição de grupos juvenis e seus bairros de origem, encontrar os fatores dos “desvios sociais”.

Grande parte destes estudos foram levados a efeito, sobre o prisma sociológico da Escola de Chicago.

Entre estas pesquisas, destaca-se o estudo de Frederic Thrasher "*The Gang: A Study of 1,313 Gangs in Chicago*" que, ao focar os bairros periféricos e pobres da cidade de Chicago, descobre um fervilhante *melting pot,* pela coexistência de diversos grupos e etnias. Thrasher deduz que a pobreza e as péssimas condições de habitat naqueles espaços estariam por trás dos altos índices de criminalidade e delinquência juvenil. Thrasher mergulha neste universo socioespacial e identifica 1.313 gangues juvenis na cidade, ou o que conseguiu encontrar. Seu estudo destaca a formação de algumas destas gangues, suas sociabilidades, aspectos relacionados a nacionalidade, raça e gênero, além dos papéis de liderança, estrutura e suas práticas. Uma conclusão muito interessante deste estudo é que as gangues surgiriam como uma resposta grupal e não individual, para lidar com as condições de pobreza e falta de acesso a certos bens materiais e simbólicos. Era um contexto em que os jovens poderiam encontrar camaradagem, companhia, interesses comuns para realizar suas práticas (SÁNCHEZ-JANKOWSKI, 1997). A pertinência desta conclusão chega nesta pesquisa, como se verá nos capítulos empíricos, pois são as redes juvenis que configuram inicialmente um enturmamento e camaradagem, necessários para se capitalizarem no campo da diversão.

Outro trabalho, também no âmbito da Escola de Chicago, foi a pesquisa inovadora de Willian Foote White, refletida no livro "Sociedade da Esquina", um estudo da cultura juvenil urbana entre os anos de 1936 a 1940. Convivendo com jovens ítalo-americanos que constroem suas vidas na conjuntura de depressão econômica e num processo radical de urbanização, em um bairro segregado de Boston, Foote White mostra, a partir de suas observações participante - ele mesmo um pioneiro da etnografia em meio urbano –, as sutis formas de interação entre os jovens, como desenvolvem seus jogos de diferenciação social, posição e hierarquias no grupo, algo que tentarei explorar neste trabalho e que denomino de visibilidade social ou bifronte.

De maneira mais geral, o que se tornou saliente nas pesquisas da Escola de Chicago, como destacam Catani e Gilioli (2008), era o estudo das culturas juvenis no quadro de cidades que passavam por processos de urbanização intensa, sob forte

imigração, industrialização crescente e a marginalidade que se instalava nos bairros decadentes destas metrópoles em expansão. Neste quadro, então, surgia o interesse pelas gangues juvenis, entendidas como novos elementos de uma "ecologia urbana" em formação. É pertinente destacar aqui, o interesse para os momentos de crise e mudanças sociais, por parte das Ciências Sociais. Uma preocupação em distinguir não somente as ações, como também identificar os agentes envolvidos nas mudanças. No caso dos estudos citados de Tharsher e Willian Foote White, o que é novo é a valorização do ambiente urbano como espaço plural e o estudo de diferentes grupos juvenis em meio as transformações da própria cidade.

Abro aqui um breve parêntese, pois, este é um elemento ainda importante a ser explorado. Se pensarmos no conjunto das mudanças socioespaciais pelas quais passam as cidades médias, o estudo que aqui se delineia não deixa de guardar certa proximidade com a preocupação com o contexto onde se inserem os grupos sociais. Isto é, partir da perspectiva de jovens da periferia que vão sofrer os impactos das alterações que se processam no espaço e na economia das suas cidades, e como eles próprios, nas suas práticas, inserem-se no rol destas mudanças.

Outra iniciativa importante nos estudos sobre a juventude, tal como destacada por Carles Feixa (1998), foram os trabalhos de Helen Lynd, sobre as culturas formais e informais das *High-school* no Meio-Oeste americano. As estruturas institucionais não são mais algo que passa despercebido na socialização juvenil. E a escola adquire importância, pois é onde os jovens passam grande parte de sua juventude, concentrados espacialmente entre amigos, socializações, controles e também reelaborando códigos que se dão nas suas redes de sociabilidade. Nos trabalhos de Lynd, há uma preocupação com os espaços de relações, neste caso, relacionados aos *teenagers*[27]. Ao contrário dos grupos juvenis formados nas ruas, focados por estudos anteriores, Lynd reconhece que em torno da escola e instituições, vivenciam-se experiências que vão configurar uma cultura juvenil específica, com seus signos e práticas próprias. Mas também pode-se pensar a escola, como espaço onde se

[27] Categoria de jovens entre, geralmente, 14 e 18 anos, que passaram a ser representados nos Estados Unidos como uma massa de jovens com aspectos culturais e sociais específicos, a partir da Segunda Guerra Mundial (SAVAGE, 2009). Nesta pesquisa uso o termo **jovem adolescente**.

aproximam e se cruzam interesses e tendências. Espaço onde se convive com a diversidade de brincadeiras, jogos e das imitações que são partilhadas num espaço de muita proximidade entre os sujeitos. Onde os jovens podem reproduzir e ensaiar experiências culturais absorvidas de contextos midiáticos mais amplos. Inclusive, projetando-as para além dos muros da escola.

Já nos anos de 1960, com forte apelo à questão do conflito das gerações (Catani e Gilioli, 2008), ocorre várias manifestações juvenis, sobretudo, em 1968, na Europa e América Latina. Muitos jovens se revoltavam contra a burocracia das universidades, opressões políticas, anseios por mais liberdade de expressão e comportamento. Essas manifestações passaram a expressar, com força, uma nova percepção de mundo, calcada na crítica ao controle do Estado, na liberação sexual e na luta pela pluralidade de gênero e grupos na sociedade. Emerge uma geração inconformada, porém, mais aberta a um mundo social e culturalmente mais plural.

Essa geração dos anos de 1960 segue dissidências em torno da "Beat Generation" dos anos 50, jovens que curtiam a vida boêmia e consumiam drogas e que influenciarão outras gerações, como os Hippies, que são mais que uma cultura interclasse, mas adquirem um status de movimento de contracultura, defendendo a bandeira do pacifismo e o fim da Guerra do Vietnã (FEIXA, 2006).

Ainda nos anos de 1960, muitos trabalhos sobre a juventude estiveram direcionados para aspectos simbólicos e materiais das culturas juvenis, comportamentos, música e o tema da rebeldia. Ainda prevalece o discurso da juventude no singular, em que as diferenças socioespaciais entre jovens são ignoradas em prol de um quadro mais amplo, em que a imagem do jovem se vê associada à explosão cultural do rock'n'roll, cujos comportamentos e hábitos são reduzidos às práticas de consumo, associadas à indústria cultural de massa (CATANI; GILIOLI, 2008).

Num quadro parecido, no Brasil, em termos de representação da juventude, Abramo (1997) destaca que, nos anos de 1950, os jovens são identificados como rebeldes sem causa, desajustados. Visão direcionada, sobretudo para os jovens das classes médias, que absorvem as transformações estéticas que chegam através da indústria cinematográfica estadunidense, ídolos jovens que se tornam símbolos de

rebeldia geracional. É um período em que o país se consolida como uma sociedade de massa, quando os setores médios passam a conhecer maior oferta de consumo.

Já em outros períodos, a visão muda de acordo com o contexto político. Assim, os jovens dos anos de 1960 são vistos como insurgentes e transformadores, no que concerne à fase ditatorial da política brasileira, período em que ganham destaque as agremiações e movimentos estudantis, assim como, movimentos musicais como a Jovem Guarda e Tropicália.

Na Europa, vai se destacar entre os anos de 1950 e 1970, o *Centre for Contemporary Cultural Studies*, da Universidade de Birmingham, congregando vários pesquisadores que, no âmbito das pesquisas juvenis, passam a valorizar a situação dos jovens a partir da estrutura de classes sociais, deixando de lado a perspectiva mais tradicional, como as relações parentais e geracionais. Acentua uma preocupação com as culturas marginais e emergentes, ligadas ao consumo cultural, entendidas como subculturas.

Valoriza-se o mundo dos jovens trabalhadores que, no ambiente de cidades fabris, protagonizam, com seus modos e estilos culturais, um sistema de códigos alternativo e paralelo à sociedade normatizada e repressora que os envolve. A Escola de Birmingham passa a destacar a juventude no plural e numa perspectiva mais histórico-cultural (ABRAMO, 1994; CATANI; GILIOLI, 2008).

Não se pode ignorar no contexto da América Latina, entre os anos de 1960 e 1970, estudos sobre a juventude que se fizeram no quadro de atraso econômico e desigualdade social. Sob o impulso institucional do ILPES[28] (Instituto Latino-Americano de Planificação Econômica e Social), são valorizados os estudos sobre as condições e níveis de integração social, de grupos juvenis que vivem em condições marginais no sistema econômico e na vida social, como camponeses, indígenas, negros e jovens trabalhadores (FEIXA, 2006).

Nos anos de 1980, já não se fala mais em juventude rebelde, mas na juventude consumista e no individualismo em que estaria inserida nessa nova geração (ABRAMO, 1997). Contudo, nas grandes cidades e com reflexo nas cidades médias, surgem

[28] Uma instituição vinculada à Comissão Econômica para América Latina (CEPAL).

também movimentos culturais urbanos, com grande vivacidade nas periferias, como destaca Diógenes (1998)[29]. São movimentos que serão "(...) difusores de estilos de vida centrados na música, no lazer e consumo de produtos identificados com a diversidade de culturas juvenis" (DIÓGENES, 1998, p.99). Aqui pode-se destacar o movimento punk, hip hop, funk. Contudo, Fausto Neto e Quiroga (1996) também salientam que, no plano dos estudos sobre a juventude, foram feitas poucas relações com os espaços sociais pobres, de onde grande parte destes jovens era proveniente.

Ainda no final dos anos de 1990, há um ressurgimento do tema das gangues e criminalidade juvenil, sobretudo, no contexto urbano (CATANI; GILIOLI, 2008). Pelo lado das perspectivas de estudo da juventude na América Latina, Feixa (2006) destaca que é um período em que se percebe uma renovação destes estudos, buscando-se compreender as culturas juvenis e suas formas de sociabilidade. A juventude deixa de ser um estudo marginal nas Ciências Sociais, em muitos países da América Latina.

No Brasil, nos anos de 1990, a violência urbana torna-se tema presente e vulgarizado nos noticiários, jornais e demais mídias. Em meio a essa temática, cresce a preocupação com os desvios da juventude. Surgem muitas representações na mídia, com imagens recorrentes de "jovens problemáticos", noticiários sobre pichações, depredação de patrimônio público, gangues e o consumo de drogas (ABRAMO, 1997).

Na contracorrente do pessimismo sobre a juventude, implanta-se, por força de vários movimentos sociais e pressões de grupos progressistas, o "Estatuto da Criança e do Adolescente" no País, impondo ao Estado e à sociedade regulações e implementações legais à proteção integral, como também, o reconhecimento da especificidade de programas sociais e atendimento a este segmento da sociedade.

Os anos de 1990 e 2000 são o tempo da ubiquidade das interfaces online e das tecnologias digitais de informação. Muitos jovens tornam-se arautos de uma nova realidade, vindos da informalidade, criando tecnologias informacionais em garagens e nos momentos de tempo livre, inventam e arquitetam todo um universo de novas linguagens de programação, softwares e sistemas de navegação na Internet,

[29] Diógenes (1998) se apoia no trabalho de FAUSTO NETO, A.M e QUIROGA, C. Juventude urbana pobre: Manifestações públicas e leituras sociais. Rio de Janeiro, 1996, mimeo.

potencializando e criando novas tecnologias de informação e comunicação, elementos importantes para o processo que genericamente vem sendo conhecido como globalização. Surge a imagem dos *nerds*, hackers*, crackers, gamers*, *geek*, entre outros; jovens reconhecidos pelas suas mais diversas habilidades, estilos e fluência computacional.

Ao mesmo tempo, os jovens são protagonistas e consumidores de novos artefatos de comunicação e compartilhamento de informações. É a geração digital (FEIXA, 2006) que se articula e se organiza em redes pela internet e sistemas de comunicação, com impacto nos sistemas políticos – como ocorreu de forma emblemática nos movimentos de mobilização política de Seattle, no final dos anos de 1990, feito que repercutiu em outras mobilizações, que passaram a utilizar cada vez mais de meios digitais, para formarem redes sociais e realizar protestos.

Chega-se aos anos 2000 com várias representações, nem sempre convergentes, sobre a juventude. Por exemplo, ela é vista como um estoque de demandas econômicas; consumidores em potencial, segmento em que a indústria cultural e do entretenimento investe pesadamente, ofertando produtos e meios para experiências de lazer, como *games*, esportes, música. Por outro lado, a imagem do jovem delinquente persiste, sobretudo, nas grandes metrópoles, onde o jovem é visto como parte da violência urbana. É justamente esta última imagem que entra nos esquemas classificatórios, pelos quais os jovens pobres das periferias são avaliados.

Mas também como uma geração imersa num novo mundo de consumo digital e novas formas de comunicação mediada, com sede de novidades tecnológicas constantes e agentes ativos na reelaboração de **conteúdos simbólicos**[30]. Tal como Morin (1984) destacou, a juventude tornou-se catalizadora e, ao mesmo tempo, signatária das recentes transformações na modernidade, como dos novos estilos de consumo, performances e expressões estéticas. Juventude que foi se mostrando, cada vez mais

[30] Partindo de Bourdieu, Thompson (2011) tende a ampliar a noção de conteúdo simbólico, referindo-se a todo material significativo partilhado, fixado e transmitido através de outras diferentes formas simbólicas (letras, grafites, expressões gestuais, etc.) e meios (mídias sociais). As formas simbólicas têm importância central na vida social, por meio delas, as pessoas praticam ações, intervém no curso dos acontecimentos e podem formar capital simbólico, com vistas a terem prestígio, reconhecimento e poder.

policultural nas suas manifestações, na sua pluralidade identitária e dissidências, o que permitiu falar em **culturas juvenis**, num sentido plural (FEIXA, 1999).

E como veremos adiante, culturas ou microculturas juvenis que, nas práticas socioespaciais e expressividades corpóreas no espaço urbano, criam também recursos para aceitação e integrações sociais (JEOLÁS, 2013), como também, são práticas que produzem formas criativas e, às vezes, conflituosas de territorialização na cidade.

Assim sendo, situar a juventude na modernidade é também captar sua pluralidade, as formas como grupos e culturas juvenis se inserem nos eventos e contextos atuais, no seu papel ativo no presente e de enunciar o futuro. Juventudes que se inscrevem nos discursos, pois, como se viu há diversas abordagens históricas, representações geracionais e tratamentos científicos que visam entender o que é esse fenômeno e que também está associado a uma indústria cultural. Juventudes que se dão na pluralidade dos discursos, como também dos contextos onde a condição juvenil emerge, como práticas, expressões e sociabilidades nos mais diversos segmentos e classes sociais. Juventudes sob várias experiências, com diferentes recursos e capitais, o que também abre um campo de discussão sobre o direito a uma condição juvenil, em que os jovens possam investir em seus projetos de vida no presente e no futuro, ancorados na proteção, tempo livre e em oportunidades igualitárias (TURRA NETO, 2015).

Jovens concretos que nascem num mundo onde muitas coisas já aconteceram, mas, principalmente onde muitas experiências sociais e tecnológicas estão acontecendo, das quais tomam parte, como aqueles que estão em seu meio "natural". Jovens que vivenciam sensorialmente e materialmente estas novas formas de consumo, atraídos para bens e experiências que os cercam constantemente. Que se socializam num mundo de prévios sistemas de conteúdos simbólicos, como também experimentam outras produções materiais e simbólicas de sua geração. Sobre o passado, apenas podem ter uma imagem, fragmentos e pedaços daquilo que, na realidade, fez parte de um *continuum* para gerações anteriores. Gerações essas que têm uma experiência do "antes" e do "depois". Entretanto, os jovens da geração presente constroem suas histórias e experiências a partir do "agora" e é nesse sentido que acabam sendo signatários do moderno, para o qual investem seus recursos e vitalidade.

Neste novo contexto social, abrem-se novas questões, que surgem no bojo de ações concretas da própria juventude. A exemplo, as manifestações de 2013 no Brasil, protagonizadas por grupos jovens e que impõem novas leituras da realidade social, novas explicações, diante de uma geração que aprendeu a se articular e se mobilizar por meio das redes de compartilhamento digitais, capazes de se conectarem em diferentes escalas do espaço. Todas essas ações juvenis, entre outras, colocam em cheque a concepção de uma juventude passiva diante do cenário societário e que os têm enxergado como sujeitos heterônomos.

Não se pode ignorar que ondas vanguardistas na arte, tecnologia, e mesmo nas contestações políticas também partem dos grupos e culturas juvenis. A despeito dos juízos de valores e das resistências, elas estão articuladas com outras esferas da sociedade e de fato fazem parte de um contexto político e cultural do seu tempo, não no sentido de serem tão-somente reprodutoras, mas de estabelecerem outros marcos, fissuras e paradigmas, que fazem da realidade social um processo sempre não acabado.

Mas, ao mesmo tempo em que há estas novas representações, não deixa de existir a necessidade de estudos voltados para as ações concretas, ou interesse em se revelar como os jovens, em diferentes condições socioespaciais, desenvolvem suas práticas, como enfrentam os novos desafios, no contexto das transformações atuais.

O trabalho que aqui se desenhou apresenta aproximações com muitos aspectos delineados por essa breve periodização, como o foco em jovens de alguma forma marginalizados, em condições de segregação e/ou estigmatização socioespacial e com aqueles estudos que focam a juventude em seu contexto social concreto, na sua cotidianidade. Por isso, uma ênfase no método qualitativo e na descrição de suas práticas, cujo objetivo é documentar, revelar e encontrar o significado dessas práticas em relação ao contexto em que vivem.

Outra questão relevante para esta pesquisa é lidar com a perspectiva geracional, quando o foco recai nas trajetórias dos *rolês* dos jovens em diferentes épocas, das formas encontradas de curtir o lazer, sem deixar de acompanhar as permanências e rupturas de suas sociabilidades, no pano de fundo de um espaço urbano em transformação.

Um último ponto a ser destacado é que se está a lidar com jovens de uma geração digital, portadores de meios móveis, como smartphones e plataformas digitais de comunicação, cujas interações mediadas e quase mediadas eletronicamente repercutem nas suas relações concretas no espaço. Embora seja relativo o quão isso se concretiza para sujeitos de diferentes estratos socioeconômicos, ainda assim, não seria exagerado dizer que estes jovens - o que inclui os jovens pobres -, são artífices de novas práticas socioespaciais, que justapõe o tecido urbano e o universo sociodigital.

2.2. Representações sobre a juventude

Como revisitado, as concepções e discursos que se fazem em torno da juventude são parte tanto de iniciativas científicas, como das próprias estruturas sociais e dos seus contextos históricos, não são discursividades ingênuas e/ou desarticuladas. Elas se sedimentam, ou melhor, se institucionalizam e os discursos se prestam a validar ou creditar políticas a respeito do universo juvenil. Ao mesmo tempo, fazem parte tanto das discussões e debates que ocorrem no universo das pesquisas sobre a juventude, quanto das representações que impactam sobre as formas de realização das experiências juvenis nos seus contextos concretos de interação. E é com esta intenção que busco trazer algumas destas concepções, no sentido de problematizá-las em torno do objeto/sujeito desta pesquisa.

Enquanto, de um lado, existem estudos que resvalam nas concepções universalistas e globalizadoras sobre a juventude, do outro lado, autores como Dayrell (2001) e Pais (2003) apontam uma tendência oposta, que forçam as análises a se atentarem para a pluralidade e complexidade do fenômeno.

Pais (2003) destaca aqueles estudos que centralizam a juventude nos antagonismos das classes sociais, que compreendem a juventude como reflexo das condições socioeconômicas. Ora vistos como alienados ou rebeldes, destacando neste último caso, as diversas formas de resistência à ordem hegemônica da sociedade capitalista. Há ainda, os estudos cuja ênfase está nas formas distintas de socialização em

relação a outras gerações, ressaltando apenas as rupturas, crises e conflitos intergeracionais. À primeira concepção, Pais (2003) denomina de corrente classista, à segunda, de corrente geracional. Na opinião do autor, tanto uma como outra têm suas limitações e só parcialmente conseguem captar a complexidade das juventudes contemporâneas e suas formas diversas de interação social e de transição para a vida adulta, ora acionando questões de classe, ora de geração (entre continuidade e ruptura), ora salientando questões de identidade cultural ligadas ao consumo de bens simbólicos etc. A opção do autor é mergulhar no cotidiano e olhar para as trajetórias de vida de jovens concretos e ver a intersecção das continuidades e rupturas, das rebeldias e acomodações que estes acionam nas suas experiências.

Outra unilateralidade é apontada por Margulis (1996), que crítica vieses culturalistas por apenas focarem no signo ou a dimensão simbólica da juventude, mas que podem resultar em análises fragmentadas, desconsiderando outras dimensões como a fática, material, histórica e a política. Desse modo, a juventude é constituída pela cultura, mas se esquece que ela tem uma base material que é a idade. O que não se reduz apenas a uma concepção biológica da juventude. A idade também está relacionada com aspectos culturais, modo de estar no mundo, de estar atrelada a uma temporalidade, assim como janelas e oportunidades que se fecham ou se abrem com base nessa facticidade.

Portanto, o problema com estas formas de unilateralidade, ao meu ver, é que impõem uma visão sobre a juventude sustentada por alguns determinismos, resultando em perspectivas com tendências a homogeneizar a juventude, desconsiderando a diversidade de suas práticas nos vários contextos socioespaciais. Assim como, as diferentes formas de negociar com as demandas cotidianas, nas suas várias dimensões, e que geralmente são pré-reflexivas e conformadas a diferentes estruturas sociais, mas que também são reveladoras dessa própria diversidade.

Contudo, isso não quer dizer que as condições econômicas e as posições de classe não tenham influência no acesso aos tipos de consumo, mobilidade e renda, e que não mereçam atenção para explicar os julgamentos e as diferentes maneiras de segregação espacial e social que também afetam a condição juvenil. Aliás, condição de classe, que não se pode reduzir ao economicismo, mas cuja posição inclui como os

sujeitos se percebem e se distinguem tanto através do valor objetivo de rendas e propriedades materiais, quanto pelo modo como isso é valorizado ou interpretado simbolicamente num sistema de classificação e que vai resultar também em estilos de vida. Esta perspectiva é importante, pois condiz com vários estudos, como da recente pesquisa de Silva (2015) sobre a trajetória de vida de jovens trabalhadores da periferia, que aumentaram seu consumo e poder de renda nos últimos anos, mas cujos incrementos não foram capazes de alterar de maneira significativa os seus hábitos sociais[31] e culturais. O que mostra que os estudos classistas, numa perspectiva mais ampliada, ainda são muito importantes e reveladores sobre a condição juvenil.

O mesmo pode se dizer do prisma geracional, que pode ser posto de modo profícuo, quando se mira para as alterações no tempo longo dos panoramas socioculturais que fizeram parte de diferentes gerações de jovens, por exemplo, das experiências juvenis em torno do lazer em diversos contextos espaciais. Porém, não podemos perder de vista, como destaca Carrano (2011), as discussões que colocam em pauta que as fronteiras geracionais estão cada vez mais borradas, ao passo que há uma espécie de bloqueio simbólico para a emancipação juvenil, em que os jovens contemporâneos têm mais dificuldades para encontrar um caminho profissional e social para a vida adulta - além do acréscimo de uma massificada apologia que enaltece uma juventude prolongada e diminui o valor de outras estações da vida.

Portanto, tudo o que se pretende é superar uma visão achatada sobre a complexidade da juventude, que desconsidera a real diversidade de modos de ser jovem, das correntes culturais juvenis, das práticas que variam enormemente no espaço (PAIS, 2003; DAYRELL 2007). Além disso, deixam de observar as necessidades e as possibilidades da atuação juvenil na sociedade como um ator social (ABRAMO, 1997).

Estas visões acabam descartando também as continuidades, quando se observa que a socialização da juventude também pode seguir as normas sociais e o conjunto de

[31] Embora Silva (2015) destaque que, de fato, os hábitos sociais não foram alterados substancialmente no campo do lazer e cultura, e ainda a esmagadora maioria de jovens, mesmo quando se casam, ainda continuam a morar na periferia pobre, penso, todavia, que o poder de mobilidade, por exemplo, foi um ganho significativo nas suas territorialidades, algo significativo em ampliar o poder para praticar seus hábitos de lazer. Ainda que não tenham alterado o estilo de vida, minha tese é que a possibilidade de exercer este estilo de vida foi ampliado espacialmente, com os ganhos do que vou chamar de **capital espacial**.

valores da sociedade na qual estão constituídos e não, necessariamente, espera-se que, a todo o momento, haverá rupturas em todos os sentidos pela nova geração (PAIS, 2003). Por isso, as críticas sobre as imagens universais e unilateralismos que se fazem sobre a juventude são importantes, pois abrem também novos horizontes de abordagens, que se desdobram em novos questionamentos e podem sugerir limitações quanto à aceitação de ideias predominantes.

Uma destas ideias, que está presente quando se fala de juventude, é aquela que a contempla como uma fase de transição para o mundo adulto. Uma ideia que deriva, por sua vez, na concepção do jovem como um ser em formação, uma promessa para o futuro, em que se depositam esperanças pela continuidade das conquistas das gerações anteriores, como destacou Abramo (1997).

Nasce daí uma postura em relação à juventude pautada na tolerância temporal, pela qual os jovens teriam o direito a um tempo para seu desenvolvimento e experimentalismos, antes de encarar a "vida de verdade", uma moratória. Nesta concepção prevalece uma visão de juventude orientada para o tempo futuro, ou em outro sentido, os jovens são vistos em sua negatividade, pelo que ainda não são, mas pelo vir a ser (SALEM, 1986 apud DAYRELL, 2007). Uma visão compartilhada fortemente por grande parte dos adultos que lidam com jovens na escola, família e outras instituições, e onde é muito frequente comparecer uma certa pressão sobre os jovens: para que saibam aproveitar a vida ou estudos, afim de se posicionarem no futuro como adultos.

A partir dos jovens que convivi e daqueles que foram entrevistados nesta pesquisa, essa espécie de pressão social aparece sob diversas formas, e também parece perpassar diferentes classes e estratos sociais. Em geral, ao ingressarem na adolescência, são cobrados, por exemplo, que "o estudo vai lhe dar um futuro", "devem aprender uma profissão para ser alguém". Uma pressão social que está em todos os lados no seu processo de socialização. Em minha experiência como professor de escola pública, presenciei muitas vezes este discurso, falado em tom de ameaça: "se não estudar, não será alguém", porque o "alguém" que agora são é um nada, estão na escala zero de prestígio e reconhecimento. Raramente "o estudar" é posto na sua positividade, posto como um recurso, um instrumento de emancipação a partir do que são, como

uma descoberta do mundo, algo que se acrescenta a sua vida no presente, mas aparece como algo estranho, que entra em suas vidas através de regras de submissão.

Com frequência, estes jovens adolescentes são obrigados a se equilibrar entre o desejo de consumir seu tempo no prazer imediato, que se disponibiliza em seu cotidiano - como sair com amigos, jogar futebol, brincar - e trabalhar ou estudar para ter uma chance na vida. Ou nas suas vozes: *todos nós queremos realizar nossos sonhos, ter uma boa casa, um bom carro, serviço, construir uma família, ter condições de se manter e ajudar nossos pais quando necessário, mas sempre poder aproveitar a vida sem se preocupar com o amanhã, apenas viver o hoje e deixar as coisas boas invadirem nossas vidas*[32].

É nesse sentido que, quando se menciona a concepção de moratória social[33], ela parece ser melhor usufruída e disponível aos jovens de classes sociais mais afluentes. Embora não se ignore outras pressões, como do estudo, mas as preocupações com trabalho se dão de maneira mais tardia a estes jovens. O que não quer dizer, como Dayrell (2007) alerta, que se possa simplificar essa moratória social, como se os jovens vivessem um tempo tão-somente de prazer e liberdade inconsequente, preocupados consigo mesmos, desligados dos problemas sociais em que estão inseridos. Uma visão que deixa de explorar o lado dos protagonismos e criações, nas diversas práticas das suas vidas diárias no tempo livre.

Seja como for, para os jovens das camadas populares, há uma outra história e formas de lidar com a realidade da sua juventude. Com intervalos curtos para experimentar a ociosidade, logo cedo sendo empurrados para o trabalho[34] e a estudar

---

[32] Esse é um dado que apontou nossas enquetes aplicadas em Bauru e Marília nas escolas públicas. Essa fala em especial resulta de uma enquete feita em grupos de alunos do último ano do ciclo fundamental na escola Walter Barretto, em Bauru (APÊNDICE A).

[33] A concepção de **moratória social** na juventude é identificada por vários autores (entre eles MARGULIS e URRESTI, 1996; FEIXA, 1996 e 2006) como um tempo aceito pelos adultos, em que há uma certa tolerância para que os jovens aproveitem o tempo para formação, lazer e atividades que seriam importantes no seu desenvolvimento e que, por isso, justifique postergar compromissos futuros, como trabalho e matrimônio. O sentido do termo também tem alguma variação entre as sociedades e também entre outros pesquisadores que discutem a juventude, mas em geral refere-se ao tempo em que se atribui a condição de ser jovem e às oportunidades para investir nas suas relações afetivas, culturais e de lazer no tempo livre e, ao mesmo tempo, de preparação para o futuro.

[34] 44,2% dos jovens pobres precocemente começam a trabalhar antes de completar 14 anos segundo dados do IBGE. Síntese de Indicadores Sociais, com base em dados coletados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), referentes a 2015.

após as atividades laborais. Em muitos casos, pressionados a buscarem uma renda para ajudar no sustento material da família, o que parece forçosamente ocorrer com muitos jovens, sobretudo, da periferia das grandes e médias cidades.

E aí, o que resta é improvisar, ou fazer escolhas dentro daquela brecha temporal onde ainda está muito presente sua vitalidade juvenil, conscientes de um certo prazo para usufruir com os recursos que têm: idade, amigos e ofertas de consumos que se situam na sua geração, todo um contexto de oportunidades abertas, que podem curtir neste ciclo vital, que é o tempo presente, mas conscientes de que é um tempo que vai passar, e precisam aproveitar com a disposição e capital energético que têm agora. Por isso, se a moratória social é restrita a eles, ao menos têm ainda a gastar, como destaca Margulis (1996), essa moratória de vitalidade, um capital energético de que dispõem e que se alimenta de desejos, promessas, esperanças, relacionado a sua idade e geração. Situados numa idade e momento que sabem que é um tempo a ser bem gasto, que estão longe da morte e que se pode ousar, mas que, ao mesmo tempo, sabem que vai passar – passar não só o momento das oportunidades que cercam seu mundo juvenil, mas a disposição, um corpo e uma idade próprios desse momento de vida.

Daí o sentimento de ter que aproveitar o tempo presente. Como poderá ser visto nos capítulos sobre os *rolês* dos jovens das periferias, a demonstração que estão aproveitando a vida, cristalizada nas *selfies*[35] que fazem nos espaços de lazer onde estão, tanto significa uma busca por visibilidade social, o desejo de revelar a outros, que estão sabendo aproveitar, com sua idade e vitalidade a "ciranda de lazer" e jogos disponíveis, quanto a certificação para si mesmos de que estão curtindo um *plus* de oportunidades e sensações. Portanto, ainda que a moratória vital seja usufruída de modo diferenciado pelos jovens em cada estrato e classe social, o fato primordial é de ser um tempo que se gasta com o máximo de sua potencialidade corporal e energética.

Como destaca um jovem da periferia de Bauru, que participou desta pesquisa, a *juventude não é para sempre, pois tem seu prazo*[36]. Neste sentido, Margulis (1996) faz

[35] Neologismo, para fotos tiradas de si mesmo. Mais que uma foto de recordação, são o objeto que será visualizado nas mídias sociais, o meio que não é um fim em si mesmo, mas que dependendo do lugar e quando, pode ajudar a dar projeção pública ao jovem.
[36] Aluno do último ano do Ensino Fundamental da Escola Walter Barretto Melchert, periferia da cidade de Bauru, no ano de 2013, comentário extraído da enquete APÊNDICE A.

crítica à negação social aos jovens pobres dessa condição de ser jovem, devido a não poderem usufruir tanto da moratória social, esquecendo que a moratória vital se estende a todas as classes. Ou seja, se é possível ser jovem apesar das limitações sociais, o que se demonstra nesta pesquisa, com os diferentes grupos juvenis que foram encontrados nas periferias.

Também concernente aos sujeitos da pesquisa, a noção de moratória ajuda, em certo sentido, a pautar as situações vividas por eles em face deste ciclo. Tal como os jovens adolescentes, saídos da infância, muitos de famílias pobres, que ainda têm um tempo livre significativo, ou que sabem usar o espaço escolar como uma instância de suas sociabilidades, apesar de estarem sujeitos à autoridade dos pais e das instituições. Mas é, no tempo livre, que encontram, na rua, locais para encontro com amigos, jogos e condição para partilharem os conteúdos simbólicos de sua geração.

Ao menos na escola pública atual isso acontece, mesmo a contragosto de muitos docentes e funcionários, já que a escola não teria outra função social, sendo um espaço para se estudar e se dedicar ao futuro. Daí a dificuldade de se entender o que leva à indisciplina. Pois, muitos destes jovens que frequentam a escola ficam em casa, geralmente, cuidando dos irmãos menores, ou fazendo serviços domésticos, e muitos não saem para rua e/ou têm oportunidades de se encontrar com os amigos. A escola acaba sendo um espaço onde podem efetivamente se juntar e interagir, a partir de seus códigos e brincadeiras[37].

A grande parte dos jovens que estão no Ensino Médio, ou terminando o período secundário da escola, tem algum trabalho, ou são requisitados pelos pais para ajudar na renda familiar, mas também apresentam uma frequência maior no lazer noturno, buscam maior autonomia e espaços próprios para o tempo livre. Para muitos jovens, por exemplo, tirar a carteira de habilitação é o momento em que percebem que poderão se distanciar do controle dos pais e que poderão exercer uma maior circulação pelos espaços da cidade, frequentar mais locais e ficar mais tempo fora de casa.

[37] Nos capítulos 4 e 5 poderá se ter uma ideia do importante papel da escola no compartilhamento entre os jovens, na aproximação de afinidades, interesses comuns e partilha de novidades que vão ser a base para elegerem preferências culturais.

Esse é um período, que para estes jovens, abrem-se novas possibilidades de diversão, um tipo de moratória social tardia, cuja janela se abre sobretudo na noite e que se associa as suas vitalidades. Ainda estão conectados aos amigos, a novas formas de lazer, desenvolvem novas habilidades sociais e criativas, passam a pertencer, com ativismo, a grupos sociais e culturas juvenis. Mesmo que venham a ser pais mais cedo, ou até venham a se casar, muitos ainda realizam investimentos em seus projetos de vida, na diversão e nos estudos.

Porém, a realidade do trabalho é algo que precisam se preocupar constantemente, pois sem ele não podem ter algum capital econômico, embrenharem-se no mundo das trocas e do consumo, pois se quiserem dinheiro para passear e consumir, devem agora ter alguma forma de renda. Se, de um lado, têm maior autonomia e menos controle dos pais e da escola, por outro lado, outros controles e pressões sociais surgem, como do mundo do trabalho, de dilemas como, cursar ou não uma universidade e até cobranças como namoro, fidelidade, etc. Mundo que espera deles a definição de papeis sociais.

Como se percebe, tanto os jovens adolescentes, como os jovens com maior autonomia, por conta de suas situações geracionais e realidades sociais, têm suas disposições reguladas sob diferentes estruturas. Ao mesmo tempo, estão submetidos a diferentes pressões e em diversos contextos espaciais. Nestes diferentes contextos, pode-se revelar o dinamismo de suas juventudes, o que também, inevitavelmente, se atrela a própria dimensão do cotidiano. E parece que é partir dessa dimensão, que é possível obter algumas descrições e entendimentos sobre a experiência de jovens que moram em periferias de cidades médias, na atualidade.

A partir do **cotidiano**, os ângulos se revelam múltiplos sobre a realidade juvenil, e os modos de ser jovem se sobressaem e passam a ganhar importância, tal como destaca Dayrell (2007), a respeito da importância das especificidades dos modos de atuar, criar, experienciar as diversas realidades vivenciadas pelos jovens em sua totalidade. Modos de ser jovem que se inserem na multiplicidade das culturas juvenis que se formam no âmbito das gerações e dos seus contextos estéticos e culturais.

Desse modo, abordar as juventudes, tendo em vista sua pluralidade de práticas e modos de ser jovem na vida social, é um posicionamento que visa ressaltar a

heterogeneidade do universo juvenil, o que nos possibilita entender a juventude no plural (DAYREL, 2007)[38]. Esta outra perspectiva vai significar, segundo Feixa (1998, p. 85), "(...) también un cambio en la «manera de mirar» el problema, que transfiere el énfasis de la marginación a la identidad, de las apariencias a las estrategias, de lo espectacular a la vida cotidiana, de la delincuencia al ocio, de las imágenes a los actores". Ou seja, valorizar aquelas instâncias da vida social que costumavam ser ignoradas sobre a juventude, mas que fazem parte da sua totalidade. No mesmo sentido e ao mesmo tempo que se busca um olhar para as diferenças, também se valorizam os contextos socioculturais específicos em que vivem os jovens, numa clara valorização da dimensão espacial nas pesquisas (TURRA NETO, 2014).

Outro acréscimo a partir dessa visão é que se reforça a importância dos contextos onde se formam as identidades juvenis e se valoriza também a cultura no plural, e consequentemente, as diferentes interações sociais que, na sua multiplicidade identitária, requerem a construção de espaços para estas sociabilidades.

2.3. Estudos da juventude na dimensão socioespacial e territorial

Como apontou Pais (2005, p.58), as práticas juvenis não se projetam apenas no espaço, mas são também "uma produção feita de movimentos, gestos, cumplicidades". Alguns trabalhos sobre o universo juvenil indicam empiricamente um campo de análise importante no alargamento da compreensão das juventudes quando se olha para a espacialidade. Por exemplo, numa ótica de apropriação, que pode ser traduzida na geografia pelo conceito de território, Cohen, citado por Feixa (1998, p.89), a partir de suas pesquisas etnográficas, destaca como as territorialidades tornam-se importantes no entendimento das práticas juvenis, apontando um vínculo visceral com o espaço:

38 Para Dayrell (2001), a ideia de diversidade juvenil resulta das maneiras possíveis de ser jovem, entendendo, a partir de Melucci (1992), que a juventude não se faz a partir de uma passagem, mas adquire contornos específicos conforme se vivencia certas situações e contextos sociais. Sendo assim, as juventudes no plural tomam forma de acordo com as especificidades sociais e espaciais que diferentemente marcam a vida de cada um ou grupo juvenil.

> *(...) la función de territorialidad la subcultura se enraiza en la realidad colectiva de los muchachos que de esta manera se convierten, ya no en apoyos pasivos, sino en agentes activos. La territorialidad es simplemente el proceso a través del cual las fronteras ambientales son usadas para significar fronteras de grupo y pasan a ser investidas por un valor subcultural. Esta es, por ejemplo, la función del fútbol para los skinheads. La territorialidad, por tanto, no es solo una manera mediante la cual los muchachos viven la subcultura como un comportamiento colectivo, sino la manera en que la subcultura se enraíza en la comunidad*[39].

Essas *"fronteras ambientales"* constituem uma territorialidade, ou seja, uma maneira de pensar a experiência cultural dos jovens a partir de um espaço conquistado ou alocado para vivenciar suas sociabilidades. A territorialidade neste caso distingue e delimita espaços com a função de viabilizar a existência e o fortalecimento do grupo, mas, igualmente, dotado de valor e que o torna visível em uma sociedade. Por sua vez, Margulis (1997, p.10) reconhece que a pluralidade dos grupos e culturas juvenis toca nas territorialidades que são específicas e também quanto aos seus conteúdos no espaço:

> *En cada uno de estos géneros pueden reconocerse manifestaciones territoriales, formas de localización en el marco urbano, itinerarios. Estas localizaciones no son ajenas a su contenido ideológico y cultural ni a fenómenos de diferenciación social. También varían en cuanto a la condición de edad que requieren de sus concurrentes*

Também pelo método etnográfico, Magnani (1992, 1996, 2005) privilegia as formas de sociabilidade nos espaços, pesquisando a realidade das práticas juvenis na metrópole, a partir das **oposições que os jovens fazem dos espaços** por onde circulam no bairro ou no centro da cidade. Sugere o conceito nativo de ***pedaço***. Conceito que surge entre os jovens como um ponto de referência nas relações entre os amigos, ou de modo mais categórico, como um:

[39] Cohen, Phil. Subcultural conflict and Working Class Commnunity. In. Working Paper in Cultural Studies. University of Birmingham, n.1, p. 26-27, 1972

> (...) espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 2000, p. 13).

Outros conceitos socioespaciais vão sendo elaborados, à medida que Magnani (1992, 1996, 2005) observa os microespaços das sociabilidades juvenis na metrópole, sobretudo no lazer noturno, como o "**trajeto**", os caminhos perpassados pelos jovens no âmbito da noturnidade, e dos "**circuitos juvenis**" que dizem respeito às trajetórias dos jovens, suas formas de encontro, festas e bailes. Como se organizam para os encontros, como circulam na cidade e se identificam nestes circuitos. A ideia de circuito juvenil também abre a oportunidade para outros conceitos, que são definidos pelas formas de uso e interações sociais, que se fazem em relação no e pelo espaço.

Outro conceito que surge nos trabalhos de Magnani (2005) é o de "**mancha de lazer**", para designar as densidades de ofertas de equipamentos urbanos, locais de consumo e ambientes de sociabilidade, numa mesma área da cidade. Elas podem ser parte de circuitos mais amplos (que conectam diferentes manchas, ou pontos em manchas diversas), interligados por trajetos. Já os locais específicos de consumo de diversão espacializados pelo grupo são denominados de "***points***". Também se reconhece espacialmente os "***links***", ou seja, espaços reconhecidos por unir diferentes circuitos juvenis. Todos estes conceitos emergem das observações e revelam uma espacialidade produzida pelos jovens nas suas práticas de lazer.

Um avanço importante nos estudos de Magnani (1996, 2005) foi ter salientado as práticas nas suas permanências, como nos seus movimentos, práticas de lazer juvenil que se fazem compondo uma espacialidade dinâmica. Magnani (2005), por isso, propõe de forma complementar, ou às vezes em contraposição ao conceito de **cultura juvenil**, o emprego do termo **circuitos juvenis**, uma perspectiva que visa compreender as práticas juvenis na "(...) sua inserção na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, e os parceiros com quem estabelecem relações de troca." (p.177). Para esta pesquisa, parece plausível combinar as duas propostas (permanência e movimento), a partir de um

enfoque socioespacial que tentará articular as escalas de movimentos, itinerários dos jovens, com seus estilos e formas de consumo e territorialidade.

Porém, continuarei a usar o conceito de **culturas juvenis**, quando tornar explícito os movimentos culturais, as ideias e modas que se difundem através de uma maneira transescalar (aterrissando em diferentes cidades do mundo, difundindo-se por diferentes meios a partir de seus locais de origem), por exemplo, as culturas juvenis hip hop, *lowrider* e *eletronic music,* acrescido da referência sobre o modo como estas culturas juvenis se expressam coletivamente através do consumo de produtos e mercadorias e que os distinguem de outras formas de cultura juvenis (MAGNANI, 2005).

Outros trabalhos, como de Feixa (1998) e Ferreira (2008), destacam o conceito de **microcultura**, no sentido de reconhecer que pequenos grupos juvenis em suas situações concretas da vida cotidiana dão significados próprios às suas práticas, nos seus contextos de sociabilidade. Tenho entendido que microcultura seja uma tentativa de apreender as formas de fluxo, as redes, encontros, em que os jovens, em torno de identificações ou diferentes propósitos, estão juntos, compondo trajetórias na cidade.

Não obstante, nas observações com os jovens das periferias e mesmo o trabalho de Ferreira (2008), é muito claro que se está diante de uma vida social cada vez mais reticular, com alta mobilidade e circulação, em que os jovens criam diferentes sociabilidades reticulares, também se estruturando em nós, que se interconectam por diferentes interesses, criando aglomerações, territorialidades e novas formas de tecer suas lealdades e afinidades.

Do mesmo modo, as observações e experiências com os jovens da periferia levaram para a importância que tinham para eles se enredar em diversas redes sociais**,** também daí a oportunidade de trabalhar com um conceito de forte empiricidade. Por isso, **redes juvenis** não deveria subsumir no interior de conceitos como cultura juvenil, ou mesmo microcultura e circuitos juvenis, mas com eles ampliar o leque de instrumentos para se compreender a natureza e as diferenças de suas permanências, pulsão gregária, movimentos e reticularidades.

Também é possível perceber uma valorização da dimensão espacial no trabalho de Castro (2004), quando aborda como **os jovens vivenciam a cidade**, como circulam

pelo espaço urbano e como estes deslocamentos ajudam na decifração da cidade e na possibilidade de uma maior autonomia. Alternativamente, também destaca os efeitos da restrição desta mobilidade na vida dos jovens pobres, em termos de conquista de **capital cultural**. Não deixa de ignorar que os jovens, em suas deambulações na cidade, também dão significado às suas espacializações, por isso "que deslocar-se significa experimentar a materialidade do espaço recriando-a e dando-lhe sentido através da ação" (p. 72). O trabalho de Castro trouxe uma indagação crucial para esta pesquisa, pois se de fato estes jovens poderiam criar nos seus trajetos e movimentos, algum capital cultural, então, talvez a própria mobilidade destes jovens pela cidade, poderia ser também uma construção. Disso decorreu a perspectiva do **capital espacial**, que será explorada nesta pesquisa.

Próximo ao trabalho de Castro (2004), mas ressaltando os **espaços heterogêneos onde se constrói a sociabilidade juvenil**, Paulo Carrano (2002) faz, ele mesmo, os percursos juvenis na cidade, no sentido de identificar os vários contextos espaciais de encontro e interação de jovens na cidade de Angra dos Reis, Rio de Janeiro (como em *bailes funk*, bibliotecas, nas ruas, bairros e nos shopping centers). Observa em todas essas andanças e relatos, a existência de uma grande heterogenia de sentidos e práticas conferida pelas formas de sociabilidades juvenis nestes espaços. Suas pesquisas indicam que os espaços e tempos de lazer expressam e, ao mesmo tempo, são constituídos de **diferentes estratégias e negociação com o outro**. Destaca, por exemplo, que no lazer noturno, às vezes, os jovens têm que se apropriar de estratégias de sedução, conquista e diversão, o que ele denomina de “jogos noturnos”. Na noite, o jovem tem que educar o corpo em sua expressividade, percepção para a "(...) pluralidade de espaços que são variáveis, múltiplos, vivos e umas tantas vezes perigosos" (p. 48). Às vezes têm de ser "espertos” para não cair em armadilhas, saber ler os sinais e códigos, saber se colocar em diferentes situações (CARRANO, 2002).

Carles Feixa (1998; 2000), por sua vez, no que se refere à atenção à dimensão espacial, vê as formas de itinerários e sociabilidade juvenil na cidade como formas de determinar novos significados espaciais, no sentido de que as práticas e usos do tempo livre, ao longo das gerações, tendem a revalorizar os espaços públicos. Além disso, o mesmo autor observa que as relações juvenis tendem a se ampliar num tipo de

dinamismo concêntrico, ou seja, suas conexões vão se tecendo a partir do núcleo familiar até outras partes da cidade (FEIXA, 1998).

Quase na mesma linha de Feixa (1998) e Castro (2004), nas entrevistas e observações de Dayrell (2007), pode-se identificar que os estilos musicais e/ou culturais implicam uma socialização que apresenta impactos na maneira como os jovens vão experimentar o espaço, de forma mais ampla. Como na reunião com os amigos, ao visitar lugares, combinar festas, construindo escalas e redes, que se sobrepõe e superam, em abrangência, os circuitos mais comuns do seu cotidiano, como do esquema casa-escola-bairro. Transitar entre diferentes bairros, indo a festas, shows, etc., o que traz, como consequência, outras convivências e percepções da paisagem urbana, tudo isso ampliando sua rede de ligações e que tendem a impactar seus projetos de vida.

Com destaque para as **relações e conexões entre lugares e culturas juvenis**, Turra Neto (2012a; 2012b), neste caso, a partir da Geografia, ao estudar grupos juvenis punk e hip hop, em uma cidade média, articula a dimensão espacial e temporal, para relacionar o modo como os jovens, em diferentes gerações, desenvolvem suas atividades de lazer no tempo livre; e como as estéticas e culturas juvenis de outros centros urbanos se territorializaram na cidade. Ou seja, como se salta de uma sociabilidade comum e próxima fisicamente, para uma sociabilidade em rede e distante. O autor introduz, então, baseando-se em Canclini (1996), a ideia de **transterritorialidade**, para identificar que, através da apropriação de meios técnicos e contextos espaciais, as culturas juvenis transterritoriais desenvolvem sociabilidades bastante específicas nas localidades em que se realizam[40]. Acrescenta-se que este processo também é acompanhado das mudanças nas estruturas socioespaciais na cidade, que na longa duração abrange diferentes gerações e alteram as condições para interações sociais e oportunidades para estas transterritorialidades culturais (TURRA NETO, 2014).

[40] Não deixa de ser, nos termos de Giddens (2003), um mecanismo de desencaixe, ou seja, descolamento das relações sociais dos contornos locais e a rearticulação através de outras partes do espaço-tempo.

Ao colocar as questões da sociabilidade e práticas juvenis no plano das pluralidades e das relações com outras escalas, tais como a relação local-global, pode-se identificar processos mais amplos e articulações que unem as visões micro e macro dos processos sociais. E é no espaço urbano que estes processos se densificam, onde se tornam mais complexas estas novas pluralidades sociais e relações de escala, e onde as negociações, formas de reunião, conflitos que se inserem nos processos socioculturais, podem ultrapassar a concepção de uma sociedade urbana como um conjunto de pessoas de círculos comuns, hierarquizados e organizados num espaço onde quase todos são visíveis. Como Bourdin (2011) destaca, a metrópole - e acrescentaria as cidades médias - cada vez mais se constitui de sujeitos enredados em grupos locais e não locais, muitas vezes sem relação de vizinhança, porém, multipertencentes a vários grupos e em vários lugares.

Apesar de grande parte destes estudos sobre culturas e sociabilidades juvenis reafirmarem a importância da perspectiva socioespacial, porém, mais que qualificar e designar essas práticas e manifestação juvenis no espaço, em termos de uso, consumo, apropriação, é preciso levar em conta, que estas práticas são em si "espaciais"(territorializações, circuitos, escalas etc.) agem na elaboração do próprio espaço, processo que é contínuo, em que os jovens também participam da produção de lugares (TURRA NETO, 2015). Desse modo, destaca-se o papel dos agenciamentos juvenis, não apenas, porque se servem das estruturas, mas, com elas, criam e/ou combinam com seus recursos e capitais, diferentes conteúdos, significados e sociabilidades, que vão se manifestando nos seus movimentos e territorializações na cidade.

2.4. Contexto do tempo livre e lazer

É na diversão, no momento do lazer onde se encontra a mais viva e contrastante diversidade de práticas e sinais diacríticos,[41] que marcam as diferenças entre os jovens da periferia. Ou, poderia se dizer, onde estes jovens assumem uma diversidade mais nítida. O que sobejamente estará mais claro nos próximos capítulos é que a diversão para os jovens pobres é conquistada e criada a partir de muitas estratégias, lidando com a escassez de recursos e negociando com diversas estruturas sociais e espaciais. É na diversão que encontram um "campo de possibilidades" (VELHO,1994) para exercerem suas práticas mais autônomas, mas cujos projetos também dependem de negociações com outros agentes para se tornarem efetivos. Porém, por ora, enunciarei como se insere a compreensão do lazer para esta pesquisa.

O lazer, associado ao tempo livre na modernidade, pertence ao rol das mudanças culturais que se seguiram na segunda metade do século XX, a ponto de ser entendida, segundo Dumazedier (1994), como uma **revolução cultural do tempo livre,** identificando que o centro dessa revolução seria sua relação predominante com o **lazer**, como se destaca nessa elucidativa citação:

> (...) este lazer é um tempo expressão de si mesmo, individualmente ou em grupo. É o espaço de emergência de um grande número de práticas sociais, cada vez mais estereotipadas e variadas, cada vez mais sedutoras e ambíguas, que, mesmo limitadas e determinadas, exercem crescente influência sobre o conjunto da vida cotidiana. Aqui se encontra a origem maior daquilo a que nos propomos chamar a revolução cultural de um tempo livre, em 90% constituído de atividades de lazer (DUMAZEDIER, 1994, p.30).

A experiência do lazer no tempo livre, então diferente de outros tempos, como do trabalho, da família, ou da escola, que eventualmente se cruzam no cotidiano do

[41] Sinais diacríticos é um conceito que se origina de Fredrik Barth (2000), que visa identificar marcadores, criações e símbolos que definem uma fronteira entre grupos étnicos e culturais. Contudo, este exercício de identificação não visa estabelecer uma homogeneidade, pois poderia ser marcas compartilhadas em outros grupos, contudo, é uma forma de objetivação quanto as características que ajudam a definir um grupo em determinados contextos.

sujeito, constitui-se de tempos/espaços que geram oportunidades para expressividade e identidade cultural juvenil, embora possa se dizer que o tempo livre não seja tão livre assim, já que também é um tempo definido por diferentes formas de controle institucionais, entre afazeres, trabalho e obrigações, onde não raro se obriga a consumir (COMAS, 2000), porém, ainda que sob algumas estratégias de mercado e controle social, deve-se destacar que, mesmo nas várias circunstâncias desse lazer, breve ou fortuitamente, há momentos de jogos e recreação, aliás, momentos que podem ser importantes para atenuar as próprias rotinas impostas ou na descoberta de afinidades e aproximações entre seus participantes.

Além de que nem sempre as práticas de lazer se fazem ajustadas totalmente num tempo livre regulado, pode ser feito no tempo roubado do trabalho, assim como, pode ser praticado fora dos locais arquitetados para estas práticas. Por isso que, às vezes, se pode falar em **diversão**, que se traduz também como momento de se divergir, uma vez que a diversão pode ser transgressora. Como bem esclarece Pais (1990, p. 633) a diversão pode ser decomposta em duas facetas:

> (…) Por um lado, temos a diversão como acto ou efeito de distrair ou distrair-se: falta de atenção, abstracção, irreflexão, esquecimento, divertimento (do latim, distractione). Por outro lado, a diversão surge como um acto ou efeito de divergir: mudança de direcção, desvio (do latim, diversione).

Castro (2004, p. 88) também vai destacar o emprego da palavra diversão, como o que coloca em "...movimento o imaginário do prazer, das trocas e da expansão subjetiva. Pelo diverso, etimologicamente *diversu* em latim, que significa mudança de direção, desvio, se almeja encontrar o que falta ao presente e ao agora". Neste sentido, o espírito lúdico da diversão também se manifesta a despeito das regras e controles impostos, como momentos que divergem da rotina, que podem ser encarados como indisciplina, por exemplo, na escola. A diversão no sentido da divergência está contida nesta pesquisa, como a dos jovens que empinam motos em rodovias, como a das festas que ocorrem em locais não autorizados pelo poder municipal.

Porém, os momentos de lazer ou diversão constituem uma instância da vida social, na qual se pode compreender, também, as diferenças que compõem a socialização juvenil, em que esta experiência tende a ocorrer na sua *ipseidade*, ou seja, no sentido de que é um tempo em que o jovem busca vivenciar sua experiência própria, que pode compor formas mais libertárias de convívio e práticas voluntárias, com aqueles que têm os mesmos interesses e gostos. Tempo e espaço, como se pode perceber, são encarados aqui de forma indissociável, em suas várias dimensões de interação, seja o tempo e espaço historicamente produzidos e organizados, seja o tempo e o espaço do cotidiano, que marcam os ritmos e trajetos da vida social.

Mas não se pode deixar de reconhecer, que as práticas socioespaciais que se fazem em torno da fruição do lazer, dos momentos *ipsativos*, também guardam uma dimensão simbólica e ética, condensa algumas das contradições da nossa época, em que uma "(...) ética de expressão mais livre de si substitui aqui uma ética de integração repressiva", como assinalou Dumazedier (1994, p. 51).

Todavia, se é no lazer ou com a diversão que os jovens encontram uma maior possibilidade de exercer mais livremente suas escolhas e formas de manifestação cultural, isso não significa que se possa reduzir a noção àquela percepção genérica de um tempo apenas de descanso do trabalho e da fuga das regras impositivas, e como algo que nada mais é que um tempo apenas para renovação das "energias", dissociado das instituições da vida social e das imposições do mercado.

Para Magnani (1996), é preciso compreender que o tempo do lazer engloba um contexto de sociabilidades, oportuno para a criação e estabelecimento de regras de amizades, de valores, diversificação dos tipos de interação social e que compreendem uma parte importante na dinâmica e reprodução da vida social, articulada com a cultura. Ainda que Feixa (1998) alerte para a mudança de paradigma a respeito do foco dos estudos da juventude, do caráter espetacular, para o convencional, o mesmo autor não deixa de lembrar os avanços da Escola de Birmigham, que apontavam que é nos momentos de lazer que as práticas juvenis tendem a adquirir ampla expressividade e autonomia.

Mas, se de um lado, o lazer enuncia momentos de interação, de valorização dos encontros e das múltiplas expressões e performances juvenis, também não se pode

deixar de ressaltar a emergência de espaços relacionados ao lazer, que se refletem numa variedade de locais e estruturas espaciais, cuja lógica é ofertar opções de lazer para o uso do tempo livre, afetando a própria vida social, tal como ocorre com a noite urbana que, progressivamente, tornou-se uma parte do ciclo diário, de avanço não apenas das oportunidades de diversão, como também de uma economia do lazer.

De fato, a noite se tornou um universo de viva expressividade juvenil. E é, geralmente, na noite e aos finais de semana, que a maioria dos jovens estão desamarrados dos compromissos do trabalho[42], não estão sob controles e repressões autoritárias, mas, ao contrário, querem se libertar das imposições, ir ao encontro de outros jovens, fazer seus próprios territórios, enfrentar os perigos e os prazeres que a "cultura da noite" (MARGULIS, 1997) costuma proporcionar, embora muito dessas sensações de liberdade ocorram como simulacros, já que o mercado simula festas e ambiências onde se pode produzir sensações, determinando também formas de exclusão e admissão, assim como, impondo um tipo de lazer (MARGULIS, 1997).

Mas também é, paradoxalmente, na opacidade/luminosidade da noite, que se tornam mais visíveis, na cidade, os conflitos e assimetrias entre grupos juvenis, assim como formas de segregação e estigmatização aos quais alguns segmentos e classes estão submetidos. Daí sua importância e relevância maior nesta pesquisa, quanto às práticas de lazer dos jovens das periferias. O que vai implicar dizer algo dos espaços de relações sociais, de lazer, no plural, das diferenciações socioeconômicas e culturais, observadas nas práticas conduzidas pelas redes juvenis na cidade, suas formas de interagir entre eles, com os outros e com o arranjo espacial da cidade, em suas estruturas de oferta de lazer, ou das suas territorializações.

Se, de um lado, o lazer adquiriu um estatuto próprio na vida social, distinto dos tempos da família e do trabalho. Um tempo e espaço com diversidade de conteúdo e que se estabelece como essencial ao se ganhar a luta contra as necessidades (MORIN, 1984), também pode-se dizer que o lazer já não é somente associado com as festas de outrora, de reunião coletiva, uma vez que se impôs no cotidiano uma outra organização

[42] Algo que precisa ser ponderado e mais explorado, pois também observei em quase todos os locais de festa e diversão na noite, sempre jovens trabalhando, como garçons, guardadores de carros, mototaxistas, entregadores *delivery*, atendentes de postos de gasolina e de farmácia etc.

da vida social, pela qual o trabalho e as diversas agendas de atividades repartem o tempo social em tempos específicos, vive-se o lazer após o trabalho, nos finais de semana e nas férias, cada vez mais fracionado, e não mais amarrado aos tempos dados pela natureza, pela religiosidade e coletividade. Ao mesmo tempo que, cada vez mais, as diversões e as festas estão condicionadas ou associadas a outras lógicas e socializações.

O lazer não está separado do cálculo econômico, é uma nova fronteira de negócios que, no século XX, surge embalado na exaltação do consumo como símbolo de modernidade (MORIN, 1994). Um lazer no quadro das relações capitalista e que, por meio de seus agentes econômicos, compõe uma significativa economia do lazer nas cidades médias, com força para recontextualizar os espaços de diversão noturna, em termos de um lazer direcionado para diferentes segmentos e classes sociais.

Neste sentido, novas estruturas espaciais (locais de diversão, casas noturnas, núcleos e praças de entretenimento) configuram uma janela de oportunidades para a realização do lucro, através de uma indústria do lazer que associa ofertas variadas de consumo e locais para diversão. Portanto, quando se fala de um novo tempo livre, deve-se atentar que é uma dimensão da vida cotidiana que, cada vez mais, se embebe de um lazer mercadológico, de um setor da economia com poder e recursos, para implantar novos hábitos de diversão, mesmo em cidades não metropolitanas. Indústria que vem sabendo tirar proveito econômico e até conformar, um lazer que se tornou hábito na vida social, estimulando prazeres que costumam ser barrados ou represados nas ambiências normativas fora do tempo livre.

Um lazer dirigido que vai ao encontro dos desejos de uma geração, de suas vitalidades e da necessidade de fugir dos controles, dos cerceamentos, da organização imposta. Lazer dirigido que se materializa na produção de diferentes ambiências, fábricas estimuladoras de sensações corpóreas e momentos de *ipseidade*. Uma indústria do lazer que pode conformar e ser conformada pelos novos hábitos da vida social. Que é, por sua vez, constantemente irrigada pelas formas renovadas da indústria cultural de massa, pelo entretenimento que se instala como moda, voga e tendências. Uma indústria cultural que mobiliza todas as formas de mídias sociais, estabelecendo uma ética do lazer, centrada no consumo e fluxo permanente de novidades,

substituições temáticas e renovações estilísticas. Exercendo uma força "magnética", como destaca Carrano (2003), a diversão assim formatada se torna mercadoria cultural que se encontra nos espaços e tempos de lazer, sob várias linguagens e simulacros, ajustando-se e se redefinindo de acordo com as conveniências da demanda e as tendências culturais e de entretenimento do momento.

Desse modo, essa indústria cultural e do lazer não apenas está voltada aos jovens, mas adota e redefine, a partir dos seus modelos e inovações, novas mercadorias culturais que, como signos do que é juvenil, formata a própria juventude – como um elemento importante que entra nas representações do que é ser jovem hoje, o que rebate nas suas práticas socioespaciais, como destaca Domingo Comas (2000) apesar da existência de espaços solidários onde os jovens vivem o estar-juntos, a verdade é que muitas vezes isso não acaba sendo um projeto dos jovens, mas dos agentes econômicos. Aos jovens acaba acontecendo que a única forma de participação popular é consumir e acabam tendo uma "rebeldia controlada".

Este padrão de diversão sempre renovado e estruturado para o lucro, não é unidirecional, atinge na verdade a demanda de diferentes segmentos e classes sociais. Mas, por outro lado, ainda que seja afirmado que grande parte dessa oferta tem sido redefinida como um produto de lazer estandardizado, há festas e circuitos de diversão juvenil que emergem de forma marginal e informal na cidade, muitas vezes produzidos pelos próprias jovens através de suas redes.

Ainda se reconhece um sentido mais libertário no uso dos tempos e espaços para o lazer, em que se encontra vivo um estatuto de expressão identitária individual e coletiva mais *underground*, onde se pode ter outras escolhas e chances para expressar diferentes fazeres. Práticas de lazer que nos diferentes tempos podem significar, às vezes, a própria crítica da cotidianidade dominada e dirigida pelo consumo, da qual nos fala Lefebvre (1991). É por isso que não se ignora as diferentes práticas em que se encontram entre os jovens, na sua pluralidade, que nem sempre estão perfeitamente ajustadas ao *mainstream* do circuito de lazer, visto que podem evocar uma ética de lazer muito diferente e até inconscientemente crítica da ordem social.

Mas então, haveria uma separação entre um lazer dirigido e um lazer mais libertário? Ou seja, de um lado, o lazer que costuma se dar sob investimentos pessoais

e coletivos em termos de autenticidade de prática e, de outro lado, o lazer vendido como mercadoria. Já se antecipando sobre alguns resultados desta pesquisa, é possível dizer que o lazer também pode ter suas ambiências e espacialidades produzidas a partir do impulso das próprias redes juvenis, onde nem sempre os agentes econômicos estão diretamente no controle das regras, ou das ofertas de locais de diversão.

Estas redes também elegem seus espaços de ócio e festas. As *festinhas caseiras*, os livres *rolês* pelas ruas, ocupações de espaços públicos para práticas festivas são ações muito presentes no rol das sociabilidades juvenis em torno do lazer. Mas o que parece ocorrer na realidade é uma ética de lazer onde o mercado se entroniza no libertário a partir de diferentes artifícios. Convive-se com estratégias de diversão gestadas nas redes de sociabilidade juvenil, como também, com uma economia do lazer, que alcança com seus estímulos, força simbólica e cadeias de distribuição, as diferentes práticas festivas, mesmo nas periferias urbanas.

Portanto, não se elimina a possibilidade de entrever práticas de lazer conduzidas por diferentes intenções e estratégias dos agentes sociais, mas isso não quer dizer que estejam divorciados da indústria do entretenimento e do lazer. O encantamento juvenil com as áreas de densidade de oferta de lazer noturno, constitui um espaço temático para muitos dos seus *rolês*[43], assim como, muitas redes juvenis, embora consigam produzir espacialidade e territórios para suas ações festivas, não estão desconectadas dos estímulos do consumismo dirigido. O efeito das campanhas publicitárias, a invasão das marcas globais, os hábitos alimentares que se formatam nos *fast-foods* e até a crescente exposição ao álcool que se espalha entre os jovens[44], são exemplos da força e alcance de uma economia tentacular e abrangente do lazer.

É neste campo de experiências e práticas, que se situa a mudança no modo como se vem concebendo as pesquisas em torno do uso dos tempos do lazer na juventude[45], isto é, como um espaço e tempo para além daquela ótica simplista, que costuma fazer do lazer um momento de relações e fruições desligadas de tramas mais complexas,

[43] Como também demonstra o importante estudo de Glória Diógenes (1998).
[44] No capítulo 5, sobre as festas do *fluxo*, terei melhor oportunidade de dissertar sobre a indústria das bebidas alcoólicas.
[45] E não somente no lazer juvenil, mas em todas as esferas da sociedade, como destaca Dumazedier (1994), em importante estudo sobre o lazer na modernidade.

como em termos de maior autonomia no exercício de afirmações identitárias e expressões socioculturais. Lazer que também será constituído de diferentes estratégias e negociações com o outro e sob as mais variadas formas de injunções econômicas da indústria do lazer.

2.5 O desenvolvimento dos conceitos analíticos

As releituras e críticas nos tópicos acima, mais as informações de diário de campo, entrevistas, observações netnográficas, foram os alicerces que possibilitam um delineamento conceitual que se tornou a base desta pesquisa. Alguns conceitos eram fundamentais, logo de início, como os de **espaço** e **territorialidade**. Outros foram sendo revelados nas observações das práticas juvenis, como **escalas** e **redes,** além daqueles, que se revelaram como insights importantes na ampliação do entendimento dos recursos e intencionalidades por trás das práticas juvenis no lazer, como o **capital espacial** e as formas de **visibilidade social.**

Mas o esforço maior foi na busca de uma congruência entre eles. Cada conceito tem uma origem, uma discussão e abrangência analítica. Ao mesmo tempo, o campo revela (o que se espera que aconteça) uma espécie de tensionamento destes conceitos ou, às vezes, um abismo entre o que se tem discutido no plano conceitual e o mundo empírico. Daí a necessidade de reflexões contínuas. Um processo recursivo e ao mesmo tempo criativo. Desse modo, as escolhas, abrangências e mesmo distanciamentos quanto a origem de alguns conceitos são, em última instância, tributários das condições específicas da própria pesquisa, uma vez que os conceitos não apenas são descritivos, mas podem ser construtivos (analíticos), pelos quais se pode ver dimensões da realidade que antes não se via, como bem assinalou Bourdieu (2003), a respeito da necessidade de redefinições conceituais em face do empírico.

Contudo, os conceitos que serão delineados e definidos neste capítulo, na verdade, não são apresentados no seu tensionamento máximo. Isso ocorrerá nos capítulos empíricos. Aqui são enunciados e alguns até exemplificados. Disso decorre

que a função está em apresentar ao leitor como a base conceitual atua na ordenação da descrição e, posteriormente, como ela é importante para gerar questões à discussão. Como no primeiro capítulo, ainda se está no terreno das premissas. Nos capítulos posteriores, o leitor poderá avaliar se a etnogeografia montada e executada, assim como, os conceitos desenvolvidos, a partir das discussões e referencias teóricas apresentadas, resultaram em ganhos heurísticos à descrição e análise do objeto de estudo proposto.

2.5.1 Espaço

Em Milton Santos (2006), o espaço é um híbrido (misto) mas num quadro único, uma abordagem espacial que visa superar as epistemologias divergentes (material-imaterial, físico-humano, espaço social-geográfico etc.). Um sistema de objetos, ou uma materialidade que se dá de forma indissociada de um sistema de ações, que se refere às práticas dos diversos agentes, mas é uma indissociabilidade que as vezes ocorre de forma solidária ou contraditória. Num sentido bem geral, o espaço é criado pelas ações. Por isso também, o espaço falado pelos geógrafos não é apenas uma coleção de objetos, mas se dá por essa indissociabilidade das ações e dos objetos, ações que atuam sobre uma materialidade, por meio de diferentes técnicas e sob diferentes conteúdos imateriais ou lógicas. Ações que as vezes se conformam as lógicas das configurações e arranjos espaciais que estes objetos adquirem sob determinadas racionalidades e tempos.

Para uma Geografia Humana ou Social, as ações humanas têm uma significativa premência em suas análises. Neste sentido, autores como Brenner (2000), Löw (2008), Turra Neto (2015) e mesmo Milton Santos (2006) destacam a importância das ações na criação de espaços de relações, espaços produzidos na dinâmica dos movimentos, das criações de fronteiras, alocações, edificações dos sujeitos. Como destaca Turra Neto (2015), o espaço é o produto das ações que coloca a materialidade e os seres em relações.

Mas o espaço também potencializa as ações, Martina Low (2008) e Turra Neto (2015) (este muito inspirado naquela) destacam que a própria materialidade, alocada ou modelada pelas ações, poderia ser pensada como uma estrutura, segundo diversos tipos de estratégias que estabelecem um campo de possibilidades e conformações que, em última instância, guia as ações dos sujeitos sociais. Por exemplo, o shopping center não é apenas um espaço impessoal, constituído de lojas e locais de exposição de bens materiais concentrados numa edificação, mas um espaço com recursos para induzir práticas de consumo. Estas superfícies comerciais, geralmente, operam com estratégias para assegurar a permanência das pessoas em suas instalações (nem sempre, como é o caso dos jovens da periferia e seus *rolês* coletivos), o que cria possibilidades para se realizar as disposições de consumo. Desse modo, não é acidental, ou a título de pretexto de passeio, que ali sejam estabelecidas relações de troca nas mais minúsculas interações humanas. Em realidade, a despretensiosa "diversão livre" e "pública" acaba sendo o jogo que inconscientemente quase todos acabam jogando e que confirma o primeiro e último objetivo destas estruturas espaciais, que é o consumo dos produtos e serviços ali dispostos. Com efeito, ações estratégicas de agentes econômicos e institucionais promovem certos tipos de relações sociais, através da materialização de suas intencionalidades, que acabam sendo confirmadas na produção do espaço, pela ação dos sujeitos em suas práticas.

O espaço resulta então de várias ações sociais, entre elas, aquelas promovidas por estruturas sociais que podem culminar em diversas formas de estruturas e formações espaciais. E é um processo continuo, à medida que aquelas mesmas formações ou estruturas espaciais, construídas na e pelas ações, logram condições para reproduções e conformações das práticas sociais. Desse modo, o espaço não é apenas reduzido aos contextos ou regiões da vida social, mas atua como um ordenamento estruturante de práticas, como também seria estruturado pelas práticas ou ações sociais.

Na linha deste pensamento, a produção ou construção do espaço se correlaciona com as ações dos sujeitos, sob diferentes agências no plano do cotidiano. Assim como, sistemas sociais, instâncias do poder, ideologias e outros ordenamentos que, nas suas estruturações constroem espaços, para viabilizar a continuidade de suas funções e modelos de dominação. O que corrobora em encarar algumas formações espaciais

como estruturas estruturantes de ações, pois estabelecem diversas ambiências que sob regramentos direcionados, regulam ou normatizam as ações, impõe controles sob diferentes recursos, ao ponto que se pode reconhecer estruturas espaciais atuando na continuidade e manutenção de outras estruturas: política, economia, agências do Estado, estrutura jurídica, etc. Neste sentido, o espaço atua também na institucionalização, isto é, na conservação de rotinas, procedimentos e para a legalidade e oficialização de muitas ações da vida social, que se formam dentro de um quadro estruturante.

A duplicidade do espaço, ou seja, a reciprocidade da ação e estrutura na formação do espaço, também está por trás da **diferenciação espacial**, segundo Martina Löw (2008) e também Pierre George (1969), bem antes, estas diferenciações, por sua vez, surgem pelos agenciamentos ou associação entre pessoas, no engajamento em torno de projetos, ideias e lutas. Também são relações mediadas por diferentes campos (Estado, mercado e cultura) e clivagens sociais, como classe, gênero, etnia. E às vezes logrando diferentes formações espaciais que podem ocorrer no mesmo lugar.

Desse modo, a espacialidade que é produzida, transformada e consumida num quadro de diferenciação socioeconômica da sociedade (SPOSITO, 1992) e sob diferentes agenciamentos, resulta num mosaico de formações e estruturas espaciais que, muitas vezes, perpetuam certas lógicas de dominação ou se transformam em espaços de outras alternativas e modos de existir. Espacialidade que possibilita visibilidades, marcas de classe e formas de poder, introduzindo hierarquias e classificações espaciais. Ou seja, espaço que também é valorizado simbolicamente (locais que associam prestígio, ostentação, ou desprestigiados e estigmatizados na cidade). Portanto, espaço que incorpora o "espaço social dos sociólogos" (SANTOS, 1996, p.199).

Em Bourdieu (2013 [1991]), este "**espaço social**" se manifesta também como espacialidade produzida e objetivada[46] (Bourdieu chama de espaço físico, mas que

[46] O que não destoa de Milton Santos (1996), que destaca que o "espaço social" dos sociólogos não poderá se exercer plenamente sem a materialidade. Em Bourdieu, não parece existir também um sentido de divergência de naturezas espaciais, existem diferenças sim, um material e outro imaterial, mas que se interatuam reciprocamente enquanto formação espacial.

penso estar se referindo ao espaço como materialidade). As hierarquias, posições e distâncias sociais que são parte das estruturas do espaço social vão se cristalizar, se materializar no espaço produzido, de maneira mais ou menos deformada e, "sobretudo, mascarado pelo efeito de naturalização acarretado pela inscrição durável das realidades sociais no mundo físico: diferenças produzidas pela lógica social podem, assim, parecer emergidas da natureza das coisas" (p.134). Bourdieu (2013) dá como exemplo a "fronteira natural", mas que foi na verdade imposta em determinado período, tendo um discurso de legitimidade para sua grafia no espaço. Abaixo uma citação importante de Bourdieu (2013, p.136), ao qual se pode ver que sua visão também vai além de uma dualidade espacial (física e social), para uma visão híbrida do espaço, que este autor designa de "**espaço social realizado**":

> O espaço, tal como nós o habitamos e como o conhecemos, é socialmente marcado e construído. O espaço físico só pode ser pensado como tal por meio de uma abstração (geografia física); ou seja, ignorando-se decididamente tudo o que ele deve ao fato de ser um espaço habitado e apropriado, isto é, uma construção social e uma projeção do espaço social, uma estrutura social em estado objetivado (por exemplo, a casa kabyle ou a planta de uma cidade), a objetivação e a naturalização de relações sociais passadas e presentes.

Nesta pesquisa, o uso do conceito de espaço chama atenção para as ações que sob diferentes modos e relações produzem espacialidade, mas também onde se estabelece um campo simbólico, de valores, regras e posições, pelo qual ele é hierarquizado. Assim, o espaço se dá pela ação dos agentes, determina um modo de produção, contextualiza essas e outras relações, mas também retraduz e materializa as divisões inerentes às estruturas sociais. Por exemplo, a periferia é um espaço social, não devido apenas ao aspecto localizacional e quanto sua particularidade nas formas de habitat, mas refere-se aos valores, formas de vida, expressões que se dão através daqueles que ali vivem e que fazem deste espaço algo diferenciado de outros lugares e sob outras visões de outros agentes sociais.

2.5.2 Lugar

E o que se chama de **lugar** seria o espaço materializado no dinamismo das relações sociais, os encontros, as aglomerações, fluxos e outras situações da vida gregária, e que efetivamente implicam práticas socioespaciais (escalas, territorialidade, fluxos, fixações). Os locais agenciados pelos agentes sociais configuram um lugar de sociabilidade, de sua cultura ou das suas comunicações. Portanto, a definição de lugar está no seu dinamismo, nas conexões e múltiplas escalas produzidas pelos sujeitos para efetivar suas relações sociais (TURRA NETO, 2015).

Mas é preciso ir além, pois, nesse mesmo espaço urbano, que pode ser definido como um lugar, que a princípio é fragmentário, constituído de espaços sociais diversos, eles não são ilhados, estanques. Ao contrário, as ações dos agentes os tornam articuláveis, anastomosados, o que não quer dizer que sejam sempre solidários e igualitários. Os espaços sociais são também atravessáveis e conectáveis, mas em muitos casos, como me deparei nesta pesquisa, são passíveis de segregação, que curiosamente, ainda assim, constitui uma relação, mas calcada no afastamento material e simbólico entre "nós" e "eles".

É neste panorama que se torna necessário um pensamento espacial mais aberto e elástico, com os novos agrupamentos, conexões e combinações que se concretizam na pluralidade moderna de vários grupos sociais. Neste sentido, a concepção de espaço e lugar de Massey (2004; 2008) nos parece mais sensível a estas mudanças e também amplia aquela perspectiva socioespacial, pois faz uma ponte com a modernidade, de um mundo de maior pluralidade cultural de grupos e identidades, onde a construção de identidades ocorre neste espaço relacional, sob variadas formas de expressividades, negociações, encontros e desencontros, e que não deixa a política de fora, pois, neste âmbito de multiplicidade, também se exige reconhecimento das diferenças. Ou, em outro sentido, os agentes sociais são entendidos como atuantes na produção espacial, na formação de territorialidades e, ao mesmo tempo, este espaço é um campo de possibilidades para as interações sociais: esfera que permite a visibilidade dos grupos e de suas lógicas e afirmações identitárias (MASSEY, 2004; 2008).

Deve-se, igualmente, fugir às tentativas de conceber as culturas e microculturas como ilhadas, sem qualquer vínculo com os outros contextos sociais, políticos e

tecnológicos – que são inerentes a suas próprias trajetórias de formação e identidade. Cair nestes sensos comuns significa encarar o lugar e o sujeito como resultado de uma história introvertida, delimitados por fronteiras e recortes rígidos. Não obstante, como Massey (2000) assevera, o sentido de lugar isolado e homogêneo, cada vez mais, perde a validade, ao invés disso, adquire projeção os choques, transações e adaptações culturais, que estão em constante alteridade entre os locais próximos e distantes. Mas não somente isso, estes graus de interação, compartilhamento e deslocamentos são diferentes para os diferentes grupos (homens, mulheres, jovens, pobres etc.) neste espaço relacional ou social. O "**sentido de lugar"** (MASSEY, 2000) é experimentado sob diversas situações, trajetórias de vida, com desiguais recursos e sob múltiplas experiências identitárias.

Em suma, é um espaço composto por diversas formas de assimetrias, pois é fato que nem todos estão no mesmo ritmo, nem mesmo também com os mesmos recursos para ditar a medida e frequência de seus movimentos no espaço. O que se configura é na verdade uma "**geometria do poder**", isto é, diferentes grupos sociais com seus recursos têm diferentes maneiras de experimentar e controlar sua posição no âmbito da compreensão espaço-tempo e cujas ações influenciam de forma mais ou menos direta outros sujeitos situados em uma posição menos privilegiada (MASSEY, 2000).

2.5.3 Capital espacial

Turra Neto (2015) destaca que a ação é fundadora do espaço, que simultaneamente coloca objetos e pessoas em relação e extensão, mas que também é portadora de intencionalidades. Tanto, o Estado e/ou mercado, por exemplo, desenvolvem estratégias cujas lógicas e intencionalidades desencadeiam ações sobre uma materialidade, como aquelas que criam estruturas espaciais para atingir seus objetivos, induzir os agentes sociais para determinadas ações. Em síntese, estruturas estruturantes de práticas, hábitos, consumos etc. orientadas por uma objetividade e determinados interesses ou funções.

Desse modo, as estruturas espaciais produzidas sob certas intencionalidades resultam num campo de possibilidades materiais para outros agentes, aos quais se quer atingir (ou controlar), o que induz outras ações cotidianas por parte dos agentes sociais que se utilizam destas estruturas intencionadas e concretizadas por agentes econômicos ou estatais.

Em complemento, as intencionalidades induzem para uma objetividade prática e eficiente, isso quer dizer, que os agentes precisam da competência em lidar com seus recursos, criar estratégias e às vezes se associar com outros agentes para estabelecer um poder. É dessa maneira, que um ou mais recursos são acionados ou utilizados para se atingir os resultados inicialmente planejados ou intencionados.

Nesse sentido, penso que se poderia complementar com a ideia da intencionalidade, a concepção da desigualdade de recursos dos grupos e classes sociais. Aspectos como, possuir uma renda modesta, ser pobre e morador de bairros distantes, ou ainda se identificar com grupos que sofrem diversos tipos de preconceitos e estigmatizações, assim como outras assimetrias e desigualdades são variáveis restritivas, limites e barreiras erguidas, que podem ocorrer de forma combinada e que, sobretudo, atingem as classes populares. Desse modo, a posição social e a classe informam desiguais recursos e oportunidades. Sendo que alguns grupos e segmentos têm mais capitais que outros.

Isso quer dizer que ainda que as intencionalidades sejam parte dos agenciamentos em torno das espacializações, uma ideia-meta (SANTOS, 2006), mas não é ainda poder em sua máxima eficiência. O fato de alocar objetos espaciais, criar extensões, enlaces, limites, movimentos, ou seja, produzir outros espaços, requer recursos e negociações, de modo quantitativo e qualitativo, uma instância que guarda em sua natureza possibilidades e oportunidades desiguais entre grupos e classes.

Se se pensar no espaço como uma construção que ocorre em meio as relações sociais, também deve-se pensar na natureza dessas relações, que de fato se baseiam em intencionalidades, mas que exigem a mobilização de diversas formas de recursos para a eficiência da ação ou mesmo de uma estratégia socioespacial. Pode-se dizer que a quantidade, assim como, a qualidade dos recursos que induzem para as formas de espacialidades não deixam de ser um **capital espacial.**

A ideia do capital espacial surgiu basicamente das observações e reflexões sobre as próprias práticas juvenis no campo da diversão. Foi-se tornando claro que suas múltiplas territorialidades e seus circuitos de lazer, pressupunham de forma anterior e primário, da necessidade de se alocar e articular recursos para suas mobilidades e acessibilidades no campo da diversão. Por exemplo, combinar caronas para estarem numa festa distante dos seus bairros de origem, ou de levantarem condições financeiras para gastar na diversão e assim acessar os espaços de consumo, além disso, esse capital espacial também se relacionava com seus agenciamentos nas mídias sociais para determinar o local e horário para criarem uma aglomeração e tornar possível suas festas em espaço público. Todas essas ações coletivas e articuladas visavam criar condições para que pudessem saltar as escalas na cidade, ou ainda, construir suas espacialidades.

Desse insight inicial no campo empírico foi que se percebeu sua conexão com os outros capitais, como o cultural e o simbólico, sendo assim, as reflexões posteriores se deram de forma complementar a partir dos estudos de Bourdieu (1994; 2007;2013), como de outros autores que deram pistas da sua importância quanto aos *rolês* dos jovens na cidade, como o estudo de Lucia Rabello de Castro (2004), que destaca a importância dos jovens poderem circular na cidade, como um ponto de partida para seu conhecimento e ocupação, mas que depende antes, de uma situação econômica, relações de pertencimento, condição etária e até das filiações a grupos e identidades[47].

O capital espacial passou a ter uma importância central, pois incorporava a indagação sobre quais recursos estavam disponíveis para estes jovens, para que pudessem, efetivamente, ter as condições necessárias para suas mobilizações e territorialidades no âmbito de seus rolês. Recursos que faziam parte de um campo de possibilidades objetivas, incluindo até as conjunturas econômicas e culturais que abrangiam sua geração.

[47] Outras leituras sobre o conceito de capital espacial merecem citação (LÉVY, 1993,2001; HOFFMAN, 2007; LUSSAUT; STOCK, 2010; NOUCHER, 2014), já que remetem para discussões anteriores. Contudo, a descoberta tardia destes autores não permitiu que fossem incorporados na tese, de modo que a reflexão sobre capital espacial que aqui desenvolvemos não dialoga com suas contribuições.

Desta forma, as ações sobre a materialidade e por consequência a construção de uma espacialidade se baseia, em última instância, em diversas formas de capitais, como o econômico, social, simbólico ou espacial, ou um pouco de cada um.

No pensamento bourdieusiano, os capitais (social, simbólico etc.) são parte de um *habitus*, aquilo que se herda e internaliza, nas trocas entre outras situações onde os recursos são constituintes de um sistema de distribuição desigual de bens e propriedades na sociedade e nos vários campos de interesses, como também são os meios para lucrar com inúmeras vantagens e privilégios na sociedade, como aumentar poderes, melhor localização, serventias, posição social, distinções, entre outros trunfos.

Além disso, os capitais podem ser convertidos em outros capitais (BOURDIEU,2003), por exemplo, o capital econômico em capital cultural (grau de instrução, experiência artística, qualificações técnicas etc.), assim como, o que se elabora aqui como capital espacial (acessibilidade, territorialidade, construção de escalas), por sua vez, pode ter impacto no capital cultural e social (relacionamentos, contatos profissionais, relações privilegiadas, processos formativos etc.), ampliando as possibilidades dos agentes nos seus interesses e nas suas trajetórias coletivas e individuais.

Por último, é preciso reforçar que o conceito de **capital espacial** que estou buscando elaborar deriva de um processo em que os agentes moldam suas ações conforme as estruturas sociais, espaciais e condições abertas para suas ações, o que se configura como um campo de possibilidades objetivas[48].

E deve-se salientar que este "campo" inclui os imaginários, as decisões, as competências para saber mobilizar o que se tem disponível ou aquilo que se pode transformar em um recurso prático, como num capital espacial. Ou seja, deve-se considerar os aprendizados, socializações, criatividades e oportunidades que possibilitam aos agentes comporem seu saber-prático.

[48] Bourdieu (2007) destaca o "campo dos possíveis", de acordo com o capital herdado abre-se um feixe de trajetórias que leva a diversas posições sociais, nesse caso, o agente pode encontrar outras opções de trajetórias, e a passagem de uma trajetória para outra também está condicionada por acontecimentos coletivos (guerras, crises econômicas) e acontecimentos individuais (amizades, relações amorosas etc.).

Nesse sentido, o capital espacial, como os demais capitais, se dá nas relações entre os agentes, nas oportunidades e interstícios que se dão sob o peso e normatização das diversas estruturas que são parte da realidade social desses agentes.

No escopo dessa pesquisa, pode-se dizer que é sob diversas formas de agenciamentos que as redes juvenis elaboram com os recursos escassos que têm (ou aquilo que herdam, apreendem e adquirem) as condições para articular locais de encontro, escalas, território/territorialidades, onde lutam para atingir uma visibilidade e, por ela, podem vir a se constituir em sujeitos políticos – em todo caso, são promotores de intervenção, com poder de subverter lógicas espaciais previamente estabelecidas – com um capital espacial que confere poder.

2.5.4 Território, territorialidade e microterritorialidade

Há muitas discussões sobre as concepções e formas de abordar **território e territorialidade.** Estes foram os conceitos de maior dificuldade de tratamento na pesquisa, devido não apenas às muitas formas como o conceito é empregado, como à extensão de fenômenos espaciais aos quais é associado, às vezes, de modo polissêmico e seguindo as mais diferentes tendências, sem contar os estudos que visam encontrar um estatuto ontológico para o conceito, ou que visam transformar as discussões sobre territorialidade num campo temático. Porém, mais que esclarecer, apenas elencam seus diferentes usos ou os tornam tão elásticos, que os outros conceitos geográficos parecem ser secundários ou tributários destes. O conceito de território tem sido utilizado para se referir a espaços habitados, para distinguir a heterogeneidade dos grupos na cidade, para se referir a espaços simbolizados como fonte de poder, soberania e território nacional, além de outros usos que foram bem revistos por Rogério Haesbaert (2007). Seja como for, era preciso ter alguma definição mais específica sobre este conceito, pois ainda evoca alguma diferença de prática espacial, em relação às outras, como aquelas que criam escalas, constroem lugares, produzem paisagens etc.

Acresce a isto também o fato de que, ao longo da reflexão sobre as práticas observadas, tornou-se relevante que o conceito de território e sua variação para

territorialidade seriam cruciais, para tratar da análise das descrições, para saltar para uma compreensão política e social das estratégias de diversão dos jovens das periferias. Antes disso, as descrições mostravam que muitas de suas práticas ocorrem de modo elusivo, criando territórios para se esquivar de certos olhares, estabelecendo as chamadas *quebradas*. Outras vezes, elegiam superfícies comerciais, como os shopping centers, como locais de sua diversão e visibilidade social, mesmo a contragosto de outros grupos, ou dos agentes de controle, um caso em que uma ação se transforma em territorial na medida que se estabelece na convivência com uma diferença e no conflito com outros grupos e interesses. Sobretudo, a partir do momento em que suas práticas tendem a se desajustar dos valores e regras implícitos e explícitos que regulam a rotina destas estruturas.

Diante do teor destas práticas, um ponto de referência importante foi o trabalho de Souza (1995), que situa o território como uma **categoria relacional**, construída como um campo de forças, práticas que definem uma diferença entre nós e os outros, ou onde ocorrem certas tensões. Avançando a partir deste princípio, e de outro, em que o espaço é uma construção social, então poder-se-ia dizer, como destacou Turra Neto (2105), que o território é um tipo de produção ou formação espacial, que procura apreender as delimitações, em que se estabelece ou se visa estabelecer (já que é um campo de forças) uma esfera de diferença, domínio, controle e disputa. Penso que território poderia englobar também, em alguns casos, a dimensão da dissimulação, pois um território grupal numa relação conflituosa pode justamente ser construído para fugir dos controles ou não querer estar visível aos outros.

Turra Neto (2015) destaca que, apesar dessa especificidade do conceito de território, a visão que atualmente vem prevalecendo é que território ocorre no "uso e na apropriação", o que seria uma redundância com a concepção de espaço, pois também no efeito da produção do espaço, no conjunto das ações sobre e em torno da materialidade, já se pressupõe uso e apropriação. Uso implica quase sempre se utilizar de objetos, criar funções com o que se apropria, tomar ou alocar para si ou para o grupo, visando o estabelecimento de uma espacialidade. Usa-se um espaço público para o encontro de amigos, para criar um contexto de recreação. Apropria-se de um galpão

para realizar práticas festivas, como um baile funk, ou seja, espacialidades criadas em certos tipos de relações sociais.

Contudo, o "uso e apropriação" com um sentido de "demarcação de *pedaços* com sua identidade e, a partir destes, estabelecer uma relação com a alteridade" (TURRA NETO, 2015, p.56), é o que faz com que uma prática espacial venha a construir o espaço como território. O território implica relações de coexistências, internas ou fora do grupo, onde se denota, por exemplo, limites, negociações, separações, disputas, concorrências ou, às vezes, conflitos e tensões. Em síntese, onde se vislumbra um campo de forças, mas com referências as relações sociais que se dão no e pelo espaço. Desse modo, como Turra Neto (2015, p. 56) sugere:

> Constituem território aquelas ações para as quais a formação de espaço abrange certa materialidade em que se deve marcar e demarcar a diferença em relação a outros, negociar e impor sua presença e visibilidade em meio a formações espaciais outras, ou em meio a formação espacial hegemônica, que tenderia a apagar ou invisibilizar sua presença em relação, num certo lugar, onde se realiza um encontro negociado. Ou seja, aquelas ações para as quais a materialidade do espaço é um recurso para afirmação social, política, para expressão e realização da alteridade, dos seus desejos, pulsões, encontros, em que a apropriação de uma área (de forma efêmera ou permanente) joga um papel crucial nas interações sociais com os outros e que permite ao grupo afirmar-se. Ações que constituem limites/fronteiras comunicacionais, bem como jogos, mais ou menos cambiantes, entre dentro e fora, nós e outros.

O território visa manter a permanência, resguardar ou dar continuidade às práticas do grupo, assim sendo, a materialidade é alocada para um sentido de assegurar a expressão simbólica e formas de sociabilidade particulares do grupo. E concomitantemente faz parte de um jogo de forças, em que se diverge contra formas de hegemonia e poder simbólico que visam restringir, ou regular as práticas do grupo.

Por sua vez, as **territorialidades** seriam os modos e estados da ação territorial. Enunciam diferenças com o outro, ou estabelecendo um campo de forças em conflito ou marcam distanciamentos e identificações com os locais. Em suma, a territorialidade é projetar uma distância material e simbólica, definir uma diferença entre outros que podem eventualmente compartilhar a convivência num mesmo lugar. Portanto, a

territorialidade[49] é uma ação que não necessariamente implica uma possessividade absoluta, um controle total e expansivo, mas que define uma posição dentro de uma estrutura espacial (também entendido como parte do campo de força). Por exemplo, os jovens adolescentes da periferia podem definir uma territorialidade no shopping center, ainda que não seja uma territorialidade excludente, que se faz eliminando ou expulsando outros participantes desta estrutura espacial (ao menos não intencionalmente), mas pode ser interpretada como divergente.

As territorialidades também abrangem variações nas suas estratégias e nos seus movimentos (não no sentido apenas do deslocamento), pois muitas destas práticas socioespaciais estabelecem espaços de identificação dos agentes sociais, mas podem se dissolver rapidamente, não são permanentes, são instáveis, periódicas, flutuantes, cíclicas, o que também Souza (1995) já havia identificado.

Outra ideia que se fez presente nesta pesquisa e revelou-se importante, foi a de **microterritorialidade.** Para desenvolver este conceito, respaldo-me nos trabalhos de Benhur Pinós Costa (2012 e 2013) e tenho entendido, em conexão com o conceito de território, que a microterritorialidade surge de um estado de estranhamento, discordância, ou até talvez possa se falar em divergências de um grupo em relação a um espaço cujas funções, preexistência e regras foram instituídas por outros grupos sociais, uma microterritorialidade que se manifesta no seu uso, na ocupação pelos corpos e expressa nos comportamentos, muitas vezes em dissidência com o aspecto funcional que ali foi projetada por outros grupos sociais para aquele espaço. Tal como se sugere, também se está se remetendo para o espaço de vida das pessoas, dos grupos, nas suas escalas de atuação e projeção territorial, como as redes juvenis que se territorializam na noite, em pátios de abastecimento de combustíveis, casas noturnas, ruas, galpões etc., algo também similar ao que Marcelo de Souza (2009) vai denominar de "nanoterritórios".

[49] É preciso registrar que para autores como Haesbaert (2009) a territorialidade não condiz sempre com o território no sentido de sua materialização. Ou seja, todo território implica relações de poder, dimensão simbólica, isto é uma territorialidade (condição/qualidade), mas nem toda territorialidade implica sua realização material.

Contudo, grupos divergentes podem querer não negar totalmente o espaço instituído, uma vez que buscam se apropriar de algumas condições físicas do espaço, tais como os objetos técnicos instalados, como uma rede *wi-fi*, um trecho de rua, praça. Contudo, microterritorialidade é apreendida mesmo nas relações internas de um grupo numa determinada prática festiva, onde se percebe territorialidades entre as várias redes juvenis que ali se estabelecem para curtir o lazer. Portanto, dissidências, separações, distanciamentos, posicionamentos, estranhamentos podem se dar na escala micro. Dentro de um território instalado surgem esses modos de microterritorialidade, o que para o observador permite distinguir as nuances e sociabilidades muito mais sutis que geralmente se esconde do olhar distanciado. De qualquer forma, utilizo este conceito tentando não perder a referência à construção do espaço e ao campo de forças que denota do uso do conceito de território.

2.5.5 Cultura

Ao mesmo tempo em que estes espaços se articulam pela força da demanda de novos grupos sociais, também, como aponta Giddens (2003), emerge uma das características dessa modernidade: os descolamentos das relações sociais dos contornos locais e a rearticulação através de outras partes do espaço-tempo, o que ele mesmo vai chamar de **desencaixes**. O que impõe, ao nosso ver, a necessidade de superar a ideia de uma sociedade como unidade encaixada[50] num panorama cultural localizado e estável. O que se percebe é uma nova perspectiva de sociedade, com contornos mais múltiplos, em termos de um mosaico de grupos, interesses e demandas, que nesta modernidade tardia, além de desencaixada, é também descentrada. Como argumenta Hall (2002, p. 17):

[50] Ao contrário disso, Giddens (2002, p. 10) entende que "... a vida social moderna é caracterizada por profundos processos de reorganização do tempo e do espaço, associados à expansão de mecanismos de desencaixe – mecanismos que descolam as relações sociais de seus lugares específicos, recombinando-as através de grandes distâncias no tempo e no espaço. A reorganização do tempo e do espaço, somada aos mecanismos de desencaixe, radicaliza e globaliza traços institucionais preestabelecidos da modernidade; e atua na transformação do conteúdo e da natureza da vida social cotidiana".

> A sociedade não é, como os sociólogos [isto também poderia se estender aos geógrafos] pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma... Ela está constantemente sendo 'descentrada' ou deslocada por forças fora de si mesma.

Desencaixes que decorrem do poder de novas formas de acessibilidade, de interdependências e de um nível maior de permeabilidade a um amplo e torrencial fluxo de mensagens, produtos e mercadorias, que alcançam diversos locais, que cruzam e interligam diversos espaços.

Uma dinâmica que também vai estar por trás de outros processos, ao favorecer uma nova agenda democrática e um contexto social muito mais complexo, além de classes, partidos e outras instituições tradicionais, agora entram em cena minorias, grupos específicos, movimentos sociais e os mais diversos segmentos sociais sob várias demandas, como de gênero, política, habitação, etc.

As velhas ordens e os tradicionalismos locais são colocados em tensão, a partir da emergência destes novos atores sociais e políticos, que surgem através de novas bandeiras, ideias, posicionamentos que, em muitos casos, estão em consolidação, ou até se clivando em outras várias vertentes. É isso que poderíamos entender como uma profusão de "culturas", que autores como Rorty (2005) e Eagleton (2011) vão destacar como **cultura no sentido plural**, uma tentativa de distinguir de outras embaraçosas instâncias, em que também a cultura assume uma centralidade. Isto é, as diversas conotações e entendimentos da cultura na vida social e política das sociedades, ao longo do tempo. Como embate entre as culturas de massa na pós-modernidade e a alta cultura; ou cânones e valores embutidos quando se pensa na cultura como civilidade e que remete a discussões entre valores do Ocidente e do Oriente, por exemplo. Nisso se distingue, uma cultura no sentido plural que não se desfaz daquelas outras tensões, mas aplica-se aos grupos e segmentos que encontram condições de expressão identitária, busca de reconhecimento de seus direitos, como também se estruturam em torno de estilos de vida, tendências artísticas, políticas e religiosas, que comumente, requisitam a construção de espacialidade.

É nesta profusão de culturas e identidades, que surgem perspectivas alternativas, no que concerne àquelas que concebem as culturas dos grupos como meros espelhos de realidades hegemônicas, cujas práticas e ações são previsíveis e somente derivativas do que está posto, como reprodutores da ordem social e econômica e que deixam de lado aqueles interstícios e entre-lugares, onde se constrói o presente. Lugares que não são abrangidos pelas grandes narrativas ou teorias que preestabelecem o vir a ser (BHABHA, 2005; MASSEY, 2008).

Portanto, uma vez que se ultrapasse estas concepções localistas e imóveis, pode-se falar de culturas no plural e nas suas particularidades. Nesse sentido, é possível pensar em grupos, microculturas e culturas juvenis não somente como parte de uma geometria do poder, como também destes desencaixes, no caso desta pesquisa, absorvendo e refletindo estilos, espacialidades, identidades surgidas em outros contextos e também móveis, difusas, híbridas e em movimento.

Ainda que não se possa desconsiderar as socializações que conformam e são conformadas por diferentes estruturas sociais que regram a vida social, não se descarta os interstícios e possibilidades para os protagonismos de agentes sociais móveis e criativos, que são capazes de tramar e desenvolver formas variadas de interação social, de buscar e elaborar referências estéticas, estilísticas e comportamentais, sob diversas táticas e ações, também criando outras estruturas e espaços de ação, pelas suas ações. Os grupos e redes juvenis não apenas reproduzem, mas produzem e difundem padrões, símbolos e produções, compartilhando tais criações em comum, e para além de suas localidades, construindo interações sociais e os espaços destas interações. Quer dizer que, ao mesmo tempo em que o espaço acaba mediando e absorvendo as relações sociais, ele também é produzido.

As culturas juvenis vistas através da pluralidade e das interações dos grupos e suas práticas significa a necessidade de encarar a dimensão socioespacial, por exemplo, as mudanças das diversas formas de sociabilidades juvenis no contexto urbano, os hibridismos culturais que vão sendo tecidos nas diversas redes e grupos juvenis e que adquirem tangibilidade no espaço, os vários sentidos de lugares que cada rede juvenil expressa com suas performances e identificações.

É um apreender de dupla face, que também permite avançar na compreensão do próprio período técnico-científico, no qual confluem novas técnicas e práticas socioespaciais. Um período denso de novos objetos técnicos e cujas reverberações ocorrem em vários níveis e esferas da sociedade: como das tecnologias portáteis e dos novos meios de interação e compartilhamento virtuais que, além de se espalharem para quase todos os lugares, também se tornaram plataformas para as interações sociais, impactando nos jogos de escalas entre local e global e na produção dos espaços de interação.

Por outro lado, se estes objetos e técnicas são alocadas pelas táticas capitalísticas[51] para compor novas formas de consumismos, também é válido dizer que estes mesmos grupos e culturas jovens exploram, com os recursos e capitais que têm, estes novos objetos. Inventam outras formas de sociabilidade e, até mesmo, outras lógicas de uso destes mesmos objetos, criando suas próprias formas de se posicionarem na sociedade e no espaço de interações, e que se estende na própria constituição de suas identidades. Como aparece neste trecho de entrevista de Paul Willis em Martinez (2005, p.105):

> (...) de alguma maneira, qualquer grupo se encontra no meio de uma confluência complexa de elementos, na qual tem de tentar encontrar sua posição. E o faz utilizando os materiais proporcionados pelos artigos de consumo, evidentemente, mas também pelo gênero, pela raça e por alguns aspectos da classe. É assim que cada um descobre por que está onde está. E os jovens se confrontam com todo tipo de redes complexas de poder e posição: eles têm de trabalhar e se preocupam com a transição à esfera econômica, eles têm de encontrar caminhos subconscientes informais para entender a sexualidade, o gênero, a raça etc. Há alguns recursos culturais usados para saber quem você é. Uma identidade consiste, seguramente, em colocar isso em um mapa, no qual estão os outros, os outros que não são tão diferentes, e você mesmo.

E é saber atuar neste mapa de posições e identificações que seria, em essência, a modernidade, que não se reduz apenas a experiência de estar num mundo de

[51] Uso a expressão "capitalísticas", a partir de Guattari e Rolnik (1996), pois, abrange a ideia de que o capital não apenas se reduz aos modos de produção e às relações de troca e posse, mas atua no nível dos "modos de controle da subjetivação" e força simbólica.

mudanças e absorvê-las, mas também a **experiência reflexiva**, de sentir e reformular as próprias práticas, muitas vezes negando-se a um fatalismo e unidirecionalismo, mas reinventando modos e ações (GIDDENS, 1991; MASSEY, 2004). O que dá um caráter de imprevisibilidade para as experiências socioespaciais (MASSEY, 2004).

2.5.6 Redes juvenis

A cultura como foi visto, tem abrangido a afirmação de pluralidades, das identificações e diferenciações de interesses, dos movimentos sociais e da emergência de novos atores sociais, que se posicionam numa nova geometria do poder, que lutam pelo reconhecimento e direitos de manifestar suas expressões e posicionamentos públicos, que se agregam em pontos nodais na sociedade. Como afirma Hall (1997), a cultura é um novo campo de lutas em torno dos significados. E se o espaço é compreendido na sua extroversão (MASSEY, 2004, 2008), as culturas que constituem um dos motores desse dinamismo também implicam a busca por autonomias, para relações que se orientam para fora, desencaixando-se dos seus contextos locais e reencaixando-se em outros espaços, ou nestes próprios contextos locais mas de um outro modo. Pode-se falar da periferia como um espaço extrovertido, como também das culturas urbanas que se originam na periferia e se espalham por diferentes escalas e se territorializam em outras periferias, adquirindo ou acrescentando outros sentidos.

Todo este processo, que é vasto, e apresenta tantas nuances, particularidades e desafios de compreensão, necessariamente inclui a instância das subjetividades, em que os projetos ganham tangibilidade, conforme ocorre a cristalização dos encontros entre os agentes, da descoberta de afinidades, das convergências de gostos, dos compromissos afetivos e/ou estratégicos, no reconhecimento dos mesmos enfrentamentos na vida. De modo mais especifico a esta pesquisa, a escola, a rua, o bairro, e mesmo as festas oportunizam a proxemia (MAFFESOLI, 1998), o enturmamento entre os jovens da periferia. Suas redes sociais constituem uma peça importante no entendimento da força e dos recursos mobilizados para que possam saltar as escalas, compor territorialidades, elaborar seus fluxos.

Neste sentido, não se pode negar, como destaca Marie-Christine Fourny (citada por LINDÓN, 2006), que muitas das interações entre sujeitos se dão em um universo social multipolar, onde se tecem diferentes territorialidades reticulares, sujeitos que vivem em grupos diversos e dispersos, constituindo-se em diversas redes que são tecidas em torno de estilos de vida. Enquanto a cultura e identidade lembram as convergências em torno de rituais, regras, valores e simbolismos, o uso do conceito de "rede" vem ampliar estes aspectos, enfatizando como são elaboradas estas convergências em que o espaço e as tecnologias têm um papel importante nos enredamentos na vida social.

Outra inspiração está na ideia da rede, como instância para buscarem refúgio, segurança e mesmo a potência para as práticas sociais. Magnani (1996) também observa que, pertencer a uma rede é seguir certas regras de lealdade e até proteção, quando se aventuram para a diversão fora de seus espaços de origem. Machado País (2003, p.114) também reconhece os grupos de amigos como redes onde os próprios jovens além de compartilharem práticas, acessam um espelho de suas próprias identidades, onde fixam similitudes e diferenças e desenvolvem seus desejos e diversões num "tempo coletivo".

O conceito de **redes juvenis** permite falar de nós, de fusões, divisões de redes, de territorialidades reticulares, da efemeridade das interações e até mesmo das conveniências e tecnologias que possibilitam as redes se formarem para uma determinada festa. As redes também parecem abrir possibilidade de maior detalhamento para o entendimento das clivagens dentro de uma mesma microcultura ou cultura juvenil, que costuma ser vista como estável e homogênea[52]. Redes que estabelecem acordos ou dissidências em torno de valores, regras e visibilidades – e que fazem com que as culturas juvenis sejam, elas próprias, campos de disputa, como reconheceu Turra Neto (2012), para as culturas juvenis punk e hip hop.

[52] Penso na minha própria experiência juvenil com o movimento punk em Bauru, onde talvez eu mesmo, como outros amigos, tinha com o "punk" um pretexto para estar com aqueles que tinham as intenções parecidas para se divertir na noite e escutar músicas *hardcore*. A chamada atitude "punk" sempre foi algo controverso e cheio de matizes que, para nós, era melhor deixar de lado e simplesmente fazer o que queríamos fazer. Nos eventos, era possível ver que erámos mais uma pequena rede numa constelação de redes punks que fazia parte daquela confusão, anarco-punk, punks da morte, punks OI, punk socialista, punk verde, punk nazi, punk dos subúrbios, e que mesmo entre nós havia aqueles que aderiam em paralelo a algumas destas outras redes.

A ideia de privilegiar as redes juvenis**,** como instância mais elementar para compressão das práticas de sociabilidade, foi adquirindo importância e corpo no desenrolar das interações com os jovens nas suas aglomerações, nas suas falas. O que enunciava, observando os jovens, e também com suas entrevistas, era primeiro uma variedade de encontros, de festas, formas de diversão, que podiam ou não ser reconhecidas e identificadas em relação a estilos e culturas juvenis. Mas que não eram sempre fechadas em si mesmas, em realidade, assumiam diversas combinações, retículas e misturas.

Redes que se conectavam a outras redes juvenis e que se comunicavam via plataformas diferenciadas, mas combinadas de mídias sociais. Portanto, o uso desta noção de redes juvenis surge de uma necessidade, de se perceber que os jovens das periferias que estudei se enredam em redes, retículas das mais variadas, na escola, trabalho, festas etc. Redes que podem se organizar, criar capital espacial, estarem visíveis nos locais de diversão. As redes juvenis permitem focar a fluidez das relações, das suas espacialidades, das suas identificações casuais, das suas escolhas aleatórias. Pois os jovens não se movem no espaço sem estarem se movendo em redes sociais também.

2.5.7 Escalas geográficas

Circular na cidade inclui produzir escalas de ação, estabelecer pontos de aterrisagem, compor paradas, itinerários, embarques, frequências, caminhos, trajetórias, tendo como base os destinos e arranjos espaciais que compõe o tecido urbano. O uso e menção do que se entende por escala nesta pesquisa tem como referência basilar a **escala geográfica.** O que deve supor o entendimento dos fenômenos a partir da extensão e dimensão que adquirem no espaço e não de uma escala prévia ou pré-estabelecida de abordagem do fenômeno (CASTRO, 2009 [1998]). Não é a escala que previamente determina a extensão do fenômeno, mas é a ação dos agentes que, neste caso, irá determinar as escalas pelas quais se materializa na cidade e suas conexões com um mundo mais amplo de relações espaciais.

A escala geográfica ou espacial vem tendo, nas últimas décadas, uma ampliação de seus usos empíricos e mesmo teorizações (MARSTON, 2000). Erick Swyngedouw (2004) destaca, neste sentido, já na virada do século XXI, o grande número de trabalhos que passaram a discutir, desde a produção social das escalas, como também as transformações escalares no âmbito da política econômica e no avanço do capitalismo. Lista algumas frentes de trabalho como: 1) a ênfase nos modos de fazer e refazer social, político e econômico com base nas organizações escalares; 2) atenção nas significativas diferenciações escalares quanto a posição de grupos sociais e classes numa geometria do poder do capitalismo; 3) estudos que enfocam as estratégias escalares mobilizadas por elites ou grupos sociais subalternos. Dessa maneira, a escala tratada pelos geógrafos foi adquirindo uma concepção mais dinâmica e essencial nas análises socioespaciais, pois passou a permitir pensar os fenômenos espaciais projetados numa perspectiva escalar que inter-relaciona **extensão, nível, relação, movimento e poder**.

Esse escopo aumentado da escala espacial não mais se reduz a uma concepção cartográfica, ou seja, de uma relação de proporção entre um fenômeno em sua manifestação real e sua representação gráfica, algo que se busca determinar como tamanho, abrangência e sua relação com outros objetos espaciais. A escala espacial ou geográfica tende a ser referida cada vez mais como uma **construção social**, que também pode ser determinada graficamente, mas o que importa é a análise de como são construídas e determinam relações sociais e de poder entre diversas instâncias da sociedade, como as forças econômicas, as esferas de regulações estatais e a luta social em torno de uma geometria de poder. Para Sallie Marston (2000), o teor relacional da escala seria constituído e reconstituído em torno das relações de produção capitalista, reprodução social e consumo. Estes seriam os conjuntos cruciais para entender atualmente a produção da escala social.

Tomando por base esta perspectiva, a escala também está inserida nas relações entre forças estruturais e práticas de agentes sociais. Sendo assim, a escala não é componente desprezível da realidade social, mas faz parte das estratégias e das práticas de diferentes agentes na produção de espacialidades. Assim, a questão é como escalas são constituídas e transformadas no âmbito das relações socioespaciais (MARSTON,

2000). Por exemplo, até onde se atinge a influência de uma política estatal, o quão são abrangentes as práticas socioespaciais de certos grupos sociais na cidade.

Outro aspecto muito presente nas discussões em torno da escala espacial são as relações de poder. Swyngedouw (2004) destaca a relação da escala com o poder, em que as políticas de escala são também processos socioespaciais na regulação e organização social das relações de poder. Swyngedouw (2004) lembra que o poder se estende e é dependente do nível espacial, ou da escala em que determinados atores operam. Sendo assim, uma efetiva estratégia política, social ou mesmo econômica leva em conta as estratégias de mobilização escalar. Por isso, também a escala é uma chave para a discussão da luta social e movimentos de resistência.

Consideração importante é que as escalas também não são níveis absolutamente encaixados, como se o global incorporasse o nacional e este o regional e o local de forma fixa e perfeitamente ajustadas. O que pesquisadores como Smith (1988) e Brenner (2013) destacam são as interconexões entre as escalas, suas articulações e sobreposições. Brenner (2013) destaca estudos de Doreen Massey, Edward Soja e Neil Smith, que inseriram a questão urbana dentro de escalas supraurbanas, como da divisão espacial do trabalho, desenvolvimento espacial desigual e dos impactos das crises econômicas. Desse modo, as escalas passaram a ser pensadas de maneiras variadas e sobrepostas, o que abre campo para se discutir a questão urbana na interlocução com questões supraurbanas, reconhecendo questões regionais, centro-periferia e desenvolvimento desigual.

Outros avanços saltaram das questões de interconexão e sobreposição e passaram a discutir as próprias transformações dessas hierarquias e relações escalares. Brenner (2013, p.205) destaca que, nos anos de 1990, os geógrafos e geógrafas viraram-se para as questões acerca dos "processos globais de reestruturação urbana e regional". Foi se pensando sobre a cidade não apenas na sua escala urbana, mas nas "redes interescalares" e outras "hierarquias escalares" em que estavam inseridas e nos processos de reescalonamentos supraurbanos que estavam acontecendo. Nesta mesma linha e antes de Brenner, Smith (1988) destaca três níveis escalares primários para discutir as transformações do capitalismo: A escala global, onde se dá os grandes ciclos de crescimento e de crise capitalista; a escala do Estado-Nação, fragmentado e

alimentado por ideologias e formas de regulação; a escala urbana onde se centralizam os processos de produção e circulação capitalista. Contudo, em sua abordagem, o capitalismo se espacializa ao articular as três escalas, ao mesmo tempo que estabelece uma hierarquia sistêmica, mantem e viabiliza processos de circulação e produção que intersectam as três escalas. Os movimentos do capital visam integrar e as vezes desarticular os territórios com base nos objetivos de acumulação e remanejamento da força de trabalho, ou seja, o capitalismo não apenas está envolvido com a produção do espaço, mas com a produção da escala, que resulta num desenvolvimento desigual.

Um dos trabalhos de Neil Smith (1988) toca na questão da diferenciação socioespacial urbana. Usa de uma concepção dialética entre equalização e diferenciação. Segundo esta concepção, a diferenciação, que é a mais forte tendência nas cidades, seria um processo dominante na escala urbana, pois o espaço urbano seria afetado pela divisão do capital produtivo, que busca maximizar sua renda fundiária e através de diferentes usos da terra urbana; ao mesmo tempo em que o Estado, através de investimentos em infraestruturas e bens de consumo coletivo, pode criar ou não uma complementariedade com o capital produtivo.

Penso que deve ser chamada a atenção sobre esta inter-relação de escalas, tal como também lembra Castro (2004), quando salienta que na reestruturação da cidade a internacionalização dos mercados também aproxima pessoas e experiências, mas, a mesma autora pensa que o local e o autóctone estariam sendo esquecidos.

Um avanço de Neil Smith foi buscar articular estas escalas, começando pela situação concreta em que a construção da escala no nível da cidade tende a ser o local onde se intensificam as lutas políticas, onde o capitalismo ganha cara e corpo, onde a concorrência e a cooperação têm diferentes impactos sobre os grupos sociais. Foi com esta perspectiva que se possibilitou chegar até o nível dos grupos sociais, também agentes na criação de suas próprias políticas de escala, o que inclui em algumas das suas abordagens, até escalas mais refinadas como da casa e do corpo (MARSTON, 2000). O que fica bastante claro nos estudos de Neil Smith é que a produção da escala tem implicação com o Estado e o capital (MARSTON, 2000).

Um estudo conhecido de Neil Smith (2000) nessa linha, trata da transposição de escala por agentes sociais na escala da cidade, de seus espaços de relações, onde os

limites territoriais são transpostos. O autor descreve como os sem teto na cidade de Nova York passam a contar com "carrinhos" que servem de abrigo e proteção, favorecendo seus deslocamentos no encontro de locais mais favoráveis na cidade, já que, assim, podem deslocar seus objetos pessoais e estacionar em qualquer lugar para descansar ou perambular depois. Isso implicou maior visibilidade, maior mobilidade e, consoante a tudo isso, de forma simbólica e material, os sem teto afirmam uma nova territorialidade, que subverte o imobilismo e o confinamento a que estavam submetidos.

Outro ponto de vista adicional à concepção de escalas produzidas pelos sujeitos e que levo em consideração é a maneira como Certeau (1994) fala dos itinerários dos praticantes da cidade, em que as ações espacializantes destes praticantes (poder-se-ia ler dos agentes sociais), podem projetar ou alterar a maneira como se organiza ou ordena os locais. Seus movimentos, seus trajetos e escalas podem se dar num campo de possibilidades e inventividades, conferindo vida dinâmica à cidade, maneiras diferenciadas de cada grupo de hierarquizar os locais de encontro na cidade, ao ligarem por suas escalas e trajetórias diferentes pontos, uma entre outras maneiras de organizar o espaço, também aquilo que Turra Neto (2015) irá conceber como a **produção de lugares**. Deve-se dizer que o conceito de escala e de itinerário em Certeau (1994) igualmente guarda muita proximidade com o conceito de *trajeto*, explorado nos trabalhos de Magnani (2005) para entendimento dos circuitos juvenis nos espaços da cidade, que também abrange a ideia de fluxo e deslocamento dos jovens para além de seus espaços de origem e na sua relação com outros arranjos espaciais.

Mas é indispensável também destacar que os agentes sociais em seus trajetos, transposições, circulações entre outras formas de produzir escalas, são afetados pela produção do próprio espaço urbano, que configura no seu devir condições também particulares para as circulações e movimentos dos agentes. Uma cidade pequena, onde a vida social se aglutina em poucos espaços de partilhas e trocas, ainda constituída de uma monocentralidade e não afetada de forma significativa por uma expansão urbana, pode implicar que as escalas dos agentes sociais, mesmo assumindo a existência de diferentes clivagens sociais e simbólicas, serão menos extensas fisicamente, além de que as escalas do cotidiano (ida ao trabalho, escola, supermercados) podem abranger a escala da cidade como um todo, os investimentos em saltos de escala, transposição e

reescalonamentos (por exemplo, necessidade de mudança de local de moradia para estar próxima do trabalho) serão provavelmente menores ou menos impactantes. Em suma, a escala dos agentes tem relação também com nível de escala da cidade, com a produção de seu tecido urbano[53].

Diante destas propostas e entendimentos, assumi, nesta pesquisa, a possibilidade de entender as práticas de diversão dos jovens das periferias, como produtoras de escalas, sobretudo, sob impacto das mudanças do espaço intraurbano[54] da cidade, onde se vai estabelecer algo fático como os encontros e territorialidades dos jovens da periferia pobre. E também suas diferentes maneiras de criar trajetos, de produzir hierarquias espaciais, conforme suas estratégias e intencionalidades. A partir das observações e interpretações em campo, é possível afirmar que os *rolês* são um tipo de escala e poderiam se alterarem ao longo das gerações, abrangendo múltiplos tentáculos culturais e identitários. Deve-se também aqui atentar para a dimensão política, pois se conecta com as formas, como grupos que eram vistos em sua marginalidade espacial e social, mas que agora podem "saltar as escalas", ou seja, se desencaixarem dos lugares aos quais, às vezes propositalmente, foram confinados.

Em síntese, escalas móveis entendidas como uma permanente construção social e política, visto que têm influência na visibilidade e encontro das diferenças na cidade. Seu significado político decorre do fato de que a condição e a transposição espacial dos grupos sociais segregados tornam-se fatores daquela nova experiência urbana que, apesar dos distanciamentos sociais e simbólicos e das novas formas de segregação, ainda apresenta a interação entre os diferentes e desiguais e os conflitos e negociações daí decorrentes em face de diferentes operações espacializantes.

[53] Essa concepção quanto a interferência da escala da cidade na escala dos agentes resultou de uma abordagem do Prof. Nécio Turra Neto em nossas discussões sobre o problema das escalas produzidas na cidade.

[54] Apesar da atenção voltada ao intraurbano, também muitos *rolês* de grupos ligados a certas culturas juvenis, escapam desta escala, no sentido da abrangência de suas raides transbordarem para uma escala interurbana.

2.5.8 Culturas transterritoriais e transescalares

O prefixo "trans", sugere algo que "vai além de", num sentido mais genérico, a territorialidade que se expande para além de um território original, que atravessa outras territorialidades. Podem ser encontrados dois sentidos de como se é entendido o conceito de transterritorialidade: aquela realizada por pessoas e grupos, e, outra, quanto ao caráter transterritorial da própria cultura (conteúdo simbólico).

Nos estudos sobre o hibridismo cultural, Canclini (2013) passa a usar este termo com o entendimento de que artefatos e símbolos de culturas locais podem sofrer apropriação pela indústria cultural, dos meios de comunicação de massa, transformando-se em informações e referenciais identitários que ganham projeção, expandem suas escalas de abrangência espacial e se tornam globalizadas.

Haesbaert (2012) dialoga com a ideia de hibridismo cultural de Canclini (2013), transportando a questão para o espacial, em que o sujeito, na sua circulação por territorialidades marcadas por outras identificações culturais e étnicas na cidade, vai se deparar com outras maneiras de conhecer o outro e se dar conta de uma pluralidade. A transterritorialidade se conjugaria com este sentido de hibridismo, que seria o trânsito entre diferentes territórios, mas também assumindo uma condição híbrida, ou seja, é um estar-entre territorialidades, uma alternância que se transforma nestes atravessamentos e/ou vida nos múltiplos territórios, que efetiva uma mescla cultural (HAESBAERT, 2009; HAESBAERT e MONDARDO, 2010).

Aplicando outro sentido, Turra Neto (2012a; 2012b) também se inspira em Canclini (2006), quando este autor destaca que as culturas e identidades pós-modernas são transterritoriais e multilinguísticas, cada vez menos dependentes de interações próximas e mais conectadas com a produção cultural e novas tecnologias. Diante disso, propõe acentuar o caráter das conexões entre lugares e a transterritorialidade de culturas juvenis. Ao estudar grupos juvenis punk e hip hop em uma cidade de porte médio, articula a dimensão espacial e temporal, para relacionar o modo como os jovens, em diferentes gerações, desenvolvem suas atividades de lazer no tempo livre; e como

as estéticas e culturas juvenis de outros centros urbanos, de outros países, territorializaram-se naquela cidade do interior.

A transterritorialidade, que se opera neste caso, tem por base que culturas juvenis necessitam de condições técnicas, contextos urbanos que possam favorecer sua receptividade ou aterrisagem na cidade, ou seja, que jovens encontrem possibilidades para incorporar essas culturas transterritoriais. E daí ampliar suas redes de sociabilidade em torno dos elementos dessa cultura exterior, constituindo-se em redes que vão, por sua vez, territorializar-se em alguns locais da cidade. São essas condições que permitem condensar a implantação da cultura juvenil na cidade e, ao mesmo tempo, dar-lhe particularidade.

Depreende-se que enquanto em Haesbaert a transterritorialidade implica agentes que saem e entram em múltiplos territórios culturais, em Turra Neto são os estilos, referências identitárias e conteúdos simbólicos que entram e saem, que atravessam fronteiras, de modo que as culturas juvenis passam a participar da produção dos lugares onde aterrissam. Porém, como são contextos socioespaciais diferentes, estas redes de sociabilidade juvenil podem ser similares as redes de origem de uma determinada cultura urbana, mas não são homogêneas. O que existe é um diálogo entre redes juvenis distantes, mas tendo em comum uma mesma base de referência identitária e cultural.

No sentido aplicado por Turra Neto (2012) torna-se fundamental que para existir a transterritorialidade, exige-se um contexto técnico e socioespacial que a viabilize. Ou seja, é um processo também acompanhado das mudanças nas estruturas socioespaciais na cidade que, na longa duração, abrange diferentes gerações e alteram as condições para interações sociais e oportunidades para estas transterritorialidades culturais aterrissarem. Portanto, a transterritorialidade ocorre também como sincronia, articula-se e atravessa territórios, mas aterrissando em espaços-tempos concretos que têm suas próprias trajetórias (TURRA NETO, 2012, 2014).

Outra força que age sobre a difusão destas culturas transterritoriais seria a da indústria cultural e/ou cultura de massa que, ao se apropriar de símbolos, estilos e performances nos territórios de origem destas culturas, transforma-os em objetos

mercadológicos e consumíveis, para uma diversidade de públicos e segmentos de consumidores em escalas muito mais amplas.

Contudo, levando para a questão da transterritorialidade cultural (e não pelo lado da transterritorialidade enquanto uma variação da múltipla territorialidade dos agentes sociais), todo este processo se faz em torno de escalas. Turra Neto (2008 e 2012b) nos dá uma pista importante, quando fala em "aterrisagem" destas culturas em outros locais, ao mesmo tempo que elas não se espalham como manchas de óleo no espaço, mas se espacializam por meio de redes de sociabilidades juvenis que, ao mesmo tempo, são reforçadas por elementos culturais e identitários comuns. Esta abordagem supera a ideia de simples "difusão", como algo que tem o poder de se autorreproduzir, espalhando-se no espaço como um vetor de mudanças e impactos que independem dos contextos locais, materiais e técnicos, assim como a territorialidade do processo que se faz sob diferentes formas de identificação e apropriação, resultando em misturas e formas híbridas.

Sem embargo, a questão que viso abordar, já que se fala em aterrisagem, pode-se falar em diferentes trajetórias que vão configurar o desencaixe destas culturas, ou melhor, que uma determinada cultura se desencaixa e se faz sob diferentes escalas ou oportunidades materiais e espaciais. Vou dar um exemplo concreto do que penso sobre a relação entre transterritorialidade e escala. No contato com os *jovens do wheeling*, na cidade de Marília, fui descobrir mais tarde que a bandeira do grupo, ou sua filiação, derivava de um grupo já estabelecido na cidade de São Paulo. Era desta cidade, nesta relação interescalar, que estavam as referências do grupo daquela cidade média. Não obstante, a *cultura wheeling* tinha sua origem cultural na Califórnia, nos Estados Unidos, nos anos de 1970. Ou seja, a cultura do *wheeling* nem tinha começado em São Paulo, foi em realidade fazendo escalas, sofrendo adaptações nas ruas, práticas, misturas e outras dinâmicas particulares, consoante às redes de sociabilidade e com referência às localidades onde fez aterrissagens, ou seja, perfazendo diferentes transterritorialidades. Os valores, culturas e estilos viajam, mas por meio de forças ou mecanismos que dão o poder de viajar e aterrissar e compor diferentes escalas. E de se tornarem territoriais quando redes de sociabilidade se apropriam ao seu modo destes conteúdos simbólicos.

Se meu entendimento está claro sobre isso é que para haver transterritorialidade cultural é necessário existir a condições para que o conteúdo cultural possa fazer escalas. Uma cultura para ser transterritorial precisa ser antes, ou ao mesmo tempo, **transescala**r. Para uma cultura se transterritorializar, ela precisa de veículos que lhe deem condições para ampliar suas escalas. No contexto da modernidade, isso se deu pela disjunção espaço e tempo, ou seja, os conteúdos simbólicos podiam ser transmitidos às distâncias cada vez maiores e num tempo cada vez menor. Um dos maiores efeitos deste processo foi que a simultaneidade deixou de ser condicionada por uma base espacial fixa (THOMPSON, 2011). A simultaneidade ampliou o espaço, ou melhor, adquiriu maior poder de saltar escalas, atingindo o que se denomina de nível global.

O que permitiu essa transmissão e maior poder de saltar escalas dos conteúdos simbólicos e culturais foram as telecomunicações e suas estruturas materiais e técnicas (investimentos em estações transmissoras de conteúdo televisivo e rádio, torres de difusão, redes de recepção de sinais, novos aparelhos de recepção portáteis, etc.). Outro aspecto está na própria instância econômica e cultural, com a massificação da indústria da cultura e da mídia, com o aumento do fluxo mercantilizado da produção artística e bens culturais.

Sobre o impacto da difusão dos produtos da mídia: não somente novas redes de transmissão e recepção que são criadas, mas também surgem novas formas de interação e ação, novos tipos de relacionamentos sociais. No âmbito da televisão e do rádio, há novas formas de ação à distância, os programas e edições elaborados pelos produtores, ao serem comunicados e dispersos no espaçotempo, vão fazer parte de contextos de interação que podem afetar a vida cotidiana dos receptores (THOMPSON, 2011). É aí que se começa efetivamente uma transterritorialidade cultural, pois a existência de uma mesma base de referência que se torna nó de uma rede juvenil só podia fazer uma escala num determinado local do espaço a partir de um sistema de veículo para ser transmitido e acessado, assim como, em grande parte das vezes, uma indústria da mídia e da cultura que direcione esse fluxo de conteúdo simbólico e material para diferentes mercados de consumo.

Essas escalas, direções e fluxos de conteúdos simbólicos, que se projetam no espaço, não são desprovidas de intencionalidades lucrativas ou mesmo indiferentes aos

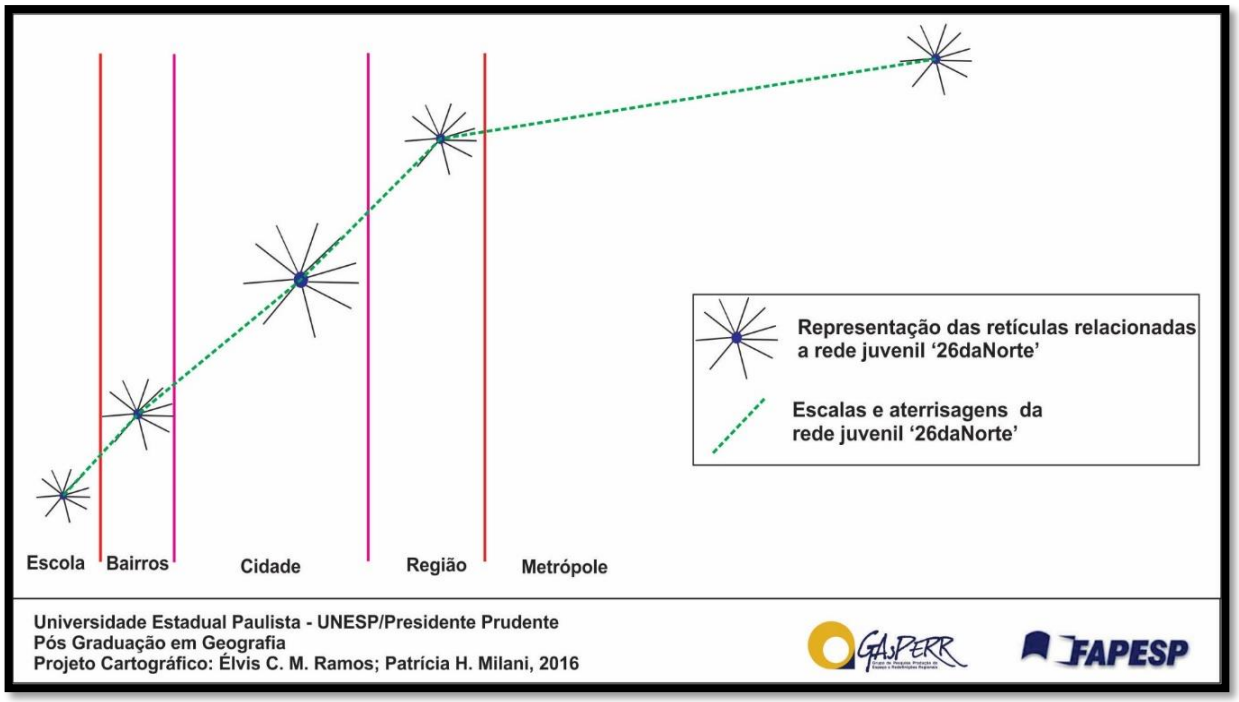
campos de poder e dos modelos econômicos. Há também aqui uma geometria do poder, em que certos lugares têm mais força e recursos que outros para instalar suas estruturas técnicas e absorver, redirecionar e criar conteúdo simbólico (como se dá muitas vezes com os espaços metropolitanos). Além da força dos agentes econômicos e culturais, como as indústrias midiáticas e culturais que exercem sua influência não somente na produção de conteúdo, como na sua distribuição e elaboração de formatos de consumo, conseguindo impor suas próprias escalas de distribuição de artefatos e produtos culturais.

Mas, ao mesmo tempo, é preciso considerar que os conteúdos simbólicos que viajam numa interescalaridade vetorizada por forças de mercado, ou uma indústria cultural e midiática ainda que desempenhem um papel determinante na transterritorialidade cultural e simbólica, conquistando certa ubiquidade através dos sistemas técnicos (telecomunicação, compartilhamentos digitais e online, telefonia etc.) não ocorrem por meio de uma recepção passiva (THOMPSON, 2011), em realidade as redes sociais locais que se formam em torno de suas preferências, estilos e comportamentos externos, também reelaboram com seus recursos, influências locais, agenciamentos, outras possibilidades de materializar com diferentes particularidades as transterritorialidades culturais.

O significa dizer que as redes juvenis, mediante seus recursos locais e capitais também agem na reelaboração, criação de conteúdos o que acaba por ter impacto nas suas formas de territorialidade e na particularidade de suas microculturas.

As conexões culturais e estéticas que ocorrem a partir de jovens da periferia, nestas cidades médias, tem como inspiração e referências simbólicas, os espaços metropolitanos nacionais, ou em escala internacional. Isso reafirma o papel intermediário dessas cidades, na questão das culturas juvenis. Há uma transação cultural entre essas periferias, mas no sentido de uma relação interescalar entre metrópoles, cidades médias e cidades pequenas. Abaixo, por meio da figura 2, destaca-se a cultura juvenil relacionada as redes de *wheeling*, jovens que investem em motos e em performances acrobáticas, cujas redes metropolitanas e nas cidades do interior de São Paulo vão se enredando a partir de seus espaços de sociabilidades e de relações interescalares.

Figura 2: Interescalaridade cultural e simbólica da rede juvenil do *wheeling* em Marília-São Paulo



2.5.9 Consumo

De início, parto da crítica de Canclini (2006) à ideia de consumo tomado apenas como realização de gastos por si mesmos, ou derivado de impulsos irracionais. Segundo o autor, é preciso ir além, tentando identificar o consumo como uma racionalidade política, econômica e psicológica, que faz parte da vida social, abrangendo discussões de cidadania e identidade.

Por este viés, as práticas de consumo são parte inerente das relações microscópicas, no nível do cotidiano, como também uma força mercadológica, que se lança neste mesmo cotidiano[55]. Forças econômicas e empresariais que, por meio de

[55] Lefebvre (1991 [1968], p. 82) fala da cotidianidade condicionada por um consumo dirigido: "Nesse sentido, a cotidianidade seria o principal produto da sociedade dita organizada, ou do consumo dirigido, assim como a sua moldura, a Modernidade".

diferentes estratégias racionais, estabelecem padrões de consumo e lógicas espaciais hegemônicas, impondo-se de forma massiva e excludente nos espaços de sociabilidade.

Como destaca Lefebvre (1991[1968]), o consumo abrange na mesma proporção da aquisição de bens, igualmente os discursos incorporados aos próprios objetos. Desse modo, não se pode pensar no consumo sem falar dos apelos, propagandas e representações sociais criados pela indústria do consumo e que vão reverberar também nos significados de *status* social e de ostentação. Não apenas os *outdoors*, os muros, os carros de propaganda, mas os discursos que acompanham invisivelmente, como uma aura, os objetos e mercadorias na cidade. Aqui entra um ponto importante, o consumo, também é gosto e preferências.

Obviamente que em uma sociedade estratificada e com profundos desníveis de renda e desigualdade de acesso a bens e serviços, estas estratégias acabam configurando-se em práticas de consumo que podem se desdobrar em outros elementos de diferenciação, com efeito espacial: como na segregação socioespacial[56], com base no habitat; e na fruição do lazer em espaços de consumo.

Com inspiração em Bourdieu (2007), outro efeito é o da dominação de classe, pois as formas do consumo também são formas de gosto, que se conectam com os *habitus* de classe, com o universo de aquisições culturais e materiais dos indivíduos, com as diversas maneiras como foram educados e socializados em termos de escolhas do que é possível e tangível dentro do seu universo de vida social.

Há instalada na sociedade ao mesmo tempo uma hierarquia de consumo e uma "hierarquia de consumidores" (SOUZA, 2003), em que o consumo é valor não apenas econômico, mas social e simbólico. Portanto, além dos desiguais recursos econômicos, deve-se ter em consideração, que cada classe ou fração de classe, tem diferentes e desiguais recursos para investimentos na educação formal e familiar, além da origem social que tem peso nos tipos de práticas de consumo. É nesse sentido que essas

[56] Ainda que haja variações sobre o uso do conceito, tenho entendido a **segregação socioespacial** como um processo de urbanização que se refere aos espaços evitados ou onde se erguem separações físicas na cidade, com base em representações e diferenças de classe social. Também abrange a condição de isolamento e as várias formas de exclusão que atinge alguns espaços da cidade.

práticas constituem marcadores de classe, além de funcionarem como parâmetros para julgamentos estéticos e de gosto. Uma hierarquia que vai do "bom gosto" ao que é inferior, em que os grupos e classes são distinguidos pelo tipo de consumo, pela maneira de adquirir e como se utilizam dos bens culturais ou materiais que consomem. E as ostentações podem tanto derivar da tentativa simbólica de tornar opaca a origem social e econômica dos agentes, como também constituir um tipo de "passaporte de classe".

Os discursos aliançados ao consumo, como os efeitos do consumo na diferenciação social, tal como destaquei neste capítulo, não encobrem totalmente os interstícios: as brechas e manobras, que existem e se renovam na vida cotidiana e, como apontou Paul Wilis (apud Martinez 2005), quando se fala em juventudes, também pode-se pensar no consumo num sentido identitário e em constante reconfiguração para outros vieses e práticas desconjuntadas às finalidades inicialmente programadas por outros agentes.

O consumo como tento mostrar, constitui-se de agenciamentos, é tanto uma consumação, prática e mesmo a causa material ou o que faz mover outros agenciamentos, outras práticas que subvertem, num certo sentido, ordens hegemônicas, ou delas retêm conteúdos e os modificam sob diferentes contingências e condições locais.

Assim, redes juvenis que se formam em torno de um produto ou estilo cultural, dentro das condições particulares de seus contextos locais, podem criar suas produções, como organizar shows, eventos, encontros e promover intercâmbios com outras redes juvenis situados em diferentes contextos espaciais. Sem contar que a conquista da transescalaridade e transterritorialidade de uma cultura do seu polo inicial (exemplo: hip hop em cidades como Nova Iorque e Detroit), para diversos pontos do espaço nacional e global, faz-se pelo estimulo do consumo.

Carrano (2001) na mesma linha, salienta que as mercadorias culturais, não comunicam uma autoridade absoluta e explícita, quanto a outras formas de autoridade, como dos pais e da escola. Apesar de chegar com apelo e saturação, com a finalidade de capturar os jovens pelo consumo, estas mercadorias também acabam tendo o papel de mediar pertencimentos e construção de identidades. O que coloca, assim, o

consumo também no interior do cultural, pois se realiza num contexto de significação social. Em alguns casos, oferece um repertório pelo qual jovens podem, localmente, posicionarem como novos sujeitos políticos, pois, para além das intencionalidades dos agentes hegemônicos, como veremos melhor no capítulo 5, criam de fato seus próprios usos, funções em correspondência aos objetos e ao próprio espaço, paralelamente tendem a rasurar os discursos[57].

Um outro elemento importante do campo do consumo, ligado intimamente às práticas juvenis de diversão, é a noção de **economia da vida noturna (*night time economy*).** Robert Shaw (2010) faz uma breve retrospectiva deste conceito, chamando atenção para o caso da Inglaterra, ao tratar a maneira como os elementos de consumo, vida noturna e seus impactos vêm sendo abordados. Esse tema recebeu diferentes focos de análise, por exemplo, sociólogos e geógrafos, nos anos de 1990, concentravam-se sobre impactos da economia noturna, no que tange as questões como violência, saúde, danos aos centros da cidade, centralização do poder por parte de grandes empresas e cadeias de *pubs*. Problemas e distorções que foram relacionados à uma política neoliberal, baseada numa desregulação crescente, favorecendo os agentes privados, em detrimento de uma política de conciliação de interesses sociais, deram a tônica da formação de áreas especializadas em vida noturna em algumas cidades Inglesas.

Porém, Shaw (2010) também destaca outros aspectos da economia da noite, que se orientam para o enfoque das subjetividades, que emergem dos aspectos culturais. No Brasil, nesta linha, a bibliografia não é ainda considerável. O trabalho de Souza, Sánchez e Góis (2013), sobre o bairro da Lapa, na Cidade do Rio de Janeiro, evidencia a emergência de um cenário das atividades comerciais e de lazer em outras épocas, onde destacam a força da materialidade com suas inovações arquitetônicas e funcionais, que alteram o imaginário espacial e o plano das sociabilidades do bairro, recriando, além da **centralidade material**, também uma **centralidade simbólica**, relacionada a

[57] Essa ideia de "rasura" pode ser exemplificada no fato curioso que ocorre com algumas empresas famosas e de luxo, que preferem que seus produtos não sejam associados a certos grupos juvenis, pois estariam depreciando as marcas e grifes junto a seus clientes mais tradicionais. Algumas reportagens já trazem essa questão, com em "Marcas de grife têm vergonha de seus clientes mais pobres", por Camila Neumam, Notícias UOL, em São Paulo 03/02/2014. Disponível em http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/03/marcas-de-grife-tem-vergonha-de-clientes-mais-pobres-diz-data-popular.htm. Acessado em 04/02/2015

identidade do bairro. Como se verá no próximo capítulo, a economia da noite e os locais de consumo são memórias de locais grafados no espaço que ajudam entender as opções de lazer e as atribuições sociais e estéticas dadas a estes locais de diversão e lazer. Desse modo, com base nestes estudos anteriores, buscarei vincular a economia da vida noturna ao aspecto comercial e econômico, relacionado aos bares, restaurantes, festas, assim como, aos impactos desses agentes junto as transformações da cidade.

Em relação aos agenciamentos juvenis, levarei em consideração o efeito do consumo nas suas visibilidades internas em suas redes juvenis, como na visibilidade bifronte. A forma como consomem, ostentam ou criam coreografias com o tipo de gosto e consumo não apenas atua na construção de suas identidades, como também é julgada pelos outros em termos de diferenciação social.

2.5.10 Visibilidade social e bifronte

O que chamo de visibilidade social emerge das relações sociais. Como destaca Thompson (2011), os indivíduos se ocupam constantemente das atividades de expressão de si mesmos em formas simbólicas ou de interpretação das expressões usadas pelos outros; eles estão continuamente envolvidos na comunicação uns com os outros e na troca de informações de conteúdo simbólico. Estas informações trocadas podem ocorrer na comunicação face a face, ou por meios técnicos de fixação e transmissão.

Mas, a extensão que busco dar para a visibilidade social, abrange não apenas a troca de informações, mas a identificação e projeção de valores, em que o corpo neste processo é central. No pensamento bourdieusiano, Medeiros (2011) ressalta a ideia de que o corpo se comunica, uma vez que demostra emoções, como aversão, aceitação, sexualidade. Comunica-se na gestualidade e cada pessoa segue um esquema corporal social.

Os projetos de visibilidade pessoal operam por meio de estruturas interiorizadas e se exteriorizam em individualizações. Por exemplo, os jovens encontram nos estilos e marcas de roupas inseridos já na sociedade, não apenas bens utilitários, mas um capital simbólico que, por sua vez, estrutura-se num sistema de valores instituídos dentro de uma certa formação social ou de classe. Muitos se educam nestes valores, investem nestes bens e na corporeidade, constituem individualizações, mas que ocorre num processo de socialização. Desse modo, o que se aprende com o corpo no cotidiano se constitui em esquemas sociais incorporados. Por isso, também, não se está representando papeis ou um personagem, em realidade a expressividade corporal mostra identificações, uma imagem de si para o mundo (MEDEIROS, 2011).

Assim como, os sujeitos sociais também buscam expressar valores, participar de um sistema de classificação, obter lucros na comunicação de um conteúdo simbólico, distinguem e são distinguidos. Contudo, no caso dos jovens que fazem *rolês* nos shopping centers, *jovens do funk ostentação* e mesmo as redes de *jovens das baladas*, como se verá à frente, há uma reduplicação desses esquemas, de um lado, incorporam estilos, às vezes, formatos de outras classes, mas traduzem essa classificação em seu meio, em suas redes de sociabilidade.

Outro ponto que viso chamar atenção é que a visibilidade, dentro de um sistema de relações sociais numa determinada formação social, também incorpora e se utiliza de estruturas espaciais. Penso em poder ilustrar algumas descrições sobre as redes juvenis da periferia que, ao atingirem com suas escalas certos locais de diversão, incorporam o sentido destes locais, suas instalações e programações, para ressaltarem suas visibilidades, ações que coordenam a diversão, o corpo e o espaço.

A diversão, pois, oferece os jogos, as interações, a ambiência festiva, onde o corpo se integra num sistema de ações imerso na vida cotidiana e na copresença, tanto para manutenção de uma autoidentidade, como para uma espacialidade que se orienta para os outros e para o próprio *self* (GIDDENS, 1991). Ao mesmo tempo que o corpo também é uma forma de acentuar as diferenças e distinções, distanciamentos, nas maneiras de se portar para se apresentar, que se fazem sempre na relação com o mundo social (BOURDIEU, 2007).

A visibilidade social se estriba na copresença, quando os agentes se sentem suficientemente próximos para serem notados, percebidos em sua ação, o que incluem os contatos não mediados, como os mediados por mídias eletrônicas (GIDDENS, 2003).

Muitos dos investimentos no corpo, como roupas, acessórios, sapatos, assim como, o trabalho com o próprio corpo, constituem estratégias, agenciamentos na criação de um fraseado estético, que encobre e descobre o corpo para um determinado efeito na visibilidade, se conforma ao espaço, ou dele se alimenta. Ao mesmo tempo, dão conteúdo ao espaço. Estar no camarote, na área *vip*, ou dançar numa rodinha de amigos no *fluxo*, é aproveitar a estrutura espacial, ou muito frequentemente compor ações que se conformam ao que se tem previsto nestas estruturas.

Outro ponto é que a visibilidade está além da aparente ostentação. A visibilidade também é vitalidade, para os jovens é uma forma de dizer em suas redes sociais que estão sabendo aproveitar sua moratória vital.

Além disso, há uma visibilidade que é aquela que se estende a todo um grupo, como na mesma microcultura, entre os seus amigos e colegas próximos, o que Nestor Canclini (2006) vai chamar de **distinção simbólica** para falar do significado sociocultural desta distinção, que é ao mesmo tempo a busca de um reconhecimento e ao mesmo tempo alguma distinção entre seu grupo ou comunidade por meio do consumo.

Por sua vez, as construções de visibilidade podem ser interpretadas por outros agentes e grupos, fora da rede social ao qual os jovens de enredam. São muitas vezes, as interpretações de fora, o que provoca tensões, conflitos, mal-entendidos e até estigmatizações. E é isto, que designo de **visibilidade bifronte,** uma forma de enfatizar a concepção de que as maneiras como estes jovens elaboram suas projeções sociais na cidade e ao mesmo tempo de uma individuação em suas redes sociais, acaba por atrair outras atenções, que se materializam em ações e políticas de controle e cerceamentos, além de violência simbólica, como julgamentos de gosto e estigmatizações.

Todo este contexto, torna ainda mais explícita a geometria de poder a que suas redes e microculturas estão inscritas na cidade.

Apesar da ênfase no caráter bifronte que se produz a partir da construção de suas visibilidades em seus circuitos de diversão na cidade, não se deve ignorar, como

se verá ao longo das descrições, que ela atinge um caráter ainda maior que é o de uma visibilidade multidimensional. Assume vários matizes em suas práticas socioespaciais, pois é uma visibilidade elaborada por estes jovens em diversos contextos e sob diferentes estratégias, entre suas redes e microculturas, assim como dentro do bairro, nas mídias sociais, na escola e que se alteram ao longo de suas trajetórias de vida.

2.5.11 Conceitos êmicos e juvenis

Ao longo deste trabalho, algumas palavras e expressões criadas, entre os jovens da pesquisa, foram importantes para entender suas práticas e diferenciá-las. Tinham algo a dizer. Não somente eram carregadas de sentido, mas principalmente, revelavam uma pragmática, ou seja, a situação e contexto de uso das palavras. Como na teoria dos atos da fala de Austin (1990)[58], às vezes as palavras e enunciados não querem apenas descrever ou encerrar uma definição, mas indicar ações e performances. Dizer é fazer. Emblemam formas de sociabilidade, conjunto de ações repetitivas que passam a rotular e que revelam um mundo particular de sociabilidade. Neste caso, quando algum jovem fala *balada*, é mais comum entender que isso se refere ao ato de frequentar e/ou estar entre amigos, que curtem um tipo de circuito de lazer, geralmente é uma festa na noite, numa boate noturna, por exemplo. Ir para a balada, muitas vezes, não tem local definido. Trata-se mais de uma prática coletiva de sair à noite para se divertir – e um tipo específico de diversão, que envolve música, dança, bebida e muita, muita conversa.

Sempre há alguma referência a uma prática que combina vários aspectos lúdicos, de encontro, de consumo, mas que lembra ou recorda a despeito destas combinações, um tipo de situação que é mais conhecida ou específica entre os próprios praticantes. Ou seja, o entendimento da palavra, da gíria resulta de uma espécie de contrato entre

[58] A teoria dos atos da fala vem sendo empregada não apenas nos estudos de linguagem, como nos estudos sociais e filosóficos, como nos trabalhos de Jürgen Habermas.

aqueles que participam ou praticam a ação e que costuma ter maior eficiência na comunicação nos grupos onde ela mesma surge.

Isso se estende a outros termos empregados pelos jovens em torno de suas práticas socioespaciais. Portanto, junto das observações, entrevistas, também o uso de suas expressões, permitiam entrar no seu universo perceptivo, representativo e denotativo sobre as referências que lhe são centrais em suas práticas.

Outro aspecto é que algumas expressões pareceram ser uma oportunidade de tensionar os próprios conceitos analíticos, com a possibilidade de fusão, sobreposição e alargamento de seus usos e compreensões da realidade. Proporcionam um enriquecimento conceitual, sem necessariamente uniformizar as descrições, sem perder o colorido das expressões verbais e das práticas das redes juvenis. Por exemplo, *rolês* era uma expressão que carregava um tipo de espacialidade para o lazer, como denotava um estar junto com amigos no uso do tempo livre. Além disso, *rolê* indica um tipo de trajetória e escalas por entre um arranjo espacial na cidade, escolhido por estes jovens para suas diversões. Os trajetos no *rolê* nem sempre são aleatórios, mas, como Magnani (vários textos) já havia notado, os trajetos nas práticas de lazer passam por pórticos e pontos no espaço, estabelecidos como referência para o grupo.

Desse modo, os conceitos êmicos foram encarados nos trabalhos de Fredrik Barth (2000, p.11) como uma forma em que "a teoria tem que se adaptar à realidade, e não o inverso, isto é, as categorias êmicas são a base dos conceitos sociológicos, supondo uma sobreposição dos significados êmicos e científicos (...)". Desse modo, os falantes, praticantes, colaboradores não apenas nos favoreciam com informações para uma interpretação, mas ajudavam a encontrar nas suas realidades cotidianas e no lazer, outras possibilidades construídas de práticas socioespaciais que ampliavam o entendimento de uma base conceitual inicial[59].

59 Em realidade, a questão do tratamento dos conceitos êmicos não é algo pacífico. De um lado, existe o perigo de comparações apressadas entre conceitos científicos e conceitos nativos, em que pode prevalecer uma certa idealização. De outro lado, pode-se comparar conceitos nativos a partir de diferentes sociedades e culturas, sem se dar conta da variedade e complexidade destes conceitos na própria sociedade onde se dão seus usos e significados. O risco nesta pesquisa se reserva mais ao primeiro aspecto.

Outras expressões foram se tornando fortes, no sentido de seu uso estar presente e associado às práticas juvenis. Sugeriam alguma correlação com conceitos analíticos e sobre a particularidade de suas redes e territorialidades.

Além da *balada*, como um conceito êmico, *tudo junto* surge como um dos conceitos que, entre os jovens, no seu uso, traz a ideia de "estar junto", como de "quem estará junto". Isso sempre é um elemento determinante para se ir à festa. Porque, como dizem alguns, na festa vai estar *todo mundo*. Um *todo mundo* que faz referência àqueles que vão fazer parte da festa, amigos ou prováveis paqueras – todos os conhecidos, os amigos, os colegas e muitas outras pessoas novas, cuja presença na festa já indica alguma identificação e, portanto, abertura para o contato. Além disso, estes conceitos alimentam um sentido não apenas da natureza da diversão em si, mas que traz implícito que haverá alguma produção de escala e (micro)territorialidades nestes encontros.

Outro exemplo, o *fluxo,* recorda o conceito de fluxo em Geografia, ideia de densidade, movimento e direção, mas *fluxo* tem uso voltado a uma forma de *rolê* particular entre os jovens que tive contato. Abrange aquele estar junto, mas que forma aglomeração e de sentido restrito a uma festa. Em geral, é estar com amigos no mesmo embalo, na mesma ideia e no mesmo gosto. Assim, ir ao shopping center com todo mundo, é estar *no fluxo*, no mesmo embalo, na mesma sintonia. Por exemplo, juntos numa praça, onde todo mundo marcou encontro (sobretudo, usando as mídias como canal privilegiado de comunicação), é o *fluxo*. Dá a ideia de mobilidade, um movimento de ir, vir, passar, ver e ser visto, circular, do qual é preciso participar, é preciso *estar no fluxo*.

A expressão *todo mundo junto e misturado*, que tomo como outro dos conceitos êmicos que compõe o rol das expressões pelas quais os jovens falam das suas práticas de diversão na cidade, lembra um pouco a ideia de DaMatta (1997) de "diferentes, mas juntos", pela qual o autor busca destacar que, a cultura brasileira, apesar da hierarquia social, tende a relativizar as diferenças em prol de um tipo de conciliação entre os diferentes, no caso do carnaval. Nas descrições das redes juvenis que vão se seguir, a mistura, em muitas festas, circuitos e nas diversas formas de estar junto entre os jovens da periferia no seu lazer, apresenta essa peculiaridade cultural, que repercute na visibilidade destas redes e de seus participantes. Por exemplo, na festa do *fluxo*, jovens

do funk, do rap e do sertanejo podem estar juntos, convivendo em termos de sonoridade na mesma festa. Não é um processo híbrido, mas de mistura, de fazer aglomeração, de juntar e tangenciar possibilidades de visibilidade social na multidão. O *tudo junto e misturado* não é uma confraternização de classes, como se sugere no universo damattiano, mas uma ambiência produzida para gerar uma hiperfesta entre jovens da periferia. Abaixo destaco o Quadro 2 que ajuda a sintetizar uma ponte entre conceitos analíticos e êmicos nesta pesquisa:

Quadro 2: Quadro sinóptico dos conceitos geográficos e êmicos

Categorias de análise	**Elementos de observação**	**Elementos de compreensão**	**Conceito êmico e juvenil**
Escala	Vetores (para onde se vai) Trajetória Aterrissagens Barreiras físicas Locais de encontro Pontos Saltos Transposições Formas de mobilidade	Recursos econômicos; Recursos móveis; Meios que possibilitam aterrissagem; Barreiras geográficas Relação com níveis de escala (local, regional...); Relações culturais interescalares; Importância dos arranjos espaciais.	*Rolês* *Esquenta* *Baladas (circuito)*
Territorialidade e microterritorialidade	Cíclica Reticular Fixa Evasiva Zonal	Natureza das diferenças, conflitos e tensões territoriais; Diferenças socioespaciais no interior das festas e encontros.	*Pedaço* *Quebrada* *Zona Leste, Oeste etc.*
Rede e retículas	Amigos Amigos e colegas da escola Redes sociais Clubes, etc. Formas de compartilhamento de conteúdo e mensagens	Gosto e interesses comuns; Mediação face a face Mediação mediada e quase-mediada; (*WhatsApp, Facebook*)	*Tudo junto e misturado* *Galera* *Turma* *Família* *Bonde* *O fluxo*
Lugar (como dinâmica das espacializações na cidade)	Localização Fixos Fluxos Espacializações Estruturas espaciais Espaço público e privado	Dinâmica socioespacial proporcionada pelas circulações dos agentes na cidade; Intencionalidades das estruturas e formações espaciais; Capital espacial (recursos para as espacializações); Geometria do poder.	*Bailes* *Fluxos* *A balada* *Point* *Rachas*

Como se vê no Quadro 2, busco uma aproximação entre os conceitos geográficos e êmicos, alguns conceitos oriundos das práticas juvenis como *pedaço, quebrada, galera* também emergem nas descobertas etnográficas em outros trabalhos

(por exemplo: MAGNANI, 1992; DIOGENES 1998; CARRANO 2002;TURRA NETO, 2012), porém mais que uma aproximação que visa estabelecer sinonímias, há um sentido, de justamente não dar a eles apenas essa conotação, outrossim, de outras possibilidades e sentidos. Por exemplo, escala pode representar uma prática importante para diferentes grupos, mas que implicam tipos específicos de construções sociais, de sentido e de impacto nas suas circulações na cidade, esse caráter particular não se desliga da universalidade dos conceitos analíticos, mas os tensiona na sua capacidade de abordagem e revelam outras variações para seu uso. Deve-se esclarecer que este quadro sintetiza uma ponte importante entre os **elementos de observação** em campo (ações, artefatos, sistemas de objetos, formas espaciais, fluxos, ritmos etc.), são estes objetos que permitem transacionar conceitos analíticos e êmicos.

O próximo capítulo é onde viso oferecer um panorama sobre as gerações anteriores de jovens da periferia, mas também o sentido de mudança no campo da diversão nas cidades pesquisadas e como as redes juvenis e microculturas tornaram-se mais diversificadas, as barreiras e influências culturais nas suas sociabilidades relacionadas ao lazer.

CAPÍTULO 3: A CIDADE E OS ROLÊS DOS JOVENS DA PERIFERIA NAS GERAÇÕES ANTERIORES

Neste capítulo, pretendo traçar alguns resultados e descrições da espacialidade do lazer, sobretudo o lazer noturno nas cidades médias de Bauru e Marília, a partir dos anos de 1970. Aqui aparecem elementos importantes que auxiliam na compreensão de processos que estas cidades sofreram, de suas formas e estruturas espaciais, assim como na economia do lazer e de como gerações anteriores de jovens da periferia se ajustaram a estas transformações, que também eram culturais e tiveram impacto nas suas práticas de diversão.

A relevância deste capítulo para o entendimento do presente em termos de *rolês* dos jovens da periferia é captar o próprio espírito da mudança nas formas como os jovens de gerações anteriores construíam seu capital espacial para a diversão. Cidades cuja periferia foi se tornando cada vez mais distante da área urbana consolidada, onde os meios de mobilidade, como motorização e transporte coletivo foram surgindo e alterando as formas de circulação. Ou seja, de um lado os vetores de mudanças na ocupação urbana e na economia do lazer e de outro, os meios de mobilidade e estratégias construídas pelos jovens da periferia para compor seus circuitos de diversão em meio a estas alterações.

Desse modo, a atenção está voltada para as sociabilidades e o panorama sociocultural comum de jovens pobres que viveram na periferia de Bauru e Marília, ao longo de diferentes gerações. Quais recursos estes jovens tinham para saltar suas escalas e se tornar presentes nas áreas centrais? Em suma, como foram construindo suas formas de capital espacial e cultural para viverem as formas de diversão disponíveis, ou que estavam ao seu alcance em suas gerações?

Cabe reforçar ao leitor/a que as descrições que se seguem, como já anteriormente destacado no capítulo 2, estão respaldadas na memória de entrevistados que experimentaram as formas e ofertas de lazer nestas cidades em determinados

períodos[60]. Ao todo, foram realizadas dez entrevistas geracionais, além do recurso da netnografia (postagens, participação em grupos fechados e abertos no *Facebook*) e informações cartográficas e históricas obtidas em órgãos municipais, sobretudo na Câmara Municipal de Marília e na Secretaria de Planejamento Urbano de Bauru.

A estruturação deste capítulo ocorre a partir do **eixo de sucessão**, ou seja, mudanças espaciais, formas de sociabilidades e ações de agentes sociais descritos numa linha temporal, que distingue o ontem e o hoje, as mudanças e as permanências. Inspiro-me em Milton Santos (2006), que proporciona uma perspectiva elucidativa sobre o entendimento da produção do espaço, a partir de dois eixos temporais, isto é, este que ele próprio denomina de eixo das sucessões, que tem a ver com o tempo diacrônico, e o eixo das coexistências[61], cujo tempo é captado pelas sincronias no espaço, ou seja, quando as práticas socioespaciais dos diferentes agentes são acompanhadas nos seus tempos específicos e nas suas diferentes durações, num espaço urbano que lhes é comum no presente.

Embora as ações, estruturações e formas espaciais adquiram uma sucessividade temporal na cidade, há por outro lado, a possibilidade da identificação das permanências e rupturas, ou seja, as **continuidades e descontinuidades** que estão presentes nestes processos, e que foram aludidas por Lefebvre (2001 [1968]) para refletir sobre a produção de um espaço socialmente construído. Portanto, ao mesmo tempo em que é possível encontrar uma constante acumulação de estruturas e formas que constitui a densificação da materialidade produzida por diversas formas de relações sociais na cidade, também se concebe rupturas a respeito destas estruturas e dinâmicas, em face de diferentes lógicas e interesses, ou seja, organização espacial que altera e é alterada nas ações e práticas socioespaciais dos diversos agentes e grupos sociais.

Neste plano, seria oportuno lembrar de Certeau (1994), que nos convida a explorar a cidade dos seus caminhantes, dos **escritos, reescritos ou até sobrescritos**, que desafiam outras possibilidades ou as determinações fixadas pelas diversas forças e ordens. Uma cidade habitada pelos diferentes agentes sociais, como grupos, redes,

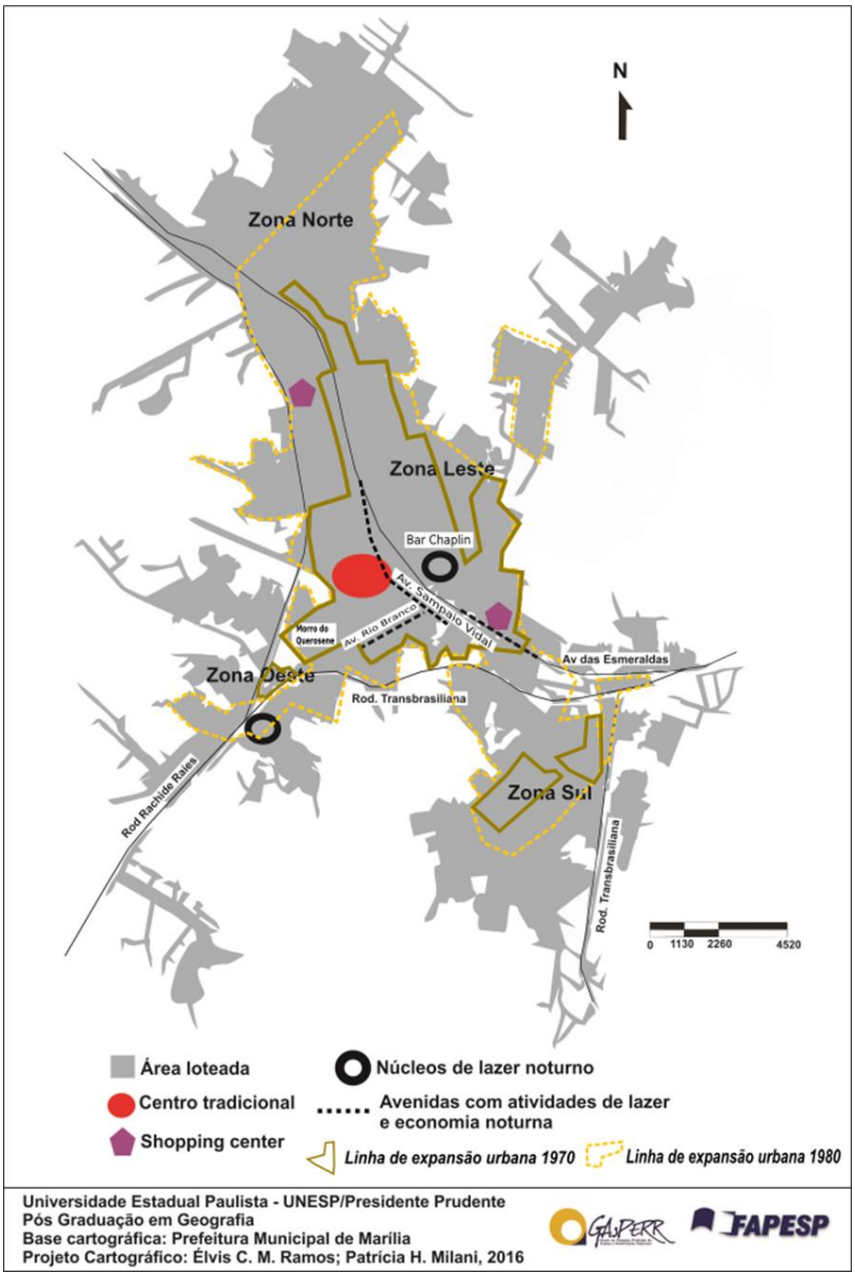
[60] No APÊNDICE D apresento um dos roteiros utilizados nestas entrevistas.
[61] A ênfase no eixo das coexistências será dada no capítulo 5.

classes e instituições, que no fazer de suas práticas socioespaciais revelam não apenas racionalidades, mas igualmente expressam sentidos e significados que se misturam com elementos do passado e presente e/ou das ordens próximas ou distantes.

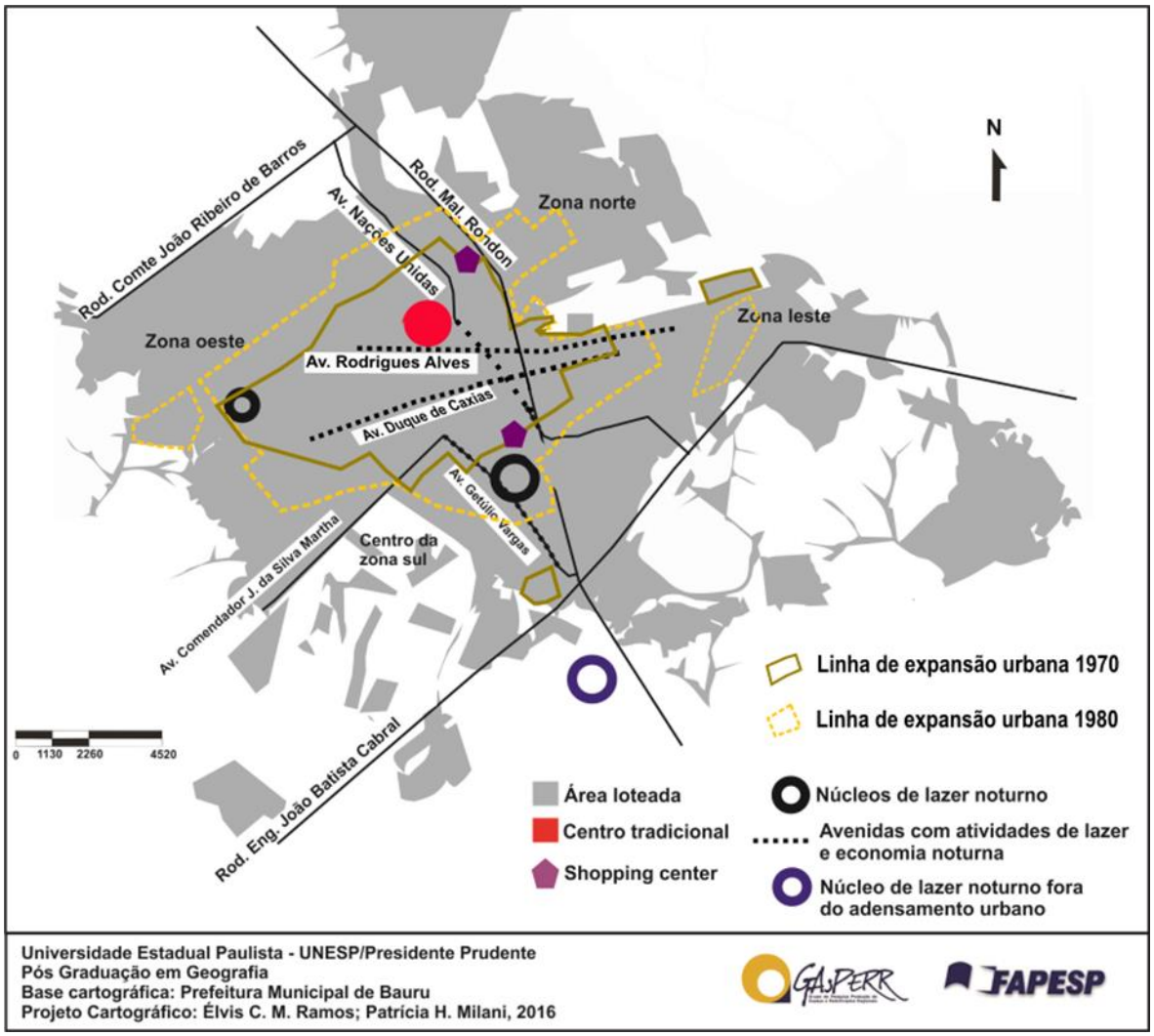
Abaixo dois mapas geográficos que serão importantes ao longo das descrições, para a visualização dos arranjos espaciais do lazer nas cidades médias pesquisadas. Destacam-se núcleos e eixos de lazer, sobretudo, noturno, assim como, algumas referências aos limites de expansão urbana destas cidades nas últimas décadas[62].

[62] Mapas como de Marília usei fotos de mapas antigos da cidade, encontrados na Câmara Municipal, porém tive como maior referência o mapa da evolução urbana da cidade (ANEXO B).

Mapa 1: Distribuição dos núcleos principais de lazer noturno em Marília



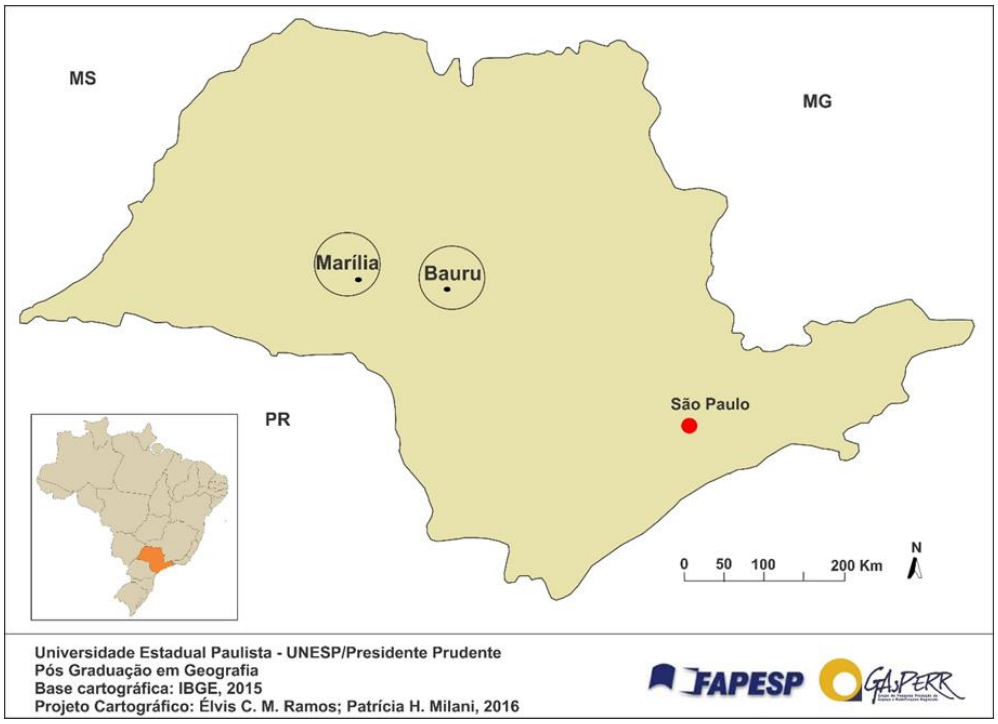
Mapa 2: Distribuição dos núcleos principais de lazer noturno de Bauru



3.1. A diversão noturna a partir de 1970

Bauru e Marília (mapa 3) são cidades que tiveram sua origem no contexto da expansão cafeeira no interior paulista, nas primeiras décadas do século XX, processo que foi acelerado com a chegada das ferrovias. O que eram núcleos de povoamento foram se tornando cidades importantes, na articulação do comércio e abastecimento com cidades próximas.

Mapa 3: Localização das cidades de Bauru e Marília no Estado de São Paulo



No geral, as duas cidades tiveram vários ciclos econômicos, relacionados a indústrias de beneficiamento de produtos agrícolas. Ainda que tenham sido ciclos flutuantes de crescimento e declínio[63], não deixaram de expandir seu tecido urbano e concentrar, ao longo das décadas, funções comerciais e de serviços (públicos e privados), em relação à rede urbana regional. O comércio, serviços e atividades administrativas foram se concentrando numa só área de cada cidade, até porque eram áreas que tinham estruturas técnicas para possibilitar a comunicação e trocas econômicas com outras cidades. Ou seja, uma vida mercantil que tinha se iniciado desde suas primeiras aglomerações de povoamento.

Estes centros comerciais vão herdando, simultaneamente, as formas do passado e as novas formas arquitetônicas e superfícies comerciais, estabelecendo diversidade de serviços e produtos para consumo, substituindo antigas casas comerciais e ativando novas ruas com funções comerciais. É para estes lugares que a vida social da cidade

[63] Melazzo (2010) apresenta estes ciclos econômicos de modo mais detalhado para o caso da cidade de Marília.

converge e, ao mesmo tempo, diverge espacialmente, pois, se de um lado, aí se encontra o *core* comercial da cidade e sua atratividade econômica numa escala regional, também é aí que se tornam visíveis os primeiros movimentos de expansão para novos eixos comerciais adjacentes.

É a partir destes processos que os centros comerciais de Bauru e Marília foram se definindo e se incrementando ao longo das décadas, até chegar nos anos de 1970. Período que se inicia o foco desta pesquisa, quanto à diversão e consumo no lazer entre os jovens das periferias.

Na década de 1970, Bauru e Marília contavam, respectivamente com aproximados 130 mil e 98 mil habitantes[64]. As formas urbanas de ambas as cidades apresentavam ainda fortes características monocêntrincas, mas com sinais de aumento da expansão urbana. Os centros comerciais de ambas as cidades se destacavam pela concentração dos equipamentos urbanos ligados ao consumo e serviços, que iam de atividades bancárias, até a venda de produtos agropecuários, assim como atividades de lazer, durante o dia e a noite.

Em Marília e em Bauru, até o início dos anos de 1970, o lazer durante o dia se restringia às atividades como: frequentar as salas de cinema (figura 3), sorveterias e sentar nos bancos das praças centrais, para encontrar algum conhecido, ou mesmo acompanhar visualmente, numa forma contemplativa, o ritmo de vida diário no centro. Durante a semana, o centro apresentava uma forte vida comercial e produtiva. E à noite, prosseguia o funcionamento de alguns bares, sorveterias e cafés. Os cinemas davam o ritmo da noite, onde se viam as maiores aglomerações e gastos com entradas e alimentação.

[64] Dados da Fundação SEADE. Censos Demográficos de 1940 a 2000

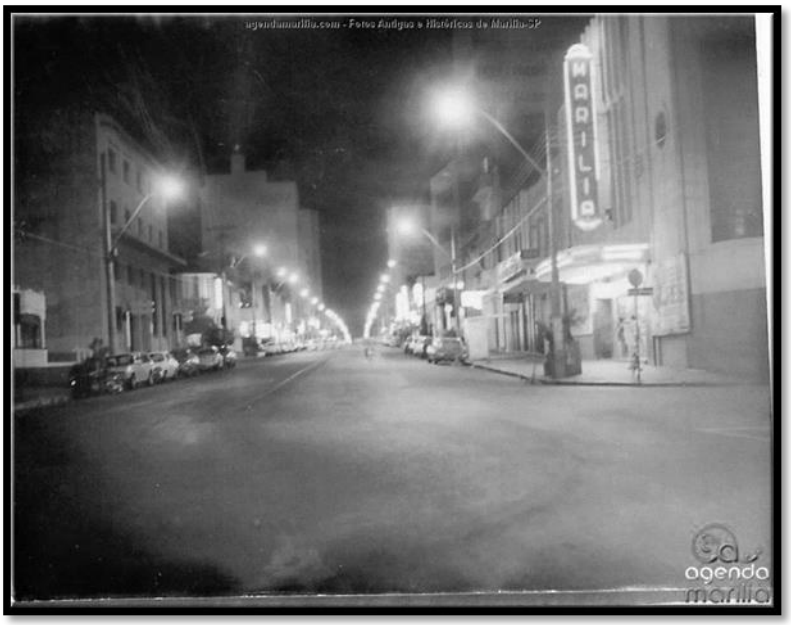


Figura 3: Avenida Sampaio Vidal e o Cine Marília – anos de 1970
Fonte: Agenda Marília – Fotos antigas e históricas

Os finais de semana também alternavam dois períodos distintos, embora complementares. Durante o dia, sobretudo nos domingos e feriados, cessavam os serviços administrativos, comerciais e bancários, substituídos pelo lazer das famílias e de jovens que frequentavam as matinês nos cinemas. O centro principal tornava-se, assim, um espaço de oportunidades de consumo e da ociosidade, mas, ao mesmo tempo, exigia maiores investimentos, para aqueles que quisessem frequentar e consumir produtos e serviços.

É preciso destacar que ainda se conservou o *footing* durante algum tempo, ou seja, a prática que os jovens realizavam relacionada a passear por uma rua principal, para verem e serem vistos, um momento genuíno de ócio e, ao mesmo tempo, de expectativas de paqueras, jogos e encontros. Em Marília esta prática perdurou até o começo dos anos de 1970. Em Bauru esta prática é reencontrada durante os anos de 1980, mas como uma variação do *footing*, que se tornou conhecido popularmente como *batistar*, como será descrito logo a adiante.

Tanto em Bauru como em Marília, o lazer diurno dos jovens melhor situados social e espacialmente estava voltado para atividades esportivas, sobretudo, nos clubes da cidade, com as quais preenchiam parte da sua experiência de juventude, marcada

por um pleno período de moratória. Quanto à vida noturna, pode-se dizer que havia possibilidades de investimentos no lazer, mas era certo dizer também que havia uma oferta restrita de locais para diversão. O que não quer dizer que era uma cena pobre em divertimento. Os bailes e festas aconteciam com certa frequência, mas também eram atividades de lazer igualmente frequentadas por adultos.

Para os mais boêmios, a noite poderia se estender um pouco mais nos bares com jogos de carteado, sinuca e até alguma licenciosidade para prazeres bem mais sensuais e libidinosos, especificamente em espaços mais opacos do próprio centro e nas ruas um pouco mais distantes.

Em geral, as periferias, eram bairros constituídos de casas de madeira, produzidos no sistema de loteamentos, ou por ocupações irregulares, em áreas no entorno do centro urbano, (embora bairros como Jardim Europa em Bauru e Jóquei Club em Marília já se encontrassem em áreas relativamente distantes e descontínuas – localização nos mapas 4 e 5 respectivamente), na fronteira com a área rural[65]. Os jovens que aí habitavam compunham outras formas de acesso e visibilidade na área central, não descartadas formas de estigmatização espacial em relação aos bairros onde habitavam.

Por exemplo, o chamado Morro do Querosene (localização Mapa 5), em Marília, era representado como um lugar *barra pesada*, imagem que, consequentemente, estendia-se aos próprios jovens destes bairros. Em Bauru, os jovens do Jardim Europa e demais bairros pobres, não raramente, eram alvos de alcunhas depreciativas, como de *maloqueiros*, termo que associava o fato de muitos jovens pobres viverem grande parte dos seus lazeres pelas ruas e de ser uma prática propícia às ilicitudes. Parte da construção destes imaginários derivava das formas de socialização e práticas de lazer vistas pelo olhar do outro, daqueles que estavam fora da periferia e distantes de suas práticas.

Na sua realidade interna, estes espaços se abriam a outras possibilidades - mais precárias, mas não menos divertidas - de experiência da condição juvenil, a partir da posição socioespacial periférica. Por isso, em contraste à área central, os bairros da

[65] Voltarei a falar de periferias urbanas nestas cidades no capítulo 4.

periferia, como Jóquei Club[66] e Querosene[67] em Marília, assim como Jardim Europa, em Bauru, abrangiam diversas atividades de lazer, como jogos de futebol em terrenos baldios públicos e particulares[68], além de outras diversas formas de interações nas ruas. Um lazer que era realizado em espaços abertos. Lazeres inerentes às condições fisiográficas, como jogar bola em *campinhos de terra*, *soltar pipa* aproveitando as correntes de vento[69].

Como todas essas atividades eram ao ar livre e, ao mesmo tempo, exigiam certo desprendimento, certamente não se veria, sobretudo os jovens, em trajes esportivos, tal como nos tradicionais clubes privados de recreação, frequentados por jovens das classes médias e altas, mas empoeirados, descalços e constantemente descamisados, o que também pesava na distinção social, a partir da construção de imaginários sobre esses jovens pobres e seus hábitos.

Ademais, as ruas destes bairros periféricos e mesmos nos cortiços que existiam em Marília eram efetivos espaços de encontro com amigos, para mexericos e brincadeiras. Para muitos jovens, também cumpriam uma dimensão interativa importante relacionado às bisbilhotices, pois, poucas famílias possuíam aparelhos de rádios ou televisores. Porém, com alguma generosidade ou a contragosto, alguns destes citadinos deixavam crianças e adolescentes se empoleirarem em muros, ou ficar entre o portão e naquilo que se denominava "área", espaço da casa imediatamente próximo à rua, para se deleitarem com as imagens da televisão[70].

---

[66] Apesar do nome pomposo, na verdade, durante a década de 50 e 60, do século XX, funcionou nessa área da cidade de Marilia (centro-sul) uma pista de corrida de cavalos, mas as residências ao redor eram ocupadas por famílias pobres.

[67] Aqui a razão do topônimo "Morro do Querosene" é conflitante em relação à duas entrevistas que realizamos sobre o bairro. Em realidade, são praticamente inexistentes informações e fotos sobre os antigos bairros da periferia de Marilia, assim o como de Bauru e sobre a vida e sociabilidades nestas áreas, nos seus arquivos históricos. Mas, para informação adicional neste caso, temos duas versões: a primeira que diz que "querosene" se deve ao fato de boa parte de seus moradores não ter sido atendida, durante muito tempo, por rede elétrica, sendo o querosene utilizado pelas lamparinas. A segunda versão vem de um fato quase pitoresco, de que nos anos de 1940, uma fábrica de guaraná envasou acidentalmente refrigerantes em garrafas que antes eram usadas para armazenar querosene, foram vendidas vários desses refrigerantes engarrafados na cidade e o gosto estranho não passou despercebido. Depois disso, a população da cidade passou a caracterizar o guaraná que vinha daquela área da cidade, como o guaraná do querosene.

[68] O nome mais popular e regional de terrenos sem edificações é "terrenos baldios".

[69] Socialização que também como se verá no capítulo 4 ainda continua nas periferias pobres.

[70] O Sr. Paulo – Ex-morador do Jardim Europa - conta que era fato comum os rádios das casas, no período da manhã e tarde, estarem com volume alto. As notícias e novidades musicais eram conhecidas desse

No âmbito da cidade como um todo, os grandes eventos e festas noturnas, nos espaços públicos ocorriam em datas específicas dos calendários destas cidades, como as feiras de exposições agropecuárias, com shows de cantores sertanejos e populares no período da noite. Também eram grandes as expectativas de lazer, com a chegada do período carnavalesco. E as festas mais reservadas aconteciam nos clubes poliesportivos. Locais privilegiados de consumo, com recursos para trazer artistas importantes do cenário musical do país, para deleite dos seus associados e daqueles consumidores em potencial, com maior poder aquisitivo.

Estes clubes estavam localizados, em sua maioria, nas áreas próximas ao centro tradicional e constituíam espaços privados dos estratos médios e altos da sociedade. Para os jovens das classes populares, os gastos com mensalidades nestes clubes poliesportivos eram impensáveis e a manutenção de um status de consumo exigia muitos investimentos, de modo que tinham pouca frequência nas festas e bailes dos grandes clubes da cidade, que tendiam a ser mais exclusivistas e em torno de famílias de maior renda e posses:

> *(...) o Tênis Clube, a gente nem passava na porta, o Tênis Clube é da elite, jamais nós vamos encontrar quaisquer de nossos amigos no Tênis Clube. O Iara Clube era também outro clube de elite. Para ser sócio tinha que pagar em peso de ouro, então já excluía a possibilidade de você ser sócio*[71].

Por sua vez, os jovens pobres das periferias não estavam imunes a uma indústria cultural de massa que invadia a sociedade brasileira neste período, assim como, em certo sentido influenciava naquilo que absorviam ou elegiam como referências simbólicas e culturais. O que recorda o conceito de **reflexividade** em Giddens (2003), que aborda na modernidade as infiltrações e/ou intrusões de mensagens, conteúdos e comportamentos de fora, colocando estes jovens num quadro de opções, escolhas e dúvidas em face do contato com essa cultura de massa. De um lado, as socializações

---

modo, geralmente. Eu mesmo pude recordar de um bairro de Bauru (Jardim Redentor I) onde essa experiência era comum de final de semana, quando jovens e crianças se aglomerarem em algumas casas vizinhas para assistir, sobretudo, programas matutinos de sábado e domingo.

[71] O Sr. José Vicente (**JV**) foi ex-morador do Morro do Querosene em Marília e hoje reitor da Universidade Zumbi dos Palmares, em São Paulo, último trecho da sua entrevista.

relacionadas aos seus *habitus* adquiridos localmente e, de outro, as influências culturais que lhes abriam outro campo de possibilidades de aquisições culturais.

Mesmo os jovens de bairros pobres experimentavam os desencaixes culturais e reconheciam referências culturais e étnicas oriundas de outros países que, às vezes, podiam se aproximar de suas realidades concretas. O que pluraliza ainda mais as diferentes clivagens sociais e étnicas que existiam nestas cidades, mesmo neste período. São referências identitárias que chegam nestes lugares, provocando alteridades e mesmo surgindo adaptações com as formas de sociabilidades locais.

Duas inovações técnicas, no campo da comunicação, foram decisivas para que a geração de jovens pobres dos anos de 1970 pudessem ter contato com as referências culturais externas, a saber: o rádio (aparelhos portáteis e emissoras de radiodifusão) e as salas de cinemas e suas projeções. Foram as formas simbólicas e culturais fixadas nestes meios em que se deu uma **transescalaridade cultural**, isto é, puderam encontrar objetos técnicos e instalações para serem transmitidas a partir de contextos socioculturais distantes e diversos, como a partir de regiões metropolitanas, aterrissando e sendo transmitidas em outros contextos, como o destas cidades do interior. Constituem novas referências em torno da vida social como parte de seu cotidiano. Conteúdos e "deixas simbólicas"[72] que chegavam através dos movimentos musicais e filmes estadunidenses.

Não somente havia uma aterrissagem de referências da cultura de massa no local, como também os jovens traduziam valores, estéticas e comportamentos para o âmbito da sua sociabilidade, uma relação de identificação-projeção, identificando-se com símbolos e artefatos produzidos por jovens de outros centros urbanos que, por sua vez, orientavam-se por produções culturais alóctones, ou seja, uma transterritorialidade[73]. Em síntese, os efeitos de uma indústria cultural de massa com ares

[72] As "deixas simbólicas" (THOMPSON, 2011) são aproveitadas pelos receptores de modo muito variado, inclusive tendo importância a estrutura de recepção no momento e no espaço. A deixa simbólica, propriamente dita, é o não verbal (entonações, gestos, objetos de pano de fundo, fisionomias, roupas, etc.), o que é captado junto da mensagem principal, mas que para o receptor acaba sendo absorvido em seu contexto socioespacial. Um exemplo: jovens não apenas se identificam com a música, mas também com o vestuário do cantor/cantora, seus trejeitos e expressões da dança.

[73] Essa mesma abordagem foi realizada por Turra Neto (2012), abrangendo as condições técnicas e culturais que favorecem a aterrisagem e o modo como se territorializam a partir de redes de sociabilidade no lugar.

cosmopolitas (MORIN, 1984) eram sentidos nas cidades médias e se difundiam nas periferias.

Há, por assim dizer, uma entremescla entre uma avalanche global de conteúdos e símbolos, com as particularidades locais, e que vai produzir singularidades, como de jovens negros, que consomem produtos culturais ofertados por uma indústria do lazer nascente nestas cidades, mas que também sabem reconhecer dentro destes produtos ofertados, referências étnicas que os conectam a formas identitárias que atravessam fronteiras e os fazem se encontrar diante das mesmas distâncias sociais, que se estabelecem em outras sociedades. Como disse o Sr. José Vicente: *nós jovens negros, fazíamos um recorte mais das músicas negras americanas, de cantores negros, era o que chegava, ou que tinha acesso e que trazia algumas comunicações de ligações entre negro brasileiro e negro americano*.

Nestas cidades e nas suas periferias, tornaram-se também difundidas as músicas da jovem guarda[74], movimento tropicalista[75] e o rock. Uma cultura de massa interclasses (MORIN, 1984), que atingia não apenas os jovens da periferia, mas outros jovens nas diversas estratificações e classes sociais. Essa cultura musical chegava através das rádios AM e daqueles que tinham vitrola e/ou recursos para adquirir discos de vinil. Um fragmento da entrevista com o Sr. Paulo, morador em Bauru e na época com 17 anos, revela o peso da influência destes movimentos, assim como as estratégias de jovens pobres para construírem suas visibilidades sociais:

> *o que tinha para usar no corpo na época é aquilo que as pessoas queriam roubar do fusca o [brucutu]. Que é o guinchador de água do fusca, bobeava arrancava um trem daquele e mandava fazer um anel. Que era uma música do Erasmo Carlos, "Olha o Brucutu, Brucutu", e essa música pegou. Chamavam aquilo de Brucutu, mas que não tinha nada a ver com Brucutu. E o jeito na época que ele demonstrava malandragem o jeito dele cantar aquela coisa toda, então as*

[74] Considerado um movimento musical e estético jovem do país, eram músicos e bandas conectadas ao estilo Rock-and-Roll, geralmente explorando a temática romântica e adolescente.
[75] O tropicalismo foi uma ruptura estética em oposição aos elitismos culturais que eram muito fortes no país, como a bossa nova. Outra característica era uma linguagem mais próxima dos jovens, em conexão com valores nacionais e internacionais, além de um projeto que, nas palavras de crítico Nelson Motta, era de "(...) assumir completamente tudo que a vida dos trópicos pode dar, sem preconceitos de ordem estética, sem cogitar de cafonice ou mal gosto, apenas vivendo a tropicalidade e o novo universo que ela encerra ainda desconhecido", trecho do antológico artigo "A cruzada tropicalista" (Jornal Última Hora, 5 de Fevereiro de 1968).

pessoas botavam as calças. Com muito custo eu consegui comprar uma calça jeans, mandar fazer uma calça boca de sino e comprar uma bota com salto carrapeta que era aquela bota boiadeiro sabe..[76]

Esta geração e mesmo na geração atual de jovens das classes populares, as aproximações identitárias e uso de sinais diacríticos exigiam improvisação e investimentos para buscar suas formas de dissimilação. Uma sintonia cultural experimentada na base de improvisos e da dificuldade de investimentos. O que parece ficar claro é que neste período, estas gerações de jovens da periferia, por meio de objetos de difusão midiática de massa, conseguiam ter alguma apropriação destes conteúdos e deixas simbólicas, reintroduzindo com certas modificações, o que era reproduzido em termos de uma variedade de produtos culturais direcionados à juventude nesta época e até mesmo com impacto nas formas tradicionais de socialização nas quais estavam inseridos[77].

Ainda hoje estas diferentes formas de apropriação e improvisos, são parte da vida social na periferia, mas além do sentido da dissimulação, também alcançam uma exterioridade na forma de novos estilos culturais e expressões.

Os cinemas eram a outra ligação com o exterior, no que concerne aos produtos culturais voltados para a juventude que aterrissavam nestas cidades. Durante grande parte dos anos de 1970, os cinemas se destacaram por serem os principais espaços de consumo na noite e, ao mesmo tempo, espaços de sociabilidade, tanto juvenil, como adulta.

Em Marília, existia, até esse período, em torno de dez salas de cinemas, destacando-se o cine Marília (figura 4) e o Cine Peduti[78]. Em Bauru também era grande o número de salas de cinema, com destaque para o Cine Capri e o Vila Rica. Havia em Marília espaços mais seletos para consumo e paquera, frequentados por jovens maiores de idade e adultos, um dos quais era o Cine Bar em anexo ao Cine Marília, localizado na

[76] Entrevista realizada com o Sr. Paulo, em Bauru, 15/11/2014

[77] Para Maffesoli (1998), o aparecimento e massificação dos meios de comunicação de massa teve um impacto cultural e ideológico sobre aquelas universalidades que foram sustentadas por valores tradicionais. Um impacto que desintegrou convenções e idealizações construídas ao longo do tempo.

[78] Na verdade, uma rede de cinemas que se espalhava pelo interior do estado de São Paulo e que tinha sua sede na cidade de Botucatu - SP.

Avenida Sampaio Vidal, uma das principais avenidas da cidade, onde havia a venda de bebidas e lanches.



Figura 4: Cine Marília na Avenida Sampaio Vidal
Fonte: Mídia social *Facebook* - Grupo Memória de Marília
Acesso:21/11/2014 https://www.facebook.com/groups/memoriademarilia/?fref=ts

Cinemas que ainda dividiam as exibições de produções estrangeiras e nacionais, embora a produção estrangeira já dominasse muitas salas de projeção cinematográfica. Em alguns dias da semana, ocorriam as sessões da tarde, também chamadas de matinês. Eram filmes e programas de passatempo, relacionados à indústria cultural vinda, sobretudo, dos Estados Unidos. Isto é, de Hollywood para o mundo, aportando em distantes cidades, como Bauru e Marília. Um mundo ficcional de uma cultura estrangeira, que fazia a cabeça dos jovens. Havia heróis, mocinhos e bandidos entre outros valores, cuja produção local não podia competir com uma indústria cultural sempre renovada em termos de padrões estéticos e ídolos.

Apesar desta cultura estrangeira talvez eclipsar outras formas locais de expressão estética, ainda assim, para os jovens pobres, as idas às salas de cinema provavelmente favoreciam uma experiência muito rica em termos de capital cultural. Embora muitas vezes distante de suas realidades precárias, não deixava de constituir um estoque

cultural, pelo qual podiam internalizar e ampliar suas possibilidades de enriquecimento cultural. Ainda que grande parte destas produções artísticas fossem eivadas de simplificações, mesmo assim contribuíram para que estes jovens pudessem sonhar com um mundo diferente, dentro de suas condições econômicas[79].

Portanto, ir ao cinema, para os jovens era um momento de abertura para novas experiências, contato com o externo, com as novidades de outros centros urbanos, como a moda e os comportamentos, tanto os dispostos na grande tela, quanto os encenados pelos jovens locais moradores do centro. Ora um deslumbramento, ora um choque cultural. Nesse sentido, para muitos jovens pobres, o cinema era de um passatempo importante em suas vidas, uma oportunidade para conhecer o mundo, como também o espaço do cinema era, em si, um mediador de encontros e descobertas.

É preciso destacar que mesmo com as entrevistas realizadas, não ficou claro qual era a frequência dos jovens da periferia dessa época ao centro urbano. O fato do menor poder aquisitivo para o consumo e escassa oferta de lazer, como clubes e casas de espetáculos voltados a classe popular, não pareceu determinar, em última instância, a frequência dessas jovens ao núcleo central da cidade, onde a maior parte das atividades comerciais e de lazer se concentravam. Até porque, seria prudente levar em conta que muitos destes jovens trabalhavam no centro, assim como, o lazer também incluía simplesmente flanar pelas ruas da área central.

Entra também em jogo outra dimensão espacial, pois merece destacar que os bairros pobres ou o que se pode chamar de subúrbio talvez, para o caso de Marília, não estavam ainda tão distantes fisicamente daquele núcleo urbano, com exceção de alguns bairros, como no caso do Jóquei Club em Marília e Jardim Europa em Bauru, que se localizavam mais distante do centro da cidade. Mas, mesmo nestes casos, é possível dizer que as escalas dos jovens pobres, em termos de vida social, o que inclui a busca por diversão, exigia menos investimentos para transposição de escalas, o que se tornará mais significativo nas décadas seguintes, com a consolidação de uma expansão urbana.

[79] Leva-se em consideração as altas taxas de analfabetismo neste período, sobretudo nas classes populares, muitas famílias pobres eram oriundas da área rural, onde estas taxas eram ainda maiores. O cinema e o rádio suplantavam os meios escritos enquanto entretenimento e cultura.

As escalas dos jovens pobres, nas suas circulações na cidade provavelmente atingiam com relativa facilidade a escala da cidade. Também deveria ser para outros segmentos juvenis uma escala de vida cotidiana reduzida, em comparação com cidades maiores e com mais ofertas de diversão.

Isso aponta para a um sentido de lugar, onde as distâncias físicas, neste período, não se constituíam em barreiras, pois mesmo os jovens pobres circulavam pela cidade como um todo. Em face disso, jovens de diferentes classes e segmentos podiam regularmente estar se cruzando, dada a concentração de espaços de vida social no centro.

O que era muito significativo era distância simbólica e econômica, pois nem todos os locais eram acessíveis às classes populares, nem as formas de consumo e práticas de lazer. Percebiam um ao outro nos espaços comuns, estavam conscientes de suas presenças, mas a posse de recursos diferenciados (capital social, econômico e cultural) implicava uma hierarquia dos locais, privilégios de moradia, uso dos melhores equipamentos urbanos pelos mais afluentes social e economicamente – os jovens de classe média e alta estavam mais localizados no entorno do núcleo urbano (onde estava as melhores escolas, bibliotecas, locais de lazer etc.) e possuíam maiores recursos de capitais.

A satisfação quanto a diversão para estes jovens pobres incluía a possibilidade do consumo de lanches, pipocas e refrigerantes, que era bastante comum nos cinemas e nas festas dançantes. Reservavam algum dinheiro para os feriados e finais de semana para irem as sorveteiras, lanchonetes e consumiam as famosas tubaínas. Estes refrigerantes encontravam, sobretudo, em Marília (assim como quase todo interior de São Paulo), uma forte produção local[80]. Por sua vez, o consumo de bebidas alcoólicas não era comum entre os jovens desta geração. Apenas aqueles que caminhavam para a vida adulta adquiriam o hábito deste consumo.

Como anteriormente salientado, havia nestas cidades, uma espécie de local convergente, onde jovens de diferentes classes sociais poderiam ser encontrados

[80] As fábricas de guaraná, ou também popularmente chamada tubaína, eram muito comuns no interior de São Paulo. Não havia nesse período, ainda, a concentração do mercado pelas grandes empresas, como Coca-Cola e Ambev.

compartilhando um mesmo tempo e espaço e ali compor distintas territorialidades. Neste período, ir à Avenida Sampaio Vidal, em Marília, como à Praça Rui Barbosa em Bauru, ambos localizados no centro principal destas cidades, tinha, entre outros sentidos, o da visibilidade. E, claro, buscar aproximações interpessoais e aproveitar o tempo livre com um conteúdo lúdico. O que não deixa de ser um jogo, para se criar condições de abertura ao outro, como também efetivar entradas em redes sociais. Mesmo os jovens da periferia e de bairros pobres que moravam mais próximos do centro urbano compareciam a estas áreas.

Estas práticas socioespaciais constituíam-se de várias ações integradas (escolha de como ir, melhor roupa, perfume, programar horário de retorno etc.), que tinham por finalidade divertir-se com amigos, fazer algum consumo esperado para o final de semana, paquerar, entre outros jogos. Os jovens levavam muito em consideração estar visíveis aos outros jovens, pois a diversão também era chamar a atenção e estar aberto a diversas outras oportunidades, como de reforçar ou formar amizades, se aproximar de uma turma, atualizar-se nas fofocas, conhecer as novidades e inovações em curso da sua geração.

Em Marília, uma vez ou outra, quando os jovens do Morro do Querosene faziam suas trajetórias para o centro tradicional para seu passeio de final de semana, podia ocorrer desentendimentos com os jovens do centro. Pequenas rusgas, mas que denunciavam diferenças de natureza social e espacial e também socioterritorial. Isto é, além das diferenças de classe social e de morarem em diferentes áreas da cidade e terem diferentes experiências espaciais – com a distância, mobilidade e lazer -, também tinham mutuamente diferentes visões sobre um e outro. Diferenças essas que ganhavam mais tangibilidade nos locais de encontro e copresença.

Os locais de diversão noturna eram parte constitutiva de uma monocentralidade nestas cidades, ainda que se pudesse já observar mudanças na economia do lazer noturno, o que, por sinal, na segunda metade dos anos de 1970, começou a tomar forma, com surgimento de mais bares, casas noturnas e locais de diversão, frequentados quase que totalmente por jovens, uma descontinuidade com períodos anteriores. São sinais de uma nova atmosfera em que a diversão noturna e consumo vão se

desprendendo dos tradicionais locais de lazer, onde o efeito panóptico dos pais e autoridades eram mais constantes.

Este é um ponto muito significativo. Neste período não pode passar despercebido que se enfrentava a ditatura militar e o policiamento ostensivo costumava repreender qualquer forma de aglomeração, o que atingia enormemente formas de sociabilidade juvenil que buscassem alternativas não tradicionais de lazer noturno – numa época em que a diversão portava também muitos elementos de divergência, ou seja, de assumir diante do contexto uma faceta própria do desvio, do discordante, do oposto (PAIS, 1990).

Alguns bares se tornaram emblemáticos, como o Bar Karango, em Marília. Local que exercia forte atração de jovens, tanto da cidade, como de cidades próximas. Um local importante na dinâmica da vida noturna. Bares como estes possibilitavam o consumo de bebidas e lanches, mas também um espaço de encontro integralmente frequentado por jovens. Se conectavam com novos modelos de consumo, uso de jeans, cigarros, músicas e tudo mais que pudesse remeter a uma sintonização geracional e, ao mesmo tempo, ruptura com as outras gerações. Há alguns relatos selecionados (APÊNDICE F), que mostram a importância desses espaços na sociabilidade juvenil, em torno do Bar Karango[81].

Para os jovens como os do Morro Querosene, Vila Coimbra e outras áreas pobres da cidade de Marília, o lazer noturno e as altas horas da noite demandavam outros investimentos e também outros significados em termos de diversão na área central. Possivelmente, não tinham muita frequência nestes novos bares que estavam surgindo.

Muitos frequentavam, na realidade, o Clube dos Alfaiates, para curtir a dança e as festas. Um clube popular e com ingressos a preços módicos. Parece que era o único lugar onde os jovens mais pobres poderiam desfrutar de um salão para danças naquele período, com muita vibração, como se destaca neste relato abaixo:

[81] Nesse período, outros bares similares e próximos eram *points*, ou espaços de fuga para os jovens mais ousados, como o Mamuth; Bar Marrocos, Shalako, todos frequentados por jovens, e alguns funcionando até altas horas da noite.

> ***JV***: *"Clube dos Alfaiates", na verdade era associação dos alfaiates, tinham um salão todo sábado, a balada*[82] *era no sábado, então no sábado os jovens lá da periferia não tinha outro lugar para ir que não fosse o clube dos alfaiates, porque ali estava tudo que precisava, as meninas bonitas, as meninas disputadas, os amigos, os inimigos, o som, a ambientação, estava tudo ali, então sair dali para qualquer outro lugar, fosse onde fosse, significa você estar deslocado, todas as coisas estão ali reunidas.*

É oportuno perceber por este relato, que o formato da festa, o tipo de interação, as pessoas que frequentavam, tinham para estes jovens um outro significado, diferente dos bailes dos clubes tradicionais da cidade, ou daqueles novos bares do centro, pois ali podiam sentir e experimentar uma ligação entre os *seus*, onde não se sentiam isolados ou apartados simbólica e socialmente, pois como aparece no relato; *estava tudo ali*.

Também elaboravam um circuito de lazer, pois em seguida, perambulavam por algumas ruas do centro e depois faziam suas jornadas a pé, para outras festas. Interessante, que a própria caminhada não sugere algo ordinário e reduzido ao custo da distância espacial, era em si cheia de significados e uma diversão a mais, como aponta outro trecho elucidativo neste ponto:

> ***JV***: *Era na canela. Me recordo às vezes, eram dois quilômetros. E vamos para casa do fulano, onde? É "lá onde o vento encosta o cisco". Vão bora! E também a parte gostosa e satisfatória, era fazer a trajetória. No trajeto tinha homens e meninos, íamos conversando, íamos fazendo as primeiras tentativas, erros e acertos com as meninas, enfim a ida e a volta já eram em si uma interação muito grande.*

Caminhadas tecidas por gestos, intenções, sentidos e histórias de vida. Isso não pode ser ignorado, não que se exalte a precariedade, mas o sentido de lazer e cotidiano para estes jovens se fazia também nas distâncias e traçados da cidade. E o sentido de lazer não se resume às luzes e espetáculos, mas no estar com os seus, de vivenciarem na cidade experiências de um *ethos* grupal reconhecido por suas experiências em comum. Este prisma vai ser importante quando for descrever os jovens da periferia na atualidade

[82] Algumas expressões dos entrevistados, parecem se referir a termos e conceitos do presente, sempre há nesse caso, de um modo mais explícito, uma reconstrução criativa do próprio entrevistado, que acredito não prejudicaram a referência de sentido.

– essa pulsão de estar com os seus foi se transformando num recurso aglomerativo na espacialização dos jovens pobres nestas mesmas cidades.

Mas, deve-se destacar que, para os jovens pobres, mesmo que não tivessem condições de frequentar regularmente o centro tradicional, eram comuns as festas dançantes. Festas que se realizavam na casa de alguém e com amigos produziam uma espacialidade festiva, com comes e bebes, reunindo outros jovens do bairro. Eram festas com baixos custos e em torno de suas próprias práticas.

Até aqui, os jovens pobres se situam na economia de lazer de forma marginal, ainda assim, conseguem chegar até o centro tradicional, tornando-se visíveis nas ruas principais de encontro juvenil, nas praças centrais ou atingindo algum capital cultural, ao frequentarem as salas de cinema. Os clubes poliesportivos lhes eram vetados pela condição econômica e social.

Em termos de estruturas espaciais de lazer, bem provavelmente, talvez circos modestos[83]; parques de diversão itinerantes e alguns equipamentos de consumo coletivo (como as "pracinhas" de bairro) direcionados ao lazer compusessem outras formas de fruição do lazer nas periferias. Mas em geral, os bairros mais afastados e pobres eram estigmatizados espacialmente[84] e o fato de ser jovem nestes bairros impunha a necessidade de estratégias de diversão e visibilidade autênticas, mas distantes do glamour associado ao lazer de outras classes sociais.

O centro tradicional era a parte da cidade onde todas as novidades estavam fixadas, não havia uma descentralização de áreas centrais. Contudo, havia algumas práticas esportivas e de lazer, como as corridas de carros, cavalos e futebol que ocorriam nos arredores da área de adensamento urbano, o que provavelmente estava relativamente acessível de ser bisbilhotado pelos jovens destas áreas marginais.

Somente nos últimos anos de 1970, começa a acontecer um processo de desconcentração das estruturas de lazer noturno, que não deixa de acompanhar também a desconcentração de investimentos e empreendimentos imobiliários, tanto

[83] Antigos moradores de bairros pobres, em conversas, sempre falam dos circos, mas circos que se fixavam temporariamente em locais periféricos, geralmente eram modestos em relação aos grandes circos que apareciam nos terrenos das áreas centrais, cujos ingressos eram bem mais caros.
[84] A ideia de estigma territorial será alvo de reflexão mais aprofundada no capítulo 4.

residenciais como comerciais, fora do centro tradicional da cidade. Há, com isso, uma ampliação da área central a partir de seu centro antigo, e claro, uma expansão comercial e, consequentemente, dos espaços de consumo na cidade.

Esta expansão das áreas urbanas, no caso da cidade de Bauru, decorreu do crescimento acentuado, afluxo migratório, como do surgimento de núcleos habitacionais (CONTEL, 2001), sendo que a maior parte deles veio a compor as novas periferias da cidade[85]. Foi uma expansão que segue a direção Leste e Oeste. E, em Marília, alguns bairros vão surgindo mais afastados do centro, em sentido Norte e Sul, também nestas décadas. É nesse ponto que a expansão urbana dessas cidades passa a ser significativa, onde a escala da vida social passa a ter maior amplitude e também os bairros populares vão ficando ainda mais distantes do núcleo urbano.

A cena noturna passa a ficar mais diversificada, em termos de afluência de grupos de jovens. Agora com a presença de universitários, que passam a compor esse cenário, depois da criação da FAMEMA - Faculdade de Medicina e Enfermagem da Cidade de Marília. Bauru também passa a receber um fluxo grande de universitários, o que leva a cidade a ter um perfil de cidade universitária, com ampliação de cursos oferecidos por grandes universidades estaduais, como a USP e UNESP[86]. Outras universidades de origem local também passam a atrair grande número de jovens de outras cidades, que vão morar em casas alugadas, transformadas em "repúblicas". Esse fluxo gera abertura de bares, motéis e casas noturnas, para atender essa nova demanda em crescimento na cidade.

Em Marília, as casas noturnas, bares e pizzarias de maior sofisticação e badalação começam a se fixar na Avenida Rio Branco (mapa 1). É ali que os jovens passarão a compor um cenário de diversão noturna, onde os passeios e *points* de lazer vão se concentrar. Nesta avenida, é famoso o *point* da Pizzaria 515. Além disso, foi se formando, no final dos anos de 1970, um núcleo de lazer noturno no centro-leste da cidade e que hoje ainda se mantém, em torno do Bar Chaplin (mapa 1), constituindo-se um espaço

85 Cf. Lopes Júnior (2007) e o estudo da "Caracterização socioeconômica das regiões do estado de São Paulo - região administrativa de Bauru" (2013)

86 Em Bauru, a instalação de universidades e faculdades foi se ampliando desde este período, destacando a Universidade de São Paulo (USP); Universidade Estadual Paulista (UNESP); Instituição Toledo de Ensino (ITE), Universidade Paulista (UNIP) e as Faculdades Integradas de Bauru (FIB) nas décadas de 1970 e 1980.

de consumo para os segmentos médios, uma descontinuidade em relação ao período anterior, já que passa a existir uma tendência a um maior fluxo de consumidores e a fixação de outros estabelecimentos de consumo nas proximidades.

Em Bauru, o final da década de 1970 seguiu um dinamismo da diversão noturna muito parecido com aquele da cidade de Marília. Há ainda a presença dos clubes poliesportivos e recreativos, que promovem shows e espetáculos na noite e os cinemas que continuam a atrair grande número de espectadores, além de bares e restaurantes que atendem diferentes segmentos sociais[87].

Os jovens de bairros populares tinham pouca frequência nestes novos bares e restaurantes, mas era o momento da *disco e black music*, que aterrissava fortemente com seu estilo dançante nas poucas discotecas da segunda metade dos anos de 1970 nestas cidades. O samba e pagode estão em alta em bares do centro tradicional, atraindo jovens das classes populares que também aproveitam para encontros, compor suas rodas de amigos e dançarem. Muitos jovens conseguem comprar aparelhos de tocar disco, há uma grande oferta por parte das cadeias de varejos na época para a venda destes aparelhos, além disso, as estações de rádio passam a atrair os jovens, com uma programação mais variada de músicas. O final dos anos de 1970 começa a ter outro contexto político, é a fase da "distensão", que ensaiava o retorno à redemocratização do país, anistia política e o ressurgimento de movimentos sindicais e políticos.

3.2. A diversificação da Geografia da noite e do lazer

Desde os anos de 1980, Bauru e Marília atravessam um período relevante de mudanças nas suas estruturas e tecidos urbanos, com o aumento das áreas periféricas, que ocorrem por meio dos grandes conjuntos habitacionais populares. Além das especializações produtivas[88] e terciárias, como a indústria do alimento em Marília e o

[87] Não se pode deixar de mencionar em Bauru neste período, o famoso bordel da Casa da Eny, fora do perímetro urbano, onde a vida noturna era em si badalada e de forte frequentação de jovens das classes altas, além de muitos notáveis da elite política e econômica.
[88] Melazzo (2001) identifica essa especialização produtiva em Marília desde os anos de 1980.

setor de serviços ligado a educação e saúde, essa última mais forte em Bauru. Há também grandes fluxos migratórios de universitários para estas cidades. Uma população urbana que já ultrapassava 90% da população total dos seus municípios[89], além do próprio aumento demográfico geral. Em 1980, a população de Bauru e Marília girava em torno de 186 e 121 mil habitantes, respectivamente.

Também estavam em andamento os processos de desconcentração comercial, com aparecimento de outras áreas centrais e núcleos de lazer noturno, resultando em lojas, bancas de revistas, casas noturnas, toda uma série de opções de consumo e novidades, que eram mais escassos ou inexistiam em décadas anteriores. Bauru também apresenta um centro comercial e de serviços com uma hinterlândia regional consolidada (CONTEL, 2001).

A demanda cresce e se diversifica. O crescimento da economia do lazer acompanha outras mudanças e vai afetar a própria oferta de diversão, seja para os jovens das periferias, seja para os jovens de outras classes sociais. Aliás, o agente social "jovem pobre da periferia" vai se tornando um grande contingente populacional, pois as cidades de Marília e Bauru passam a atrair fluxos migratórios por conta da oferta de habitação popular, aumentando a população juvenil na cidade.

Em Bauru, a lógica de expansão de núcleos e áreas de lazer, desde a primeira metade dos anos de 1980, seguia a direção das oportunidades imobiliárias para a Zona Sul da cidade. Área cujos investimentos imobiliários atendiam citadinos de estratos altos e médios da população. No caso da economia do lazer noturno e diurno, a relação entre a vertiginosa expansão residencial e comercial para a Zona Sul e o envelhecimento do centro principal constituíam o caminho "natural" para novas oportunidades comerciais nesta direção da cidade, o que terá o efeito da implantação de novos corredores de consumo. Estes corredores foram tomando forma e especialização comercial, começando pela Avenida Nações Unidas e interligando ruas que também atravessavam outro eixo de comércio e lazer noturno importante, que era a Avenida Duque de Caxias (mapa 2).

[89] Fonte SEADE, 2015

O circuito juvenil noturno no período final dos anos de 1980, em Marília, tornara-se também mais amplo e mais diversificado, espalhando-se por alguns eixos viários da cidade, como a Avenida Rio Branco, Avenidas das Esmeraldas, Praça São Bento, entorno do Bar Chaplin, além do trecho inicial da Avenida da Saudade. Esta última com maior presença de jovens universitários, oriundos da Zona Oeste da cidade, onde estavam instaladas o campus da UNESP e universidades privadas (mapa 1).

Por outro lado, o centro principal, que foi por décadas o espaço por excelência do lazer noturno, para onde convergia toda a vida social na noite, vai se tornando uma paisagem decadente em relação aos investimentos empresariais e as fachadas já não demonstram mais o glamour de outras épocas. São outros núcleos de lazer que vão absorver novos investimentos e sustentar um maior clima de badalação noturna. As casas de festas, bares e apresentações artísticas mais prestigiadas estão agora espalhadas em outros núcleos de lazer destas cidades.

Neste período, torna-se mais perceptível aquilo que Lefebvre (1991) chamou de divórcio entre **significantes e significados** no espaço urbano, pois, nestas cidades, as formas comerciais, instalações, publicidade, fachadas e conteúdo dos espaços de diversão estão voltados para as referências visuais presentes nas cidades metropolitanas, onde se gestavam e de onde se irradiavam as novidades, relacionadas a cultura de massa e indústria do lazer, intermediando as referências culturais e de consumo que ocorriam em escala global.

Isso vai se refletir tanto na composição estrutural e econômica, como nos núcleos de lazer, sobretudo noturno, já que se estabelece uma **geografia da noite**[90] com mais variedade de bares, restaurantes, casas noturnas e, consequentemente, uma abertura maior para conexões com outras culturas e estéticas transterritoriais.

Portanto, o panorama cultural na década de 1980 tem uma significativa descontinuidade com a década anterior. Há uma maior densidade de estabelecimentos que oferecem serviços e produtos na noite para o entretenimento e lazer. Variedade de casas noturnas, para dança e shows na cidade, maior presença de artistas de projeção

[90] Uso essa expressão para identificar não apenas os equipamentos de lazer na noite, como a atmosfera, ou seja, a vida noturna que anima essas novas formas urbanas.

nacional e o próprio aumento do público consumidor. Os empresários da noite passam a ter maior protagonismo no investimento da uma economia do lazer noturno. Um lazer que se torna mais luminoso, em função do maior número de estabelecimentos de diversão e vida noturna.

O efeito desta desconcentração espacial do lazer em Bauru, começa com a Avenida Nações Unidas (figura 5), onde muitos jovens da periferia, a pé, ou de carona com aqueles que tinham automóvel, passaram a frequentar. A modernidade de seu paisagismo aliado a promoção de amplas pistas de rolamento, deu surgimento ao fim de semana motorizado para os jovens da cidade. Ali formou-se um *point* juvenil, em torno do Lelo's, uma lanchonete localizada embaixo de um viaduto que cruzava com esta avenida. Um *point* onde se reuniam casais de namorados e grupos de amigos, geralmente, frequentando-a de carro, onde se divertiam tomando *batidinhas* e vendo outros carros passarem. Um circuito onde os carros faziam várias voltas em torno da avenida, aproveitando para reconhecer amigos, ficar visíveis para outros jovens e exercer, por assim dizer, ociosidade e outras interações.



Figura 5: Avenida Nações Unidas em Bauru.
Destaque: No plano abaixo situa-se a Zona Sul e no plano alto da avenida, a zona norte da cidade.
Fonte: mídia social Facebook – Grupo História de Bauru
Acesso:03/09/2014 - https://www.facebook.com/groups/162678683888715/photos/

É importante observar que, no final dos anos de 1970, tanto em Bauru como Marília há um aumento considerável da frota de automóveis, o que constitui também, um ponto de ruptura, um fator no processo de desconcentração do comércio e serviços

nestas cidades[91]. Certamente, as famílias e jovens pobres que não tinham este meio de mobilidade se viam restringidos em sua autonomia espacial, o que de certo modo faz com que o capital espacial acabe tendo impacto na aquisição de outros capitais, como o cultural e social.

Contudo, para os jovens dos bairros pobres e conjuntos habitacionais populares que agora estão mais distantes dos núcleos de lazer, abre-se um recurso que vai ter forte impacto no seu capital espacial. É o momento em que os jovens da periferia passam a ter presença massiva nas áreas centrais, frequentando as discotecas, bares e eventos, graças a maior disponibilidade do uso do **transporte coletivo** (ônibus). A intensificação deste tipo de transporte passa a ter um papel crucial na transposição de escalas[92] e na visibilidade destes grupos a partir deste período. Enquanto em grande parte dos anos de 1970, as duas cidades ainda apresentam uma escala reduzida de circulação de vida social, nos anos de 1980, não apenas tiveram um aumento significativo de suas populações, como há uma periferia no sentido de bairros bem afastados do núcleo urbano e uma oferta de lazer noturno mais ampla também, nesse sentido, a transposição de escalas para os jovens pobres se transforma numa questão central para suas circulações na cidade em termos de lazer.

As linhas de trajeto intraurbano que, inicialmente, são projetadas para levar o trabalhador dos bairros distantes para as áreas de trabalho e ao centro tradicional (neste período não há linhas de circulação interbairros), também são utilizadas intensamente pelos jovens nas noites de finais de semana. Uma apropriação para fins de lazer. Ônibus que saem dos bairros periféricos lotados de jovens nos horários de início da noite e que geram grandes fluxos para o centro tradicional. Estes jovens se espalham nas casas noturnas, cinemas, bares e outros locais de diversão, em outras áreas de lazer.

[91] Essa massificação, apesar de períodos de estagnação, ocorreu em todo país, mesmo com as crises do petróleo, ainda se sentia s efeitos do período do "Milagre Econômico", com expansão do mercado interno, as montadoras passaram a fabricar carros mais baratos e com menos gasto de combustível (FRAINER, 2010).

[92] Parafraseando Neil Smith (2000), a transposição de escala seria uma proposta de pensar a escala construída pelos agentes sociais, que podem ou não transpor limites, territórios ou controles.



Figura 6: Transporte comum para o clube dos Bancários, conhecido *busão* em Bauru.
Fonte: *Frame* do vídeo "Bancários Bauru anos 80 90 clube das nações"
Acesso: 05/08/2016 - https://www.youtube.com/watch?v=elPfOF54kh0/

Não que as longas jornadas a pé fossem totalmente substituídas, mas esse meio de transporte passou a ter o papel de transpor grandes massas de jovens, que tinham poucos recursos de mobilidade, para as áreas de maior densidade de ofertas de lazer. Agora podiam investir com mais vitalidade no lazer noturno, acessando os principais locais de lazer, tornando-se mais visíveis nas áreas centrais, ou seja, frequentando mais vezes e em maior número o centro urbano que em outros períodos.

É a partir deste recurso que se intensifica uma prática comum dos jovens da periferia em Bauru, conhecido popularmente na cidade como *batistar*. A prática de circular a pé na rua principal de comércio da cidade aos sábados pela manhã. Jovens das periferias populares eram os principais frequentadores, constituindo um ponto de encontro onde se podia combinar passeios a noite, fazer compras, encontrar amigos, se juntar nas turmas.

Faziam suas aglomerações em lojas principais do comércio da rua Batista de Carvalho (daí a expressão *batistar*), no centro tradicional (figura 7). Outro recurso que facilitou o encontro destes jovens nesta rua foi seu fechamento para carros aos sábados e feriados, o que depois geraria a implantação total de um calçadão, no começo dos anos de 1990, viabilizando a permanência das rodinhas e aglomerações na rua, além do aumentado do fluxo de pedestres em geral.



Figura 7: Calçadão da rua Batista de Carvalho
Fonte: Reporter UNESP – " A história do calçadão sem limites"
Acesso: 15/08/2016 - http://www.reporterunesp.jor.br/a-historia-do-calcadao-sem-limites/

A rua também foi local de algumas rusgas entre jovens de diferentes turmas e bairros que ali se encontravam ou se *trombavam*. Entre o final dos anos de 1980 e começo dos anos 90, surgem gangues famosas pelo grande número de jovens que aderem a estes grupos, como pelo envolvimento em confusões. Uma dessas gangues em Bauru era a *gangue da função*, formada na maioria por jovens dos bairros periféricos da Zona Leste da cidade. Em Marília não encontrei registro semelhante, quanto a alguma rua do centro tradicional que se constituísse num local específico de encontro de jovens da periferia. Contudo, neste período, havia pequenas *tretas*[93] entre jovens de bairros localizados nos arredores da cidade, incluído jovens da Vila Coimbra e também jovens

93 Em muitas entrevistas e relatos nesta pesquisa, aparece a expressão "treta" com a acepção de "conflito e briga". Contudo, nos dicionários o sentido dado é o de estratagema e ardil.

de bairros localizados na Zona Sul e Oeste. Alguns destes conflitos tendiam a ocorrer na Praça São Miguel que, neste período, era um local de encontro de jovens das classes populares em face das barracas de lanches que ali se concentravam. Como era uma praça localizada na mancha central, o transporte coletivo chegava mais facilmente neste ponto da cidade, ali desembarcando jovens de diferentes áreas, sobretudo, nos finais de semana à noite.

É interessante que, do ponto de vista espacial, vai se formando *points* de encontro de jovens das classes populares com forte aglomeração em espaços públicos, algo que se diferencia de períodos anteriores. Geralmente, são locais de onde havia possibilidades de consumo barato e também próximos das linhas de transporte coletivo.

O transporte coletivo tornou-se um instrumento que possibilitava constituir novas trajetórias, novas escalas, ir em outros bairros, experimentar outras ambiências e influências culturais. As barreiras espaciais podiam ser pensadas em sua subversão, a partir, das escalas produzidas por agente sociais e grupos que até então tinham menos frequência na área central e na ligação com outros bairros, subvertendo, de certa maneira, as hierarquias sociais e simbólicas, na qual estavam confinados (DIÓGENES,1998). Todavia, também se configuravam novos choques, ajustes e formas de visibilidade que passavam a fazer parte da reescrita da cidade.

Mesmo que os horários de circulação destes transportes coletivos impusessem um limite temporal que não ultrapassava as onze horas da noite, ainda assim, permitiam novas conexões entre bairros e o atravessamento dos espaços urbanos ocupados por distintos estratos sociais. Também a prática de ir ao centro da cidade de transporte coletivo e retornar a pé, compondo longas caminhadas, também, como anteriormente foi visto, era um momento específico e significativo, pois costumava ser feito em grupo, o que fazia do trajeto um momento também de trocas, curtições e prazeres. A possibilidade de ganhar tempo de trajeto até as áreas de lazer significa maiores vantagens no uso do tempo livre e de seus investimentos na noite.

Com essa transposição de escalas, ocorre uma mudança na experiência do jovem, como também alterou a paisagem da própria cidade. São novos fluxos e aglomerações que tornavam o centro um lugar mais diversificado, ou seja, no sentido das transformações introduzidas por novos objetos técnicos, neste caso de transporte

coletivo e pelos impactos econômicos destes fluxos. Jovens das periferias inicialmente dispersos na cidade, que agora convergem, sobretudo, para o centro tradicional, em função do poder de maior deslocamento e acessibilidade, o que acabou despertando o surgimento no centro tradicional de mais locais de festa, dança, barracas de lanche, carrinhos de cachorros quentes, entre outros serviços e produtos.

É possível dizer que os anos de 1980 são o ponto alto da centralidade noturna nos centros tradicionais, em face destes fluxos. Uma centralidade baseada na oferta de lazer para jovens das classes populares, pois os outros núcleos de lazer que se formavam, passaram a ser frequentados por jovens de outros segmentos e classes sociais.

Ainda nos anos de 1980, as casas noturnas dançantes recebem influências como a *black music, synthpop, dance music e new wave*, que aterrissam nestas cidades, onde os jovens dos bairros populares encontram a oportunidade de experimentarem múltiplas experiências sensoriais. Estilos musicais executados em casas noturnas, cujos microespaços dão vazão a uma sonoridade acústica intensa, além da policromaticidade dos efeitos luminosos que atravessam as pistas, as únicas luzes em meio a escuridade destes ambientes, um convite para desinibições, onde se exalta os movimentos ritmados dos corpos e de outras experiências corporais.

Também se massifica as "músicas de bolso", ou seja, o uso de fitas k-7 e pequenos rádios gravadores. A portabilidade para ouvir e compartilhar músicas torna-se um lugar comum entre os jovens. Em Bauru e Marília ocorrem shows de cantores de projeção nacional, e até aqueles ligados a cultura alternativa.

Ganha importância nestas cidades, nos anos de 1980, as estações de rádios de frequência modulada, conhecidas como rádios FM, com uma programação musical com muitas referências de músicas internacionais, mensagens e até mesmo programas que davam abertura para os jovens pedirem suas músicas preferidas e comunicarem festas. Embora como conta Ricardo, que morou na periferia em Bauru (Vila Independência)[94]: *a maioria das vezes era colocar numa rádio e torcer para tocar uma música boa. Mas era*

[94] Ricardo Dias 39 anos, professor de Jiu Jitsu e morador da cidade de Bauru.

assim, comunicação FM todo domingo das seis horas da tarde, até as oito era só as músicas que iam tocar no baile.

As duas cidades vivem um momento, em que a televisão e as rádios estão bem massificados e arraigados no cotidiano dos jovens das classes populares, programações e conteúdos simbólicos refletindo as realidades estéticas e culturais de centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo, o mesmo vale para conteúdos vindos de externalidades mais distantes, como seriados e filmes estadunidenses e até japoneses.

Para os jovens pobres dessa geração, alguns locais se tornam emblemáticos, como casas de dança e música de grande lotação noturna, voltadas aos jovens das classes populares. Em Marília, destacou-se no centro antigo, na Avenida São Luís, as casas noturnas "Scala" e os "bailes do Palinha". Espaços de curtição da música *black*, atraindo jovens dos bairros pobres da cidade, que vinham por transporte coletivo ou a pé, curtir as sensações e as novidades relacionadas a cultura negra em termos de música e outras estéticas. Abaixo um rico relato do Reginaldo[95], morador na época no Jardim Santa Antonieta (mapa 5), que aborda a sociabilidade interna nestas casas noturnas e as formas de interação no circuito de lazer destes jovens:

> *O baile tocava Soul Music, James Brown e outros. O pessoal dançando cada um do seu jeito, entrava a música romântica, aquele último funk e o globo começava a rodar.* Então já focávamos na mina que estava olhando (...). O rap começou na minha vida em 1987, eu morava no arraial [Morro do Querosene] recentemente, e tinha uns bailes Black, que tocava muito funk e James Brown. Era muito legal, tinha o pessoal do "moletom", do "terninho" e "sapatinho". Pessoal vinha no busão, as tribos eram meia separadas, mas tudo sem confusão, pensa no pessoal do funk colocando aquele breyzinho tinha o pessoal do moletom, mas tudo na paz. Na Avenida Rio Branco, ficavam andando os playboyzinhos na 515 [referência à pizzaria na Avenida Rio Branco]. Era um Black total as mulheres davam um trato nos cabelos. Quem era do blazer e funk arrastado vestia uns sapatinhos com sininhos, moleques com os moletons da Adidas. Quem não tinha dinheiro para comprar All Star, então o Le cheval salvou.

O relato acima mostra as diferenças de gosto, atitudes, visuais e possibilidades de consumo entre os próprios jovens pobres, frequentadores das casas noturnas do

[95] Reginaldo Kekko - 43 Anos, morador em Marília e cantor do grupo musical Comando Verbal - Gênero musical Gangsta Rap.

centro tradicional, as convivências nos trajetos e a preocupação com a visibilidade social. Há também menção à **pluralidade de culturas juvenis** que estavam sendo construídas na base das identificações e distinções nos espaços de lazer, onde se expressam uma diversidade de gostos e tendências. E onde se materializavam as formas de absorção e interação com culturas juvenis transterritoriais. São nestes espaços que estes jovens também vão tecendo formas de coexistências com outros grupos na noite. Essa pluralidade irá adquirir contornos mais nítidos nos anos de 1990.

Em Marília, além das casas noturnas no centro da cidade, os jovens mais pobres também convergiam para encontros com amigos e namoros nas Praças São Bento e São Miguel, a primeira localizada na parte leste, próxima ao centro tradicional e a última na parte mais ao norte do centro tradicional, também próximo ao terminal de ônibus urbano. Estes *points* de lazer, onde há forte presença de jovens de classes populares, parecem decorrer de uma estratégia socioespacial, ainda que não ensaiada, mas que tem por trás a eliminação de custos excessivos e na diminuição do investimento no tempo de deslocamento. Aqueles que dependiam de transporte coletivo e contavam com baixos recursos econômicos precisavam criar escalas ajustadas a suas realidades.

Apesar das casas noturnas e alguns *points* no centro tradicional serem pontos alto do lazer, ainda estão proliferadas na periferia as brincadeiras dançantes, um formato de festa muito comum nos anos de 1980, que requisitava poucos investimentos. Nestas festas participavam as redes juvenis de convívio próximo. Ricardo destaca seu circuito de lazer que começava nas *sextas-feiras, quando tinham as brincadeiras dançantes, cada um fazia na sua casa, nunca fazia na minha casa que não tinha quintal. Na sexta-feira era brincadeira dançante, no sábado e domingo era o flashdance*.

Também em Bauru, havia este formato de diversão, ligado à casas noturnas populares, com os *hits* do momento. Também eram casas noturnas localizadas no centro tradicional e tal como em Marília eram uma referência local de lazer noturno para os jovens pobres. Os enturmamentos que se formam nas pistas das discotecas de perfil mais popular passam a reunir jovens de diferentes bairros da cidade, é quando a periferia se encontra. Na figura 8, encontramos um fragmento da antiga mídia social

Orkut[96], onde se percebe, com ar de saudosismo, adultos que buscam compartilhar e recordar os momentos e prazeres vividos nestas casas noturnas, por exemplo, nas festas da Stalus em Bauru.

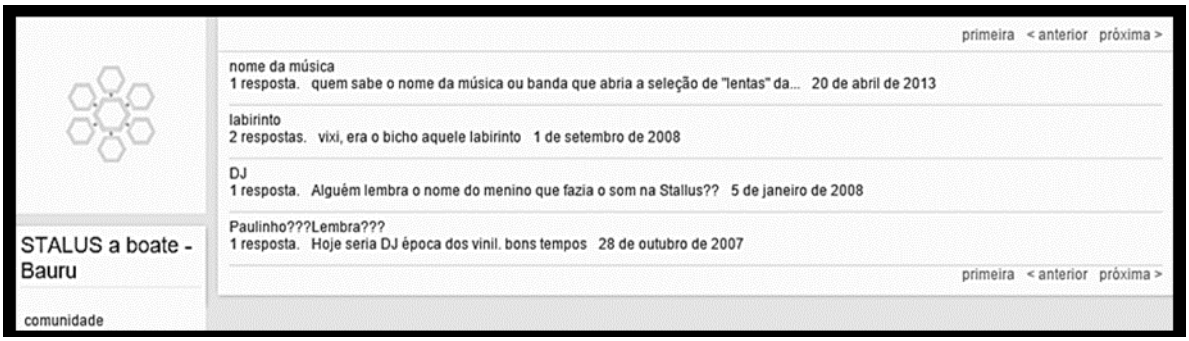


Figura 8: Comentário em torno da vida noturna na Casa de shows Stalus em Bauru.
Fonte: Mídia social *Orkut* – Grupo "Stalus a boate de Bauru"
Acesso: 23/01/2015 - http://orkut.google.com/c40034652.html

Aqui outro relato sobre a casa noturna Stalus, destacando sua ambiência musical, que mais tarde seria conhecida como Flashdance:

> ***Entrevistador***: *Como era o ambiente da Stalus, a música, a festividade lá dentro...*
>
> ***Sra Luzia***: *As músicas eram essas músicas assim, aquelas baladas, muita música internacional, que eu não entendia nada, mas adorava muito, que nem até hoje, americana. Não tinha música nacional, era raro, mas tinha música lenta. Não tinha rap, essas músicas de hoje não tinham. Mas era uma delícia*[97]

Em Bauru, até o final dos anos de 1980, o Clube dos Bancários e a discoteca Flashdance, no centro principal, foram em todo este período, os mais frequentados locais de dança para os jovens dos bairros periféricos da cidade. Os finais de semana eram os momentos de encontro com as turmas dos diferentes bairros. Porém, cabe aqui uma descrição mais detalhada, pois, apesar destas duas casas também serem frequentadas por públicos jovens, oriundas da classe popular e da periferia, eram

[96] Aqui cumpre uma informação adicional, muitas destas informações foram conseguidas através de fragmentos ainda online da antiga rede social e digital do Orkut, muitos grupos foram abertos com diversos interesses, mas também lembrando a história sobre as sociabilidades em clubes e casas noturnas, infelizmente com o desaparecimento dessa mídia social, também desapareceu um manancial formidável sobre locais e interações que existiam nestas cidades, que não se registraram em arquivos.
[97] A Sra. Luzia é uma dona de casa de 51 anos, morou na vila Serrão em Bauru, quando jovem.

espaços que tornavam visíveis outras distinções e matizes, constitutivas de clivagens socioeconômicas e simbólicas na própria periferia.

Por exemplo, os jovens pobres que frequentavam o clube dos Bancários eram aqueles que podiam consumir mais e também tinham um estilo de vida relacionado a uma condição de renda ligeira ou moderadamente maior. Por sua vez, os jovens que frequentavam o Flashdance eram vistos mais como a ralé, e a maior parte dos frequentadores eram predominantemente negros[98]. O relato a seguir permite entender um pouco destas diferenças sociais e simbólicas:

> ***Entrevistador***: *Tinha ostentação no Flashdance?*
>
> ***Sra. Luzia***: *Não, de jeito nenhum. Tinha aqueles que apareciam lá, chique, que não tinha um que não olhasse. Então eu acho que eles ficavam até inibidos, né, para poder aparecer lá assim, sabe. Não tinha isso. No Bancários, sim. A gente que ia, sabia que era mais chique, a gente tentava se arrumar melhor para poder aparecer lá.*
>
> ***Entrevistador***: *No Bancários?*
>
> ***Sra. Luzia***: *É, no Bancários. Mas no Flashdance não tinha disso não. Eu tentava ir o mais simples possível, porque sabia que se você se arrumasse toda ia ter, tipo assim, uma piadinha, sabe...porque a maioria era bem simples.*

Estas clivagens se repetem com reflexos nas escolhas dos espaços de interação dos jovens das periferias. Ainda que habitem e convivam em ambientes comuns, como a escola e o próprio bairro, também vão formando diferentes trajetórias de vida, consorciadas por diferenças de renda e acesso a bens culturais, ainda que de forma não tão abrupta. Preferências culturais e simbólicas que vão marcando distinções entre os grupos e nas suas redes de sociabilidade. Contudo, ainda assim se misturam em muitas ocasiões, coexistem e, frequentemente, são parte da mesma atmosfera de coleguismo no bairro.

Os fluxos destes jovens para o centro tradicional caracterizaram a centralidade e a sobrevida destes centros à noite, apesar de outros bares e restaurantes mais elitizados estarem compondo outros núcleos de lazer nestas cidades, como anteriormente exposto. Estes centros tradicionais foram se tornando o lugar preferencial dos encontros

[98] No capítulo 5, essas clivagens étnicas e sociais tendem a se revelar na própria periferia.

dos jovens da periferia em termos de uma apropriação para lazer, interações e de conexões culturais transterritoriais. Ali também se dava a reunião de amigos em torno de bares, casas de jogos e fliperamas, encontro das turmas, espaço onde também resolviam as diferenças. Além disso, o centro era o lugar onde estes jovens tinham contato com as novidades do visual, da música, da dança que se davam primeiramente em outros centros urbanos. Um reduto de forte aglomeração e festividade juvenil, frequentada por jovens da periferia, tanto em Bauru como em Marília.

Contudo, torna-se perceptível a diversificação de locais de lazer juvenil nestas cidades, também a formação de uma segmentação e práticas socioespaciais juvenis mais plurais. Era possível distinguir desde jovens embalados no clima das discotecas, como igualmente tornavam-se visíveis novas redes juvenis, como de jovens roqueiros, alternativos, entre outros, numa segmentação mais firmada por preferências e gostos culturais – embora, possivelmente isso não suprimisse a condição de classe social instalada nas suas socializações.

Nesse sentido, é preciso destacar a presença, ainda que tímida, de um universo *underground* nestas cidades. Em Bauru, existiam bares e casas de show fortemente frequentadas por jovens e adultos negros. Um "circuito de lazer *black*" em face das músicas e do espaço aproximativo com a cultura afrodescendente. Citadinos com raízes na cultura negra encontravam nestes locais da cidade, oportunidades para encontros, namoros e curtição. Bares como "O Caneco" e "Icaraí" favoreciam a expressão da negritude. Um grupo de citadinos eram responsáveis pelo "Icaraí", organizavam festas com grupos de São Paulo e do interior, principalmente com um de muito sucesso na época, denominado "Os Carlos", que era um grupo da cidade de Araraquara.

Os eventos seguiam os moldes de outras cidades do interior, chamado "Baile do Carmo", com danças, futebol, feijoada, roda de samba, apresentação de capoeira. Ainda hoje se realizam estas festas - mas, apenas em algumas cidades do interior paulista -, que reúnem uma concentração efetiva da comunidade negra. No entanto, era uma visibilidade nas "sombras" na área central. Algo que se divulgava mais entre seus

frequentadores, com quase nenhuma visibilidade nas mídias e jornais expressivos da época[99].

Estas segmentações esboçam processos de identificação a partir do consumo de bens culturais específicos. Ao mesmo tempo, estes encontros, aproximações, redes de sociabilidade, saltam para além da proximidade física, daquela experiência comum, no bairro ou escola, para agrupamentos mais reticulares, cuja referência são os diferentes estilos culturais (TURRA NETO, 2012).

Grande parte destes conteúdos estilos faziam parte daquelas experiências urbanas desencaixadas, cujo conteúdo cultural e deixas simbólicas originavam-se em outros espaços urbanos que, sob relações interescalares, possibilitavam às redes juvenis contato e potencialização de uma experiência transterritorial cultural e de estilos. O que permite estas relações culturais interescalares são as transformações técnicas e suas mediações.

Como disse anteriormente, o espaço urbano não é narrado apenas por uma história introvertida, vão na realidade sendo tecidas ligação com o externo, passo importante para entrada e transação de conteúdos simbólicos que embaralham velhas ordens, os valores e as cosmovisões de muitos jovens. Sistemas de comunicação que viabilizam as aterrissagens artísticas e culturais na cidade (TURRA NETO, 2012b), assim como, de eventos musicais e culturais, que passaram a fazer escalas nestas cidades do interior.

Como ilustração disso, a cultura hip hop chega nestas cidades, atraindo, sobretudo, jovens das periferias, a partir do final dos anos de 1980. Mas a grande maioria não conhecia esse estilo, ou sabia distingui-lo, tudo era chamado até então de *balanço*. Em Bauru, como em Marília, a vinda do grupo paulistano de rap Racionais Mc's e do cantor e compositor Thayde foram eventos importantes, que permitiram a muitos jovens reconhecerem não somente um estilo, mas o significado desta cultura urbana, mas cujas músicas se misturavam, geralmente, com outros estilos e repertórios, que tocavam indistintamente nas festas e casas noturnas. Esse reconhecimento fortaleceu o

[99] Utilizei informações e relatos da professora e jornalista Inará (48 anos), em Bauru, contato que se deu por meio da mídia social *Facebook*.

surgimento de redes juvenis em torno de uma nova identificação cultural. Abaixo outro trecho da entrevista com o colaborador Ricardo, que mostra um pouco o que seria a força deste impacto cultural para muitos jovens nestas cidades:

> ***Entrevistador***: *Como assim, som ligado nas casas, as musicas correndo na rua?*
>
> ***Ricardo***: *Correndo na rua e todo mundo vai na casa de todo mundo a música ta tocando, todo mundo curtia, aí depois com a vinda do Racionais em Bauru em 1989, a gente definiu o que a gente queria escutar, eu estava falando isso hoje a tarde para nosso amigo Gabriel, falei olha só o Racionais ele mudou a minha vida, um cara aparece de óculos no show e os caras falaram assim "tira o óculos só um pouquinho pra você ver como que é a realidade de verdade, ver o que você vive, o que você faz sem mesmo você querer fazer"*[100].
>
> ***Entrevistador***: *Foi aí, como se diz, você viram que era diferenciado que existia uma essência, uma diferença do que estavam fazendo?*
>
> ***Ricardo***: *Pô cara, então a gente já tinha ouvido rap, mas a gente não conseguia definir o que era o rap, porque até então é uma música falada e uma batida norte americana em cima, e falava assim, "o que é isso aí? Isso aí é tradução de tal música que o cara fez. Ah legal então um Black nacional boa isso aí". Aí, depois 1989, a gente começou estudar e descobrir o que era Hip hop o que é o Rap, o que é Grafite, o que era Black.*
>
> ***Entrevistador***: *Esse "nós" que você fala é a turminha de vocês da vila ou você tinha contato com outro pessoal de outras vilas que também estavam enturmados nessa questão de conhecer o Hip Hop? Já havia uma rede de amigos fora da vila já nessa época que você está falando em 90, 91 quando vieram os Racionais?*
>
> ***Ricardo***: *Não, 89 que eles vieram, então em 1990 houve o grande boom assim do Rap pra mim eu tenho a foto até hoje do primeiro movimento de Rap que teve em Bauru que foi lá na praça Rui Barbosa num coreto lá, tinha vários grupos, entendeu ...*

Se, anos de 1970, o meio técnico que permite uma transescalaridade cultural é o rádio e o cinema, agora também se acrescenta a televisão nos anos de 1980. Contudo, apesar da importância das torres de transmissão, de receptores de sinais e do próprio televisor, para favorecer uma comunicação quase-mediada, ainda são necessárias pessoas e redes sociais, além das iniciativas, muitas vezes individuais, para introduzir uma tendência cultural no lugar. Sem a aglutinação de jovens em torno destes interesses, sem espacializações e compartilhamento destes conteúdos, não há uma efetiva transterritorialidade cultural. A iniciativa de jovens, com suas performances e

[100] Difícil não lembrar nesta frase do conceito de *habitus*.

imitações, facilitava a exposição destes conteúdos simbólicos e culturais. Novidades reconhecidas por jovens que se viam aproximados pelo gosto e atitudes. Novidades que modificavam suas práticas e favoreciam o aparecimento de circuitos de lazer, com base em locais onde existem oportunidades para sua manifestação cultural.

Em suma, são as redes de sociabilidade juvenil que vão se organizando e criando estratégias de encontro e compartilhamento de conteúdo simbólico (o papel das trocas de fitas k-7, revistas, vinis). Para os jovens pobres, isso se tornou possível em face da própria massificação do consumo, por exemplo, ainda que fosse caro a compra de vinis, havia o empréstimo e redes juvenis que proporcionavam a democratização destes materiais e conteúdos[101].

É preciso trazer para ponderação o quão o efeito destas aproximações identitárias e diversidade de estilos foram se concretizando com base num agente social que não era mais uma restrita população juvenil. O fator demográfico talvez seja outro elemento determinante nesta transterritorialidade. Jovens que podiam encontrar outros jovens que, mesmo morando em áreas opostas da cidade, frequentavam os eventos, fliperamas, bares do centro da cidade e ali afinavam suas aproximações e compunham redes sociais em torno de interesses comuns. Às vezes reuniam-se dezenas de jovens em torno de uma filiação cultural, cuja variedade e quantidade de esforços fortalecia uma determinada cultura juvenil.

Esse aspecto socioespacial é importante, já abordado por Carrano (2002) e Turra Neto (2012b), que são os "**terminais de conexão**", as referências globais ou conteúdo simbólico, não apenas chegam num processo interescalar cultural, ganha importância o "contexto da receptividade" (THOMPSON, 2011), os pontos do espaço urbano capazes de receber e divulgar conteúdos que aterrissam na cidade, mas que também favorecem seu compartilhamento e formação de redes sociais em torno destes artefatos, como uma

[101] Registro meu próprio relato a respeito. Em 1989, estudava numa escola Senai e havia várias turminhas (redes juvenis) que se formavam nos intervalos, para empréstimo destes materiais. Jovens que traziam discos, para serem emprestados e trocados, sobretudo relacionados aos gêneros musicais *new wave e heavy metal*. Era uma forma de compensar a dificuldade de comprar todas as novidades que chegavam nas lojas de discos, mas que, pelo intercâmbio, podia-se ter ao menos contato com estes conteúdos musicais.

banca de jornal, uma loja de discos e até mesmo uma esquina, onde os jovens de reúnem para entrosamentos e trocas.

Apesar dos novos espaços de lazer juvenil estarem se diversificando na cidade, perpetuava-se a continuidade de uma territorialidade juvenil, que ainda se distinguia em classes e modos de interação. Como anteriormente observado, os jovens da classe média e da periferia pobre não se territorializavam sempre no mesmo lugar e/ou no mesmo tempo, ou quando coexistiam, eram nítidas as diferenças socioeconômicas e modos de interação.

No caso de Marília, os jovens das classes médias, ou de melhor condição para investir na noite, elegiam a Avenida Rio Branco, onde as boates e bares atraiam o público juvenil, por suas novas fachadas, ambientes modernos, ar de renovação constante e pelo apelo ao consumo mais elitizado. Muitos jovens pobres faziam um circuito entre centro tradicional e a Avenida Rio Branco, embora estes mais compunham a cena do movimento e aglomeração externa na rua, do que a cena dos ambientes internos. O preço da entrada e/ou consumo era um tipo de investimento distante da realidade econômica destes jovens.

A vida noturna destas cidades não estava imune as distinções e barreiras sociais. Na noite, as diferenciações e desigualdades sociais na sociedade adquirem outros contornos. A cultura da noite não é somente feita de escolhas livres, existe também restrições a lugares e ambientes. O consumo, a roupa, os códigos podem ser garantias de aceitação ou constrangimentos a este ou aquele lugar. Um entendimento que já foi destacado por Margulis (1997, p.9)

> *(...) la cultura de la noche tiende a reproducir, a develar y aun a exacerbar los sistemas de dominación y de legitimación vigentes en la sociedad. Las formas de diferenciación y de exclusión social son tal vez más brutales y manifiestas que las que se aprecian en la vida diurna.*

Parece claro que a cidade muda e as práticas socioespaciais juvenis vão se ajustando às sucessivas mudanças do tecido urbano. Mudanças não apenas relacionadas com a curtição e consumo, mas também decorrentes da ampliação do atendimento do transporte público, duração temporal da diversão na noite,

aterrissagens de culturas transterritoriais e muitos outros fatores – toda uma gama de oportunidades e novos contextos que moldam a Geografia da noite, assim como a natureza e alcance das práticas juvenis, que refletem estas mudanças.

Em geral, percebe-se na vida noturna destas cidades, que os jovens, até o final dos anos de 1980, viviam um universo de experiências comuns e próximas, imersos nas transcorrências econômicas e de consumo que os envolviam, permeáveis as culturas transterritoriais, lógicas de consumo, mas também que estes mesmos jovens eram agentes sociais importantes na escrita da cidade, imprimindo novos fluxos, densidades e territorialidades

Em resumo, nos anos de 1980 se delineou uma maior diversidade de culturas urbanas juvenis nestas cidades. Em relação à economia da noite e do seu arranjo espacial, percebe-se uma desconcentração de boates, bares e outros tipos de casas noturnas da área central, embora ainda gravitem em torno do centro tradicional, tanto em Bauru como em Marília. Mas os jovens das periferias não têm grande penetração nestes novos espaços de consumo, estão mais concentrados no centro tradicional e nas brincadeiras dançantes de seus bairros. Mas, convém destacar uma maior diversidade de espaços e ambiências para os jovens em termos de lazer noturno e uma conexão transescalar mais ampla com outros centros urbanos, em termos de vanguarda estética e cultural, em comparação com os anos de 1970.

3.3. A virada na economia do lazer em Bauru e Marília

Nestas últimas décadas do século XX, percebe-se um ritmo maior de crescimento demográfico nas cidades médias do interior do Estado de São Paulo e de um processo amplo de reestruturação produtiva, além de um espraiamento da produção industrial das metrópoles para o interior (SPOSITO, 2007). Há aumento demográfico e a absorção dos impactos de uma dispersão produtiva que vai desaguando no aumento da capacidade de consumo nestas cidades. Entre as várias consequências destes processos está a inclusão dos aspectos quantitativos e qualitativos da economia do lazer, o que inclui as cidades pesquisadas.

Marília, ainda durante os anos de 1990, recebeu grandes investimentos no setor habitacional popular, como também de moradias e novos loteamentos para os segmentos de médio e alto padrão, o que implica uma maior ocupação urbana, combinada com formas de exclusão e segregação socioespacial apontada por outros estudos (NUNES, 2007; ZANDONADI, 2008). Muitas das casas populares e loteamentos para baixa renda continuam sendo instalados nos extremos da Zona Norte e Sul da cidade, distanciando-se cada vez mais do núcleo urbano central.

Em Bauru, cresceu o número de favelas, e também foi significativo o aparecimento de investimentos privados na construção de condomínios fechados e prédios residenciais para citadinos de maior poder aquisitivo (BARBOSA, 2006; CORGHI, 2011). Ainda neste período, há forte impulso no setor imobiliário e terciário nestas duas cidades. Um destes estímulos ocorreu por força da maciça chegada de jovens universitários. A força deste fluxo migratório em Marília gerou a necessidade de abrigar milhares de estudantes, o que implicará na verticalização habitacional da Zona Oeste. Esse processo age na expansão do tecido urbano. A indústria do lazer também é favorecida, atendendo uma demanda crescente de jovens que buscam a diversão noturna, o que resulta não apenas na continuidade do aumento do número de bares, casas de show, eventos e festas, como também em sua espacialidade, tanto uma certa diversificação como a consolidação de alguns núcleos de lazer que ainda persistem na atualidade (mapas 1 e 2).

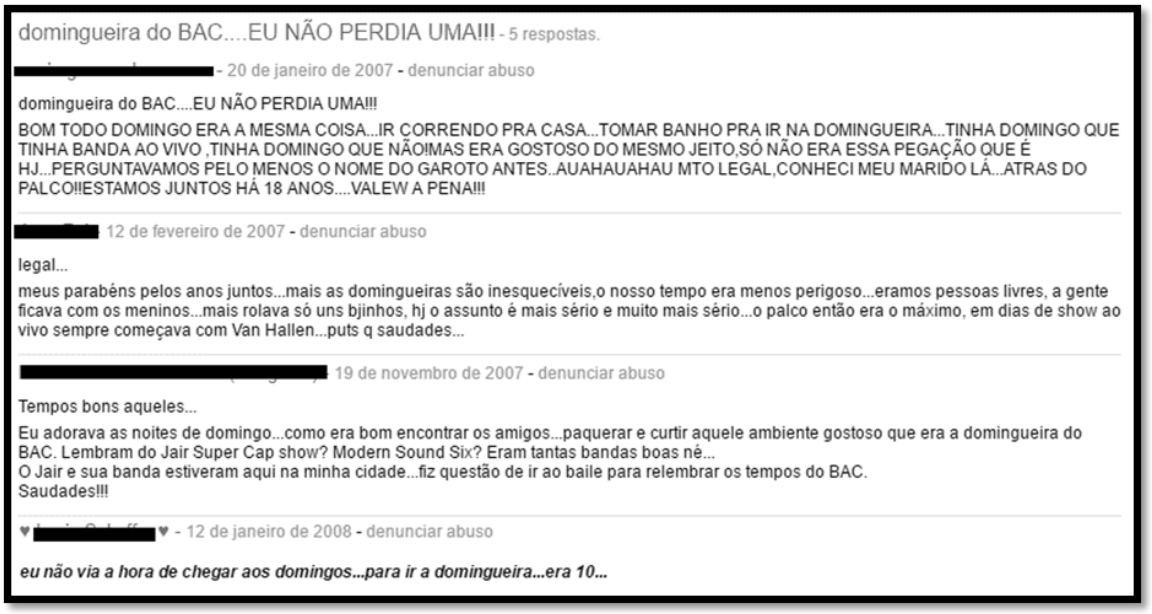
O fortalecimento dos núcleos de lazer de Marília, sobretudo, na sua porção oeste, justamente nas proximidades das universidades, proporcionou uma vida diurna ligada as funções estudantis e à noite uma efervescente vida noturna nas ruas imediatamente próximas às universidades (mapa 1). Atualmente, ainda é um núcleo de lazer noturno em expansão, com *points* distintos, atraindo tanto jovens universitários, quanto da periferia e de cidades vizinhas. O ciclo de diversão e festas neste núcleo começa a se iniciar no meio da semana.

Em Bauru, os processos de expansão dos núcleos de lazer são similares. A direção desse processo seguiu rumo à Zona Sul, processo que já havia começado nos anos de 1980, acompanhando o eixo da Avenida Nações Unidas e ruas adjacentes (mapa 2), com concentração de diversos bares dançantes, restaurantes e pizzarias. Esta área de lazer se consolida e se reforça com a implantação do primeiro shopping center da cidade, no começo dos anos de 1990. Na verdade, esta nova forma comercial tem o poder de atrair um fluxo próprio, não apenas da cidade, como da região. Suas salas de cinema mais modernas e melhor equipadas acabaram por drenar os consumidores que ainda frequentavam as duas últimas salas de cinemas que restavam no centro tradicional – e que finalmente deixaram de existir em 2008.

Este primeiro shopping na cidade, instalado na Zona Sul da cidade, onde os principais consumidores são de classes mais altas, diferencia-se do comércio do centro tradicional, por conta do espaço sofisticado e das franquias que nele passam a estar presentes na cidade. Ainda assim, foi se tornado parte do circuito de lazer dos jovens oriundos de classes populares, em busca de alternativas de passeio aos finais de semana. Mas não se fala ainda em *rolezinhos*, ou grandes aglomerações deste segmento juvenil. O shopping center constitui uma das escalas em seus circuitos de lazer, onde podem flanar por sua estrutura. De certa maneira, as referências de consumo para estes jovens estão ainda concentradas no centro tradicional.

Os jovens das periferias também constituíam grandes fluxos nas domingueiras dançantes dos bailes não restritos aos sócios, como no Bauru Atlético Club (BAC). Em Marília, de forma similar, ocorriam estas domingueiras no clube Iarinha. Estas domingueiras começavam, geralmente, às 19 horas e terminavam antes das 23 horas, o que se ajustava às últimas linhas de ônibus para os bairros. Nestes bailes, jovens de

diferentes bairros se encontravam nos mesmos salões. Os preços de entrada para estas festas eram muito baixos e, além disso, não eram locais tão longe do centro tradicional. Abaixo, um trecho dos sentimentos e práticas que moviam estes jovens para estas domingueiras:


domingueira do BAC....EU NÃO PERDIA UMA!!! - 5 respostas.

[redacted] - 20 de janeiro de 2007 - denunciar abuso

domingueira do BAC....EU NÃO PERDIA UMA!!!

BOM TODO DOMINGO ERA A MESMA COISA...IR CORRENDO PRA CASA...TOMAR BANHO PRA IR NA DOMINGUEIRA...TINHA DOMINGO QUE TINHA BANDA AO VIVO ,TINHA DOMINGO QUE NÃO!MAS ERA GOSTOSO DO MESMO JEITO,SÓ NÃO ERA ESSA PEGAÇÃO QUE É HJ...PERGUNTAVAMOS PELO MENOS O NOME DO GAROTO ANTES..AUAHAUAHAU MTO LEGAL,CONHECI MEU MARIDO LÁ...ATRAS DO PALCO!!ESTAMOS JUNTOS HÁ 18 ANOS....VALEW A PENA!!!

[redacted] 12 de fevereiro de 2007 - denunciar abuso

legal...

meus parabéns pelos anos juntos...mais as domingueiras são inesquecíveis,o nosso tempo era menos perigoso...eramos pessoas livres, a gente ficava com os meninos...mais rolava só uns bjinhos, hj o assunto é mais sério e muito mais sério...o palco então era o máximo, em dias de show ao vivo sempre começava com Van Hallen...puts q saudades...

[redacted] 19 de novembro de 2007 - denunciar abuso

Tempos bons aqueles...

Eu adorava as noites de domingo...como era bom encontrar os amigos...paquerar e curtir aquele ambiente gostoso que era a domingueira do BAC. Lembram do Jair Super Cap show? Modern Sound Six? Eram tantas bandas boas né...
O Jair e sua banda estiveram aqui na minha cidade...fiz questão de ir ao baile para relembrar os tempos do BAC.
Saudades!!!

♥ [redacted] ♥ - 12 de janeiro de 2008 - denunciar abuso

eu não via a hora de chegar aos domingos...para ir a domingueira...era 10...

Figura 9: Domingueira no Bauru Atlético Clube.
Fonte: Mídia social *Orkut* – Grupo "Domingueira do BAC"
Acesso: 21/05/2015 - http://orkut.google.com/c830040-te26667aafb8d7c1.html

Em Bauru, surgem opções de casas noturnas espaçosas e com atrações musicais vindas dos grandes centros urbanos. Uma destas casas é o Sandália de Prata, famosa por trazer artistas do pagode e rap. Localizava-se a meio caminho entre o centro tradicional e o eixo de lazer da Avenida Duque de Caxias. São novos *points* juvenis que vão se fixando cada vez mais distantes do centro tradicional. É preciso destacar que a grande parte destes jovens continuam saindo de seus bairros para desembarcar no centro, mas agora a partir do centro passam a fazer escalas também na Zona Sul. Em Marília, os jovens pobres igualmente ampliam suas escalas, muitos acompanham a cena do rap que se torna ampla na cidade, com casas noturnas e shows ao ar livre, com vários grupos musicais que se apresentam no centro tradicional, como também em variados locais da periferia.

Contudo, além do transporte coletivo, o que amplia o salto de escalas destes jovens para as áreas de concentração de lazer noturno e assim avançarem na diversão

até altas horas é a novidade do serviço de moto táxi. Não se pode minimizar a importância deste serviço. Primeiro, porque era barato e rápido (apesar da insegurança), segundo, atingia justamente as classes populares, que ficavam quase sempre reféns dos horários fixos e dos horários de parada muito intervalados, sobretudo, nos finais de semana; terceiro, funcionava 24 horas; quarto e talvez principal, poderia ser acessado de qualquer local, já que se proliferaram por vários pontos, tanto em Bauru como em Marília, seja no centro tradicional ou nos próprios bairros da periferia.

Mas também era possível contar com as *caronas amigas* bem mais comuns que nos anos de 1980. Jovens que podiam combinar e transacionar suas idas e voltas no circuito de lazer entre percursos de ônibus, moto táxi e caronas. Mesmo assim, muitos são os jovens que ainda flanavam pela madrugada até esperar os primeiros ônibus no início da manhã[102].

É significativo o maior número de jovens pobres que possuem moto e carros populares, o que coincide com os primeiros impactos da abertura econômica iniciada na conturbada e curta "era Collor". Mas é algo que ainda não tem a dimensão do que vai ocorrer, sobretudo, na primeira década dos anos 2000. Portanto, para quem mora nos bairros populares e distantes, o transporte coletivo e moto táxi são os meios mais usados para locomoção entre bairros e áreas centrais. Em Bauru, há uma maior diversidade de linhas de ônibus, já com alguma ligação interbairros, o que facilita a ligação entre bairros da periferia e outros acessos, em diferentes áreas da cidade.

É importante que se faça menção a estas formas de transporte, quando se considera o investimento de tempo e dinheiro por parte destes jovens, quanto a produção de suas escalas para o lazer. Pouco se tem registrado como se dão suas estratégias espaciais, como articulam seus trajetos e escolhas de locais de diversão, tendo em vista os custos que impõe a mobilidade urbana[103]. Ao longo das gerações, este capital foi se ampliando, sob o impacto de políticas de transporte urbano,

[102] Os anos de transição entre 1980/1990 foi o centro da minha juventude, assim como de meus amigos punks em Bauru. Em geral, ficávamos circulando pelas ruas centrais da cidade, parando em alguns bares e nos juntávamos aos outros jovens também nos pontos de embarque por volta das 6:00 da manhã dos domingos, esperando os primeiros ônibus para casa. Nesse período, existiam os chamados "corujões" – ônibus interbairros que eram colocados em linha nos horários do meio de madrugada.

[103] A questão da mobilidade urbana não é menor, por sinal foi uma das pautas, ainda que difusa, nas grandes manifestações juvenis em 2013 no país.

conjunturas econômicas e ampliação do acesso ao consumo, assim como de recursos que foram sendo alcançáveis pelas classes populares (como motocicletas e carros usados).

Porém, é preciso fazer um parêntese importante, apesar de destacar o maior poder de transpor as escalas no campo da diversão para estes jovens, é necessário colocar esta prática num quadro mais geral. Por exemplo, mesmo que houvesse políticas públicas para o transporte coletivo, isto não quer dizer que inexistiam precariedades quanto a sua disponibilidade (poucas linhas, horários e paradas atendendo parcialmente a população, conforto etc.) e do alto custo econômico para os mais pobres, além de não anular as distâncias sociais e espaciais entre as classes. Muito mais que isso, quando se fala em transposição das escalas pelos jovens – e mesmo pelo conjunto dos citadinos da periferia -, é preciso ter em conta algo pouco dimensionado na vida social destes jovens, que é violência espacial e simbólica, que não está somente fixa nas distâncias e no habitat, mas também ocorre no movimento, ou seja, nas suas trajetórias, na composição de suas escalas. Ainda que tenha sido importante a transposição das escalas para o lazer, como destaca o relato de um jovem de Marília[104], é preciso enfrentar outras barreiras, estas mais opacas e invisíveis, porém não menos reais que se dão em torno de suas práticas socioespaciais:

> *Sou morador da Zona Oeste da cidade, e utilizo o transporte público desde 2007. Em 2012 passei o ano trabalhando na Zona Sul, no bairro Nova Marília, quando tive um uso diário do transporte em horários de pico, em uma linha bastante lotada. De lá pra cá a tarifa só aumenta, e está cada vez pior andar de ônibus. Por mais que tenha continuado a depender do transporte público, nesta época vivi muitas situações que me ficaram na memória, que marcaram a minha experiência, compartilho aqui um pouco delas para refletir sobre a situação do transporte em Marília (…) convivia com meninos que problemas com escola tinham mil, mil fita, no Nova Marília. Alguns curtiam andar de skate no Tatá. Conversei com um jovem que praticamente nunca tinha saído do bairro. Fiquei intrigado. Para as empresas de ônibus e para a prefeitura, que só interessam os lucros, ônibus só serve para transportar trabalhador ao trabalho. Para os jovens negros da periferia é negado o direito à cidade, o acesso a áreas de lazer. Além das taxas abusivas, a verdade é que existem pouquíssimos horários de ônibus*

[104] Este relato se encontra na reportagem "Muita treta no busão de Marília, todos à reunião da Frente de Luta pelo Transporte". No jornal Esquerda Diário. Disponível em: http://www.esquerdadiario.com.br/Muita-treta-no-busao-de-Marilia-todos-a-reuniao-da-Frente-de-Luta- pelo- Transporte- dia- 23- 09?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter. Acesso em 10/12/2015

> *em fins de semana. Além do mais, existem* ***barreiras invisíveis****. Tem rolê da cidade que só se encontra negro servindo e limpando. Companheiros me contaram várias vezes que levaram* ***enquadro***[105] *indo para o Esmeralda em final de semana. Para chegar ali não é com qualquer roupa. Tem roupa de casa, mas tem* ***passaporte de classe****. Não dá pra andar de chinelão e de qualquer jeito. Sem roupas bem passadinhas, imitando marcas famosas, perfume, o direito a alguns lugares de lazer está negado. Dizem que o shopping, que restaurante, que hipermercado é público. Mas basta olhar nos corredores as cores de pele, a origem social de classe, os bairros que moram. O ônibus, por ser o trânsito entre bairros, é* ***trânsito de classe****, marcando o apartheid, a segregação. E a diferença dos empacotadores da área toda... **O trajeto de ônibus é um divisor. Na entrada das quebradas tem um muro que não se vê**. [Grifo meu].*

Apesar de fazer referência aos anos 2000, o relato não deixa de englobar gerações anteriores. Em realidade, este *passaporte de classe* comparece em quase todos os *rolês* dos jovens da periferia, como se verá mais à frente. Apesar das múltiplas trajetórias que se consolidavam para estes jovens desde os anos de 1990, ainda precisam fazer adicionais investimentos, pois sabem que o gosto, o transporte e o fraseado das roupas são marcas de distinção social e, como apontou Helena Abramo (1994), até mesmo uma condição de circulação no espaço público.

Nesse sentido, ocorre a deformidade da interpretação de que a ostentação, a busca por visibilidade social destes jovens, nada mais seria que culto de valores narcisistas, individualistas e hedonistas (reduzido a uma crítica geracional). Uma das críticas mais comuns é que cultivam valores supérfluos, ao invés daqueles que os possibilitariam ter um "verdadeiro" capital cultural e social. Crítica simples e deformada que, em realidade, encobre as desigualdades de recursos e de acessos àqueles cujos campos de possibilidade socioespaciais para ir além de um *habitus* precário é limitada, que são instados a precisar do *passaporte de classe*, pois a todo o momento estão sob os julgamentos estéticos, sociais e espaciais quando saem e entram na periferia.

Não se ignora o poder da indústria do lazer e entretenimento em dirigir e produzir gosto, ou mesmo achatá-lo, explorando filosofias de vida que, ostensivamente ou de forma capilar, penetram nas formas de sociabilidade, que se fortalecem nas aberturas e conexões entre lugares, que se instalam como uma "espiritualização forçada

[105] Este "enquadro" - jovens revistados pelo polícia - pude observar duas vezes em Marília em torno da Avenida das Esmeraldas. Como se verá a frente, algo comum nas redes juvenis em torno dos *rolês* nos shopping centers.

da diversão" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985)[106]. Se o hedonismo e individualismo são valores reapropriados numa ética de consumo, isso não termina aí, são valores que se convertem em consumos (formatos de lazer, produtos, modas etc.) e que se ajustam às estratificações sociais, cuja aquisição e posse vai variar em face de uma primária distribuição de recursos entre segmentos e classes sociais. Sem essa contraparte, tem-se a impressão que os gostos, valores e preferências resultam apenas das injunções dos agentes capitalísticos, tornando ofuscado e intransparente tanto as estratégias criadas por aqueles que têm menos recursos, mas almejam entrar no mundo da cidadania e de serem iguais, como o fato de que "ser um igual" faz parte das hierarquias de valores ditadas pelos grupos e classes de maior capital econômico e social.

Ainda em relação aos arranjos e estruturas espaciais relacionados aos núcleos do lazer neste período, deve-se destacar o eixo de lazer da Avenida Duque de Caxias, importante artéria que liga a Zona Leste e Oeste de Bauru (mapa 1). Ao logo desta avenida, um pouco antes dos anos de 1990, já se instalaram algumas casas noturnas, como a famosa Plenty Night Clube e nos, anos posteriores, surgiram postos de combustíveis, com lojas de conveniência que, durante a noite, transformavam-se em *points* com alta concentração de jovens de diferentes classes sociais. Em Marília, estes tipos de práticas socioespaciais também aconteciam em alguns postos de combustível que ficavam superlotados com a aglomeração juvenil. Jovens das periferias passaram a frequentar estes postos e outros *points*, sobretudo, da Avenida Rio Branco.

Estes postos de serviços tornados *points* de lazer ainda estão presentes em muitas cidades brasileiras, sendo comum o encontro juvenil, aproveitando suas instalações espaciais, como amplos pátios de paragem e lojas de conveniência, com atendimento 24 horas. A entrada em cena destes postos aumentou consideravelmente as oportunidades para consumo de álcool. Os jovens das classes populares passaram a frequentar estes locais, pois era uma alternativa relativamente de baixo custo para acompanhar a vida noturna nos finais de semana. Outras vezes, este consumo de álcool

[106] Uma das críticas na "dialética do esclarecimento" está na fusão da indústria cultural com a diversão, de modo que se divertir é aceitar o que se impõe, a diversão não é mais a fuga, mas uma forma de esquecer de nossos sofrimentos, se desacostumar de nossas subjetividades (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 118 e 119).

era realizado longe dos olhos de outros grupos, como esta descrição de Alex, sobre quando voltavam a pé para seus bairros de origem, nos finais de semana:

> *Voltávamos a pé, vínhamos conversando e trocando ideias. Cantando músicas. No centro tínhamos um comportamento, mais contido, mas quando já estávamos perto do bairro, sabendo que o playboyzinho não vai te ver, a gatinha não vai me ver, a galera do centro não vai me ver, aí o pessoal aproveitava para distrair mesmo. Jogava para fora. Bebíamos bastante. Era a pior cachaça e a pior vodka, era aquilo assim, uns já começavam a fumar, eu cheguei a experimentar a maconha e outras drogas, mas não gostei, também não me adquiri gosto para cerveja e cigarro. Nem uma delas me fez sentir prazer.*

É nestes anos de 1990, no âmbito das pequenas e grandes festas de repúblicas e nos postos de combustíveis que foi se introduzindo a forte descontinuidade em termos de comportamento de consumo em relação às práticas de sociabilidade das outras décadas estudadas, que foi um aumento massivo do consumo entre jovens de todas as classes sociais de bebidas alcoólicas, algo também percebido no estudo de Comas (2000) mas entre os jovens da Espanha nos anos de 1990. Em geral, nessas festas ocorriam (e ainda ocorre atualmente) o consumo aberto de bebidas alcoólicas e energéticos, que costumam durar todo o dia e atravessar as madrugadas[107].

O consumo de bebidas alcoólicas[108], sobretudo, cervejas, passou a estar presentes em todos os cartazes e publicidade de festas nestas cidades, na maior parte das vezes, fortemente direcionada ao segmento juvenil. O consumo etílico vai se tornando um fator quase central nas interações juvenis, associando seu consumo a vazão do lúbrico, desprendimento para diversas formas de expressividades corporais, farra desenfreada e ao risco. Esses são fatores que contribuíram em muito para a alteração

[107] Aliás, o consumo e as articulações que ocorrem entre empresários da noite e grandes revendedores de bebidas exigem pesquisas futuras, no campo da economia da noite, quanto a seus impactos socioespaciais e econômicos nas cidades médias.

[108] Uma referência importante nos impactos do consumo de bebidas alcoólicas entre os jovens está nos trabalhos coordenados pela professora Ilana Pinsky, pela UNIFESP, com destaque para "O impacto da publicidade de bebidas alcoólicas sobre o consumo entre jovens: revisão da literatura internacional". Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rbp/v30n4/213.pdf; e "Publicidade de bebidas alcoólicas e os jovens". Disponível em http://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Publicidade-de-bebidas-alcoólicas-e-os-jovens.pdf.

da geografia da noite em relação às interações juvenis, mesmo entre os jovens da periferia, que também passaram a investir nas curtições regadas com bebidas alcoólicas

Pode-se dizer que, nos anos de 1990, a paisagem de diversão noturna não está mais simetricamente justaposta ao centro tradicional das duas cidades. Em Bauru, a expansão do lazer noturno continua acelerada em direção à Zona Sul (mapa 2) e em Marília os estabelecimentos de lazer noturno se espalham por eixos que cruzam a Avenida Sampaio Vidal e vão em direção à Zona Sul e Leste da cidade (mapa 1), dinâmicas que ainda ocorrem atualmente.

Na segunda metade dos anos de 1990, emerge como um dos principais núcleos de lazer noturno de Bauru a Avenida Getúlio Vargas (mapa 2), localizada na Zona Sul. Área de fortes investimentos e iniciativas do setor privado e público (LOPES JUNIOR, 2007), esta avenida ganhou forte centralidade, cujo fluxo foi se prolongando por todo seu eixo. Inclusive instalando estabelecimentos de consumo, com uma diversidade de bares (*american bar, pubs, bares dançantes)* e uma cervejaria voltada para shows musicais.

O avanço do setor terciário e a cristalização da centralidade de lazer na Avenida Getúlio Vargas não ocorreram sem fricções e conflitos, como a disputa territorial entre moradores residenciais já fixados no local e a especulação comercial e imobiliária, além de outros problemas que decorriam da própria vida noturna: tráfego intenso, barulho até altas horas da noite, lixos e resíduos ao longo das ruas e calçadas (RAMOS, 1998). Todavia, o fato é que este eixo de lazer noturno acabou se consolidando.

Deve-se destacar, pois, que antes mesmo de tornar-se um eixo de lazer noturno, pela força de empreendimentos oriundos de empresários da noite, esta Avenida abrigava uma constante aglomeração de jovens que estacionavam seus carros para namorar, escutar música e se divertir com amigos. Jovens da periferia também afluíam para essa avenida, encostando seus carros e fazendo aglomerações. Na Praça Portugal, área contigua à avenida, eram realizadas, aos finais de semana, apresentações de bandas de rock, com patrocínio das empresas de rádios FM da cidade.

Estes encontros e festas na Praça Portugal reuniam uma heterogeneidade de grupos juvenis da periferia e outros segmentos, divididos em diversas microculturas

e/ou redes juvenis como punks, *manos*[109], *headbangers*[110], curtiam o momento de festa e dos shows neste espaço público. Ao longo do tempo, foram surgindo barracas de lanches e lojas de conveniência em postos de combustíveis nas imediações. Atualmente, tem se tornado uma praça de exposição e feiras culturais. O que mostra que a constituição de centralidades urbanas tem um componente sociocultural importante quando se percepciona a sociabilidade de grupos sociais e das gerações no tempo longo da cidade.

É preciso destacar que as primeiras políticas públicas em relação a expansão do lazer e atividades culturais nas periferias, nestas cidades, começou efetivamente nos anos de 1990. Os centros comunitários de bairros tinham frequentemente atividades diurnas, além de festas e pequenos bailes nas noites de finais de semana. Em Marília, instala-se uma política de esporte na periferia neste período. Eram outras instâncias e oportunidades de lazer, tanto em Marília, como em Bauru.

Um exemplo disso era o "caminhão-palco" em Bauru. Uma itinerante estrutura de aparelhagem musical, que fazia um circuito nos bairros periféricos da cidade. Foi também através desta estrutura que o rap e pagode foram se tornando populares nas periferias, havia apresentação de grupos locais, além de grupos de fora da cidade. Abaixo um relato do colaborador Ricardo, que ilustra também as interações envolvidas no enraizamento do hip hop em Bauru:

> ***Entrevistador**: E me fala uma coisa, nas apresentações de vocês, como eram essas apresentações, eram nos bairros, você falou que era mais no domingueira... era mais no centro da cidade, mas também tocava em bar, se apresentava em bar, havia um circuito na periferia? Ou ainda não?*
>
> ***Ricardo**: Tinha... até tinha porque na época tinha um projeto da prefeitura que chamava 'Caminhão Palco'. Então o hip hop daquela época estava fortalecendo porque onde ia tinha alguém cantando. Aí lembro que foi o mano Tutão que foi na prefeitura, fez o projeto e feito esse projeto ele conseguiu. Então a moda da época era o quê? O grupo principal toca, tem que ter um grupo coadjuvante para fazer a abertura do show deles. Aí a gente estava sempre comprando disco,*

[109] Referência auto atribuída pelos jovens de gangue ou de turmas oriundos dos bairros pobres das periferias, destacando um sentido de irmandade. Também é utilizado como termo classificatório, em sentido depreciativo, por outros grupos juvenis para se referirem aos jovens das periferias pobres.
[110] *Headbanger*, também às vezes chamado de *metalhead* são jovens que compõe uma cultura juvenil em torno do estilo musical heavy metal e suas variações.

o Tutão trabalhava na loja, chamava Flashback, hoje, é voltada também para o hip hop, mas para todos os públicos assim.

Enquanto se configurava a centralidade de lazer noturno da Avenida Getúlio Vargas, também em Marília, na mesma época e num processo similar, a Zona Leste se tornava a nova fronteira de investimentos imobiliários e de implantação de novas superfícies comerciais (mapa 1), sobretudo, em torno da Avenida das Esmeraldas que, até o início dos anos de 1980, era um grande vazio urbano, em termos de apropriação habitacional e comercial. Contudo, em termos de práticas urbanas e juvenis, este já era um autêntico espaço de lazer, um espaço territorializado pela juventude. Ainda que as ruas fossem de terra batida, ali, nas tardes de fim de semana, eram realizados encontros festivos e rachas de motocicletas, assim como outras práticas radicais.

Nos anos de 1990, nessa mesma área da cidade acabaram se consolidando os empreendimentos ligados à construção de moradias e condomínios residenciais de alto padrão. Surgiram estabelecimentos comerciais voltados aos consumidores de renda elevada, processo semelhante àquilo que estava ocorrendo com a Zona Sul de Bauru. Tornou-se uma área central, com forte convergência de consumidores e usuários do espaço público. Uma área que ganhou mais força com a implantação do primeiro shopping center da cidade, o Esmeralda Shopping, nos anos de 1990. Durante esse tempo, tornou-se um local para os jovens de diferentes segmentos circularem durante os finais de semana, um local para suas visibilidades sociais. Nos anos 2000, esta avenida aumentou sua concentração de jovens na noite, com grande afluência de jovens também da periferia, sendo um local de todas as *tribos*[111].

A indústria do lazer, da cultura e do consumo não apenas se implantam na cidade, mas introduzem produtos e formas de consumo, criam novas ou reforçam centralidades de áreas centrais já existentes. No caso da economia do lazer, estes novos núcleos (casas noturnas, fast foods, shopping centers), são parte da reestruturação da cidade, ao mesmo tempo, não são uma força indiferenciada e impessoal, mas que fazem do espaço parte de um sistema de classificação, neste caso de uma **classificação espacial na cidade**. Não são apenas os fluxos, a economia e densidade de bens que ali

[111] Como nos relatou um morador de 27 anos da Vila Barros, um bairro pobre de Marília, cursa o ensino superior e frequentava na adolescência esta avenida.

se concentram, mas o que tudo isso faz destas áreas centrais, lugares de distinção, de busca por visibilidades, afirmação de classe e de estilos de vida, também áreas de socialização na cultura de consumo[112].

O fato de jovens das periferias serem atraídos por estas áreas é, no meu entendimento, uma necessidade não apenas de diversão, de alternar lazer com seus lugares de moradia, mas também de associarem o componente da **distinção espacial** nos seus projetos de visibilidade e projeção social (ainda que, como se verá no capitulo 5, para estes jovens isso se dê apenas intencionalmente em prol e no interior de suas próprias redes juvenis). Jovens que também percebem um "espaço geográfico socialmente hierarquizado" (BOURDIEU, 2007, p.114)[113], um espaço urbano onde não apenas se distribui fisicamente diferentes classes sociais e segmentos da sociedade, mas localizações de moradia, locais de consumo, restaurantes, ruas, enfim objetos espaciais que traduzem as diferenças sociais e simbólicas da sociedade. Lugares onde, por exemplo, o tipo de consumo, os segmentos sociais que frequentam, o projeto arquitetônico, os aspectos modernos atuam no valor simbólico dos espaços. Para muitos jovens pobres implica reconhecer essa classificação espacial, em determinar a possibilidade ou não de ter acesso ou circulação, de calcular os investimentos para estar nos ambientes grã-finos ou da moda, estabelecerem distinções de classe quanto aos seus frequentadores, por isso, dependendo para onde vão, se exige implicitamente o *passaporte de classe*, que não deixa de ser uma espécie de adequação às lógicas de consumo e estilo ditadas nos espaços.

Jovens que se inserem com suas práticas de lazer e consumo também num jogo de mercado, pois os núcleos de lazer noturno, tanto de Bauru como em Marília ligam-se a uma globalidade que, com suas formas e conteúdo, conecta-os com as tendências culturais e estéticas dos grandes centros e metrópoles. Há um processo de coalescência,

---

[112] Gottdiener (1993) alerta justamente para os múltiplos interesses que se desdobram a partir do espaço, como os de consumo e status, indo além do espaço abstrato, pois deve-se atentar para os diferentes estilos de vida, interesses e consorciações que constituem uma sociedade, mas cujas ações se orientam além de interesses de troca, também por questões de uso do espaço.

[113] Na própria citação de Bourdieu: "Ou dito em outras palavras, a distância social real de um grupo a determinados bens deve integrar a distância geográfica que, por sua vez, depende da distribuição do grupo no espaço e, mais precisamente, de sua distribuição em relação ao "núcleo dos valores" econômicos e culturais" (2007, p. 114).

em que estes núcleos de lazer, ao mesmo tempo em que se tornam superfícies luminosas, em termos de fluxo e consumo, não podem parar de atrair mais investimentos e glamour, em face da necessidade de renovação e alterações de suas fachadas, conteúdos e serviços, o que não deixa de ser um acirramento concorrencial no âmbito da economia do lazer. Concorrência que se desdobra pela melhor posição espacial, serviços oferecidos, novidades e conceituação positiva entre os diferentes segmentos juvenis, principalmente.

Estes núcleos de lazer mais luminosos se transformam em espaços de intensa visibilidade social, adquirindo importância na curtição noturna. Jovens que vão para realizar diferentes práticas, como dançar, beber, *ficar*[114] e às vezes, na mesma proporção, verem e serem vistos entre amigos e colegas, mas também pelos desconhecidos. Os ambientes internos espelhados, os camarotes e as diferentes pistas de dança são novos palcos para visibilidade. Além disso, a liberdade de tirar fotos dos smartphones e automaticamente postá-las nas redes sociais, ou fazer *selfies*, desencaixam também as experiências nos microespaços de lazer.

Os estabelecimentos e casas noturnas também divulgam essas imagens de seus frequentadores nas interfaces das mídias sociais, recriando numa dimensão muito mais ubíqua, o efeito das colunas sociais de jornais e revistas locais de outras épocas. Muitos jovens das classes populares também são atraídos para estes núcleos. A transposição de escalas dos jovens da periferia pobre também é facilitada pela expansão dos empreendimentos de consumo coletivo para as bordas da mancha urbana central, no caso específico da zona norte da cidade de Marília, com a instalação do Shopping Marília, local de destaque quanto aos *rolês* dos jovens dos bairros periféricos.

Para muitos jovens e redes juvenis das periferias, estes núcleos de lazer constituem locais de diversão e visibilidade, onde vão com a melhor roupa, tênis e acessórios, onde também buscam visibilidades entre os seus, mas que, como já foi visto, também são julgados por outras classes e segmentos. Em geral, o fascínio exercido por

[114] Segundo Justo (2014), no artigo "O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade", pode-se compreender o "ficar" como "(...) um relacionamento afetivo bastante popular entre os adolescentes e caracteriza-se por ser breve, passageiro, imediatista, volátil e descompromissado" Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000100005#afi1. Acesso 12/08/2015

estes novos núcleos de lazer e áreas centrais está na dinâmica efervescente da vida noturna e mesmo durante o dia, variedade de lojas comerciais e diferentes produtos; diversidade de bares; um mosaico de sons, carros, luzes e festas, que tornam estes núcleos altamente frequentados.

Não obstante, o descolamento da economia do lazer noturno do centro tradicional que também atraía os jovens das periferias, nestas cidades, não significa seu fim, visto que ainda persistiam atividades de lazer e diversão ainda nestes antigos centros, porém, com menor badalação e mais direcionada aos citadinos de baixa renda. Há uma contínua presença de jovens da periferia, ainda tendo o centro tradicional como parte importante de seu circuito de lazer, porém, não mais como única opção para seus trajetos.

Igualmente tomam conhecimento das festas universitárias, onde os investimentos também são mais baixos. Muitos, inclusive, passaram a frequentar as universidades (processo que só vai se tornar mais significativo nestes anos 2000) e também os novos núcleos de lazer noturno deste período. Em Bauru, isso ocorre em torno do eixo de lazer da Avenida Duque de Caxias e em Marília, em torno da Avenida Rio Branco, Bar Chaplin e Avenida das Esmeraldas. Núcleos que entram na rota de suas trajetórias, porém, são territorialidades distintas de outras classes e grupos como destaca Alex[115], um colaborador da pesquisa, neste trecho de sua entrevista:

> *Percebi depois que me formei, sai do colegial, fui para faculdade, para UNESP, aí quando percebi, eu já estava estudando, já tinha um olhar diferente, quando comecei a caminhar pela Avenida Esmeraldas, e conhecer gente do meu bairro que já tinha uma ligação muito grande com o pessoal da classe média e alta. Em alguns casos, tenho amigos, mas tenho 29, mas tenho amigos de 20 e 19 anos que a gente conhece e a gente brinca, que ele engravidou filha de juiz. Mas no meu tempo isso era mais separado, bem nítido, quem era pobre e quem era rico e o rico não queria se misturar com o pobre.*

Outro influxo que age na reestruturação terciárias destas cidades são os investimentos de grandes redes de lojas varejistas, franquias de alimentação,

[115] Alex foi coordenador da Juventude. No tempo da sua juventude, no final dos anos de 1990, morava no Jardim Santa Antonieta em Marília - Zona Norte da cidade.

supermercados que vão se instalar na mancha urbana central, incorporando-se ao centro tradicional, como igualmente nos novos núcleos de expansão terciária destas cidades, expandindo a oferta de consumo coletivo, com horários de funcionamento que adentram na noite. Uma nova temporalidade de consumo que ainda não estava presente nestas cidades, onde o comércio restrito ao centro e a alguns eixos comerciais funcionava das 8 às 18 horas. Agora, shopping centers e hipermercados, assim como fast-foods passam a funcionar até às 22/23 horas.

3.4. As novas possibilidades de consumo entre os jovens das periferias

Nos anos 2000, as cenas da vida noturna se distribuem em diferentes núcleos de lazer, a descontinuidade com outros períodos é ainda mais forte: maior efervescência da vida noturna, fluxo de carros, frequência do policiamento, níveis de barulho mais elevados. Um exemplo está no núcleo de lazer na Zona Oeste em Marília, em cujas noites de fins de semana é possível encontrar uma vida noturna variada, com boates e casas noturnas atendendo diversos segmentos juvenis.

Frações de jovens das classes populares têm nos anos 2000 algum acesso às novas tecnologias de informação, além de habilidades que adquirem com as diferentes formas de compartilhamento digital e online. A possibilidade de marcar encontros, se relacionar com diferentes redes sociais e acesso às várias tendências culturais mundiais permitem que estes jovens possam se identificar com as modas e interagir com signos e símbolos de culturas juvenis de outros centros urbanos, de modo mais fácil que em outras gerações.

Outro aspecto de mudança em relação aos anos anteriores é que surgem com mais frequência eventos que atraem um público maior e heterogêneo para grandes shows de música nestas cidades, estabelecendo circuitos de festas, como rodeios e shows sertanejos na cidade. Essa vocação para a cultura musical sertaneja e rodeios é maior em Marília que na cidade de Bauru. Contudo, para os jovens das classes populares constituem alternativas para o lazer. Algumas redes juvenis solidificam um circuito

próprio de lazer, como o hip hop em Bauru, com artistas e cantores importantes no cenário nacional que fazem apresentações na cidade. O convívio interclasses também é mais amplo, muitos destes jovens frequentam faculdades privadas, tomam parte das festas universitárias.

Neste período dos anos 2000 é que parece tornar-se mais radical a pluralidade de redes juvenis e microculturas nas próprias periferias. Desde *skaters, funkeiros, rappers, baladeiros* etc. As opções de filiações identitárias e de possibilidade de consumo cultural e de entretenimento estão mais próximas destes jovens de hoje do que estiveram para os jovens de outros períodos.

Todas estas mudanças que estão acontecendo se associam com segmentos juvenis e formas de sociabilidade juvenil cada vez mais plurais e que vão fomentar a vida noturna nos diversos núcleos de lazer. Há, por assim dizer, uma "geografia da noite" multifacetada e com maiores fluxos do que nas décadas anteriores, maior trânsito (automóveis, motocicletas e fluxos viários), constantes aglomerações, exigências de maior segurança pública e, sobretudo, um circuito comercial e consumista mais pujante, o que passou também a atrair atenção para investimentos, por parte de empresários do lazer noturno.

No quadro econômico nacional, é o momento em que as classes populares se tornam emergentes e motores do consumo interno, além de alavancarem as taxas de crescimento econômico do país. Os jovens encontram créditos facilitados para compra de artigos de roupa, sapatos, assim como, dos novos artigos eletrônicos e de telefonia, como games e aparelhos celulares. Esta fase de consumo amplia também as possibilidades de mobilidade espacial. Tornam-se mais acessíveis os preços das autoescolas e da carta de habilitação. Carros e motos são bens duráveis que se tornam também mais acessíveis ao consumo popular.

Para os jovens das periferias, ocorre uma ampliação de suas múltiplas trajetórias em relação ao lazer, tanto na noite como durante os dias de finais de semana. Passam a compor uma escalaridade mais ampla, acompanhando de certa forma, os novos núcleos de lazer e áreas centrais. Atraídos pela diversificação da oferta de lazer e da proximidade de alguns destes núcleos com seus bairros de moradia, como é o caso do núcleo de lazer noturno da Zona Oeste de Marília (mapa 1), próximo a alguns bairros populares.

Outra dinâmica presente nestas cidades é a abertura de novas casas noturnas em locais fora do perímetro urbano, iniciando um processo que parece uma "periferização do lazer noturno". Essa iniciativa em Bauru se inicia com a superfície de lazer do *Alamenda Quality Center*, uma grande área que integra salas de cinema, restaurantes, fast-food e posto de combustível, funcionando durante o dia e na noite, ao longo da rodovia estadual Marechal Rondon, instalada além do limite da Zona Sul da cidade (mapa 2). No entorno, surgem restaurantes e uma ampla casa noturna especializada no público LGBT[116].

Outro ponto é que as casas noturnas não apresentam um único cenário temático, às vezes alternam festas e atrações conforme o público de interesse. Durante a semana, criam atrações para o público universitário e, no fim de semana, voltam-se para o público jovem da periferia. Ao mesmo tempo, há constante alteração dos nomes e modificações internas destas casas noturnas. Renovação que se pauta num aspecto também essencial do lazer noturno, que é a obsolescência, a constante busca por novas atrações e conteúdo, diante da alteração de fluxos; concorrência e da captura das preferências e estilos de consumo entre os frequentadores da noite.

O lazer também reflete nestas cidades a dupla face da modernidade, que é articulação da inovação e a obsolescência. São *nightclubs*, bares e restaurantes que mudam e se repaginam constantemente. O lazer noturno nestas cidades se transforma num grande parque de diversões, com diversas oportunidades de consumo e diversão – cada vez mais sem divergência.

Os jovens das classes populares não estão mais restritos ao centro tradicional, embora ainda encontrem ofertas de lazer nessa área da cidade, bares, algumas casas noturnas, fato mais visível em Bauru. Ao mesmo tempo, muitos destes jovens chegam a frequentar os novos núcleos de lazer, fazem parte do público que consome em muitos *nightclubs*, pubs, barzinhos e casas noturnas nestes núcleos. Mas formam suas próprias redes sociais, elaboram suas escalas e criam seus circuitos de lazer. A própria periferia é muito diversificada, com o aparecimento de instalações e superfícies comerciais

[116] Em realidade essa área desde os anos de 1960 até metade dos anos de 1970 já era referência de diversão adulta, ali estava instalada o bordel da Casa da Eny.

próximas a muitos bairros populares, além disso, muitos condomínios e residenciais voltados as classes mais altas também passam a se fixar nas áreas periféricas.

Outras redes juvenis favorecem uma cultura urbana da própria periferia em termos de escolhas de diversão, como os jovens do hip hop. Outros se misturam aos jovens de outras classes sociais, como os roqueiros, emos[117], cujos locais para curtirem suas estéticas e interesses são mais restritos. Diversidade que tentarei aprofundar no capítulo 5, mas que já está consolidada no final dos anos de 1990.

A massificação do consumo de bens não duráveis, a valorização simbólica de certas grifes, empresas globais como o *Mcdonalds*, a frequência nas *lan houses*, o uso da internet para interagir e diversão informam as práticas socioespaciais de uma geração de jovens da periferia que são também arrastados a um mundo mais globalizado. O próprio tecido urbano vai sendo valorizado em termos de estruturas que se aproximam destes simbolismos, são referências de conexão com a modernidade. Para estes jovens, os shopping centers, lojas de tecnologia e grifes que agora chegam nestas cidades constituem os locais em que podem investir nas suas visibilidades.

É preciso salientar que já se está falando com mais clareza de jovens da periferia pobre, que se apresentam não apenas sob diversidades de estilos e filiações identitárias em relação ao lazer, como também, que são jovens sob muitas clivagens e frações de classe. Muitos jovens se educam no interior de famílias mais estruturadas, outras em lares matrifocais, alguns tiveram acesso a melhores escolas, outros foram empurrados desde cedo ao mercado de trabalho. Sem contar, as diferenças de como se veem na luta ou posse dos bens escassos.

Por exemplo, citadinos que moram nas favelas podem ser discriminados e estigmatizados, dentro da própria periferia. O *habitus* de origem social e espacial logra produzir dessemelhanças na periferia, não somente pelas diferentes formas de aquisição de comportamentos, disposições sociais e pessoais, mas também porque são aprendizados/aquisições que se dão num campo de possibilidades objetivas, marcado

[117] Cultura juvenil ancorada no estilo musical "emotional hardcore", outra vertente surgida do rock, com caraterísticas melódicas e sentimentais.

por proibições, escassez e diversos limites - que afeta as formas de exteriorização de suas práticas e a maneira como são vistos pelos outros.

O grau de isolamento, os tipos de serviços sociais prestados, a qualidade do ensino, o acesso a bens culturais e ofertas de diversão são alguns entre outros elementos, que ampliam ou não seus recursos, ou que os separam ainda mais, pois, neste caso, pequenas vantagens econômicas e simbólicas podem construir mais clivagens e outras classificações.

Todos estes elementos e alterações na feição da economia do lazer nestas cidades parecem corroborar para que este segmento também tenha força na consolidação do papel de cidades médias de Bauru e Marilia. Pois, a recontextualização da vida noturna, com mais fluxos e fixos, atração de capitais e, ao mesmo tempo, mais opções de lazer, em relação ao consumo de produtos e serviços, ligados a indústria do lazer, tal como tentei demonstrar, insere-se no conjunto de suas reestruturações na escala interurbana. Já que tanto se beneficiam em termos de investimentos, como complementam estas relações em termos de produtos, atrações artísticas e espaços de consumo, que atraem fluxo de outras cidades.

3.5 Síntese a economia do lazer e das trajetórias dos jovens das periferias

Até o início dos anos de 1970, em Bauru e Marília, os centros tradicionais reuniam casas noturnas, bares e cinemas aglutinados numa cidade monocêntrica. A escala da vida social ainda conseguia se justapor com a escala da cidade. Eram cidades onde os jovens pobres produziam suas práticas de diversão em torno de ofertas de lazer reduzidas e que não estavam totalmente isolados de influências externas em termos de conteúdo simbólico, através de mídias como cinemas e rádios.

Mas é também nessa década que começou uma marcha importante, como salientou Sposito (2001). Foi quando os processos interescalares nas cidades médias tiveram seu ponto de inflexão, com reflexos na rede urbana. Houve desde aumento demográfico nas áreas urbanas, movimentos populacionais campo-cidade, como expansão do agronegócio, fatores que foram intervenientes na diversificação terciária e na expansão urbana. Já nos fins da década de 1970, começou nessas cidades a implantação de conjuntos habitacionais populares nas áreas periféricas, com o também aumento dos movimentos migratórios.

No caso da economia do lazer noturno, particularmente seu ponto de inflexão nestas cidades médias foi mais tardio e a reboque daqueles fatores descritos por Sposito (2001). Na década de 1980, houve uma clara desconcentração das ofertas de lazer do centro tradicional, quando formaram-se núcleos de lazer em áreas cada vez mais afastadas. São áreas com novos bares, casas noturnas e restaurantes.

Processo que aconteceu junto do surgimento de bairros populares distantes, em Bauru e Marília, o que implicou também, novas demandas de lazer e o desafio de saltar escalas que passa a ser imprescindível para uma nova geração de jovens das periferias. Essas transposições de escalas estavam apoiadas no uso massivo pelos jovens do transporte coletivo. Foi o momento em que o centro tradicional, sobretudo, à noite, adquiriu uma sobrevida, com o fluxo maciço destes jovens para as casas de show, boates e bares voltados para esse segmento. Além das novas aterrissagens de culturas juvenis nessas cidades, novas e diversas transterritorialidades se materializam a partir das redes

juvenis que se interagiam com novos conteúdos simbólicos nos espaços das discotecas, pontos de encontro no centro (bares, fliperamas), em shows musicais, lojas de discos e uma maior pluralidade de terminais de conexão.

Já a partir dos anos de 1990, foi se consolidando uma economia da noite com um papel mais significativo no desenvolvimento destas cidades[118]. Em termos intraurbanos, as cidades de Bauru e Marília passaram a estabelecer uma economia de lazer polinucleado, com conexões comerciais e culturais cada vez mais intensas com valores e estéticas globais.

Em síntese, estes novos núcleos de lazer, incluindo os shopping centers, nestas cidades, incorporaram estilos, produtos e franquias de visibilidade global. Novidades com apelo global, o que significava que, estar visível nestes locais era como participar de um certo cosmopolitismo. As casas noturnas (*nightclubs*) bares e espetáculos também se inserem nessa atmosfera cosmopolita, ao buscarem uma conexão com uma cultura transterritorial, sintonizados aos novos cenários, músicas, estilos que emergiam como novidades nos grandes centros difusores do mercado do consumo na noite.

Jovens de diferentes classes sociais aderiram a estes consumos, para também se identificar ao espírito de uma modernidade. Consumo que também acirrou as distinções estéticas e sociais entre classes e segmentos da sociedade. Desse modo, o local se desencaixava do seu entorno imediato, para se conectar ao global, na medida em que a experiência do moderno, que se reproduz aqui, também ocorre simultaneamente em outros lugares, ainda que não se desprenda das formas de classificação e distinção social. E o consumo do moderno e da modernidade inaugurava assim uma nova forma de cidadania, pois, as divisões, valores e pertencimentos, relacionados ao gosto e consumo, definiam uma "cidadania"[119]. E a "geografia do lazer e da diversão" tornava-se parte desse cotidiano e, ao mesmo tempo, reproduzia esta nova ética.

No plano das sociabilidades e territorialidades juvenis, os anos de 1990 conheceram uma maior irrupção de culturas juvenis e grupos que passaram a coexistir

---

[118] Algo que pede esclarecimentos é se o desenvolvimento da economia do lazer noturno destas cidades médias teve impacto regionalmente em termos de atração de consumidores, como também na diminuição ou não dos estabelecimentos de lazer noturno em cidades próximas, ou que venha tendo um efeito complementar.

[119] A relação entre consumo e cidadania foi desenvolvida por Canclini (2006).

na noite, frequentando, às vezes, os mesmos locais. Ou em *points* noturnos juvenis e em grandes eventos festivos na noite, embora coexistir não significava compartilhar os mesmos signos, jogos e interações sociais, afinal as assimetrias sociais e culturais persistiam. Por outro lado, são grupos juvenis que delimitavam seus territórios ou escolhiam com maior poder de mobilidade suas estratégias de lazer, no caso de grupos juvenis específicos, como do hip hop, funk e outras redes juvenis, tanto em Bauru como em Marília.

Este panorama mais móvel nos anos de 1990, em relação as territorialidades juvenis, também foi captado por outros autores como Diógenes (1998), que destacou o surgimento de turmas e agrupamentos juvenis das periferias pobres de Fortaleza/CE, aliançados com a necessidade de marcar presença, de registrar suas existências e estilos no cenário social das metrópoles, nas áreas centrais ou de espetáculos. No caso desta pesquisa, essa irrupção e presença de redes e microculturas juvenis também ocorreu nas cidades médias, o que se liga não apenas a conexões transterritoriais, como geracionais.

Gerações de jovens da periferia que passaram a ter maior variedade de escolhas quanto ao pertencimento grupal, formação de redes, maior leque de estilos e estéticas, aos quais podem se filiar ou incorporar nos seus estilos de vida, ao mesmo tempo que aumentando suas escalas de atuação, pluralizam suas espacialidades, em cidades que também não são as mesmas das gerações de seus pais e avós. Fausto Neto; Quiroga (1996, p.3), no mesmo sentido, destaca uma irrupção e expressividade juvenis bastante intensa, a partir dos anos de 1990, entre os grupos populares:

Ainda que tais manifestações estivessem presentes entre esses segmentos desde os anos 70, sua grande expansão e visibilidade só se dá na década de 80 e, principalmente, nos atuais anos 90, quando adquirem importante espaço nos meios de comunicação, e na indústria fonográfica, com suas músicas e ritmos ganhando audiência e seus bailes expandindo-se em diferentes pontos das cidades

Da mesma maneira, essas transposições de escalas pelos jovens pobres podem ser vistas como parte de uma nova dinâmica econômica e social nestas cidades médias. São jovens que fazem parte do consumo e do aumento da vida noturna, ainda que sejam estigmatizados, ou encontrem outras diversas barreiras simbólicas nas suas

espacializações. As alterações estruturais no habitat e na economia do lazer nas cidades médias de Bauru e Marília implicam novas dinâmicas de circulação, encontros e consumo, o que se reflete em novos locais de consumo, novas segmentações socioculturais e maiores conexões transterritoriais. Porém, os jovens pobres da periferia, não estavam imóveis, ou assistindo a estas mudanças, mas passaram a fazer parte destes processos, tendo mais poder de transposição de escalas, proximidade às vezes com locais de consumo coletivo, mais alternativas de lazer noturno e uma abertura transterritorial mais ampla que as gerações anteriores.

Ampliaram-se os meios de transitar e compor circuitos de lazer em diferentes espaços da cidade. Para os jovens pobres, ainda que continuassem a ter uma inserção parcial nas áreas centrais e núcleos de lazer noturno, puderam contar agora com outras formas de mobilidade, possibilitando estarem mais visíveis na cidade, com o uso de motocicletas e automóveis.

As possibilidades de trajetórias múltiplas constituíram uma descontinuidade com outras gerações na cidade. A geração atual de jovens pobres passou a compor, em Bauru e Marília, uma maior mobilidade, o que significa poder e, com isto, mais amplos recursos para exercer suas variadas formas de expressividade. Tais características reposicionam estes jovens nas geometrias do poder na cidade, que poderiam ser entendidas pelos desiguais recursos e estratégias socioespaciais, mobilizados diante das estratégias e posicionamentos de outros grupos.

Estratégias que, para os jovens moradores das periferias pobres, significam ampliar escalas a partir de práticas socioespaciais que articulam diferentes locais, seja os shopping centers, postos de conveniência, núcleos de diversão, bares e casas noturnas. Outra descontinuidade é a multiplicidade de ofertas de lazer noturno ligada a diferentes estilos musicais, como rock, sertanejo, samba, que se espalham nestes novos núcleos de lazer. Assim como o surgimento de casas noturnas que atendem diferentes públicos jovens, em termos de preferências socioculturais, tais como, boates LGBT, instaladas em Bauru e Marília.

Os *rôles* dos jovens das periferias ainda causam estranhamento quanto as suas formas de lazer e mais ainda, parece incomodar o fato da periferia, mesmo segregada, fazer-se presente em certos planos de coexistência da cidade, como através das

territorialidades juvenis presentes nas áreas centrais. São também novos consumidores de locais e produtos na noite, que nem sempre participam com os mesmos direitos ao uso do espaço público, entrando, às vezes, em conflito com as formas de disciplinarização da cidade (polícia, regras sociais, restrições em espaços privados).

Estas novas "hordas juvenis" são ainda "estranhos" a uma cidade que, desde décadas anteriores, esteve acostumada a ter uma atmosfera da noite segmentada socialmente e bem delimitada territorialmente, em que os grupos tinham suas esquinas, praças e bares quase exclusivos para se frequentar e/ou se evitar no espaço urbano. Agora há novos modos da juventude se movimentar na cidade, "uma nova semiótica do poder e hierarquização nesse espaço" (DIÓGENES, 1998, p. 153).

São, assim, espaços perpassados por diferentes grupos. O jovem pobre da periferia não depende apenas das longas jornadas a pé, ou do transporte coletivo. Grande parte deles agora tem novos meios de transitar, saltar as escalas e constituírem grupos juvenis em conexão com outros grupos na cidade e fora dela. Atingem escalas para o passeio e o *rolês* que são muito mais amplas e difusas que aquelas das gerações anteriores. Mais que isso, sua visibilidade vai saindo das sombras e se fazendo presente nas áreas luminosas, ou compondo seus próprios espaços de sociabilidade de lazer.

CAPÍTULO 4: PROCESSOS SOCIOESPACIAIS E A SOCIABILIDADE DOS JOVENS NA PERIFERIA

No capítulo 3 havia um sentido mais diacrônico e geracional nas descrições, pois se buscava identificar continuidades e descontinuidades sobre a espacialidade do lazer e como os jovens pobres das periferias, no decurso das últimas décadas, foram ampliando seus circuitos de lazer e lidando com as barreiras que enfrentavam. Um dos resultados encontrados, sobretudo, nos anos de 1990 e 2000, foi que ocorreu uma irrupção de grupos e culturas juvenis que se vinculavam à estéticas e expressões culturais, oriundas de espaços urbanos distantes: modas, músicas, estilos e outras referências que sugiram através de novas tecnologias da comunicação e transmissão de dados, assim como de meios mais tradicionais, como estações de rádio e televisão.

Mas, sem ignorar que foram processos intrinsicamente associados às mudanças na forma e estrutura da cidade, a reestruturação destas cidades médias e a alteração na economia do lazer propiciaram oportunidades e ofertas de consumo cultural e a possibilidade da construção de diferentes circuitos de lazer pelos jovens da periferia. Além, é claro, do fato de que estes jovens da periferia passaram a compor uma espacialidade múltipla e difusa na cidade. Jovens que, na verdade, buscavam suas próprias conexões externas (embora convivendo com vários tipos de precariedade e escassez de recursos), que promoviam a costura dos espaços, conferindo um dinamismo à diversão noturna das cidades estudadas.

Antes de adentrar nestes circuitos mais amplos à escala da cidade, é necessário compreender os espaços de origem das juventudes da periferia, sem perder de vista que a pergunta original desta pesquisa era: como os jovens pobres da periferia realizam seus *rolês*, como transpõem os limites dos bairros para compor seus circuitos de diversão na cidade? Bem, a pergunta ainda persiste, mas dessa vez ressalta algo implícito a ela: o que os faz querer sair dos seus bairros, o que os faz buscar compor circuitos mais amplos de diversão? Destas questões, outra se desdobra: o que significa, efetivamente, para estes jovens na periferia lidar com as diversas barreiras que cercam

seu próprio cotidiano e como estes aspectos se misturam e têm impactos nas suas práticas de diversão?

Nesse sentido, o trabalho neste capítulo está direcionado para a descrição da vida social dos jovens e seu universo de lazer em seus bairros, como se dão os ritmos, os fluxos e os encontros dos "periféricos"[120], no jogo de luzes e sombras deste abrangente e circundante pedaço da cidade. Os tipos de estruturas espaciais e recursos que lidam para criar seus momentos de lazer, suas conexões com as culturas transterritoriais, as condições socioespaciais que viabilizam a formação de suas redes sociais e como desafiam as barreiras espaciais e simbólicas que os cercam são os elementos que serão destrinchados neste capítulo e, com ele, procura-se responder a uma questão mais geral: será que por meio da exploração das sociabilidades juvenis em torno da diversão, pode-se desafiar as visões que reduzem uma parte que se tornou tão extensa da cidade, a um espaço apenas do habitat, onde as criações e conexões estão desligadas dos lugares próximos e distantes?

Como se verá adiante, ainda persistirem os velhos problemas de ordem estrutural, por exemplo, a crônica necessidade de segurança pública, uma relação mais dialógica com o poder público e a escassez de investimentos em equipamentos públicos e coletivos[121], o que faz da periferia, como destacou Martins (2008), um reflexo da hierarquia de poderes e forças na cidade e onde se convive com diferentes modos de segregação e estigmatização.

Daí o que se intenciona em meio às descrições é destacar que aquela dicotomia (ou uma antítese que reconhece não apenas a forma, como a desigualdade socioeconômica) representada na **relação centro e periferia,** muito presente nas análises espaciais e sociais, que opõe espaços da produção e espaços de reprodução da força de trabalho, às vezes, oferece uma abordagem estanque, que não percebe o movimento próprio da realidade, nem o quão plural é a própria periferia, nem as

[120]Numa entrevista com um cantor de rap e conhecedor das periferias de Marília, ele se refere aos moradores das periferias como "periféricos". Interessante aqui é que uma simples palavra nos dá uma outra dimensão da realidade, pois, neste caso, não é o **estar** na periferia que se quer enfatizar, mas um modo de **ser** na urbe.

[121] Na própria enquete realizada com jovens do Ensino Médio dos bairros periféricos em Bauru e Marília, essas demandas sociais aparecem com certo peso.

dinâmicas que nascem entre os citadinos que aí vivem, que não se relacionam apenas com o trabalho, mas impulsionam a formação de redes sociais, projetos de vida e busca de bem-estar.

A tentativa de captar o cotidiano na periferia dialoga com perspectivas como a de Ojima (2007), que destaca que nem sempre os movimentos intraurbanos estão direcionados para o núcleo da aglomeração urbana, pois, cada vez mais, percebem-se fluxos pendulares, deslocamentos para o trabalho, entre outros movimentos, que vêm se dando de forma mais difusa no espaço urbano; e com a perspectiva de Spósito (2007), que analisa a multiplicação de atividades comerciais na periferia, shopping centers e eixos comerciais, que não somente se relacionam com uma multiplicação destes núcleos terciários, como também de uma segmentação mais diversificada de consumidores, o que implica novas circulações, além daquela circulação unidirecional para um centro principal na cidade.

Contudo, o que aqui se destaca são as formas de sociabilidades, as interações entre as dimensões cultural, social, simbólica e espacial, para falar dos conteúdos e das práticas que envolvem estas novas circulações e movimentos dos agentes sociais periféricos. Dimensões que abrem perspectiva não apenas para descrever as estratégias que os jovens usam para saltar as escalas do bairro e, às vezes, da própria cidade, mas também a estigmatização territorial a qual estão submetidos, no contexto de seus *rolês*. Pode-se identificar diversas clivagens sociais e culturais que também fazem parte de seus espaços de origem. Aliás, espaços que estão cada vez mais interconectados com a produção cultural de outras periferias distantes.

A metodologia empregada para este intento se apoia em entrevistas, netnografia, depoimentos a partir de alguns bairros populares, tanto de Bauru como de Marília. Alguns aspectos geracionais e diacrônicos entram nesta descrição, mas o foco tende mais para a descrição do presente, com base no trabalho etnogeográfico. Contudo, no que tange a parte geracional, ela ainda será importante para ilustrar alguns argumentos que apontam continuidades e descontinuidades da formação das periferias nestas cidades e que tem como base metodológica entrevistas e relatos de citadinos que viveram a juventude nestes bairros pobres. Portanto, tenta-se falar da formação das

periferias em termos de estrutura urbana, sem perder as experiências dos agentes sociais e de seus movimentos espaciais.

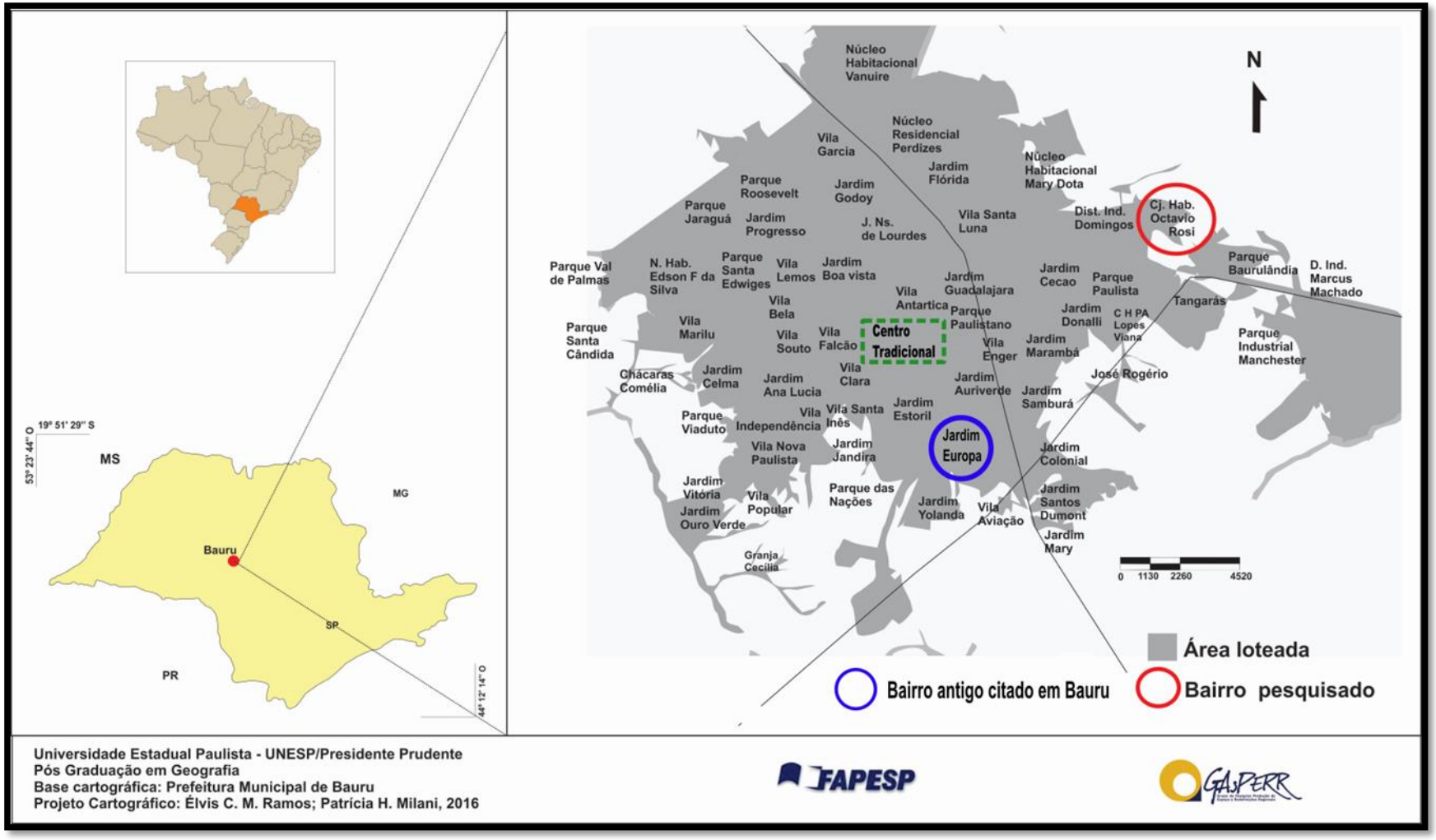
Nas últimas duas partes do capítulo, entra-se na descrição de bairros atuais, que serão o bairro Octávio Rasi, em Bauru (mapa 5) e o Jardim Santa Antonieta, em Marília (mapa 6), lugares em que efetivamente estive e consegui fazer descrições mais densas que em outras áreas da cidade.

Buscarei articular num mesmo capítulo, as descrições dos bairros priorizados e informações adicionais de outros bairros, tentando não perder os aspectos que ajudam a entender em que contexto urbano estes lugares se transformaram. As descrições também constituem um esforço que se justifica, quanto à necessidade de não se perder o colorido das diferenças socioespaciais das periferias, mas sem deixar de buscar, ao mesmo tempo, um modo de articulá-las num conjunto compreensivo. Portanto, não se trata de apagar as diferenças e nem mesmo ressaltar apenas as semelhanças, mas descobrir um sentido que lhes dá um tom, um horizonte comum quanto as transformações que se sucedem no âmbito do lazer e da sociabilidade juvenil.

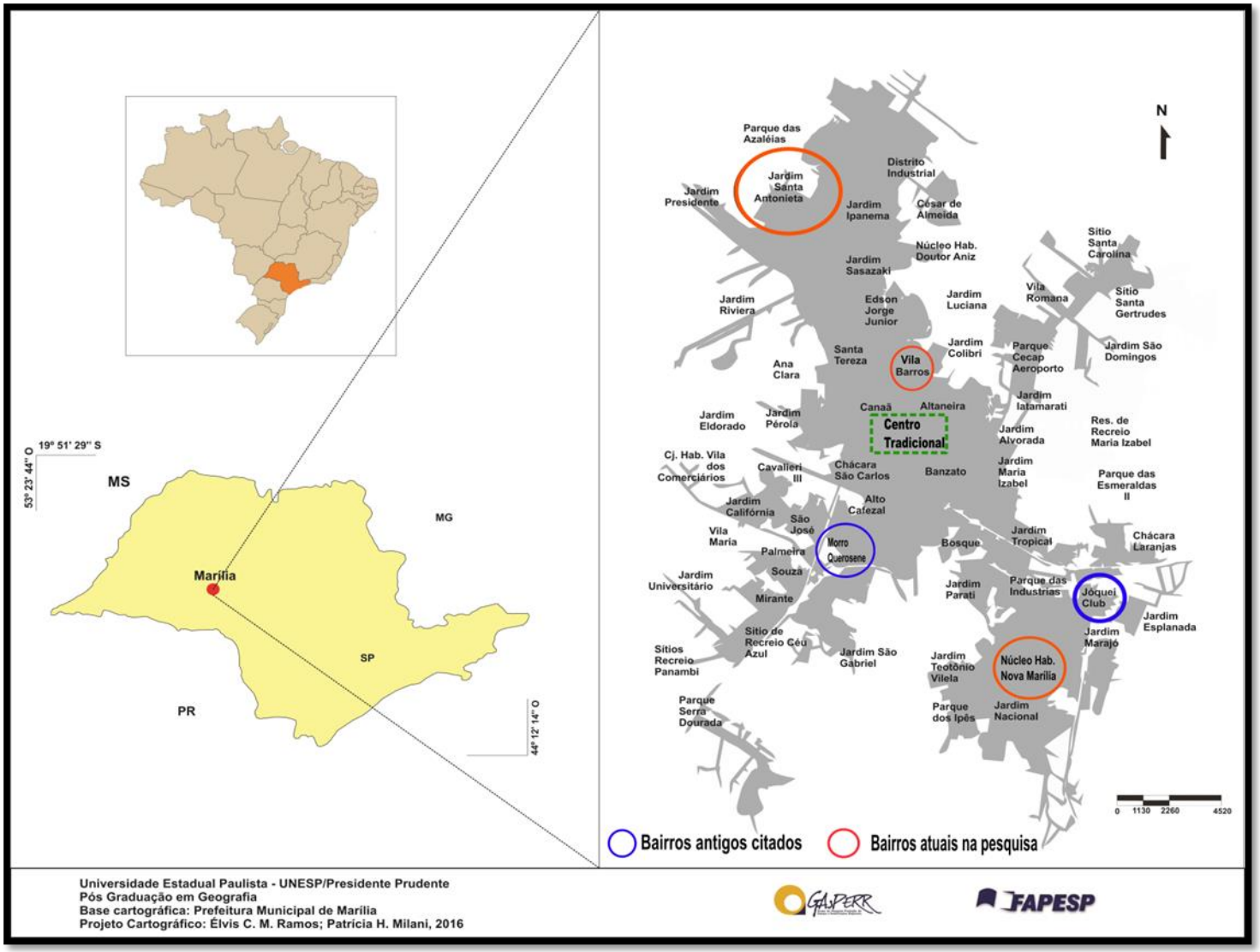
Por último, o mais importante é mostrar o contexto socioespacial em que ocorre o cotidiano dos jovens nestes bairros, destacando aqueles aspectos envolvidos na sua socialização em termos de lazer. Não há aqui uma preocupação central sobre as fisiografias e histórias dos bairros, só quando eles se fizerem importantes na compreensão de algum aspecto sobre as sociabilidades na periferia. Nesta perspectiva, torna-se importante que, ao mergulhar na descrição destes lugares, possa-se compreender em que condições sociais e espaciais surgem as relações de amizades, os *rolês*, os encontros e até mesmo as condições técnicas que viabilizam a aterrisagem de culturas juvenis transterritoriais nestes espaços.

Os mapas 4 e 5 são importantes para efeito de localização dos bairros citados e pesquisados.

Mapa 4: Projeção da Mancha Urbana e bairros de Bauru.



Mapa 5: Projeção da Mancha Urbana e bairros de Marília



4.1. Formação socioespacial das periferias em Bauru e Marília

Quando se fala de periferia urbana e aspectos da sua formação, torna-se necessário, atualmente, destacar as alterações nas formas de ocupação e de sua representação. Ainda é possível concebê-la como uma parte da cidade que resulta de movimentos de expansão urbana, um processo de ocupação entre um centro densamente urbanizado (que também se expande) e outras áreas que vão se constituindo em espaços residenciais entrecortados com atividades econômicas e de serviços, como shopping centers, subcentros comerciais, além de distritos industriais, processos que agem na expansão do tecido urbano e das suas bordas periféricas. Geram na cidade diferentes formas de circulação e fluxos, não somente determinado por uma estrutura monocêntrica (SPOSITO, 2007; OJIMA, 2007).

Contudo, a noção de periferia e seu entendimento não se dão de forma consensual, sobretudo, com relação ao habitat. José de Souza Martins (2008, p. 51) destaca que a periferia foi se tornando, durante muito tempo, um lugar lembrado pela degradação, pobreza e exclusão, o que se oporia ao que foi o subúrbio (com referência à Cidade de São Paulo), onde havia um sentido de vida mais humanizado e solidário, habitado por uma classe trabalhadora com projetos de bem-estar e ascensão social. Ao contrário, a periferia, cuja ocupação se deu de forma desordenada, pode ser vista como um espaço dos confins e do confinamento, como negação da cidade. Outros pesquisadores importantes sobre a periferia, como Bonduki (2001), destacam que a periferia também pode estar no centro, tendo em vista não sua localização geográfica, mas as formas de habitação, com base em loteamentos precários e com reduzida infraestrutura.

Se optar por esse sentido, por exemplo, a vila Barros em Marília (mapa 5), mesmo tendo uma distância física relativamente próxima do centro tradicional, seria distante simbólica e socialmente, já que o bairro é visto de forma negativa, em face das moradias precárias e da humilde condição social da maior parte de seus moradores em termos de renda e bens. Por outro lado, há condomínios residenciais fechados, mas de alto padrão e somente acessível as classes de maior poder aquisitivo, que se distanciam

fisicamente do centro tradicional, mas que podem não se sentir distantes do melhor que a cidade pode oferecer. Nesse caso, também há uma objetividade implícita, já que o se está realmente falando é de habitat integrados ou desintegrados em relação a um modelo de urbanização e de um circuito econômico superior.

Não obstante, ainda que não apenas restrita a uma concepção locacional, persiste como continuidade, sobretudo, no caso brasileiro, que a ocupação dessa faixa anelar da cidade é destinada à classe popular, ou que para estas áreas são empurrados os mais pobres, constituindo-se no segmento social mais identificado com a periferia. Ali se encontram assentamentos que configuram bolsões de extrema pobreza, favelas, casebres próximos a córregos, identificados como espaços de exclusão territorial (ROLNIK, 1999), ou seja, sob diversas formas de vulnerabilidade e negação de padrões mínimos de condições de vida. O que, para grande parte destes citadinos que aí moram significa, também, um certo distanciamento social e simbólico, relacionado às desiguais oportunidades socioespaciais, como acessos à equipamentos de saúde e atividades culturais, assim como outros benefícios trazidos pela urbanização. Neste caso, estar distante significa estar situado numa condição espacial desvantajosa.

Por outro lado, Sposito (2007), em seu estudo sobre a redefinição da periferia em cidades médias paulistas, lembra o quanto a noção de periferia, na realidade brasileira, foi cunhada para distingui-la do centro. Para a autora, esta noção precisa ser revista diante de processos contemporâneos de reestruturação que, num mesmo movimento, levam centros comerciais e moradias de alto status social para áreas antes consideradas periféricas. Ainda que tais áreas estejam, nas cidades que estudou, em lados opostos àquelas ocupadas por população pobre, a autora defende a ideia de que, hoje, periferia não mais pode ser automaticamente identificada apenas com pobreza.

Nas periferias de Bauru e Marília também têm surgido habitações de alto e médio padrão residencial, atraindo citadinos de segmentos sociais mais afluentes (ZANDONADI, 2008; DAL POZO, 2011; CORGHI, 2011). O que não ocorre por acaso, já que se dão através de estratégias rentistas, articuladas com a criação de infraestruturas e plantas arquitetônicas sofisticadas, além de outro vetor expansionista, baseado na implantação de grandes superfícies comerciais, como shoppings center e hipermercados nestas áreas periféricas de ambas as cidades.

Com foco no interior do Estado de São Paulo e em correspondência às cidades médias , esta nova dinâmica residencial e econômica, a partir do consumo de terras e/ou cinturões verdes na periferia, constituiu-se num processo diferente em termos de efeito dispersivo da urbanização destas cidades. Algumas razões são apontadas para essa expansão, dentre os quais pode-se citar, a existência de grandes estoques de terras ociosas e adquiridas a preços baixos, em comparação com as metrópoles, custos menores de vida, tanto no acesso aos espaços de consumo coletivo, como em relação a serviços de limpeza, taxas e outros custos de manutenção e transporte (SPOSITO, 2007).

Desse modo, as terras periféricas também vêm se tornando um objeto econômico e lucrativo em termos de investimentos. Embora isso não seja novo, sabe-se que não são quaisquer locais onde se instalam estas novíssimas formas comerciais e de habitat. Há, digamos, uma seletividade espacial, uma escolha prévia e estratégica, por determinados sítios da periferia, que oferecem vantagens locacionais e onde até mesmo a paisagem natural é incorporada ao consumo e estratégia imobiliária.

Como se destaca no caso de Marília, cujo sítio de povoamento sempre se deu de forma limitada a um relevo bordejado por escarpas íngremes (figura 10), aquilo que seria uma aparente limitação, passou a ser explorado economicamente quanto à implantação destes condomínios fechados. Na verdade, o modo como se ocupa o relevo e os privilégios de acessar uma determinada paisagem acabam por ser um aspecto que revela as formas de desigualdades sociais e acessos entre os citadinos, como destaca uma elucidativa observação de Santos e Nunes (2007, p.23):

Observa-se a partir da década de 1990 um crescimento acelerado de condomínios fechados, motivados, muitas vezes, também, pela venda da ideia de se viver próximo a natureza, além dos benefícios da segurança. Assim, no que diz respeito às ocupações das áreas limítrofes as escarpas, estas são ocupadas tanto pela população de baixa renda, através de favelas, como pela população de alta renda, através dos condomínios fechados que estabelecem preços mais elevados para os lotes mais próximos da vista “privilegiada” para os vales.

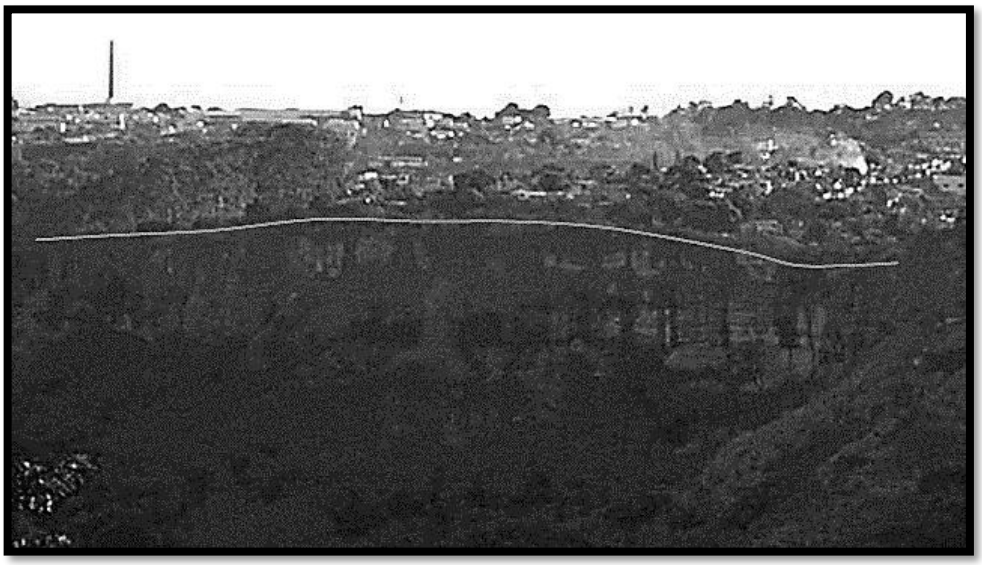


Figura 10: Favelas em áreas próximas a escarpa na cidade de Marília
Fonte: Extraído de Caio Augusto Marques dos Santos, 2009. (Dissertação de mestrado: O Relevo e o sistema de afastamento e tratamento de esgoto da cidade de Marília).

Desse modo, morar na periferia, para os segmentos sociais mais privilegiados, triangula a escolha quanto ao padrão de moradia, seu prestígio e sua localização. O que antes estes segmentos de maior renda e afluência só podiam encontrar no centro e seu entorno imediato, agora podem encontrar em áreas mais distantes, em termos de moradias sofisticadas (SPOSITO, 2007). Além do alto valor imobiliário destes bens e de seus supostos benefícios de habitabilidade (prováveis efeitos de segurança, conforto, sossego), eles também estão associados a uma hierarquia espacial, baseada numa escala de valores correspondentes (material e simbólico). Ou seja, as bordas da cidade vão sendo incorporadas na reprodução diferenciada de classe social, isto é, onde a forma de moradia e localização tornam uma propriedade duplamente valorizada, como objeto de uso e de distinção social.

E quando não é possível se distanciar dos mais pobres ou do que se imagina como espaços inseguros, os muros altos e monitorados acabam sendo a resposta segregativa. Uma vez que, em muitas situações na periferia ocorre a proximidade física – ou vizinhança - entre estes residenciais requintados e bairros populares, assim como de assentamentos e favelas em alguns casos. Fato que se observa tanto na cidade de

Bauru como de Marília. Uma separação entre "nós" e "eles". O que estabelece uma clara e impactante paisagem, que não é uma mescla, mas divisões que denunciam novas formas de apartação na cidade. Duas formas de vidas sociais distintas na periferia vão assim se constituindo, uma intramural e a outra intermural.

Seria oportuno também destacar que a preferência em se morar nas periferias, para os estratos médios e altos, também foi facilitada pelo uso massivo do automóvel e por uma densidade mais baixa de fluxo de trânsito nestas cidades do interior, o que permitiu se afastar do centro para morar e acessar espaços de consumo. Fatores também que impulsionam alterações na relação centro-periferia e na ruptura do modelo monocêntrico, em direção a uma poli(multi)centralidade (SPOSITO, 2001).

Porém, observa-se que automóveis e motocicletas não constituem um recurso de mobilidade apenas dos estratos mais altos. Em realidade, como parte de contextos econômicos favoráveis no país nos últimos anos, frações significativas de citadinos dos bairros populares nas periferias tiveram aumentado seu poder de mobilidade e acessibilidade. Como se viu no capítulo 3, essa motorização na periferia teve um efeito determinante na transposição de escala e nas múltiplas trajetórias juvenis, pois, o acesso a estes bens também se generalizou entre os jovens das periferias pobres.

De todo modo, a periferia atual das cidades tem se constituído pelo encontro ou desencontro entre aqueles que possuem um poder de escolha e aqueles para os quais morar na periferia é uma condição compulsória de afastamento espacial, seja por políticas públicas de habitação popular, ligadas ou não a desfavelamentos, ou por ocupações irregulares de áreas de risco. Persiste a lógica de distanciamento espacial – e ao mesmo tempo social. E para estes citadinos, viver distante impõe maiores gastos de tempo e recursos econômicos, sempre limitados, ainda que para algumas frações de classe sejam recursos relativamente maiores do que o que dispunham anos atrás.

Abro aqui um breve parêntese, para detalhar um pouco da ação do Estado neste afastamento socioespacial, uma vez que este aspecto foi despertado a partir de uma entrevista com um morador de Marília – e que também ajudou a entender parte do contexto de vida de muitos jovens pobres. O senhor Lunardelli se mudou ainda jovem para o Morro do Querosene (mapa 5), já nesta época um lugar reservado a acolher pessoas que migravam do campo para a cidade, onde encontravam algum trabalho

fabril, ou permaneciam vinculados à área rural, na qualidade de trabalhadores volantes. Um espaço que, dentro de uma certa classificação espacial, seria chamada de subúrbio. Havia também uma população afrodescendente que passou a ser significativa e que se juntava aos novos moradores, com predomínio de casas de madeira. A maior parte de ruas era de chão de terra batida, mas, com um pequeno comércio de gêneros alimentícios, lazer de rua e ocupação dos "espaços públicos". Para o lazer de fim de semana, os jovens faziam suas caminhadas até o centro, onde se divertiam nos cinemas à noite e nas matinês.

Muitas daquelas famílias, que moravam em casas alugadas, foram dali sendo desalojadas. As casas foram sofrendo reformas, pois era o tempo das casas de alvenaria, que já substituíam as casas de madeira, além da pavimentação das ruas e avanços da rede elétrica, valorizando os imóveis e atraindo novos perfis de moradores. Sem condições de pagar aluguéis com valores mais altos, devido a onda rentista e especulatória sobre estas casas, muitos destes antigos moradores tiveram que se mudar. Como não havia ainda começado a explosão dos núcleos habitacionais na cidade, fato que só vai ocorrer na segunda metade nos anos de 1970, estes moradores foram, então, fazer parte dos cortiços da cidade de Marília, na parte noroeste do centro principal e da antiga Zona de Meretrício (DELICATO, 2004).

Embora não se distanciassem muito dos espaços de comércio e trabalho, tinham como contraponto, agora, estarem espremidos, não somente pelo exíguo espaço das moradias, mas pelas condições impostas pelo locador, em termos de aluguel e outras despesas contratuais.

Em face das condições degradantes dos cortiços e com adição de fluxos migratórios e demográficos que forçavam a necessidade de espaços para habitar, muitos moradores foram obrigados a se fixar em áreas não ocupadas ou, em alguns casos, em áreas de vulnerabilidade ambiental, como nas vertentes íngremes e côncavas de Marília, já que no topo do relevo se dava justamente a ocupação tradicional e reservada aos estratos sociais mais favorecidos. Outros moradores mais tardiamente migraram para áreas da cidade onde surgiam novos loteamentos, alguns dos quais de forma irregular e sem estruturas básicas, como energia elétrica, como mais tarde vai se dar com a formação do Bairro Santo Antonieta, no extremo norte da cidade.

Com a política dos núcleos habitacionais, o eixo de expansão periférica da cidade vai em direção à Zona Sul. Isso se consolida nos anos de 1980, com a implantação do conjunto habitacional Nova Marília (figura 11), com casas de valores acessíveis aos estratos sociais mais pobres, favorecendo, inclusive, a migração interna de citadinos do Morro do Querosene para este novo conjunto habitacional (DELICATO, 2004, p. 36).



Figura 11: Conjunto Habitacional Nova Marília em 1980
Fonte: Agenda Marília – Fotos antigas e históricas

Houve, com isso, uma descontinuidade significativa do tecido urbano, além de contribuir na atração de novos fluxos migratórios (ZANDONADI, 2008). Porém, ainda no extremo sul da cidade, além do conjunto habitacional e em torno das escarpas, também se estabelecem ocupações irregulares, gerando outras favelas (DAL POZO, 2011, p.104).

De modo não muito diferente, em Bauru, podemos encontrar estes mesmos deslocamentos impostos, acessados por outras histórias de vida, como a de um morador que, quando jovem, enfrentou ciclos de mudanças e desafios com a família concernente ao habitar nesta cidade. O que ajuda a entender um pouco o começo de vida num bairro da periferia da cidade (Jardim Europa – mapa 4), sobretudo, quando se tem em mente que nos anos de 1960 eram enormes as dificuldades de quem morava nestes espaços no extremo sul da cidade:

***Entrevistador**: Como era em geral a vida quando jovem neste bairro?*

***Sr. Paulo**[122]: No jardim Europa. Então ali a gente tinha muitas amizades, mas, era amizade como chamava as pessoas na época de maloqueiro. Eram todas pessoas pobres iguais a mim, ali não tinha energia elétrica, nós não tínhamos ônibus. Pegava aquele estradão onde hoje é a Avenida Nossa Senhora de Fátima, era um estradão imenso assim, você ia embora, tudo cheio de areião, quando chovia tinha que ir lá pelo meio do mato para não atolar o pé, quando chegava na praça Portugal (que hoje é uma área de forte comércio e lazer noturno), tínhamos que lavar o pé para colocá-lo dentro do sapato, calçar a meia e voltar a caminhar.*

***Entrevistador**: A parte movimentada da cidade era só a partir da Praça Portugal?*

***Sr. Paulo**: Sim. Da parte da Portugal para baixo, para o lado da prefeitura ali tudo [o entrevistado se refere aqui ao centro tradicional da cidade].*

***Entrevistador**: Então o jardim Europa era um bairro de periferia de pessoas humildes, pobres?*

***Sr. Paulo**: De extrema periferia, seria como uma favela hoje, seria como um jardim Manchester (favela em processo de alteração de suas moradias, por alvenaria na Zona Leste da cidade), vamos dizer assim, bem distante formado lá no meio do mato.*

***Entrevistador**: Como se deu a mudança para esse novo local?*

***Sr. Paulo**: Um casebrinho aqui e outro lá, outro cá e assim por diante. E a gente morava ali. Nós construímos aquele barracãozinho de madeira que não tinha nada, nós construímos aquilo ali com adoção da família Reis. Família Reis tinha resto te tábuas de construção e eles colocaram no caminhão e deram. A dona Nilce Toledo Martins dos Reis, ela foi uma professora do terceiro ano primário já no Torquato Minhoto [o entrevistado se refere a escola que se situava do outro lado da cidade de onde morava antes – Jardim Bela Vista] e eu ia para casa deles passava o final de semana com os filhos, onde adquiri uma certa educação, uma certa cultura.*

Como se vê neste trecho da entrevista, não somente o fato da distância, mas a falta de condições materiais impunha uma precária condição de vida, dependência da solidariedade de outros citadinos, em face da inexistência de ações efetivas do poder público. Jovens que tiveram que aprender a circular pelos espaços, atravessar fronteiras sociais, que se materializam na espacialidade dos seus trajetos, no seu andar, na descontinuidade do chão de terra com a rua pavimentada, vivendo e criando soluções a partir de brechas, oportunidades e sobras, apropriando-se de algum capital cultural com base em amplos deslocamentos e na convivência com outros grupos e segmentos sociais.

[122] Senhor Paulo nasceu em 1951, viveu desde tenra infância em Bauru, morador de bairros populares na cidade. Hoje comerciante e proprietário de um estabelecimento comercial no Jardim Redentor – entrevista cedida em 15/11/2014

Como as terras próximas ao centro da cidade eram de mais alto valor econômico, dificilmente os citadinos mais pobres tinham condições de construir uma casa ou morar perto das áreas concentradas de recursos e equipamentos urbanos. Portanto, a lógica de afastamento socioespacial se dava em torno da busca de terras mais baratas, e que estavam longe, em locais com quase nenhum equipamento público instalado. Seguiu-se também, a lógica descontínua de ocupação do espaço urbano, surgindo espaços vazios entre estes bairros periféricos e o centro urbano (JANUZZI, 2006, p.179).

Já a partir dos anos de 1970, um dos motivos principais para a expansão urbana em termos de bairros periféricos, na cidade de Bauru, foi a implantação do parque industrial na parte leste da cidade, que ficava muito distante do centro tradicional (LOSNAK, 2004). O agente impulsionador no desenvolvimento de programas de habitação e formação de bairros periféricos foi a COHAB (Companhia de Habitação Popular de Bauru), uma empresa de economia mista, com forte aporte econômico da própria prefeitura. A dinâmica de construção de habitações populares continuou forte nos anos de 1970 e 1980, em direção as áreas localizadas a oeste e nordeste da cidade.

O bairro Octávio Rasi (mapa 4), que fará parte a seguir destas descrições sobre a vida dos jovens na periferia, seguiu o mesmo padrão do afastamento e ocupação descontínua. Localizado entre dois distritos industriais, o bairro foi construído no sentido de acomodar a força de trabalho próximo das áreas industriais, tal como se sucedeu com outros bairros semelhantes, que surgiram entre os anos de 1970 e 1980. Assim como o Jardim Santa Antonieta, em Marília, o Octávio Rasi também estava localizado na área mais extrema da cidade, limite com a zona rural.

Como se vê, a formação de bairros periféricos nestas cidades se deu fortemente a partir de um movimento de expansão espacial, com base numa política de construção de núcleos habitacionais, o que também teria atraído forte migração de muitas famílias já em deslocamento de outras cidades, que encontraram uma oportunidade de morar em casas financiadas pelo programa da COHAB. Porém, nem todas conseguiam aderir ao programa. Desse modo, sem outra alternativa, muitas destas famílias ocuparam áreas de risco ambiental na cidade, como nos fundos dos vales, como bem destacou Corghi (2008, p.179).

A favelização é um sintoma de uma parte dos migrantes que não tinha nem a mínima condição de ter uma casa financiada pelo sistema de financiamento da habitação e foi invadir, ocupar, favelas em fundo de vale, porque é terra pública, extremamente barata. A especulação imobiliária nunca teve interesse em terra pública em fundo de vale. Não é todo mundo que foi morar em casa, nem todo mundo que foi morar na favela, mas houve uma segregação dos migrantes

Não se pode esquecer a pressão habitacional manifestada em mobilizações destes citadinos, em busca de melhores condições de habitat, tendo uma das consequências, por exemplo, programas de mutirão, que surgiram nos anos de 1980 na cidade. Todavia, o que permanece é a desigualdade social e espacial, não apenas nas condições vulneráveis em que vivem muitos citadinos pobres, como também de ter que viver em locais distantes. O que parece não deixar de ser processos que resultam em formas de segregação socioespacial (DELICADO 2004; CORGHI, 2008). Neste próximo subcapítulo, o foco está no olhar para os bairros periféricos, como os jovens convivem com as representações e estigmas que se fazem sobre seus espaços de moradia.

4.2. Estigmatização socioespacial das periferias

O foco, geralmente, dos estudos sobre estigmatização se direciona para as experiências apartadoras, em torno da pobreza, gênero, etnia, aparência física, entre outros aspectos relacionados com tratamentos degradantes e infames, atribuídos a grupos e indivíduos na sociedade, no sentido de impor rebaixamentos e constrangimentos pessoais e sociais. Mas ainda falta considerar o peso do espaço nestes estigmas, afinal, habitar em certos bairros também é conviver com violências simbólicas, como da desvalorização social e constrangimentos, ou pior, estigma que intensifica outros estigmas.

A dimensão espacial do estigma é muito perceptível, quando se observa uma "cartografia oficial" e outra que atribui nomes folclóricos, depreciativos e estigmatizantes

para outras áreas da cidade (KEITH, 2005, apud SLATER, 2015). Segundo Löic Wacquant (2014), essas representações nocivas sobre bairros, distritos, ou região urbanas estão relacionadas ao campo de poder que abrange agências administrativas e comerciais e também a vida cotidiana, de maneira que difundem, replicam e alteram a identidade social destes locais, o que seria em síntese processos de estigmatização territorial.

Pode-se, talvez, aí vincular a ideia de classificação espacial com a estigmatização territorial, que seria a classificação rude e apoiada não somente na mera distinção de lugares modernos ou não, mas na demarcação que difama e rebaixa o lugar e seus moradores a um tipo de subcidadania.

A mudança analítica no tratamento do conceito de estigmatização territorial, em relação as outras formas de abordagem, que já identificavam as áreas proscritas da cidade (delinquência e miséria), reside no fato de que não são somente as elites políticas e sociais que reagem com estigmas sobre estas áreas, mas os próprios moradores destes bairros atuam difundindo tais estigmas. Outro ponto é que a estigmatização territorial não é redutível aos outros modos de representar a estigmatização, como pobreza, origem étnico-racial, posição de classe e desemprego, embora possa estar ligada à estas clivagens sociais. Outra diferença com estudos anteriores era a tendência de se referir às áreas depreciadas na cidade de modo homogeneizante, ignorando suas diferenças demográficas, culturais, econômicas, como a comum referência a guetos negros, mulçumanos, entre outras demarcações, que desconsideravam diferenças internas destas áreas.

O que fica claro na distinção dos estudos de estigmatização territorial é que estes não se resumem à individualização das formas de estigmas, nem apenas a localizar os agentes ou instituições estigmatizadoras, mas têm a preocupação em descobrir como ocorre a produção territorial destes estigmas, como residentes de bairros difamados são "contaminados" pelos estigmas de lugar. Como essas áreas tornam-se temidas e evitadas, como as imagens negativas circulam no cotidiano, como extremos eventos acabam se associando a totalidade do bairro, manchando a condição de cidadania de todos os seus residentes.

Estas questões tensionam também com políticas de habitação, governança pública, orientação política dos meios de comunicação, entre outras possíveis

instituições e esferas da vida pública. Apoiando-se em estudos comparados em bairros de Chicago e Paris, Löic Wacquant mostra que os residentes também reproduzem estigmas, ressignificando áreas do bairro com uma imagem degradada (WACQUANT, 2006; SLATER, 2015). Chegam a promover o distanciamento social no próprio bairro, assim como a difamação lateral, fazendo com que moradores se retirem para a vida privada, se desloquem para outras áreas da cidade, quando têm meios para se locomover e escapar dos constrangimentos.

Isso faz notar as diversas estratégias dominantes que ocorrem a partir de fora do bairro, como também dentro do próprio lugar. Mas também se verificam estratégias para contornar ou enfrentar estes estigmas espaciais, como esconder a verdade de onde moram, sair da vizinhança, ou se manifestar de forma irritada com estes estigmas. Por outro lado, diante das profundas estigmatizações, pode ocorrer que os moradores criem respostas, mostrando um senso de orgulho da comunidade e formas de defesa da difamação externa.

Wacquant (apud SLATER, 2015) adverte, por sua vez, que a investigação sobre a estigmatização territorial não deve cair em armadilhas como de uma superficial visão de resistência, ou visões pessimistas sobre o impacto das estigmatizações, porém, deve ficar atenta às ambiguidades que se dão entre as formas de dominação e as resistências a estes processos de estigmatização. Além disso, a internalização dos estigmas territoriais constitui um impacto na psicologia coletiva do lugar, fragmenta a solidariedade do bairro e a ação coletiva. Apesar das semelhanças quanto as características de estigmatização territorial entre os lugares, são processos que também diferem dentro dos vários contextos, como nacionais, nos padrões de habitação, formas de governança, formação étnico-racial e estruturação urbana.

Em dois relatos de citadinos sobre o Morro do Querosene e em seguida sobre o Jardim Santa Antonieta, em Marília, pode-se ver como esta dimensão simbólica emerge nas representações que se fazem sobre estes bairros da cidade. E também como a cidade acaba sendo vista como um espaço dividido e demarcado pela estigmatização territorial:

> *Deste ponto da cidade em sentido crescente, cruzamos* ***o antes temido "Morro do Querosene"****, bairro histórico. Se, por um lado, o morro era "quente", é de lá que também Marília ganhou muita* ***gente boa*** *(...)*[123]

> *Por exemplo, meus cunhados e minha esposa, que moravam na periferia na época, num lugar chamado de Morro do Querosene, quer dizer era um bairro****, era periferia e era barra pesada*** *(...)* [124]

> *Não moraria no bairro de* ***Santa Antonieta porque o lugar é péssimo****, há grandes índices de violência, é de difícil acesso, longe dos grandes pontos de encontro atuais, os serviços públicos oferecidos na região são precários. Morando lá, eu passaria por grandes situações problemáticas como: assaltos, ocorrência de tráfico de drogas, guerra de gangues, balas perdidas, entre outros problemas, tão comuns aos bairros pobres. (...) A garantia que irá dormir uma noite tranquila em sua casa nem sempre é certa. (...)* ***O bairro é como uma "cova de leões"****: deve-se impor respeito para que você não seja "devorado" pelos "leões". Ou seja, você é obrigado a usar violência para evitá-la*[125] *(meus grifos)*

Estes breves fragmentos não apenas tocam na questão da diferenciação socioespacial dos lugares habitados da cidade, como também reproduzem os estigmas que sobre eles pesam. São justamente os bairros onde se deu o campo da pesquisa de reconhecimento das redes juvenis relacionadas à diversão. Também são relatos que abrangem diferentes gerações e que oferecem uma ideia das visões e demarcações que existem no plano do cotidiano da cidade. Lugares "dos bacanas", lugares "barra pesada" e outras denominações, que refletem uma cidade não apenas vivida, mas também concebida diferencialmente em termos de sociabilidades e valores.

Ainda que de forma ambígua, para alguns citadinos que vivem nas partes mais "seguras", a periferia tende a ser vista como um espaço perigoso. Apesar de existir "gente boa" são lugares a serem evitados. Mas, o que de fato se denota mais fortemente, pensando na vida de quem vive nas periferias pobres, é que, além de lidar com os problemas internos, relacionados com a estrutura e a deficiência de serviços de consumo coletivo, também enfrentam estigmatizações, lidam com a violência simbólica.

---

[123] Antigo morador, em relato de história de vida para o jornal Marília e também na rede social *Facebook*, no grupo Memória de Marília.
[124] Antônio M. G - 63 anos – Professor de Educação Física, viveu a juventude entre os 14 e 22 anos em Marília – entre os fins de 1960 e começo dos anos de 1970. Entrevista cedida em 28/02/2014
[125] Relato extraído de uma entrevista de um jovem morador de condomínio de alto padrão em Marília, extraído do trabalho de Delicato (2004, p.54)

Em geral, quando a periferia é noticiada, é por meio de relatos e imagens que adquirem sempre um tom negativo. É a tragédia que ganha mais importância. Assim, os bairros pobres são espaços vistos como destituídos de lazer e interação criativa. A periferia pobre é apenas narrada no trágico. O sofrimento midiatizado supera o conjunto das nuances policromáticas que constituem o cotidiano destes bairros.

O drama e a tragédia que ganham as estampas dos jornais formam, portanto, a imagem coletiva destes bairros. A violência simbólica que se aplica a muitos bairros da periferia, sobrevoa a mente de grande parte dos citadinos, ela não cessa, a não ser que novos fatos, novos atores, novas ações tomem o lugar daquilo que foi escrito e representado.

Somado à precariedade de equipamentos de consumo coletivo, junta-se um cotidiano, cujo convívio, situações diárias e na relação com o outro exigem negociações e resiliências. Por exemplo, por meio de algumas descrições sobre o Jardim Santa Antonieta, pode-se entender melhor este aspecto, a partir de sua formação socioespacial, além das convivências que se articulam com as condições espaciais de afastamento e estigmatização em que vivem.

Através de informações colhidas na câmara municipal da cidade, o bairro Santa Antonieta começou a se definir na segunda metade dos anos de 1980, mas em 1976, iniciou-se o oferecimento de loteamentos numa terra que antes era uma grande fazenda. O processo se deu tanto por ocupações negociadas com o proprietário das terras, como também mediadas pelo Poder Público, no decorrer dos anos.

Apesar da distância de mais ou menos dez quilômetros do centro da cidade, foram surgindo e se agregando outras formações habitacionais ao núcleo de ocupação inicial do bairro, como o Parque das Primaveras, Parque das Nações, Jardim Edisom da Silva, Jardim Sancho Floro e Residencial Julieta, todos eles foram definindo a ocupação da zona norte da cidade.

Para estes novos moradores desse espaço em formação, havia a oportunidade concreta de sair dos custos de alugueis, mudar dos cortiços e favelas da cidade, para, finalmente, terem um lar para viver de maneira mais digna. Porém, essas expectativas se misturavam com a realidade caótica da sua estruturação habitacional.

Uma realidade que, como se pode acompanhar no trecho da entrevista de Alex, juntava os desafios para erguer o próprio lar e a diversidade de novos moradores, cujas heranças e diferenças de origem eram nivelados pelos mesmos desafios em comum – todos tendo que coexistir na produção de um novo espaço e estabelecerem ali relações de vizinhança:

> ***Alex***[126]*: (...) um vazio urbano no meio, que é esse bairro, que hoje o pessoal brinca de ser a "Cidade de Deus", eles pegaram, embora seja uma brincadeira preconceituosa, mas eles falam, porque pegou todos os problemas de cada região, junto tudo e jogou lá, por isso que é a "Cidade de Deus", há tarifas baratas, prestações também baratas, então, é um pessoal bem pobre mesmo, quem mora lá é gente que nunca teve um solo mesmo.*

A sugestiva comparação com a "favela Cidade de Deus", no Rio de Janeiro, além da alusão aos aspectos mais negativos, como da criminalidade e o descaso vividos por aqueles moradores, também realça a defasagem entre a ocupação do bairro em que a oferta e preço baixo das terras gerava esperanças de uma vida melhor e as estruturas e equipamentos urbanos que estavam por serem feitos. Nasceu entre os populares a contínua constatação que a "providência" costuma sempre chegar primeiro que o Estado. Além disso, formava-se dentro e fora do bairro o imaginário que divide e classifica a cidade entre lugares da ordem e da desordem.

Os moradores do próprio bairro sentiam, logo de início, que pertenciam a outra cidade, era tanto um sentido de lugar que estavam construindo e como um modo como eram vistos. Numa fala de um morador se dizia que, enquanto o Nova Marília, bairro formado de conjunto de casas habitacionais, era sim um bairro, o Santa Antonieta era tido por uma favela, um amontado de casas e problemas. Aqui a expressão comum nas periferias *tudo junto e misturado* tangencia algo além da diversão, mas da diversidade de projetos e esforços que, às vezes, se encontram, mas em outras divergem.

Um destes desencontros derivava da criminalidade e dos homicídios que no bairro passaram a ter uma certa frequência, principalmente, no começo das suas primeiras ocupações, quando muitos que escolhiam morar lá tinham passagens pela polícia, ou debandavam para a vida do crime e das transgressões.

---

[126]**Alex** 29 anos. No tempo da sua juventude morava no Jardim Santa Antonieta, zona norte de Marília.

Ainda que exija um maior estudo, tais declarações de moradores e de entrevistados indicam a sensação de desemparo, compartilhada entre muitos moradores do Santa Antonieta. Já que a violência não estava apenas estampada nos jornais, mas era parte da vida diária dos moradores do bairro, e claro, era parte das experiências vivenciadas entre os jovens do bairro, como demonstra este trecho da entrevista de Alex, a respeito de uma experiência ignóbil quando tinha 16 anos:

> *Eu nasci no bairro. Eu lembro que quando ele começou, era coisa de outro mundo, era um monte de pasto, não tinha asfalto, não tinha nada, era aquela correria, aquele sobe e desce, muitas pessoas vinham de outras regiões periféricas e invadiam. Minha casa, nós compramos o terreno, mas em frente da minha casa, foi tudo invasão, até dizem que o governo do Camarinha127 incentivava isso, muitas pessoas iam para lá, mas já tinham sido presas ou mexiam com drogas, roubavam. Então, era assim no começo o bairro, era bem marcado por causa disso, eu vi vários, ir no Itambé, era comum as pessoas falarem "vou te jogar no buraco", a gente sabia que muitas pessoas eram jogadas no buraco. Eu vi vários bombeiros puxarem na lona, caiam no rio, cheio de merda e subir com esses corpos.*

Por isso, as condições precárias no bairro também geravam uma outra forma de violência que, como destaquei anteriormente, inscrevia-se na dimensão simbólica negativa do bairro, e que foi crescendo, conforme os problemas sociais ganhavam publicidade. Pois, o fato objetivo da violência adquire repercussão, passa a ser o notabilizado pelas mídias informativas (rádio e televisão), que selecionam o ignóbil e hediondo como o predominante, que serve ao sensacionalismo. Dupla violência, aquela que é funesta no bairro e outra, que se aplica ao lugar. O efeito do massacrante sensacionalismo acaba se sobressaindo das informações e problematizações sobre os problemas causais, que seus moradores enfrentam no dia a dia. Neste sentido, como destaca Eda Góes (2014), a mídia acaba agindo na espacialização do crime, quanto ao uso de estereótipos, preconceitos e generalizações que recaem quase sempre sobre todos que vivem nos bairros populares, o que intensifica o efeito do estigma territorial.

[127] Governo municipal de Abelardo Camarinha teve três gestões, os períodos de 1983 a 1989 e 1997 a 2001.

O sentimento era de que a violência e a ocupação desordenada se tornavam as características mais emblemáticas do bairro. As estigmatizações passaram a ser mais frequentes e os rótulos depreciativos sobre o bairro se tornaram parte das representações e imaginários da cidade. Como mostram os relatos abaixo:

> ***Sra Denise***[128]***:*** *Para nós, que erámos da zona sul, que já erámos marginalizados, nós éramos periferia também, a Nova Marília, também, era mais antiga que a Vila Santa Antonieta, pouca coisa, mas é. Era super marginalizado. Mas quando a Vila Santa Antonieta começou a ter o protagonismo da violência, estampados nos jornais, foi que ficou estigmatizada como uma região ruim mesmo, de pobre, de violência, favelado.*
>
> ***Alex****: A gente ficava numa situação de defesa, a gente falava que era da Vila Santa Antonieta já éramos "gozados". E acabava por mandar tomar naquele lugar, e qual é o problema? A gente não falava em alto bom som que éramos da Vila Santa Antonieta, falávamos meio baixinho.*
>
> ***Fábio***[129]***:*** *O Santa Antonieta, ele é mal visto, em consequência desse passado aí. Antigamente, existia três favelas aqui, nessas três favelas tinha um tráfico de drogas muito forte. Estas favelas eram rivais, era uma rixa muito forte, quem morava aqui não podia ir para lá. Quando se encontravam tinha briga, na maioria das vezes era o Bairro Santa Antonieta onde ocorria esse tipo de brigas. Quase todo fim de semana morria um. Devido essas divergências, o bairro foi ficando mal visto. Todo fim de semana, alguém levava uma facada, morria, por conta disso.*

Para o citadino periférico, passa a existir a preocupação em lidar com as cenas de violência do bairro, em que cada um busca suas próprias estratégias para lidar com o crime (GÓES, 2014) e com os constrangimentos derivados das estigmatizações, construídas pelos que estão fora, física e socialmente. Além das dificuldades que se impõe em seus cotidianos, precisam carregar uma imposta carga simbólica depreciativa. Para os jovens investigados, a circulação na cidade também implica constrangimentos, às vezes precisam dissimular e burlar situações em que se pode revelar a condição de periférico.

Erguem-se, assim, duas barreiras espaciais: uma construída pela distância e outra construída pela distinção espacial depreciativa. Barreiras que tendem a criar um espaço urbano regido por apartações, onde se torna naturalizado o exercício das formas de

[128]Denise, 36 anos e ex-secretária da juventude da cidade de Marília.
[129] Fábio - Morador antigo do Jardim Santa Antonieta e professor de capoeira na escola estadual do próprio bairro.

distinção e segregação socioespacial. Os enlaçamentos casuais, acidentais ou aglutinados pela convivência entre os diferentes na cidade em alguns espaços comuns, acaba sempre eclipsado pelo sentimento de serem todos na verdade parte de divisões e sistemas de classificações sociais e espaciais.

Outras implicações destas estigmatizações socioespaciais é o distanciamento mesmo dos amigos e familiares. Passa-se a ter vergonha de convidar parentes para sua casa, ou mesmo já se instalam dificuldades para trazer outros de fora para estes lugares rotulados como perigosos. Abaixo um exemplo disso, mas por meio de comentários de uma mídia social, algo que não deve estar distante da realidade de muitos citadinos nas periferias destas cidades pesquisadas:

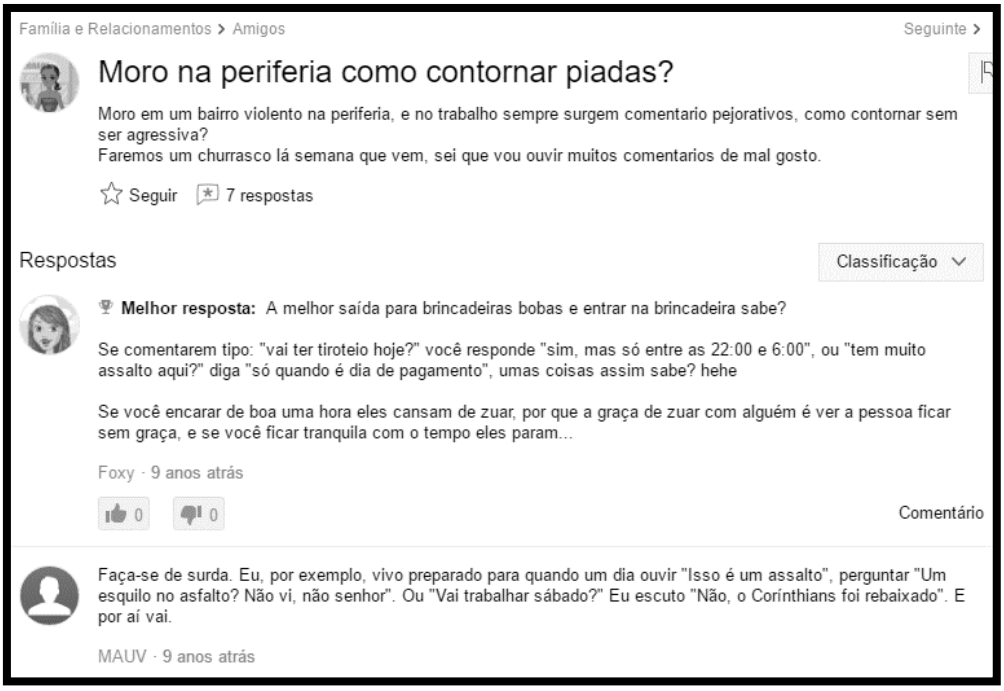
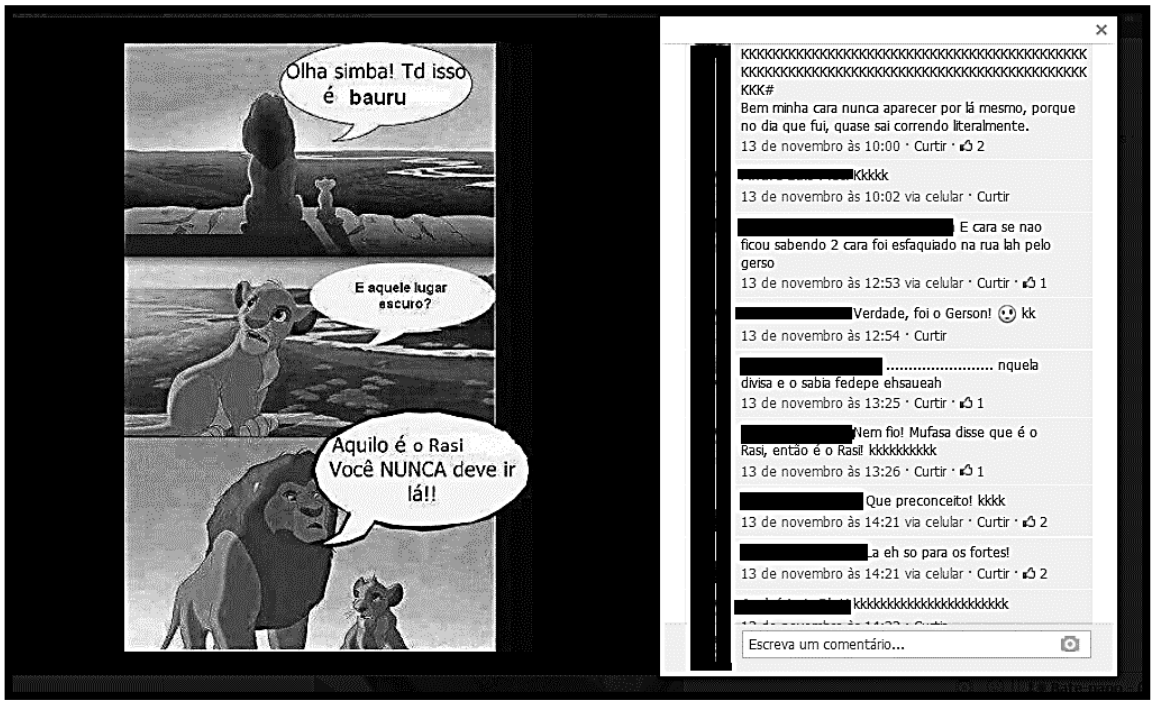


Figura 12: Os tipos de constrangimento de quem mora na periferia.
Fonte: Plataforma da mídia social – "Yahoo respostas".
Acesso: em 02/09/2016

Estes estigmas não apenas alcançam grupos ou segmentos, mas contém de forma embutida uma hierarquização espacial velada, dos bairros de origem destes jovens. As estigmatizações territoriais podem adquirir o efeito de formas dissimuladas ou sarcásticas. Expressões que se naturalizam no cotidiano, mas que revelam as distinções rudes dos lugares: *Ah! Você mora no fura bucho*; *na maloca*; *lugar de gente diferenciada*. Outras vezes, os próprios jovens que moram nestes bairros revelam uma dúbia reação ao externo, hiperbolizando a própria condição estigmatizadora onde vivem, como se pode depreender desta postagem em mídia social abaixo, em torno de um dos bairros focados desta pesquisa:


Olha simba! Td isso é bauru
E aquele lugar escuro?
Aquilo é o Rasi Você NUNCA deve ir lá!!
KKKK

dedicação às juventudes que se realizam nestes bairros da periferia, que são, por sinal, a grande maioria da juventude da cidade. Uma estigmatização espacial baseada no silêncio ou mesmo indiferença, na invisibilização, como se os jovens moradores destes espaços sociais simplesmente não existissem, ou só são "visíveis pela violência", como diria Diógenes (1998).

Assim, muitos bairros da periferia lidam de forma silenciosa contra os estigmas impostos, que podem não ser tão visíveis e explícitos, mas existem nas diversas formas de enunciação sorrateiras e miúdas do cotidiano da cidade, nas referências e nas conversas informais, por isso, são difíceis de serem captados. Essa atmosfera é captada pelos jovens, que reagem, muitas vezes, nas suas preferências musicais, nas suas contrariedades com o externo, no "grito da periferia". Lidam desde cedo com os estigmas territoriais e reagem a eles.

4.3. Diferentes formas de viver e conceber a periferia entre seus moradores

A vida social na periferia é também condicionada pelos modos e ritmos diferenciados de desenvolvimento dos seus bairros, diferentes formas de apropriação, sutis clivagens econômicas e socioculturais que se juntam àquelas condições impostas e arbitrárias de moradia, resultando em diferentes estágios e formações socioespaciais. Citadinos regularmente instados ao enfrentamento das mais diversas dificuldades (distância, precariedade da moradia, violência, enchentes etc.). Condições que vão refletir em como elaboram suas estratégias, escalas e outras práticas socioespaciais.

A começar pelas próprias formas de apropriação, como bem esclarece um morador que entrevistei e que viveu em vários bairros da cidade de Marília, cujas estratégias de apropriação territorial se distinguem na formação dos bairros e comunidades da periferia, como também são territorializações que assumem um simbolismo e uma reação de insubordinação aos modelos de segregação socioespacial na cidade:

> *Reginaldo[131]: Isso aqui é como* ***uma verruga na cara bonitinha da cidade, aqui é uma periferia cabulosa dentro do centro.*** *O que o Santo Antonieta é? Ele é uma expansão territorial na cidade. Isso aqui é a primeira reação da população contra o poder público, no caso, invade um espaço e "vou construir", por isso, é mais plausível pensar a favela do Argolo como reação ao poder público que o bairro Santa Antonieta. O bairro Santo Antonieta teve um preço baixo para população ir lá morar, já o Argolo foi tomado e está mais próximo ao centro do que o bairro Santa Antonieta.* ***É a reação do cidadão contra o descaso do poder público. Isso aqui era um pasto, mas que foi sendo largado, e aí um fez uma casa e outro fez outra, chega uma outra, que se é obrigado a urbanizar.*** *(meus grifos)*

Como se destaca no final da fala, a promoção de melhorias urbanísticas das periferias ainda que sobre diversas formas de ocupação, inclusive aqueles excludentes, não deixa de revelar que citadinos moradores destes espaços sociais são também agentes de uma contraordem, que faz da cidade um campo de forças, que propõem mudanças nas estruturas urbanas apartadoras.

Embora existam resistências, como destacou o entrevistado, isso não quer dizer que se apagam as esperanças de um habitar melhor, com a expectativa das ações do poder público. Na mesma Zona Norte de Marília, citadinos de favelas e habitações precárias que surgiram juntamente com o Jardim Santa Antonieta, ainda que saibam que vão recomeçar outro ciclo de mudança, não deixam de relatar as decepções que sofreram e as esperanças com uma nova oportunidade, como é possível observar neste fragmento de reportagem[132]:

> *(...) um dos beneficiados com a nova casa, disse que os dias de sofrimento e discriminação vividos na favela do Jânio Quadros ficaram para trás. "Sofremos muito aqui com as péssimas condições", desabafou. Ele lembra que os piores momentos eram durante as chuvas, quando ele e outras famílias enfrentavam as inundações. A esposa, Maria Rosa, de 52 anos, lembrou* ***que além das dificuldades, a discriminação aos favelados era muito forte. "Graças a Deus tudo isso acabou"****, comemorou. Outra moradora, Márcia Sueli de Melo, não se conteve ao ver os móveis no caminhão prontos para serem transportados até o novo lar. "O sofrimento acabou. No Marina Moretti estarei no céu com minha família" (meus grifos)*

[131] Reginaldo morador da comunidade do Argolo, em Marília, localizada na zona Oeste
[132] Informe oficial da Prefeitura de Marília, do dia 24/01/2014 com o título "Após Santa Antonieta e Jânio Quadros, prefeitura elimina favela Altaneira"

Este trecho também revela o peso da "difamação lateral" que atinge a periferia (WACQUANT, 2006), que é a transferência de estigma, para os vizinhos, violências simbólicas que enfraquecem o coletivo. É o olhar para esse cotidiano que revela uma periferia mais clivada, as similitudes existem, mas também existem diferenças nas suas paisagens, trajetórias e sentidos. Tal como destacado por Góes (2014), divisões internas que, no bairro, acabam sendo pouco discerníveis aos "não moradores", entre áreas do bairro conhecidas como tranquilas e outras áreas onde se identifica como o perigoso ou decadente.

Fala-se da periferia em uma nota só. Mas existem diferenças, que eles, moradores e produtores destes espaços, são capazes de reconhecer. Diferenças em sua gênese, na sua forma de apropriação e de sociabilidades. Favelas que também estão próximas de casas populares e que constituem espaços distanciados e que nem sempre se veem como parte de uma mesma comunidade. Essas diferenças existem e entre os jovens isso ganha conotações particulares, como se verá adiante.

Como anteriormente destacado, os jovens têm que lidar com a carga simbólica negativa e também com um espaço por fazer, em acabamento, em improvisações. Isso também os faz perceber as diferenças socioespaciais e econômicas em que estão imersos e em relação a outros lugares. Também aprendem a hierarquizar os espaços, em face do que tem ou não, do que é escasso ou abundante, tendo como referência seu espaço de origem. Uma hierarquização espacial, que é, digamos, inicialmente binária da cidade[133], a partir daquilo que os jovens não têm nos seus espaços de moradia e que, ao contrário, existe nos espaços de lazer nas áreas centrais, como uma estrutura mais complexa para incorporar o novo, o que está em voga e que se aproxima de suas referências de gosto e consumo.

Além disso, muitos jovens da periferia logo cedo têm que enfrentar o movimento das mudanças de bairro, sob diversas formas de deslocamentos forçados, submetidos, juntamente com suas famílias, às necessidades de ajustar a renda baixa com os custos

[133] ARIOVICH, L; PARYSOW, J; VARELA, A (1996) destacam que, no caso dos jovens adolescentes que visitam os shoppings center, há uma percepção dicotomizada da cidade entre espaços badalados e de lazer moderno em relação aos espaços de decadência e de lazer ultrapassados. Aspecto que também captei em enquetes utilizadas em Bauru entre os jovens do Ensino Fundamental.

de moradia e transporte. Às vezes, frequentam diferentes escolas no decurso de suas trajetórias e também vivem nestes espaços as distinções sociais, relacionadas a suas origens e aos locais de suas moradias.

Num dos projetos de desfavelamento na cidade de Bauru, que resultou na construção de um conjunto residencial vertical, localizado bem próximo ao bairro do Octávio Rasi[134], pude observar e conviver com dezenas de jovens que, de uma hora para outra, tiveram que enfrentar as tensões dos deslocamentos e se desligarem dos espaços que estavam familiarizados e das redes sociais construídas, isto é, desenraizamento com implicação nas suas sociabilidades primárias (parentes, amigos próximos, vida comunitária, relações interpessoais de afeto etc.)[135]. Esses jovens se viram tendo que lidar com novos códigos, grupos e regras em bairros totalmente desconhecidos, interagir com outros jovens e outra ambiência. Obrigados a novas adaptações, regras e enfretamentos impostos pelas novas condições. Não raro, com desconfiança e estranhamento por parte dos citadinos nativos do bairro.

Mas há também um sentimento de territorialidade, uma verdadeira construção intersubjetiva de sentidos entre sujeitos e destes com seu espaço social, que determina a maneira de olhar para dentro do bairro e para fora dele (SARAVÍ, 2008). Nestas construções intersubjetivas, os jovens se reconhecem como parte de uma "comunidade", de um bairro, mas essas identificações territoriais ganham contornos e nitidez nos momentos de festas, no baile, nos encontros. Ou seja, um certo grau de sentimento territorialista comparece entre os jovens ao se reconhecerem da favela, do subúrbio ou de uma área da cidade, muitos têm orgulho de serem reconhecidos pelo bairro ou zona residencial onde vivem.

Morar na Zona Sul ou Norte de Marília, por exemplo, é pertencer a um "pedaço" da cidade, que conhecem bem e onde são capazes de perambular pelas ruas reconhecendo amigos, lugares e se comunicando de forma mais descontraída e informal do que em outras partes da cidade. E é com este sentimento e identificação

[134] O Residencial Eucaliptos tem 400 apartamentos que foram divididas em 16 prédios, com apartamentos de 42 metros quadrados. Um empreendimento do Programa Minha Casa Minha Vida, direcionado para desfavelamentos e "remoção" de citadinos de áreas de risco.
[135] Aqui me inspiro em Lúcio Kowarick (2009) sobre os efeitos do "desenraizamento social e econômico" na vida das famílias que moram em periferias e favelas.

que também carregam nas suas circulações e escalas na cidade, marcas territoriais que se inscrevem nos corpos e nas suas expressividades. O que é possível visualizar entre algumas redes juvenis desta pesquisa – e muito próximo daquilo que Glória Diógenes (1998) encontrou em seu estudo, quando nos salões de *baile funk*, por exemplo, os grupos, as *galeras*, se dividem e demarcam estes espaços, compondo microterritorialidades, que são traduções das suas identificações territoriais e divisões da cidade, onde também se distinguem e rompem os "limites da homogeneização" (DIÓGENES, 1998).

Igualmente, é possível identificar o sentimento de pertencimento e orgulho do bairro, calcado no reconhecimento de que ali moram seus familiares, onde nascem suas amizades, fazendo do lugar onde moram a base de suas sociabilidades e redes sociais, reagindo aos estigmas e valorizando o modo de ser "periférico". Abaixo, na figura 14, temos um pouco desse sentimento cristalizado nas mídias sociais:

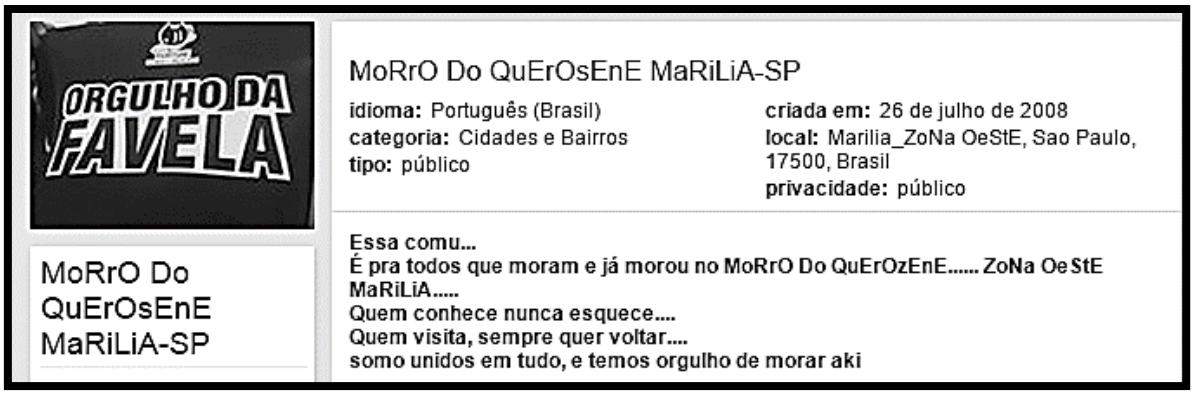


Figura 14: Pagina *Orkut* "Orgulho da Favela" – Morro do Querosene.
Destaque: Moradores e ex-moradores ressaltam a força gregária que se construiu no bairro, um espaço onde seus moradores não parecem negar o que são na cidade.
Fonte: Mídia social do *Orkut* – Grupo do Querosene em Marília-SP
Acesso: 14/03/2015 - http://orkut.google.com/c63071985.html.

As periferias destas cidades médias, em suas diferentes formas de territorialidade, diferenciações sociais ou sociabilidades, mostram que há muitas particularidades que as constituem, incluindo a complexidade de suas formações e demandas específicas por maior infraestrutura – ao mesmo tempo em que há atraso e defasagem de políticas urbanas a respeito de suas necessidades. Por outro lado, é

também possível encontrar esforços de uma autogestão, em função das alternativas que encontram para superar as fragilidades e onde os "espaços públicos"[136] têm ainda uma forte vitalidade. Como no improviso das brincadeiras juvenis, nas feiras e festas, ainda presentes nos bairros pesquisados.

Enfim, as contradições, dicotomias e os diferentes gradientes da realidade social também são parte da formação socioespacial dos bairros pobres da periferia. Mas também, da mesma forma que se enxerga partições e desigualdades, se encontram solidariedades, reinvenções e outras formas diversas de socialização.

Se, de um lado, as visões sobre o urbano tendem a cair no **paradigmático**, a cidade em suas oposições, centro-periferia, divisões e segregações, tão comuns nos vários estudos urbanos, por outro lado, há o caráter **sintagmático** do urbano, que considera os elos, as ligações entre os diferentes e aquilo que os conecta (LEFEBVRE, 2001). E é por esse caráter sintagmático, que os bairros focados nesta pesquisa serão descritos. O que justifica esse esforço é o fato de que as redes juvenis, nas suas pulsões gregárias, na formação de suas microculturas, não se fazem sem relações originárias de sociabilidade, modos de interação encontradas nos seus "sintagmas" grupais. Portanto, é no entendimento do cotidiano destes jovens, na vida em seus bairros, onde se pode iniciar um entendimento mais amplo do "modo de ser periférico" e o que impele seus sentidos de diversão.

Como destacou Barcellos (1995), o bairro tem seu tempo, suas transformações que seguem sua própria temporalidade, o que não quer dizer que sejam totalmente autônomos, mas como parte da cidade, da região, que se inscreve na heterogeneidade espacial, está ligado as influências, rebatimentos e conexões com o entorno. Um espaço que não parece tão isolado dos efeitos e dos *links* com as inovações estéticas e culturais de outros espaços urbanos, muitos dos quais, como se verá logo a frente, são promovidos pelos próprios jovens, que compartilham interesses, ideias, novidades em conexão com escalas mais amplas. De igual maneira, o bairro está na cidade, mas está

[136] As aspas se justificam neste caso porque em algumas situações de ocupação de espaços nas periferias, para jogos e brincadeiras, por parte de crianças e jovens, não se trata, necessariamente de espaços públicos institucionais, mas de usos espontâneos de terrenos vazios, de canteiros centrais de avenidas, de áreas de fundo de vale em que se improvisam alguns equipamentos muito precários, mas que servem para cumprir a função de suporte ao encontro e às interações sociais (LOBODA, 2016)

simultaneamente conectado com outros lugares, por diferentes meios técnicos (SANTOS, 2006) e agenciamentos.

Em realidade, a vida dos bairros tem seu dinamismo próprio, suas próprias limitações de recursos e equipamentos, mas, ainda assim, apresentam formas de conexões com outros lugares, transformam-se em um espaço de absorvimento, misturas e hibridizações constantes, entre o velho e o novo, entre o moderno e o "brega"[137], matrizes culturais paralelas, e que não deixa de ser também uma fábrica da modernidade. É justamente essa dimensão que tentarei captar e que talvez proporcione saber mais sobre quem são estes jovens, como são seus espaços de origem e oportunidades de diversão, como desenvolvem suas autonomias, suas filiações identitárias e culturais.

4.4. Perfil socioespacial do Jardim Santa Antonieta em Marília com ênfase no lazer

A escolha do Jardim Santa Antonieta se deu por sua localização distante da porção mais densamente ocupada e por ser um bairro bastante conhecido na cidade, chamando atenção as constantes matérias de jornais a respeito dos seus problemas e acontecimentos no âmbito da vida cotidiana. Mas também, porque a curiosidade foi aguçada, a partir de uma entrevista com um citadino de Marília e morador próximo ao centro comercial, ao destacar, de forma taxativa, que *a vila Santa Antonieta não tinha nada*[138], quanto ao lazer para os jovens, nem outros equipamentos para usos no tempo livre. O que impôs algumas questões.

[137] Um estudo nesse sentido, sobre a maneira como a periferia preserva singularidades na arte e se hibridiza com novo é discutido no trabalho de FONTANELLA, F. I. A estética do brega: cultura de consumo e o corpo nas periferias do Recife. Recife: UFPE, 2005, 112 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CAC Comunicação, 2005

[138] Antônio – 63 anos - professor de educação física, viveu a juventude entre 14 aos 22 anos em Marília - entre fins de 1960 começo dos anos de 1970. Entrevista cedida em 28/02/2014

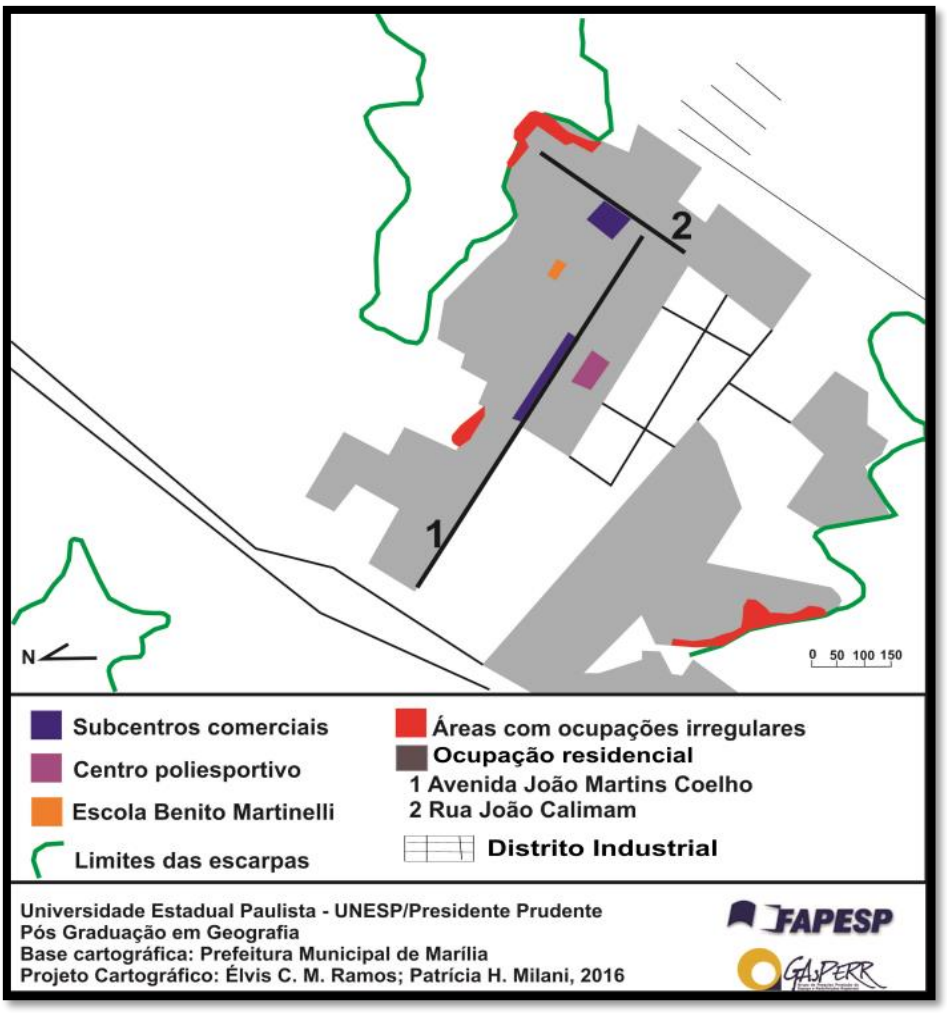
Afinal, essa afirmação não seria mais umas daquelas formas excludentes de representar os espaços da cidade, tal como anteriormente discutido sobre a formações socioespaciais da periferia? E esse "nada" refere-se, basicamente, ao quê? O nada que representa ausência? Ou nada que se ignora sobre o que existe? E o que é mais central, qual a territorialidade e sociabilidade dos jovens neste bairro? Quais são e foram suas alternativas de lazer, diante de situações pouco favorecidas em termos de equipamentos urbanos?

O capitulo 3 tinha oferecido um panorama sobre as formas de lazer dos jovens das periferias de outras gerações, mas e agora, o que mudou na periferia, para além da sua extensão e diversificação? Era necessário mergulhar internamente no bairro, no nível do seu cotidiano, para captar as mudanças e permanências entre o que escutamos pela memória de gerações anteriores e as práticas socioespaciais da geração atual.

Com estas questões iniciais em mente, iniciei as deambulações pelo bairro. A primeira vez se deu pelo uso do serviço de um moto taxista, coincidentemente morador daquele bairro. Foi um passeio noturno cheio de comentários sobre o que era viver lá e que revelou algumas informações importantes. Primeiro, era um lugar realmente muito afastando, tendo que se fazer boa parte do trajeto por uma rodovia. Um grande intervalo, entre a luminosidade das áreas centrais e a escuridão total da rodovia (ao longo dos dez quilômetros que o separam do centro), até avistar as primeiras luzes do bairro.

Como era um fim de semana, encontrei vários bares e supermercados bastante movimentados. Os estabelecimentos comerciais mais frequentados e onde se dava maior variedade destas atividades estavam concentrados no subcentro da Avenida **João Martins Coelho.** Uma avenida com um constante fluxo de pedestres e veículos, em decorrência da concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços. Percebi que era uma avenida preferencialmente frequentada pelos jovens durante à noite para seu lazer. O mapa 6 oferece uma percepção do arranjo espacial do bairro.

Mapa 6: Zona Norte de Marília em destaque o Jardim Santa Antonieta.



A partir desta visita inicial e em outras observações mais sistemáticas, identifiquei um contraste, sobretudo na noite, entre a avenida central, mais iluminada e com concentração de jovens, e outros locais do bairro, onde costuma reinar uma atmosfera de desolação. O próprio bairro tem na sua escala suas áreas opacas e luminosas. Também se encontram diferenças nos perfis de habitação, desiguais em suas formas, algumas ainda em construção e reforma.

Nas franjas mais ao norte do bairro, pode-se encontrar habitações mais precárias, o que ali é chamado de "favela do bairro", embora muitas casas sejam de alvenaria e com veículos em suas garagens, mas percebe-se, em geral, uma paisagem feita de sobras de material de construção, muitas casas sem pintar, outras sem portões. Muitas

destas casas estão próximas das escarpas e das grandes torres de transmissão de energia, evidenciando a despreocupação dos órgãos públicos com a saúde e periculosidade, a que estão expostos os moradores nestas áreas de riscos.

Contudo, há também na parte mais central do bairro habitações bem-acabadas e que indicavam um padrão de consumo mais elevado, em que se viam diferentes modelos de carros e motos nas garagens, algumas com até dois carros, outros com carros ou moto sofisticadas. Apesar de tudo indicar que se tratava de um bairro popular, era possível perceber que algumas frações de citadinos, ou famílias, já afluíam para níveis relativamente maiores de consumos e a outros estilos de vida. Estas dissimetrias no bairro mostram que os ritmos, condições socioeconômicas e padrões de consumo vão se diferenciando entre seus moradores, mesmo tendo em vista a origem do bairro, ou seja, as condições desfavoráveis pelas quais se deu sua formação socioespacial.

Poder-se-ia dizer que o bairro vê surgir sua própria diferenciação interna, decorrente de diferentes oportunidades de vida e acumulações de capitais, além é claro, das políticas públicas e econômicas, que atingem também de forma desigual essa ou aquela fração socioeconômica da sociedade.

No entanto, o bairro continua a ser visto como um lugar de muitas precariedades. Nas conversas com os moradores, sempre emergia a ideia de que o bairro melhorou, porém, os serviços e assistência pública ocorriam de forma ineficiente e insatisfatória. Entre os jovens, estava presente a reclamação com a falta de espaços para o lazer ou apoio para suas práticas e expressividades, esportivas e culturais[139]. Entre os adultos, a questão da segurança, iluminação e deterioração de equipamentos públicos é o que predominava.

Sobre os fluxos concernentes a vida diária do bairro, estes seguem também diferenças de ritmos, que são mais regulares durante a semana. Pela manhã bem cedo, há um intenso movimento de carros que saem do bairro e de citadinos nos pontos de embarque do transporte coletivo, provavelmente para outras áreas da cidade em função do trabalho. E há os períodos da manhã, sobretudo, entre as nove e as onze horas, em que o movimento de pessoas decai, com ruas que ficam em completo silêncio.

[139] Aproveitei as respostas da enquete elaborada que aplicamos na escola Benito Martinelli.

Nos finais de semana, aos sábados, o movimento de pessoas cresce ao longo da avenida João Martins, acrescido de um fluxo significativo de carros. Quase todos os estabelecimentos comerciais ali instalados são de pequeno porte. Microempresas, como clínicas de embelezamento e estética, bares e lanchonetes. Há uma pizzaria de forte frequentação de jovens à noite. Encontram-se também lojas de confecções, oficinas mecânicas de carros e motos. Supermercados locais, padarias e farmácias. Outra concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços acontece numa parte da rua João Camelian, servindo os moradores que habitam mais ao norte do bairro.

Identifica-se também algumas aglomerações de jovens e adultos no centro poliesportivo, postos de saúde e na escola Benito Martinelli. O sentido da circulação dos citadinos é enunciado por diferentes atividades, como jovens carregando skates, senhoras com sacolas de mercado, pares de amigos se encontrando na rua, adultos conversando no interior de bares e em mesas que avançam nas calçadas. O preenchimento dos espaços públicos, com aglomerações e diferentes práticas, faz do bairro um local não apenas densamente habitado, mas também "povoado" no sentido da ocupação destes espaços.

Por exemplo, presenciei modestos bate-bolas entre o crepúsculo do fim da tarde até quando não se é mais possível distinguir a bola dos tijolos que improvisam as traves. Uma descontração vívida no gramado gasto de um canteiro central, numa das avenidas que cortam o bairro. Jovens sem camisas, descalços, indiferentes ao trânsito, aos pedestres e aos horários que marcam outras rotinas. Aquelas bricolagens e improvisações que se observa e tão próprias dos bairros das periferias populares. Aspecto que Machado Pais (1990, p.634) já havia identificado em outros estudos que, mesmo na ausência de equipamentos de lazer, os jovens ainda são capazes de criar formas particulares de diversão, uma forma de reagir as "características sociais do habitat em que vivem".

Próximo ao campinho de futebol improvisado, ocorre, aos fins de semana, a popular *feirinha do bairro*. Ela acontece no cruzamento das avenidas João Martins Coelho e Guiomar Novaes. Ali se reúnem muitas barracas de lanches e tendas de venda de produtos, como DVDs de filmes, relógios, óculos de sol, enfim, muitas bugigangas, que perfazem um pequeno comércio informal. Famílias, jovens em grupo e casais

encontram um local de consumo barato, muitos vão para *feirinha* ao saírem dos cultos religiosos, da escola, ou mesmo de casa. Vão para um simples bate-papo e encontrar conhecidos.

Esta *feirinha* poderia ser pensada como uma evolução no espaço de interação comum no bairro, que foi agregando um comércio e mais frequentadores, como destacou um entrevistado, antes e mesmo nos primeiros anos de formação do bairro, muitos eram os moradores que frequentavam a missa e depois dela ficavam na praça, tanto que a praça da igreja faz parte do espaço da feirinha hoje. Era anteriormente um local de encontro, conversas, geralmente, com frequentação até por volta das dez horas da noite.

Conforme as visitas e observações se tornaram mais frequentes, foi possível definir alguns locais de aglomeração e de importância na circulação de jovens quanto às práticas de lazer, como o **recinto poliesportivo, escola, igrejas e algumas praças e vias públicas principais**. Cada espaço territorializado pelos jovens representa tipos de convivência e interações particulares.

Vale, nessa altura, mencionar que sempre deixei claro nas deambulações no bairro a minha condição de pesquisador, até porque, não deixariam de perceber que era um estranho. Afinal, o tipo de roupa e até o modo de andar não deixariam de ser notados pelos moradores, algumas coisas sempre denunciam o *status* de estrangeiro, como o fato de sair pelas ruas afora alternando caminhadas e paradas para simples anotações. Mas, em nenhum momento, houve alguma desaprovação, negativa em conversar e em dar informações, ou questionamentos. Em realidade, conforme a minha presença se tornou habitual, essa atmosfera de estranhamento se dissipou.

Uma ressalva importante deve ser feita para os casos em que a aproximação vai até **pedaços** restritos, onde uma territorialidade está sendo estabelecida e há uma fronteira simbólica erguida. Por exemplo, é muito comum perceber, na noite, alguns jovens se reunindo no recinto poliesportivo - uma estrutura espacial localizada na parte central do bairro, com campo de futebol, quadra de futebol de salão, área de recreação, cantina e um salão para atividades internas (festas, jogos, cursos, artes marciais) - para fumar, beber e outras práticas muito particulares do grupo. São conversas num tom quase de segredamento, ao ar livre entre as mesas e cadeiras próximas a uma cantina,

que apresenta um aspecto mais reservado, em função da noturnidade. Sendo um lugar com pouca iluminação e afastado dos olhares diretos de quem está na rua, talvez se sintam mais à vontade, refletindo um momento bem reservado e discreto, um forte contraste com o período diurno, quando as atividades neste recinto são um pouco mais frequentadas e de outra natureza, protagonizadas por outros jovens.

Atinente a certos pedaços como este no bairro, a aproximação sempre era calculada e, inclusive, fui avisado para ter uma certa cautela ao abordar os jovens do bairro. Em uma das entrevistas feitas, no mesmo recinto poliesportivo, numa noite de semana, encontrei estes jovens no portão, também de saída, senti nesta oportunidade olhares mais inquiridores. Uma mostra de que certos pedaços implicam permissões e às vezes a imprudência pode ser vista como afronta e uma invasão. O que exige uma mediação correta, mesmo sendo um local público.

Durante muitos anos, era muito mais comum que na atualidade, os jovens estarem reunidos no **recinto poliesportivo**. Os anos de 1990 talvez tenham sido seu auge. Este espaço teve papel importante no lazer dos jovens e no compartilhamento de informações culturais e eventos relacionados a culturas juvenis. Mesmo os adultos tinham no clube poliesportivo seu local de maior efervescência da vida social, um espaço comunitário e público que funcionava toda semana, onde era comum acontecer jogos de futebol, carteado, eventos e onde era mais frequente a presença das mulheres em cursos de música, entre outras variedades de conteúdo, que a elas era proporcionado durante a semana.

Era neste espaço, antes da profusão da internet, que se davam as conexões com culturas urbanas e juvenis exteriores. Muitos jovens entraram em contato com o rap, rock, reggae e outras correntes musicais a partir deste espaço. Não era necessariamente um pedaço exclusivo de um grupo ou turma, mas era um espaço de expressividade artística e musical entre os jovens da comunidade, como destaca um entrevistado:

> ***Alex**: O que rolava legal era no final de semana, mas que hoje acabou. Naquela época, os poliesportivos tinham um movimento muito forte, do rap, rock e do reggae, mas o rap e o rock era mais forte. Eu na época do colegial tinha uma banda, na época era comum ter bandas e tocar no poliesportivo.*

O relato acima oferece uma representação do caráter plural das manifestações juvenis na periferia, já que o mesmo entrevistado informou que tal prática era comum em outros bairros populares de Marília. O que também informa que ali existiam microterritorialidades em convívio e, possivelmente, em negociações interculturais.

Jovens que traziam novidades para o recinto do poliesportivo, como também a partir dele, nas interações com outros jovens, conheciam outras correntes artísticas e culturas urbanas. Isso se dava efetivamente, entre troca de fitas k7, letras de música, compartilhamento de revistas especializadas que, no início dos anos de 1990, eram comuns na cidade e relativamente fáceis de serem encontradas em bancas de revistas do centro principal e no próprio bairro. Desse modo, pode-se falar, por assim dizer, em negociações, que resultavam na **difusão reticular** das novidades, pois reuniam algumas condições importantes: meios técnicos que permitiam a aterrissagem destes conteúdos culturais; proximidade entre jovens, com disposição de descobrir e aderir ao novo; e que era possibilitada pela mediação do espaço, neste caso, do recinto poliesportivo, que assim, se constituía numa centralidade no próprio bairro, um local para fruição do lazer como também de interações entre estilos e modalidades culturais.

Muito mais que um relevo de passagens e casualidades, o recinto foi sendo caracterizado por uma **multifuncionalidade pública e espacial**, vinda de baixo**,** adquirida nas práticas e sociabilidades juvenis, concretizadas nas formas de ajuntamento dos jovens, do convívio face a face. Pouco importava as preferências, cor, idade, grupo juvenil, todos se cruzavam nos times de futebol, basquete, ou outra modalidade esportiva. Além destas práticas, abriam-se *links* com o externo, por meio de jovens que traziam conteúdos simbólicos, como da música, dança, brincadeiras e jogos para o espaço comum. Além da fruição dos bate-papos, que igualmente faziam parte do conteúdo deste lugar.

O que se depreende é que as redes de amigos formadas originariamente, podem se combinar com outras redes, ou mesmo, um jovem se enredar em outras redes diferentes no bairro. O enturmamento para um jogo, para a ida a um evento fora do bairro configuram-se como nós, onde estas redes se combinam e recombinam. Uma fluída sociabilidade de diferentes interesses, preferências e combinações de amigos. Neste sentido, a experiência de viver no bairro constitui, para estes jovens, a

possibilidade de encontrar outros jovens com os mesmos interesses, ou que os despertem para novos conteúdos e práticas de diversão ou experiência cultural. No recinto, na rua ou na escola estes encontros fortuitos ou ocasionais podem adquirir um valor mais proximal e afetivo, ou seja, **encadeamentos proxêmicos**[140]**,** um crescer e conviver próximo, onde as diferenças existentes, subsomem, justamente nos jogos e festas, onde as escolhas e pertencimentos se refazem a cada partida e/ou encontro, assim como em outras brincadeiras no bairro que exigem substituições e rotatividades, ou que se poderia denominar de uma "sociabilidade na periferia"[141].

Trata-se de algo próprio destes espaços, onde futebol e outros formas de brincar e viver coletivamente eram, e ainda são, corriqueiros. Onde se tem muito próximo alguém que está livre para fazer parte do jogo ou da festa. Muitas vezes basta estar no local, isto é, numa quadra esportiva, no pátio da escola, da rua, para ser visto como alguém em potencial para fazer parte do grupo, ou para completar algum jogo, ou ajudar numa *vaquinha* de uma brincadeira dançante. Na periferia, muito geralmente, basta se aproximar da "roda" para já estar incluso. O que não quer dizer que seja uma prática absoluta e universal que, como visto, nem sempre está inicialmente disponível para novos moradores ou outros jovens.

Por outro lado, em outros relatos, o que se percebe foi que houve um decaimento do congraçamento e reuniões juvenis, ao menos neste recinto poliesportivo, em relação ao lazer, em comparação ao que foi para outras gerações, tendo isso já ocorrido, no começo dos anos 2000, o que aponta para a emergência de novas formas de interações, que não apenas a face a face, ou que tenha afluído para outros espaços sociais no bairro:

---

[140] Noção desenvolvida em Maffesoli (1998), que não se restringe a pensar a rede de amizades como um universo grupal de finalidade, mas que destaca a convivialidade, ou seja, os laços construídos no dia-a-dia, atos, emoções e sentimentos, que surgem no ambiente partilhado e vivido. Regras e códigos que se formam nessa experiência cotidiana, das conversações, cujos efeitos secundários se dão nos momentos de ajuda-mútua, solidariedade e da partilha dos mesmos segredos.

[141] Merece destaque sempre como referência os trabalhos de José de Souza Martins sobre a vida e as sociabilidades nos subúrbios, no qual vislumbro certa correspondência com essa concepção, assim como em Glória Diógenes (1998) sobre os jovens pobres da periferia de Fortaleza (CE).

> ***Alex***: *Os próprios jovens criavam e produziam as atividades. Não tinha intervenção do poder público, e hoje se fala que estes poliesportivos estão malconservados, mas na minha época eram mais detonados ainda. Não tinha salão, e a quadra era de areia, para praticar futebol de areia. A condição do poliesportivo, lá atrás, era pior do que hoje. O pessoal se movimentava para ir para lá. Pessoal jovem e mais velho se misturavam. Mas dava 4 a 6 mil pessoas. Aí decaiu, não sei se era muita briga, falta de investimentos, o point dos jovens era o poliesportivo. Acontecia cultura e esporte lá, durante o período do dia e da noite. A noite continuava...*
>
> ***Fabio*** *: Era aqui mesmo neste espaço, no poliesportivo, naquele tempo, já 1997 e 1998, eu tinha já 14 ou 15 anos. O poliesportivo nessa época era mais novo, tinha mais segurança, era muito mais aceito pela comunidade. Embora hoje vemos um pouco abandono, mas naquele tempo era muito mais frequentado, no final de semana e durante a semana, a nossa brincadeira era jogar bola, praticar as atividades físicas que tinha. O local mesmo da minha época, era mesmo o poliesportivo.*

No caso dos relatos acima, tem-se a percepção do que, no passado, o recinto era um espaço mais frequentado, e hoje há menos densidade e fluxo de jovens e demais citadinos. De qualquer forma, não houve, como observei, um completo esvaziamento. Grupos como dos skatistas do bairro ainda fazem das quadras um espaço para suas manobras, assim como jovens do futebol e outros grupos. O que talvez permita falar apenas em um decréscimo quanto o aproveitamento deste espaço público.

Contudo, não é de difícil observação nas periferias que, enquanto em alguns bairros, essa percepção de esvaziamento dos *campinhos de terra*, centro comunitários e quadras poliesportivas tem se manifestado, há outros bairros onde estas atividades e um fluxo significativo de jovens ainda é significativo e persistente. Mas, é claro que não se pode ignorar que a falta de investimentos nestes equipamentos públicos pode implicar no desestímulo de seus usos. Há também o fator das mudanças etárias e estruturais nestes bairros. Jovens que vão se mudando do bairro, assim como, ampliam seus circuitos espaciais de convivência. Acresce-se os fatores externos, como as tecnologias da informação, uso mais massivo da *internet* entre jovens da periferia e, também, o surgimento de outras instâncias de lazer no cotidiano. Na figura 15, uma parte do recinto poliesportivo e de sua infraestrutura.



Figura 15: Recinto Poliesportivo no Jardim Santa Antonieta
Destaque: Parte da quadra de jogos esportivos e acrobacias dos skaters.
Fonte: Reportagem G1- "Moradores de Santa Antonieta pedem espaços para lazer"
Acesso: 22/09/2015 - goo.gl/849RPV.

Mesmo que não se possa sugerir uma migração de jovens de espaços públicos e baldios para espaços privados, deve-se ressaltar que, na periferia, tivera muito importância já no final dos anos de 1990, os *locais de internet*, quando a maioria dessa população não tinha computadores domésticos ou acesso à transmissão de dados pela internet. Nestes bairros, era comum encontrar as *lan houses*[142], como no bairro Santa Antonieta. O que levou a outras formas de sociabilidade no bairro, com intenso fluxo de jovens em busca de jogos, músicas e demais produtos e experiências, que não estavam acessíveis antes. Estes locais e seus sistemas conectados digitalmente ampliaram o campo de possibilidades para muitos jovens, em termos de capital cultural e alternativas de lazer. O trecho da entrevista de um jovem, que viveu a virada dos anos de 1990 para os anos 2000, mostra um pouco desse momento de mudança no bairro:

[142] *Lan* é uma sigla para "local área network", uma loja, galeria, parte de um estabelecimento que dispõe de computadores para acesso à internet, mediante pagamento pelo tempo utilizado.

***Pesquisador**: Fliperama também era um ponto de encontro então?*

***Rodrigo**[143]**:** Era um ponto, vixe, bastante. E aqui na avenida tinha uns três, quatro [Avenida João Martins Coelho].*

***Rodrigo:** Igual, na frente de casa, aqui, tinha um grande, mais de sete máquinas, então a galera se reunia.*

***Pesquisador:** Aí começou o negócio da internet?*

***Rodrigo:** Aí começou as famosas lan house, cyber café, no bairro e foi acabando os fliperamas e as aglomerações em frente das casas.*

No campo das convivências, também deve-se estar consciente dos acertos e entendimentos, nem sempre explícitos, quando se estabelece microterritorialidades entre diferentes redes juvenis nos espaços comuns. Isto é, são comuns, mas não quer dizer que não sejam demarcados. Numa entrevista com um jovem skatista, são destacadas as restrições de estrutura de lazer para suas práticas e os territorialismos que se justapõe nas suas circulações pelos espaços, que vão do recinto do poliesportivo à escala da cidade.

***Entrevistador**: onde vocês andam de skate, existe locais preferenciais?*

***Edu do skate:** Ah...tipo em tudo quanto é lugar.*

***Entrevistador**: - Tem pista aqui de skate?*

***Edu do skate**: -Ah, tem né, mas tipo, a Prefeitura não ajuda em nada e tipo que está meio abandonado.*

***Entrevistador**: - E onde que é essa pista?*

***Edu do skate**: - É ali na São Miguel, pracinha São Miguel.*

***Entrevistador**: - Lá está abandonada e ali não vira, né?*

***Edu do skate**: - Ah, lá dá muito "nóia"[144], é de boa né quando nós os conhecemos.*

***Entrevistador**: - Ah, lá dá nóia?*

***Edu do skate**: - É só para encher, aí eu nem vou lá.*

***Entrevistador**: - Ah, o pessoal não vai?*

[143] Rodrigo – 24 anos e morador do Santa Antonieta, formado em educação física e membro de uma banda de rock.

[144] O uso do termo "nóia" no universo juvenil que se está envolvido faz referência aos jovens que usam algum tipo de droga ou tóxico, compartilhando seu uso entre os colegas do grupo, também fazem peregrinações pelo espaço do bairro na noite e em outros espaços da cidade. Interessantemente, optam por espaços mais internos, porém públicos, como quadras, o que é uma estratégia para sair dos olhares diretos de quem está nos espaços mais abertos, como da rua.

> ***Edu do skate**: - Ah, o povo vai né, quando vai em bastante gente assim, vai bastante...*
>
> ***Entrevistador**: - Mas quando é pouquinho não dá porque tem os caras enchendo o saco lá?*
>
> ***Edu do skate**: Têm.*
>
> ***Entrevistador**: - Poliesportivo tem isso também?*
>
> ***Edu do skate**: - Ah, mas ali também tem os "nóia". É bom , tipo, ah, não é que é bom, mas a gente convive, conhece e eles, nem mexem mais.*
>
> ***Entrevistador**: - Entendi... Já a outra pista é mais complicado?*
>
> ***Edu do skate**: - Ah é, né? Meio que o povo da Vila Barros ali que vai lá...*
>
> ***Entrevistador**: - Ah entendi... dá treta.*
>
> ***Edu do skate**: - É... uma vez meio que a gente falou com o Vinícius Camarinha, foi ali no Poli, ele prometeu uma pista...*
>
> ***Entrevistador**: - Aqui para o bairro mesmo?*
>
> ***Edu do skate**: - Aqui para o bairro é. Aí até agora nada.*
>
> ***Entrevistador**: E como vocês vão para os outros locais na cidade?*
>
> ***Edu do skate**: - Ah, nós vamos de skate mesmo*
>
> ***Entrevistador**: - De skate mesmo?*
>
> ***Edu do skate**: - É, anda Marília inteira de skate*
>
> ***Entrevistador**: - Putz, mas é cansativo, hein?*
>
> ***Edu do skate**: - Ah, é, mas é divertido até, né? **Você vai conhecendo os lugares.** (meu grifo)*

Para este jovem skatista, a distância não é uma barreira instransponível. As barreiras são outras territorialidades e as estruturas deficientes que dificultam seus *rolês*. Mas, mesmo assim, apesar da segregação socioespacial em que vivem, investem, juntamente com seu grupo de amigos no lazer no bairro e além dele. Descobrem nas escadarias, muretas e rampas de estacionamentos formas de brincar com a superfície urbana, construindo novos significados, a partir de seus códigos e práticas.

Como o próprio jovem skatista disse, *vai se conhecendo os lugares*, aprendendo a negociar os espaços, a interagir de forma ampla com a cidade, a mobilidade possibilitada pelos seus skates, em adição, ao intrínseco nomadismo dessa cultura, abrange, como destacou Castro (2004, p.77), um patamar de descoberta de rotas e decifração da própria cidade, uma negação do confinamento:

É através da circulação pela cidade que as crianças e jovens podem tornar sua a cidade que convida seus habitantes, todos eles, à experiência do movimento e da

deambulação. Pelo desvio das rotas comumente conhecidas se pode "se perder na cidade" para obter deste conhecimento a experiência do achar, do (re) descobrir, enfim, daquilo que gera novas percepções e conhecimento. À deambulação corresponde o vagabundear, o vagar pela cidade, já que o "sem rumo" anuncia uma rejeição à ordenação e racionalização da mobilidade em prol do acaso e do imprevisível.

Ou, mais ainda, como destaca Pais (2005, p.58), a realização de outras funcionalidades e sentidos para o espaço:

Que fazem os jovens skaters do espaço urbano da cidade? Eles reinventam-no, dando-lhe novos usos e, desse modo, produzem um novo espaço, distinto do original. O corpo do skater dialoga com a arquitetura do espaço por onde desliza, como se nesse "corpo a corpo" se produzisse uma nova discursividade urbana. O skater recusa aceitar o espaço como um dado pré-existente. Dá-lhe uma existência própria quando o desafia a usos diferentes dos previstos ou pré-estabelecidos.

E a noite, para os skatistas, é outro momento de dialogar com a superfície do lugar, com seus pontos de encontro específicos, que costumam ser na avenida principal, geralmente, onde os espaços de estacionamento de supermercados e lojas estão vazios (figura 16). A noite oferece mais tranquilidade e liberdade para ensaiar seus movimentos. Mas, tanto eles, como antes deles no bairro, a turma do "BMX[145]", literalmente fizeram e fazem ainda rolamentos na cidade, reinventando-o a partir de baixo, a partir das estruturas espaciais rasas, do chão, do contato com seu concreto, entre muretas, ruas, bancos de praças, sarjetas, enfim cada espaço da cidade lhes abre a possibilidade de uma experiência, um campo exploratório de sensações e aprendizado.

[145] Alguns anos atrás, era mais forte a presença de jovens do bairro envolvidos com o estilo livre de pedalar e fazer manobras com bicicletas, também conhecida como bicicross ou BMX. No Santa Antonieta, aproveitando terrenos de terra em volta do bairro e no recinto do poliesportivo, jovens ciclistas se reuniam para realizar suas práticas.



Figura 16: Jovens skatistas no Santa Antonieta.
Destaque: Deslizando nas calçadas da Avenida João Martins Coelho.
Fonte: Mídia social *Facebook* – página pessoal (cedida)

As descobertas e encontros para estes jovens podem atingir também outras cidades, visto que, às vezes, estão em Lins ou Bauru, ambas cidades cujo raio de distância é de pouco mais de 100 quilômetros. As mídias sociais, como *WhatsApp*, têm permitido saber onde e quando estes encontros vão ocorrer. Ou seja, a extensão de contatos e inter-relações com outros grupos, que começam no bairro com amigos próximos, vão se ampliando até chegar nas experiências de conexões intercidades.

Continuando um pouco com a descrição da vida social nas ruas do bairro, sobretudo nas proximidades da área de concentração de comércio, pode-se dizer que as avenidas principais funcionam como *points* juvenis e passagens para os adultos, no entardecer e no prolongamento da noite nos sábados, vias públicas que estão sempre sob o indo e vindo de passantes. Uns andando por passeio, outros fazendo pregação, jovens em torno de carros. Algumas casas, com aparelhos de som ligados, ecoando as músicas para as vizinhanças, antigas canções sertanejas e outras com temáticas modernas. Jovens na frente de casa, sentados defronte ao portão, olhando o fluxo da avenida. Mesas de bar na calçada, com jovens comendo lanches e bebendo cervejas entre risadas e miradas na rua. Todas estas ações, repercutindo no espaço público, preenchendo-o com uma atmosfera de estímulos e um convite às interações.

A vibração é contínua no cruzamento das principais avenidas, os *trailers* de lanches, camelôs vendendo CDs, a *feirinha* que começa a se instalar, as aglomerações de jovens e adultos vão se definindo. A principal pizzaria e a mais badalada do bairro já está aberta, o luminoso ligado da fachada anuncia o começo da noite (figura 17). O movimento é efervescente no bairro. Jovens adolescentes em grupo de bicicletas, subindo a avenida, outros estacionados nas esquinas, outros passando devagar com seus carros e motos, também desfilam, como costumam fazer nos *rolês* das áreas centrais.



Figura 17: Point juvenil na Avenida João Martins Coelho.
Destaque: Também um point para jovens do bairro e também adultos.
Fonte: foto tirada em 12/07/2014

Na avenida, nas noites de finais de semana, presenciei muitas das jovens adolescentes, com pequenos shorts, blusas, cujas roupas às vezes se prendem ao contorno do corpo, algumas até maquiadas. Em geral, estas jovens adolescentes estão aprendendo a compor um estilo de visibilidade e comunicação corporal. Exercendo suas vitalidades, buscam se conectar com outros jovens, descobrindo suas próprias formas de se territorializar e se distinguir.

Como em outras situações observadas, o investimento na estética do corpo é o principal recurso que estes jovens têm para buscar visibilidades. Essas mesmas atitudes aparecerão nos seus *rolês* coletivos nos núcleos de lazer noturno com centralidade à escala da cidade. O corpo representa um dos aspectos principais que denota vitalidade, uma juventude. Também uma fronteira com o mundo. Por ele, podem investir, para se comunicar, interagir e tornar-se mais visíveis. Por isso, também, o espaço tem

importância, que não apenas gregária, mas, também, de visibilidade social, de projetar intenções, como de aproximação com outros jovens, pertencimento e interesses. E estes ensaios começam na própria periferia, nas ruas e nas centralidades do bairro.

Para os jovens que passeiam na avenida, ocorre os mesmos investimentos de visibilidade e curtição, destacam-se pelo boné ou camisas estampadas com marcas de grifes. Outros andam mais despojados, bermudas que parecem escorregar pelos quadris, andam tranquilos nas ruas, todos são de alguma forma conhecidos. Jovens sentados em frente de uma casa, mas deixando perfeitamente alinhados seus carros rebaixados. Na frente de casa, quatro ou cinco desses carros, todos brancos, provavelmente mais um grupo jovem em seu pedaço específico no bairro, combinando seus *rolês* na noite. Outros jovens limpando seus carros ou motos.

Em todos estes fazeres que acabo de descrever, nota-se a constância da música, não apenas como distração, mas como afirmação, um elemento solidificador dos encontros. A música, nestes bairros populares, sempre faz parte da cena dos espaços públicos, faz parte da enunciação dos jovens quanto à suas preferências, valores e identidades, sobretudo, no entardecer e noite de fins de semana e feriados. Há uma geografia sonora que, com certa atenção, permite distinguir identificações culturais e formas de perceber o mundo. O corpo, a música, as roupas são elementos de aproximação e investimentos. Além disso, a música no bairro é parte da sua própria paisagem, uma simultaneidade de estilos musicais, de pagode a funk, passando por sertanejo e até canções gospel.

Na noite, é possível presenciar as igrejas concorrerem com as luzes dos bares. As fachadas destas igrejas são simples, como letreiros que se parecem com aqueles das lojas comerciais. Elas se confundem com a paisagem de lazer em que se transforma a principal avenida do bairro. Por volta das 20h, os pontos de embarque de ônibus vão sendo preenchidos por variados tipos de jovens. Uns com a bíblia, outros com as namoradas e namorados, outros em turma. Os pontos iluminados, como na avenida, são os mais frequentados. Já os locais pouco iluminados do bairro continuam desolados, as luzes é que apontam os caminhos para diversão no bairro.

Durante a semana, no período da noite, a maior concentração de jovens ocorre na escola[146] e no entorno dela. O espaço escolar, na realidade do bairro, ocupa uma importância que vai além do seu objetivo educacional. Visitei a escola algumas vezes durante a noite e, inclusive, para aplicar enquetes. Logo na entrada, em volta do portão, os jovens já fazem da ocasião um momento para conversar com amigos, alguns chegam com carro, com música em volume alto, geralmente, são músicas relacionadas a temática do funk. Porém, outros jovens portam seus *smartphones*, dedicando-se em compartilhar informações, como músicas e fotos entre os colegas.

Observa-se que é comum durante as aulas negociarem formas de saírem mais cedo, ou mesmo apenas circular no pátio. Os professores e gestores da escola procuram colocar limites e disciplinar as saídas durante as aulas e impedir que se crie um clima de "bagunça", por isso, quase tudo entre alunos e gestores passa por alguma negociação, mas, geralmente, são relações baseadas em anos de convivência e interações, com histórias em comum, já acostumados. A maior parte dos professores, há mais tempo na escola, conhece as manhas dos alunos e estes, por sua vez, sabem os limites e as brechas por onde podem ter seus desejos atendidos. São essas relações, que poderiam ser chamadas de extracurriculares, que permitem a fluência das atividades escolares e recreativas na rotina escolar.

Poder-se-ia dizer que, dentro da escola, os jovens têm que lidar com um sistema de contrapesos, onde necessariamente precisam se acostumar com certas regras e usos dos espaços, mas também podem criar condições para praticarem suas sociabilidades. Isso significa que podem ouvir música no intervalo das aulas, desde que se comprometam em evitar qualquer confusão. Também quando têm aulas vagas, se tudo ocorrer sem distúrbios durante o intervalo e se comportarem bem, podem ser liberados para sair mais cedo da escola. Durante a noite, muitos são os alunos que apenas param no portão da escola para combinar passeios. A escola, nesse sentido, oferece-se como um ponto de encontro.

[146] A escola Estadual Benito Martinelli foi a primeira escola do bairro e é considerada uma das maiores escolas da cidade em número de alunos.

Uma jovem que participa como monitora do "Programa Escola da Família[147]," também relatou que é muito comum que jovens na escola, em certos dias, como de quarta-feira, prefiram, em vez de entrar na escola, ir aos shopping centers da cidade. Ao que parece, são jovens que trabalham durante o dia, e a quarta-feira à noite acaba se tornando um dia para sair com a turma da escola, além de aproveitar o dia em que os bilhetes de cinema são mais baratos.

Como parte do equipamento de consumo coletivo do bairro, a escola tem um papel central, pois é onde ocorrem atividades com jovens e adultos. Nestes finais de semana, os jovens encontram, através do programa "Escola da família", cursos variados, campeonatos esportivos, palestras e apresentações artística e culturais, organizados pelos próprios alunos. Em realidade, o espaço escolar se torna um prolongamento dos espaços abertos do bairro.

Se durante a semana, a escola é voltada à educação formal, aos finais de semana crianças, jovens e adultos podem livremente participar das atividades na escola, como apenas estar lá para bate-papo e usar as estruturas para manobras de skate, tal como presenciei no pátio e nas escadarias, onde, em dias normais de aula, isto não seria permitido. Outros chegam com suas bicicletas e motos, para alguma partida de futebol de salão, ou para combinar *rolês*. Sempre há um campeonato de futebol na quadra da escola, os próprios jovens se organizam. As jovens e os jovens jogam tênis de mesa. Algumas meninas vêm com violão para seu curso.

A escola de final de semana passa a ser um espaço socializado pela "comunidade", onde não há impedimentos para se entrar e criar jogos. Torna-se um lugar de atravessamentos e vivências. E é aqui que arrisco a dizer que, talvez, houve uma mudança de fluxo do recinto poliesportivo do bairro, para a Escola, que se tornou um novo ponto de referências para diversas atividades culturais e recreativas naquele bairro.

Numa entrevista com um professor de capoeira, que ministra aulas para adultos e jovens na escola, as atividades oferecidas já foram mais interessantes, com mais cursos

[147] O Programa Escola da Família foi criado em 2003, pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Em síntese é a escola aberta aos finais de semana, para jogos, atividades voluntárias, para diversas práticas esportivas e artísticas.

e mais frequentadores. De qualquer modo, essa abertura ajudou a tornar a escola menos *problemática*, o que confirma outra entrevista, com outro citadino do bairro, que tinha informado que a escola era conhecida como "*escola problema*", em razão da constante presença da ronda policial, devido a brigas entre alunos, expulsões e outros problemas disciplinares.

Por outro lado, também foi nesta mesma escola que outros ex-alunos com quem tive contato informaram como foram tendo conhecimento de práticas e culturas juvenis. Muitos descreveram os contatos com colegas, ou mesmo alguém que frequentava a escola, com alguma novidade, por exemplo, manobrando skate, bicicross, ou trazendo novos games, que poucos conheciam no bairro. Foi assim que um dos jovens entrevistados conheceu uma cultura juvenil, muito presente na cidade, que se relaciona com manobras radicais com motocicletas, denominada *wheeling*.

Tal como a maioria dos jovens do bairro, o espaço comum e proximal em que vivem possibilita encontrar diferentes práticas e culturas urbanas, originadas em outros lugares, incorporadas por jovens que querem experimentar outras brincadeiras, além do futebol e aquelas mais convencionais. Mas, são interações e trocas que se aglutinam em espaços ainda mais específicos. Como na escola, no recinto poliesportivo, onde há confluências da diversidade. Em que os jovens e suas novidades se tornavam visíveis, e ao mesmo tempo, com a forte possibilidade de encontrar outros amigos para fortalecer suas práticas.

Espaços de relações como o recinto poliesportivo, a escola, os fliperamas, mais tarde as *lan houses* são, de certa forma, estruturantes, em termos de suas vocações, funções e intencionalidades, mas também deles se estruturam outras ordens e possibilidades através dos jovens que não são apenas receptores e consumidores passivos.

O jovem pioneiro do *wheeling*, por exemplo, tinha anteriormente atravessado o rock, o skate, o BMX e, por último, ao trabalhar como ajudante numa oficina de motos no bairro, conheceu outros jovens que faziam rachas de moto na cidade, isso já nos anos 2000, além daqueles que faziam manobras de empinar motos.

Aqui, o conhecimento e os encontros para divulgar o *wheeling* seguiram estágios de relações concêntricas na cidade, do bairro para outros bairros da periferia e de relações de escala regional com outras cidades, também mediadas por jovens de outros bairros da periferia de Marília[148], como também, da cidade de São Paulo, onde tiveram contanto com um grupo de *wheeling* que já estava estabelecido, chamado *26daNorte*, com centenas de jovens. A seguir, parte do relato deste jovem do *wheeling* ajuda a entender estas **relações proxêmicas**[149] que, nos seus estreitamentos interpessoais no âmbito do cotidiano, permitem entender como ocorrem as partilhas e a tessituras das múltiplas redes juvenis no bairro.

> ***Entrevistador:*** *Por volta dos 16 e 17 anos que você se interessou por moto?*
>
> ***Marcelo :*** *Desde os 15 anos já andava de moto com uns amigos. Ainda não tinha minha moto, eu andava com eles, eu andava com o pessoal da oficina. Ajudava eles mexer, fui aprendendo a mexer também.*
>
> ***Entrevistador:*** *Me diz uma coisa, você tinha outra prática neste período?*
>
> ***Marcelo:*** *A gente andava de skate também. Começou na escola, a gente se reunia para andar na escola e fora da escola também andávamos de bike. Tinha o colega nosso que tinha banda de rock, a gente andava junto também. A gente se formou na escola, o pessoal que andava de skate, o pessoal da banda, as minas que andavam com a gente, eu tocava guitarra também.*

A escola, assim como, outros espaços de relações, permite a formação de círculos de amigos e proximidades, nessas ambiências, compartilham-se práticas e estilos de jogos e novidades. Em realidade, os jovens vão saltando de uma experimentação à outra, conhecendo as práticas através de amigos, jovens mais velhos, ou outras turmas. Outro ponto importante é justamente as redes de amigos que se alteram de forma fluída entre estes jovens, o que vai alimentar a própria concepção de que estes jovens da periferia estão acostumados a transitar pelas identificações e microculturas ao longo de suas trajetórias pessoais.

---

[148] Marcelo, em sua entrevista, destaca a ajuda de outra rede de *wheeling* na cidade, chamada "*Pratiqueratique Wheeling*", do bairro Nova Marília, auxílio que se deu na divulgação, locais de *rolês* e "força" nos eventos.

[149] Aqui uso tanto com referência à Maffesoli (1998), como também a Edward Hall (1977), em seu clássico livro "A dimensão oculta", que destaca as relações espaciais entre as pessoas, e como estas relações e distanciamentos interferem nas relações afetivas e sociais. Ao falar em "relações proxêmicas" quero dar ênfase às interações face a face, ou próximas fisicamente, que podem ser eficazes no desenvolvimento de interesses comuns, formação de amizades ou conexões com o exterior.

4.5. Perfil socioespacial do bairro Octávio Rasi em Bauru com ênfase no lazer

O fato de atuar profissionalmente, durante pouco mais de dez anos, como professor da rede pública no bairro me permite focar com mais minúcias alguns aspectos, ou mesmo apresentar novos aspectos, que não estiveram presentes na descrição das sociabilidades em torno do lazer no Jardim Santa Antonieta em Marília. Além disso, algumas questões que aparecem na descrição do bairro de Marília se repetem no bairro de Bauru, como por exemplo, os usos pelos meninos dos terrenos baldios e cercanias naturais para seus jogos e diversões. Por isso, deixarei de focar algumas descrições e interpretações já exploradas, embora não deixe de ressaltar as formas de sociabilidade que, ainda que semelhantes, têm suas especificidades e, até mesmo, encontram diferentes implicações.

Neste mesmo exemplo, muitos jovens do Octávio Rasi aproveitam a proximidade com as trilhas na vegetação natural para pedalar com suas bicicletas, outros atravessam a linha férrea que se situa na parte norte do bairro para outros divertimentos, mas são atividades que além da diversão em si, implicam atravessamento de propriedades privadas, córregos e riscos de acidentes viários[150]. Por isso, a "comunidade" vem solicitando, desde longo período, providências do poder público para uma maior segurança no bairro. Nesse caso, a improvisação e a descoberta de uma diversão aparentemente livre trazem enormes custos e riscos aos próprios jovens.

Contudo, a descrição em torno das sociabilidades juvenis no Octávio Rasi introduz uma situação especial, pois é um bairro também onde não somente atuo como profissional, mas onde conheci e fiz amizades com jovens e outros moradores. Contudo, como bem destacou Gilberto Velho (1980, p.16), "familiaridade e proximidade física não são sinônimos de conhecimento, assim como viajar milhares de quilômetros não nos torna livres de nossa socialização com seus estereótipos e preconceitos". Essa

[150] Por exemplo, em 2013, uma aluna do ensino fundamental perdeu uma perna justamente num atropelamento na linha férrea, quando se divertia com outras jovens. Não há cancela ou qualquer mecanismo que separe a ferrovia do limite do bairro.

familiaridade e proximidade precisam ser problematizadas, o que implica ajustes, um tipo de calibragem da memória e das observações quanto ao que se julga já conhecido e esclarecido, assim como, renovar o estranhamento com o lugar e com as relações pessoais. Portanto, a proximidade com os sujeitos da pesquisa, em seus espaços de moradia, faz parte da matéria de onde se pretende partir, mas não é um conhecimento já pronto apenas resgatando a memória da convivência.

Desse modo, algum estranhamento precisou ser elaborado, pois seria uma ilusão que o fato da proximidade e relativa convivência fosse capaz de abranger todas as situações e significados das práticas com quem se convive numa certa fração do tempo e do espaço. Ainda mais no meu caso, que não era um morador do bairro, mas um "outro", de uma instituição do Estado. Para os jovens, um professor, alguém com certa autoridade e que apenas partilhava uma parte de suas convivências. Desse modo, tentei "reponderar" o que já tinha como compreensão do bairro e reajustar as formas de encarar alguns fatos e interações realizadas junto aos colaboradores, afinal, sempre há algo que se descobre nas multirelações, ignoradas até no próprio convívio, e que pode ser revelado a partir de outras apreciações e indagações.

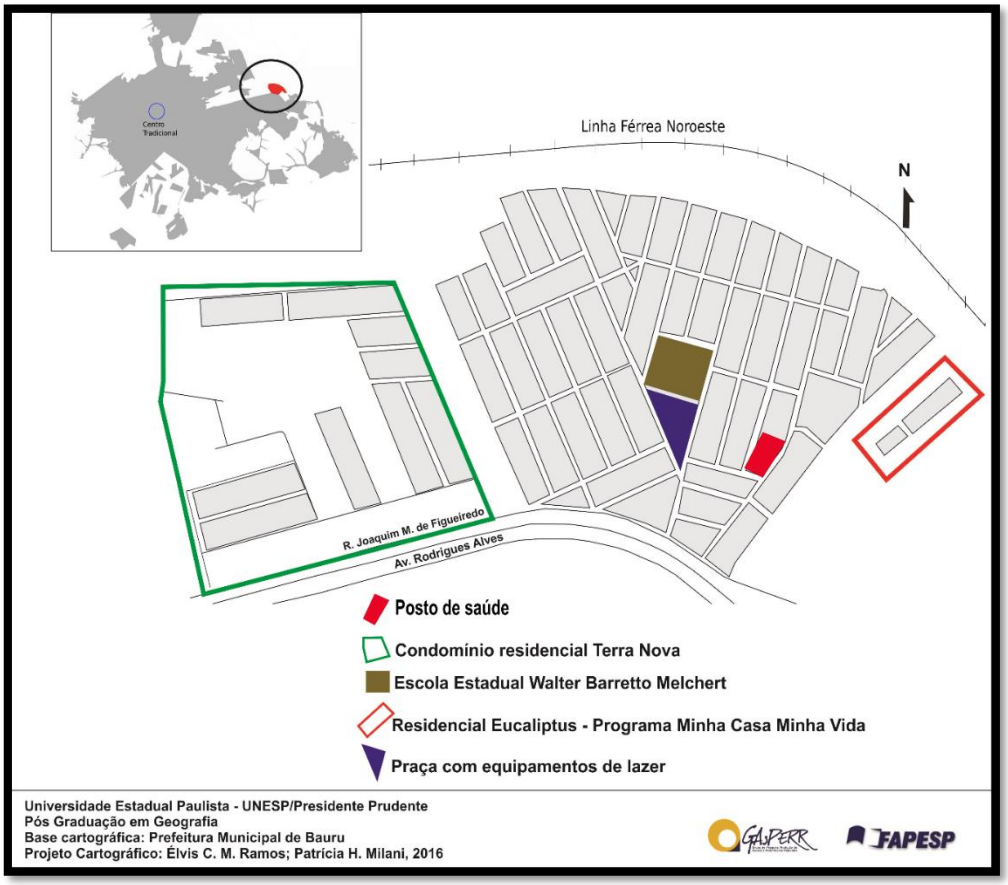
Partindo de informações já anteriormente contextualizadas, o bairro Octávio Rasi foi construído como núcleo de casas populares em 1981 e já era, neste período, um dos bairros mais afastado da área central da cidade, distando aproximadamente 12 quilômetros. Segundo Losnak (2004), a mobilidade espacial dos moradores era difícil e pesava sobre eles certa discriminação social. O fato da distância espacial e relativo isolamento foi se convertendo em parte das estigmatizações construídas para se referir ao bairro desde sua origem, no início era um tanto comum o bairro ser chamado de "Serra Pelada". Ainda hoje, costuma-se ouvir, em tom de sarcasmo, que até o "habib's"[151] não faz entrega no bairro.

O bairro é servido de poucos equipamentos de consumo coletivo, o que pesa consideravelmente na importância que tem o transporte coletivo e outras formas de mobilidade espacial, pois grande parte das necessidades de consumo são necessariamente feitas fora do bairro. O que também se reflete na diversão, uma vez

[151] Fato e não simples anedota. Algumas empresas da cidade não estendem o serviço de *delivery* ao bairro, alegando fora de seu raio de atuação comercial.

que outras variadas opções de atividades de lazer e consumo cultural precisam ser encontradas em outras partes da cidade, geralmente muito distantes. Abaixo no mapa 7, pode-se ter uma ideia do arranjo espacial do bairro:

Mapa 7: Zona Leste de Bauru – em destaque o bairro Octávio Rasi.



Dentre os equipamentos públicos, destacam-se o posto de saúde e duas escolas, uma de ciclo infantil e a que reúne o Ensino Fundamental e Médio. Não há um centro de atividades de lazer, como no Santa Antonieta em Marília, a quadra utilizada é o da própria escola pública[152]. O prédio do centro comunitário do bairro reúne algumas atividades festivas e alguns cursos de aperfeiçoamento.

[152] Há também um projeto social, realizado num prédio próprio com algumas crianças e jovens adolescentes no bairro, mantido e administrado pelo Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus.

Quando se percorre as ruas do bairro, seja no período diurno como noturno, durante a semana, nota-se uma sensação de calmaria, as praças servem ao encontro de pequenos grupos de jovens, ao espairecimento dos citadinos que, às vezes, sentam nos bancos e trocam conversas passageiras com alguns transeuntes. Não se observa uma comunicação de vizinhança que poderia ser representativa de uma vida social cheia de mexericos e encontros na calçada. Na maior parte das vezes, o que se observa são casas fechadas durante a semana no horário comercial. Há pouco trânsito de carros, o que decorre da desconexão com as vias de maior fluxo da cidade, com exceção talvez da rodovia, que passa nas adjacências do bairro, mas que não lhe atravessa, não gerando fluxo interno no bairro, mas apenas uma rota alternativa de acesso. Os ciclos de maior movimentação de pedestres e veículos ocorrem em alguns momentos, como nos horários de entrada e saída das escolas, além dos horários de pico na saída e chegada do trabalho.

Todavia, uma pequena mudança pode ser notada no início da noite, quando se observa maior número de citadinos indo para as igrejas, que se espalham no bairro. E outros que frequentam as pequenas lanchonetes. Mas é algo muito rarefeito, em comparação com outros bairros que já visitei na própria cidade de Bauru. Mesmo nas principais ruas (onde há alguma fixação de lojas e minimercados), não se observa grande movimentação de pedestres. O que evidencia um forte contraste com a vida mais pulsante do Jardim Santa Antonieta, em Marília. Na figura 18, pode-se observar a feira do bairro, que acontece, aos sábados – um momento da sua vida comunitária.



Figura 18: Feira livre no bairro Octávio Rasi.
Destaque: Feira modesta em comparação com aglomerações vistas em outros Bairros.
Fonte: Frame de um video sobre o bairro 2013

As atividades comerciais no bairro são muito modestas, é ainda algo muito incipiente e fragmentado. Há dois minimercados, uma pequena farmácia e poucas lojas de produtos e serviços, que localizam-se mais na porção central do bairro. Os pequenos mercados constituem pontos de maior convergência social no bairro, onde os moradores se encontram com alguma regularidade em função das necessidades de consumo, mas não constitui um fluxo de diversão na noite, embora este panorama pareça estar mudando, quando comparado com outros anos.

Embora o bairro tivesse sido implantando próximo do primeiro distrito industrial da cidade sem vizinhança qualquer com outro bairro, hoje, essa condição já está alterada, pois foram implantados ao lado do bairro um conjunto residencial horizontal[153] e outro conjunto vertical, ambos murados. Este último, construído para famílias oriundas de desfavelamento da cidade. Tal fato favoreceu o aumento da densidade habitacional e demográfica no entorno do bairro, o que parece estar estimulando a ampliação da oferta de comércio local. Mas estas transformações não geraram aumento de oportunidades de lazer e instalações de mais equipamentos urbanos. Em realidade, são as mesmas estruturas, mas que agora servem a uma população maior. Exceção de uma

[153] Não é um conjunto de alto padrão, em realidade parece constituir-se de famílias da camada popular, sobretudo de jovens casais e com relativa estabilidade econômica.

ciclovia recentemente reformada, mas que chega até ao distrito industrial, não se estendendo mais que 1 km.

Um aspecto captado na convivência no bairro é que, enquanto no Santa Antonieta, apesar da estigmatização territorial sofrida, todos em Marília sabiam bem ou mal da sua existência, o que se poderia chamar de um "bairro popular conhecido", no Octávio Rasi, os seus moradores e mesmo entre os jovens existe a sensação de que é um lugar esquecido e abandonado na cidade.

Aqui vale outra comparação, o Jardim Santa Antonieta tinha um lugar de encontro de diversas redes juvenis, que era o recinto poliesportivo, no centro do bairro, onde eram trocadas e partilhadas diversas experiências culturais relacionadas aos esportes, jogos e música. No bairro Octávio Rasi isso não aconteceu. A escola principal é que sempre acabou tendo este papel, ainda que sob condições diferentes, menos fluxo e um ambiente controlado, ao contrário do recinto poliesportivo do Jardim Santa Antonieta. Uma ressalva importante é que a comparação está se dando entre um complexo de bairros, que é na verdade o Santa Antonieta, que reúne em torno de 40 mil habitantes[154] e o bairro de Bauru, que tem aproximadamente 4 mil habitantes[155]. O que tem impacto no volume de fluxo e aglomerações observados.

Contudo, é fato que o bairro não tem espaços de diversão que agrupem de modo significativo os jovens, ou possibilitem trocas mais variadas, o que faz da escola Walter Barreto Melchert um espaço central de relações para os jovens. Um lugar de encontro e onde também se gesta uma heterogeneidade de redes juvenis no bairro. Os jogos nas quadras e futebol, nos terrenos baldios são também momentos de lazer, mas neste caso estão presentes apenas os jovens que gostam de atividades esportivas e, predominantemente, os rapazes.

Apesar da escola ter um terreno relativamente grande, a parte construída é pequena, destacando justamente a quadra poliesportiva com sua cobertura, como área recreativa e desportiva. Ao longo dos anos, essa quadra era, na verdade, "invadida" pelos jovens e adultos do bairro, para jogar bola e basquete. Uma prática que, de tão

[154] Informação a partir da Prefeitura Municipal (embora pareça refletir toda a Zona Norte).
[155] Na Prefeitura Municipal, fui informado de que o Bairro Otávio Rasi possui um total de 1008 casas, com, aproximadamente, 4 mil habitantes.

repetitiva, acabou se tornando naturalizada no decurso dos anos. Apesar da invasão do local ser de conhecimento da escola, sempre esteve no "ar", um tipo de pacto onde havia aparente aceitação, exigia como contrapartida a conservação do prédio escolar. Outra instância de diversão e atividades juvenis se dá a partir do projeto "Escola da Família", também semelhante àquela que acontece no Santa Antonieta. Embora, neste caso, com menor número de atividades e frequência juvenil.

As praças do bairro foram importantes, mas não reuniam grande aglomeração de jovens, segundo relatos ouvidos no campo. Ainda na atualidade, não existe uma pista de skate, uma quadra, ou qualquer equipamento para o lazer e atividades juvenis. Tanto no Santo Antonieta, como no Octávio Rasi, predominam o improviso, o voluntarismo e os riscos relacionados com as diversões juvenis nos bairros – especialmente no último. A figura 19 retrata o encontro com algumas ex-alunas em um dos bancos da praça mais central do bairro, que ainda constituem locais de suas sociabilidades.



Figura 19: Meninas no Bairro Octávio Rasi
Destaque: As praças no bairro ainda estabelecem locais para encontro entre os jovens.
Fonte: Mídia social Facebook – pagina pessoal - 2015 (cedida)

As meninas são menos vistas nas atividades de lazer, sobretudo, nos jogos no bairro. Em realidade, isso também se deu no Jardim Santa Antonieta, a grande maioria das diversões ao ar livre é composta de atividades em que predominam garotos. Conversando com algumas das jovens, pode-se encontrar diversas explicações, como

de não ficar bem *menina se exibindo nas ruas toda hora*; *ajudando em casa*; ou trabalhando. Algumas alunas destacam que os serviços domésticos ficam a cargo delas, algo que parece menos comum entre os garotos. Contudo, é fato que não há bibliotecas de leituras no bairro, outras modalidades esportivas não são ofertadas a elas, embora como se vê na foto acima, as jovens adolescentes ainda se encontrem à noite, fora do horário escolar, para compor suas redes.

Outro ponto que merece destaque nos *rolês* diz respeito a que as redes juvenis das meninas são menos numerosas. Mesmo na escola, nos intervalos das aulas, as *rodinhas* de meninas são pequenas, duas ou três amigas juntas. O que difere das rodinhas dos meninos, que se enturmam em grupos muito amplos. Como se verá adiante, em grande parte dos *rolês* pode-se perceber maior presença dos meninos, além de assumirem a maior parte dos protagonismos nas microculturas urbanas destas cidades, quiçá mesmo nas metrópoles. Embora, esse aspecto pode ser relativizado em alguns contextos, quando se nota o grande número de meninas enturmadas, por exemplo, em festas de natureza religiosa, *rolês* nos shopping centers e nas festas das *baladas*.

Um aspecto interessante tanto em Bauru como em Marília, é o aparecimento de ONGs relacionadas ao hip hop, skate, ou mesmo outras modalidades de música e expressão cultural, voltadas à integração de jovens da periferia, em diversas atividades culturais. Ainda que tenham uma conotação religiosa, são projetos sociais que enfatizam a oferta de oportunidades de inserção em atividades laborais e numa rede social sólida, no sentido de afastar os jovens das drogas e do mundo do crime. Um exemplo é a "ONG – Wise Madness", em Bauru, que conheci através de ex-alunos que participam de suas atividades[156]. As ações dessas ONGs, apesar de contextualizadas no universo das culturas juvenis, diferindo da maioria das políticas do Estado, não estão longe de uma concepção heterônoma da juventude, tal como destaca Helena Abramo (1997). Uma concepção que se estriba na ideia de que os jovens precisam ser salvos de si mesmos,

[156] Inclusive são ONGs que costumam fazer um circuito nas escolas públicas, divulgando seus trabalhos, por meio de depoimento de seus produtores e instrutores, comumente jovens que saíram dos "maus caminhos".

propensos aos desvios, transformados em problemas para si e para a sociedade, concepção que acaba persistindo em quase todos os níveis institucionais da sociedade.

Como identificado no Santa Antonieta, igualmente no Octávio Rasi, as igrejas e templos religiosos oferecem atividades específicas aos jovens. Grande parte deles são frequentadores dos cultos e missas e, sobretudo, participam das festividades religiosas. Alguns se integram em grupos musicais e outros cuidam em criar atividades de lazer entre os jovens, como retiros, visitas em outras igrejas e shows.

O que se manifesta é um certo "sincretismo cultural hegemonizado pela ideologia da evangelização" (CARRANO, 2002), culturas juvenis, de raiz contestatória que são traduzidas na mensagem religiosa, como o rock ou rap evangélicos, mesmo na igreja católica, são encontrados nestes tipos de sincretismos. Conversando com moradores e mesmo alunos pertencentes a estas instituições, existe uma variedade de atividades voltadas aos jovens. Além disso, as redes de solidariedade e amizades "sadias" atraem os jovens em busca de um caminho seguro na vida. Como disse um colaborador jovem[157], se *o hip hop salva, também Deus salva o cara*, o que mostra como estas redes sociais têm peso em suas trajetórias e, apesar de aparentemente não conciliáveis, encontram validade e aceitação como alternativas de vida, com sentido de afastá-los dos perigos e da alienação, em prol da mudança de crença e atitude.

Mas a diversão nestes circuitos religiosos é paralela àquela de outros circuitos, onde se dá uma dúbia vida, entre a aceitação religiosa e o "mundo da perdição"[158]. É comum encontrar jovens, sobretudo, alunos com quem tive contato, que vão à igreja ou culto nos sábados ou sextas-feiras, mas que, em outros dias, estão nas festas e *fluxos*. Um jovem do terceiro ano do Ensino Médio disse, sem maiores dramas morais, que na sexta frequentava o baile funk, um "proibidão" de um bairro próximo, e no sábado participava do culto da igreja. Essas formas de sociabilidade que aparentemente dão a entender um curto-circuito moral, não são opostas para muitos jovens, embora, revelem um tipo de habilidade social e espacial de saber lidar com diferentes papeis sociais.

[157] Vinicius (17 anos) estudante e membro do "ponto cultural do hip hop" em Bauru.
[158] Algo também observado no estudo de Carrano (2002).

Há um sentido que merece outras explorações, quanto à ideia de compensação e livramento dos excessos e pecados quando se vai ao culto[159]. Seja como for, aqui o espaço adquire uma instância nessas negociações de divergentes esferas de vida. Pois, enquanto no bairro, os amigos das redes religiosas estão próximos, fora do bairro, nas festas, a distância espacial permite desinibições e excessos que se tornariam constrangedores e matérias de julgamentos morais no bairro.

As lanchonetes à noite e durante os fins de semana constituem pequenos *points* de encontro dos jovens no bairro, mas não se percebe grandes aglomerações, além de todas não funcionarem noite adentro. Muito mais significativo são as aglomerações de jovens no bairro nos sábados de manhã e à tarde, quando podem ser vistas várias redes juvenis desenvolvendo diversas atividades. O bairro adquire mais vibração nestes momentos, com pedestres circulando pelas ruas, vizinhos conversando, jovens nas calçadas e praças, em contraste com o ar de desolação dos dias de semana.

Afora ao que está explícito na observação direta, há também os sistemas paralelos, atividades criminosas e de contravenção, que também fazem parte da vida do bairro, que aparecem de forma implícita em algumas falas de moradores, imbuídas de certo "pânico moral" – grupos ou um grupo que age até mesmo regulando e intercedendo roubos e confusões no bairro, ditando o que se chama de *disciplina*. Alguns jovens do bairro são cooptados por essas redes, tornando-se uma espécie de jovens "intocáveis" e tendo alguma projeção e respeito entre os colegas[160].

Mas, apesar disso, é quase consenso entre os citadinos que aí moram que, uma das virtudes do bairro é de ser justamente um lugar *pacífico*, embora com grande custo social. Vale mencionar um caso interessante, numa das tentativas da escola de reivindicar o "adicional de periculosidade", um dos entraves administrativos foi justamente a baixa ocorrência de boletins de infrações ou crimes no bairro, que justificasse a reivindicação. Ou seja, o bairro faz parte do territorialismo de um certo

[159] Sem contar que a igreja representa um sentido de futuro e as festas são o presente, algo que vai "passar", uma vitalidade que tem prazo de validade, um universo de interação social que não se quer perder totalmente. Enfim, estes são apenas alguns dos dilemas cotidianos com os quais os jovens do Otávio Rasi estão lidando.

[160] Exemplo de dois alunos menores que entraram nesta rede e estão envolvidos com homicídio, além de uma ex-aluna ligada ao acobertamento de drogas e presa recentemente.

grupo contraventor, onde se configura uma certa "segurança imposta". Neste caso, parece que a distância do bairro acaba se constituindo numa vantagem espacial estratégica para implantação do crime organizado (GOÉS, 2014). O que também demonstra uma clara aberração, de um lado, o bairro não tem muitos crimes, não faz parte das estatísticas, e de outro lado, o Estado que justifica sua ausência na segurança, com base na racionalidade numérica, sem rosto e sem cores.

Retornando para a questão da diversão, sobretudo, noturna, ela teve suas fases em anos anteriores. Deve-se destacar as *brincadeiras dançantes* – algo semelhante ao que foi captado em Marília. Prática festiva que durou por quase toda a década de 1980, organizada por alguns jovens. Funcionavam como momentos específicos para aproximações amorosas, beber, fumar, entre outras práticas, em que era possível viver momentos de relativa euforia e sensação de liberdade.

Contudo, para qualquer outro tipo de alternativa de diversão dançante, shows ou mesmo encontros para beber, era necessário transpor a escala do bairro. O centro tradicional era o lugar de convergência obrigatória para estes jovens, nos anos de 1980. Como já mencionado no capítulo 3, eram muito frequentes os encontros no centro principal da cidade, nos seus bares, fliperamas e praças, além, é claro, dos cinemas e dos grandes encontros no Clube dos Bancários e na casa noturna Flashdance, nas noites de finais de semana. Como descrito anteriormente, neste cruzamento de limites, nesta produção de uma sociabilidade à escala da cidade, era crucial o uso do transporte coletivo, pois caminhadas a pé para estes jovens era algo muito extenuante, embora isso tivesse alguma frequência neste período. Edu[161] nos oferece uma breve descrição daquela fase no bairro e das *tretas* que existiam.

> ***Entrevistador**: Como que era ir para o cinema? Demorava muito para chegar lá? A questão de passagem, de conseguir entrar no cinema? O horário pra voltar.*
>
> ***Edu**: Tranquilo. Pegava o horário normal, busão, né, aqueles busãos antigos do Quággio (empresa de ônibus da época), aquela velha galera que ia sentada no motor, e aquela bagunça toda.*

[161] Luiz Eduardo "Edu", é pintor, mora ainda no Bairro Octávio Rasi e tem 45 anos. Muitas histórias sobre o passado no bairro, assim como, as atividades de diversão dos anos de 1980 e 1990 foram aproveitadas de sua entrevista. Ele também é um dos pioneiros do hip hop em Bauru e foi um organizador de festas dançantes no bairro Octávio Rasi.

> ***Entrevistador**: Entendi. Se divertindo dentro do ônibus mesmo.*
>
> ***Edu**: Dentro do ônibus mesmo já fazia aquela algazarra.*
>
> ***Entrevistador**: O pessoal ia também para o cinema, Bancários, essas coisas todas?*
>
> ***Edu:** Não, até então a gente não ia no Bancários, ainda. Bancários ainda vem um pouco depois. Primeiro foi cinema.*
>
> ***Entrevistador**: Que ano que é isso aí?*
>
> ***Edu**: Oitenta e... cinema começou mais ou menos 83, 84. Aí já 84 pra frente, já começa Bancários. Que aí já começa também a estourar as brincadeiras dançante que a gente fazia no bairro.*
>
> ***Entrevistador**: Tinha naquele tempo a questão das gangues também. No seu tempo tinha, com o Rasi?*
>
> ***Edu**: Tinha bastante rixa. Mas a nossa turma assim, nunca se envolveu. Eu sempre fui assim, bem tranquilo, nunca tive treta. Mas o Rasi sempre teve treta com Beija Flor, Gasparini, Redentor (Bairros da cidade).*
>
> ***Entrevistador**: Isso acontecia nos Bancários?*
>
> ***Edu**: É, nos Bancários. Ponto final. Ponto final sempre dava treta lá na estação ferroviária. Porque o Rasi parava lá, ponto final.*

A partir de encontros com outros jovens e das músicas tocadas nestas casas noturnas e rádios FM, ensaiavam os *passinhos de dança*, assim como tinham contato com o break e outros estilos e movimentos, desenvolvidos no bairro e nas suas redes sociais. Em resumo, o circuito de diversão destes jovens nos anos de 1980 era composto pelas práticas esportivas e festas no bairro, incluía ir aos sábados pela manhã na Rua Batista de Carvalho e nas noites de fins de semana, era o cinema e/ou casas noturnas no centro principal.

Nos anos de 1990, houve poucas mudanças no bairro em termos de oferta de lazer, para os jovens, a escola continuava tendo importância central nas suas sociabilidades, como lugar de encontro, de formação de amizades e trocas de experiências em termos de música e novidades da cultura urbana. As rodas de amigos se espalhavam pelo bairro nas tardes de finais de semana e à noite lotavam os ônibus circulares, para chegar ao centro tradicional e outros núcleos de diversão noturna que, nessa década em Bauru, já estavam descolados do centro.

Como no Santa Antonieta, também neste bairro de Bauru, entra em cena as *lan houses*, havia duas no Rasi, onde os jovens disputavam as poucas vagas de terminais para consumir seus minutos nas mídias sociais, *downloads* de músicas e outros

conteúdos. Já na segunda metade dos anos 2000, a Escola passou a disponibilizar a sala de informática aos sábados e domingos para os jovens do bairro, ampliando estes acessos.

Deve-se ressaltar que, no final dos anos de 1990 e no começo dos 2000, a Escola teve uma abertura maior para as atividades juvenis, com algumas festas na própria escola, inclusive com performances de jovens relacionados com a cultura hip hop, a música e o break (dança), quando se estabeleceu a formação de redes juvenis que curtiam essa estética cultural. Na figura 20, um momento entre amigos deste período:



Figura 20: Grafite no Walter Barretto Melchert
Destaque: As marcas e grafites na escola eram comuns nos muros e paredes da escola, atualmente todos estes registros gráficos foram todos apagados.
Fonte: Acervo fotográfico da própria escola – ano desconhecido

Nos últimos anos, mesmo com as mudanças de fluxo e dos novos conjuntos habitacionais construídos no entorno do bairro, não houve uma ruptura socioespacial (fluxo, locais e aglomerações) em termos de lazer. Contudo, as redes juvenis tornaram-se mais plurais, em suas associações com identificações e estilos culturais. Por exemplo, tal como no Santa Antonieta, encontram-se jovens conectados em torno de diversas culturas urbanas, como *skaters*, rap, funk e games, o que é perceptível no espaço escolar, onde as redes vão sendo tecidas, também em torno destes temas e correntes culturais.

Ou seja, no bairro encontra-se uma pluralidade de redes juvenis. E é nestes bairros que se tem origem muitas de suas práticas socioespacias relacionadas a diversão. Quando se olha para estes bairros, parece que todos que estão no campo de visão, são indiferentes um ao outro, ou que todos fazem parte de uma unidade social quase homogênea. Mas, na observação sistemática é que vai se percebendo as diferenças, que se revelam nas suas práticas, nos vestuários, nos locais do bairro em que se encontram. Jovens que entre as 18 e 19 horas estão se arrumando para ir nos templos, outros que estabelecem *rodinhas* em algumas praças, aceleração de motores de motos e automóveis, músicas sendo tocadas em cada casa, enfim, vai se notando na imersão no espaço estas diferenças, quase sempre perdidas nas narrativas sobre a periferia.

Seria oportuno acrescentar que estas redes juvenis que vão se tecendo no bairro, além de graus de afinidade e cumplicidade, não devem ser vistas como altamente coesas, elas se combinam, se misturam e não raro se dividem em termos de projetos, situações e diversões. Suzana (19 anos), aluna do último ano do Ensino Médio, quando perguntada sobre a festa de *fluxo* (que imaginei que frequentava) disse: *que é isso? Não vou não! Essas meninas só querem salseiro (algo próximo de escandalizar), quando vão no Mary Dota (referência para festa do fluxo daquele bairro)*. Mesmo que suas amigas, com quem sai junto para outros locais de diversão, frequentem tais festas, suas práticas e referências culturais nem sempre coincidem. O que informa a capacidade destes jovens de hierarquizar além das práticas de lazer, também os espaços produzidos por estilos diferentes de sociabilidade.

Embora as redes juvenis se formem no bairro, muitas de suas práticas em torno daquelas atividades costumam ocorrer fora do bairro. Localizei uma rede de uns cinco jovens na escola, que curtem fazer seus rolamentos de skate e *longboard*[162], porém, em pistas fora do bairro, onde encontram outros jovens e locais para praticar com mais possibilidades suas acrobacias. Neste caso, vão de ônibus e as pistas que mais acessam estão em outras áreas da cidade. Outros jovens do bairro são frequentadores e alguns

[162] Em realidade fiquei conhecendo que havia essa rede no bairro, por meio de um ex-aluno chamado Gian, que se identificou com essa microcultura na entrevista em grupo que realizei em 06/12/2014, com alunos do último ano do Ensino Médio.

organizam festas próximas ao bairro, em chácaras ou galpões alugados, relacionados as festas de funk e/ou *fluxo*. São nestas festas e nas escalas fora do bairro que se pode ter, de forma mais clarificada, as heterogeneidades de estilos de diversão destes jovens, algo que poderei descrever com mais detalhes no próximo capítulo. As redes juvenis que encontrei apresentam jovens não somente do bairro, como dos novos bairros vizinhos, misturados. Outro ponto relevante, é que a escola tanto é o lugar das diferenças como também proporciona relações de aproximações.

Há, simultaneamente, uma sintonização geracional e também de estilos culturais, que vão desenvolver, onde se convive não somente sujeitos, mas estilos e culturas, numa mesma ambiência ou espaço. Mas estas preferências e estilos que consomem e expressam também têm uma expressividade territorial. No pátio da escola, as territorialidades se manifestam: uma turminha de "metaleiros" se encosta e/ou se senta nos degraus do pátio, as *patricinhas* estão do outro lado, os garotos do funk estão andando pelo pátio. Todos estão próximos fisicamente, mas distantes simbolicamente. Essas denominações (*metaleiros, patricinhas, povo da igreja* etc.) podem ser feitas a partir deles mesmos, ou atribuídas por outros grupos, geralmente de forma depreciativa, o que informa a importância que tem essas denominações para se conhecer como se representam e são representados num espaço comum, como também, das suas distâncias simbólicas.

No espaço comum da escola se juntam e se misturam, mas também se dissimilam. As clivagens culturais e mesmo estigmatizações também se desenvolvem na periferia, como parte de distinções sociais e projetos de vida. Jovens *patricinhas* que buscam se distanciar das *barraqueiras*, estigmas semeados entre ambas as redes e onde também se distanciam. Jovens do rap que buscam se distinguir dos jovens do funk, ou dos jovens do skate, que precisam lidar com jovens que jogam bola na quadra. As diferenças entre microculturas e redes juvenis também entram no jogo das classificações na periferia entre os jovens.

Apesar dessas diferenciações e pluralidades, a escola é um lugar onde se tem obrigatoriamente que se conviver com os diferentes. Isso é um aspecto que salta dos encadeamentos proxêmicos para o campo da diversão, pois o jovem que gosta de rock tem que aprender a se relacionar com o jovem do funk e é em meio a estas relações de

proximidade, que as passagens de estilos se tornam comuns na vida destes jovens, pois também podem estabelecer outras preferências em comum, como jogos e outros gostos. Muitas amizades e coleguismo emergem através da mediação do espaço escolar, ou seja, nas salas de aula, no pátio, nos intervalos, na "Escola da Família", estabelecem relações proxêmicas que, muitas vezes, resultam no aprendizado da negociação com os diferentes, e até mesmo mudanças de trajetórias relacionadas aos estilos e gostos.

O que parece ter algum impacto na diversão, sobretudo, na concepção de *tudo junto e misturado*, um tipo de sociabilidade que se naturaliza a partir desta convivência mútua e que vai adquirir uma importância aglomerativa e de fluxos na diversão de forma muito significativa. Como captado no Jardim Santa Antonieta, também encontrei ex-alunos como Leonardo[163] que era um consumidor cultural de rock e que, na escola, tornou-se organizador de *bailes funk*. São trajetórias que vivenciam suas próprias hibridações, que colecionam a partir de diferentes redes de amizades e de consumo cultural. Aprendem gostos e adquirem preferências estéticas no aprendizado com as redes juvenis que estão próximas ou as quais vão se integrando.

Por outro lado, os encontros podem se dar em torno do interesse comum, a partir do nódulo da própria preferência, como jovens do Ensino Médio que conseguiram adquirir suas motos e se aproximam na escola, se entrosam, passam a comentar seus *rolês* e trocar dicas de regulagem do motor. Vão criando uma rede que pode ter reflexos nas escolhas de encontro e diversão. O fato de viver no mesmo bairro tem peso nestas aproximações, mas o que efetivamente parece ocorrer é a necessidade de espaços de mediação, onde as diferentes expressividades se tornam peças de convívio proximal comum e diário.

Não obstante, a escola como lugar de encontro e afinidades, onde se tecem amizades duradouras, também tem seu ciclo, que acaba quando os jovens se desligam não apenas dos compromissos daquela etapa escolar, como também das redes que compuseram durante vários anos neste espaço. Segundo Fernanda, uma ex-aluna de 17

[163] Voltarei a compartilhar alguns relatos deste jovem quando descrever os *fluxos* e bailes na periferia em Bauru.

anos, *não é à toa que, depois que acabou a escola cada um seguiu um rumo. Para a gente se encontrar hoje, por exemplo, é meio difícil. Era mais na escola que a gente conversava, que a gente se encontrava, que a gente aprontava todas, era normalmente na escola*. Um estar-junto não apenas orientado pela socialização escolar, mas pela experiência de viver juntos brincadeiras e diversões, mas, uma vez que cessa o seu tempo escolar, aqueles vínculos e jogos tendem a cessar definitivamente.

É preciso não isolar estas escolhas apenas no campo do lazer e diversão, mas como parte de uma "multidentidade" (CARRANO, 2012) em formação, muitos jovens encontram no bairro oportunidades para praticar lutas, tocar instrumentos musicais, cursos de informática, condições que se abrem às vezes fora da escola, como na igreja, ou a partir de trabalhos de ONGs e voluntários. Não apenas conteúdo apreendidos, mas redes sociais que se formam e que têm peso nos seus projetos e trajetórias de vida.

Alguns jovens com quem convivi na escola tiveram muitas de suas trajetórias alteradas em face destas redes sociais que se estabelecem no bairro. Por exemplo, um ex-aluno com dificuldades de interação na escola, envolvido em muitas brigas e discussões, com a chegada no bairro de um trabalho voluntário de Jiu Jitsu, passou a frequentar estas aulas. A partir de um certo tempo, aqueles comportamentos foram desaparecendo, foi se integrando em uma nova rede social, inclusive saindo juntos na diversão. Talvez não apenas as aulas de artes marciais tenham sido decisivas na sua trajetória, mas era nítido que o peso da rede social era significativo, de ser exemplo, de representar uma certa filosofia, de estabelecer outras amizades em torno de outras regras de comportamento e interação, enfim, de servir como uma outra referência para elaboração de identidade.

As amizades ou as redes sociais que os jovens estabelecem no bairro são uma das preocupações centrais de pais e autoridades. Era comum escutar em reuniões de pais: *meu filho está andando com quem*, *precisa fazer ele ter outras amizades*, ou as constantes referências às *más companhias*[164]. O que é significativo, pois são amizades e coleguismos que os acompanham durante anos no bairro, na escola e na diversão.

[164] Um aspecto que nunca me atentei nas reuniões de pais, e que fui perceber nesta pesquisa, foi o fato de que quase sempre os problemas e dificuldades dos alunos são convertidos para os tipos de relações de amizade, ou com quem andam e estão próximos.

Como já destacou Pais (2003, p. 114) "amigos de grupo constituem o espelho da sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação a outros". É onde também se estabelecem representações e estigmatizações, em que certos jovens são vistos por exercerem má influência em face da vida que levam, ou mesmo dos estilos de vida e práticas de diversão que são de risco ou próximas do crime.

A concepção de uma periferia aberta ao externo, em que culturas urbanas encontram formas de aterrissagem (meios técnicos e contextos socioespaciais favoráveis), e que se estabelece uma transterritorialidade cultural, não exclui os agentes, pois aquilo que se chama comumente de *moda* ou *modinha* se exerce na expressividade, na demonstração, na novidade que ganha corpo e performance entre jovens, que se tornam protagonistas destes primeiros agenciamentos. Ou seja, que ficam sabendo por meio de interações e meios técnicos da novidade, que primeiro investem e se arriscam em expressar o que estão internalizando em termos de inovação. Outros jovens podem se tornar interessados e também investirem, o que estabelece uma rede juvenil em torno do gosto, da preferência.

Naturalmente, a modernidade ou as inovações que entram e saem da periferia não são formas e conteúdos puros, o que entra precisa encontrar recursos que lhe de condições de realização, é onde aparece os improvisos e bricolagens. Numa outra parte da entrevista com Edu, quando começou a fazer bicicross na sua adolescência no bairro, seu grupo de amigos começou a frequentar outros locais da cidade. Eles inicialmente não tinham as bicicletas iguais e nem mesmo os decalques e camisetas que viam nos programas da televisão relacionados ao BMX. Mas era por meio de suas redes que encontravam amigos que tinham recursos para a improvisação, como ajustes nas bicicletas, comprando peças baratas, ou trocando peças com outras redes fora do bairro. Em mutirão, chegaram mesmo a construir uma pista de bicicross nos arredores do bairro. Uma parte de sua fala que ilustra um pouco essas improvisações e suas conexões culturais:

> ***Entrevistador***: *E você lembra como que começou isso, de saber sobre o BMX?.*
>
> ***Edu***: *Revista, essas coisas assim que a gente conseguia descobrir alguma coisa, né. Alguém que trazia. Então ia passando um pra outro. Mas era assim, bem pouca informação.*
>
> ***Entreviatador***: *Como era essa pista de cross? (em realidade Edu respondeu outra coisa nessa parte da entrevista ou não entendeu a pergunta, mas ajudou a elucidar outra questão)*
>
> ***Edu***: *E a gente tinha uma gangue, que chamava gangue da pantera. A gente cortava as camisetas, as mangas assim, bem cavada, e tinha... que nem eu falei para você, tinha os amigos que já trabalhavam, né, e tinha um que trabalhava no Empório das Tintas, ali no Araújo, e ele trouxe uns adesivos vasados, e com as bombas de fritz a gente punha e fazia o desenho da pantera nas costas. E aonde a gente saía pra dar rolê nas bikes na cidade.*
>
> ***Entrevistador***: *Informação de revista, televisão. Tinha televisão?*
>
> ***Edu***: *Tinha televisão, mas era assim, não chegava muita coisa que nem hoje, né, TV a cabo, essas coisas que chega muita coisa.*
>
> ***Entrevistador***: *Provavelmente alguém que trouxe a ideia, mas pegou a ideia e foi disseminando com os colegas. É isso?*
>
> ***Edu***: *É. A gente ia no Redentor, que tinha o Beira Cova (local de encontro de jovens daquele bairro), ia na UNESP, que tinha aquela pistona (pista de cross improvisada) que chamava o King Kong. Então sempre trombava com alguns caras que tinha uma aquisição um pouquinho maior, né, eles já sabiam alguma coisa, e ia trocando ideia. Ia evoluindo as coisas.*

Como visto também no Jardim Santa Antonieta, a diversão acaba sendo um campo de experiências em que a escassez pode ser compensada pelos esforços que emanam de suas redes de sociabilidade. Redes que se encontram fora do bairro, nas suas circulações pela cidade e onde vão acumulando informação e trocando as "ideias". As microculturas vão se tornando uma referência e adquirindo corporeidade pelas negociações e circulações promovidas por redes que se cruzam em diferentes pedaços nas periferias, como nesse caso acima.

Cumpre destacar ainda um aspecto central, relacionado às hierarquias espaciais que são estabelecidas pelos jovens, pois não estão apenas condicionadas ao que é desenvolvido, em termos transterritoriais, embora isso tenha forte influência, ou seja, não se resume a negociações de conteúdo simbólico entre lugares, mas também se associa ao ritmo de vida do bairro, de não mais se suportar a mesmice.

Para os jovens do Octávio Rasi, a imagem do bairro como um lugar calmo é aceitável em certo sentido, mas também nisso reside seus descontentamentos. Na pergunta de uma enquete aplicada aos jovens sobre os pontos positivos e negativos do

bairro, torna-se nítido esta ambiguidade entre o senso de tranquilidade e falta de movimento a partir de alguns registros: *o Rasi é um bairro de velho mas é bom para se morar, falta agito*; *é bem tranquilo, mas não tem comércio*; *calmo mas é muito afastado com poucos recursos*; *meu bairro só tem aspectos negativos porque não tem nada para se divertir*; e o próximo relato é mais explicativo ainda : *positivo é um bairro quieto e negativo é um bairro quieto* [165].

Essa relação dos jovens com o bairro os torna mais atentos ao que se dá fora dele, é o que revela a pulsão em se divertir para além das fronteiras do bairro, onde buscam encontrar oportunidades de diversão, agito e, ao mesmo tempo, outras possibilidades de interação. E é aí que estes jovens precisam produzir algum capital espacial, pois a diversão que já miram não existe próximo a eles, está em outros núcleos na cidade. Precisam criar estratégias para cruzar fronteiras, para saltar escalas.

Este aspecto não apenas se confirma no campo da diversão, existe certa consciência entre eles, dos ganhos de capital cultural, algo semelhante apontado por Castro (2004). Pois o bairro é importante em suas vidas, na construção de suas primeiras amizades e experiências diversas, mas também descobrem que a cidade é um espaço a ser descoberto, que alimenta outros propósitos e os torna abertos para outras experiências. Nos breves relatos abaixo, observa-se nas falas captadas de um grupo de ex-alunos do bairro, uma compreensão desta ponte que fazem entre seu bairro e a cidade em geral:

> ***Beatriz***[166] *- olha o bairro tem limitação, mas também foi o bairro que me proporcionou conhecer o teatro, mas hoje em dia, está mais limitado na escola, hoje em dia, não tem mais nada, o governo vai tirando tudo da gente, a "Escola da Familia", mesma coisa [alusão ao fato de ter havido refluxo de suas atividades ultimamente], na época quando era adolescente, foi aqui que comecei no teatro, eram professoras que tinham um companhia de teatro e davam o curso, passei ir mais para fora e fui conviada a trabalhar no teatro, outra vida*
>
> ***Rafaela*** *- Quando eu comecei a saber pegar ônibus e fiz cursos, e essas coisa por que quando você está dentro de casa você ouve o que a mãe fala, tudo é aqui no bairro, você acredita nisso, só nisso. Então, quando você sai, conhece outros lugares, coisas que você aprende a ver como é, você aprende muitas coisas, mas você se vira sozinho. Então, você tem que aprender a fazer amizades. Então, foi assim nesse tempo que comecei a sair.*

[165] Todas as respostas estão registradas na enquete aplicada na escola Walter Barretto Melchert (APÊNDICE C).
[166] Beatriz (18 anos) e Rafaela (18 anos) fizeram parte dos alunos entrevistados em grupo na escola Walter Barretto Melchert em 06/12/2014

O lazer e uso do tempo livre entram justamente por essa amplitude escalar que vão conquistando. O confinamento no bairro e a mesmice vão sendo superados com o uso de formas de mobilidade, entrosamento com outras redes sociais e o fato de estarem conectados com outras culturas urbanas e gêneros de diversão.

4.6 Síntese sobre as formas de espacialidade e sociabilidade nos bairros pesquisados.

O que se nota nestes bairros é que a grande maioria dos jovens entrevistados e/ou situados nesta pesquisa estão na faixa etária dos 13 aos 26 anos de idade, portanto, são jovens que viveram o período o início do século XXI no país e são pertencentes as classes trabalhadoras. Apesar da vida produtiva começar bem cedo, esta geração tem um maior poder de consumo que gerações anteriores investigadas, como a geração de jovens pobres dos anos de 1980, cujo baixo poder de consumo associava-se a uma conjuntura adversa, com pouco crescimento econômico e altos índices inflacionários.

A geração atual (foco desta pesquisa) surge no contexto de famílias trabalhadoras, beneficiadas de certa maneira pela estabilização monetária no país, a partir do plano real em 1994 e do período entre 2004 a 2010, quando houve uma elevação mais significativa dos ganhos salariais – tendo como base de referência o salário mínimo (POCHMANN, 2000).

Neste período, houve desde políticas de apoio quanto a renda da base da pirâmide, como aumento da renda do trabalho. Contudo, não é uma mudança no sentido de alterar sua condição de classe trabalhadora, ainda que seja um período de elevação do rendimento. O que ocorre é que, na verdade, foi uma ampliação do padrão de consumo, fenômeno comum, já que a classe trabalhadora não costuma ter condições de poupar (POCHMANN, 2012).

Em relação mais especificamente aos jovens da periferia, Silva (2015), em um estudo com jovens moradores da periferia da cidade de São Paulo, avalia que ainda que os jovens de baixa renda tenham uma condição financeira melhor que no passado e um

consumo mais diversificado, seus estilos de vida não foram alterados e a maioria vive parte do lazer e tem influências culturais que adquiriram na vivência na periferia, o que de certa forma se confirma nesta pesquisa (embora não atente para o efeito das conexões culturais). Além disso, estes jovens consomem serviços deficientes em termos de escola pública, são prejudicados pelo tempo gasto com transporte coletivo, quase sempre precários, aqueles que cursam universidades precisam dividir o tempo de estudo com o de trabalho e contam com serviços de saúde muito deficientes.

Portanto, aqueles aspectos econômicos e conjunturais relativamente favoráveis aos jovens não determinaram o fim das precariedades e deficiências que encontram nos seus espaços de origem e nas possibilidades de construção dos seus projetos de vida. Contudo, apesar de serem estudos importantes para contextualizar estes agentes no âmbito das transformações específicas do país, constituem uma imagem econômica que ignora o grande arco de suas sociabilidades. Ignoram que este "poder de consumo" é algo mais que um poder de aquisição material, trata-se de um aspecto muito mais amplo na vida destes jovens. Além disso, estes estudos não consideram outras mudanças, barreiras e disposições destes agentes sociais. Ou ainda, se deixam de lado o que explica fenômenos como *rolezinhos no shopping*, perde-se as alterações nas espacialidades dos jovens, perde-se o campo da diversão, onde diferentes capitais são acionados com base nos recursos escassos destes jovens. Pior, perde-se de vista a "geometria do poder" na qual estes jovens estão inseridos na cidade. É preciso também trazer a dimensão socioespacial para o centro da análise.

Essas periferias no plural, tanto em Bauru como em Marília, não estão livres de suas próprias diferenciações sociais e simbólicas. Mas também, as descrições realizadas nos bairros indicam bairros onde os jovens vão aprendendo a viver um "entre nós", onde encontram um espaço de socializações e ao mesmo tempo de sociabilidades, jovens que incorporaram, ao crescerem nestes bairros, estilos de vida, desafios e expectativas.

Este aspecto parece importante, este viver "entre nós" parece indicar que os estilos e aquisição cultural destes jovens relacionados ao lazer também são parte de um aprendizado com os outros na sua convivência. Incorporam formas de se autodiferenciar na periferia, de buscar outras formas de se tornarem visíveis, tendo em vista não apenas o olhar para fora da periferia, mas a partir das interações com outros jovens no bairro,

com uma certa pluralidade e opções que enxergam naquilo que se estabelece na periferia ou que ali aterrissa.

Outro ponto é que a periferia não está desconectada de outros lugares, aliás, ela é um lugar onde se dão aterrissagens culturais, onde se estabelecem também transterritorialidades, onde se pode encontrar os "terminais de conexão" (CARRANO, 2002; TURRA NETO, 2008), ou seja, locais, como fliperamas, *lan houses*, bancas de revistas, para onde confluem muitos jovens em busca de novidades, ou se deparam com outras opções de conteúdo simbólico, como novas formas de músicas, coleções, culturas urbanas etc.

De fato, a condição de segregação de muitos bairros periféricos não quer dizer, de forma absoluta, desconexão. A periferia, ao menos os bairros desta pesquisa, não está totalmente desconectada de algumas mudanças, sobretudo, conteúdos simbólicos que aterrissam nestes bairros sob agenciamento de redes juvenis. Além disso, esta periferia estabelece um dinamismo socioespacial próprio entre seus bairros. São jovens que circulam e estabelecem negociações com jovens de diferentes bairros da cidade, com rixas às vezes, mas também com diferentes relações de intercâmbio.

Uma visão mais complexa do que aquela de que jovens pobres da periferia têm como único trajeto as áreas centrais de consumo e lazer, em realidade, a circulação destes jovens é mais difusa, transpõe diferentes escalas, que não apenas numa linear relação periferia-centro.

Mas, ainda é na descoberta da cidade, que encontram outras possibilidades de vida, em que podem investir em maior capital cultural. Em certa altura, o bairro não oferece mais condições de lhes dar alternativas de diversão, ou mesmo de um futuro. A mesmice do bairro e a escassez de seus recursos impõem a alguns de seus jovens moradores a necessidade de criar estratégias para saltar as escalas, experimentarem sensações, ampliar suas redes, aprofundar suas imersões em estilos e correntes culturais.

Como se verá no próximo capítulo, a periferia se difrata[167] em diferentes redes e microculturas, é nessa difração que constroem diferentes trajetos na cidade, no campo da diversão, produzem territorialidades, mostram algumas indiferenças aos territórios de outros grupos e classes, revelam um desejo de não se submeter dentro das fronteiras da segregação e estigmatização territorial, estão dispostos a produzir capital espacial, para não estarem submetidos num espaço confinado, outrossim, os jovens buscam mesmo se exibir, tornar pública suas festas e interações.

Sem negar as particularidades da periferia e suas diferenciações internas, é preciso avançar em busca de uma relação espacial através dos agentes, no *intermezzo*, e na costura feita entre os espaços, para que se possa avançar ampliar a compreensão do poder das práticas socioespaciais juvenis, que foram adquirindo, como visto no capítulo 3, uma maior amplitude a multiplicidade territorial na cidade.

[167] Na sua etimologia, difratar está relacionado com divisão em novas ondas e pedaços, mas também como aquilo que se desvia e adquire outras formas, nesse sentido, a partir de seus espaços de origem, as redes juvenis e seus trajetos sob diferentes recursos, barreiras e conteúdo, mostram que a periferia também é móvel.

CAPÍTULO 5: REDES, ESCALAS E CAPITAL ESPACIAL DOS JOVENS DAS PERIFERIAS NO CAMPO DA DIVERSÃO EM DIVERSAS MICROCULTURAS.

No capítulo 3, pôde-se ter uma perspectiva das transformações das cidades e seus impactos nos *rolês* e na visibilidade dos jovens das periferias, além das rupturas e descontinuidades, no espaço urbano, que incidiram nas mudanças das estruturas de lazer e nos circuitos de diversão.

Já no capítulo anterior, busquei, com algumas descrições e interpretações, destacar como a vida social nos bairros das periferias e suas estruturas espaciais limitam ou, às vezes, são contornadas pelos próprios agenciamentos dos jovens no plano da diversão e das suas expressividades culturais. Periferias onde se dão as formações de "encadeamentos proxêmicos" (MAFFESOLI, 1998) entre os jovens que, apesar de não serem imunes aos problemas que nestes espaços ocorrem, beneficiaram-se de conjunturas econômicas e, ao mesmo tempo, de uma periferia mais extrovertida e interligada com outros locais da cidade.

Tentei reunir algumas descrições e entendimentos para afirmar que periferia não é um espaço patológico e achatado, uma unidade homogênea, ou um lugar totalmente desconexo, vazio e sem tramas.

E é por não ser desconexo, mas um espaço vivo na vida social na cidade que, neste capítulo, irei abordar como a periferia se torna múltipla, quando desvelada pela perspectiva da sociabilidade juvenil. Tomarei como foco algumas das várias redes e microculturas juvenis que tornam possível aquela "espacialidade múltipla e difusa", como visto no capítulo 3.

A periferia se multiplica nas cidades médias, não apenas no sentido da sua expansão e transformação estrutural, mas da sua explosão sociocultural, do movimento de seus agentes, mais especificamente dos jovens. Isso abriu a oportunidade para entrar no campo de algumas microculturas e redes juvenis, com o objetivo de conhecer suas práticas socioespaciais, como a formação de suas redes, escalas e territorialidades na cidade.

Neste capítulo, busco avançar na compreensão do que acontece quando redes e microculturas juvenis, originariamente instituídas na periferia, projetam-se e constroem espacialidades para além de seus espaços de moradia, como quando vão estabelecer circuitos entre áreas centrais ou mesmo entre bairros da periferia, quando constroem suas próprias territorialidades, a partir de diferentes formas de escalas e sociabilidades.

Em suma, quais são de fato as "fronteiras" da periferia, quando os jovens periféricos, a partir de diversos referentes culturais, colocam-se em circulação por espaços mais amplos da cidade? Ou seja, busca-se dar primazia aos eixos das coexistências, isto é, como se desdobra a natureza desta diversidade e simultaneidade nos *rolês* dos jovens da periferia.

Com base numa imersão etnogeográfica, em algumas redes juvenis, foi possível identificar elementos que ajudam na compreensão de como se enredam em torno de estilos, culturas e festas, assim como as representações e estigmatizações que se projetam a partir de suas circulações na cidade. Como tentarei mostrar, essas redes juvenis se intersectam, embolam-se, criam espaços, fluxos, além de produzirem capital simbólico e espacial. Jovens que produzem suas escalas geográficas e cujas redes originadas no bairro, na escola ou pelas mídias sociais modernas, se auto-organizam para criarem seus momentos de diversão. E o espaço toma parte nisso, pois, através das suas estratégias espaciais, das trocas e negociações emerge outra produção de espaço urbano – o que se evidencia nos usos e relações que fazem das diversas estruturas espaciais nos momentos da diversão, ora afirmando suas lógicas e intencionalidades, ora recriando ações e significados inusitados, a partir destas mesmas estruturas.

Algo que penso prudente destacar é que os jovens pobres da periferia, que pesquiso e descrevo, não englobam todas as redes juvenis da periferia, não apenas num sentido quantitativo, mas qualitativo também. Não se trata de um todo homogêneo, portanto. Há várias maneiras de ser jovem nestes espaços de relações. Contudo, apesar de não ser possível se dedicar à todas as redes existentes, deve-se salientar que redes

juvenis, por exemplo, em torno do *longboard,* skate, *pixação*[168], som automotivo, assim como do rap, também se enredam com outras redes juvenis em alguns circuitos e festas.

Devo salientar (o que se costuma ignorar) que uma parte considerável de jovens da periferia prefere não realizar grandes deslocamentos ou circuitos de lazer, como frequentar locais mais agitados. São jovens mais "caseiros", não estão excluídos do lazer, mas é um lazer realizado em interação com jogos do computador, filmes em casa, idas apenas aos jogos de futebol à tarde. Jovens mais religiosos apresentam uma vida menos noturna, ainda que se tenham diferentes formas de lazer nas suas igrejas e templos. Sem contar muitos jovens casais de namorados, que preferem namorar na casa dos pais, ou circular não muito distante do próprio bairro.

Além disso, vale lembrar o que Pais (2003) identifica para o caso de jovens que se inserem em trajetórias de ascensão social, para quem o tempo privilegiado é o futuro. Estes jovens, também pobres, vivem menos intensamente sociabilidades em grupos de mesma idade, investem menos no tempo livre em atividades de diversão. Seu tempo livre é mais voltado ao ócio e ao descanso, tendo em vista que estão envolvidos em trabalho e estudo ao longo de toda a semana.

Assim, a rubrica "jovens pobres da periferia", ao menos aqui, não cobre estes jovens pouco circulantes em relação ao lazer. Isso também ajuda a esclarecer que se fez um estudo de uma parte – que me parece muito significativa – de jovens que vivem em bairros populares da periferia e cujas práticas socioespaciais, além de diversificadas, são construídas por diversas estratégias escalares e que geram tensionamentos com outros segmentos sociais na cidade.

Por outro lado, a diversidade de redes juvenis não é algo tão perceptível para quem está fora da periferia. Aquilo que é mais emblemático ou lembrado nas mídias é também o mais visível, o que coloca a difícil missão do estudo do cotidiano em destrinchar o que aparentemente é tomado como "tudo igual". Os agentes na vida social, muitas vezes, mesmo com suas diferenças e gostos, encontram-se em tempo e espaços comuns, juntam-se e se entrelaçam em torno de eventos, rotinas e festas.

[168] A grafia com "x" em pichação refere-se à expressão nativa dos pixadores, como um modo subversivo de grafar suas expressões no espaço urbano.

Contudo, torna-se fundamental, para um objetivo de clarificação, desentrelaçar a diversidade que existe entre estas redes, indiscerníveis ao "olhar exterior". Embora, mais uma vez, não se pode deixar escapar, que é na combinação ou enredamento múltiplo destas redes que se é possível entrever as formas de aglomeração e fluxos que elas são capazes de realizar na cidade, no campo da diversão.

O plano narrativo é similar ao que foi elaborado nos dois últimos capítulos anteriores, que usou a descrição densa, a partir das triangulações de experiências em campo, observações, entrevistas. Aqui cresce a importância não só de uma etnogeografia, mas também da netnografia[169] no entendimento não apenas das práticas socioespaciais, como também dos seus significados e outros achados que foram importantes na composição descritiva das microculturas.

Um último esclarecimento necessário é que estas redes juvenis articulam suas atividades de diversão em vários ciclos diários. Por exemplo, normalmente, muitas das atividades dos *jovens do wheeling* são predominantemente diurnas, por sua vez, os *jovens do fluxo* são mais noturnos. Acresce-se que estas redes e seus circuitos de lazer se tornam visíveis de diferentes maneiras, a maioria das redes juvenis descritas alternam visibilidades nos espaços luminosos e opacos da cidade, tendo por trás destas estratégias espaciais diferentes razões e intencionalidades, como se verá a seguir.

[169] A netnografia foi uma ferramenta importante no trabalho de investigação sobre as redes juvenis nas periferias, seja por mídias sociais, como o *Facebook* ou canais de vídeos. Buscou-se informações precisas sobre seus *rolês*. Inclusive consegui fazer parte de grupos fechados ou abertos formados nestas mídias.

5.1. *Rolês dos jovens adolescentes* nos espaços de consumo

> *A questão dos rolezinhos não é jurídica e não é policial: é social. Isto tem que ser entendido antes de tentar resolvê-la pelos meios errados. O passo essencial, nisso, é combater a desigualdade social que dividiu a cidade entre o centro e a periferia e, como notaram muitos, promoveu na prática um apartheid em São Paulo. O quadro em que os rolezinhos surgiram, prosperaram e provocaram medo na classe média (...)*[170]

> *Juiz de Ribeirão Preto proíbe adolescentes em shoppings para evitar rolezinho*[171]

> *Forte esquema de Segurança para barrar 'rolezinho' em Marília*[172]

> *Os "rolezinhos" marcados pelas redes sociais, fruto do capitalismo, têm levado centenas de pessoas aos shopping centers luxuosos. A alegação é de que combatem o preconceito contra negros e pobres (...) Uma turba de bárbaros invadindo uma propriedade privada, para fazer baderna, não é protesto ou "rolezinho", mas invasão, arrastão, delinquência. O primeiro passo para vencer esse avanço da barbárie é chamá-la pelo nome certo. Selvagens que cospem na civilização não são "manifestantes" coisa alguma (...) Não toleram as "patricinhas" e os "mauricinhos", a riqueza alheia, a civilização mais educada. Não aceitam conviver com as diferenças, tolerar que há locais mais refinados que demandam comportamento mais discreto, ao contrário de um baile funk. São bárbaros incapazes de reconhecer a própria inferioridade, e morrem de inveja da civilização*[173].

As citações acima evidenciam um fenômeno socioespacial juvenil que, na verdade, como visto no capítulo 3, não é essencialmente novo, ao menos quanto à incursão de jovens da periferia na noite, em núcleos de lazer das áreas centrais e em shopping centers, mas não deixa de ter, na atualidade, uma dimensão impactante e polêmica, seja nas metrópoles ou nas cidades médias. As imagens de jovens adolescente pobres marcando encontro, em grandes grupos, em shopping centers de São Paulo, são noticiadas de forma massiva pelas mídias jornalísticas, mais conhecidos

---

[170] Parte de um artigo intitulado " O que a periferia está mostrando com os *rolês* em SP", do Jornalista do Paulo Nogueira, do DCM (Diário do Centro do Mundo).
[171] Manchete de uma reportagem noticiada em 22/03/2015 no site G1 de notícias.
[172] Manchete do site de notícias "Viva Marília" – 14/01/2014.
[173] Trechos de um artigo do economista e colunista Rodrigo Constantino sob o título " O 'rolezinho' da inveja. Ou: A barbárie se protege sob o manto do preconceito" em 14/01/2014, no blog da Revista Veja.

como *jovens dos rolezinhos*. Na mesma proporção ocorre a acusação de um novo tipo de delinquência juvenil, uma "delinquência" do tipo aglomerativa e invasora de espaços privados, jovens que, com suas práticas socioespaciais, tumultuam e usurpam a "tranquilidade equilibrada e civilizada" dos espaços de consumo.

Em geral, são rolês compostos em sua maioria, por jovens adolescentes, entre 12 e 16 anos, e é um tipo diferente, em relação a outros *rolês* que ocorrem nas metrópoles e, também, a outros *rolês* nas cidades médias. Têm a ver com a presença de jovens em grupos, ou que formam aglomeração interna e/ou externa nos shopping centers, para curtir e se divertir – o que não é em si, exclusivo dos jovens da periferia. Jovens de classe média ou de outras microculturas juvenis e em momentos específicos também fazem do shopping parte de seus circuitos de lazer, como os jovens estudantes que marcam encontro após o expediente da escola, assim como, *patricinhas*[174], *emos*, *gamers*[175] etc.

Mas, em termos de *rolês* dos jovens aos shopping centers[176], em geral, a maioria das notícias e representações negativas tende a recair para o fluxo de jovens da periferia, que passaram a fazer dos shopping centers um local de encontro de suas redes, uma circulação associada à **identificação com certos valores de consumo e visibilidade social.** Movimento espacial que se tornou significativo**,** em face das escalas que produzem (da periferia para estas superfícies de comércio e lazer) e do seu grande fluxo, mas não só, formou-se um imaginário que os vê como jovens arruaceiros, cuja aglomeração e movimento tende a provocar um certo pânico e preocupar as forças de segurança, cuja conduta padrão é de barrá-los ou dispersá-los.

Essa visão depreciativa sobre a presença de jovens das periferias nas áreas centrais, como visto em capítulos anteriores, também não é recente nestas cidades. Mas é uma visão reforçada por representações da memória coletiva, que encontram paralelo com outras imagens e situações, sobretudo, no período dos anos de 1990, em que muitas práticas juvenis foram estigmatizadas (ABRAMO, 1997; DIÓGENES, 1998).

---

[174] São as meninas que investem num fraseado corporal mais modista e consumista, mas que também elaboram um estilo próprio de se vestir e se dissimilar entre outras jovens e microculturas.
[175] Os grupos *gamers* são outra microcultura nas cidades, jovens que investem tempo e recursos em jogos de videogame, geralmente, há disputas e concorrências entre jogadores, também marcam encontros coletivos e criam eventos.
[176] Na cidade de São Paulo já circula a expressão *rolezeiros*.

Alguns exemplos como: grandes concentrações de jovens que saltavam das favelas para as praias cariocas; a explosão dos *bailes funk*; os grupos de *surfe ferroviário*, gangues e galeras. Enfim, imagens e representações sistematicamente veiculadas nos noticiários policiais. Todas tendo em comum o fato de serem práticas socioespaciais altamente aglomerativas. Algo talvez distinto de outros períodos e gerações no país, mas já presente em outras cidades médias e nas metrópoles, como visto no capítulo 1.

Concernente a certos grupos de jovens adolescentes de Bauru e Marília, os shopping centers constituem um ponto de ancoragem de suas sociabilidades. A chegada dessas grandes superfícies comerciais, nos anos de 1990 e 2000, ampliou as possibilidades de consumo, entretenimento e encontro, num único (e privado) espaço. Por isso, o shopping center não é um local apenas de passagem, de simples compra, mas que induz a construção de uma esfera pública para diversão, encontro, ou simplesmente para se estar visível socialmente.

Para os jovens, estas grandes superfícies de lazer e consumo passaram a exercer uma atração diferenciada em relação a outros locais de consumo e lazer. Pois se associa à imagem de uma ambiência sempre renovada, cujas vitrines e cenários estão constantemente em alteração. As novidades são rotativas e alternadas, diferente muitas vezes da mesmice de seus espaços de origem. Contudo é nesta mesma estrutura espacial que se instala uma assimetria simbólica e formal, pois estes jovens geralmente são vistos como os depreciadores destes espaços do consumo e de lazer seguros; um choque que mescla diversos aspectos (culturais, de classe, geracionais), uma desairosa presença social a ser combatida. Como já havia identificado Castro (2014, p. 84), ocorrem as restrições espaciais quanto à circulação dos jovens pobres no espaço urbano que é "francamente limitada e reduzida, como por exemplo, o acesso a determinadas áreas nobres da cidade, shoppings, etc. a não ser que paguem o preço de se verem constrangidos e, muitas vezes, humilhados", ou terem um passaporte de classe.

Em realidade, os *rolês* juvenis tomam parte de uma “geometria de poder” na cidade, em que eles, o mercado, o poder público e outros estratos sociais disputam o direito de impor as formas de territorialização, de impor suas hierarquias e regras de socialização. Como tentarei demostrar, tanto os jovens adolescentes que costumam fazer *rolês* nos espaços de consumo, como as outras redes e microculturas juvenis aqui

descritas, raramente tomam parte de alguma negociação ou pactuação com os outros agentes sociais, econômicos e políticos da cidade. Não são reconhecidos como atores sociais, mas, a eles não deixa de serem aplicadas formas de violência física e simbólica.

Porém, como se verá a seguir, ainda que não dirigido ao shopping center ou para seu público, os conflitos acabam por fazer parte dos *rolês* desses jovens. Em realidade, estes jovens desenvolvem uma dinâmica espacial não restrita a esses locais. O shopping center é uma parte de seu circuito de lazer, das suas escalas aos finais de semana.

Os *rolês* dos jovens adolescentes observados ocorreram, basicamente, em dois shopping centers da cidade de Bauru e também nos dois de Marília. Ambos os shopping centers, poderia se dizer, são de uma categoria intermediária enquanto direcionamento de estilo e padrão de consumo, ou seja, o *mix* de lojas visa atender a um público economicamente diversificado.

Minhas observações foram muito facilitadas pela colaboração de alunos do Ensino Fundamental e, principalmente, de dois auxiliares no campo, que foram os jovens Lucas (17 anos) e Angélica (17 anos), ex-alunos que me acompanharam e apresentaram outros jovens, em Bauru. Também explicaram os tipos de interações, estilos de roupa e as redes juvenis nestes *rolês*. Eles mesmos já tinham feito estes *rolês* várias vezes e conheciam as turmas que frequentavam estes shopping centers. Em Marília, muitas informações foram obtidas ao abordar jovens na frente desses estabelecimentos, além de observar suas práticas em ambiente interno. Às observações se somam as informações da enquete aplicada na escola Benito Martinelli no bairro Santo Antonieta[177]. Acresce também, o uso frequente das mídias sociais, num trabalho netnográfico.

As observações tiveram foco nas sextas e sábados à noite, quando ocorreu o maior fluxo de jovens da periferia para os shoppings. Esses fluxos costumavam ocorrer alternadamente em Bauru. Na sexta-feira, o fluxo maior é no Shopping Nações, que se transforma no *point* dos jovens. Aos sábados, é a vez do Bauru Shopping. Em Marília, como também há dois shoppings, acaba ocorrendo esta mesma alternância de fluxos.

[177] Os ex-alunos Lucas (17 anos) e Angélica (17 anos) também me acompanharam nos shopping centers de Marília, ajudando nas observações e anotações.

5.1.1. As escalas e conflitualidades nos *rolês* em direção aos espaços de consumo

Os *rolês* dos jovens adolescentes estão dentro daquela concentricidade que Feixa (1998) destaca, quando os jovens começam a investir no uso de tempo livre, afastando-se dos círculos proximais da vida diária, como a casa, a rua e o bairro. Ou mesmo quando Castro (2004) destaca as primeiras trajetórias dos jovens da casa para a rua. Buscam escapar do controle dos pais (CARRANO, 2002), já que é um período em que começariam a exercer jogos e práticas que revelam uma tendência a maior autonomia, a construir escalas mais amplas de práticas socioespaciais e uma "territorialidade reticular" (FOURNY apud LINDÓN 2006)[178] em termos de círculos sociais e redes de amigos, ou seja, investindo em grupos diversos e dispersos, constituindo uma espacialidade tecida em torno de estilos e culturas juvenis.

Por exemplo, ir ao centro comercial é um lazer, uma diversão que salta o espaço da periferia. Mas é preciso destacar que, embora seja difícil captar o grande arco de percepções que estes jovens adquirem ao se afastarem do território familiar, não se pode ignorar que, ao realizarem à escala da cidade, como nas deambulações para o centro principal, encontram diferentes pessoas, novidades e ambiências, cuja combinação de formas e fluxos lhes despertam grande interesse. Inicialmente, o trajeto que mais investem será do bairro ao centro, onde encontram a *cidade* num único ponto[179]. Costuma ser a partir deste trajeto, que vão mapeando o espaço urbano com mais habilidade em reconhecer os locais de lazer e de encontro juvenil.

Começam a atribuir outras valorizações, simbolismos e impressões ao que é experimentado e que destoa dos seus espaços de origem. A abundância material e

---

[178] Marie-Christine Fourny, citada por Alice Lindón (2006), fala que as vidas estão cada vez mais individualizadas e multipolares. Contudo, tenho divergências com o ponto de vista da **individualização vista como um fim**. Tenho acompanhado Maffesoli (1998) neste sentido, para quem há, em realidade, um retorno, uma tendência de viver coletivo, ou uma pulsão para o tribal, que não anula a expressividade individual, outrossim, esta se reforça no grupo.

[179] Muito comum tanto em Bauru e Marília, como talvez outras cidades do interior, ouvir de quem mora em bairros afastados, que se vai à cidade, quando referem-se ao deslocamento do bairro ao centro. O que revela alguma percepção sobre a hierarquia espacial na cidade.

simbólica encontrada nas áreas centrais contrasta com as condições materialmente mais precárias dos bairros onde vivem. Castro (2004) destaca a importância da mobilidade e das escalas que os jovens pobres fazem a partir de seus espaços de moradia, de se tornarem conscientes de uma outra cidade, como também, outras possibilidades de vida. Neste caso, o **capital espacial** é convertido em **capital cultural**, ao encontrarem um espaço de possibilidades com outras valorizações dos objetos, formas de consumo, diferentes gostos e novos interesses culturais. Aquisições e atribuições simbólicas que vão desde aquilo que se projeta como gosto entre outras classes, como aquilo que se aproxima ao seu universo geracional.

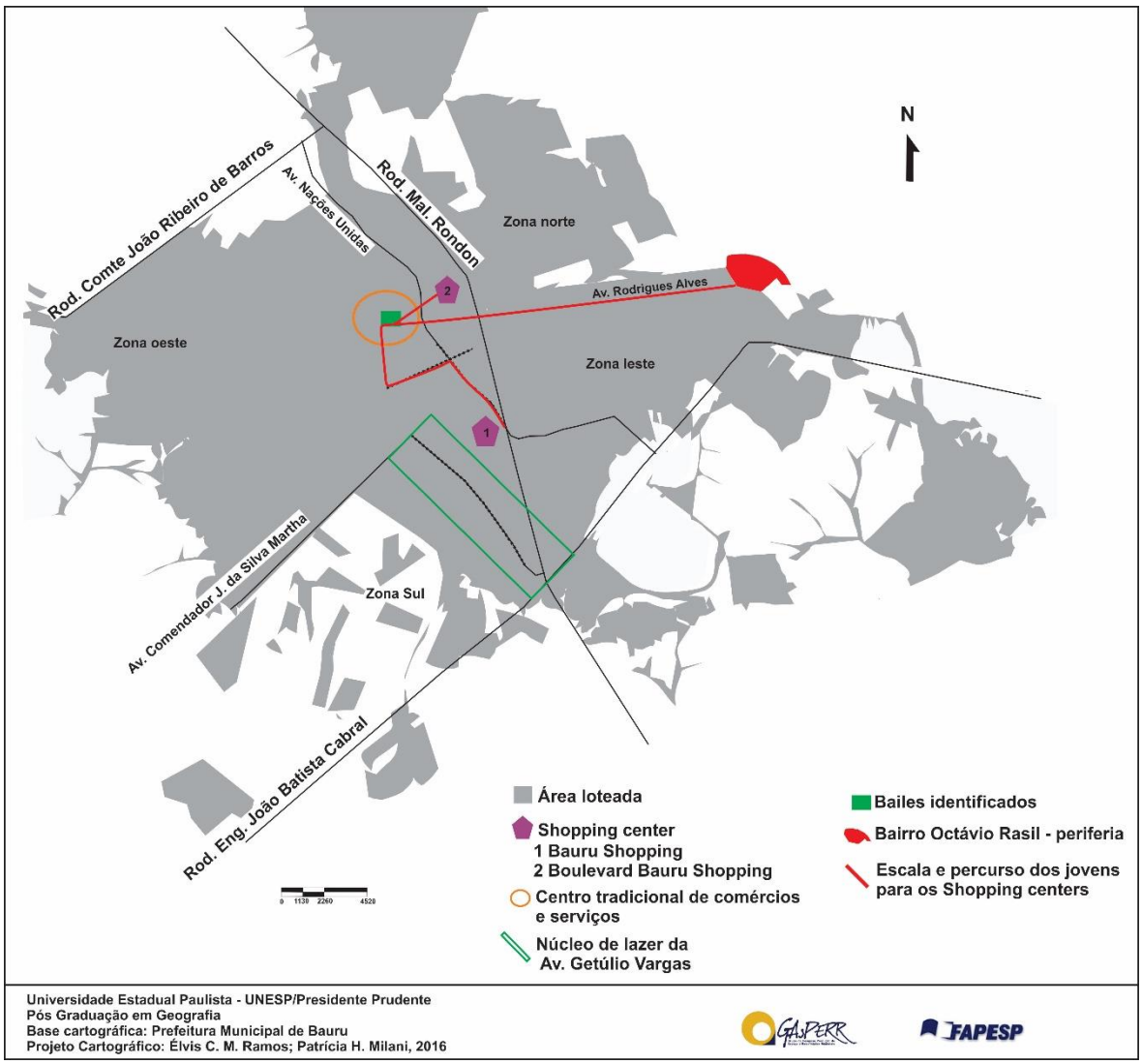
Quando começam a frequentar o shopping center, já aprenderam um jeito próprio de produzir escalas. Através das mídias sociais, organizam seus circuitos, com a finalidade de se encontrar nestas áreas centrais, onde não estão apenas presentes, mas trazem seus modos de vestir e de se projetarem corporalmente. A busca para se destacar no fluxo já começa no trajeto do r*olês* para os espaços de consumo. Dentro dos ônibus estão já compondo suas relações de visibilidades, cujos lucros são variados, desde prestígio, ampliação da rede social, paqueras, convites etc.

A ida aos shopping centers tem uma certa periodicidade. Ela acontece aos finais de semana, geralmente, por volta das 20 horas, quando começam as pequenas e médias aglomerações nos pontos de embarque. O ônibus coletivo ou a carona dos pais, constituem o principal meio que os permite fazer escala, articulando bairros periféricos aos shopping centers. A partir de algumas observações em Marília, também se constata que muitos pais fazem questão de levá-los até a porta do shopping e buscá-los depois.

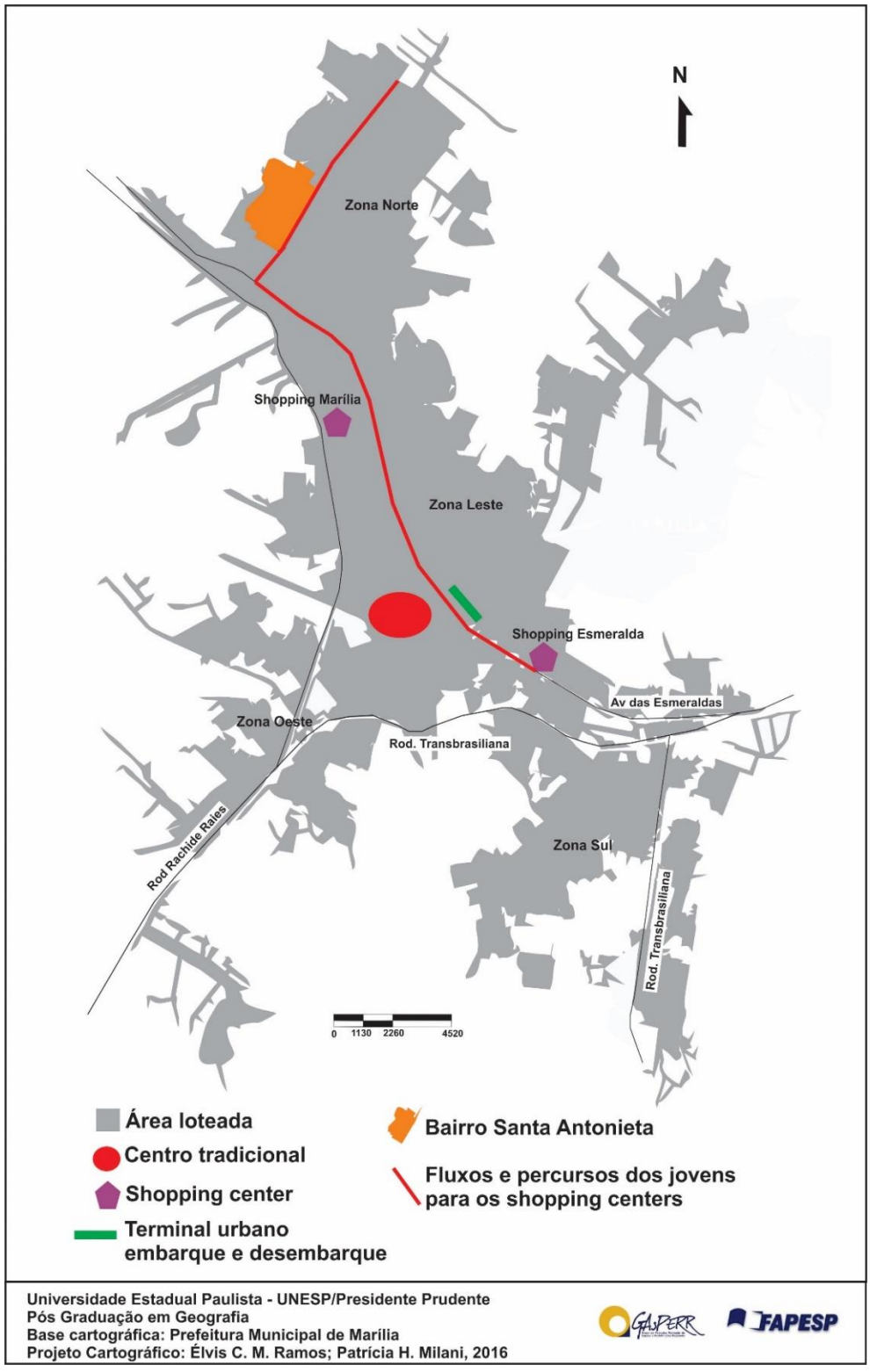
Mas, a imensa maioria embarca de ônibus, tanto em Bauru como em Marília, precisam realizar uma caminhada significativa, a partir dos pontos de desembarque até aos shopping centers. Nas duas cidades, a localização destes pontos de embarque e desembarque não mudaram muito através dos anos, são os mesmos pontos de embarque e desembarque que gerações anteriores a eles usavam para chegar ao centro tradicional. Com a diferença que para os jovens dos bairros mais afastados a distância aumentou, neste caso, para os jovens do bairro Octávio Rasi e Jardim Santa Antonieta significa em média percorrer uma distância de 10 quilômetros para os shoppings mais

distantes. Os mapas 8 e 9 abaixo oferecem uma compreensão de seus percursos em Bauru e Marília:

Mapa 8 – Trajetórias dos *rolês* dos jovens do Octávio Rasi



Mapa 9 – Trajetórias dos *rolês* dos jovens do Santa Antonieta



Tanto em Bauru como em Marília, *os* jovens adolescentes que se organizam para um *rolê* coletivo raramente fazem, encontros nos dois shopping centers, simultaneamente, sempre são alternadas essas territorializações. Em Bauru, o recém instalado Boulevard Bauru Shopping é onde se tem visto maior aglomeração de jovens. Em Marília, encontrei maior fluxo de jovens no Shopping Esmeralda, o que parece resultar da localização mais próxima do centro tradicional e também da relativa proximidade com o terminal de ônibus coletivo, o que facilita os encontros das redes. Deve-se ressaltar, como se observa nos mapas, que os jovens podem, a partir do shopping, através de caminhadas a pé, irem para o centro tradicional (excetuando-se o Shopping Marília). Para jovens que ainda são pouco motorizados, isso é uma vantagem espacial significativa.

Mas os *rolês* desses jovens adolescentes não se restringem aos shopping centers. Também marcam encontros em outros espaços privados de consumo. Em Bauru e Marília, isso abrange fast-foods[180] localizados em áreas centrais mais recentes. Um trecho deste circuito é evidenciado nesta fala de Carol (17 anos), ex-aluna em Bauru: *eu ia de carro com amigas e depois que o shopping fechava (Bauru Shopping) descíamos a pé até o Habib's, onde ficávamos, lá na frente, sem fazer nada, esperando o meu pai buscar, por volta das 23h30min.*

No relato acima, o *sem fazer nada* não é, como pude observar, um ficar parado, mas é estar junto de outros jovens, que ali afluem para se verem, reconhecerem os amigos recém adicionados nas páginas de *Facebook*, trocar fones e contatos de *WhatsApp*. Algo que Pais (2003) encontrou em suas pesquisas, pois não estarem fazendo nada também é uma forma experienciar um tempo coletivo, como um espaço importante na elaboração das próprias culturas juvenis. A escala neste ponto comercial, destacado pela Carol, (em Marília isso ocorre numa loja do *McDonalds* próxima ao Esmeralda Shopping), reúne muitos jovens, uma aglomeração até maior que a do próprio shopping center, pois ali é um ponto de concentração, entre o horário de

[180] Em Bauru, aos sábados, é muito comum estas aglomerações na frente da loja Habib's, na Avenida Nações Unidas e, em Marília, em torno do McDonalds, na Avenida Tiradentes.

fechamento do shopping e aproximadamente uma hora antes das últimas linhas de ônibus coletivos. Um intervalo livre para prolongarem o passeio.

Este é um aspecto que se destaca nestes *rolês*, ou seja, elegem de forma preferencial locais com apelo renovado e moderno (e que estejam próximos espacialmente), não se prendem muito àquelas paisagens estacionárias ou declinantes, onde o "desatualizado" predomina – muito embora não deixem de fazer escalas e tecer territorialidades também em espaços públicos tradicionais, como se verá logo adiante.

O retorno do *rolê* apresenta semelhanças entre Bauru e Marília, muitos voltam a pé para bairros da periferia, sobretudo, para os bairros mais próximos dos shopping centers. O restante caminha a pé até o terminal de embarque. No caso de Bauru, o trajeto entre os shopping centers e os pontos de embarque é intercalado por uma espécie de encontro geral na Praça Rui Barbosa, no centro tradicional, bem próximo da Avenida Rodrigues Alves, onde se concentram os pontos de embarque.

Em Marília, essa parada onde se juntam os jovens adolescentes ocorre em frente ao terminal de embarque. Ali continuam em pequenos grupos. Cada roda é animada por alguém com *smartphone* tocando alguma música. Alguns fumam e outros apenas brincam e dançam. Nota-se que alguns sentam nos bancos, onde também se veem casais de namorados – constituem os momentos para se dar prosseguimento aos enlaces amorosos de maior contato. Geralmente, o que é restrito no shopping center é feito na praça, como, por exemplo, fumar, escutar música em alto volume, namorar etc.

Tal como Carrano (2006) observou em sua pesquisa, isto mostra que os jovens não estão dispostos a substituir um espaço pelo outro, ou seja, o espaço privado do shopping pelo da rua, pelo espaço público. O espaço público ainda continua sendo um espaço de reunião para eles, aberto e, num certo sentido, com menos regras de controle (pelo menos aparentemente, já que a polícia sempre está rondando seus movimentos, paradas e aglomerações). Diógenes (1998) também destaca a importância do espaço público, como um momento de passagem e movimento para os grupos juvenis nos seus nomadismos.

Em se tratando dos jogos de escalas que promovem, o *rolê* dos jovens adolescentes pode ser entendido como uma espacialidade mais ampla do que se supõe

a princípio, pois o que existe é um **circuito juvenil**, tal como descreve Magnani (2005, p.177), locais por onde os jovens "(...) circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, e os parceiros com quem estabelecem relações de troca". Mas não é um circuito livre de disputas, conflitos territoriais e choques que não se restringem às suas redes de sociabilidade, porém, abrange outros agentes, como o poder de segurança pública.

Entre suas redes de sociabilidade há aqueles conflitos que se instalam nos seus encontros à escala da cidade, situações de divergências que saltam das redes *online* para a rua. Ou seja, se existem coisas mal resolvidas nas redes de compartilhamento, na internet, ou mal-entendidos produzidos por fofocas, é no final de semana e nas saídas dos shopping centers que costumam ocorrer os acertos de contas que resolvem estas questões. Observei uma destas brigas e acertos em frente ao Esmeralda Shopping, em Marília. Muitos jovens logo se aglomeram em torno da briga e discussão, alguns tomam partido. Neste dia, a confusão se estendeu até a pista de *cooper* em frente ao shopping center. A polícia apareceu muito rapidamente num comboio de viaturas, dispersando os jovens.

Um dos motivos dessas divergências ocorrem em face de implicâncias, relacionadas com estilos, concepções e formas de visibilidade. Por exemplo, entre as *barraqueiras*[181] e as *patricinhas*, que às vezes passam a frequentar o mesmo shopping center, ou entram em conflito na própria escola. As *barraqueiras* são identificadas como meninas propensas a armar confusões e brigas, além de um modo de falar que seria mais rude. São mais dadas as implicâncias sobre o que dizem sobre elas e também são identificadas como *jovens da favela*, o que acaba sendo, o que realmente as fazem serem vistas como diferentes e marcadas socialmente. As *patricinhas* são as jovens que investem no fraseado das roupas de grife ou cuidam para não parecerem "vulgares", segundo certa concepção de gênero que avalia as meninas e as mulheres considerando suas condutas morais e sexuais. Moram na periferia, mas não teriam a *cultura da favela*. Isto é, ambas as redes se diferenciam e se estigmatizam lateralmente na periferia, o que revela demarcações nítidas, distanciamentos sociais e estéticos, ainda que embora nem

[181] Na cidade de São Paulo são conhecidas como *barracudas*.

sempre elas morem nas favelas, mas revelariam um estilo de vida e comportamentos em contraste com jovens de outros estilos. Em geral, ser *patricinha* ou *barraqueira* não são rótulos que assumem, mas é o modo como são identificadas por outros grupos.

Uma das falas registradas na entrevista num grupo de estudantes, na Escola Walter Barretto Melchert, ajuda a entender o tom das diferenças entre as *patricinhas* e outras meninas que não fazem parte desse perfil. Ao perguntar sobre o que define uma menina ser ou não *patricinha* na periferia, Beatriz (18 anos), uma ex-aluna que hoje participa de um grupo de teatro, responde que:

> *(...) umas que são um pouco mais arrumadas que as outras, isso é ser patricinha. Uma delas diz que é patricinha, mas é maloqueira, diz no face: partiu f1 (fumar uma maconha). Pensa que é, mas é tudo fuleira. Algumas delas podem até ter condições de ter uma roupa legal, de ir para um lugar legal. Tipo um status, eu sou patricinha, tenho status, então eu falo que sou patricinha, mas fazendo isso? Não, porque elas frequentam o funk, e elas frequentam mesmo, mas, não por causa disso, mas, porque, ficam aí escrevendo no banheiro quem é biscate, arrumando briga, isso pra mim é ser fuleira*[182].

Essas diferentes representações e perfis entre jovens do mesmo bairro e que se materializam além de suas fronteiras, como nos shopping centers, tem paralelismo com o trabalho de Pais (2003), quando observa que há jovens em bairros pobres que buscam estratégias de mobilidade social ascendentes. Enquanto outros jovens, de quadrante social mais modesto, formam hipóteses de futuro menos ambiciosas. Esses últimos valorizam as oportunidades de posse no presente e quase sempre são oriundos de famílias muito pobres e que hipervalorizam acessórios e objetos que conquistam, dadas as dificuldades de consumo e baixo poder aquisitivo. Objetos que se tornam meio para uma visibilidade social diferente daquela a que estão submetidos, de um cotidiano de escassez de recursos e possibilidades. Contudo, também interpreto que estas aproximações com estilos de consumo, bricolagens e mixagens, ainda que não plenamente conscientes, mas que exigem alguma reflexividade (GIDDENS, 2003; PAIS 2007)[183]. Jovens situados num campo de possibilidades e opções, ainda que sob

[182] Trecho da entrevista de grupo realizada na escola Walter Barretto Melchert.

[183] Ainda sobre esta **reflexividade** é preciso destacar que em Giddens (2003) a reflexividade se relaciona à trajetória da biografia pessoal, em que os agentes são instados a escolher outra

dilemas e escassez de recursos, mas que podem, com os recursos que têm, no seu universo de socializações e sociabilidades, produzir o novo, que se concretiza nas suas mixagens estéticas. Em suma, não podem ser o que almejam, sem antes terem que enfrentar os dilemas do seu cotidiano, como a falta de recursos para comprar os artigos de consumo, de se verem na condição de comprar produtos no mercado informal, além dos riscos de cair na vida do crime para adquirir estes artigos. Para estes jovens, a exigência de uma reflexividade é constante. Precisam se afastar da escassez e ao mesmo tempo conviver com dilemas, no presente, conscientes da vida dura que levam seus familiares, pais batalhadores do dia a dia, mas invisibilizados. Contudo, quando olham para outros estilos de vida, de grupos mais privilegiados, veem nas formas de consumo uma materialização de valores de prestígio, realização e como um *passaporte de classe*.

Retornando a questão das divergências entre as redes, tanto em Bauru como em Marília, mais especificamente, essas confusões podem ganhar uma dimensão territorial e, muitas vezes, transformam-se no elemento para uma briga mais generalizada e ampla, isto porque suas redes se estendem a escalas espaciais mais amplas e são parte de um certo territorialismo nas periferias. Alguns fazem questão de se autodeclarar da *Zona Leste* e outros da *Zona Oeste*. Esse territorialismo do tipo "zonal" parece ser outra aterrissagem, cuja escala parece ter começado em cidades metropolitanas e que se amoldou às práticas dos jovens dessas cidades médias. Uma prática que significa que estes jovens, às vezes, têm que escolher de qual lado está sua fidelidade territorial, onde e com quem estão seguros.

Embora não existam fronteiras rígidas, como as zonas que se demarcam através de zoneamentos administrativos, estes jovens sabem reconhecer as "demarcações

---

alternativa de vida, que não aquela orientada para o passado (tradição, valores, heranças etc.), ou restrita ao local, na medida que se investe na imagem, no corpo, nas possibilidades que se abrem para uma reflexividade transformadora. Ao passo que em Pais (2007) a reflexividade se dá no campo dos dilemas, das negociações, em que o passado e o presente estão a todo momento se manifestando diante das decisões e escolhas das pessoas, uma constante incerteza sobre a modernidade. Ao meu ver, estas visões não se excluem, pois, muitos jovens adolescentes da periferia vivem na incerteza do futuro, sabem como é de fato seu presente (poucos recursos, pobreza, instituições precárias), veem às opções que existem na apropriação material e simbólica de certos bens de consumo, algo objetivo, alcançável ou aproximável aos seus limitados recursos. Mas é com estes poucos recursos, mais a imaginação, que produzem suas mixagens e bricolagens, constituindo um capital simbólico para projetar visibilidade e aceitação.

territoriais" das suas redes. E o que importa é a filiação territorial que se identifica. Portanto, se uma jovem corre risco de sofrer ameaça ou potencial agressão, por parte de algum grupo, então todos de uma determinada zona ou grupo pertencentes àquele território estão *convocados* a protegê-la.

Por isso, nas mídias sociais, muitos deles fazem questão de destacar, além do nome, a extensão da rede territorial a qual se filiam. Por exemplo, *Marcelo da Leste - ZL*. Contudo, podem compor outras redes ainda maiores que são denominadas de *família*. Em realidade em outras redes e microculturas juvenis o uso do termo *família* denota um amálgama entre não somente os que têm os mesmos interesses, mas entre aqueles que estão próximos ao grupo e/ou participam deste, prestigiando suas práticas festivas ou encontros. A Figura 21, de uma página do *Facebook* de uma desta famílias, denominada *A.K (AL-Akaeda<3)*, com mais de 1.700 participantes, revela a extensão destas grandes redes que pode se ampliar em diversas outras retículas, além do seu poder de compor fluxos e aglomerações na cidade:



Figura 21 : *Família* A.K (AL-Akaeda <3)
Destaque: Nessa família mexeu com um mexeu com todos
Fonte: Mídia social do *Facebook*, página do grupo.
Acesso: Em 08/02/2016

Alguns jovens que já saíram do mundo dos *rolês* nos shopping centers dizem que, antigamente, era um *rolê* mais saudável, sem muita confusão. Hoje os *rolês* seriam mais perigosos, exigindo mais atenção por onde se anda e com quem se está, ou com aquilo que se fala nas mídias sociais.

Outro ponto que merece consideração é que nem sempre são percursos de ida e de volta feitos com boa convivência. Não raro, o ônibus está lotado e muitos com smartphones ligados e tocando música alta, incomodando outros passageiros. Algumas vezes, há discussões com o motorista. De uma maneira geral, a diversão já começa na partida para o shopping center. E o retorno também pode ser conturbado, alguns consumem bebidas alcoólicas, outros mexem com integrantes de outras turmas, o que gera confusões durante o percurso.

Outros conflitos que enfrentam na composição das suas escalas de sociabilidade estão associados às formas de controle do Estado, uma delas, pela força policial. Um fato presenciado em Bauru[184] oferece uma dimensão de como os *rolês* coletivos desses jovens também são fortemente monitorados. Numa das visitas ao Boulevard Shopping Nações, uma centena de policiais, na frente e nas adjacências do shopping center, fazia abordagens físicas aos jovens que chegavam no fluxo. Em geral, os policiais consultavam documentos, inquiriam sobre seus locais de origem. Criava-se, assim, uma atmosfera de constrangimento perante os outros jovens e pessoas que visitavam o local.

Outra observação ocorreu no momento que estes jovens saiam do shopping para a praça Rui Barbosa, em Bauru, no centro tradicional. Sendo seguidos, a média distância, durante todo o percurso, também, por uma centena de policiais, a pé, até aquele ponto. Os jovens que chegavam na praça, prontamente, começavam a formar as rodas de conversa e reunião. Logo, já havia uma multidão de jovens no local e, sem conseguir identificar o motivo, deflagrou-se uma invasão da praça pela força policial, que em momentos anteriores já tinham cercado o local.

Foi um movimento muito rápido, a tropa policial entrou no centro da praça, impondo sua autoridade por meio da mostra de cassetetes e presença física, com chamadas de ordem para que os jovens se dispersassem. Enfim, aquele encontro estava

[184] A observação ocorreu em 05/01/2015, quando estive acompanhado de dois jovens ex-alunos.

arruinado. Grupos e mais grupos se dispersaram saindo pelos quatro cantos da praça, em direção à Avenida Rodrigues Alves. Não de outra forma, viram-se forçados a não apenas abandonarem a praça, como também voltarem para casa.

Mas a disputa territorial ainda prosseguiu, num clima de tensão, quando estes jovens passaram a se aglomerar nos pontos de embarque próximos. Um campo de disputa entre a força policial e os jovens revoltados, cujo fluxo tinha sido dispersado. Alguns jovens e pequenos grupos começaram a xingar os policiais a partir de uma certa distância. Outros jovens e grupos foram surgindo, se espalhando em alguns pontos de parada de ônibus, em frente das lojas, bebendo ou simplesmente sentados em outras esquinas, enquanto a força policial, na avenida, fazia sua demonstração de força e coerção com a presença física de muitos policiais, viaturas e sirenes luminosas.

Demorou ainda mais duas horas para a atmosfera da avenida e do centro tradicional voltar a sua habitual desolação noturna, alguns jovens ainda ficaram perambulando por ruas do centro, pareciam não se importar em retornar para casa. Um moto taxista, cujo ponto de serviço é próximo da praça, relatou que é comum estes choques com a polícia nos finais de semana. Interessantemente, estas ocorrências não fazem parte dos registros informativos das mídias jornalísticas locais. Este evento pode ser lido como manifestação da estigmatização territorial que se aplica aos jovens periféricos e de uma política que busca confiná-los em seus movimentos pela cidade.

5.1.2. Redes e visibilidade nos *rolês dos jovens adolescentes*

Com relação às suas práticas de distinção e visibilidade, é preciso destacar que são práticas que não se manifestam apenas no shopping center, também se estendem ao ambiente escolar e ao bairro. É justamente na escola e no bairro, que este *habitus* vai sendo internalizado, onde aprendem com outros jovens os códigos que lhes permitem expressar suas preferências, onde começam a ensaiar formas de compor um fraseado corporal, antes mesmo de circularem pelos shopping centers. Na escola, estão atentos aos estilos de outros colegas, assim como são vistos e distinguidos também

pelas diferenças, o que, como se viu anteriormente, pode ser motivo de implicâncias e conflitos.

Suas retículas também podem gravitar em torno das fofocas e comentários que compõe uma parte da rede de sociabilidade, enredada não somente pela afinidade, como também pelos vazamentos de informações, casos, acontecimentos que vão saltando de rede em rede, e que logo toda a escola toma conhecimento. Nessas redes de sociabilidade, delicadas controvérsias podem surgir, gerando comentários sobre se a jovem ou o jovem adquiriu o último smartphone do momento, ou se aquele jovem tem de fato um *iphone* original ou se é falso. O que, aparentemente, pode parecer uma questiúncula, tem enorme importância para o prestígio social destes jovens no plano de suas sociabilidades e redes. Muitos deles se preocupam em encontrar uma posição de destaque em suas redes e nas suas esferas de convivência.

Mas é também no interior dessas redes que aprendem sobre as referências musicais, notícias sobre o mundo pop, trocam mensagens, ficam sabendo de festas. A escola, neste sentido, não é um espaço de relações fechado, apesar das repetidas tentativas de seus profissionais de bloquear as influências externas (estilos de roupas, smarthphones, gírias etc.).

Os próprios jovens são mensageiros das tendências estilísticas, das músicas que estão tocando nos grandes centros. Como estão enredados em várias retículas, entre as quais, aquelas mediadas pelas novas mídias sociais e virtuais, como do *WhatsApp*, *Facebook, Instagram* etc. Geralmente, por meio destas mídias, passam a difundir as novidades, informações e tendências que acham interessantes, ou que trazem a possibilidade de novos comportamentos, ao mesmo tempo em que lucram com um certo grau de popularidade entre os demais colegas e amigos.

Nesse sentido, as mídias sociais são um ponto chave para o fortalecimento e ampliação da visibilidade social, ou mesmo, de uma hipervisibilidade. O visual ostentativo e eclético que é compartilhado é também conteúdo de comentários online e face a face. Aprendem por tentativa e erro, às vezes, imitando, em fazer classificações sobre estilos e comportamentos, com base tanto nas relações que mantém com colegas, como no repertório de artefatos culturais e de consumo que aterrissam nos seus espaços de relações.

Mas para serem populares nas mídias sociais, precisam ser simpáticos e, neste mundo, sabem que têm que começar na humildade, conquistando alguns *likes*, ou seja, curtidas no *Facebook*, e quanto mais curtidas, maior sua popularidade e visibilidade. Vão aprendendo a conviver com estas mídias no sentido de sua alteridade, assim, sempre estão renovando seu conteúdo, seu perfil público na sua página pessoal online.

Desse modo, o *rolê* é significante, no momento que permite a diversão com visibilidade social nos shopping centers, e significativo, no momento que as imagens, fotos e comentários ganham tangível hipervisibilidade nas mídias sociais. No shopping center, os comportamentos ganham tridimensionalidade, pois não estão mais reduzidos ao mundo estático de fotos e exposições nas mídias sociais. Na verdade, é o espaço que num sentido inverso vai alimentar comentários e imagens nas diversas redes de compartilhamento, isto é, gerar conteúdo nestas mídias, possibilitar produzir selfies, cujo pano de fundo pode ser uma vitrine, ou com o amigo ou amiga na praça de alimentação.

Uma vez no interior dos shopping centers, formam aglomerações que se distinguem, com certa facilidade de outros grupos, não apenas por serem na maioria adolescentes, mas, também, por vários sinais diacríticos que se revelam no fraseado das roupas bem coloridas e de combinação sincrética. Em geral, as meninas preferem usar calças *leggin*g ou shorts jeans curtos, além de blusas curtas e decotadas[185]. Quanto aos meninos, é comum vê-los em calças que chamam de *saruel*, elásticas e folgadas na cintura. Há outros que investem em tendências estilísticas mais elaboradas, que procuram estar no *swag*[186]. Os meninos também podem usar bermudões, camisas e tênis de cores claras e luminosas. Lucas, um dos colaboradores da pesquisa, investe no *swag*, destaca que os sapatos e camisas são de grifes ou lojas *maneras* que os jovens reconhecem nas lojas do shopping, os valores para uma calça de grife que se aproxima

[185] Apesar de ter como base a metrópole paulistana, a ilustração em "ANEXO A" pouco destoa das observações realizadas nestas cidades.

[186] Swag é um termo da gíria inglesa muito usado nas redes sociais, que revela a forma como uma pessoa se apresenta. Significa um estilo, aparência ou atitude e consiste em uma versão alternativa da palavra "legal" ou "maneiro". O swag habitualmente está relacionado com pessoas que apresentam um modo irreverente de se vestir. Ao que parece, a palavra começou a se popularizar no rap estadunidense, através de Jay-Z, o primeiro a utilizá-la nesse sentido, em 2001, mas só passou para a internet e para a linguagem adolescente uma década mais tarde. Fonte: consultas em vários sites de notícias e blogs.

deste estilo podem atingir quase a metade do valor de um salário mínimo (880 reais até segundo semestre de 2016).

O mesmo acontece com outros artigos e acessórios, mas com referências a variados signos que estão presentes em suas vidas diárias, como nos games, cinema, música e que se projetam numa escala midiática global. Alguns destes jovens também usam camisetas com símbolos de maconha e outros slogans relacionados ao mundo da contravenção. Outros usam bonés virados ou preferem evidenciar o corte de cabelo, assim como aqueles que usam um óculos *ray-ban* (original ou não) com um boné. Todas estas combinações têm enorme importância para projetar uma imagem e se comunicar com os outros jovens. Algo que também Diógenes (1998) destacou em seu trabalho como formas de comunicação visual entre os jovens da periferia.

Existe também o que chamam de modinhas, que mudam sempre. Angélica, que esteve nas idas aos shopping centers, conta que ela mesma aderia a modinha, e que se identifica com seu idolo (no caso dela com as *luanetes* – legião de fãs do cantor Luan Santana). Há outras modinhas conhecidas por *beliebers,* guináticas etc., aqueles e aquelas que adoram e idolatram cantores jovens como Justin Bieber, Luan Santana e Mc Gui, respectivamente – além de outros cantores e artistas que vão da pop music, sertanejo ao funk.

Entre este mix de cores e combinações, há também lugar para os simulacros identitários. Por exemplo, duas jovens observadas circulando no Shopping Center Boulevard em Bauru, usavam blusas bem curtas, estampadas com as palavras punk e heavy metal. Claramente não tinham filiação com estas culturas juvenis. Ou seja, mais uma vez, aqui, o que importa é a sensibilidade de saber projetar uma imagem pessoal. Neste caso, o que poderia inspirar rebeldia e inconformismo, incorpora-se ao consumo e dentro de um discurso diferente produzido pelas jovens, e que nada parece se relacionar com identificações fixas[187].

[187] As duas meninas me chamaram muito atenção, mas os colaboradores que estavam comigo (Lucas e a Angélica), não podiam confirmar se eram da periferia ou de outro segmento social. Seja como for, o exemplo não perde sua força exemplificativa, pois, outros jovens, estes reconhecidos por meus colaboradores, usavam marcas do *reggae*, correntes grossas ao modo *rapper* etc. com o mesmo sentido.

O que parece uma contradição, na verdade, é uma fronteira elaborada no próprio corpo, hábil e sutilmente coordenada para as relações de visibilidade. Buscam tanto a assimilação como a dissimilação. São portadores de um simulacro, fragmentam os discursos para investir nas suas produções estéticas, não se importam muito com o conteúdo simbólico originário e específico, inerente àquilo que vestem ou ostentam. Estão interessados no discurso que eles mesmos constroem em cima destes símbolos, como usar este ou aquele acessório pode contribuir num fraseado corporal interessante.

Como destaca Dayrell (2001, p.26), são fragmentos culturais e identitários que serão recontextualizados, capturados de diferentes contextos e culturas, mas que vão se integrar "em um universo estilístico novo, que vincula objetos e símbolos a uma determinada identidade do grupo". O que mostra o jogo de bricolagem[188] com outros estilos e símbolos, inerentes a outras culturas juvenis, a partir do qual também criam dissimulações.

Aliás, a ostentação não é capaz de dar conta destas relações, em verdade, o que existe são formas de visibilidade até de certa forma heterogêneas no mesmo *rolê* e que se relaciona com os estilos que aderem ou redefinem. Embora algumas destas mixagens estéticas que produzem, podem desaguar em estilos mais ou menos modelar, por exemplo, o estilo *patricinha*, *chavoso* e *chavosa*. Abaixo na figura 22, uma foto enviada por um dos alunos sobre estes estilos predominantes entre eles:

[188] O termo "bricolagem" surge em Levi-Strauss e, segundo Dayrell (2001, p.26), "supõe a forma pela qual os objetos e símbolos são retirados de um repertório já existente, reordenados e recontextualizados para comunicar novos significados".

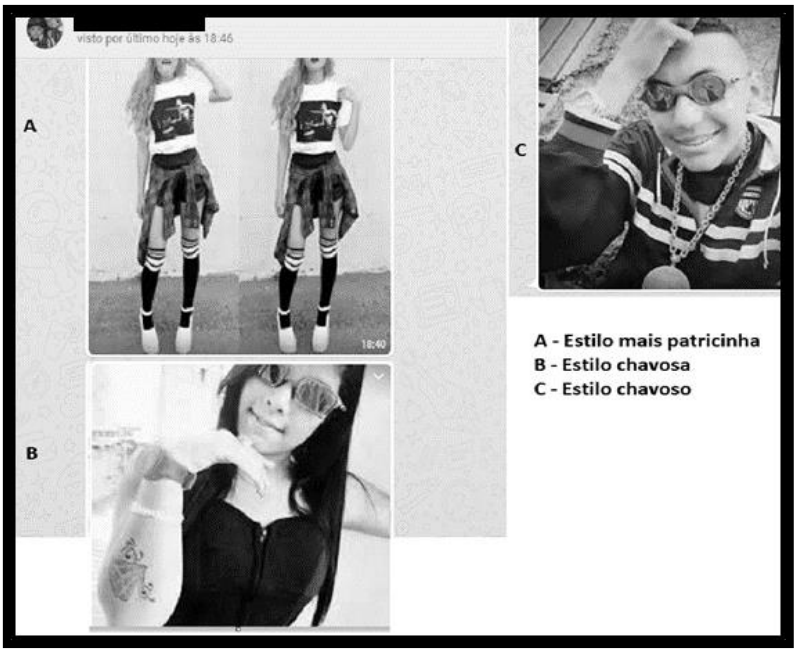


Figura 22: Estilo *chavosa* e *patricinha* na teatralização dos rolês
Destaque: Estilos que remetem também para clivagens sociais entre os jovens
Fonte: Fotos enviadas por *WhatsApp* por um aluno do Ensino Fundamental em 01/06/2016, por sinal da mesma sala de aula onde discuti com eles sobre seus estilos.

Todas as transfigurações estéticas e corporais em que investem visam comunicar não apenas o objeto em si de adoração, mas que podem causar, atrair atenção e seguidores nas redes sociais que compõem. Escolhas e combinações de roupa que ajudam a lucrar com as distinções no interior do *rolê*. Todos estes aspectos e práticas parecem confluir para um tipo de microcultura juvenil, pois estão sintonizados para o mesmo fluxo, compartilham ou reconhecem os signos que os conectam numa mesma unidade geracional, visto que partilham experiências comuns, dada sua comum situação socioespacial e etária. Apesar de existirem diversas redes juvenis e matizes estéticas nas suas expressões corporais, parecem saber coordenar um sentido de estarem num mesmo campo de diversão. E é aí que as redes, escalas e territorialidades se confluem no *rolê* dos jovens adolescentes. Pois é no shopping center, um espaço ideal, que vão se apresentar, projetar suas modinhas e talvez ganhar mais seguidores.

5.1.3. A esfera social produzida nos *rolês* no shopping center

Como se depreende, o shopping center vai além de um lugar mercadológico, mas constitui um lugar para suas interações, onde ocorre a máxima expressividade corporal e social destes jovens em termos de visibilidade social. Numa enquete aplicada entre alunos do último ano do Ensino Fundamental (jovens em torno de 13 e 14 anos) e do Ensino Médio (APÊNDICE B), quase todos citaram o shopping center como espaço de preferência para o lazer e com o qual se identificam em termos de consumo*: ...porque no shopping tem mais coisas do nosso estilo; shopping, porque é um dos melhores lugares que tem na cidade para passear; porque no shopping tem mais coisas do nosso estilo; Eu defino meu lazer se é agradável o local, neste caso, basicamente shopping, boliche etc.*[189]. Estas falas parecem se aproximar de uma classificação espacial binária e hierárquica sobre os lugares e ambientes da cidade, como também identificada por outras pesquisas (como o trabalho de ARIOVICH; PARYSOW; VARELA 1996). Dentro desta hierarquia, o shopping center tende a projetar um sentido de modernidade e abundância, contrastando com as periferias e os centros comerciais antigos.

A mensagem do shopping para estes jovens, talvez, não seja tão diferente daquela lida pelos demais grupos que frequentam essa estrutura espacial, como, nas palavras de Carrano (2002, p. 76), seria um espaço que "(...) sinaliza para a modernização da própria cidade, colocando-a mais próxima dos grandes centros urbanos de referência". Onde se encontram referências identitárias e simbólicas de consumo e modernidade. Diria que o ritual de passear olhando por entre as vitrines, realizado por milhares e milhares de pessoas, não deixa de constituir um hábito que garante a manutenção de uma ética de consumo, baseada no encontro da mercadoria com a vida em estilo e uma parte da vida cotidiana, em que o lazer desinteressado é tornado válido num parque de consumo.

[189] Respostas de alunos do último ano do Ensino Fundamental e das classes do Ensino Médio na Escola Walter Barretto Melchert. Enquete aplicada em 05/12/2013. Ver APÊNDICE A.

Mas além desse sentido representacional, é no shopping center que estes jovens encontram um espaço que se desdobra em múltiplas alternativas e potenciais escolhas de estilos, em que podem encontrar grifes de moda e artigos caros, estilos e estilizações que portam marcas de classificação e distinções sociais. O que lhes amplia a possibilidade de compor identificações, divulgarem a si mesmos, projetarem seus corpos. Muito mais que um local de compras, também uma superfície para ser conhecido e de projeção pública. O que se aproxima das descrições de Pais (2003), quando destaca em algumas das redes juvenis que estudou, também buscam estratégias que visam o investimento na aparência corporal, um "simbolismo da aparência" (PAIS, 2003, p.121).

Mas a presença destes jovens nestas superfícies comerciais não marca ou identifica o espaço a partir de uma apropriação exclusiva e dominadora. Quando alcançam com suas escalas os shopping centers, passam a tecer uma territorialidade mais de identificação e projeção (LINDÓN, 2006). Constituem uma forma de aderência espacial em que as meninas e meninos, no seu fluxo, constituem mais uma esfera social junto de outras esferas de convívio no shopping center. Podem ali projetar seus signos, estilos e desejos, como igualmente, compartilhá-los com uma gama maior de amigos e jovens de outras partes da cidade, estabelecendo uma conexão geracional.

Contudo, o sentido de consumo não deixa de ter um papel nestas projeções pessoais entre esses jovens, porém, é uma concepção de consumo mais ampliada, isto porque os *rolês* coletivos desses jovens adolescentes apresentam uma forma de apropriação mais ampla, e não necessariamente aquisitiva, dos objetos que exaltam para o consumo. Algo não reduzido àquela elementar visão de consumo, substancialista, apoiada apenas na aquisição física e quantitativa.

Como outras pesquisas demonstram (ARIOVICH, PARYSOW e VARELA, 1996; PEREZ, SALCEDO e CÁCERES, 2012), embora tenham como referência um espaço de variedade e de cobiçados atrativos de consumo, os jovens adolescentes, o que inclui os jovens pobres não fazem deste lugar um espaço exclusivamente para suas compras, sobretudo, ao se observar que estes jovens circulam por horas no shopping center e, na maioria das vezes, não compram nada (jovens de outras microculturas e classes também têm práticas semelhantes).

Ainda que existam jovens que possam adquirir esses produtos, porém, a grande maioria deles não está em condições de comprar aquilo que vê nas vitrines, muitos ainda não trabalham e poucos recebem as mesadas, valor em dinheiro que jovens da classe média estão mais acostumados a receber dos pais. Mesmo que não possam adquirir os objetos da vitrine, podem se aproximar deste mercado material e simbólico, por outros meios, ao frequentar os espaços onde esses objetos estão dispostos ou quando vestem roupas não originais, mas que simulam o mesmo estilo e a grife de moda em destaque. Consumo que se estende para a dimensão simbólica, que evoca um estilo incorporado à sua esfera de sociabilidade no shopping, em suas circulações no interior desta estrutura espacial. Estão, em realidade, promovendo um *rolê* sob um pano de fundo que ressalta suas notabilidades e que também os conecta aos valores que elegem como importantes naquele momento das suas trajetórias de vida.

Porém, é comum cair no discurso da inautenticidade das práticas destes jovens. É comum ouvir que apenas copiam ou apenas ostentam para parecer playboys (playboys na periferia, pois a apropriação das marcas distintivas, sozinhas, não lhes dão poder de ascensão de classe). De forma alternativa, ao meu ver, há um tipo de autenticidade em suas práticas socioespaciais, pois estes artigos, grifes e estilos remetem a outros discursos e a culturas urbanas muito específicas, aos quais estão conectados em termos geracionais. E é também, por meio destas referências que vão desenvolver um tipo de mixagem estética que escapa em certo sentido de uma simples imitação ou sujeição ao que é determinado por uma hegemônica ideologia de consumo.

O que não nega que os agentes do mercado (as marcas, modas e toda a indústria do consumo), que cercam as sociabilidades destes jovens da periferia, não exerçam uma força estruturante e imagética nos seus sistemas de valores e distinção social, mas mostra também que este poder estruturante não se impõe *prima facie*, mas se sedimenta e se distribui diferencialmente segundo várias ordens e subordens de classes, segmentos e redes sociais. Os *rolês* coletivos dos jovens adolescentes não fazem de uma forma absoluta o jogo do mercado, ou jogam nas mesmas regras, mas jogam dissimulando as regras, uma ambiguidade que é parte da constituição de suas práticas.

Ocasionalmente, eles podem ser parte do jogo do mercado, o que também alarga a visão do poder da visibilidade social destes jovens e da sua relação com os agentes do consumo, pois há empresas da moda, ligadas à venda de produtos relacionados ao *funk ostentação*[190], que aproveitam as imagens dos famosinhos para convidá-los para vestirem e divulgarem suas roupas. Articula-se, assim, uma instância de conveniência da loja que pode mostrar suas roupas para milhares de curtidores, através de um famosinho ou famosinha e deste que pode lucrar duas vezes, com as roupas e a notabilidade.

Seja como for, é por via destas apropriações e conexões que introduzem seus próprios discursos sobre os objetos e os incorporam em suas redes de significado. Isto é, remarcam, (re)distinguem os mesmos objetos que são usados como elementos de assimilação e dissimilação por outras classes e segmentos sociais, compondo uma diferenciação dos padrões dominantes (DAYRELL, 2001).

E por serem de certa forma dissidentes, é que também não garantem acesso entre as classes e segmentos mais afluentes, pois são vistos como estranhos, delinquentes, ainda que usem roupas ou adquiram bens que enunciam os valores que são capitalizados por outras classes. São estigmatizados e barrados, pois ser da periferia é uma marca que herdam de seus espaços sociais (o que recorda também os estudos de DIÓGENES, 1998); suas bricolagens e mixagens são vistos como de mau gosto, suas aquisições são vistas como impropriedades. Enfim, jovens que entram na festa do espetáculo do consumo sem serem convidados, que realizam "a mais abominável das práticas socioespaciais", que é a de construírem escalas para além dos espaços aos quais foram confinados e se revelarem na cidade.

[190] Até onde observei, constitui-se um mercado novo, dirigido aos jovens que estão relacionados ao *funk ostentação*, mais um estilo incorporado pelos *jovens da periferia que frequentam os shopping centers*. Contudo, já existem marcas de grife direcionadas a este público juvenil. Destaco uma reportagem que exemplifica essa referência: http://economia.uol.com.br/empreendedorismo/noticias/redacao/2014/05/20/grife-de-funk-ostentacao-busca-clientes-da-abercrombie-com-camisas-a-r-200.htm

5.1.4. Os *rolês dos jovens adolescentes* na geometria do poder

Os jovens nos seus *rolês* para os espaços de consumo não apenas adquirem a habilidade de reconhecer os detalhes, estilos e as combinações que cada um cria para si, mas como, leem os espaços físicos e os corpos que se espacializam. Corpo que é em si um campo de forças, que revela hierarquias, classe, estilo, sexualidade, intenções etc. No shopping todas estas referências, sinais e códigos estão sendo interpretados por eles. Corpo que está em constante movimento nas suas instalações espaciais, um movimento carregado de sentido, à toa e ao mesmo tempo focado, aliás, algo que perpassa todas as redes juvenis aqui descritas, onde a diversão é um jogo de estar atento, mas também livre para o que não se sabe encontrar ou lucrar com o passeio ou festa. Circulando, descendo as escadas rolantes, parando por breves momentos na praça de alimentação, triangulando envios de mensagens por seus smartphones, conversando com os amigos, enquanto se caminha, e atentos a quem está circulando. Não é muito comum, entre eles, parar para conversar, costumam fazer isso andando, no movimento.

Isso poderia ser explicado pela ausência de muitos bancos para sentar, afinal, estas superfícies de consumo são pensadas para comprar, enquanto se caminha entre seus corredores e esquinas. Ou, também, pelos seguranças, que impedem, em alguns casos, que estes jovens fixem aglomeração. Mas penso que, na maior parte das vezes, isso se dá, em decorrência maior, pela pulsão da circulação, uma estratégia para ampliar o campo perceptivo, ver mais coisas, perceber mais novidades, além de ampliar suas possibilidades de interação e visibilidade entre outros jovens.

Um local onde igualmente investem na aproximação afetiva, buscando um relacionamento, ou mesmo, uma aproximação sempre mais estreita com a jovem ou o jovem desejado. Muitos marcam encontros através das mídias sociais. Trocam números de telefones ou pedem para serem "adicionados" no grupo do *WhatsApp*, assim, ampliando suas retículas de contatos.

Estes encontros tanto podem ocorrer em alguns locais internos do shopping, como nos locais menos visíveis aos olhares, o que é certamente difícil, mas encontram

estes locais em corredores ou pequenos espaços sem muita movimentação. Geralmente, é para um contato ligeiro, troca de beijos ou, como dizem, para uns breves amassos[191]. Outras vezes, se torna usual saírem para locais adjacentes, onde buscam ter maior privacidade, e claro, onde se é possível prolongar o namoro. Alguns deles realizam tais encontros na parte externa do shopping, outros marcam encontros defronte à entrada (figura 23). Também nestas saídas intercorrentes, alguns aproveitam para consumir bebidas alcoólicas[192].



Figura 23: Jovens defronte à entrada do Shopping Esmeralda - Marília.
Destaque: Geralmente marcam encontros em lugares específicos do entorno destas superfícies comerciais. Ali muitos aguardam outros amigos que estão chegando para o *rolê*.
Fonte: Foto tirada em 10/05/2014.

Embora os investimentos de visibilidade mais comum sejam aqueles que já começam em suas redes de sociabilidade, construídas para o reconhecimento e distinção entre os seus, há outra visibilidade, que tem como base o modo como os outros (comerciantes, famílias, policiais, etc.) os veem. Esta dupla característica da visibilidade logra um efeito bidirecional no conjunto de suas práticas socioespaciais,

[191] Expressão muito sugestiva, já que os jovens se abraçam e se beijam saindo praticamente com as roupas amassadas do breve encontro.
[192] Não seria uma prática comum, mas observei jovens que guardavam cuidadosamente as bebidas alcoólicas em frente ao Shopping Esmeraldas, entre os trilhos desativados de uma antiga linha férrea. Em certos períodos alguns se reuniam para repartir o conteúdo da garrafa.

pois os efeitos não são os mesmos, assim como os valores são diferentes, nos diferentes sistemas de classificações, seja entre os próprios jovens que participam do *rolê* coletivo nos espaços de consumo como na maneira que são percebidos pelos "outros". Como se verá adiante, outras redes juvenis precisam ser ainda mais hábeis, sobretudo, em suas práticas socioespaciais, para lidar com essa característica bifronte da visibilidade social.

Por isso, uma outra maneira de aprofundar a compreensão sobre as práticas socioespaciais dos jovens que organizam *rolês* para os shopping centers é trazer a questão pela perspectiva da microterritorialidade no sentido das diferenças (COSTA 2012; 2013). Pois, ainda que a identificação e a projeção de visibilidade possam configurar a essência de suas sociabilidades no shopping center, isso não quer dizer, como se viu nas suas escalas, que não sejam alvo de estigmatização, controle e monitoramento, seja no espaço público como no privado. Decerto, que não exercem uma territorialidade de exclusividade grupal ou de delimitação, mas também não podem praticar suas regras livremente, sem alguma interferência de seguranças e outras formas de exercício de controle.

São estes elementos que jogam o *rolê* coletivo dos jovens adolescentes numa luta simbólica e objetiva na cidade, quanto ao direito de estar nestes locais e de compor suas práticas socioespaciais. Em vista disso, é que os *rolês* coletivos desses jovens adolescentes, em realidade, expressam uma microterritorialidade, precisam burlar as regras, dissimular, criar táticas para exercerem a projeção de estilos e interações, em meio a câmaras de segurança e olhares de outras pessoas. Sem contar, os constrangimentos na entrada destes locais, em face da abordagem policial.

Apesar das barreiras e controles, por meio das suas práticas socioespaciais, sua microterritorialidade é muito expressiva, fazem de um espaço privado e comercial, uma esfera de sociabilidade. Seus jogos e investidas, ao ocorrerem, geralmente à margem dos olhares e monitoramentos de seguranças, talvez, possam não equivaler a uma resistência ou inconformismo do tipo "rebelde". Entretanto, provocam, em certo sentido, uma recontextualização daquilo que estas estruturas espaciais têm como previsto e intencionado. Pois os *rolês* desses jovens da periferia se servem dessa estrutura para tirar proveito para seus *rolês*, suas referências de consumo e estilo que se materializam neste espaço, mas suas práticas socioespaciais estão em desacordo com

as regras impostas. Criam uma ordem que vem de baixo ou *botton up* (PAIS, 2005; 2007).

E isso não é pouco, pois colocam os jovens da periferia, no centro da questão sobre as assimetrias nas relações espaciais e de poder na cidade. O capital espacial que produzem através das redes, escalas e territorializações, na verdade, implicam frontalmente um desconforto e enfrentamento com outros agentes na cidade. Subvertem, com suas práticas, as imposições de importantes estruturas espaciais e econômicas que se fixam no espaço urbano.

5.2. *Tudo junto e misturado: fluxos, bailes e bonde*

Quinze pra meia-noite o whats toca, chama no Pv
"Tá" com quatro amigas, estão loucas pra dar um "rolê"

Sabe o que elas quer? O perera que deve saber
Quer tomar um drink, aonde a mãe dela não vai ver

Então a gente vai lá pro baile das casinha
Então a gente vai lá pro baile do Helipa
Então a gente vai pro vermelhão mandelão
Hoje eu vou ver elas raspar a placa no chão

Chama pra marcone, onde o chicote estrala
Na dez e na quinze, Tiradentes minha quebrada
Pro Moura, Antonieta fluxo, Teotônio vilela
Chama pro Conquista, Duas pistas e o Mandela
Baile do 17, Cdd, baile da caixa
Passei no Pistão, fui parar no Vila Clara
Eliza Maria, Rua 100 e Ranjamar
Esquinão da B, São Rafael, baile da Cva
Baile do Serrão, São Remo e Tamarutaca
Pantanal, Galpão, Baile do Estaciona Trava[193].

Poucas festas na periferia são tão espontâneas, onde se vê juntos e misturados, corpos, performances, luzes, motores, sons das caixas, tudo alocado em um único local, criando um território vivo, uma aglomeração heterogênea. O *fluxo* é uma festa popular de encontro dançante, agitada e altamente propícia à imprevisibilidade de acontecimentos, uma diversão no sentido também de divergir, que, por sinal, pode ser realizada em diversos tipos de locais, embora seu formato de rua seja o que mais atrai

[193] Letra da música "fluxo de rua" de Mc Juninho Jr, a música vai destacando o circuito de lazer em torno dos vários *fluxos* da cidade

aglomeração – algo que entre os jovens que frequentam a festa seria o verdadeiro *fluxo*[194].

No *fluxo* estão os conhecidos, os desconhecidos, os caras, enfim, todo mundo concentrado num determinado local da cidade. Trata-se de um evento que foi antecipadamente programado. Todos juntos sob uma simultânea diversidade de músicas sendo tocadas, diferentes cores, códigos e situações. Onde podem consumir com avidez cervejas, narguilés, cigarros, *cair na lombra*[195], ou tomar uma dose de vodca misturada com energéticos. Território onde podem se desprender de regulações sociais repressivas e dominadoras.

É comum encontrar no *fluxo ou pancadão*[196] os chamados *bondes*, isto é, uma rede de amigos, bem conhecidos, ou *parças*, que frequentemente saem numa turma, fazendo um circuito de diversão onde está acontecendo alguma parada (outra denominação para o fluxo) na rua, ou em um pátio de posto de combustível.

Para evitar intervenções da polícia e vizinhos, o *fluxo* pode ocorrer em locais que sejam distantes, mas na própria periferia. Também é uma festa que ajuda a entender um tipo especial de sociabilidade, que se denomina *tudo junto e misturado*, pois é no *fluxo* que esta sociabilidade é mais discernível.

A origem do *fluxo* é de difícil determinação, a maior parte das referências determinam que derivou dos *bailes funk* na cidade do Rio de Janeiro nos anos de 1990[197], depois aterrissou na baixada santista e na cidade de São Paulo[198], mas pouco se sabe ainda sobre os detalhes de sua escala e das redes que viabilizaram a territorialidade desta cultura urbana nestas cidades e metrópoles. Há um certo consenso de que dos *bailes* nos morros ou nas favelas, os jovens migraram para as ruas devido ao

[194] Numa roda de jovens no bairro Octávio Rasi, Richard um dos jovens da nossa conversa, destacou "*baile é o fluxo, mas o verdadeiro fluxo é a rua*"
[195] *Largado*, *no reggae* expressões comuns sobre efeito da maconha.
[196] Esta expressão é mais utilizada para bailes fechados.
[197] Vale sugerir como ponto de origem ainda que bem distante temporalmente que foi o "Movimento Black Rio" na cidade do Rio de Janeiro já nos anos de 1970, onde aportou o funk e soul music, movimento que também se fazia nas ruas e que vem sendo redescoberto.
[198] Relato do Reginaldo (43 anos) conhecedor do rap e das influências culturais da cidade de São Paulo para o interior. Também pesquisei sites de notícias e entrevistas, por exemplo: site Vice disponível em: https://www.vice.com/pt_br/read/no-fluxo-dos-bailes-funk-de-rua-em-sao-paulo. Acesso 12/10/2015

custo barato e de poderem livremente se engajar na diversão. Somente na cidade de São Paulo, existiriam mais de uma centena de *fluxos* em ruas das periferias da cidade[199].

Em Bauru e Marília existem os *fluxos* conhecidos, alguns deles até localizados próximo as áreas centrais, e os fluxos das *quebradas*[200], em alusão aos locais fechados, casas e pátios de combustíveis, onde o breu e a paisagem desolada ajudam a camuflar estas práticas festivas. Tal como os *fluxos* das metrópoles, é visto onde se pode misturar com amigos, colegas, ouvir diferentes batidas de som, comprar bebidas, ou na base da vaquinha (cada um ajuda com uma parte do gasto), comprar várias caixas de cerveja para atravessar a madrugada. Além disso, a imprevisibilidade é em si um componente da festa, gera expectativa, pois, sempre há espaço para diferentes performances juvenis, jovens empinando motos, carros com suspensões rebaixadas, confusões, etc. Qualquer prática ou acontecimento pode se manifestar na festa.

Não ter uma experiência com estas redes na metrópole não me permite fazer comparações sobre todas as nuances que mudam do *fluxo* na metrópole ou nas cidades pesquisadas. Nas cidades que estive, a sonoridade musical não é restrita ao funk, mas se convive com jovens que escutam rap, sertanejo, reggae. Talvez seja até mais misturado que o próprio *fluxo* da metrópole, onde a multiplicidade de locais de festas permite territorialismos ou pedaços com base em estilos culturais mais definidos e dominantes.

Esta festa juvenil não é vista como uma festa oficial do bairro ou pelo poder público, mesmo nos bairros onde acontecem não tem aprovação absoluta da "comunidade". Muitos moradores reclamam da sujeira, barulho e de que seja um antro de drogas, onde muitos jovens abaixo dos 18 anos estão expostos ao alcoolismo, sem contar a exposição ao ilegal e/ou infracional.

O que confirma que a periferia, tal como descrita no capitulo 4, é cheia de dissonâncias, de muitas vozes e práticas. A ideia de "comunidade", na verdade, está mais relacionada a estratos sociais que convivem num mesmo território. Uma noção de

---

[199] Fonte: Informativo Ponte, canal de comunicação de segurança pública e direitos humanos e dados da polícia militar de São Paulo, através de um mapeamento destes encontros na cidade. Disponível: http://ponte.org/em-7-meses-6-funkeiros-sao-assassinados-em-bailes-de-sp/. Acesso em 23/04/2014.
[200] *Quebrada* é um tipo de local que tem alusão ao risco, de pertencimento ou também em referência ao bairro de origem da periferia.

valores e sentimentos vividos em comum, ainda que existam em torno de algumas festividades ou ações coletivas, não significa dizer que todos aderem com o mesmo sentimento ou aceitação àquilo que se vive em comum na periferia.

Em sua espontaneidade ou na sua forma semiorganizada, o fluxo é onde todos vão estar juntos, o que significa dizer que o bandido, a mocinha, o jovem estudante, o *funkeiro*, os jovens do sertanejo, podem estar lá, mas não é um congraçamento, um espírito de que todos estão irmanados, que apesar das diferenças todos estão em torno de alguma reconciliação[201]. Em realidade, é o poder da aglomeração que se torna central. Esta pluralidade e imprevisibilidade da festa é algo que foge do controle público, implica um espirito anárquico, libertino e pulsante no espaço público (ou mesmo quando realizado em galpões) e gera questionamentos sobre a possibilidade de se criar controles, repressões sobre essa festa.

Uma festa que não tem nada de blasé, um tempo livre para viver sob muitos estímulos, para se embriagar, se desembaraçar de muitos controles, passar um tempo sob o efeito de diversas formas de estímulos químicos e perceptivos, tudo isso, com pouco investimento financeiro.

É a disposição em se deixar levar pelo *embalo* da festa, de chegar se apresentando no tumulto, nos amassos, nas loucuras, ouvir as arrancadas das motos e os pancadões que saem das caixas de som dos carros. Mas é um espaço onde o trágico também pode estar presente, *tretas* (brigas), tiros e acidentes com carros e motos. Porém, isso e mais outras coisas constituem a alma do *fluxo*. Uma festa que estabelece um campo para se buscar visibilidades sociais, onde se afirmam demarcações territoriais, implica saltos de escalas. Em suma, exige uma construção socioespacial e que se insere numa disputa territorial na cidade.

[201] Congraçamento como no espírito carnavalesco que Roberto DaMatta (1997) descreve no clássico "Carnavais, malandros e heróis**"**, diferentes classes e estratos que vivem papéis às vezes inversos na festa.

5.2.1. Os enredamentos juvenis em torno do *fluxo*

As redes juvenis que apreciam o *fluxo* estão embaladas pela "pulsão do estar juntos" (MAFFESOLI, 1998), uma experiência com os outros, em que as formas de expressões individuais adquirem projeção na multidão. Redes diversas de jovens, vindos de diversos bairros, com diferentes projetos de diversão, cujas retículas vão se articulando e confluindo para um único local.

As mídias sociais têm um papel importante, constituem o principal recurso que possibilita a divulgação da festa. Por meio das páginas do *Facebook*, em grande parte abertas apenas para os eventos, os jovens tomam conhecimento do local da festa. Também permite para quem visita a página, não apenas curtir o evento, como mostrar interesse em participar da festa ou confirmar o comparecimento.

Assim como na própria festa, nas páginas destas mídias sociais se visualiza e se é visualizado. Num certo sentido, o jovem não desaparece na multidão, ele se projeta no momento que integra a uma ou mais redes de amizades, e cujos amigos também são pertencentes a outras redes de diversos locais da cidade. Por extensão, as possibilidades de aproximação social estão baseadas na identificação destas relações. Assim, se o jovem quer se aproximar de um outro jovem que visualizou na mídia social, seja qual for o interesse, são os amigos comuns que se transformam na ponte para esta aproximação. Ele é aceito como um novo conhecido, pois é amigo de um amigo.

Interessante que o próprio *Facebook* e talvez outras mídias sociais semelhantes, tenham incorporado o mecanismo que identifica "os amigos comuns". Em geral, estas práticas se estendem para todas as redes e microculturas juvenis, em que as redes têm sempre a tendência de intensificar o número de retículas sociais por meio destas aproximações. É nesse sentido, que no fluxo não há anonimato entre os participantes. Aliás, o anônimo é de quem se desconfia e não se conhece suas redes de contato.

O *fluxo* é um nó de diversas redes que participam da diversão na rua, não apenas pelo seu caráter quantitativo, mas pela pluralidade de estilos e filiações aos quais se agregam as diferentes redes. Jovens adolescentes podem emendar uma programação, do shopping center para um *fluxo* que está ocorrendo em alguma parte da cidade;

amigos da balada, sem opções de diversão na noite, podem resolver comparecer na festa de rua; outras redes combinam que vão levar narguilé ou cerveja e sugerem embalar este consumo no fluxo. As reticulas vão se formando e criando um elã contagiante e propagante.

Uma pergunta que poderia ser antecipada é: o *fluxo*, formado por diversas redes juvenis, permite detectar uma singularidade que lhe dê uma identidade cultural, como uma cultura ou microcultura juvenil? Uma aproximação com o carnaval de rua pode ajudar nesta questão, pois, assim como no carnaval, diferentes podem estar juntos na festa. Uma mistura de amigos, desconhecidos, blocos, todos engajados na folgança, mas que só estão ali pela folia. Não criam uma sociedade, a maioria pode não ter quase nada em comum sobre gostos. Muitos podem muito bem ser oriundos de diferentes classes sociais e regiões geográficas, estão alheios a origem de quem está na festa. Nesse sentido, o *fluxo* guarda alguma semelhança com o carnaval, como o encontro dos diferentes e o caráter popular, mas ninguém está alheio totalmente aos outros, não há máscaras e fantasias.

Desse modo, o *fluxo* é decididamente uma festa e uma cultura, onde orbita um sentido comum e partilhável de encontro, isto é, um conjunto de valores, disposições, gostos que são vividos e compartilhados pelos que se sentem atraídos pela festa, vinculando diversas redes juvenis e até microculturas. Nesse sentido, seria uma festa popular juvenil. Tenho definido o *fluxo* como uma manifestação festiva que, ao agregar diversas redes juvenis, acaba se tornando uma força rizomática muito ampla e imprevisível e com significativo impacto espacial na cidade. E é justamente esse caráter que lhe dá um sentido de encontro popular juvenil único, onde se estabelece sob diversas ramificações, sob iniciativas individuais e reticulares, que somente se concretiza como festa, enredando-se e se tornando pública no underground da cidade, recriando uma potência juvenil de caráter anárquico, sendo tecida por diversas retículas que se territorializam num mesmo local, sem nada que as oficialize.

O que é comum e atrativo para todos estes jovens, em todas as decisões de participar da festa, é o fato de que sabem que o custo é muito baixo ou quase nenhum. Podem até mesmo conseguir encontrar na rede de amigos, aqueles que compartilham sem custos uma bebida ou lanche. É uma opção barata de lazer. Neste sentido, Pablo

(19 anos e estudante universitário), um rapaz que conheci e que costumava ir na festa, foi muito enfático ao afirmar que os amigos escolhiam ir para o *fluxo*, porque ninguém tinha nada para fazer, não tinha lugar nenhum para ir, porque às vezes a maioria das *baladas* são caras. Não é algo que não dê para ir, mas às vezes nem todo mundo tem grana. O *fluxo* é uma alternativa de diversão ao alcance de qualquer um. Ou como destaca outro colaborador[202], se você chega sem grana, sempre tem um amigo que *salva* (ajuda bancar algum consumo).

Uma diversão que se constitui de uma "sociabilidade fluida" (JEOLÁS, 2013), um encontro que ocorre porque todos vão, mas que não se sabe exatamente o que vai rolar na festa e nem mesmo se irá ocorrer ou não. Portanto, é uma festa que exige atenção sobre os perigos, sempre se vai em grupo, raramente alguém é visto sozinho – um solitário na festa.

Enquanto nos *rolês para os* shopping centers a esmagadora maioria é de jovens adolescentes, os jovens que participam do *fluxo* são de diversas faixas etárias, muitos já são maiores de 18 anos e até são encontrados adultos. Mas, em geral, são jovens que têm mais autonomia e liberdade para atravessar as madrugadas na cidade.

Não muito diferente dos jovens que praticam *rolês* nos shopping centers e dos *jovens das baladas*, também os *jovens do fluxo* constroem suas redes de amigos a partir da escola e do próprio bairro, como o *bonde*, nome que se dá a uma turma de amigos que se forma no bairro (ou que se entrincheiram no bairro), que se unem para viver juntos as diversões, defender-se dos inimigos, unir-se em brigas e bebedeiras, enfim, sempre juntos e irmanados nos *rolês*. O *bonde* tem semelhança com o *crew*, que é o enturmamento próprio de *pixadores* que saem para dar *rolê* e praticar suas assinaturas na cidade.

O *bonde* é talvez o que mais se aproxima da concepção de gangue, uma vez que brigas e territorialismos, às vezes, podem ser parte de suas práticas. São solidários uns com os outros, ajudas que se dão não apenas na dimensão da diversão, mas na *vida loka*

[202] Richard jovem de 17 anos, estudante do Ensino Médio, morador do bairro Octávio Rasi, junto com outros amigos, sempre estão em uma das praças do bairro, onde se encontram com outros jovens e ficam sabendo dos acontecimentos. Costumam formar um *pedaço*, onde se reúnem e fortalecem suas redes. No dia 7 de julho de 2016, pude encontrar vários deles na praça, dali travei durante algumas horas do período da tarde uma conversa sobre o *fluxo*, tendo a participação de vários deles e com várias falas.

que levam. No *bonde*, sabem que têm sempre a mão um amigo para quebrar o galho ou pedir um favor, amigos que podem contar efetivamente para enfrentar as dificuldades, em que o grau de confiança é maior que em qualquer outra rede a qual simultaneamente pertençam. Na figura 24, temos jovens de um *bonde*, cujas fotos em grupo nas mídias sociais são comuns, pois é também uma forma de visibilidade, de avisar a força do *bonde* e de reforçar sua coesão:



Figura 24: Jovens no bairro Octávio Rasi em Bauru.
Fonte: Mídia social do *Facebook*, página pessoal. (cedida)
Acesso: em 10/09/2015

Numa das visitas num pátio de posto de combustível, onde ocorria um *fluxo* em Bauru, localizado na Avenida Duque de Caxias, uma avenida de grande circulação e de referência comercial, encontrei quase uma turma inteira de ex-alunos de uma mesma sala de aula, todos ali reunidos e com garrafas ou latas de bebidas alcoólicas, uma surpresa para os dois lados[203]. Soube que dali partiriam para uma festa junina em local próximo. Do bairro, foram para este posto e dali para a festa junina, suas escalas já tinham sido previamente definidas durante a semana. Parte do percurso foi feito de

[203] Minha primeira ida ao campo nessa pesquisa, no ano de 2013, naquele momento não sabia que aqueles encontros se denominavam *fluxo*, quase todos eram do último ano do Ensino Fundamental.

ônibus e outra parte a pé. O que chamou a atenção é que para eles, aquele *fluxo*, apesar de longe do bairro, era mais ou menos parte do seu circuito conhecido, de estar com os seus. Já a festa junina era paga, realizada numa faculdade particular, uma ambiência bem diferente do que estavam acostumados e que, portanto, justificava uma atitude menos descolada (livre).

Estratégia que também parece atravessar outras redes que vão ao *fluxo*, pois ao mesmo tempo que estão longe da visibilidade dos pais também estão distantes daqueles locais públicos e privados onde a visibilidade exige comportamentos ajustados às regras mais rígidas de comportamento e expressão. Ou seja, aprenderam a trocar ou ajustar papeis sociais de acordo com os contextos onde estão presentes (VELHO, 1994).

Em geral, o *fluxo* é mal afamado e estigmatizado, muitas vezes, é lembrado em tom depreciativo como *festa da favela*, do tráfico, onde a polícia marca tocaia. Portanto, nem todas as redes que se formam para o *fluxo* querem se tornar muito públicas, através das mídias sociais. Alguns jovens são mais discretos em dizer que vão à festa. Algo diferente em comparação com os jovens adolescentes que vão aos shopping centers e daqueles que vão as *baladas*, cujos participantes fazem questão de serem vistos associados aos locais de diversão. Justamente, por isso, as páginas do *Facebook* para o *fluxo* são provisórias, apenas existem para o momento do evento. Com exceção dos grupos fechados no *Facebook*, onde a entrada é mais difícil, sendo necessário fazer parte de redes juvenis conhecidas.

As redes que se formam para ir ao pancadão de rua ou de baile requisitam outro tipo de vitalidade e disposição, em comparação com os jovens adolescentes que vão aos shopping centers. Os *jovens do fluxo*, estão em busca de uma diversão diferente. Buscam novas experiências corporais, relacionadas ao êxtase, ebriedade, sensualidade, entre outros desejos e volúpias. Desejos que os distanciam de uma adolescência mais regulada por normas familiares, da religião ou da escola.

Outra dimensão importante para compreender o *fluxo* refere-se ao seu sentido de engajamento, movimento e aglomeração festiva. Engajamento, pois o uso das mídias sociais tem um papel importante em agregar, sinalizar para ocorrência ou não da festa, quem vai e quantas pessoas mostram interesse em comparecer. O movimento é o agito,

tem que ter música, barulho, risadas, dança, derrapada de carros, motos empinando. Mas se tiver vazio, sem aglomeração, então é uma festa parada, morta. Vale a pena citar uma entrevista de Renato Barreiros, hoje idealizador de um documentário sobre o *fluxo* na cidade de São Paulo e que vale para os fluxos observados em Bauru e Marília.

> *A verdade é que o Funk Ostentação era muito organizado. Tinham os MCs que faziam clipes, os vídeos estavam todos na internet, tinham os produtores. É um funk mais empresarialmente organizado. E os fluxos não, eles não são eventos. Nos fluxos, a galera marca pelo Facebook, aparece todo mundo lá, mas não tem um "dono" de fluxo, é uma coisa muito anárquica. Também demonstra um pouco essa coisa das redes sociais e da juventude não se organizar em sindicatos ou associações. Um cara teve a ideia, postou no Facebook, o outro curtiu, vai lá também, compartilha e eu acho que essa é a grande diferença que tem no fluxo. Eles criam muitos eventos no Facebook que bombam de gente, eles criam muitos eventos pelo WhatsApp também. O que acaba acontecendo é que o WhatsApp é o boca-a-boca de hoje em dia*[204].

O relato acima e as observações realizadas juntam-se na afirmação de que o compartilhamento através das mídias sociais é o motor central da explosão dos *fluxos* nas cidades. O uso e a competência no uso destas mídias têm forte implicação espacial, fato que se deu também pela massificação dos artefatos de comunicação digital que chegou de ponta a ponta na sociedade desde os anos 2000. Para os jovens pobres, tornaram-se um recurso não apenas informativo e de entretenimento, mas possibilitaram o ajuntamento como uma força aglomerativa de enorme impacto nas cidades, seja em espaços públicos ou nos privados.

Tudo tende a começar com algum jovem, num certo empreendedorismo que primeiro cria uma página e um grupo no *Facebook*, marca uma data, um local, outros dizem que vão comparecer, imediatamente outras mídias sociais que sustentam outras redes sociais são acessadas e a publicidade e multiplicidade aumentam em caráter exponencial. Por sua vez, aquele que deu uma curtida na página do *Facebook* e está em algum grupo do *WhatsApp*, combina e organiza durante a semana as condições de mobilidade para ir à festa.

---

[204] Entrevista para o Canal Global *Vice* disponível em: https://www.vice.com/pt_br/read/no-fluxo-dos-bailes-funk-de-rua-em-sao-paulo. Acesso 13/02/2016

O que significa dizer que o posicionamento de alguns poucos na criação de um ponto de convergência espaçotemporal através da comunicação mediada (THOMPSON, 2011) ou de uma interface digital, pode dar início a um poderoso fluxo, eficiente na organização de várias retículas territoriais, enredando todas para um único nó, com impacto socioespacial na composição de uma centralidade festiva.

As informações sobre o evento não apenas são compartilhadas entre várias centenas de destinatários, mas a informação está disponível para uma massa ainda maior de jovens que podem livremente acessar as páginas. O evento vai sendo valorizado simbolicamente, conforme aumenta as curtidas, ou aqueles que confirmam a participação, mas, como qualquer festa, também fica sujeita ao apreço ou desprezo.

Este mecanismo de compartilhamento pode funcionar de modo imprevisível, isto é, de uma festa menor acabar se tornando um *fluxo*. Richard (ex-aluno, 17 anos), relata uma experiência com a festa de seu aniversário e que ajuda a entender esse caráter aglomerativo, pois o que era para ser uma festa em sua casa, em torno de alguns amigos, se tornou um *fluxo*, ou seja, em pouco tempo tinha tanta gente que a praça em frente estava lotada, gente de todo lugar. Jovens foram avisando outros da festa, talvez sem ter outras opções naquele dia, muitos jovens fizerem daquela oportunidade, a festa de um aniversário, um local de convergência, uma multidão de jovens vindo de vários pontos da cidade.

Há outros *fluxos* que são organizados em grupos fechados no *Facebook*, onde o aceite para entrar no grupo depende de algum membro que aprova a entrada. Em geral, no grupo, é discutido sobre a necessidade de fazer aglomeração, prestigiar a festa, os acontecimentos, e onde está presente a preocupação com a polícia. A partir da formação da rede, combinam as escalas que terão que realizar para ir à festa. Por exemplo, se vão a partir do bairro, qual linha de ônibus será usada, ou se seguirão a pé. Outros já estão no bairro, basta apenas *colar* (aparecer na festa). Existem aqueles que saem das *baladas* para o *fluxo*, ou fazem do *fluxo* um *esquenta* para as *baladas*. O que os jovens chamam de *esquenta*, é uma escala prévia, uma parada antes da festa ou um show. Em geral, para os jovens pobres significa beber ou comer algo antes de ir para uma *balada*, onde o gasto com consumo será bem maior. A figura 25 traz uma chamada

para formação de um *fluxo* na área leste de Bauru, onde se observam as referências às escalas que o compõem:



Figura 25: *Fluxo da leste* Mary Dota em Bauru.
Destaque: Imagem do fluxo na Avenida Doutor Marcos de Paula Raphael
Fonte: Mídia social do Facebook - Grupo Fluxo na Leste ta de volta
Acesso: 05/12/2015- https://www.facebook.com/events/1659737590982525

Contudo, também existe uma outra variação de *fluxo*, algo semiorganizado, nesse caso, a rede que se forma está associada àqueles que têm meios ou conhecem alguém que tem aparelhagem de som. Na praça central do bairro Octávio Rasi foi feita uma festa nestes moldes, como relataram dois alunos (Jeferson e Daniel – alunos do último ano do ensino fundamental, que tornaram acessível o conhecimento do *fluxo* naquela porção da cidade). Segundo eles, um conhecido, que tinha umas caixas de som

e aparelhos, emprestou todo o material para ser feito um *pancadão* na praça. De repente, foi chegando tanta gente, cujo efeito foi multiplicado ao se avisar outros da festa que estava acontecendo. Mesmo sem muitos preparativos, a festa rolou durante a noite e adentrou a madrugada.

Indaguei sobre a vizinhança, mas disseram que não houve reclamação. Havia gente vendendo bebidas alcoólicas e refrigerantes, armazenados em isopor e venda de drogas de forma bem aberta. Não houve também intervenção policial. No relato desses jovens, deve-se supor que redes relacionadas ao crime no bairro aproveitam o *fluxo*, ou mesmo poderiam estar por trás de sua "espontaneidade", para criar uma condição de consumo e venda desse material, algo que não deveria ser descartado, uma vez que o mesmo bairro é território de uma facção criminosa conhecida.

5.2.2. Aterrissagens culturais na periferia

Antes de falar das trajetórias espaciais dos jovens em termos de escalas de movimento na cidade, é importante mencionar a interescalaridade cultural que liga os lugares e que também pode ser identificada no *fluxo*, o que também perpassa e vai valer para algumas das redes juvenis e microculturas descritas nesta pesquisa. É fato que muitas das novidades que aparecem na festa chegam das regiões metropolitanas ou se dão pelas ligações entre as periferias das metrópoles e das cidades médias. Da cidade de São Paulo, um novo costume ou artefato cultural pode aportar simultaneamente em pouco tempo em várias cidades do interior, como Bauru ou Marília, aterrissando nos bairros da periferia. O que quer dizer que aquele tempo em que centro da cidade era também o centro da vida cultural da cidade, o único lugar do novo, de lojas exclusivas, onde todos os jovens tinham que obrigatoriamente frequentar, para saber dos acontecimentos ou adquirir bens culturais, ou ter notícias do que rolava nos grandes centros, já passou. Este centro já não tem essa primazia.

E mesmo os novos centros (como os shopping centers) que emergiram nas últimas duas décadas nessas cidades também não tem a exclusividade da difusão das referências culturais. Muitos conteúdos simbólicos e produtos podem viajar,

configurando uma natureza interescalar muito mais complexa – da periferia para a periferia. Grupos que podem negociar em termos de relações externas, sob diversos meios técnicos, em que a cultura também viaja. Além disso, em termos de conteúdo simbólico, o que é centro para um determinado grupo, pode ser periférico para outros (CLIFFORD, 2000).

Mesmo a visão das novidades saltando de cidade em cidade, como algo linear, nem sempre parece ocorrer, movimentos podem ser multidirecionais, podem saltar cidades, encontrar diferentes meios técnicos de divulgação, encontrar diferentes redes de receptividade. As culturas são viajantes não somente pelo fato dos agentes em suas trajetórias e movimentos reintroduzirem outros artefatos e inovações na sua cultura de origem (CLIFFORD, 2000), mas, também, porque os conteúdos simbólicos vão viajando sob diferentes impulsos e agenciamentos, fazendo escalas e localmente se redefinindo no processo.

Do mesmo modo, a transterritorialidade cultural no espaço urbano, não é uma força difusora autônoma se derramando espacialmente, ela exige contextos técnicos e redes de sociabilidade que se articulam em determinados locais da cidade. Sem contar que, muitas vezes, o polo de origem de uma cultura urbana só vai encontrar condições de difusão e possibilidade de aterrissagem, quando em certos pontos do espaço, finalmente, são encontradas as condições socioespaciais específicas para sua ocorrência, ou seja, algumas gerações depois (TURRA NETO, 2012; 2014).

O que se observa é que os jovens das periferias podem acessar as outras periferias, pela comunicação mediada e não mediada (THOMPSON, 2011). Ainda que seja necessário, como se viu no capítulo 4, a existência de redes sociais que atualizam essas novidades no bairro ou mesmo de terminais de conexão, há, portanto, ainda o papel intermediário do espaço para estas interfaces. Contudo, o conteúdo cultural e simbólico está desencaixado. Basta acessar um canal de vídeo na internet para se ter acesso ao conteúdo cultural que surge nas periferias da cidade de São Paulo. Ou adquirir um boné *manero*, comprando por lojas online, cujos produtos têm sentido com seus microcosmos culturais.

Uma entrevista com Renan (23 anos)[205], um jovem empresário de Marília, que comercializa, por meio da plataforma online da internet, roupas e acessórios ligados a cultura *freestyle* (*skate*, hip hop, funk, *sneaker*[206] etc.), destaca que estes produtos são maciçamente consumidos por jovens de diversos bairros da periferia do país, inclusive de cidades metropolitanas. Pelo site de compras, muitos jovens encontram seus produtos, sem a necessidade de ir numa loja física, ou mesmo depender de encomendas de lojistas em suas cidades.

Como já foi dito, é difícil dizer como a festa do *fluxo* foi se aterrissando nas várias cidades do interior, mas a ponte entre periferias metropolitanas e cidades médias, ou mesmo as cidades em geral do interior onde se tem fluxo, parece indicar uma nova relação escalar, diferente de outros modelos e possibilidades vividas por gerações anteriores.

Outro exemplo interessante é que, em qualquer *fluxo* destas cidades, é possível ouvir a música ou ver a coreografia do *passinho do romano*, uma dança criada sob diversas bricolagens. Alguns vídeos e reportagens indicam a Vila Romano ou Vila Itaim, na Cidade de São Paulo, como locais de onde os *passinhos* foram sendo criados e incorporados ao *fluxo* e ao funk que, como se sabe, são festas e estilos musicais criados e redefinidos a partir da cidade do Rio de Janeiro (ainda que o próprio funk não tenha ali sua raiz original).

Um dos jovens adolescentes criadores é conhecido agora como *Fezinho Pataty* que, junto com a música que também flerta com diferentes referências e estilos musicais, foi sendo projetado em escala nacional e até além das fronteiras nacionais[207]. A brincadeira começou com uma postagem no canal de vídeos do *You Tube* e foi

---

[205] Proprietário da loja e que foi um dos pioneiros no rap no Jardim Santa Antonieta, hoje ainda patrocina eventos ligados a cultura *freestyle*. Seu armazém emprega vários jovens e curiosamente ainda mora no bairro. Uma questão interessante a ser explorada é o aspecto não somente qualitativo, mas quantitativo e econômico que se forma no circuito das periferias do país – e não somente entre as periferias da cidade.
[206] Esta microcultura nasceu com o Hip Hop, na década de 1980. Hoje é uma cultura urbana específica com maior parte de adeptos nos Estados Unidos e Europa. Exploram marcas, formas de uso e cores em relação aos tênis, um fetiche e, ao mesmo tempo, um estilo de expressão corporal que alcançou o patamar de linguagem. Fonte: Revista Digital SneakerBR.
[207] Uma destas colagens foi a inserção na música de expressões e entonações, ao que parece de natureza mulçumana e religiosa, o que atraiu antipatia de pessoas relacionados com esta religião, em face do que seria aparentemente um sinal de desrespeito.

ganhando curtidas, ao ponto que já alcançou até o momento mais de 45 milhões de visualizações.

Outros jovens começaram a emular a dança ou criar outras coreografias em cima da base original. Do canal de vídeos foi sendo compartilhado em escala ainda maior pelo *WhatsApp*, depois ganhou as mídias de notícias e programas de auditório da TV aberta, espalhando-se também pela interação quase mediada, tornando-se um conteúdo massificado nas diversas mídias.

Este exemplo mostra como uma dança elaborada em bairros da Zona Leste de São Paulo pode incorporar-se a culturas já em trânsito e aterrissar em outros bairros da periferia, em amálgama com outros conteúdos e formatos simbólicos e chegar em bairros como Octávio Rasi ou Santa Antonieta, em Bauru e Marília respectivamente. Um novo artefato cultural e simbólico que é agora absorvido no rol das práticas juvenis da periferia e se aglutina nas suas aglomerações.

Num certo sentido, as bordas da cidade, onde vivem milhares de jovens e famílias pobres, apesar de afastados e desintegrados de superiores circuitos econômicos ou de investimentos públicos, não são espaços fechados, isolados, mas abertos. Espaços de transgressão e hibridismos, onde ocorrem conexões dentro e fora, onde o que é periférico ou de mau gosto para muitos segmentos e classes, é o centro da sua cultura.

5.2.3. Escalas do *fluxo* na rua e nos bailes

Não é tarefa simples conhecer as escalas dos jovens que vão ao *fluxo*. Os problemas começam com a difusa localização destes eventos, algumas em diferentes bairros e áreas centrais, ou seja, as festas não têm local nem tempo fixos. Além do mais, para um outsider, é difícil visualizar as chamadas para as festas nas mídias sociais, visto que não participa das redes em que esta informação circula, tal como no *fluxo* que ocorreu no Jardim Helena, em Bauru[208]:

[208] Essa festa foi comunicada por um aluno do Octávio Rasi, só depois conferi a página na rede social, onde aparecia o local do *fluxo*.

> *#xaaama geral pro fluxo da zona norte vem pro baile de favela que vai ta gostosin encosta cas motoca e #xaaama no graau e os carro e o fluxo comendo solto soom liberado traz os **** #os #goro vamo para o gaspa geral de todas quebrada convidado vamo curti na disciplina sem pereco sem tumultoo #chamaa as novinha e parceiro e encosta na ultima #rua do jardim helena #geraal #encostaaa não tem hora pra acaba vamo faze verdadeiro fluxo de rua.*

Este *fluxo* da mensagem acima é o da *quebrada*. Mesmo em Marília, é comum algumas festas ocorrerem em locais de difícil acesso, onde a possibilidade de intervenção policial é menor. Para os jovens que moram em bairros distantes e que se interessam em ir à festa, há a necessidade do uso de transporte coletivo ou carona (de carro ou moto), o que implica uma rede de amigos ou um bonde, para organizarem o trajeto para a festa, assim como achar alguém motorizado.

Uma das experiências com o *fluxo* em Bauru ocorreu no dia em que houve o debacle na praça Rui Barbosa no centro tradicional, onde os jovens adolescentres que voltavam do *rolê* no shopping center tinham formado uma aglomeração. Neste dia da dispersão pela polícia, os jovens que me acompanhavam já estavam sendo avisados pelo *WhatsApp* que haveria um *fluxo*, ou seja, uma festa onde se poderia reagrupar as redes dispersas na praça. Tanto eles como outros jovens, mesmo com o debacle da praça, estavam se organizando para criar outro momento de encontro.

Esta experiência visa esclarecer que as festas do *fluxo* podem ser planejadas em tempo real, que sua localização e direção podem ser alteradas no movimento, alguém propõe, gera os avisos e mensagens, tão logo as informações se multiplicam, as redes vão se aglutinando novamente, tornando possível outro encontro. Neste dia, o *fluxo* foi ocorrer num trecho da avenida Nações Unidas – como já apresentado, uma via importante na composição dos locais de lazer na cidade.

Normalmente, em termos de localização, estes fluxos ocorrem em algumas áreas da periferia da cidade, como em bairros da Zona Leste de Bauru, como no bairro Mary Dota. Este local seria o território dos jovens da *ZL* (Zona Leste), cujo arco de bairros incluem bairros não apenas próximos, como bairros distantes como o Octávio Rasi. Mas há outros *fluxos* reunindo jovens da Zona Norte, Oeste e Sul, sem existir aparentemente algum territorialismo predominante de algum grupo.

Os bailes em locais alugados e gerenciados constituem outro tipo de *fluxo*, onde, ao contrário da espontaneidade do *fluxo de rua*, têm uma organização mais para fins comerciais e onde pode aparecer um cantor de funk, ou se ter assistência musical de um DJ. Contudo, são festas clandestinas, não adquirem alvará para funcionar, não é vedada a entrada de menores de idade. A princípio, com 5 ou 10 reais se pode entrar e consumir (figura 26).



Figura 26: Cartaz de um baile no bairro (antiga favela) do Ferradura Mirim Zona Leste de Bauru
Destaque: Preço baixo, publicidade de bebidas, além da oferta de segurança: *pode vim sem medo*. Apesar das mídias sociais terem papel central na divulgação, os tradicionais cartazes ainda têm importância na divulgação das festas.
Fonte: Foto tirada na praça onde encontrei com jovens do Octávio Rasil numa conversa em torno do fluxo
Data: 07/07/2016

Tal como se mostra no cartaz, as meninas pagam menos ou mesmo não pagam a entrada até certos horários, tornando evidente a diferença de gênero, o que não é exclusivo dos bailes na periferia, mas também em outras festas e *baladas* que buscam

atingir outros estratos sociais[209]. Thais[210] que organiza bailes de *repúblicas*, destaca no seu relato que a possibilidade de as meninas estarem presentes é uma das condições fundamentais para sucesso da festa e gerar público, o que parece sugerir a importância de se criar neste caso, um contexto de sociabilidade heteroerótico, calcada numa percepção de masculinidade inscrita pelo desejo de conquista e eventuais ganhos de uma aproximação, como enlaces, *amassos* e posteriores intercursos sexuais. Outra justificativa, e que acaba sendo complementar àquela, está na concepção de que os meninos são os que mais gastam em bebidas nas festas, daí a importância de aumentar os "atrativos", e é nisso que as meninas acabam sendo consideradas como um "produto" que, embora nem sempre tragam benefícios econômicos diretos aos organizadores e empresários das *baladas*, é o que permite atingir resultados esperados de consumo e publicidade da festa. Aspectos que apontam que as assimetrias relacionadas ao gênero atravessam diversos segmentos e classes sociais em torno das suas modalidades de festas.

Os bailes também podem ocorrer em qualquer local que tenha condições para a festa, por isso é um *fluxo* com certa itinerância. Em Bauru, como em Marília, parecem ter sofrido uma tendência de começarem se instalando nos centros tradicionais, ou próximos a estes locais, para depois se deslocarem para as periferias, em *house parties* (também chamadas de *HP*, casas comuns alugadas para festas), ou em barracões fora do adensamento urbano. Os locais de *bailes funk* observados mostram uma característica espacial comum, acontecem em locais menos luminosos, frequentemente ermos, com instalações improvisadas, como antigos prédios, galpões, salões cujas fachadas são bastantes simples, nada semelhante ao estilo padronizado em relação as boates mais luxuosas e badaladas nestas cidades.

Além disso, quanto mais longe de vizinhança melhor. Num trecho de uma entrevista, é revelada esta estratégia espacial. Perguntei para o Leonardo (18 anos, estudante e organizador de festas) sobre quais seriam os melhores locais para

[209] No caso de Bauru, o PROCON da cidade busca coibir através da proibição para que as casas noturnas da cidade façam cobranças diferenciadas pelo sexo por considerar a prática uma violação ao princípio de isonomia, especificado no artigo 5º da Constituição Federal, que garante igualdade a todos perante a lei.
[210] Informações obtidas por conversas e uma entrevista formal com a Thais (21 anos), ex-aluna, atualmente estudante de curso de graduação da UNESP - 16/09/2014.

realizarem estes bailes. Ele foi enfático em dizer que eram as áreas desérticas. Porque normalmente estas festas duram a noite inteira e sempre tem vizinhos. Então, quanto mais isolado melhor. Num certo sentido, para os jovens construírem suas escalas para a festa, o local e a distância são os aspectos mais determinantes que a preocupação com o gasto econômico e consumo.

Outra característica é a transitoriedade da vida destes bailes e *fluxos*. Os bailes que ocorriam nestes salões e que foram observados no começo da pesquisa, hoje não mais existem. Em Bauru, no centro tradicional, encontrava-se "a Mix" e em Marília, era conhecida a boate "Center Night". Particularmente a boate "Center Night" poderia ser definida – e de fato o foi pelo moto taxista que colaborou na identificação desta boate – , como uma verdadeira *quebrada*, tanto pela presença maior da penumbra, causada pela falta de maior iluminação, como pela pouca circulação de pessoas e carros na rua, mas, sobretudo, pelo estigma de um lugar para se ter cuidado, onde somente com o contato das redes de amigos e conhecidos que costumam frequentar o local se tem garantia de segurança.

Desse modo, em algumas festas na *quebrada*, seria aconselhável, segundo os colaboradores da pesquisa, certa habilidade social para frequentar, como ser conhecido dos *manos*, ou seja, ter proximidade com as redes juvenis que estão acostumadas com o *pancadão* e com as regras de convivência nestes locais, para não ser confundido com uma autoridade ou um *x9* (alguém que denúncia e colabora com a polícia).

Um *fluxo* neste estilo é o que acontece na Zona Oeste de Bauru, o *fluxo do Jaraguá*, onde ocorreria de domínio de alguns grupos. Portanto, as escalas que são feitas pelos jovens levam em conta que a todo instante há mudanças de locais de festas e algumas exigem maiores informações, como identificar se determinada festa faz parte do território de algum grupo. Jovens que têm que atravessar vários bairros, contornar outros ou ainda pararem no centro para conseguirem chegar aos locais de evento. E chegando à festa, não há garantias que não haverá intervenções, como da polícia, ou que não se vai encontrar grupos rivais e haver estranhamentos. Por isso, é possível encontrar reportagens de *fluxos* em outras cidades do interior, onde foram noticiadas mortes de jovens, em face de *bondes* rivais que se encontram ou em decorrência de redes do crime que se infiltram nestas festas.

Em Bauru isso não é diferente, visto que já ocorreram homicídios em *fluxos* na cidade. Isso também explica a intervenção policial, comparecendo antes do próprio início da festa, dificultado a aglomeração, ou dispersando os jovens.

No primeiro baile funk organizado por Leonardo e seus amigos, no bairro Aimorés, perto do bairro Octávio Rasi, aconteceu um homicídio na porta de entrada. Leonardo foi o primeiro jovem que entrevistei para esta pesquisa, em 2013. Ele estava começando como organizador de eventos e a festa no bairro Aimorés tinha sido a primeira que ele e outros amigos realizaram.

Para as forças policiais, a única estratégia praticada é a completa eliminação da festa, sendo que a regra é dispersar a aglomeração, muitas vezes se antecipando ao evento. Interessante que, como mostrei, mesmo com a dispersão, os jovens, em tempo real, podem criar outra festa e camuflar ainda mais os avisos e a chamada do *fluxo*, dificultando o trabalho de vigilância policial. O que também revela o poder destes jovens de construir seus circuitos de diversão sob diferentes riscos e repressões.

Ainda na entrevista com Leonardo foi sendo descortinado como estas festas na periferia não eram simplesmente episódicas, mas estavam compondo um circuito de lazer e negócio numa abrangência espacial e quantitativa maior que outros tipos de festas em períodos anteriores.

Em termos espaciais, no sentido da transposição de escalas, um aspecto importante aqui é que o *fluxo* fortalece o encontro entre as periferias, um espaço agenciado por jovens e suas práticas, mas que ocorre constituindo um circuito de lazer entre periferias. Este ponto não é novo, como visto no capítulo 3, o movimento hip hop foi o primeiro a criar esse circuito entre bairros pobres, no começo dos anos de 1990, com a itinerância dos grupos e com algum apoio do poder público. Mas nos *fluxos*, ainda não se tem essas formas de apoio, publicidade comercial ou mesmo aprovação dos próprios moradores do bairro.

As enredações sociais e as escalas construídas pelos jovens permitem que o *fluxo* seja uma festa de caráter misto e aglomerativo. Um estar junto, que ocorre por meio de uma festa espontânea, sem identidade unívoca, sem controle (afora o baile), onde os jovens esperam a quebra de uma rotina. Pallarés e Feixa (2000) também confirmam que,

na atualidade, os jovens, cada vez mais, querem estar onde há multidão. Buscam estar com outros jovens, ignoram ou têm repulsa por espaços vazios, o que poderia indicar, segundo aqueles autores, uma força gregária juvenil.

Mas penso que essa força gregária não é ainda bem compreendida ou deixada de lado, como tento descrever, que, na verdade, a aglomeração formada é um elemento territorial, uma estratégia para demarcar seu campo de ação, criar conteúdo e, entre outros diversos agenciamentos, são estratégias espaciais (ainda que espontâneas e anárquicas) que estes jovens constroem e que além da diversão, atinge a dimensão da divergência e dissimilação. Em realidade, estas aglomerações, antes de serem um ponto de atração, precisam ser criadas ou tramadas pelos próprios jovens.

5.2.4. Territorialidade e as microterritorialidades na festa do *fluxo*

O *fluxo* também demarca formas diversas de microterritorialidades, no sentido das práticas e modalidades de diversão e visibilidades no interior da festa. Todos são potenciais atores a compor coreografias distintas e distintivas. O menino do carro rebaixado, as meninas da Zona Sul, o cara do tráfico, os meninos que imitam o *passinho do romano*, aqueles que ficam balançando e cheirando *garrafinhas* de lança-perfume, enfim, mesmo os simples expectadores, dão peso ao *fluxo*, reforçam a diversão e aglomeração. Na festa da rua, do baile ou mesmo num pátio de posto de combustíveis, diferentes modos de territorialidade estão acontecendo simultaneamente. Cada um com suas disposições, demarcando um local, produzindo uma performance.

Alguns dentre estes jovens também têm uma posição social de destaque, gozam de respeito entre as pessoas do bairro, são jovens que, segundo alguns colaboradores, relacionam-se com o *pessoal dos comandos ou disciplina*[211], há também jovens que aproveitam a festa para vender bebidas e outros produtos, até barracas de lanches podem aparecer. Em geral, este *juntos e misturados* no mesmo local é um ajuntamento múltiplo de diferentes redes juvenis que curtem o formato da festa, o que não significa

[211] Os termos *comando* e *disciplina* são referências a jovens e adultos relacionados ao tráfico, ao crime e aos negócios ilícitos que têm uma base territorial no bairro.

que renunciam a seus próprios jogos, individualidades e identificações que trazem para a festa.

No *fluxo* (e em graus variados como outras festas) estão presentes diferentes jogos de interação, aparentemente parece reinar uma grande confusão de gente, mas, em meio à festa, microterritorialidades estão sendo definidas. Um olhar menos familiar, pode ter a impressão de que todos na festa parecem indiferentes um com o outro. Na festa existem várias *rodinhas*, além do entra e sai de jovens durante a festa, mas nada está sendo ignorado, cada rodinha não ignora as outras, todos, na verdade, estão cientes de quem está próximo ou quem chega.

Nessa aparente mistura festiva é que se pode sutilmente perceber aquilo que Erving Goffman (2010) chamou de "desatenção civil", ou seja, comportamentos de indiferença que não enunciam descaso, mas um breve reconhecimento. Por isso, sutis assentimentos com a cabeça, olhadelas de relance, sem fixar diretamente os olhos, são parte das regras de convivência, sinais de respeito que, embora o jovem ou a jovem não esteja na interação focada, diz algo como: "eu te percebo e não tenho nada contra você", uma relação de estima mútua, embora desfocada.

A indiferença não funciona nestes casos como uma forma de afastamento, rebaixamento ou constrangimento social, em realidade, em meio aos sons, fluxo e tantos estímulos é uma interação desfocada, mas de muita importância para a convivência na festa. Um olhar "esquisito", uma duradoura fixação de olhar, sai do campo da indiferença para o campo da atenção focada, em que a jovem ou o jovem pode querer tirar satisfações.

Como se disse anteriormente, um olhar de longe pode dar a impressão que estão todos grudados, como em algumas festas populares de rua, mas no *fluxo* existe os distanciamentos físicos e quando isso não ocorre, rápidas encaradas de olhares estabelecem correções na preservação das distâncias físicas, por isso, os esbarrões também podem ser mal interpretados, ninguém cruza uma *rodinha* sem oferecer uma consideração.

Os *fluxos* também são tempos e espaço de ostentação e hierarquização social. Os carros em especial têm um poder de atração simbólica[212], exercem fascínio e também comunicam limites territoriais. Em torno deles as rodas de conversa são estabelecidas, seus proprietários se tornam populares. Alguns são modificados (tunados), outros têm som automotivo, abrem seus porta malas e portas laterais para deixar fluir o som das batidas da música, outros são carros de *playboy*, que chamam atenção dos presentes na festa.

No *fluxo* às vezes é difícil fazer distinção musical do que é tocado. São vários os carros e várias as músicas. Contudo, a sonoridade múltipla e difusa é parte importante na construção desta ambiência juvenil e na "geração de sensações" (JEOLÁS, 2015), ou mesmo com um "polo gregário", como destacou Pais (2003), com função de uma "integração geracional" e que tem que fazer parte do conteúdo da festa. A sonoridade também enuncia a ocupação do espaço público, um marcador territorial. Os carros tocam uma variedade de estilos musicais (funk, sertanejo, pop etc.), inclusive, é um tanto comum o surgimento de uma disputa dissimulada pelo carro que toca o som mais alto. Outros sentam nos capôs ou encostam neles para ver o movimento, o agito, as músicas, as novidades que vão se seguindo, conforme a noite vai transcorrendo.

Dentro deste consumo musical no *fluxo*, alguns estilos ajudam a criar o clima da festa, como é o caso do funk. As letras são do seu universo comum, reconhecem-se nas histórias cantadas ou com elas se identificam. Ao contrário da maior parte das letras de rap, que falam da vida social e das dificuldades de se viver na periferia, o funk, geralmente, traduz outra compreensão da realidade. Está mais voltado aos prazeres sensuais. Mas existem diversas formas de funk, algumas vertentes exaltam comandos do crime, falam das festas, das *quebradas*... muitas destas músicas sublimam a vida afastada da escassez, pousadas nos lucros simbólicos do consumo. Já outras músicas reproduzem em suas letras uma sexualidade que se apoia numa dominação masculina baseada na jactância sexual, dominação/submissão da mulher, ou apelam para letras

[212] Vale a pena a citação de Lefebvre (1991, p. 111) a respeito de como o automóvel está além de um objeto material: "O veículo automóvel não se reduz a um objeto material dotado de uma certa tecnicidade, meio e lugar socioeconômico, portador de exigências e de pressões. O automóvel dá lugar ás hierarquias: a hierarquia perceptível e sensível (tamanho, potência, preço) e se desdobra numa hierarquia mais complexa e mais sutil, a das performances".

carregadas de sentidos pejorativos, onde o obsceno se torna trivial. Neste caso, o conteúdo musical pode ser ampliado em termos de conteúdo simbólico, onde se pode descobrir nessas redes o que se é mais valorizado em termos de ética, em como a mulher tende a ser representada, na importância de certos consumos, entre outros aspectos de suas sociabilidades.

É preciso destacar que os jovens *funkeiros* formam outras tantas redes juvenis que se diferenciam a partir da mesma raiz de gênero musical e de consumo na periferia, mas, em geral, fora de suas redes sociais, são vistos com desapreço, pelo mau gosto musical e pelo sensualismo exagerado e vulgar. Similarmente, também, são atingidos pelo desprezo os jovens do novo sertanejo, cujas músicas de duplo sentido também focam na ostentação, nos prazeres da vida, em carros, festas e na farra.

Tanto o sertanejo, quanto o funk e outros estilos musicais (inclusive pagode) que fazem parte do *fluxo*, todos revelam uma estética do gosto muito discrepante de outros tipos de gostos alimentados e de certa forma legitimados e valorizados por outras classes e segmentos sociais.

Ao contrário de uma estética sofisticada em torno da "forma", no *fluxo* se ouve músicas de "conteúdo" popular e sobre o cotidiano[213]. Paira sobre a festa, e, consequentemente, sobre os jovens com seus gostos, uma classificação do gosto estético, que atua na interpretação do *fluxo* como uma festa da "baixa cultura", uma distinção também impregnada de divergência sociocultural. Ainda que as letras destas músicas sejam eivadas de apologias ao crime ou gerem debates sobre os valores morais e sexualidade, ser *jovem funkeiro*, por exemplo, já carrega em si um estigma baseado na distinção de gosto. Não escapa ao julgamento estético e ao mesmo tempo social.

Contudo, entre as músicas do gênero funk, existem aquelas que carregam ironias, bricolagens com ídolos, situações e outros estilos musicais, que possibilitam criar performances dançantes, como o *quadradinho de 8* ou o famoso *passinho do romano*, cujas coreografias têm alma no improviso e na ideia de descontrole. Ou danças

[213] Dentro de uma certa ideologia de distinção, a alta cultura, em contraste com a baixa cultura, privilegia a forma, a alma, a sensibilidade estética que se desconecta das sensações corpóreas, do conteúdo e da vulgaridade do popular e grosseiro. Gosto e formas de consumo separam e distinguem, uma distinção também de fundo socioeconômico e que tende a ser naturalizada (SOUZA, 2003; BOURDIEU, 2007).

que favorecem abusar da sensualidade, em que as meninas, com seus rebolados e quebras de quadris, granjeiam visibilidade nas rodas do baile ou *fluxo*. Num dos *fluxos* observados[214], basta simplesmente a música liberar suas batidas que surge um menino ou menina que pode protagonizar uma cena solo de dança.

Como já observado por Jeolás (2013) em microculturas e redes juvenis semelhantes, a sonoridade, as batidas acabam por ser uma espécie de contraposição às formas de controle, tal como na dança, no *passinho do romano*, a música aparece como forma de romper controles, sentir um clima de transgressão, de libertação. O *passinho* das meninas e meninos vai seguindo o ritmo dos ecos, das repetições e paradinhas da própria música. Músicas formadas com recortes de letras, entradas, mixagens e batidas, o que criam uma atmosfera preenchida de sonoridade constante, que marca o ritmo da festa. Nesse sentido, a sonoridade difusa nestas festas também coopera na produção de um espaço de ambientação divergente em comparação aos usos e rotinas do que se percebe regularmente nestas ruas.

Muitos jovens na festa também consomem narguilé, sentados nas calçadas ou nos carros. Misturam diversas essências para *ficarem na brisa* (sensação de torpor, letargia). As batidas musicais, assim como as bebidas, agem no sentido de liberar diversas sensações, diminuição dos controles internos, o que ajuda a entrar nos jogos da festa a paquera, a dança, a competição de som, entre outras práticas que provocam sensações diferentes do que costumam ter nos espaços regulados.

Nesta produção de sensações, sentem-se altamente descontraídos. A todo momento buscam potencializar ainda mais as possibilidades de torpor e/ou ebriedade. Por isso, fazem diversas misturas de bebidas, energéticos, muitos conseguem comprar nos postos de combustível uísque para ser misturado com energéticos, ou vodca. As jovens são consumidoras dessas bebidas e misturas, quase que no mesmo nível de consumo dos garotos. O alto consumo alcoólico no *fluxo* mostra que estas redes juvenis também foram afetadas pela penetração das grandes cadeias de distribuição de bebidas alcoólicas nestas cidades médias e com alcance na periferia. Consumo e

[214] Os *fluxos da leste,* no Mary Dota, em Bauru, onde jovens do bairro Octávio Rasi frequentavam, foram foco das duas observações.

publicidade em festas que já haviam surgido, como visto no capítulo 3, fortemente nos anos de 1990, nestas cidades.

Em realidade, não apenas estes produtos estão em toda parte, mas se tornaram acessíveis sob diferentes formas. Cervejas em latas, garrafas médias, pequenas, litro. Assim como uma enorme variedade de marcas populares muito baratas, ofertadas nas redes de supermercados. Em todos os bairros observados, os jovens têm ampla facilidade para comprar e consumir, em grande quantidade, essas bebidas. São encontradas nos botecos, lojas de bebidas 24 horas, minimercados, posto de combustíveis e lanchonetes.

Essa grande oferta alcoólica tem diversos públicos alvos, mas sobretudo os jovens. Uma indústria que não encontra nenhum controle regulatório. Em realidade, durante as últimas décadas, houve, outrossim, uma política liberatória, uma prioridade baixa do Estado em relação a redução do consumo nocivo do álcool (GARCIA; FREITAS, 2015).

Por outro lado, a indústria da bebida alcoólica tem se apoiado nos valores do mercado e de fortes campanhas publicitárias, que se sobrepõe as miúdas políticas de saúde pública. Há evidências de que o marketing alcoólico tenha se intensificado, com o uso de cartazes e outdoors, em regiões habitadas por minorias ou mais pobres, como também estudos que correlacionam o efeito da publicidade no aumento do consumo alcoólico entre os jovens, como mostra a revisão da literatura de Pinsky; El Jundi (2008). Nos bairros pesquisados, é comum notar que os jovens menores de 18 anos compram estas bebidas sem nenhuma restrição dos estabelecimentos. Em geral, no *fluxo* e mesmo em festas em chácaras, costumam comprar em grandes quantidades, é difícil achar alguma festa juvenil entre as redes aqui estudadas em que o consumo de álcool não tenha importância (embora no *rolê* coletivo dos jovens adolescentes isto é menos presente).

Além de ruas e praças, outro local de encontro onde se forma o *fluxo* são os postos de combustível. Um tipo de justaposição e aglomeração que se forma entre áreas de comércio e serviço com espaços de sociabilidade juvenil. Nestes pátios abertos ao estacionamento de carros e ao trânsito daqueles que abastecem, a territorialidade se faz pelo uso do local para reunir amigos, escutar música, comprar e consumir bebidas, além

de acompanhar o movimento e buscar visibilidade. Pablo destaca a razão para frequentar estes postos à noite:

> *(...) o esquema é você parar no estacionamento, normalmente tem uma área de estacionar lá, para bastante carro, cada um compra a sua bebida, aí ficam vários grupos de pessoas bebendo, curtindo um som. É barato porque na casa noturna tem que gastar tanto, isso, não gasta tanto, estão várias pessoas ali, vai a namorada também. Aí fica tudo conversando lá, sossegadinho.*

O fato de não ter custo para estacionar o carro acaba sendo uma estratégia dos próprios postos de combustível, pois as aglomerações atraem o consumo de bebidas em grande quantidade. Numa conversa com um proprietário de um destes postos em Marília, na Avenida Tiradentes, ele destaca que o *fluxo* de jovens para o posto começou espontaneamente durante a noite e o consumo na loja de conveniência foi aumentado. Em alguns fins de semana, eram tantos carros e jovens que mal se podia parar para abastecer. As vendas durante a noite começaram a ultrapassar as vendas de outros períodos. O proprietário ampliou o espaço construído com galerias de lojas voltadas ao público jovem. Numa destas galerias se instalou um bar que criou um ambiente permanente de música, com ampliação do consumo alcoólico aos finais de semana.

Contudo, os *fluxos* nos postos de combustível podem adquirir má reputação, apesar dos esforços de alguns jovens ou redes em tentar assegurar uma festa pacífica. Este mesmo posto em Marília, já durante as observações em 2014, começou a ter problemas com confusões, alguns jovens que atiravam garrafas na avenida e reclamação da vizinhança, além da constante intervenção policial, o que fez com que o posto passasse a evitar o *fluxo*, inclusive fechando o bar que funcionava à noite.

Outros elementos concorrem para tornar o *fluxo* uma festa malvista. Alguns destes postos atraem outras redes juvenis que têm práticas de risco, como os *rachadores*, que buscam, através da automobilização, intensificar suas sensações com as corridas de carros em vias públicas (JEOLÁS,2015). Jovens do bairro Santa Antonieta, que passei a ter mais contato, frequentavam como mais regularidade os postos da área central (estes postos serão destacados quando falar do *low* em Marília) e um outro na rodovia de acesso ao bairro, cujos *rachas* de automóveis eram comuns e parte das atrações do *fluxo*. Nos dois postos de combustível próximos, o *fluxo* rolava até altas

horas, mas com o tempo começou a ficar permeado de confusões, *rachas* e constantes abordagens policiais[215].

Outro posto observado que se tornou de má fama, mas agora em Bauru, e que foi ativo no *fluxo* durante muito tempo, estava localizado no eixo de lazer da avenida Duque de Caxias, cujo trecho contrastava com outras partes da avenida mais próxima de outros núcleos de diversão noturna, mais luminosas e visíveis. O amplo pátio, facilidade de acesso e constantes ofertas no preço das bebidas ajudaram a tornar este posto um ponto de aglomeração de jovens. Os *rachas* também aconteciam, tanto de carros como de motos, o que atraía a atenção de todos. Alguns destes *rachas* trouxeram consequências mórbidas, em torno do fluxo neste posto, chegando a falecer mais de um jovem em decorrência de acidentes com carros em alta velocidade, além de motoristas alcoolizados[216]. Houveram também homicídios no local, que poderiam estar relacionados a acertos de contas, ou mesmo diferenças pessoais. Naturalmente, as intervenções da polícia foram aumentadas no posto, com apreensões e dispersão do *fluxo*.

A presença de policiamento também se devia às constantes chamadas de moradores da vizinhança, que se sentiam incomodados com o som alto dos carros. Geralmente, a festa prosseguia, mesmo após a saída da polícia, atravessando as altas horas da madrugada, com aglomeração aumentada em decorrência da saída de jovens de casas noturnas ou de outras festas que ali passavam a fazer um último point dos seus circuitos de diversão. Muitos jovens ainda ficavam até as primeiras horas da manhã, bebendo, alguns sentados na calçada. A sujeira também era grande, latas e garrafas espalhadas pelas calçadas em torno do posto. Em face destas ocorrências funestas e das confusões, o local passou a ser conhecido como *posto da morte*.

---

[215] Não consegui entrevistar autoridades policias nas duas cidades, mas pelas entrevistas e conversas parece ter havido nestes últimos anos uma preocupação em restringir os *fluxos* nestes postos, sobretudo, das áreas centrais.

[216] Algumas das reportagens ainda podem ser encontradas sobre as mortes trágicas neste local: Disponível em: http://www.jcnet.com.br/Policia/2012/04/imprudencia-e-sofrimento-nova-tragedia-na-duque-mata-3-jovens.html. Acesso em 14/02/2013. Outro site, disponível em: http://www.jcnet.com.br/Policia/2012/04/quadra-26-da-avenida-palco-da-do.html. Acesso em 15/11/2015

Os exemplos citados são casos limites que chamaram atenção pelos desvios, mas há outros postos onde o *fluxo*[217] apresenta uma tranquilidade mais reinante. Tanto em Marília como em Bauru, muitos jovens buscam justamente postos que sejam mais calmos, sabem que onde há confusão também há polícia, e que pode ocorrer apreensão de carros e motos, por isso, como se verá com a microcultura do *low*, a escolha dos postos e a necessidade de se assegurar uma certa tranquilidade é motivo de negociação constante para se permitir a fruição do lazer sem maiores problemas e riscos.

Outra modalidade de *fluxo* se dá nas *HPs (house parties)*, comum em Bauru, segundo Lucas (um colaborador que também ajudou na observação dos *rolês* nos shopping centers). Neste *fluxo* há uma relação muito estreita entre oferta de espaço e oferta de drogas e bebidas (que se reforçam mutuamente)[218], no sentido de que um traficante pode ser aquele que patrocina ou é o organizador da festa, embora muitas vezes sejam festas realizadas em casas de jovens sem ligação com o tráfico ou agenciado por jovens que se transformam em organizadores de festas.

Estes fluxos ou bailes têm o mesmo público da rua, embora nas casas exista a cobrança de entrada – cujo valor é praticamente simbólico. Outro elemento destas festas são os MCs do funk, que podem vir de grandes centros e fazerem da festa um show musical. Outras festas misturam sertanejo, pagode e funk, obtendo não apenas um público mais diversificado, como assegura a lotação da casa. Outra oportunidade para ocorrer o *tudo mundo junto e misturado*.

As festas do *fluxo* fazem pensar nas diferentes expressividades performativas da juventude, de preferirem o movimento e espontaneidade, inventando diferentes formas de expressar seus desejos e energias, muitas vezes em total desacordo com as regras do espaço regulado, com a institucionalização oficial, quebrando os movimentos ordenados da lógica rotineira da cidade, como afirmam autores como Pais (2005) e Feixa (1998), por exemplo, quando salientam que as muitas manifestações juvenis

[217] Em Marília postos da avenida Rio Branco abrigam esse *fluxo* mais sossegado. Em Bauru alguns postos na Avenida Getúlio Vargas são ainda hoje considerados como um *fluxo maneiro*.
[218] Leonardo que foi um colaborador importante desta pesquisa e que também é um organizador destes bailes, destaca que algumas *HPs* podem eventualmente serem uma extensão territorial do comércio de tráfico de drogas.

(grafites, festas, diversão juvenil), em geral, ressignificam espaços públicos, em termos de uso e conteúdo popular.

Porém, essa "ressignificação" é ambígua e, no caso do *fluxo*, é também transgressão (ou pelo menos vem se tornando), diante da normativa legalidade. Um novo tipo de contravenção juvenil. Ou ainda, de forma paradoxal, uma manifestação popular, sem ser tão "popular". No caso do uso dos espaços públicos, ocorre, na verdade, uma apropriação territorial, um tipo de ocupação que demarca exclusividade e pode restringir o acesso a outros grupos sociais/etários. No caso do *fluxo* de rua, o trecho de rua da festa é fechado, carros não mais conseguem atravessar, mesmo a iluminação pode ser quebrada, os vizinhos que não gostam da festa são ignorados; barulho, sujeira, ilícitos, além da dificuldade em transitar na rua são também elementos da festa. O que demonstra que o *fluxo*, como festa popular, território e microterritorialidades construídas por suas redes, pode ser também impopular na própria periferia. Contudo, existem os "meios termos", as negociações, os bons-sensos, que ainda não estão totalmente riscados do campo de possibilidade política (figura 27).



24/01/2015 07:00 - **Geral**

Prefeitura e PM discutem 'Fluxo'

G+1 0 Tweetar Compartilhar 1

O prefeito Rodrigo Agostinho e o vereador Markinho da Diversidade se reuniram, a pedido do parlamentar, ontem, para discutir segurança no encontro de jovens denominado Fluxo, que está acontecendo na rua Amadeu Cavalieri, Mary Dota, aos finais de semana. Participaram a Polícia Militar, secretários Valcirlei da Silva (Semma); Elson Reis (Cultura); Darlene Tendolo (Bem-Estar) e o presidente da Emdurb, Nico Mondelli, além de técnicos municipais e representantes dos jovens. Foram temas as questões sobre o uso de álcool e droga e também o projeto de revitalização da lagoa da Quinta da Bela Olinda, que fica perto do local do encontro. Uma nova reunião está marcada para esta terça-feira, 27/1, às 9h30, na Sebes: avenida Alfredo Maia, quadra 1.

Figura 27: *Fluxo da leste* em Bauru.
Destaque: Prefeito, vereador e polícia discutem os problemas sociais relacionados ao *fluxo*.
Fonte: Mídia social do Facebook - Reportagem do "Jornal da Cidade"
Acesso:22/04/2016- goo.gl/KSLd58

Tendo em vista outras manifestações juvenis do passado na periferia, o *fluxo* pode encontrar, como foi para o rap e outras microculturas, o caminho da parcial institucionalização, a conformação às regras e aos locais determinados pelo poder municipal (como as discussões de transferir os *rolês* coletivos organizados pelos jovens adolescentes para os rolódromos afastados dos shopping centers na Cidade de São Paulo). O *fluxo* não escapa do campo de lutas e das negociações entre agentes e poderes.

Por isso, ainda que não absolutamente conscientes, os agentes e redes juvenis que constroem o *fluxo* tocam na velha questão sobre de quem é o "pedaço"?[219] Uma questão que é ao mesmo tempo contraditória, afinal, o "pedaço" (espaço público) é coletivo em qual sentido prático? Quais as esferas sociais têm legitimidade e poder para interferir sobre o espaço público? O povo? Todas as abstrações se perdem diante da constatação a qual está exposta qualquer citadino, que o espaço público, na verdade, é um território de luta, de negociações que, a todo instante, está sendo disputado, não é dado, mas contestado e questionado quanto ao seu uso e forma de ocupação.

A festa do *fluxo*, num certo sentido, não deixa de ser uma contestação territorial e expressão da urgência de espaços juvenis para o lazer, mas é também um reflexo do movimento que faz com que, a todo momento, novos agentes sociais, com diferentes sociabilidades e formas de consumo entrem em cena, quando as instâncias de convívio não estão instaladas ou são estranhas, ou ainda, confunde-se a cidade política (dialógica) com a política da cidade (normativa).

Penso que o *fluxo*, as festas e outras produções socioespaciais juvenis são, no âmbito do cotidiano, algo que também se dá no movimento e como múltiplo na cidade, sobretudo, multiplicidade que se expressa no espaço público. Um espaço também definido como produto das ações, onde os tempos, usos e apropriações fazem dele um lugar da coletividade. De toda maneira, a questão do espaço público permanece, que é tentativa de conciliar uma política que quer predefini-lo e aquilo que se dá a posteriori, nos seus usos e apropriações pelos agentes sociais.

---

[219] O que lembra a obra de Armando Corrêa da Silva. De quem é o pedaço? Espaço e Cultura. São Paulo: Hucitec, 1986.

5.2.5. Consumo e as construções de visibilidade social na festa do *fluxo*

O *fluxo* acaba sendo uma "região"[220] mais ou menos cinzenta. Poucos são os jovens que postam fotos dizendo que estão na festa, ou mesmo usam estas imagens para buscar visibilidade social perante jovens de outras redes ou mesmo nas mídias sociais. Embora a concorrência por visibilidade na festa exista em tons fortes, ela se projeta predominantemente entre aqueles que participam e das redes juvenis que estão coligadas à festa.

Começo com a parte de uma entrevista, que possibilita adentrar na dimensão da visibilidade na diversão do *fluxo*: O que te chamou atenção para se envolver com essa atividade, estar envolvido com bailes, *hp (house parties)*, funk, essa coisa toda? Leonardo: *Olha, sempre gostei bastante de música, mas o que me deu vontade mesmo de saber e trabalhar nessa área... foi ficar conhecido... sabe... a fama mesmo*. Como na maior parte das redes juvenis da periferia, não é possível tocar na diversão sem tocar na distinção, no jogo de posições sociais construídas no tempo livre.

Nesta pergunta que fiz àquele colaborador, imaginei que a resposta seria o lucro econômico, mas o que veio primeiro foi o "lucro simbólico", a contraparte de uma mesma prática. A fama é a conquista de amizades, de respeito, de ter destaque na multidão, ser beneficiado com convites para festas, bebidas e reconhecimento. O peso da visibilidade também tem seus custos, permanecer com fama, mesmo entre outras redes juvenis desta pesquisa, exige constantes investimentos pessoais, estar presente nos encontros, cuidar da imagem.

Além da diversão, do prazer da bebida, dos sentidos torpedeados pelas batidas de som, dos jovens que gravitam em torno dos carros, das rodinhas, das danças, coreografias, também está presente, de modo expressivo, o jogo das distinções, de se lucrar com as aparências. Objetos e gestos, coreografias, performances se multiplicam. Um exemplo comum são os rapazes que mostram garrafas de vodca e uísque, como

[220] "Região" tem sentido nos termos de Erving Goffman (2010), como os locais onde as pessoas se projetam ou se escondem, onde a visibilidade social e espaço são tratados estrategicamente para se estar público, discreto ou anônimo.

forma de ostentar e demonstrar seu *descolamento*. Porém, o investimento na visibilidade é algo que se dá sob certas distâncias, desatenções dissimuladas e calculadas.

A forte aglomeração de jovens constitui um sinal de que a festa está legal, é a oportunidade também para algumas redes de amigos e *bondes* aparecerem para ostentar, perante os outros, seus carros e roupas. São redes que têm além (ou junto) da própria diversão, a intenção de dissimilar. Alguns destes jovens mais envolvidos com a ostentação e a curtição, não têm outras opções, não curtem as baladas mais sofisticadas, não têm interesse na mensagem do hip hop ou outras identificações de ideário juvenil mais contestatórias, muitos curtem ou são da rede do funk ostentação, junto com os amigos, querem exaltar objetos de consumo geralmente de médio e alto valor econômico, além do valor simbólico através do que evocam em distinção, como pulseiras e bonés de grife. São práticas de consumo que usam o espaço e a festa como parte de um campo social para afirmarem e/ou conquistarem mais prestígio e notabilidade.

Ter um carro e aparecer de carro novo na festa é lucrar com a admiração, acesso a amizades interessantes, a potencialidade de pertencer a um grupo de amigos que se socializam em torno de bens distintivos e de atrair a atenção do sexo oposto. O carro e o som automotivo constituem os maiores investimentos para ir aos encontros e ao *fluxo* de rua, é ser um protagonista na festa. E a música (a escolha das batidas musicais) assume uma importância agregadora; revela desde um estilo que sabe agradar, como também uma sintonia com as novidades e, como resultado, chama atenção da galera, no sentido de tornar-se mais reconhecido no fluxo, conquistar amigos, ter certa fama nos encontros. Os carros com som mais potentes teriam a vantagem de atrair as jovens e causar mais frisson, fazendo uma rodinha maior em torno dos carros, uma espécie de camarote em pleno espaço público

A diversão de ver as meninas e meninos em torno desse bem cultural compensa os gastos que tiveram para aquisição do carro (comprar, financiar). O que torna sua ostentação um capital simbólico na rede. São distinções que não alteram a condição de classe, mas alteram sua posição social no grupo de amigos (o que se estende para todas as redes juvenis aqui descritas).

Aliás, o próprio *descolamento* é uma marca distintiva entre os jovens. No dicionário Houaiss, ser *descolado* é revelar desembaraço, iniciativa, esperteza. No canal de vídeos *You Tube*, por exemplo, há dicas de como ser *descolado*, e isso na noite e nas interações juvenis é uma qualidade importante, como ter ousadia para se expressar, fazer diferença com estilo e espontaneidade. Desse modo, no *fluxo*, há oportunidades para ser descolado, bem visto e admirado.

Diógenes (1998) também destaca que nos momentos do baile, das festas, os grupos jovens das periferias não apenas querem registrar suas existências, como buscam romper com certos limites de homogeneização. Pode-se dizer que o *fluxo* segue o mesmo princípio. Os *grupinhos* de jovens buscam curtir e atrair atenção para objetos, som, carro, ou para a própria sensualidade. Estabelecem um espaço de diversão e competição simbólica.

Se há uma certa homogeneização, esta decorre de todos quererem estar no mesmo embalo. Por isso, faz todo sentido a palavra *fluxo*, isto é, um sentido e direção, mas, neste caso, para além do mero aspecto material e quantitativo. Em meio à multidão festiva, também estão atentos em reconhecer as novidades, como uma nova música, batida, acessórios, adorno, ou um modo de se vestir. Para os jovens que protagonizam novidades, existe a quase certeza da popularidade e é essa capacidade de renovação constante que emerge entre os próprios jovens, que faz do *fluxo* uma festa, uma atração, cujas cenas sempre estão em mudança.

A concorrência por maior visibilidade é notada por sinais diacríticos também partilhados em outras classes sociais, o consumo de produtos caros, como bebidas que chamam a atenção não pelo seu conteúdo, mas pelo valor subjetivo e objetivo que se agrega ao produto, como a compra de uísque importado de marcas como *Johnnie Walker Red* ou *Black Label*. Nos postos de combustíveis, mesmo de áreas da periferia, não é incomum onde se dá o fluxo nos pátios destas superfícies comerciais, a venda deste tipo de bebida mais sofisticada. O que vale é o valor simbólico, mas só é um valor simbólico, pois é transmutado de um valor objetivo e monetário, sua posse e as *selfies* tiradas com as garrafas são modos de angariar prestígio entre os amigos. Como falam, *ser patrão* é ostentar um bem escasso na periferia.

Mesmo os jovens da periferia que conseguem atingir uma alta visibilidade, com seus grossos cordões de ouro, com suas calças *Quicksilver*, com a ostentação de suas garrafas de uísque, recriam um simbolismo que mascara suas distâncias espaciais e econômicas do centro deste consumo de classe, pois não frequentam os restaurantes sofisticados, mal foram educados na gastronomia de certos consumos, mas recriam na periferia, nas suas festas anárquicas, breves experiências de *ser patrão*, reproduzem de forma transmutada quase os mesmos códigos de classificação social, mas entre suas redes sociais.

Por último, as estratégias criativas, inovadoras e, de certa forma, subversivas da festa do *fluxo*, implicam uma pulsão popular juvenil ou força gregária de caráter quase sempre anárquico que se justifica pela construção de espaços para o lazer, uma necessidade gerada por milhares e milhares de jovens por um território de encontro. Uma festa que é ao mesmo tempo divertida, divergente e dissimilante. Um local de fuga para negociaram entre eles seus códigos e produções simbólicas. Práticas oriundas de predisposições várias, de um espaço social dividido e da divisão como princípio da distribuição de bens e valores da sociedade em que estão perifericamente inscritos e situados. Sentem e fazem esforços de se distinguir em seus microcosmos, encontrar posições sociais no tecido de suas redes sociais, mediante práticas de consumo e visibilidade. Neste sentido, a diversão é uma parte importante na construção de suas individualidades, revela uma sociabilidade de diversas facetas.

5.3. Rede de amigos nos circuitos das *baladas*

Uma amiga avisa a outra, via *whats* ou *face,* de uma festa no final de semana, curtem, dão *joinhas* nas postagens; na faculdade ou no barzinho. No meio de semana, as conversas vão girando cada vez mais em torno do que esperar da sexta à noite. Avisam outros amigos da *balada*, calculam os gastos e recursos para curtir a diversão. Finalmente, chega o dia da festa, quando juntas podem se divertir, paquerar, dançar entre outras ações e sensações que se misturam numa experiência contínua que, talvez, apenas vão lembrar de breves fragmentos no outro dia de ressaca. Novamente começa a semana, dão risadas juntas ou debocham uma da outra, lembrando da farra, dos sucessos, dos carões em algumas situações e das bebedeiras que fizeram parte da diversão. E assim vão colecionado e acumulando estas experiências entre amigos na diversão, um "tempo coletivo" (PAIS, 2003), que desfrutam em grupo e que marca sua juventude.

O foco neste subcapítulo, agora, são as jovens e os jovens das *baladas*, aqueles que entre amigas e amigos frequentam festas, casas de show, bares, enfim, realizam um circuito de lazer muito amplo e diversificado, mesclado geralmente com jovens de outras classes sociais e outros segmentos socioculturais. Também costumam frequentar festas durante o dia, principalmente organizadas em chácaras na periferia da cidade. São jovens que ainda que tenham alguma preferência identitária em relação a alguma cultura juvenil ou estilo musical, ao menos no campo do lazer, acabam subsumindo nas diferentes formas de *balada* com os colegas, onde beber e farrear vale *qualquer negócio*[221].

São garotas e garotos que nutrem a experiência de viverem, com suas redes de amigos, um momento precioso da juventude, pois o sentido da diversão é de se distanciar da seriedade da vida, de ser visível, lembrar das risadas, estar sob os mesmos estímulos, reforçar amizade e gastar a vitalidade juvenil ao máximo no prazer. A juventude é algo para ser gasto, porque tem um *tempo de validade*. O tempo para estes

[221] Uma síntese captada numa conversa informal com o Jeferson, aluno e estudante do segundo ano do Ensino Médio em Bauru. A conversa girou em torno das *baladas* e o que o faz ele ir a estas festas.

jovens, neste momento de suas vidas, é mensurado pelos finais de semana que estiveram nas *baladas*.

A *balada* é uma palavra empregada, geralmente, com referência ao ambiente festivo na noite, mas não encontrei dicionarizada na acepção como é utilizada entre os jovens[222]. Embora haja sempre distinções quanto às formas de uso das palavras e expressões, a *balada* sugere, pelos comentários que ouvi, uma vida boêmia de boas expectativas de diversão e de forte consumação das energias. Vem sempre associada com alguma ação festiva em que é muito comum ouvir algumas expressões que denotam estes momentos de diversão, como: *gosto de estar na balada*; *fui na balada ontem*; *tal menina é baladeira*; *vivo na balada*; *depois da balada tô derrubado*.

Outro uso mais restrito que encontrei entre os jovens é quando querem distinguir festa em local fechado (casas noturnas e *nightclubs*), regido por sistema de "consumação"[223], que chamam comumente de *balada,* das festas que ocorrem em chácaras, como, também, shows musicais e o *fluxo*.

Seja qual for o formato ou a estrutura espacial da festa, para estes jovens, o que importa mais é se entregar ao *ipsativo*, uma forma de escapar ainda que parcialmente de algumas determinações, como os compromissos e obrigações, sejam familiares ou do trabalho (DUMAZEDIER, 1994). Se trabalhou e estudou a semana inteira, finalmente, tem o direito de curtir o fim de semana. Até o esquecimento é válido para este tempo de lazer, *bebi todas, nem lembro o que fiz ontem na festa*. A ideia de aproveitar a *balada* recorda o uso da moratória vital (MARGULIS e URRESTI, 1996), de aproveitar o tempo quando se ainda tem condições físicas, disposição para *atravessar a noite* e se desgastar na diversão boêmia, antes de se tornar um *adulto sério*. Como destaca Comas (2000), o ócio de final de semana, poderia alcançar uma forma de compensação daquilo que é necessário, mas desagradável durante a semana; trabalho, estudo, enfim, obrigações

[222] Num site sobre eventos e festas no interior a palavra "balada" ganha uma definição próxima ao que se depreendeu na pesquisa "Balada: é, portanto, o termo que substituiu a palavra "festa" na linguagem jovem, e designa um evento, de forma geral noturno, que inclui música alta, iluminação e ambiente especial para o encontro das pessoas. A Balada é uma alternativa para fazer algo diferente, para flertar e para encontrar os amigos." Disponível: em Http://todentro.com/guia/state/SE/city/Arealva/categoria/Discotecas+e+Festas/subcategoria/Raves. Acesso em 30/05/2016

[223] Expressão usada em bares e restaurantes, mas que deriva do galicismo "consommation", em nosso vernáculo, consumação significa chegar ao término.

aos quais não há como escapar, parte de um ciclo de altos e baixos em suas vidas, onde se tem sempre a expectativa que o ponto alto seja a diversão no final de semana.

Mas a *balada* tem algo a mais, também se baseia na expectativa de atingir o máximo de prazer dentro de um tempo e espaço reduzido do cotidiano, coordena corpo, consumo, amizades, jogos e desejos. Por isso, uma característica forte nessa rede juvenil, ainda que apareça como traços em outras redes ou mesmo nos *jovens do fluxo*, mas os jovens aqui têm plena consciência de que precisam viver, e viver de verdade é ter prazer com o corpo, embriagar-se de sensações e sentir os lucros da visibilidade, usar a melhor roupa, ter algo para contar. Para estes jovens, já existe uma consciência de que a vida passa rápido demais e a juventude é uma fração da vida.

Apesar de observar uma variedade de locais onde se dão seus encontros, pode-se identificar uma espacialidade construída em torno de três tipos de locais de festas e eventos mais comuns, onde se territorializam para o lazer: as chácaras, casas noturnas e festas estudantis. As experiências relatadas aqui orbitam em função destes três tipos de locais de lazer. Há outros eventos e festas onde fazem suas escalas e marcam com suas territorialidades, como em shows musicais e até em feiras agropecuárias, mas estas são mais episódicas.

As descrições que se seguem focam mais Bauru, a partir de jovens do Bairro Octávio Rasi. Mas, apesar disso, Marília apresenta o mesmo perfil convergente, tal como pude observar através das mídias sociais e de alguns contatos nesta cidade. Estas descrições têm o sentido de possibilitar uma imagem das ambiências e estilos de festas que são parte de suas práticas socioespaciais e que configuram o mundo dos *jovens das baladas*. As ex-alunas Fernanda, Caroline, Mariana, Bruna, Thais e outros ex-alunos, como Lucas e Gabriel tomaram parte desta pesquisa, seja por meio de entrevistas formais, conversas *online* pela mídia social *Facebook*[224], assim como, nas *baladas* e no ambiente de sala de aula[225]. Todos são jovens que gostam e frequentam casas noturnas,

[224] Algumas destas conversas mais direcionadas se deram através da mídia social *Facebook*, aproveitando o dispositivo do "bate-papo" oferecido por meio desta mídia. No "APÊNDICE E" há alguns trechos destas entrevistas. Com os jovens de Marília, o contato por meio de mídias sociais foi facilitado por eles, ao colocarem seus endereços de páginas pessoais e fone de contato numa extensa enquete realizada na Escola Benito Martinelli.

[225] A maior parte das pesquisas sobre este segmento juvenil se deu no início do ano de 2016. Embora já tivesse contatos e entrevistas realizadas muito anteriormente, foi somente no retorno às aulas, no bairro e

nightclubs e chácaras. São ao mesmo tempo os personagens que permitiram enfocar os aspectos da espacialidade deste segmento juvenil da periferia com maior detalhamento descritivo.

Ao rever e renovar as amizades com muitos ex-alunos nesta pesquisa, os quais tive o privilégio de acompanhar em suas trajetórias escolares, desde quando começaram no Ensino Fundamental até o Ensino Médio, por mais que sejam breves contatos, pude perceber como mudaram, em termos de escolhas de gêneros, valores, compromissos e atitudes. Aquilo que era ressaltado em suas personalidades na adolescência se tornou algo mais cristalizado em seus comportamentos. Assim como o que não era visível, ou ainda existente, tornou-se aspecto que atualmente os singularizam. Obviamente que todos passamos por mudanças, mas quero deixar esse aspecto sobressaltado, pois estas mudanças e preferências, no âmbito da biografia destes jovens, têm efeito nas suas práticas socioespaciais, na formação de suas redes de sociabilidade, nas suas territorialidades e produções de escala, como se verá logo a seguir.

5.3.1. As relações reticulares dos *jovens das baladas*

Diferente dos *rolês* coletivos dos jovens adolescentes para os espaços de consumo e do *fluxo*, a faixa etária dos *baladeiros* é maior. Todos os jovens que entrevistei e que curtem a *balada*, estão acima dos 19 anos de idade, alguns beirando os 30 anos. Apresentam uma autonomia mais ampla para sair e se divertir, não dependem mais da autorização dos pais para frequentarem as festas e compor suas redes de sociabilidade. Se distanciam ao máximo de confusões, estão nas festas para puro e irrestrito divertimento.

Ao contrário da maioria dos outros grupos e redes que pude observar e ter contato na periferia, neste tipo de *rolê* e circuito de lazer, foi onde apareceu maior

---

mídias sociais que as informações puderam ser melhor articuladas. Usei algumas notas revistas sobre Marília que bem me pareceram muito próximas do que ocorria em Bauru. Também não poderia deixar de fora um segmento em que as meninas têm um forte protagonismo no campo do lazer.

enturmamento das meninas. Onde são mais visíveis juntas. Aqui elas são vistas em grupo, pares e muito ocasionalmente mistas com os meninos.

O sentido de que a festa promete e que vale a pena algum tipo de investimento, muito está relacionado com os amigos que vão a festa. Grande parte destes jovens são menos propensos em aderirem identificações exclusivistas, não querem se sentir constrangidos em termos de certas filiações culturais, ou não carregam isso nas *baladas*. Buscam outras alternativas de lazer, mas existe, de certo modo, a fidelidade em estar entre os amigos na diversão. Um fator que é, na verdade, determinante para se ir ou não na festa de final de semana, e que está muito presente em todas as redes juvenis e microculturas desta pesquisa.

A possibilidade de não ter companhia para ir à festa, deixa como quase certo que não se irá sozinho ou sozinha, como diz a Caroline (24 anos), ex-aluna que cursa letras:

> *vamos a balada para nos divertir, e sozinha não, sempre vamos acompanhadas, com colegas ou amigas, ajuda muito na diversão, pois como já disse, sozinha fico acanhada, tímida e sem vontade de beber, dançar e etc., na verdade nunca fui só, para não ter esse tipo de problema, quando estamos juntas, paqueramos, rimos muito, conhecemos gente nova.*

Outro aspecto relacionado ao fato, sobretudo, das meninas se divertirem sempre acompanhadas de amigas ou colegas, pode derivar das preocupações dos pais ou responsáveis. Uma exigência desde a adolescência que se diferencia dos meninos, em que está preocupação dos pais parece não estar tão presente, embora também se divirtam em torno das rodas de amigos. Esta condição torna-se frequente com todas as meninas que tive contato. O sentido de *estar acompanhada* desde a adolescência nos passeios sugere uma preocupação com a segurança. Mas, como destacou a Caroline (24 anos), anteriormente, está condição não se reduz apenas neste aspecto, a companhia acresce um conteúdo diferente, um sentido de estarem juntas para compartilhar as experiências e de criar alguma teatralização na diversão junto com as amigas. O que também se coliga a consideração de Castro (2014) a respeito da necessidade de acompanhamento:

Para os jovens, principalmente, a circulação na cidade impõe-se como elemento de socialização e pertencimento ao grupo de amigos com os quais eles vão se incluir

nos circuitos de lazer que a cidade oferece. Para a grande maioria dos jovens entrevistados, é preferível estar acompanhado de amigos do que sozinho ao se circular pela cidade, seja para ir à escola, seja para divertir-se. Neste sentido, o movimento se acompanha do compartilhamento de projetos, do estar indo fazer alguma coisa junto com outros iguais, de poder, ao mesmo tempo, construir os projetos no meio do caminho junto com os outros, como também mudá-los e retificá-los. Significa arranjar outras âncoras identificatórias, na medida que se se afasta de casa e dos pais, com figuras de identificação primordiais. p. 79

Um aspecto a ser salientado sobre os *jovens das baladas* é que talvez seja mais apropriado pensar em retículas juvenis bastante flexíveis, pois não se trata de uma rede juvenil única e fixa para as *baladas*, como seria mais definido entre os jovens do rap ou até mesmo dos jovens adolescentes que fazem *rolês* nos shopping centers. Ou seja, redes que se ajustam em uma microcultura em torno de um reconhecimento mútuo de pertencer a um mesmo conjunto de identificadores culturais ou circuito de diversão.

Em realidade, os *jovens das baladas* se organizam em dois, três, às vezes, não muito mais que seis jovens. Mas são retículas que se pulverizam na noite, que se intersectam com outras redes e se organizam para diferentes escalas e *baladas*. Ainda que exista uma rede mais proximal, os amigos podem se dividir na noite, em diferentes festas, ou mesmo, se integrar em outras redes para ter acesso e mobilidade para eventos fora da cidade.

Quem vai na *balada*, pode ir com amigos da escola, do trabalho, da faculdade, do clube etc. Aqueles que vão juntos na *balada*, podem ser pertencentes a vários pequenos grupos ao mesmo tempo, frequentemente constituindo grupos bastante efêmeros. Por isso, costumam se entrosar em mais de uma retícula, o que também não se distingue muito de outras redes juvenis, porém, aqui, este aspecto é mais acentuado.

Também são redes que se fazem e se desfazem a partir de várias contingências, diferentes projetos, trabalho, fim de um ciclo. O que começa com uma pequena rede de amigos na escola e que dura vários anos, pode se desfazer com o tempo e outras redes são construídas. Ou mesmo, antigos amigos se encontram em torno da *balada* reativando as amizades. As retículas vão sendo tecidas em torno de várias circunstâncias da vida e oportunidades que se abrem para se aproximarem.

Para muitos jovens adolescentes, a escola é um espaço de relações importante da diversão dentro do bairro. A socialização escolar acaba estando paralela com o desenvolvimento de uma rede de sociabilidade entre os jovens. Ao longo dos anos essas interações combinam e se recombinam e vão se decantando até chegar em redes de alta fidelização. São amigos que estão juntos durante grande parte de suas vidas escolares, laços que se desenvolvem na proxemia da sala de aula, das aproximações compulsórias, em virtude da realização de trabalhos escolares, da convivência em comum na mesma ambiência, nos jogos e recreação em espaços comuns.

Quando se afastam da escola, ao terminarem o Ensino Médio, a rede de amigos tende a se ampliar espacialmente[226], enredando outras retículas, ao mesmo tempo que começa o desligamento de outras redes de amigos. Fernanda (23 anos), também destaca está situação: *se você for contar, amigo mesmo, dá para contar na mão, tipo uns cinco, do bairro, e para sair dois, três. Mas a maioria é de fora, que aí você pega, faz amizade com um do bairro, aí a pessoa te leva para fora, aí você vai conhecendo, um amigo do outro e assim vai indo. É muito de fora.*

Mas é essa rede inicial, formada na escola, que geralmente potencializa à ocorrência das primeiras escalas de perfil concêntrico destes jovens. Da escola, combinam de ir na casa de um amigo ou amiga no bairro vizinho, depois para o centro principal e até para o shopping center. Deste modo, vão se distanciando do espaço familiar para outros locais da cidade. Iniciam seus primeiros embarques de ônibus coletivo, indo com os amigos, para pagarem contas dos pais, visitarem lojas no centro tradicional. Já com mais idade, em geral, ao cursarem o Ensino Médio, através do burburinho da sala de aula, dos comentários no pátio escolar, na entrada da escola, ficam sabendo dos *agitos*, das festas e shows. A comunicação face a face é ainda importante e central na formação de suas redes sociais.

[226] Não é uma regra, quando se pensa em jovens da periferia mais "caseiros" e que na escola não são tão populares, ou são mais introvertidos, bem como, jovens que podem nutrir outras concepções de lazer. O porque deste ou daquele jovem conseguir constituir maior rede de amigos, foi um aspecto que não foi focado. Talvez, aspectos deste fenômeno possam ser revelados, ao se tratar dos jovens que concebem as atividades de lazer, diferentemente dos mais extrovertidos. Para estes jovens, a construção de seus capitais seja algo diferente dos jovens mais propensos para maior circulação espacial.

São estes fios de companheirismo, amizade, pertencimento ao mesmo ambiente, de viverem no mesmo bairro, de nutrirem quase os mesmos interesses que ligam estes jovens uns aos outros, que os fazem se envolver em diferentes retículas, redes que os potencializam ou os despertam para as *baladas*. Ora, se fulano ou sicrano vai na festa, *então por que eu não vou*. Também é comum, uma espécie de coação para sair, v*ai todo mundo, só você que não! Pô! E você não vai?* A rede potencializa e ao mesmo tempo reforça a pulsão para se desprender das redes familiares, uma busca de alternativa para algo que escape da rotina. Em todas as redes juvenis aqui pesquisadas, os jovens quando estão nos locais de lazer, compondo suas territorialidades, não se sentem subalternizados, como em outros espaços.

Mas também existem jovens que vão frequentar as *baladas* e festas, saltando alguns espaços de relações, como da escola, algo menos comum, como o caso da Thais, uma jovem de 21 anos, uma ex-aluna e que hoje é uma estudante do curso de biologia na UNESP em Bauru, em meio as conversas com ela na própria escola, onde ela de novo passou a frequentar, mas na condição de aluna-estagiária, pude conversar e ter uma imagem do circuito de lazer destes jovens e as redes que vão criando e que ao mesmo tempo lhe dão poder de acesso ao lazer. Sua própria experiência com o lazer noturno ou fato de *chegar tarde em casa*, como ela diz, começou, a partir da Universidade. Na relação com a turma, na aproximação com as colegas que foi descobrindo as festas universitárias, tendo coragem para ir e se divertir. Destaca a certa facilidade em frequentar estas festas, uma vez, que mulheres pagam menos ou, até certa hora, não pagam para entrar.

Outro aspecto que os estimula para as *baladas* e festas é que o espírito que se alimentava com a diversão apenas com as coisas do bairro já se esgotou. Por exemplo, *eu sou muito de ficar em casa de semana, eu gosto dessa coisa, principalmente durante a semana à noite, eu adoro ficar em casa, mas chega final de semana, sexta, sábado, às vezes, domingo é normalmente fora, porque não tem nada o que fazer aqui no bairro, então vai para fora, chácara, balada, barzinho, essas coisas*. Este relato da Mariana é bastante semelhante ao de outros jovens, não ter nada para fazer ou ficar parado, sobretudo, nos finais de semana, é algo a ser evitado. É estar desconectado das redes de amigos, do compartilhamento da diversão, enfim, se sentir deslocado.

No ambiente da festa fazem novas amizades, às vezes são quase os mesmos rostos na *balada*, que costumam se encontrar nas chácaras e boates. Este estreitamento, a formação destas redes, também são favorecidas pelas condições da própria ambiência. O espaço interfere nesta proxemia (MAFFESOLI, 1998), pois no caso das festas em chácaras elas pode durar dois dias, e a depender do feriado que encosta com o fim de semana, os dias podem se estender. A proximidade face a face, do contato tátil, o papeado, a ebriedade conjunta, constituem as peças do enredo das relações que surgem na *balada*.

Não se pode negar que a potencialidade das redes sociais foi fortemente aumentada pelas novas formas de comunicação mediada através das mídias sociais, como *WhatsApp* e *Facebook*. Por meio de aplicativos de smartphones como o *WhatsApp* estes jovens criam vários grupos, uma rede com várias retículas que se entrelaçam constantemente. Nestes aplicativos de celular, encontram-se vários grupos, alguns criados de forma temporária, como o grupo criado para se ir numa festa, como também existem, o grupo família, grupo trabalho, e outros contatos que vão se somando, conforme as esferas e espaços de relações vão sendo distinguidos em termos de diferentes amizades e interesses.

Por meio do *Facebook*, podem criar uma página nesta mídia social, para atrair mais convidados para uma festa em uma chácara, e se ter uma ideia do grau de agito para aquele evento. Contudo, grande parte do circuito de lazer destes jovens são mapeados por *sites* na internet, mídias informativas voltadas exclusivamente na divulgação de eventos, com a programação e calendários de festas, costumam abranger grande número de eventos de várias cidades.

As redes de amigos podem ser construídas e desfeitas em torno do próprio campo do lazer, como identifiquei em algumas conversas, pois se aquela "amiga" deixa de frequentar as festas, costuma ser convidada e deixa a outra amiga na mão, inicia-se um processo de distanciamento, ao ponto de não mais participar da rede, *então hoje nem mais nos falamos, chamei ela para dar umas voltas e nem falou mais nada*, aqui a Fernanda (23 anos) fala de uma amiga, que tiveram um forte laço de amizade na época da escola, mas que hoje começa a se esgarçar essa relação.

A razão que faz o jovem se distanciar da *balada* parece se atrelar ao momento em que estes jovens adultos estão diante de desafios materiais, questões existenciais e sentimentais, ou o que é mais comum, são capturados por outras redes, como aquela amiga da Fernanda que a conheci e que hoje pertence a um grupo religioso do próprio bairro. Para usar uma metáfora, sem a intenção de simplificar, mas aqui é o momento da *encruzilhada*. Jovens que passam a largar a *balada*, para frequentar a missa ou culto religiosos[227], namoros, falta de dinheiro, ou mesmo, porque não se veem mais afinados com os colegas da *balada*, se sentem *largados*, isto é, desprestigiados, ignorados.

5.3.2. Escalas produzidas para as *baladas*

A grande maioria dos *jovens das baladas* costumam dar preferência às festas que estão em evidência no circuito de lazer, aquelas que são mais comentadas nas redes de amigos, colegas, nas mídias sociais. E o modo como as escalas vão ser produzidas é parte essencial para ir à festa. Implica informação prévia sobre o evento e seu fluxo. Por isso, quem gosta de *balada* precisa estar atento às informações nas mídias sociais ou através das redes de amigos, pois, sem boas escolhas, mesmo entre os amigos, a *balada* pode ser uma *furada*.

Enquanto os jovens do rap costumam serem vistos compondo territorialidades e escalas bem definidas no lazer, por sua vez, as jovens e os *jovens das baladas* fazem diferentes escalas todos os finais de semana e precisam fazer escolhas variadas. Às vezes, nada se decidiu durante a semana e é na última hora que resolvem para onde vão. Ainda que haja um certo padrão de diversão, não há um local fixo onde

[227] Por sinal, uma rede juvenil que merece pesquisas mais profundas, ainda que um contato muito superficial em Marília, há um enorme número de jovens que realizam seus lazeres sob contornos religiosos, produzindo escalas das mais variadas e de modo muito difuso também na cidade.

regularmente poderão ser encontrados. Talvez a própria diversidade e quantidade de oferta de lazer nestas cidades explique esta espacialidade mais dispersiva[228].

As escolhas não incidem apenas sobre qual evento comparecer, mas o que vestir, o dinheiro necessário e como chegar à festa. A produção da escala pesa tanto quanto o capital econômico na diversão. É preciso criar uma estratégia, encontrar amigos que tenham carro e que vão para a *balada*. O burburinho nas mídias sociais, os comentários de jovens e amigos que sinalizam que irão comparecer atiçam e reforçam as intenções. Além disso, serve para detectar os possíveis amigos e retículas que poderão ser acessadas para se ir à balada. A depender do local da festa, onde será realizada, pode-se levar a semana inteira, com diversas negociações, para ter certeza de onde e como ir.

Neste sentido, as escalas produzidas pela maioria dos jovens que frequentam as baladas são arquitetadas em função de várias circunstâncias, mas, no geral, é preciso saber com qual meio será adequado ir (carro, moto, ônibus), com quem vai, de como juntar os amigos (rede) e combinar como voltarão da festa. Muitos têm carro ou moto, portanto, não dependem de caronas, mas não vão para as baladas sozinhos, por isso, frequentemente saem em dupla ou lotam o carro, fazendo seu circuito de diversão. O que minimiza os custos, além de possibilitar segurança e ampliação da curtição entre amigos. Mas, para a maioria, é o recurso da carona que vai possibilitar acessar as chácaras e outras festas na noite.

Entra em ação o poder da rede de amizades, como diz a Bruna (24 anos): às vezes você tem uma festa para ir e você não tem com quem ir, aí você entra na *WhatsApp* e vai atrás de alguém. Você vai na festa? Vou. Tem como você me dar uma carona? Nesse sentido, a possibilidade de produzir escalas para as baladas depende fortemente das redes que integram. Por meio das interações, conversas, trocas de informação, delineiam-se as condições para finalmente se chegar no encontro marcado.

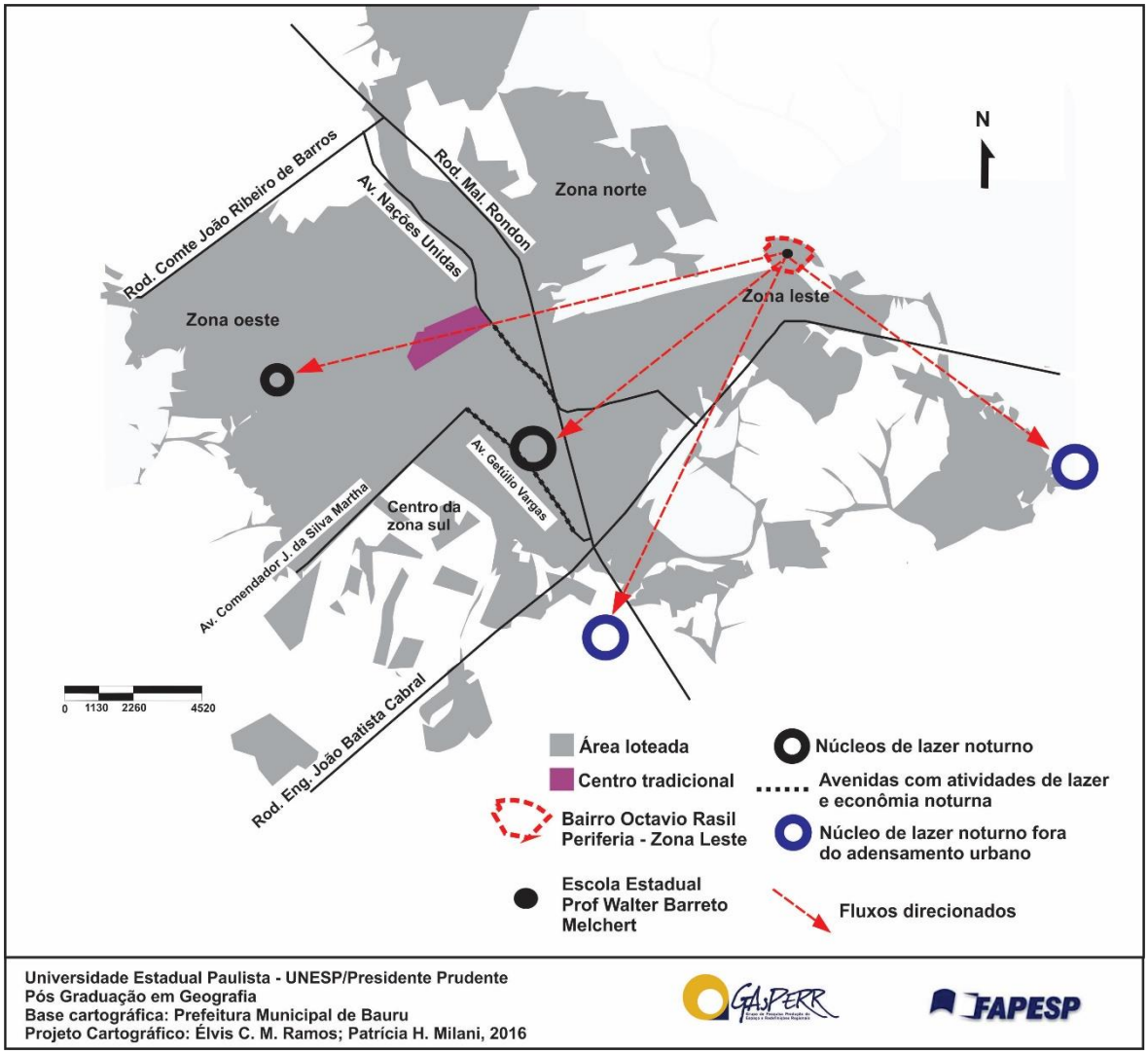
A opção de ir de ônibus é quase sempre descartada nesta rede juvenil. As baladas começam por volta das 11 horas da noite e o seu fim tende a ocorrer nas altas

[228] No estudo de Magnani (2005) realizado na metrópole isso parece não se evidenciar. O autor encontra manchas de lazer onde se pode identificar a predominância de grupos juvenis com diversas formas de filiação (etários, étnicos e culturais) concentrados localmente na noite.

horas da madrugada, período em que já não há mais linhas de ônibus disponíveis. Além disso, para as meninas há uma sensação de insegurança em permanecer na espera nos pontos de embarque nos bairros ou mesmo no centro principal, nas altas horas da noite.

Mesmo em barzinhos e festas que começam mais cedo nos núcleos de lazer de maior prestígio na cidade de Bauru (o mesmo se aplica a Marília), ir de carona é fundamental, pois mesmo com o ônibus, o centro principal e as áreas centrais de diversão são relativamente distantes. No mapa 10 abaixo, pode-se ter uma compreensão desta espacialidade, com a distribuição dos núcleos de lazer, chácaras e o raio das escalas a partir do Bairro Octávio Rasi em Bauru:

Mapa 10 - Núcleos de lazer e circuito de lazer dos *jovens das baladas* em Bauru



O uso de mototáxi é uma possibilidade aberta para o retorno da balada, mas não é usual, em face do preço da corrida. Taxi é outra possibilidade, mas também pouco utilizada entre os jovens, devido o preço cobrado em função das distâncias e da bandeira mais cara durante a madrugada. Segundo a Fernanda (23 anos) as:

> *festas em chácaras, ou até mesmo em balada, costuma ser complicado ir de ônibus porque às vezes não tem uma linha de ônibus que acessa o local. E tem a questão também dependendo do horário, que essas festas começam tarde, então aí o ônibus já parou. Moto táxi não tem condição de você pagar na noite, então normalmente é carona, vem um carro e busca, normalmente, cinco ou seis pessoas num lugar, de uma vez só.*

A carona ou uso do carro próprio é o que permite realizar várias escalas antes de chegar ao destino final, como, por exemplo, os amigos podem parar num barzinho ou comer um lanche. Esse esquenta é parte das escalas que estes jovens compõem. Em realidade, o esquenta é uma parada quase obrigatória, pois antecede a ida à uma casa noturna ou show, onde o gasto ocorre por consumação (ainda que ilegal, casas noturnas frequentemente exigem um consumo mínimo na festa), como destaca Paulo (19 anos e estudante), um frequentador contumaz das baladas e festas na cidade, se a festa for open bar não tem esquenta, já aproveita, já que é open bar, mas agora se for em balada, as bebidas são caras, aí o povo se reúne antes, faz uma vaquinha, vai no mercado, extravasa na bebida.

O esquenta exige também marcar um local de reunião, a grande maioria não tem carro próprio, pode ocorrer uma alternância, fica combinado que a cada final de semana será um dos amigos que usará seu próprio carro para levar a turma e fazer o circuito de diversão.

Como já foi destacado, aqueles que vão para as baladas podem acessar amigos a partir de diferentes redes sociais (da faculdade, do bairro e trabalho). É comum, também, jovens que trabalham ou estudam em horários que inviabilizam voltar para casa para se arrumar para a festa. Todos combinam onde podem ser encontrados pela carona. Em outros casos, todos combinam de se juntar e esperar num ponto da cidade, um local acessível a todos, o que diminui o custo e o tempo do percurso. Ou ainda, é uma rede de amizades com amigos que moram em bairros diferentes, neste caso,

alguns deles têm carro e realizam várias paradas, com todos ajudando na conta do combustível.

Este sistema de carona também produz escalas interurbanas. Numa conversa após a aplicação de uma enquete (APÊNDICE B) em Marília, próximo ao Shopping Esmeralda, encontrei alguns jovens, em grupo, que disseram que vinham para aquela cidade a partir de cidades próximas, como de Vera Cruz e Oriente. Assim como é possível que jovens da periferia pobre de Bauru e Marília produzam escalas com certa periodicidade até cidades vizinhas, onde há eventos, rodeios, shows sertanejos e outras baladas, como jovens do Octávio Rasi[229] que disseram que viajavam até Arealva para um encontro rave, festa com música eletrônica de longa duração, mais de 12 horas de diversão, realizada às vezes em sítios, chácaras e galpões em áreas distantes do adensamento urbano.

Nas conversas com estes jovens, a questão da escala é central, mas, não apenas em torno da mobilidade em si. O tipo de transporte afeta a visibilidade social, ninguém quer chegar de *busão*, a pé, suado e amassado. Embora, para as festas nas chácaras, a necessidade de produzir um melhor fraseado corporal, por meio das roupas e acessórios, não assuma o mesmo grau de exigência que em festas em casas noturnas, mas, pega mal chegar em plena *balada* da Getúlio Vargas em Bauru, a pé, desde o centro principal. As *baladas* em casas noturnas e barzinhos estão quase todas em torno do núcleo de lazer da Avenida Getúlio Vargas, Zona Sul da cidade, e é preciso caminhar bastante para chegar nestes núcleos (ver Mapa 10).

Em relação às chácaras, a maioria fica em áreas distantes, geralmente, alugadas para festas. Outras são de propriedade dos pais dos jovens ou do próprio jovem, que tem uma maior condição econômica. Em Bauru, as chácaras mais citadas são a "Cornélia"; "Tatieli" e as "chácaras do Vale do Igapó", estas últimas, localizadas próximas ao bairro Octávio Rasi (ver Mapa 10).

A volta implica outras táticas, já que nem sempre todos que vão juntos, voltam juntos. Na balada, as trajetórias de diversão de cada um podem assumir caminhos mais

[229] Uso como referência dessa informação uma fala de um jovem em meio a uma entrevista em grupo na escola Walter Barretto Melchert.

individuais. Alguns preferem ficar mais tempo na festa, outros se perdem no meio da multidão. Nas festas em chácaras, aquele que foi de carro e levou os amigos, pode ter voltado mais cedo. Várias contingências podem acontecer e quando a festa acaba, a questão da volta e do retorno para a casa, torna-se uma fonte de preocupação, e aí, só Deus sabe, porque normalmente com quem você vai você não volta, como frisou a Fernanda.

No caso das chácaras, um outro colega da balada pode levá-los até o centro, e dali as jovens ou os jovens podem encontrar outras opções de voltar para casa. Para as meninas, a escolha de ficar no centro não é uma boa opção, a depender da hora que voltam da festa, pois, nas últimas horas da madrugada, o centro tradicional, tanto em Bauru como em Marília, torna-se deserto, com pouca movimentação de pessoas e diminuição do policiamento. Para Fernanda (23 anos) e Priscila (25 anos), isso pode assumir uma conotação dramática, pois, segundo elas:

> *(...) já aconteceu também de a gente, por exemplo, sair para os rolês, assim, e no final da noite terminar muito mal, de você quase querer chorar. Aquela situação assim: eu não deveria ter saído de casa hoje. Mas aí depois quando resolve aquela situação você acaba rindo da história.*

A questão da escala afeta o modo de diversão destes jovens da periferia. Talvez, jovens de classes sociais de maior renda e acesso, que moram próximos dos núcleos de lazer ou tenham que se preocupar menos com a questão da locomoção, possam, ocasionalmente, ser obrigados a negociar as caronas. Já para os jovens da periferia pobre, isso não é uma simples opção, mas uma condição necessária que devem negociar para compor seus circuitos de diversão.

5.3.3. As estratégias de visibilidade e *passaporte de classe*

Diferente das redes e microculturas juvenis anteriores, os *jovens das baladas* já começam a colecionar redes de sociabilidade mais ricas e complexas social e culturalmente. Muitos não preferem revelar suas condições de periféricos e, por isso, não se importam muito com localismos e territorialismos, valorizados em outras redes juvenis da periferia. Se foram no *fluxo*, ou quando adolescentes estavam nos *rolês* para os shopping centers, não querem lembrar disso, adquiriram outros gostos e projetos de vida, vislumbram outros campos de possibilidades, uma diversão mais relacionada ao *mainstream*.

E a diversão permite aproximar-se de estilos de vida que têm reflexo nas outras redes que pertencem, como do trabalho e dos estudos. Neste sentido, a visibilidade que buscam construir não está restrita às suas redes proximais apenas (amigos e família), mas se projetam para redes mais distantes. Numa entrevista em grupo, Beatriz (19 anos) tem um relato que ajuda nesta compreensão:

> ***Beatriz*** *- eu saia, no começo gostava de ir no "senta-senta", que é rolê do funk, e num tipo de fluxo, mas por que eu ia lá? Era o único lugar que eu podia ir, eu tinha meus quatorze anos, não tinha como ir em outro lugar. Mas a partir do momento que fui criando outras amizades, porque não gostava tanto daquele lugar, saia muita briga, briga tipo uma turma com outra turma, muita droga. Chega a ser descarado, as meninas também, não era com quem eu queria estar junto, que me agradava, então passei a ir em outras festas, sei lá, fazer amizade nova, ficar com outra pessoa e dançar. Por isso não vou onde só tem funk, porque funkeiro é preconceituoso, só escuta funk a noite inteira, e uma hora quero ouvir eletrônica e sertaneja, sou muito eclética, e também não vou ficar com menino com "meia na canela" [refere-se aos meninos estilo chavoso entre os jovens adolescentes], eu até ia com as minhas amigas, eu até ia no fluxo, pois ia com as amigas, um grupo nosso, mas fui ficando mais velha, já maior de idade, comecei ir nas repúblicas, lá é eclético, tocava de tudo, um pouco mais eletrônica, mas tocava de tudo, mas é assim, um pessoal da faculdade, homem bonito, é uma coisa bem divulgada, bem feito, bebida, o valor tudo certinho, lá no fluxo você leva uma grana e não vê no que você gastou...*

São jovens que já percebem outras formas de diversão na cidade, que atentam para outras alternativas de festas. Mas também já podem estabelecer trajetos e/ou escalas em torno de aspectos onde se pode distinguir algumas clivagens na escolha da diversão, uma proximidade com valores, tendências e modos de diversão de outras

classes sociais, onde emergem claramente quadrantes de natureza predominantemente sociocultural.

Não apenas relacionado ao conteúdo temático das *baladas* e festas, mas, sobretudo, das separações entre os jovens, que vão além da questão de classe, onde se vê a predominância de segmentos juvenis que reforçam, com suas corporeidades e sinais diacríticos, as esferas de diversão em torno de referências étnicas, culturais e sociais, relacionadas ao circuito de lazer na cidade.

Além de investirem na aproximação com outras classes juvenis de maior poder de consumo ou com outros segmentos étnicos/culturais, grande parte também frequenta faculdades, cursos profissionalizantes, o que lhes possibilita explorar outras esferas da vida social, participar de contextos de lazer muito diferentes de outras redes juvenis aqui descritas.

Porém, às vezes, seus sinais diacríticos são difíceis de serem captados quando há tentativa de distingui-los de jovens de outras classes sociais nas *baladas*, sobretudo nas festas que exigem maior poder de consumo e outros investimentos. Talvez possa se dizer que buscam justamente se mesclar (ou nivelar), mais que se distinguir como jovens da periferia pobre. São jovens que parecem conscientes do poder de distinção social do gosto e do consumo aos quais estão inseridos na sociedade.

Gosto e consumo, que não deriva apenas da condição econômica, mas está atrelado com a convivência em grupos, classes e espaços. Algo que se adquire e se aprende. O que constitui uma forma de reconhecimento social, uma marca de classe, um elemento de distinção. Como outros autores destacam, o gosto foi se tornando um dos elementos gerativos das assimetrias do capitalismo (BOURDIEU 2007; SOUZA, 2003). Mas, é uma assimetria que exige produções de espaço para ganhar legitimidade. E na diversão essas assimetrias podem ser exploradas como algo legítimo, pois, ainda que se busque o *ipsativo*, não se exclui uma equivalência ao bom gosto ou estilos que, na festa, costumam assumir uma condição dominante e imposta, pois os agentes, neste caso, os jovens pobres, precisam se ajustar a essas condições, para não cair na distinção

para o ridículo ou exagerado. Caprichar no *look*[230] é mais um investimento que pode ser o diferencial para conquistar olhares, encontros e mesmo se sentir aceito.

Na própria periferia são jovens vistos como diferentes de outros grupos e microculturas juvenis. Isso é um ponto importante, a saber; buscam se distinguir dos "outros" jovens da periferia, pobres, mas não entre os jovens que se situam mais na ponta da pirâmide social, ou a eles estar próximos. Alimentam projetos de vida, digamos, ascendentes na escala social. Importam-se bastante com o trabalho e estudos, encontram no entrosamento com outras classes sociais e grupos, oportunidades de terem uma melhor posição social e chances de uma vida melhor. Jovens que buscam se ajustar a certos estilos de consumo, pois buscam também uma vida com estilo.

Estão atrás, muitas vezes, de uma visibilidade social que possa refletir este projeto. As casas noturnas, os barzinhos e salões de festas de maior prestígio na cidade os aproximam de estar entre os mais afluentes socialmente. Para muitos jovens da periferia, é o local perfeito, desde que reúnam condições para investir neste meio (capital espacial, simbólico e econômico), ou seja, condições para irem à festa, compra de roupas, acessórios e algum dinheiro para gastar nestes locais.

Um consumo objetivo que requer sutileza nas escolhas do que levar para a festa, pois são objetos que precisam ser transmutados em capital simbólico, para a especificidade de um universo diferente daquele de suas origens. Ou seja, precisam de *passaporte de classe*. Por exemplo, em uma das casas noturnas em Bauru (embora isso seja mais comum em metrópoles), justamente se exige um padrão de vestimenta, o que visa fixar um padrão de classificação social.

Este investimento simbólico só tem validade nestas festas, pois na periferia, todos ali se conhecem, sabem do trabalho de cada um, da condição econômica e dos esforços em reunir condições aquisitivas para as festas. Consoante a isso, Pierre Bourdieu (2013) destaca, interessantemente, um efeito espacial desse mecanismo que, quanto mais distante de espaços familiares, maior o peso do capital simbólico, que se sobressai sobre as outras formas de capital.

---

[230] Expressão que dá a ideia de uma combinação sofisticada de vestimenta, harmonia entre roupas, sapatos e acessórios que visa impressionar ou caber num estilo de festa ou evento.

Neste sentido, tanto os jovens das classes populares como jovens de outros estratos econômicos, que se encontram nas *baladas* mais sofisticadas, comunicam o mesmo sentido de produzir uma visibilidade que não se afaste muito para baixo de um estilo que na festa é dominante. Embora nem todos apresentem o mesmo *look* ou propriedades pessoais, mas todos participam de um mesmo ambiente simbólico e devem reunir predisposições para realizarem as virtualidades inscritas nestes espaços.

O que está estabelecido é um sistema de classificação, cujo capital econômico não se revela explicitamente, mas é mascarado, não de forma depreciativa, mas que o valoriza a partir de um certo padrão para o alto, em termos de estilo exigido na ambiência da casa noturna. O que não quer dizer que a origem social destes jovens seja totalmente apagada, nem todos os gostos, referências de consumo e assuntos se dão em torno das formas de sociabilidade das classes sociais mais afluentes. Não existe uma transferência absoluta de *habitus* de classe, em função de apenas frequentarem as *baladas* sofisticadas.

O poder de se diferenciar está dentro de um diapasão estabelecido em termos de classificação social e simbólica. As assimetrias existem, sobretudo, no poder de consumação na *balada*, mas não é um aspecto de separação e rebaixamento, mesmo jovens de maior poder aquisitivo, podem consumir pouco. O fato de estar na festa e se situar dentro de um padrão de diversão e distinção é o que faz todos se sentirem *descolados*, ou não constrangidos, o que é a própria função do simbólico, de tornar opaca ou mascarar desigualdades ou assimetrias.

Afinal, todos ali na *balada*, jovens pobres e *playboys* estão misturados, e é preciso muita atenção ou prévia intimidade de quem está na *balada*, para fazer distinções sobre origens sociais e econômicas. Neste caso, o simbolismo, através dos objetos investidos no corpo e na interação tende a soar mais alto. Na figura 28, jovens ex-alunos aproveitando os embalos com amigos na *balada*, exibindo seus prêmios e divertindo-se na descontração e roda de amigos.



Figura 28: Encontro dos amigos na Avenida Getúlio Vargas.
Fonte: Midia social *Facebook* – página pessoal
Acesso: 09/10/2015

A *balada,* para estes jovens, talvez, também possa ser vista como um "campo de ambivalências" (BAUMAN, 2005). Juventudes que se veem posicionadas entre a pobreza e ostentação, entre a periferia pobre e o centro da riqueza, presente e futuro, entre o que já tem e aquilo que pode ser conseguido. Precisam aprender a fazer ajustes de estilos e visibilidades, aspectos que lhes permitem transacionar com dois mundos que estão separados, e que não querem estar afastados tanto dos espaços que oferecem o melhor *agito* como onde podem buscar se sentir entrosados como "iguais".

Porém, nem todos os jovens constroem essas táticas de assimilação e dissimilação nas *baladas*, onde se visam estratégias de aproximação com estilos de vida comum a outras classes sociais, mas é muito ressaltado que a maior parte destes jovens, apesar de serem da periferia, não cultivam uma "cultura pobre da periferia", ou sentem orgulho da periferia. Algo muito parecido com as *patricinhas da periferia*.

Contudo, há outros *jovens da balada* que compõem retículas territoriais em que se é possível, aí sim, identificar com mais clareza os sinais diacríticos que os distinguem de outros jovens, quer sejam ou não do mesmo perfil socioeconômico. Frequentam, além das boates mais comuns no circuito de lazer, também clubes LGBTTs (Lésbicas,

Gays, Bissexuais, Travestis e Transex), do circuito *black*, *country/sertanejo*, universitário etc.

Muitos fatores explicam estas clivagens, algumas dentre elas referem-se ao fato de que são jovens que colecionam, com o avanço etário, uma maior carga de experiências sentimentais, diferenciam com mais amplitude outras preferências culturais e de gênero que encontram no seu campo de percepção, o que, aliado com o capital econômico conquistado com uma melhor renda, lhes possibilita, às vezes, fazer escolhas existenciais paradigmáticas em suas vidas. Ou seja, adquirem outros gostos e estilos de vida, o que acaba por ter rebatimentos nas práticas socioespaciais relacionadas ao lazer e até reforçar estas escolhas.

Afinal, o lazer, ou mais precisamente, os locais de lazer, são regidos por regras, condutas, estilos e marcas de distinção social e cultural. No lazer, podem se divertir e se distinguir, mas também seguir suas preferências subjetivas e étnicas quanto aos ambientes de diversão preferidos. A seguir apresentarei como essas clivagens repercutem nas escolhas espaciais na diversão nestas cidades.

5.3.4. As territorialidades e as clivagens socioculturais dos jovens das *baladas*

Dentro do universo das práticas socioespaciais dos jovens das *baladas* não há territorialidades de apropriação exclusiva, não formam *pedaços* ou marcam os espaços com objetos e símbolos distintivos de suas passagens (como os *pixadores*, por exemplo). Suas espacialidades têm alguma semelhança com àquela dos jovens adolescentes que organizam *rolês* para os espaços de consumo. Neste caso, os locais de lazer que frequentam têm identificação com seus gostos e onde buscam a diversão, uma busca articulada com a visibilidade social. Mas, diferente dos jovens adolescentes dos *rolês* para os shopping centers, não estão em situação de divergência territorial com outros grupos e classes. Contudo, os *jovens das baladas* não estão imunes às estigmatizações, embora isso seja mais intransparente em seus circuitos.

É no ambiente da festa e do baile que as aproximações interpessoais vão acontecer, entre os diferentes, onde se pode conhecer um parceiro na noite para

relação sexual, amizade ou quem sabe um futuro companheiro. Às vezes, desprendem-se de suas redes de chegada para formar outras redes na *balada*. Alguns se separaram para investir nos seus próprios planos na festa, alguns bebem mais, outros querem apenas sentir o clima de descontração, outros buscam parceiros. As possibilidades são amplas conforme a estrutura espacial do local, as ambientações e o perfil de seus frequentadores.

Também, no circuito das *baladas* se estabelece uma variedade temática de estilos musicais (uma mesma casa noturna pode ter várias pistas de dança e ambiência) e, também, correlacionado aos perfis de frequentadores. Isso é passível de fácil observação, já na entrada das festas e casas noturnas. Por exemplo, as festas de country/sertanejo são marcadas pela presença de grande maioria de jovens brancos, com seus estilos *cowboys*, mesmo grande parte sendo jovens da periferia.

Outras vezes, como ocorre com Willian, 25 anos e ex-aluno, que organiza, com amigos, *rolês* em cidades próximas, onde há evento musical ou rodeios. Perguntado sobre essa preferência de estilo, enfatiza que: *Fui uma vez no Rastro do Cowboy e dali passei a curtir* (antiga casa de country e sertanejo de Bauru). Aqui se revela a influência do espaço e de seu conteúdo, como alternativa de gosto e preferência cultural. Na figura 29, temos um cartaz de uma casa noturna de temática sertanejo/country, localizada no eixo de lazer da Avenida Nações Unidas em Bauru.



Figura 29: Casa noturna de estilo country e sertanejo universitário, núcleo de lazer das Avenida Nações Unidas em Bauru
Fonte: Cartaz divulgado de forma digital pela mídia social do *Facebook*.
Acesso: 10/2014

Embora mais discreto, existe um circuito de lazer mais próximo da temática do pagode e samba-rock, formado, em sua maioria, por jovens negros. No eixo da Avenida Duque de Caxias, em Bauru, até bem pouco tempo, existiam duas casas noturnas com musicalidade relacionada ao samba e pagode. Em Marília, com certa tradição no samba, a casa noturna "Chama Bar Music" está localizada na Zona Leste da cidade. As mídias sociais, tanto em Bauru como em Marília, têm um papel importante no anúncio destes eventos entre os jovens.

Em Bauru há também chácaras onde a temática da música e o perfil dos jovens e das jovens giram em torno tanto do country como do pagode e samba[231]. Em Marília, Reginaldo (colaborador já identificado no capítulo 3) destaca que, em sua cidade, começa a existir uma valorização das festas e shows voltados ao segmento afrodescendente (figura 30).



Figura 30: Evento com atividades e grupos relacionados a consciência negra em Marília.
Fonte: Cartaz divulgado de forma digital pela mídia social do *Facebook*.
Acesso: 11/2014 - https://www.facebook.com/AFRO-FEST-Marília-2015-101892630163749/

[231] Não consegui fazer entrevistas com jovens relacionados a este circuito juvenil, apenas alguns relatos pela Internet e informações indiretas através de outras mídias sociais sobre o conteúdo destas festas. Consegui visitar algumas casas noturnas relacionadas a este circuito em Bauru e Marília.

De fato, em Marília, encontrei alguns bares e casas noturnas voltados a este segmento, com shows que acontecem com regularidade. Para os jovens das periferias, constituem outras possibilidades de diversão, altamente conectadas com identificações culturais em potencial, ao mesmo tempo que ampliam suas trajetórias na cidade, com formas de interação que valorizam a diversidade dos formatos de diversão disponíveis na cidade. Para estas baladas, outros serviços são acessados, como cabelereiros, lojas de roupas, por exemplo. Os jovens do circuito *black* tendem a investir no fraseado corporal, sobretudo, no estilo *esport chic,* como outros jovens da *balada*. O investimento na diversão exige outros gastos para aproveitar, com visibilidade, os momentos oferecidos para interação, paquera, namoros e outros jogos implícitos na diversão.



Figura 31: Festa com variedade de gêneros e grupos musicais na Casa Bamba em Marília.
Fonte: Cartaz divulgado de forma digital pela mídia social do *Facebook*.
Acesso:12/06/2014 - https://goo.gl/y9eaBp

Estas clivagens e territorialidades relacionadas aos locais de lazer se estendem ao gênero/transgênero nestas cidades. No caso de Bauru e Marília há dois *nightclubs* de perfil LGBTTs bem conhecidos, a "Labirinthus" em Bauru, no núcleo de lazer fora do adensamento urbano e o "Opera Club", no núcleo de lazer da Zona Oeste da cidade de Marília (ver Mapa 1 e 2). Encontrei alguns jovens (inclusive ex-alunos) do bairro Octávio Rasi que frequentam, por exemplo, a "Labirinthus", ao consultar as fotos e comentários postados nas páginas do *Facebook*. A maneira como configuram seu capital espacial não difere daquela de outros jovens da *balada*, como na necessidade de redes, caronas

e outros investimentos. Contudo, reuni poucas informações sobre seus elementos diacríticos e de visibilidade social que fazem parte de seus sistemas de reconhecimento social e diversão.

Uma outra parte dos jovens parece não se importar tanto com estas clivagens, ou pelo menos não está tão explicito nas suas práticas socioespaciais. Por exemplo, Priscila (25 anos) é uma jovem negra e ex-aluna, amiga da Fernanda e de outras jovens que frequentam juntas as *baladas* e festas, independente de uma clivagem étnica/cultural específica. De qualquer forma, estes jovens estão sujeitos a experimentarem diferentes ambiências, onde podem ser aceitos ou não, sofrerem diferentes formas simbólicas de constrangimentos, em face das identificações com que se expressam em suas roupas e acessórios ou de sua condição étnica. Ainda assim, o peso da rede é crucial para se sentir entre amigos ou minimizar prováveis estigmatizações.

Outro aspecto que se ressalta entre grande parte dos *jovens das baladas* é, geralmente, um gosto mais eclético para temas de festas, músicas ou tendências de dança, uma sensibilidade à cultura pop. Desprezando estarem presas a uma única tendência, algumas jovens, quando adolescentes, nunca quiseram pertencer às *modinhas*. Fernanda (23 anos) enfatiza que: *graças a Deus não, e não me arrependo de não ter entrado nisso*. Mas, em compensação, é a mesma Fernanda, assim, como outras meninas que na ambiência da *balada* vão no embalo das músicas tocadas, não importando o gênero musical. *É de tudo, eu vou em festa que eu escuto desde rock até funk*.

A música e a bebida alcoólica têm uma importância central na ambiência da festa, seja na *balada* ou nas chácaras. O tipo de música e estilo musical ajudam a desinibir como também pode afetar sensivelmente a qualidade da festa em termos de *agito*. O corpo, na diversão, precisa se expressar não apenas no sentido das roupas e acessórios, mas no movimento, na descontração, na dança, estar nas *rodinhas* animadas, o que dá a impressão de uma festa agitada e não parada. Como diz a Fernanda (23 anos): *(...) tem a questão do som, aí normalmente você vê que o pessoal está mais parado, as meninas tão mais recatadas, mas aí soltam um funk lá que as meninas dançam. Por mais que não curtam, não saibam dançar, todas já estão um pouco mais alegres, também com a bebida*.

Em uma outra conversa, Caroline (24 anos) destaca a mesma impressão para o caso das festas nas chácaras: *normalmente vai terminar a noite descalço, toda descabelada de tanto dançar*. O efeito da sonoridade no espaço constitui parte importante da sociabilidade da festa como também faz parte de uma microterritorialidade. Ali se inscrevem formas específicas de sensações, estímulos e símbolos de uma geração. Na dança, o embalo da música não constitui senão um meio de se expressar corporalmente, outra maneira de formar uma visibilidade e diversão. A festa é, neste caso, uma prática socioespacial que só é possível quando os gostos e preferências são reconhecíveis, partilháveis e fazem parte de uma mesma sintonia.

Além da música atuar como meio de performatividade corporal, entre estes jovens, ela também tem um efeito de amortecer o maçante fazer diário das atividades laborais ou domésticas. O estilo musical não tende a ser explorado pela fidelidade sensorial e qualitativa (estético), mas, em relação ao poder de distrair da música ou daquilo que estimula emotivamente (patético). Juliana, também ex-aluna, com a idade de 26 anos, destaca que: *(...) mescla muito assim, não tem um ritmo só. Depende do dia, depende do dia eu quero ouvir tal coisa. E também essa questão de, por exemplo, seguir um tipo de banda, um tipo de ritmo, eu também não tenho. E um estilo, também não*.

Quanto a bebida *não pode faltar*, é algo que é imprescindível na festa, alguns relatos falam que é preferível não ter nada para comer, mas o que não pode faltar é a bebida alcoólica. Fernanda dá o teor desta experiência: *tem festa que a gente vai, que já aconteceu assim, de não comer nada, de chegar no sábado e só comer no domingo a hora que você chega em casa, à noite*. Nestas festas em chácaras e mesmo na *balada,* o consumo alcóolico gira em torno da cerveja e da vodca.

Todavia, como pude observar numa festa de pré-formatura com ex-alunos, numa chácara em Bauru (Vale do Igapó), o consumo é relativamente grande. Misturar bebidas, como coquetéis e fazer disputas de quem bebe mais são práticas comuns nas festas. Fernanda (23 anos) destaca que *normalmente quando é festa em chácara, que é aquele espaço maior, aquela questão de mais gente, aí o consumo é muito maior (...).* Tanto a Fernanda como a Priscila acrescem que nas chácaras, o sistema mais usado é de cada jovem levar o que chamam de *kit de sobrevivência*, seu fardo de bebida e, às vezes, carne, tendo em vista que a festa vai ocorrer o dia todo ou mais de um dia. Neste caso,

o churrasco, pode fazer parte da festa. Se a bebida acabar é de praxe fazer a famosa *vaquinha*, ou seja, todos se cotizam e aqueles que têm carro vão em busca de mais bebida, afinal este ingrediente é essencial.

Já que se fala em festa em chácaras, é preciso destacar que estas festas que menciono se distinguem daquelas festas em chácaras, ranchos e casas em áreas periurbanas, onde alguns jovens, num círculo mais íntimo, realizam um churrasco de final de semana. As festas em chácaras que descrevo ocorrem com presença rotativa de jovens e pode comportar em torno de 50 ou mais jovens.

Outra modalidade são as chácaras alugadas para este fim, onde se paga para entrar na festa, no sistema *open bar* (paga uma vez só, depois é beber e comer à vontade). O preço não é alto, algo geralmente em torno de trinta reais, bastante acessível para a maioria destes jovens. Quando perguntei a Fernanda e a Priscila como se organizam estas festas, percebi que vão do sistema comunitário ao sistema de festas administradas por um proprietário da chácara, ou por aquele que aluga, abaixo a fala da Fernanda:

> *Normalmente, pelo menos o pessoal que chama a gente para ir assim nessas festas que estão organizando, são um pessoal com uma situação financeira boa, normalmente. Trabalham no setor imobiliário, ou têm muitos também que dependem dos pais para tudo. Por exemplo, o dono dessa chácara que a gente vai sempre, ele não trabalha, ele tem os seus 35 anos, acho que 34, e é tudo na base do pai e da mãe. Mas a maioria é que tem uma situação financeira boa, é que monta, que faz aquele esquema. Porque normalmente para você montar uma festa, assim, independente se for daquele comunitário, de cada um leva um pouco, você vai ter que dar um pouco a mais, porque a festa é sua.*

Uma questão que tentei abordar nas conversas e entrevistas é como se dão as relações entre jovens que vão nestas festas, mas que são de diferentes classes sociais, segundo a Priscila:

> *Tem chácara que é mais variado, mas tem outras que não, tem umas que são mais, por exemplo, os playboyzinhos, aí você vê que só tem carrão. Mas assim, a maioria são pessoas até que com condição financeira boa, porém até humilde, são gente que gosta de se envolver, que gosta de ficar ali no meio do povão mesmo. Patricinha não tem tanto, é mais difícil aparecer assim nessas festas da gente.*

Sobre a questão do gasto monetário nas festas, parece mais comum que as meninas paguem pelo consumo de modo inferior aos meninos. Mesmo nas *baladas*, as

meninas pagam menos ou não pagam, a depender do horário de abertura do evento ou festa. Algo que como se viu sobre os *bailes funk* e *fluxos* se repete aqui, onde parece existir uma intencional diferenciação de gêneros baseada na objetificação do corpo feminino e uma lógica de consumo.

Como já destacado, as retículas juvenis entrelaçadas predominantemente nas *balada*s em casas noturnas e *nightclubs,* que exigem maior poder de consumo, parecem ser percepcionados como espaços produzidos tanto em face da qualidade ambiental (som, sofisticação, acabamento, estilos etc.) como pela capacidade em projetar as visibilidades, em que o espaço também se torna um objeto distintivo, ou seja, um campo para diversão, como também para projeção de imagens. O espaço, a roupa, os tipos de consumo fazem parte de um desenho de estilo de vida. Mas também os próprios agentes singulares fazem parte da construção da festa ou *balada* em termos de divulgação.

Bruna (24) outra ex-aluna, participa bastante destas *baladas*, não esconde que é chamada por organizadores de festas e casas noturnas, em face de atrativos como sua beleza corporal, carisma entre outros aspectos que lhe dão uma popularidade nas redes sociais das quais participa. Para ela, é comum postar todas as semanas suas fotos, seja no momento anterior à *balada*, seja no próprio evento, as fotos tiradas com as amigas. A maioria das casas noturnas têm *sites* ou páginas no *Facebook* onde postam essas fotos da festa, o que acaba divulgando o estabelecimento, associado com a visibilidade dos jovens[232].

Mesmo nas chácaras onde há piscina, até mesmo estes momentos de interação junto das amigas são aproveitados, para exibirem os corpos e as bebidas que estão tomando, o que chama muita atenção nas mídias sociais, repercutindo nos *likes* no *Facebook* e visualizações no *Instagram*. Esta visibilidade reforça as retículas de amizades e conhecidos, favorece uma certa afluência nas *baladas*, sem contar que multiplica seus momentos de diversão.

[232] Jessé de Souza destaca que o corpo acaba sendo a mais forte expressão de nós mesmos (SOUZA, 2003, p.46). Contudo, também o corpo acaba sendo um forte expressão e divulgação do conteúdo dos espaços.

Muitas meninas e meninos, que conseguem ir nas *baladas* de alta badalação, podem investir em uma microterritorialidade que chama atenção pelo ostentativo, diferenciando-se dos outros na *balada*, quando conseguem convites para algum camarote, ou algum setor *vip*[233] da festa. Esses microespaços dentro do estabelecimento permitem justamente, além de um conforto e serviço mais exclusivo, projetar visibilidades, comunicar uma diferenciação, como proximidade com redes sociais afluentes, ou mesmo comunicam que estão aproveitando as melhores coisas da festa.

Algumas meninas estão mais dispostas a produzir uma alta exposição corporal, com blusas bem decotadas, saias curtas, explorando a vitalidade e sensualidade corporal que podem exibir, assim como os meninos podem explorar camisas e calças mais justas que dão relevo ao corpo, em geral, nestas *baladas*, o corpo torna-se um palco de investimentos estéticos e aproximações (PAIS, 2005).

Muitos jovens da periferia também frequentam as festas que ocorrem geralmente em repúblicas de estudantes (também chamadas de *rep*, ou festa de *bixo*), como também em casas, clubes e chácaras alugadas para estas festas. Com exceção de algumas destas festas que podem ocorrer em algumas repúblicas de estudantes localizadas na área do centro da cidade, a maioria ocorre em áreas fora do adensamento urbano. Também são festas onde há um grande consumo de bebidas alcoólicas. Na maior parte das vezes, são festas que costumam seguir o sistema de *open bar*, que os estudantes resumem numa fórmula muito simples: pagam uma vez e depois é *beber até cair*.

Thais (ex-aluna) destaca que estas festas passaram a ter muita presença de jovens da periferia. Chama atenção para a descrição e sinais diacríticos que os distingue no fluxo de jovens destas festas:

> *As meninas da periferia até que não vão muito, nas festas universitárias, talvez pelo estilo de música, quando falo universitárias digo de república, já os garotos vão mais, talvez por conta da bebida open bar. Mas a primeira coisa que notamos são as roupas mesmo, o pessoal universitário não se importa de se vestir bem para festas, qualquer chinelo e shorts está bom, mas não chega a ser vulgar, você me entende. O pessoal de fora se arruma mais, há aquele certo exagero. E costumam ser muito novos em relação aos demais.*

[233] Sigla inglesa para "*Very Important Person*".

Pablo, por sua vez, destaca o que chama atenção nestas festas universitárias e o que as diferencia das *baladas* em casas noturnas:

> *É que é muito povo diferente, o som é diferente, o ambiente, as pessoas. Tipo, é outro nível, as pessoas, do jeito que conversam, as bebidas. É mais liberal. (…) Sei lá, é um pouco diferente. O espaço é maior. Todo mundo conversando, assim, não tem aquele negócio de o povo ficar no canto e não vão conversar. Não, todo mundo chega conversando, tudo, perguntam de onde é, essas coisas. É, balada já ficam uns playboyzinhos no canto, os outros no outro canto ali, as meninas em outro canto, aí fica tudo assim, mas na rep é tudo liberado.*

No caso do Pablo, como de outros meninos, estar de carro, e o baixo custo da diversão (*modelo open bar*) chama atenção para a frequência nestas festas. Mas como se pode ver por seu comentário, as formas de interação mais liberais constituem outro atrativo, aqui o *tudo mundo junto e misturado* é o que ajuda a determinar suas escolhas também.

As redes juvenis das *baladas* parecem indicar outros modos de circular na cidade, costumam afirmar o poder de alguns núcleos de diversão de maior status na cidade. Contudo, suas redes são mais complexas na maneira como definem seus gostos e como isso rebate nas escolhas dos ambientes e locais que se ajustam a estas preferências culturais. A diversão que buscam compõem um circuito de lazer mais diversificado, menos fidelizado que as outras redes juvenis da periferia, o que mostra a complexidade das rotas, atravessamentos e inserções espaciais que os jovens da periferia podem realizar, mais ainda, evidenciam como estes jovens podem cruzar certas fronteiras espaciais e simbólicas na cidade. Apesar de geralmente precisarem do *passaporte de classe*, conseguem, no campo da diversão, tornarem-se visíveis nos espaços luminosos do lazer.

5.4. *Wheeling*: a cidade territorializada em duas rodas

Achar o grau (ponto certo para manter a moto empinada), fazer *zerinhos* com as rodas dianteira ou traseira, raspar a *churrasqueira* (placa), impressionar com *no hands* (empinar sem as mãos no guidão), deixar a moto *pelada* para as manobras é não só ferver na adrenalina, como ganhar o respeito dos *parças*. O ímpeto em empinar a moto é um fazer que exige destreza, frieza e, sobretudo, coragem, qualidades que podem ser exploradas nas acrobacias que fazem, controlando uma máquina cujo motor e potência exigem atenção e equilíbrio, mas, principalmente, requer aceitar os riscos. São essas qualidades e expressões motoras que dão singularidade ao praticante do *wheeling* em relação a outros jovens que têm moto. São vistos com respeito, têm presença e chamam atenção. Tornam as motos algo mais que um meio de transporte e trabalho, um meio para se divertir e um esporte.

Neste subcapítulo, o/a leitor/a está agora diante de uma das redes e microculturas juvenis mais móveis das periferias estudadas e, ao mesmo tempo, ainda pouco conhecida. O *wheeling* vem junto com a massiva motorização em duas rodas possibilitada pela ampliação de ofertas de crediário e maior poder aquisitivo entre os jovens de bairros populares. No caso das motos, favorecendo a popularização e o consumo de motos de baixas cilindradas, como já tinha destacado Jeolás (2013) sobre os *rachadores*. Aliás, ambas redes juvenis se aproximam em muitos aspectos, como por exemplo, ambas investem na bricolagem, pois, além de comprar essas máquinas motorizadas, também realizam investimentos na sua motorização, pneus, decoração externa, ou seja, preparam as motos para proporcionar as sensações, sempre mais amplas, de vertigens e euforia.

Em relação a dimensão espacial, as redes juvenis do *wheeling* produzem escalas além do intraurbano, além de comporem uma multiterritorialidade e escalaridade difusa na própria cidade. Também é uma microcultura que se sente os efeitos de uma transescalaridade cultural, conteúdos materiais e simbólicos transacionados e que aterrissam em cidades como Bauru e Marília a partir da cidade de São Paulo.

Do ponto de vista histórico, há poucas fontes sobre como surgiu esta microcultura, ou como foram desenvolvidas suas redes iniciais de sociabilidade, bem como sobre o início das relações transescalares desta microcultura entre as cidades. Alguns fragmentos de informação colhidos em blogs e sites na internet sobre o *wheeling* informam que esta microcultura surgiu na década de 1970, como um esporte radical centrado em manobras com motocicletas, exigindo força e equilíbrio de seus praticantes, sobretudo, para empinar ou erguer a moto com uma roda apenas. Sempre é citado o californiano Doug Domokos como o pioneiro neste tipo de esporte e que realizava exibições de suas habilidades por várias cidades estadunidenses.

Da Califórnia, polo difusor de muitas culturas urbanas, essas práticas acabaram por adquirir transescalaridade pelo mundo e chegaram às cidades brasileiras possivelmente no final dos anos de 1970. Contudo, o processo pelo qual chegou ao Brasil e nas metrópoles requer outras investigações não apenas das rotas e aterrisagens culturais deste esporte e de como chegou até as periferias.

O que consegui saber é que sua existência no país conta com mais de trinta anos e que, em Marília, existiam jovens, no começo dos anos de 1980, que em áreas não asfaltadas do centro tradicional, faziam estas manobras de empinar a moto. Em Bauru, estas práticas estavam misturadas com os rachas de motos entre os jovens nos anos de 1980, em torno da recente construção da avenida Nações Unidas e em rodovias fora do perímetro urbano.

O pioneiro nesse esporte em Marília é conhecido na cidade como "Chico Bala". Essa era, inclusive, uma prática que se realizava onde hoje se estabelece uma das avenidas de maior centralidade de comércio e vida noturna, que é a Avenida das Esmeraldas (Figura 32).



Figura 32: Chico Bala empinando sua moto na Avenida das Esmeraldas em Marília.
Destaque: Atividades que ocorriam durante os anos de 1980.
Fonte: Foto do acervo de fotos cedidas pelo próprio Chico Bala

Porém, tanto naquela geração, como hoje, esta continua sendo uma prática vista como conduta perigosa e punida pela polícia, ainda mais se estas práticas ocorrerem em vias públicas[234]. Por isso, desde este período, os locais e momentos escolhidos pelos jovens, para estas práticas, exigia habilidades furtivas e locais distantes da atenção do público não enturmado e da polícia. Fato que acrescenta sensações de risco e adrenalina. Sensações produzidas em face da ousadia da empinagem e do local de risco, além do risco punitivo, da possibilidade de ser autuado, com a moto aprendida e suspensão da carteira de habilitação (figura 33).

[234] Desde 2010, *o wheeling* foi reconhecido como prática esportiva pelo Ministério do Esporte.

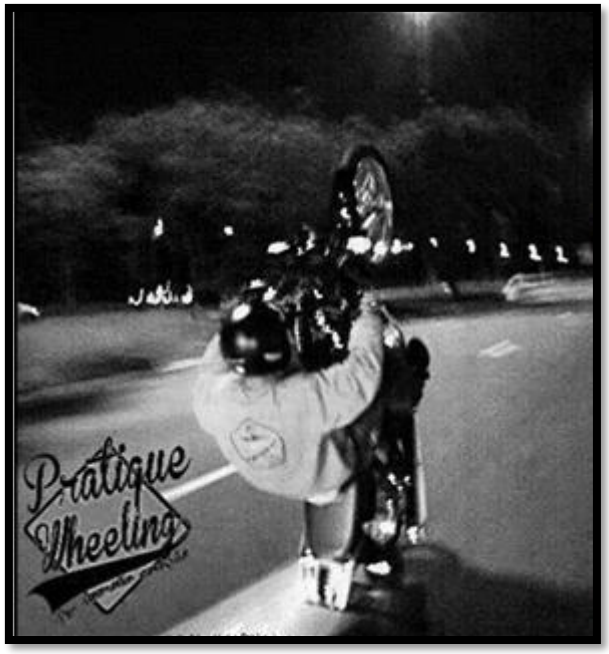


Figura 33: Jovem numa rodovia de Marília que corta a cidade no sentido Norte e Sul.
Destaque: Em duas manobras ao mesmo tempo: empinando e raspando a *rabeta da moto*.
Fonte: Mídia social do *Facebook* - grupo *Pratique Wheeling* da Zona Sul da cidade de Marília.
Acesso: 22/09/2014

As descrições sobre *wheeling* estarão centradas basicamente em Marília, onde a conheci, no bairro Santa Antonieta, contudo, no Octávio Rasi em Bauru, os jovens ali conhecem os clubes que praticam *wheeling* na cidade e também os de outras cidades. Por exemplo, o *26daNorte*, apesar de ser uma equipe de São Paulo, tem aterrissagens tanto em Bauru como Marília. Os jovens que tive contato em Bauru conhecem sua fama, além de comprar adesivos dessa bandeira. Uma dificuldade encontrada no contato com esta microcultura é que os níveis de suas práticas vão do que é visível ao público e aquilo que somente é tornado visível entre seus praticantes. Tentei chegar o mais próximo desse último nível, mas aqui se revela a necessidade de uma etnogeografia ainda mais profunda e duradoura do que aquela que pude realizar ao longo desta pesquisa.

5.4.1. Contexto socioeconômico da microcultura do *wheeling*

Como todos os jovens desta pesquisa, os praticantes de *wheeling* também pertencem à classe trabalhadora que, desde o início dos anos 2000 vivem em uma conjuntura econômica de elevação da renda média (ganhos na renda em torno do salário mínimo) e maior poder de consumo pela maior empregabilidade dos membros da família (POCHMANN, 2000). Outro dado, de suma importância, está relacionado ao fato de que estes jovens passaram a ter forte participação no mercado de crédito. Uma pesquisa do SERASA[235] informa que os jovens da periferia foram um dos grupos que, entre 2008 a 2010, mais impulsionaram o mercado de créditos no país e com o maior ranking na consulta de financiamento para compra de carros e motocicletas – neste último caso para motos de baixas cilindradas.

Além daqueles aspectos, houve, desde 1990, um grande incentivo para a fabricação de motocicletas no pais, algo que saltou de uma frota de 1,5 milhões neste ano, para 17 milhões em 2012, além de uma desregulamentação do trânsito, que deu oportunidade das motos entrarem no sistema de transporte urbano sem muitas restrições de segurança (VASCONCELOS, 2013). Em 2011, 75% dos compradores de motos eram do sexo masculino, 47% tinham menos de 35 anos e 85% das compras estavam relacionadas às classes econômicas C, D e E[236].

Estes dados mais gerais, ainda que não expliquem a escolha que muitos jovens fazem pelas motocicletas e mesmo porque alguns decidem usá-las para práticas de *wheeling*, aponta que a facilidade do crédito, leasing e consórcios e a própria condição do mercado neste período foram fatores determinantes para o grande número de jovens associados ao uso de motos, o que também deve ser um aspecto importante para o próprio crescimento desta microcultura nas periferias nas cidades.

---

[235] Estudo foi feito pela instituição "Serasa Experian", a partir, de uma amostra de 1,4 milhão as consultas de consumidores, identificados pelo Cadastro de Pessoa Física (CPF) para obter financiamento em 121 instituições financeiras espalhadas pelo País. A reportagem é do Jornal do Estado de São Paulo do dia 02/01/2012 e está disponível em http://www.estadao.com.br/blogs/jt-seu-bolso/2012/01/02/jovem-da-periferia-o-principal-consumidor-de-credito/. Acesso em 12/02/2016.

[236] Fonte: Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Bicicletas e Similares (Abraciclo). Anuário de 2010.

Contudo, alguns elementos do cotidiano ajudam a entender as escolhas pela motorização em duas rodas. Como o fato do custo da mobilidade, segundo a Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP), viajar de moto por quilômetro custa menos que o transporte coletivo, em termos de ônibus urbano. Outro elemento importante para a escolha deste tipo de motorização, decorre de uma alternativa a mais para aumentar a renda e para a própria empregabilidade, algo que se tornou atrativo para os jovens, sobretudo, aqueles com baixa escolaridade (VASCONCELOS, 2013).

E é fácil encontrar muitos jovens da periferia que fazem diversas atividades econômicas com as motos, como as de entregador, moto taxista, motoboy, moto frete etc. Não raro, muitos pagam suas motos e seus financiamentos com estas formas de trabalho, muitas vezes, no circuito informal da economia.

Por outro lado, este aumento da motorização em duas rodas acompanha um grave custo social. Alguns pesquisadores, como Eduardo Vasconcelos (2013) já falam em "destruição social", pela desregulatória maneira como as motocicletas foram introduzidas no trânsito, em face do enorme número de acidentes e mortes. Entre 1998 e 2012, o número de vítimas com morte com motos alcançou um aumento de 610%[237].

Não tenho dados quantitativos que informam a relação dos *jovens do wheeling* com suas atividades laborais, mas não é incomum que uma parte significativa destes jovens use suas motos não apenas para diversão, mas para deslocamentos e trabalhos. Seja como for, em termos de motorização, esta microcultura encontra paralelo com os estudos de Jeolás (2013), quando destaca grupos juvenis que vão em busca do risco, da adrenalina, das sensações corpóreas que visam romper os controles para reverter para o sentimento de potência. Há também certo paralelismo com os "rebeldes urbanos" da periferia, captados por Diógenes (1998, p. 150), semelhantes aos nômades, sempre em movimento, cuja "circulação constante parece ser sua marca e a sua estratégia para a agilidade e destreza nas sucessivas necessidades de escapada", o que é próprio do *wheeling*, pois os jovens realizam grande parte de suas performances nas

[237] Fonte: Ministério das Cidades; DENATRAN e Ministério da Saúde no conteúdo da matéria "Explosão de motos e mortes. **Revista de audiências públicas do Senado Federal**. Ano 3, n.13, nov/2012.

ruas, fugindo da polícia, mas com habilidade e potência motorizada para impor dificuldades para serem retidos.

Não obstante, é preciso compreender esta microcultura numa dimensão socioespacial mais ampla, pois seu movimento ou nomadismo urbano, móvel e difuso, está relacionado com a transposição de escalas na cidade, com maior poder para frequentar diferentes locais com rapidez e agilidade, o que faz afirmar que a motorização empoderou os jovens das periferias, no sentido de sua mobilidade e produção de espacialidade.

O desejo pela liberdade do movimento não poderia encontrar objeto melhor para se realizar na cidade. A vontade de estar em vários lugares em curto espaço de tempo, driblar o trânsito, vencer distâncias com relativa economia de custos e manutenção tornou-se a razão principal de muitos jovens da periferia preferirem investir em motos.

Outro aspecto contextual se relaciona ao fácil grau de enturmamento desta microcultura na periferia. No caso de Marília e Bauru, a aterrissagem da microcultura foi facilitada pelo fato de que encontrou bairros populosos e um grande número de jovens motorizados, que não necessitam de grandes investimentos para se juntarem. Camisas e adesivos são acessórios baratos, bastando colocar um adesivo, participar de um *rolê* e já se está, teoricamente, dentro do grupo. O sentido de adesão grupal não demanda quase nenhuma restrição ou critério. O fato de ter uma moto, como se verá adiante, estar numa determinada rede juvenil relacionada com *jovens do wheeling*, já credencia sua entrada nesta microcultura.

5.4.2. As redes juvenis do *wheeling*

No Jardim Santa Antonieta, em Marília, o meu interesse foi despertado pelo grande número de jovens adeptos e mais ainda a capacidade de saltar escalas num ritmo e ubiquidade que escapa as fronteiras do bairro e da própria cidade. Sua história, tanto em Bauru como em Marília, tem antecedentes ligados a uma rede de sociabilidades que já estava estabelecida, tais como muitas outras redes juvenis na

periferia. Nestas cidades, era um tanto comum os rachas noturnos, em que empinar e fazer disputas entre membros de diferentes grupos e redes, ligados a diferentes oficinas de moto, eram práticas comuns nos anos de 1990 e início dos anos 2000.

Entre os rachadores, existiam jovens que, além da destreza em conduzir suas motos em velocidade, também faziam acrobacias. E foi nestas performances que foi se destacando o *wheeling*, em que empinar era parte da diversão. Em Marília, o que também se assemelha com os *jovens do low* (carros rebaixados), estes locais e momentos de expressão, tendiam ser à noite e em torno de postos de combustível localizados fora do perímetro urbano. Outra informação colhida em conversas informais com jovens das "antigas", nos encontros de *low* e *wheeling* – e isso é um aspecto importante que diferencia essas microculturas daquelas dos rachadores – é que suas redes tendiam para aglomeração e atenuavam o clima de disputa, algo mais comum e fragmentador nos rachas de motos ou carros.

Em relação as redes juvenis que orbitam em torno desta microcultura, o contato maior foi com a equipe da *26daNorte* de Marília. Dialogando e entrevistando alguns deles, todos revelam que, quando jovens adolescentes, já realizavam manobras de bicicletas, como descrito no capítulo 4, fazendo acrobacias nas pistas de terra do bairro.

Em geral, o pulo da bicicleta para as motos é algo comum entre estes jovens, baseando-se na diversão entre diversas formas de rolamento, em que a vertigem e velocidade se misturam como parte central destas práticas. Os três dos jovens com que mais tive contato, "Eduardo Lobinho", "Marcelinho" e o "Eduardo do Skate", começaram por manobras de bicicross no bairro, participavam de redes de amigos em torno destas práticas e nos passeios que faziam para além do bairro. Integraram-se em diversas redes e microculturas ao longo de suas trajetórias.

Quando adquiriram a primeira moto, logo tentaram se espelhar em jovens adultos que já têm experiência com motos e com as manobras mais radicais. Esta diversão não apenas proporciona, em si, as sensações de euforia, mas ela alcança prazer entre amigos, visibilidade e reconhecimento.

A rede de sociabilidade que começa no bairro, por meio de outros estilos de esporte e lazer, vai sendo tecida sob diversas trajetórias pessoais até chegar na rede

juvenil do *wheeling*. A trajetória do Marcelinho (26 anos), um dos líderes do *26daNorte* em Marília, mostra que o investimento de tempo, interesse e outros recursos depende também de oportunidades oferecidas nas outras redes de amigos ou colegas em que se está também envolvido, segundo ele: *empino a moto desde os meus 16 e 17 anos. A gente tinha motos desmontadas, meus colegas mais velhos tinham, eu ia com eles e eles me emprestavam*. Ou seja, estar integrado numa rede de amigos que já tinha conhecimento sobre motos foi de grande valia para a sua aproximação com o *wheeling*.

Outro aspecto destas redes sociais é a prática do "empréstimo amigo", ou seja, faz parte da amizade sentir confiança através da partilha de objetos. Muitos não têm moto, mas ficam sempre juntos dos amigos e aprendem, com os mais experientes, os macetes, e disso resulta a possibilidade de dar uma volta com uma moto, sentir o gosto da motorização, aprender a coparticipar das sensações.

A maioria destes jovens faz parte daquelas relações proxêmicas, destacadas no capítulo 4, quando ainda adolescentes vão entrando em contato na própria periferia com práticas semelhantes ou via relação com amigos e parentes que convivem no mesmo bairro ou escola. O fato de estar entre os caras lhes permite acesso ao saber prático, como fazer arranjos, tunagem e manobras com as motos[238].

As redes juvenis destes jovens, contudo, não apenas "giram" em torno do interesse comum ou se dão em redes fechadas de amigos, elas são abastecidas de novidades, festas, eventos abertos. Estas festas e eventos buscam reunir o máximo de participantes. Novamente aqui entra em destaque o tudo junto e misturado. Talvez jovens de classes mais altas tenham oportunidades menos abertas para encontrar uma rede maior de amigos, o que parece ocorrer apenas na escola ou no clube, mas entre estes jovens todos estão se vendo, se trombando no bairro, as novidades se dão na relação face a face. As notícias se espalham muito rapidamente, todos estão próximos fisicamente no bairro e no caso de o bairro ser grande, como o Santa Antonieta, isso possibilita amplas oportunidades para se fazer amizade, encontrar outros jovens com as mesmas afinidades e criarem momentos para curtir os mesmos interesses.

[238] Leila Jeolás (2013) também nos seus estudos encontra as mesmas características de proximidade de amigos, quando desde muito jovens vão se iniciando no mundo da motorização.

Há, por assim dizer, um maior estoque relacional. Geralmente, não se está sozinho, encontram-se outras dezenas de jovens também ingressados em falar dos mesmos assuntos, ou realizarem as mesmas práticas. Esta relação proxêmica em rede é que vai determinando continuidade de uma determinada prática, como é o caso do *wheeling*.

Conforme a rede vai se reconhecendo pela sua força e desejo de visibilidade, vai se tornando necessário a criação de espaços para seus encontros. Jovens de outra rede em Marília, no bairro popular de Nova Marília, mais antiga que o *26daNorte*, denominada *Pratique Wheeling*, foi formada no momento em que todos que curtiam empinar motos naquela área da cidade passaram a se encontrar num local do bairro, onde se deu a construção de seu pedaço e daí a unidade da rede. No caso do *26daNorte*, esse pedaço também se tornou importante para se reforçar uma certa unidade da rede, embora, como se verá depois, estas redes de *wheeling* produzem espaços ainda mais específicos para suas práticas e para reforçar seus laços de lealdade e amizade.

As festas também são importantes para reforçar os laços e a continuidade da bandeira do grupo, ao mesmo tempo em que as festas que organizam, e mesmo os eventos que realizam, não é no sentido de atrair apenas os praticantes do *wheeling*, mas também amigos, simpatizantes e até outras microculturas. Em um destes encontros em Marília, num espaço de um clube municipal da cidade, que durou todo o dia, presenciei não apenas as constantes manobras e competições em torno dos praticantes, mas estandes de venda de bebidas, oficinas de tunagem e de instalação de som automotivo. Ali estava sendo o ponto de encontro de outras microculturas e atividades de consumo. Jovens e até suas famílias tinham ido para prestigiar o evento. O evento fora organizado pelas duas redes principais de *wheeling* na cidade (*Pratique Wheeling* e *26daNorte*). O preço de entrada era de 10 reais, voltado apenas para pagar os seguranças, já que o espaço municipal fora cedido. Do lado de fora, estavam estacionados, na maioria, carros populares, e grande número de expectadores que foram atraídos pelo espetáculo das motos empinando, o que já evidenciava o caráter popular do evento.

Durante o evento, os jovens consumiam cerveja, casais namoravam, grupos relacionados aos carros com som automotivo e rebaixados também estavam presentes,

mas a atração principal estava por conta do próprio risco, o ponto central da festa eram as manobras associadas às acrobacias de moto. Um espaço livre para as manobras. Não havia competição oficial, por isso, era permitido até os menos experientes tentarem suas manobras e achar o grau, e como sempre falam na periferia, na humildade, quer dizer que não valia dar risadas ou mesmo deboches. Contudo, o risco é levado ao extremo, pois não vi nenhum jovem com equipamento de proteção corporal, muitos apenas de bermudas, sem camisa e tênis. Nesta microcultura, a presença de meninas na prática de *wheeling* é muito raro. Participam da rede, mas apenas com motos para simples passeios, usam os adesivos da bandeira, participam dos eventos, mas raramente são protagonistas das acrobacias.

Já em suas relações mais internas, há entre estes grupos uma acentuada referência ao conceito êmico de *família*. Pertencer ao grupo *26daNorte*, em Marília é fazer parte de uma *família* de amigos e simpatizantes, compor uma rede muito grande de adeptos da microcultura. A *família wheeling* sugere, quando expressada pelos seus praticantes e simpatizantes, um valor calcado na proximidade e de "sentimentos vividos em comum" (MAFFESOLI, 1998, p.25). Não expressa, como no uso do conceito de zona, algo relacionado com territorialismos. *Família*, mesmo entre os jovens adolescentes, que também usam dessa expressão nos *rolês* na cidade, constitui aquela ética cuja experiência não deriva de leis ou normas abstratas, mas de um ajuste que vai ocorrendo entre seus participantes, algo não dito, mas cujas regras e acordos vão emergindo de seus costumes e práticas.

Outro aspecto, é que *família* é uma rede maior que suas redes proximais (amigos e colegas próximos), ainda que seja uma rede de amigos, mas que alcança relações com os amigos dos amigos, das ações e gostos partilhados em comum, que não apenas encontra reforço no bairro, mas pode extrapolar o limite da cidade, encontrando amigos e simpatizantes até em outras cidades. Essa *família* se concretiza espacialmente, sobretudo, quando os jovens garantem com suas presenças a continuidade da microcultura, dando força com ajuda de custos, comprando camisetas do grupo e prestigiando as bandeiras de *wheeling* e estando nos eventos.

Há os laços mais estreitos na rede, retículas mais proximais, em que se encontra maior lealdade, um respeito aos *parças*, isto é, ser um parceiro, aquele cara em que se

pode confiar, pois costuma estar em "todas", ser participante dos encontros e não fugir dos desafios. Mas, penso que essas retículas não se igualam, por exemplo, aos *bondes* dos *fluxos*. Também é distante de algo estatutário, ou mesmo como uma gangue de motoqueiros, como da famosa e globalizada gangue dos Hells Angels, em que existe um código de conduta rígido, forte lealdade à bandeira e punição às traições. Entre os *jovens do wheeling* essas regras são muito frouxas. Além disso, os desligamentos ocorrem sem maiores custos pessoais. E é, talvez, fortemente, por não terem estatutos ou mesmo regras rígidas de fidelidade, que podem criar enormes aglomerações espaciais.

Em geral, as redes do *wheeling* estão associadas a uma cultura da periferia e isso também os faz se reconhecerem, já que os problemas, as rotinas e as maneiras de crescer nestes bairros os vincula pela linguagem e espaços sociais. Mesmo sendo jovens que moram em bairros e cidades diferentes, todos estão antenados aos eventos e *rolês*. Como denota este trecho extraído da mídia social do *Facebook* (figura 34):



Figura 34: Evento dos grupos de *wheeling* em Marília.
Destque: *Wheeling, família* e estilo de vida
Fonte: Mídia social do *Facebook* – pagina pessoal
Acesso: 11/11/2014

Em todas as redes juvenis que observei e entrevistei, também se dá aquele discurso mais secreto, pois é falado em código, em suas maneiras e localismos, sem deixar de ser aberto àqueles que não estão na rede de confiança e amizade do grupo.

Por isso, não são redes ou grupos totalmente fechados, mas sugerem aberturas para ampliação de seus enturmamentos. Nesse sentido, não são apenas redes que se formam meramente como um universo de finalidade, devem ser imaginadas como constituídas por laços cotidianos, atos, emoções e sentimentos que surgem no ambiente partilhado e vivido, que se reconstrói constantemente.

Estas redes juvenis na periferia constituem parte da experiência cotidiana, das conversações, do coleguismo, da ajuda mútua, o que se poderia chamar de "encadeamento proxêmico", nos termos de Maffesoli (1998), cujos efeitos secundários se dão nos momentos de necessidade, diversão, solidariedade e outros compartilhamentos sociais. Para os jovens, as redes de amizades são fundamentais, pois eles têm que lidar com uma rede complexa de poder e posição, nas formas de se posicionar e fazer escolhas, lidam com um mapa social, onde precisam estar inscritos e reconhecidos nele. Por isso, os investimentos para ter acesso aos espaços e a visibilidade social.

No *wheeling*, no *fluxo*, no *rolê* dos jovens adolescentes há sempre o reforço dos vínculos através das mídias sociais, compartilhando mensagens, eventos e avisos. O que acaba dando condições para os encontros e que permite também compor grandes fluxos de jovens nestes *rolês* (figura 35). Permite serem parte de algo, de se fazerem visíveis no seu meio social e para além dele, em toda a cidade.

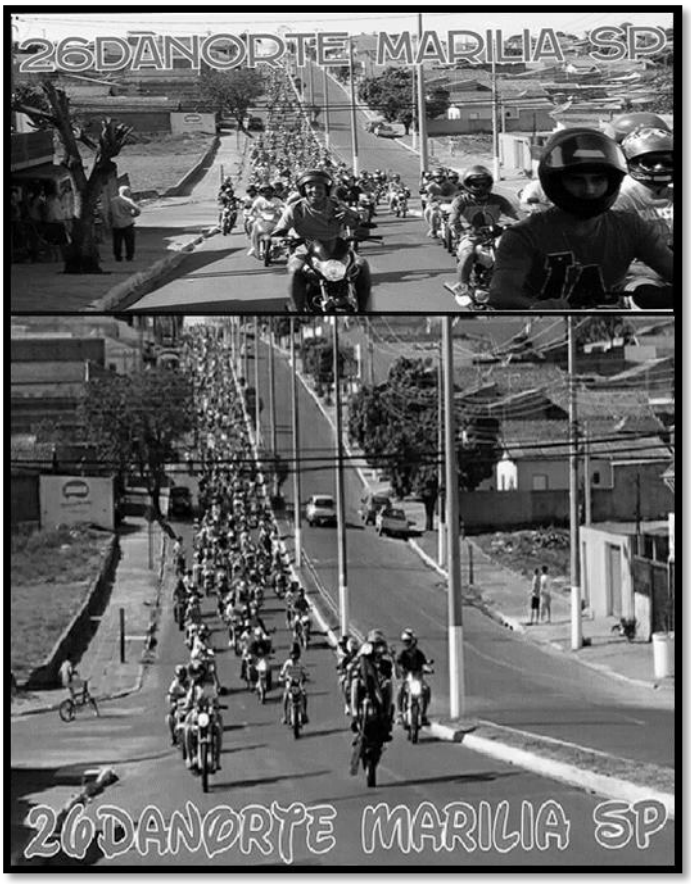


Figura 35: Grande *rolê* de moto diurno e de final de semana.
Destaque: Organizado pelo grupo *26daNorte* no Jardim Santa Antonieta.
Fonte: Material fotográfico do grupo *26daNorte* de Marília.

5.4.3. Escalas e territorialidade do *wheeling*

Tal como as outras, as práticas do *wheeling*, suas festas e eventos exigem saltar escalas e tecer territorialidades, a começar pela preocupação em criar um pedaço, o que corresponde ao que Magnani (1992) observou, quando da necessidade de uma base física de encontro e aglutinação da rede em um bairro e outro tipo de pedaço, descolado do bairro, onde diferentes jovens, vindos de outras localidades estão unidos pelas mesmas preferências e interesses, ou em torno de elementos que os identificam como um grupo juvenil específico.

Por exemplo, o *26daNorte*, em Marília, tem uma base física, um pedaço a partir do qual organizam encontros, onde ocorrem os contatos entre amigos. Neste pedaço funciona um lava-jato do líder do grupo (figura 36). Já no pedaço fora do bairro, reúnem-se outros grupos e jovens com interesse no *wheeling* que, aliás, não é sempre fixo, mas é onde se costuma acertar os encontros e cuja localização é mais ou menos central ou é um local de fácil acesso. Em Marília, ultimamente, o Bar Texas tornou-se uma referência espacial forte para esta microcultura (figura 37), localizado em um dos núcleos de lazer da cidade, na Zona Oeste.



Figura 36: Base física da rede juvenil *26daNorte* e encontro com os amigos.
Fonte: Acervo de fotos e registros digitais do grupo *26daNorte* de Marília

O Bar Texas acaba sendo um pedaço mais aberto de confraternização, de encontro noturno, aonde vão para beber, onde estabelecem amizades. Geralmente é onde os novatos costumam ir para se entrosar com as redes de *wheeling*. Um local também de divulgação das equipes, em que se pode combinar *rolês* e outras práticas socioespaciais. Como é um local aberto, onde qualquer um pode frequentar sem algum constrangimento, também existe, por parte dos líderes dos grupos juvenis do *wheeling*, a preocupação em não sujar, ou seja, de não ter confusões no bar, ou mesmo complicar a vida do dono do estabelecimento, que, geralmente, em troca, oferta bebidas mais baratas, ou mesmo patrocina encontros e *rolês*.

O líder do *26daNorte* sempre destaca e até mesmo de outras redes de *wheeling*, a preocupação com a imagem da rede. Pois quanto mais problemas, equivale maiores dificuldades para encontrar locais de encontro e formas de aglutinar as redes. O que significa fim de acordos com donos de bares e eventuais patrocínios futuros. Outro problema, é de tornar seus encontros ainda mais visados pela polícia.



Figura 37: Bar Texas – local de encontro dos grupos de *wheeling*.
Destaque: Localizado no núcleo de lazer da zona oeste de Marília.
Fonte: Acervo de fotos e registros digitais da rede juvenil *26daNorte* de Marília.

Quando aparecem na área central, nos *rolês* da noite, buscam estar próximos dos locais luminosos, onde registram suas presenças, mas sabem que são estranhos, por isso, como destaca-se no comentário da postagem na figura 38, querem tumultuar, querem fazer acontecer, dar seus shows, compor de modo avesso a paisagem do lazer. Tal como outras redes juvenis da periferia não escondem seus sinais diacríticos: seus bonés, pulseiras, correntes, suas expressões corporais e objetos de marca e grife. E no caso do *wheeling*, soma-se suas acrobacias com as motos. Suas visibilidades nestes locais, de certa forma, tumultuam a cena, no sentido de que invadem espaços, trazendo a cultura da periferia.



Figura 38: Jovens no núcleo de lazer da Avenida Tiradentes em Marília.
Fonte: Mídia social do *Facebook*, página pessoal.
Destaque: *Cada hora ne um lugar os bico ta a se pergunta...quem é esses caras que não para de tumultua*
Acesso: em 12/12/2014

Mas estas redes também precisam produzir territorialidades exclusivas, espaços para suas práticas. O que quase sempre está em tensão com as normas que regulam o espaço urbano, sobretudo, em relação, as leis de trânsito e policiamento. Outras vezes, conseguem encontrar locais que oferecem as estruturas para treinar e fazer suas manobras. Algumas bandeiras como *26adaNorte* utilizam pistas privadas, como a pista "aero motos", localizada em área industrial da cidade. É um uso pago e, geralmente, cada um contribui para que coletivamente possam fazer uso da pista.

Nesta mesma pista, foi realizado o primeiro encontro de *wheeling* da região em 2015. Locais como estes ou espaços públicos cedidos, favorecem o reconhecimento desta microcultura, uma certa legitimação simbólica perante a sociedade. Além de criarem espetáculos com suas práticas, e a geração de uma oportunidade econômica, muitos vão para assistir suas manobras na pista, constituindo-se expectadores que também consomem produtos nestes eventos.



Figura 39: *Jovens do wheeling* pista "Aero Motos" em Marília .
Fonte: Mídia social do *Facebook*, página pessoal.
Acesso: em 12/12/2014

Outras territorialidades ocorrem nas *quebradas* (figura 40), um outro tipo de espaço, mais esotérico, uma visibilidade que ocorre de maneira mais fechada. É onde serão realizadas as manobras mais arrojadas entre os membros da rede, ou também para eventuais expectadores que ficam sabendo do encontro e que chegam geralmente acompanhados dos *parças*, além de outros motoqueiros que visam se aproximar ou entrar nas redes.

Muitas vezes, os locais são escolhidos muito em cima da hora, já que a quebrada pode ter sido invadida, monitorada pela polícia, ou porque, algum jovem da rede encontrou um local mais interessante para as manobras. Tal como no fluxo, as mídias sociais e as redes conectadas com estas mídias possibilitam em tempo real alterar a programação, daí o poder destas redes de se tornarem cada vez mais elusivas.

Os locais preferidos para estes encontros costumam ser locais de pouco trânsito e com baixa probabilidade de monitoramentos, como ruas desertas da periferia, rodovias ou no setor industrial. Geralmente, são encontros marcados nas tardes de sábado. Abaixo umas das *quebradas* em Bauru.



Figura 40: Encontro do *Cachorro Loko* uma rede do *wheeling* e de motoqueiros de Bauru.
Destaque: Jovens de diferentes bairros da cidade reunidos numa área periurbana ou uma *quebrada* para fazer as manobras e encontrar os *parças*.
Fonte: Frame capturado de um vídeo cedido por um colaborador e ex-aluno da Escola Walter Barretto Melchert

Outras vezes, os locais escolhidos são rodovias onde se pode arriscar as manobras em boa pista de rolamento e de pouco tráfego, além é claro, longe do monitoramento policial. Mais fechados e reservados, estes encontros testam as habilidades e, ao mesmo tempo, favorecem a visibilidade daqueles que buscam mostrar suas capacidades e técnicas de empinagem. Mas essas quebradas nunca são as mesmas, podem variar de final de semana, uma estratégia espacial que se dá pelo fato da polícia sempre estar rondando suas atividades, o que impõe mudanças constantes de locais no sentido de desorientar as forças policiais.

Neste tipo de *quebrada*, o risco é alto não apenas em relação as quedas, fraturas e escoriações, mas também com acidentes com carros na pista, em geral todos estão absorvidos pelo momento, mas devem estar preparados para reações rápidas de fuga ou esquiva de carros ou caminhões na pista. Neste sentido, quem vai na *quebrada* se arrisca e deve saber o preço do risco. Um saber prático que é reconhecido nos jovens mais experientes e ousados da rede.

No contato com líderes do *wheeling*, em Marília, eles sempre tocam na questão da falta de locais para suas práticas, o que implicaria se arriscarem em ruas e rodovias (figura 41). É preciso salientar que o *wheeling* é, desde 2010, reconhecido como um esporte, inclusive existindo federações e associações nacionais. Com base nesta legitimidade e no caso das redes de Marília há de fato uma demanda antiga por uma pista pública de *wheeling*. Inclusive uma demanda que vem se transformando num trunfo aproveitado politicamente[239].



Figura 41: Jovens da equipe *Pratique Wheeling* – Zona Sul de Marília.
Destaque: Acrobacias e manobras de risco em rodovia estadual.
Fonte: Mídia social do *Facebook*, página do grupo

As redes de *wheeling* tem na motorização o maior recurso para produzir seu capital espacial, contudo, precisam das redes de amigos para encontrar locais de diversão e fortalecimento da microcultura, além disso, as territorialidades para suas práticas de empinagem impõem estratégias espaciais, como encontrar pistas, escapar de monitoramentos e controles.

[239] Tenho por base uma festa que presenciei (churrasco), patrocinada por um candidato a deputado na cidade, em 2014, para os jovens da *26daNorte*. A promessa da pista compareceu também ali como um mote político.

É fato que, com uma motorização extremamente versátil, econômica e veloz, esses jovens podem criar escalas que ultrapassam o intraurbano – algumas vezes. Com suas motos e fortalecidos pelas suas redes de sociabilidade, eles compõem um circuito muito heterogêneo, marcando territorialidade em bares, em núcleos de lazer, *quebradas,* em áreas periféricas ou periurbanas, criando *rolês* solidários nas vias públicas, frequentando outras cidades, organizando diversos encontros.

Na chamada que aparece na figura 42, captada de uma mídia social, pode se ver um encontro na cidade de Ourinhos, que dista aproximadamente 95 quilômetros de Marília. Neste encontro, em particular, as duas maiores redes juvenis de *wheeling* de Marília se juntam numa rede maior para saltar a escala da cidade, determinando as escalas de parada, com o objetivo de formar grandes aglomerações. Aqui o tudo mundo junto e misturado compõe uma etapa da própria diversão, encontro com os parceiros de distintas zonas da cidade. O evento não apenas conta com *jovens do wheeling* como de outras microculturas, além de favorecer a divulgação da equipe e aumentar a intensidade da festa em termos de consumo e novos contatos.



Figura 42: Evento que serve de encontro dos grupos de *wheeling* da cidade.
Destaque: Encontro de equipes de *wheeling* em cidade próxima, já em uma escala interurbana, a partir de um evento de motociclismo.
Fonte: Mídia social do *Facebook* – pagina pessoal
Acesso: 11/10/2015

O salto de escalas interurbano se conjuga com a transescalaridade cultural do *wheeling* na região. Por exemplo, o *26daNorte* é uma bandeira que se espacializa em diferentes cidades. Surge na cidade de São Paulo e pelas redes do interior que entram em contato com jovens da metrópole, são trocadas notícias, informações de eventos e venda de produtos (camisetas, adesivos, acessórios). Nestes encontros, quem está próximo se junta, e o fato de se reconhecerem como pertencentes a uma rede maior, lhes permite dar maior projeção para a bandeira.

Em Bauru, quando comecei com a pesquisa sobre o *wheeling*, não havia uma retícula coligada com a rede *26daNorte*. Muitos jovens sabiam do que se tratava ao me indagarem sobre o adesivo em minha moto, ou uma camiseta que passei a usar nas idas a escola, reconheciam aquela bandeira e até pretendiam se integrar a ela no futuro. Passado algum tempo, essa rede já se instalou na cidade atraindo dezenas de jovens.

Outros encontros que são divulgados na internet visam estabelecer uma aproximação com a sociedade. Há uma preocupação destes grupos, com sua legitimidade, de fazer parte de uma esfera social maior, como uma "cultura pública" (ORTNER, 2011). Buscam delinear uma imagem para o exterior, por exemplo, nas campanhas beneficentes que se envolvem. Tal ação, além do caráter solidário, também tem o sentido de desfazer a conotação marginal e delinquente, que se associa a estes grupos (figura 43). Alguns destes encontros apesar de começar no período diurno, pode avançar na noite.



Figura 43: *Rolê* para arrecadação beneficente em Marília.
Fonte: Cartaz divulgado em forma digital por mídias sociais *Facebook* e WhatsApp
Acesso: 05/10/2014 - https://www.facebook.com/PratiqueWheelingOficial?fref=ts

Estes *rolês* de caráter solidário, são organizados com base numa espécie de pactuação inicial, no sentido de que todos tenham consciência das regras de trânsito e dos cuidados com a polícia. Ou seja, é preciso manter-se fora de problemas, ou manobras radicais que venham extrapolar os limites das regras normativas de trânsito, porém, nem sempre isso ocorre. Por exemplo, em um dos *rolês*, alguns jovens resolveram fazer uma afronta à polícia, empinando suas motos em frente de algumas viaturas policiais, o que acabou trazendo consequências, como a proibição, por algum tempo, destes *rolês* durante o dia. Outros *rolês* apresentam uma aglomeração móvel tão intensa que chega a ocupar grandes extensões das avenidas como esse *rolê* organizado pelo *26daNorte* de Bauru, sem prévio aviso às autoridades de trânsito (figura 44):



Figura 44: *Rolê* na Avenida Nações Unidas em Bauru.
Fonte: Frame de vídeo sobre do *rolê* das Nações Unidas de um dos participantes 15/04/2016
Acesso: 05/10/2016

No caso de gangues, Diógenes (1998) salientava um forte grau de pactuação em torno de um líder ou de regras internas que visam sua coesão. No caso do *wheeling*, apesar de se enunciarem de forma coletiva na cidade, as regras internas são bem menos rígidas, não raro, como se viu, alguns costumam extrapolar as regras a partir de uma série de manobras, como acelerar as motos nas vias de trânsito, queimar os pneus nas ruas, fazer rachas e empinar suas motos, o que, segundo o líder do *26daNorte* em Marília, acaba comprometendo todo o coletivo, com a imagem de desordeiros.

Embora denotem um sentimento de lealdade com o grupo, apoiem a bandeira, há uma relativa falta de regras rígidas, não existe um chefe ou um estatuto que funcione como um inibidor ou estabeleça punições àqueles que não seguem as regras internas. Talvez daí derive sua forte adesão, onde cada um segue seu juízo, mas que coletivamente é o grupo que ganha projeção e visibilidade. Ser um adepto de *wheeling* de uma determinada equipe é sair do anonimato, é encontrar locais de práticas de empinagem e juntos compartilharem riscos e emoções. Como se viu anteriormente, é onde se estabelece uma *família*.

5.4.4. A visibilidade e inserção do *wheeling* no campo de poder na cidade

Tendo em conta suas escalas e territorialidades, parece se revelar em relação as redes juvenis relacionadas com *wheeling*, uma estratégia socioespacial calcada numa visibilidade bifronte, ou seja, suas práticas transitam entre dois mundos ou esferas sociais. Esta estratégia pode confundir aqueles que estão fora das relações entre os participantes do grupo.

O caráter bifronte das performances e visibilidades está também presente, em graus variados, nas demais redes e microculturas juvenis aqui descritas. Práticas que se revezam entre dois polos a princípio antagônicos, ou seja, para estes jovens a vida se equilibra ou pendula entre um mundo de loucuras, ousadias e desapego, e um mundo da ordem, do trabalho e do controle. De um lado, vivem as loucuras nas *quebradas*, desafiando a lei e ordem estabelecidas. De outro lado, nos *rolês* solidários, por exemplo, buscam uma visibilidade mais comunitária, pacífica e controlada.

É uma visibilidade de dupla natureza, aquela que se se abre ao público, relaciona-se com *rolês* que agregam quaisquer participantes, com finalidade solidária e ao mesmo tempo, externaliza uma imagem ordeira quanto a natureza de seus praticantes. As regras que são extrapoladas, por alguns de seus praticantes e que são de certa forma toleradas, ocorre nessa instância. Ao mesmo tempo, os espaços onde circulam, nesse plano exotérico, são as ruas do bairro, aquelas próximas ao centro da cidade e durante o dia no bairro.

Todavia, no mundo esotérico do *wheeling*, as práticas se revelam na sua expressão mais radical e não costumam ser sempre públicas. Muitas destas manobras com motocicletas ocorrem na noite, fora do olhar da polícia, onde empinar a moto é exaltar suas vitalidades juvenis e explorar os limites de saber viver no risco.

Essa dupla visibilidade não deixa de ser uma estratégia vinculada à maneira como essa microcultura surgiu e se posicionou no campo de poder e na percepção da sociedade em geral, sobretudo, nestes contextos socioespaciais onde foram encontradas estas redes juvenis. Numa página da internet da equipe "Força e Ação"[240]

[240] Acesso em 12/05/2014 http://escorpioesmc.blogspot.com.br/2011/11/conheca-um-pouco-historia-do-wheeling.html.

filiada a ABRAM (Associação Brasileira de Motociclistas) é destacado como, em geral, e não somente em Marília, são vistos os praticantes do *wheeling*:

Não se tem certeza de quem foram os primeiros praticantes de wheeling no Brasil, mas de qualquer forma tornou-se notório somente na década de 1990. As autoridades ainda tratam como vandalismo quando praticado em lugares não destinados para essa finalidade.

O "vandalismo" é, na verdade, um entre outros estigmas relacionados com os praticantes de *wheeling*. Outro é que são jovens da periferia que querem tumultuar o trânsito que, na verdade, não querem respeitar as regras. São os chamados *cachorros loucos*, expressão comum atribuída a outra microcultura associada à periferia que são os motoboys (SILVA, 2009).

Obviamente que as transgressões no mundo esotérico e aquelas eventuais no mundo exotérico também são "contabilizadas" para retratar de forma depreciativa os *jovens do wheeling*. Nesse sentido, precisam lidar com a polícia e com a sua imagem na sociedade, através de uma certa ambiguidade[241] ou, mais propriamente, praticam a visibilidade bifronte. De um lado, precisam dizer que são ordeiros, que suas práticas não são perigosas. E, por outro lado, existe a pulsão pelo risco, que é inerente ao *wheeling*, uma vez que alguns jovens da rede podem cometer algumas transgressões e busca de visibilidade pessoal, como empinar sua moto em frente de polícia, o que acaba gerando algum mal-estar nos *rolês* solidários.

As redes de *wheeling* criam, num certo sentido, um tipo de malabarismo, pois, buscam tanto ficar visíveis na cidade, mas também atentos aos monitoramentos e apreensões que a polícia costuma fazer. Desse modo, romper as barreiras da segregação, do anonimato, dos choques, significa criar "linhas de fuga" (GUATARRI; ROLNIK, 1996), isto é, precisam compor territorialidades e escalas que deem vazão às suas práticas, escapando dos controles e da disciplinarização do espaço da cidade. De modo semelhante às gangues descritas por Diógenes (1998), estes grupos desenvolvem uma territorialidade móvel, cambiante e não presa aos limites impostos.

[241] Jessé de Souza (2003, p.46) extrai do pensamento de Bourdieu justamente que a **ambiguidad**e é a virtude dos dominados.

Querem participar da cidade, mas são vistos como marginais, periféricos. As redes de *wheeling*, graças ao capital espacial que produzem, criam suas linhas de fuga, num campo de forças e visibilidades na cidade.

Arrisco a dizer que, isso avança para as próprias demandas da microcultura, no sentido de sua legalidade, pois a imagem de desordeiros também acaba sendo um tipo de álibi, para o pouco interesse do poder público em construir uma pista de *wheeling*. A imagem degradante que se constrói sobre as redes de *wheeling*, nesse caso, é parte deste campo de poder na cidade, ou justificativa que poderia ser usada para escusa. Interessante que o fato de, cada vez mais, ver-se suas aglomerações nas ruas (dezenas de motos), nas áreas de grande fluxo viário, provavelmente, logo será o argumento para justificar a construção de pistas, visando os afastar do convívio com os demais usuários das vias de rolamento.

Redes juvenis como *wheeling* participam do mercado, geram consumo de bens e serviços, buscam ser solidários e entrar na legalidade, mas sua escrita espacial está em conflito com a cidade oficial (sobretudo, com seu aparelhamento normativo e policial). Com suas rebeldias, em não se submeter as normas de trânsito, a fugir da polícia e até colocar em risco seus próprios praticantes, com suas manobras radicais, pagam um preço, pois, o capital espacial que conquistam com a motorização e o poder de saltar escalas, faz com que estejam visíveis na cidade, mas não ainda serem bem vistos.

Vale mencionar um caso que me ocorreu, ao levar minha moto para uma manutenção na cidade em Marília, com um colaborador que acabou se tornando um amigo, e que é piloto de motocross, ao olhar para o adesivo *26daNorte* na minha moto comentou com certo desdém que *este pessoal quer fazer rolê na cidade, mas sem respeitar as regras*. Este é talvez o ponto central, as regras na cidade se chocam, os valores por trás das práticas socioespaciais são divergentes não apenas em relação as normas instituídas, mas entre os valores que nutrem as percepções subjetivas dos que estão em diferentes classes e segmentos da cidade. Ao mobilizarem seus recursos espaciais e simbólicos, adquirem maior poder em produzir espaços de sociabilidade, mas o campo da diversão onde se inserem suas práticas também está dentro de uma geometria do poder na cidade. Não estão imunes aos choques, percepções conflitantes e estigmatizações.

5.5. *Low*: os carros socados no chão

Tudo socado no chão, rodando devagar pelas ruas, às vezes dá um ronco no motor, com as lanternas ligadas e brilhando na cera polida. Chama atenção, e isso é tudo o que se quer, dizer sem falar, mostrar o carro rebaixado e estar visível na motorização e no movimento. *Low* implica diversão e um estilo de vida, por isso, não escondem o orgulho de seus carros, assumem seus jogos e riscos: *raspar e ficar na lombada*, *não ter dó de encostar o carro no chão*; *pra que correr se posso desfilar*; *diga não às molas; chora boy, aqui é fixa; rebaixar é arte, ir para o pátio faz parte; carro rebaixado não anda, desfila; até que o guincho nos separe*[242]. O carro como forma de mobilidade, estilo de vida e distinção. Esse é o *rolê* do *low*.

As descrições que se seguem sobre esta rede juvenil motorizada vão estar centradas em Marília, onde se deu seu conhecimento inicial, com contatos mais estreitos e cujas observações se deram em maior número de vezes. Em Bauru, estas redes juvenis também estão presentes, até em maior número que em Marília, mas no bairro base da pesquisa em Bauru não foi identificada esta rede juvenil. Mas se verá adiante, que os *jovens do low* de Marília e Bauru também se enredam para certos encontros em comum. Esse é um aspecto importante, o capital espacial desta microcultura possibilita de modo concreto, tanto quanto à microcultura do *wheeling*, uma conexão de redes de diferentes cidades em torno de eventos e num maior poder de aglomeração interurbana.

De todas as redes juvenis até aqui descritas, esta é a que mais investe em termos econômicos para diversão e visibilidade, sobretudo, em seus próprios carros. Os encontros automotivos ocorrem tanto no período diurno, como noturno. Podem realizar encontros automotivos para mostrar as adaptações mecânicas e estéticas em seus carros, como também podem realizar encontros de natureza beneficente. Assim como as redes de *wheeling* articulam campanhas de ajuda social, uma preocupação em gerar uma imagem positiva de sua microcultura.

As mídias sociais são importantes instrumentos na mobilização de suas retículas. Os grupos que se formam a partir de plataformas como *WhatsApp* e *Facebook* se

[242] Frases ditas entre os jovens e algumas extraídas dos adesivos de carros rebaixados.

retroalimentam com informações para efetivar encontros, assim como, reativar aqueles que estão *sumidos*, bem como divulgar encontros externos e trocar informações. Além das mídias sociais, a rede constitui pontos de aglutinação nos seus bairros, onde, aos finais de semana, enfileiram seus automóveis defronte à casa de alguns amigos, exercendo visibilidade no bairro, bebem, conversam e planejam seus *rolês*.

O carro representa uma posse material de alto poder simbólico em suas redes. Além do sentido de conformar o objeto ou função expressiva, como destaca Bourdieu (2007), o símbolo tem o poder de transmutação, um trunfo que favorece ser lembrado para encontros, atrair amigos e amigas, reconhecimento. Portanto, o carro não é apenas um meio de suprir a necessidade de mobilidade, entra também no jogo de visibilidades e interações. Os *jovens do low* se diferenciam de outros jovens da periferia, pois sua motorização, na condição social em que vivem, possibilita-lhes vantagens espaciais, que outras redes não dispõem.

Podem relativizar horários para encontros e compromissos, encurtar o tempo para chegar no trabalho e na escola, transportar objetos, autonomia para ir a qualquer local da cidade, sem ter que lidar com as restrições do transporte público etc. Uma vantagem para alcançar grandes escalas de passeio e até privacidade para encontros amorosos. A posse do carro é encarada, muitas vezes, como sinal de amadurecimento e de conquista material. Com o carro, experimentam uma outra condição de cidadania, já não se consideram apenas pedestres, nem precisam depender exclusivamente do transporte coletivo. Passam a ter mais agilidade e conforto para circular na cidade, fazer seus trajetos e serem vistos por essas conquistas, uma cidadania que não se reduz na política, mas ocorre pelo consumo que se atrela a uma cultura (CANCLINI 2006). Isto é, um consumo que se relaciona ao grupo que se integra ou se busca integrar, muito além de uma impulsividade solitária, mas como um bem material e simbólico cuja ação da aquisição (o carro e acessórios) são parte do jogo de afinidades com sua comunidade ou grupo.

Contudo, para o jovem do *low*, não basta ter o carro e gastar com sua manutenção convencional, em geral, seus interesses estão voltados, além disso, para as constantes modificações mecânicas e estéticas dos seus carros, o que consome tempo e consideráveis recursos econômicos. Em geral, sentem-se orgulhosos destes

investimentos, expressando-o na exibição do carro. Uma satisfação que atua juntamente com a consolidação de um estilo de vida, do qual o carro pode se tornar as vezes mais central que o próprio dono em termos de notabilidade. David[243], do *Club Old School*, em uma de nossas conversas, deu um exemplo de um carro superproduzido e embelezado que, às vezes, aparece nos encontros, causando sensação até nas mídias sociais. Mas eles lembram mais do carro do que seu proprietário, desconhece até seu nome. Neste sentido, aquisição e manutenção do carro para estes jovens nunca se finaliza. Todo seu trabalho e criatividade ocorre a partir de constantes alterações carro, cuja recompensa está na apreciação e reconhecimento de sua obra e objeto de consumo.

Em geral, a microcultura do *low* costuma ser composta por jovens trabalhadores e estudantes que buscam boas colocações no mercado de trabalho, sabem da importância do estudo nas suas vidas sociais e profissionais, mas estão voltados ao lazer, como forma de dar um sentido interessante em suas vidas, um tempo de maior autonomia. Viver com os amigos, participarem de redes de amigos onde são importantes e valorizados pelas conquistas e alterações nos carros. O que não deixa de ser um dos pontos altos nessa fase de suas trajetórias de vida.

A dimensão espacial tem importância não apenas pela produção de escalas que fazem na cidade, como é no espaço que seus automóveis com suas suspensões rebaixadas ganham importância, diferenciando-se dos carros dos cidadãos comuns e, principalmente, daqueles dos *playboys*.

Muitos destes jovens começam a se interessar por carros muito cedo, encontram amigos, cuja amizade é construída em torno do gosto por carros, velocidade, tunagem, derrapadas etc. Muitas dessas amizades foram sendo alimentadas desde a adolescência na rua ou na escola. É um interesse e um despertar para o que extrapola o que é padrão nos automóveis. São objetos que passam a ser adorados pelo que podem compor de radical. Buscam transcender os limites e formas normatizadas ou padronizadas. Inventam outros usos para os carros, criam outras possibilidades de interação social e,

[243] Jovem de 24 anos, estudante e uma das lideranças do *Old School*, morador do bairro Nova Marília.

ao mesmo tempo, produzem outras relações com o lugar, criam redes e circuitos de diversão e encontros.

O contato com os *jovens do low* ocorreu nas deambulações no Jardim Santa Antonieta. Foi uma entre outras redes juvenis que consegui fazer contato no bairro. O primeiro contato visual se deu ao observar vários carros com suspensões rebaixadas, estacionados numa esquina, e um grupo de jovens ali conversando. Os outros finais de semana notei que ali era um pedaço desta rede juvenil. Através das mídias sociais como as plataformas digitais do *You Tube* e *Facebook* fui descobrindo outros grupos com interesses em carros tunados. Observei que durante a noite também era comum esses carros desfilarem pelas ruas principais.

Consegui realizar contato com dois grupos, os jovens do *Low365*, da zona norte da cidade e do *Old School*, na zona sul, ambos os grupos são protagonistas de vários *rolês* e eventos em finais de semana. Observei-os em alguns dos seus encontros, assim como consegui por meio de conversas com estes jovens conhecer muitas de suas práticas. Um registro de diário de campo revela algumas particularidades dessa microcultura na cidade. Trata-se de uma conversa informal com o Fernando, jovem aficionado pelo *low* e que é um dos proprietários de oficina de suspensão automotiva:

> *Campo em Marília 14/01/2015*
>
> *Conversei com o Fernando Vicente que seria um dos fundadores do Low365. Ele é proprietário de oficina que rebaixa carros. Ele disse que carro rebaixado não é sinônimo de alguém imprudente no trânsito. Para dirigir carro rebaixado se exige cuidado para não danificar os investimentos. O carro em si é adorado. Fala que a polícia pressiona e intercepta muitos carros rebaixados na cidade. Destaca que os eventos de low chegam a trazer pessoas de outras cidades, aquece a economia do lazer na cidade, mas é pouco explorado. Perguntei se as meninas participam deste interesse por carros rebaixados (não recordo), mas disse que sua namorada apoia e tem um carro rebaixado. Há outros clubes na cidade que ele citou, mas não recordei todos, contudo identifiquei no Facebook, um clube chamado Marília Low, mas há outros. Sobre o nome do clube, ele me disse que seria uma inspiração num grande clube em São Paulo, que também achei no Facebook chamado Street Low Cars Itabira 272club. Também se encontram num bar, na noite, que é um ponto de encontro, seguindo até o final da avenida República. Disse que poderia encontrá-los lá. Disse também que, em geral, o investimento para deixar o carro rebaixado gira em torno de 1.500 reais. E que há muitas exigências burocráticas para rebaixar um carro. Falei para ele do wheeling, mas disse que diferentes destes, os jovens que aderem a estes clubes têm que seguir a regra, como documentos em dia e seguir as normas do trânsito.*

5.5.1 Contextos culturais em relação a microcultura do *low*

Existem poucas referências sobre como e onde surgiu especificamente essa cultura juvenil urbana, como chegou no Brasil, nas metrópoles e cidades do interior. As turmas dos carros rebaixados estão inseridas nas práticas de personalização dos carros, chamadas entre os aficionados em *tuning*. No Brasil, a prática é tão comum que ganhou um verbo: "tunar"[244], ou seja, modificar o carro a partir de sua montagem original. Dentro desse universo do *tuning*, há aqueles jovens que preferem rebaixar os carros, investir na suspensão, deixar a carroceria do carro mais próxima possível do asfalto.

E mesmo dentro desta cultura urbana há as preferências em carros rebaixados à meia altura, outros *socados no chão* quase colados na rua, e é possível encontrar jovens com maior poder aquisitivo que investem em motor potente e rebaixamento ao mesmo tempo, para deixá-los mais esportivos. Muitos desses jovens são fissurados em filmes como "Velozes e Furiosos", cuja temática envolve carros tunados, velocidade e adrenalina, a partir de muitas manobras e rachas de automóveis.

No panorama da transescalaridade das culturas urbanas, parece que a cultura do *low* nas cidades pesquisadas estaria também relacionada inicialmente aos *lowriders*, que teriam chegado aos grandes centros urbanos e introduzido a cultura de customizar carros, no sentido de alterar radicalmente os originais de fábrica. A cultura *lowrider* é tão ampla que abrange até a personalização de bicicletas e motos. Sua origem deriva de jovens hispânicos que, morando em bairros pobres da Califórnia, buscavam tunar seus carros nos estilos da moda, como no estilo *vintage*[245], mas com poucos recursos e condições para tunar igual aqueles carros, criaram assim, um estilo próprio e com menor custo, a partir de seus carros populares. Customizam com baixos recursos, unindo

---

[244] Interessantemente a palavra já é dicionarizada no Houaiss, significando alterações mecânicas e estéticas em carros e até eletrodomésticos. Mas "tunar" também significa vadiar, andar à toa, ficar sem fazer nada. Penso que não haveria palavra melhor para unir de uma só vez criatividade e ócio.

[245] A estetização do estilo velho e desatualizado, mas que se incorpora ao moderno, muito próximo da noção de pós-modernidade discutida por Fredric Jamenson (*Pós-Modernismo - A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio - ed. Ática de 1991*), a respeito da repetição das formas passadas, onde a ruptura entre a vanguarda e as formas passadas são desconsideradas. Nesse caso, os carros dos anos 50 e 60 retransmitem a atmosfera da época, mas convertidos num fetiche atual para jovens e adultos com maior poder aquisitivo para gastar com este *hobby*.

criatividade e ganhando visibilidade social, ao ponto de se tornarem uma cultura urbana.

O *low* é uma variação destas modificações de carros e, portanto, diferente dos *lowriders* e outras microculturas motorizadas. Não são muito aficionados, para totais ou quase totais alterações na aparência do carro, nem sempre buscam maior poder de motorização, ou arriscam manobras ou rachas de carros. Os investimentos dos *jovens do low* dirigem-se para uma originalidade/personalização, sem alterar as feições padrão do modelo do carro, ou seja, privilegiam mudanças, mas que não alteram todo o carro, visam atingir uma modelação exclusiva no automóvel, sempre baseada no rebaixamento das suspensões (outras microculturas buscam, ao contrário, aumentar as suspensões). Nas oficinas e lojas, os praticantes desta microcultura têm ao seu dispor um arsenal de combinações de acessórios, como rodas, calotas, faróis, vidros e formas diversas para alterar a suspensão automotiva. Com isso, o carro tunado lhes confere certo prazer em dar *rolês*, outras sensações de dirigibilidade na cidade.

Outro aspecto interessante sobre esta microcultura, tal como ocorre com os *lowriders* nos Estados Unidos, é a tendência ao *crossover*, misturas de carros e estilos musicais, como a influência do hip hop em algumas redes juvenis relacionadas a tunagem de carros. Processos que também estariam ocorrendo no Brasil. Encontra-se na Cidade de São Paulo, nas mídias sociais como *Facebook* e canal de vídeos do *You Tube*, grupos de carros rebaixados que são mostrados se associando a música rap. Estes tipos de hibridismos são comuns e no caso de Marília e Bauru, onde a cultura *low* guarda semelhanças e também particularidades.

Deve-se destacar que essa tendência aos hibridismos também é encontrada em outras microculturas juvenis da periferia, como a dos *jovens do wheeling*. Estes investimentos econômicos, hibridismos e bricolagens em torno de seus carros acabam resultando num tipo de construção identitária e de pertencimento, tal como discute Jeolás (2013 p. 5) que, em seu estudo sobre os grupos juvenis motorizados de Londrina (PR), afirma que estes "(...) bricolam seus carros e motos à sua própria imagem, a fim de se apresentarem publicamente e de exibirem a potência dos motores e a técnica dos pilotos e, assim, ganharem prestígio entre seus pares". Esse aspecto da busca por distinção e visibilidade social será explorado mais à frente.

Um dos líderes de uma destas equipes relata que o interesse por carros vem desde a adolescência, quando desenhava carros nos cadernos da escola, encontrando amigos no bairro com os mesmos interesses, descobrindo revistas e sites na internet sobre tunagem de carros etc. A partir da aquisição de um carro, é que começou a colocar em prática o desejo de fuçar na sua montagem, investir em acessórios, além do próprio gosto, também se agregava a possibilidade de pertencer a uma rede de amigos, onde podia permutar peças mecânicas ou conhecer alguém que tem ou está vendendo uma determinada roda, pneu ou conjunto de suspensões. As redes de amigos também ocorrem em torno de sair juntos, marcar para estar num bar e conversar sobre as tunagens de carros e locais de *rolês*.

Em conversas com alguns jovens da "velha guarda" nos postos de combustível onde também costumam se reunir, eles revelam que muitos eram envolvidos, ainda na década de 2000, com rachas entre carros, ou gostavam de dar aceleradas, *puxar o carro na pista*, geralmente, marcando estes rachas no final da Avenida Sampaio Vidal, ou em torno de postos de combustível, onde bebiam, trocavam informação e faziam brincadeiras. Dali partiam para *as puxadas*, que eram aceleradas rápidas de carro, para mostrar a potência do motor, sempre atentos aos monitoramentos policiais. Contudo, ao longo de tempo, muitos destes jovens foram fazendo opções mais para alterações na estética do carro, do que em direção a motorização e velocidade, o que agregou mais jovens em torno do *low* e que já era uma microcultura conhecida naquela década na Cidade de São Paulo.

Os jovens que aderem ao *low* são, na sua grande maioria, maiores de 20 anos. Um dos líderes de clube de *low* e que também é um dos organizadores de eventos de carros rebaixados em Marília, destacou justamente a prevalência de jovens nesse meio, mas diz que ele é um jovem que passou um pouco da idade, pois teria 31 anos. Interessante que esse fato lembra Carrano (2000), quando ressalta que as relações culturais também organizam a experiência do tempo. No caso do líder do *low*, que normativamente não estaria enquadrado oficialmente como jovem, pela sua participação nesta microcultura, amplia sua experiência da condição juvenil, baseada em valores compartilhados predominantemente entre aqueles que são jovens ou cuja microcultura, assim, está associada.

As jovens também participam do *low*, algumas investem em carros ou mesmo acompanham seus namorados ou amigos nos *rolês*. Mas é fato que a microcultura do *low* exige não apenas investimentos econômicos, como o "saber prático", muitos conhecem ou tem alguma noção de mecânica, aprenderam com pais e irmãos, obtiveram informação nas suas redes de amigos, ou trabalharam em oficinas mecânicas, por isso, o entrosamento ocorre mediante um certo poder de conhecimento. Nesse sentido, as jovens saem perdendo, pois, o universo de carros não fez parte do processo de socialização de muitas delas e a maioria não participa ou tem dificuldade de participar deste universo ainda hoje, seja porque sofrem simbolicamente estigmas que as desprestigiam toda vez que queiram se aproximar, seja porque o ambiente da oficina mecânica é predominantemente sexista. Seja como for, nos clubes de *low* que pesquisei, as jovens que após vencer essas barreiras iniciais, mas significativas, quiserem investir e fazer parte de algum clube *low* são recebidas em condições de igualdade. Inclusive, embora não seja frequente, pode-se encontrar carros rebaixados de meninas, com acessórios e cores que ressaltam justamente suas preferências estéticas femininas, como a tendência pela cor rosa e adesivos do seu universo cultural. Contudo, são práticas mais conhecidas na Cidade de São Paulo. Em Marília apenas vi uma menina com o carro estilizado nesta identificação.

5.5.2. Territorialidades e as escalas do *low*

Em Marília, estes grupos marcam encontros noturnos em certos postos de combustível da área central, principalmente nos postos que oferecem amplo pátio e luminosidade. As mídias sociais têm forte peso, tanto na divulgação do evento, como também na articulação em torno de um mesmo evento das várias retículas ligadas ao *low* nas cidades da região. Alguns postos de combustível são bem estruturados, pois também oferecem loja de conveniência e alguns até têm galerias de comércio. A figura 45 ilustra um *rolê* organizado pelo grupo *Low365* em Marília.



Figura 45: *Rolê* dos *jovens do low* e aviso do encontro no pátio do Posto Alexandria.
Destaque: No lado dos comentários, jovens que perguntam sobre como participar do clube**.**
Fonte: Mídia social *Facebook* – página do C*lub 365Low*.
Acesso: 07/02/2014 - https://www.facebook.com/365Low?fref=ts

Estes postos de combustível, durante os últimos anos, sobretudo, aqueles que prolongam suas atividades na noite, passaram não apenas a oferecer os pátios para encontros, como também a venderem grande quantidade de bebidas. No caso do *low* em Marília, também se estabelece um tipo de negociação entre o proprietário e os jovens que lideram os grupos. Por exemplo, em um dos postos, onde estes grupos passaram a se territorializar, foi feita uma negociação no sentido de que um segundo pátio, direcionado ao atendimento de caminhões, pudesse servir de encontro noturno para os grupos em finais de semana. Em contrapartida, o grupo deveria respeitar alguns limites, como não ligar o som em alto volume, evitar badernas e confusões. Como observei, nem sempre estes limites são respeitados ou mesmo conhecidos, pois, há outros jovens que vão de carro para esses encontros, mas não estão associados ao *low*, e pensam que podem fazer no pátio o que fazem comumente nas festas do *fluxo*: ligar alto o som dos carros e deixar a batida dominar o ambiente.

Quando estes abusos acontecem, entram em cena outras negociações mais sutis. Os *jovens do low* vão conversar com aqueles que não estão por dentro das regras e que

são, às vezes, de outras cidades ou redes juvenis. Todo esse cuidado busca evitar represálias tanto do proprietário como da polícia, ou seja, *não podem queimar o filme*[246].

Nestes encontros de carros, sobretudo, durante às noites de finais de semana, os jovens passam conversando, tirando sarro um do outro, falando de projetos para os carros. Ocorrem sempre conversas paralelas em torno de fofocas, sobre alguém que levou o carro numa oficina ruim. Em meio a esse tempo, pode ocorrer a chegada de um amigo há muito tempo *sumido*, e aí começam as brincadeiras. Outros fazem comparações de carro, sobre quem tem o carro mais rebaixado, ou a roda mais legal. Toda essa sociabilidade é feita num clima de descontração e gozações.

Um aspecto que merece comentário, ao qual pude observar, é que estes postos ou locais de encontro, onde exercem a territorialidade de sua microcultura, também são palco de aproximação de outros jovens. Muitos vão para estar na aglomeração, conviver com outros jovens, tirar fotos, curtir, beber junto com amigos em volta do carro. Mas outros saem de seus bairros, com a vontade de integrar os clubes de *low*. Pode-se dizer que os postos, ou mesmo os encontros de *low*, também possibilitam aproximações, no sentido de se apresentar e ser aceito na rede ou clube. Um dos trechos do diário de campo mostra um pouco desse ritual:

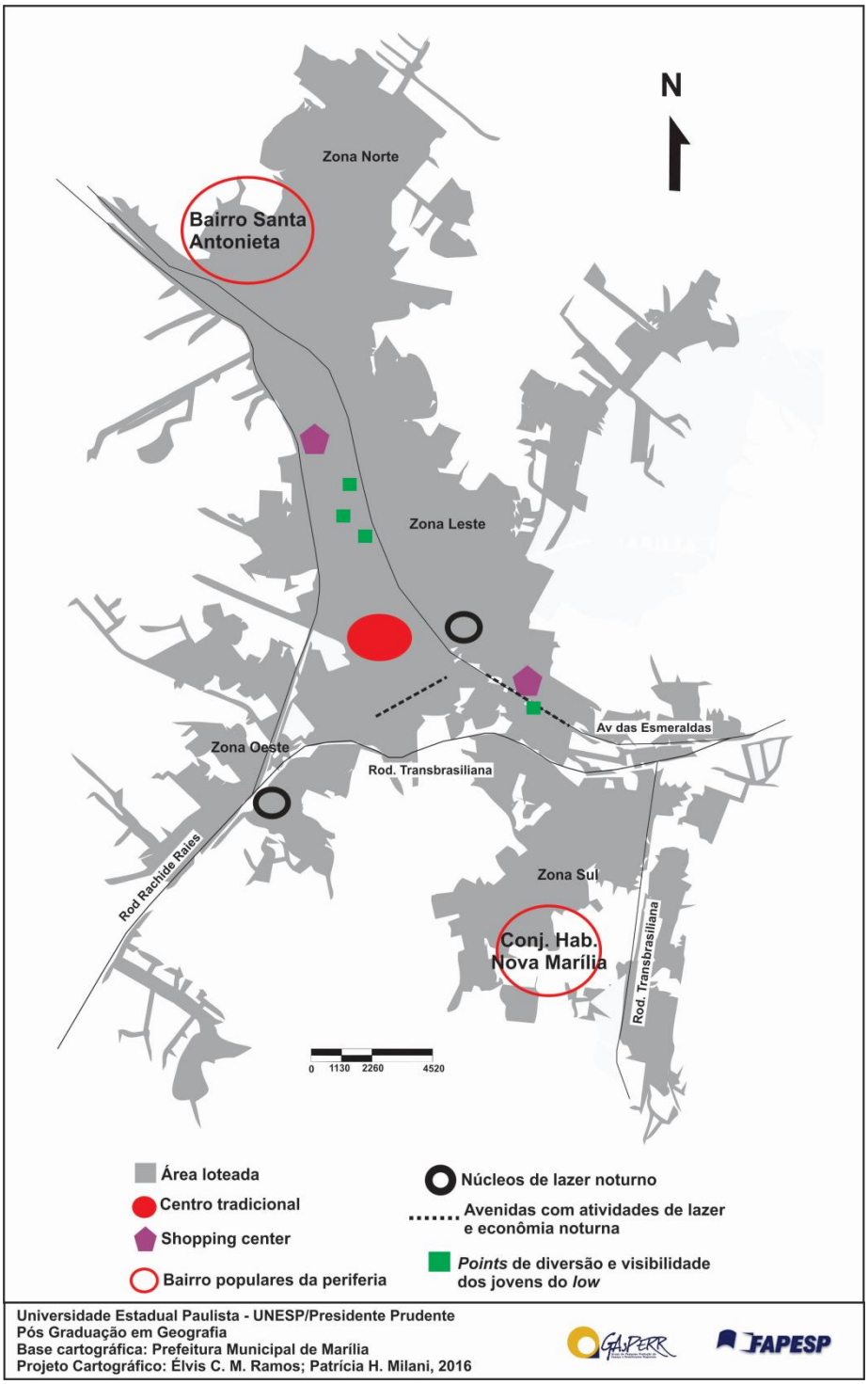
> *Campo em Marília 17/01/2015*
>
> *Ao chegar no posto, além de encontrar os carros um emparelhando com o outro, também vi as rodinhas de amigos espalhadas, mas sempre em torno de algum carro. No início da minha presença, eram 4 rodinhas e isso era por volta das 20:30. Pude auscultar numa pequena conversa num tom de deboche e incitação, entre uma jovem dirigindo-se a um rapaz, mais ou menos assim: já ta aqui, vai lá pô, se apresenta para os caras. Mais tarde, numa conversa com o próprio Fernando, que é um líder no Club 265 Low, ele me disse que para fazer parte do clube, não é simplesmente chegando, vai vindo, fazendo presença, participando dos eventos que eles promovem, é passo-a-passo, vai ganhando confiança. Para mim, ficou claro que esse enturmamento é um processo de se conhecerem mutualmente, ver qual é a dos caras, mostrar quem são. Nesse sentido, apresentam-se e passam a estar marcando presença, até serem aceitos pelo clube, uma socialidade que se faz por atitudes, mais do que falas. Aqui como nos outros estilos e grupos juvenis da cidade, há o reconhecimento que os clubes também são conhecidos pelas zonas da cidade, por exemplo, sabe-se que o pessoal do Old School tem membros da zona norte e cidades próximas. Já o pessoal do Low 365, tem uma representação territorial mais sintonizada a*

[246] Estas expressões que surgem nas conversas com estes jovens denotam os limites e fronteiras entre suas práticas e aquilo que é tido como transgressor na ordem que se impõe na cidade.

> *Zona Norte, assim como outros grupos estão mais relacionados a outras regiões da cidade. Em seguida, fui a procura do Fernando, mas ele não tinha chegado, me apresentei ao pessoal do club 365, mas fiquei perambulando pelo pátio, observando os carros, os comportamentos do pessoal e as ações no entorno do posto de serviço. Havia uma rodinha de meninas, uma com bebê de colo, não sei dizer se estavam acompanhas ou não, mas estavam separadas dos carros e dos rapazes. Pelo que o próprio Fernando me informou mais tarde, as vezes estão acompanhadas dos "caras" e outras vezes estão ali para fazer amizades e/ou acompanhar o movimento.*

Ainda em relação ao fragmento acima, deve-se destacar que o grupo que buscava se enturmar estavam num canto do posto, mais ou menos desfocado e numa região de fundo, enquanto os jovens do *365low* estavam na região mais central e na borda defronte ao movimento da avenida. Essas microterritorialidades e formas de aproximação são práticas que revelam a importância de algumas redes quanto sua posição na microcultura, sua distinção, enquanto outras redes buscam se integrar ou atingir também um nível alto de visibilidade. No mapa 11, pode-se ver os *points* principais de encontro dos *jovens do low*, em geral em torno das avenidas principais e não distante de alguns núcleos de lazer:

Mapa 11 –*Points* noturnos dos *jovens do low* de Marilia



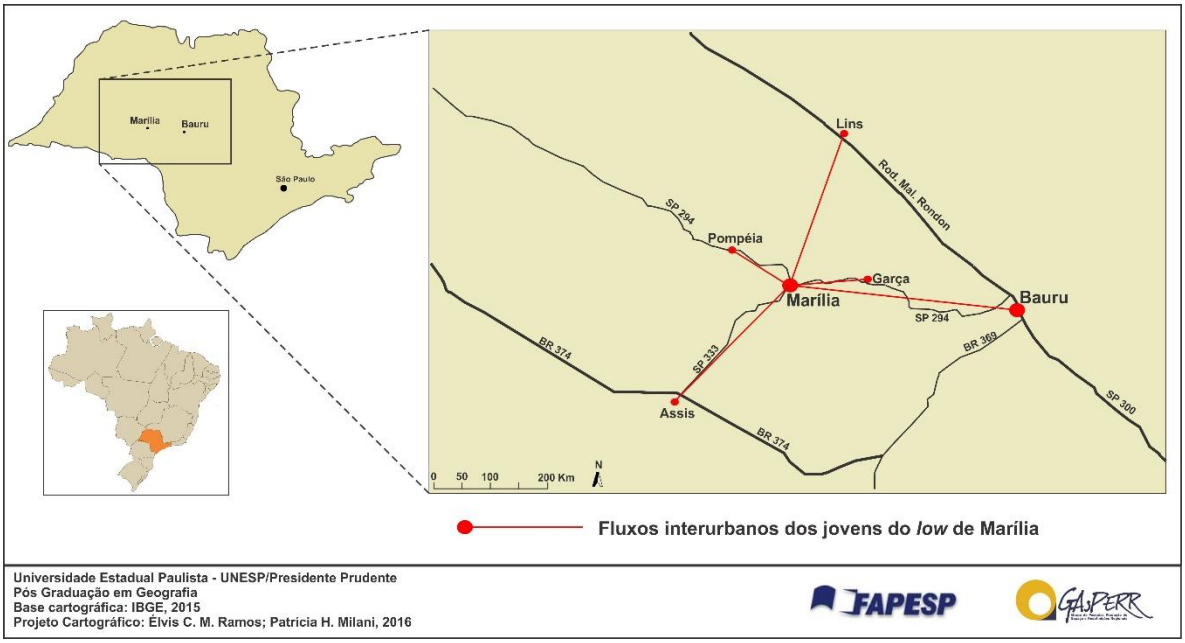
Em termos individuais, a diversão é feita junto com uma busca por visibilidade social, isto é, buscam projetar sinais de distinção, afinal, também estão nos encontros para verem e serem vistos, investir na imagem pessoal, lucrar com os investimentos no

carro, serem reconhecidos por suas habilidades e esforços, tudo isto se junta na produção desta microcultura juvenil e se manifesta no encontro.

A busca por visibilidade e diversão aproximam jovens não somente a partir de um círculo espacial próximo, mas também de diferentes cidades, isto é, também podem criar enredamentos em outros lugares, como jovens de cidades vizinhas que buscam pertencer aos grupos de Marília. Além disso, tomam conhecimento de eventos e encontros de *low* aproveitando os efeitos de formas de comunicação mediadas ou quase mediadas, configurando, assim, uma relação escalar que ocorre, sem dependência, muitas vezes, das condições da própria cidade, nem restrita as suas ofertas. Eles podem "saltar escalas" (SMITH, 2000) para não apenas se tornarem visíveis, como comprar peças, fazer contato com outras redes juvenis e mesmo postarem suas performances automobilísticas, que assim chegam a vários lugares.

Este entrosamento mediando pelas retículas que orbitam em torno das suas equipes ou clubes, ao se estender para outras cidades, implica encontros, com comboios de carros que saem da periferia, para rodar nas rodovias e nas ruas de outras cidades. Cidades onde já existe retículas formadas, filiais dos clubes, que também participam dos eventos e viajam até a cidade sede de seus clubes. Salta-se de escalas intraurbanas para escalas interurbanas. Esses saltos de escalas possibilitam o fortalecimento dos seus encontros, da representatividade da microcultura e mesmo de sua expansão (mapa 12).

Mapa 12 – Escala intraurbana dos encontros e retículas do *low* espalhadas regionalmente a partir da cidade de Marília.



Através da netnografia realizada em mídias sociais como *Facebook* e *You Tube*, foi possível também identificar alguns dos encontros realizados regionalmente. Estes encontros se articulam, algumas vezes, em torno de eventos em que participam conjuntamente grupos de *low* de Bauru e Marília, como ilustrado na Figura 46:



Figura 46: Encontro organizado pelo *club 365*, no pátio da casa noturna UNIK.
Destaque: Reunindo grupos de Marília e Bauru, com a equipe *Carangas*.
Fonte: Canais de vídeo *You tube*
Acesso: 21/02/2014 - https://www.youtube.com/watch?v=5iW1m9VlyQE

Estes encontros do *low* também ganham visibilidade nas mídias sociais, o que reforça o poder da aglomeração espacial. Nas páginas de *Facebook*, estão várias informações, como o local, data, quem sinaliza comparecimento, tudo é público, mesmo aqueles que não têm carros rebaixados vão para ver os carros tunados, outros vão apenas como curiosos, sem contar outras redes juvenis que pegam carona no fluxo do evento.

Por exemplo, no primeiro encontro regional noturno de Marília, com várias equipes e grupos da região, presenciei uma centena de carros espalhados pelas quadras, um dos organizadores tinha a missão de tirar fotos dos carros, para serem postados e serem votados, como o carro que mais chamava atenção.

Interessante que neste mesmo evento, apareceu atravessando a festa um grupo de jovens adolescentes, pilotando bicicletas motorizadas. Apesar do pequeno motor, o barulho era enorme, o que chamou atenção de todos. Manifestações como essas não

são incomuns (na festa do *fluxo* isso é até incentivado), visto que um encontro aberto é aproveitado por outros grupos ou redes juvenis, ou seja, um outro aspecto do *tudo mundo junto e misturado*, no qual outras redes e microculturas pegam carona nos eventos, estabelecendo uma aglomeração maior, mesmo não sendo teoricamente convidados.

Nos encontros em geral, há um jeito próprio de se auto-organizar as microterritorialidades, que se pode distinguir no espaço da festa. Por exemplo, neste mesmo encontro, onde havia outras redes juvenis e que reunia todos os grupos de *low* da cidade e cidades da região, havia uma demarcação territorial, cada grupo de *low*, seja de Marília ou de outras cidades, tinha seu movimento, enturmamento e todos orbitavam em torno dos carros que os representavam. *Tudo junto e misturado*, porém, sem deixar de fora as microterritorialidades, suas diferenças e visibilidades.

Os eventos, festas e encontros do *low* são espaços que viabilizam um campo maior de interação social entre os diferentes grupos que fazem parte do *low*. Microinterações que já começam nas mídias sociais em torno de postagens e discussões e também nas oficinas onde os jovens se encontram. Pertencer ao universo do *low* é construir diversas territorialidades reticulares, que se espalham na periferia. A microcultura do *low*, assim como outras redes e microculturas juvenis, proporciona uma fonte de experiências em que os jovens podem exercer suas vitalidades, performatividades, visibilidades.

5.5.3 Visibilidade bifronte e estratégias espaciais

Há muitos aspectos relacionados ao modo *low* de curtir o lazer com seus carros tunados, desde a organização e divulgação nas mídias sociais, como as formas de engajamentos nestes encontros e as negociações entre os clubes *low* da cidade, até seus relatos sobre as dificuldades em tunar os carros e as estratégias para darem seus *rolês* ou se territorializar nas áreas centrais. Há o prazer de se deslocar com um carro rebaixado, o que também é parte da diversão, mas também existe a busca por

visibilidade e por prestígio social. Ambos, o prazer de dirigir e a visibilidade, têm custos e ganhos materiais e simbólicos.

Os investimentos no carro não deixam de ser um tipo de culto, mas ao mesmo tempo deve se dizer que é o produto de um sonho, um desejo e, ao mesmo tempo, fruto de um trabalho que leva anos para ocorrer e que também se transforma num elo comum de união, no campo de uma pulsão gregária, em que o jovem se sente dentro de algo que tem sentido tanto para ele como para outros companheiros espalhados por outras várias cidades do país. A identidade decorre do fato de que enfrentam desafios e problemas parecidos para deixar seus carros bacanas e compartilham o mesmo prazer, isto é, diferenciar-se também daqueles que podem até ter carros melhores, os playboys, mas não o arrojo de produzir um carro personalizado, por isso os chamam de *chora boy*.

O fato de rebaixar o carro é um ato entre os jovens que é valorizado em termos de ousadia, pois não são todos que têm a coragem de fazê-lo, diante dos riscos de multas, de ficar travado em quebra-molas, ter parachoques quebrados, ou mesmo rachar o chassi em face das alterações nas suspensões. Por isso, tal como os *jovens do wheeling* que são conhecidos pela radicalidade, assim acontece como os *jovens do low*.

Um aspecto a se ter em vista sobre o *low* é que, com seus carros rebaixados e estilizados, seus adeptos revelam que podem usar os espaços da cidade, não apenas como meros pontos de encontro, mas como uma instância de mediação, entre a exposição de seus carros e as estruturas espaciais de lazer das áreas centrais, uma vez que eles se tornam uma referência adicional para incrementar a cena de lazer nestes núcleos, pois atraem atenção de diferentes pessoas, podem exercer em outros jovens também o desejo de rebaixar o carro, torná-lo mais *manero*. Muitas vezes, estão juntos de outras redes sociais relacionadas a exposição de carros, como dos carros antigos, Turma dos Fuscas, Opaleiros, entre outros.

Os projetos de visibilidade pessoal estão além da identificação, o carro modificado é objeto que confere prestígio social. A visibilidade não é incomum na vida destes jovens. Mas é constituinte de vários contextos socioespaciais de socializações nos quais muitos aprendem, interiorizam, práticas relacionadas as estruturas de um sistema de posicionamento social, onde precisam elaborar, a partir destas predefinições, também suas estratégias para se (re)situarem. Na escola, no bairro, no trabalho existem

os sistemas de classificações, as marcas de classe, de distinção, isto é, os recursos são desiguais ou escassos, o que implica diferentes formas de julgamentos e posicionamentos, como Pierre Bourdieu (2007) sempre destacou. Portanto, um sistema de classificação não é algo tão distante de suas práticas de sociabilidade. Contudo, por meio de suas redes, identificações também descobrem a possibilidade em meio as dificuldades e barreiras, que podem construir espaços, atuar por meio de suas estruturas para reproduzir, sob suas criações, um campo de diversão e posicionamento social próprio de sua microcultura.

É possível identificar também nesta microcultura uma possibilidade concreta de construir um capital simbólico, que podem reproduzir sob suas próprias regras e sistema de valores. Com suas práticas lucram reconhecimentos, simpatias e privilégios entre os que aderem à microcultura, ou seja, também ampliam seu capital social. O próprio carro tunado também se valoriza, como um bem de troca que permite projetar investimentos maiores. Capitais que se convertem, se reconvertem e se imbricam: adquirir ou trocar o carro, tunar, vender, projetar visibilidade e exposição, saltar escalas, ampliar redes de contatos e parcerias, conhecer lugares e viver experiências diversificadas.

É um "gasto visível" (Bourdieu, 2013), realizado com seus próprios esforços, com ajuda de suas redes e com as territorialidades que constroem a partir de seu poder de circular na cidade. Transformam seus carros e o capital espacial que conquistam em capital simbólico. Um gasto que não precisa ser "ostentatório" como um fim em si mesmo, mas é um gasto que possibilita reconhecimento, amizades, diversão e um estilo de vida.

Esse ponto é importante, pois o investimento na visibilidade social ou reconhecimento através de suas tunagens, implica, que o capital simbólico, também precisa ser convertido em capital espacial, gera a necessidade de territorialização, de construir espaços onde possam tornar visíveis as suas redes e performances individuais. O espaço não é dado, precisam escolher os locais onde estejam fora do olhar da polícia. Mesmo quando conseguem *points* comerciais para suas performances, precisam negociar com outros jovens e redes juvenis, formas de assegurar suas territorialidades e visibilidade. Desse modo, para os *jovens do low*, a diversão e a descontração são paralelas a outros agenciamentos e negociações.

Nesse sentido, a visibilidade social é bifronte, é uma construção realizada como práticas entre as redes juvenis, como também é uma visibilidade vista por outras lentes, por outros agentes sociais, que pode ser interpretada por outros, sob valores e classificações diferenciadas. O que se constrói como festa, diversão e visibilidades entre os jovens da periferia, atinge outras esferas sociais, entra no campo do poder simbólico e territorial à escala da cidade. Em muitos casos, suas práticas socioespaciais ocorrem sobre estigmas e coerções que visam limita-las. Para circular e se tornar visíveis, precisam enfrentar diversas barreiras econômicas e normativas, que tendem a confina-los.

Por exemplo, até 2014, o DENATRAN (Departamento Nacional de Trânsito) proibia alterar as suspensões fixas do carro (molas e suspensões). Após a permissão, foram dadas outras regulamentações, como a necessidade da prévia autorização do DETRAN (Departamento Estadual de Trânsito) e de vistoria por órgão competente, que faz a checagem se o carro está dentro da nova legislação, que reza que a altura entre o carro e o chão não pode ser menor que 10 centímetros. Apesar destes jovens e seus carros, durante muito tempo, estarem à margem da lei, isto não significa que agora as dificuldades para se tornarem visíveis e legalizados desapareceram.

Seus *rolês*, às vezes, são interceptados pela fiscalização feita pela polícia, o que coloca em risco seus investimentos. Alguns jovens relatam que, em certas situações, estigmatizações entram no jogo ("não foi com minha cara", "carro de bandido", "motorista visto como suspeito") nas abordagens da polícia, quando seus carros são parados para conferir as medidas – o que sempre é relativo, pois 10 centímetros do assoalho do carro até a rua podem ser mal mensurados, quando o policial ignora a declividade da rua ou sua deformidade, ou quando simplesmente resolve, num primeiro olhar, que o carro não cumpre as especificações e chama o guincho. Outros jovens passam pelo constrangimento e perigo de ficar a pé com a namorada em ruas desoladas, com o carro guinchado. Por isso, rodar de carros rebaixados ou revelar seus sinais diacríticos é um investimento que exige certas táticas.

Outras vezes, são vistos de modo estigmatizado por redes e grupos que também curtem a ostentação de carros. Por exemplo, Victor que é um dos líderes do *Club Old School*, num evento de carros, onde estariam carros antigos e de outros tipos, um dos

organizadores pediu que, numa próxima vez, não fosse convidada essa "gente dos carros rebaixados", certamente querendo dizer que este estilo não era bem visto pelos frequentadores e suas famílias. Outras vezes, precisam justificar, perante outros motoristas de carros, que seus carros não são perigosos para o trânsito, que também têm o direito de circular pelas vias. O comentário registrado na Figura 47 ilustra este ponto. É uma observação de um jovem do *low* de outra cidade[247].



Figura 47: Comentário de um jovem do *low* sobre as práticas e gosto em torno dos carros rebaixados.
Destaque: Bricolagem em torno das rodas, suspensões, vidros escuros e decalques no estilo *sticker* bomb como da foto.
Fonte: site "Flat Out AutoZ"

5.5.4 A construção do capital espacial

Os *jovens do low* são, em geral, filhos de famílias pobres, provavelmente, oriundos de famílias mais estruturadas, que contam com alguma ajuda dos pais para aquisição de bens, como para compra de seus automóveis (ainda que sejam usados e a

[247] Comentário exposto num site de carros, onde se discutiam as vantagens e desvantagens dos carros rebaixados: Disponível no site: http://www.flatout.com.br/carros-rebaixados-conheca-lei-suas-falhas-e-o-que-fazer-para-tentar-muda-la/. Acesso 10/06/2014.

maioria financiada). Nas observações, muitos relataram que fazem cursos em faculdades, trabalham durante o dia na indústria ou no setor de comércio e serviços. São jovens que lutam para ter seus próprios recursos econômicos e/ou herdam uma ajuda modesta de seus pais em termos econômicos ou ainda podem ter uma certa moratória em termos de auxiliar nos gastos da família, algo que os separa ligeiramente de outros jovens da periferia. Mas é uma diferença que tem impactos significativos, pois os lança num campo de oportunidades para se beneficiar de um quadro econômico que lhes foi favorável até pouco tempo atrás no país.

Um quadro que, no início da década de 2000, foi marcado pelo acesso a bens duráveis por grandes contingentes da classe popular, o que impactou na grande produção industrial automobilística que se apoiou na venda de carros populares, acompanhando os ganhos de renda e poder aquisitivo desta classe, que puderam adquirir carros novos ou seminovos. Além disso, estes jovens, absorvidos por uma economia de pleno emprego, rapidamente se tornaram consumidores em potencial de carros, o que atraiu a atenção de bancos de empréstimos, financiamentos e consórcios. Eles eram um verdadeiro estoque de demandas. Não apenas carros, mas outros bens duráveis voltados para os jovens ajudaram a manter aquecida a economia neste período.

Consumidores em potencial, não apenas pela condição mais favorável de emprego e renda, mas pela necessidade, pois muitos destes jovens também tiveram condições mais favoráveis de acesso a cursos profissionalizantes ou superior, além de novos hábitos de consumo e diversão. O carro tornou-se importante meio de mobilidade para saltar escalas rumo a projetos de ascensão social.

Este quadro econômico tornou possível a frações de jovens pobres da periferia, já com um certo capital econômico diferenciado de outros jovens, o pagamento dos custos da carteira de habilitação e a entrada no mundo da motorização, participando como consumidores do enorme mercado de venda de carros populares, novos ou usados[248]. Alguns indicadores de mobilidade urbana, como do Instituto de Pesquisas

[248] Um mercado que, desde o aflorar dos anos 2000, foi se ampliando, ainda que recentemente, na presente década, comece a dar sinais de seu esgotamento.

Econômicas Aplicadas (IPEA), destacam que, em 2012, 35% das famílias abaixo da linha da pobreza[249] possuíam seus próprios veículos (carro ou moto), um aumento considerável em pouco tempo, já que em 2008 eram 23% destas pessoas que tinham seus veículos.

O acesso aos bens duráveis, como carros, foi o que favoreceu o surgimento na periferia de redes juvenis dispostas a investir na motorização, como expressão e performance da sua condição juvenil. Para os *jovens do low*, foi um recurso não apenas de mobilidade, mas também de territorialidade e visibilidade. Não obstante, a conjuntura econômica, sozinha, não explica o poder de transpor escalas na cidade e para além dela, de se organizarem em redes e criar territorialidades.

Nesse sentido, como tentei mostrar, obter um carro, mesmo sob condições custosas, é uma parte dos recursos (principal) para tunar o carro, pois outros fatores e condições precisam ser criados para que possam investir na prática do *low*, como gastos com oficina mecânica, adesivos, aros, pneus, faróis entre outros diversos acessórios, sem contar os gastos comuns como a manutenção do carro e o combustível. Além, é claro, de formarem redes juvenis para que, de modo efetivo, deem vida para sua microcultura, em termos de partilha de códigos, conhecimento, territorialidade e diversão.

Portanto, o capital espacial dos *jovens do low* não foi algo que "caiu do céu", ou que apenas herdaram ou se beneficiaram de estruturas sociais e econômicas vantajosas. Uma das condições criadas por essa demanda foi o surgimento de oficinas especializadas em tunar carros nas cidades do interior, o que era apenas possível nos grandes centros. Outra consideração, que tem peso importante, são as redes que estes jovens começaram a tecer mesmo quando alguns não tinham o carro, mas que se informavam sobre os aspectos mecânicos de tunar carros. Além disso, estas redes favoreciam trocar peças entre conhecidos, ou seja, uma rede juvenil organizada em diferentes retículas territoriais, que se entrosavam com o objetivo de modelar os carros e se tornar visíveis.

[249] Pelo critério do PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios -, do IBGE, são consideradas famílias abaixo da linha da pobreza aquelas com rendimentos de até meio salário mínimo per capita.

Com um capital espacial sempre em construção, mas já com algum recurso para se tornarem móveis na cidade, foi que se deu outro salto. Agora podiam se territorializar na cidade, criar escalas até em nível interurbano. Neste sentido, a rede juvenil do *low* passou a ser produtora de uma territorialidade difusa na cidade, conseguindo se reunir em diferentes locais, surgindo com seus carros, marcando presença em frente às fachadas luminosas, mesmo nos núcleos de lazer onde é frequente o acesso de jovens de classes mais altas (figura 48). Outras vezes, conseguem criar encontros em locais amplos, mas distantes do olhar da polícia, como pude observar em seu primeiro encontro regional noturno, numa área próxima a um hipermercado e rodovia de acesso à cidade.



Figura 48: *Club Old School* marcando presença na Avenida das Esmeraldas.
Destaque: Geralmente destacando os carros em cima das calçadas em frente as lojas requintadas e iluminadas na Avenida e a busca constante pela maior visibilidade.
Fonte: Foto do acervo do *Club Old School*

Nestes locais, podem expor seus carros, serem vistos e distinguidos. Negociam com donos de outros locais a possibilidade de organizarem encontros. Em outras cidades, são protagonistas de campanhas beneficentes, onde muitos seguem em comboio pelas rodovias e cidades próximas com alimentos ou roupas arrecadadas. O que mostra que podem lucrar com seus *rolês*, administrar uma imagem pública que visa superar os estigmas que lhes são imputados. Mas, o ganho de capital espacial também os fez entrar no campo de luta territorial na cidade. Ainda não são reconhecidos pelo poder público, são vistos como cidadãos de segunda classe, precisam lutar e/ou negociar espaços para que possam ser visíveis entre eles e para a sociedade.

Os *jovens do low*, assim como ocorre com outras redes juvenis oriundas das classes populares, são novos agentes sociais que entram no campo da luta territorial na cidade. Mesmo no campo da diversão, precisam construir um capital espacial para poderem se encontrar, mesmo com a conjuntura econômica que lhes foi favorável, ainda precisam criar suas redes, suas formas de sociabilidade para conseguir efetivamente saltar as escalas na cidade, compor territorialidades e se fazerem visíveis. Produzindo territorialidade nos espaços luminosos de lazer ou nos locais opacos da cidade, estes jovens insistem em criar condições para suas performances juvenis, criam uma microcultura em conexão transescalar com outros centros e com suas mobilidades fazem a periferia mostrar sua face nas áreas centrais das cidades.

CONCLUSÃO: OS IMPACTOS DAS PRÁTICAS DE DIVERSÃO DOS JOVENS DAS PERIFERIAS NA CIDADE

De modo mais estruturado, aqui entro nos resultados e discussão, onde pretendo juntar as duas pontas desenvolvidas nesta pesquisa, que estão na origem da questão sobre como os jovens pobres realizavam e realizam suas práticas socioespaciais no lazer. Ou seja, de um lado, as sociabilidades dos jovens da periferia captadas pela descrição de algumas de suas redes juvenis, e de outra, como estas sociabilidades também são redefinidas pelas injunções de estruturas sociais e espaciais ao longo do tempo. Delineei os resultados em torno de questões importantes, que surgiram nesta pesquisa, embora alguns conceitos centrais não estejam exaustivamente confinados num único tópico, com isso, busco sintetizar de maneira mais concreta, aquilo que se decantou da pesquisa.

Articulação das escalas dos jovens da periferia na escala da cidade

As práticas de diversão dos jovens das periferias que vão se configurar ao longo das gerações nas cidades de Bauru e Marília, não ocorreram independentemente das reestruturações da cidade. Mudanças que vão desde as alterações das estruturas urbanas, o que inclui recontextualização socioespacial da própria periferia; aos impactos de uma crescente e diversificada economia do lazer. Os jovens da periferia tiveram que se situar nesse espaço em reestruturação, conformando-se à algumas das lógicas de consumo implantadas nestas cidades. Por outro lado, suas práticas não mostram apenas conformações, mas dissidências, alterações quanto as suas circulações e territorialidades, muitas vezes, ressignificando os usos de espaços públicos e compondo suas próprias esferas sociais em alguns espaços de consumo.

A princípio essas cidades saltaram de um condição de monocentralidade para uma multi(poli)centralidade (SPOSITO, 2001), ou seja, novas áreas de serviços e

comércio, além da entrada de novas ofertas de consumo, com implicação na formação de novas demandas e espaços de consumo. A resultar entre outros aspectos, numa geografia da noite, com alargamento do tempo de consumo, novas estruturas espaciais e fluxos.

Pari passu a isso, muitos centros de consumo e de serviços também passaram a se fixar na periferia; ao mesmo tempo, estas áreas tornaram-se expressivos espaços circundantes nessas cidades, e cada vez mais distanciadas do *core* urbano.

Contudo, as ofertas de lazer e consumo mais conectadas aos gostos e interesses juvenis continuaram, na maior parte das vezes, concentrados no centro urbano. Mesmo os novos núcleos de lazer noturno, com seu bares e casas noturnas, apesar de seus descolamentos do centro tradicional, não se afastaram significativamente. Deve-se ter como exceção, os núcleos de lazer da Zona Oeste de Marília, em torno de instalações de ensino e, em Bauru, num processo de periferização do lazer, que avança para além da mancha urbana mais densa.

São reestruturações que tiveram impacto nas escalas de movimento dos agentes sociais. Neste sentido, ao longo das gerações, os jovens da periferia tiveram que superar, de diversas maneiras, a condição de isolamento e distâncias físicas que os separavam das áreas centrais, com seus espaços de consumo e entretenimento. Barreiras que impuseram táticas para saltar as escalas e se tornarem visíveis. Táticas que envolveram articulação de suas redes de sociabilidades e dos diferentes modais de transporte, e que passaram a abranger sistemas de transporte público a serviços de moto táxi; passando pela crescente motorização das próprias classes populares. Este último fator, um dos efeitos de conjunturas econômicas favoráveis nos últimos anos.

A crescente motorização ampliou sensivelmente a capacidade de circulação desses jovens, no campo da diversão, além de constituir uma abertura para expressarem em termos de performatividade, algumas microculturas juvenis, entre elas o *wheeling* e o *low*. Redes juvenis, cuja maior mobilidade e autonomia, tornaram possível saltarem a própria escala intraurbana, estendendo sua territorialidade para cidades próximas, o que denota o surgimento de um circuito de festas e encontros de caráter regional.

Para algumas redes juvenis da periferia, nem a escala da periferia e da cidade os confina absolutamente, em relação às práticas para o lazer e expressividade cultural. Conseguem fazer suas próprias escalas no movimento. Possibilidades que não apenas se abrem no campo da diversão, mas do trabalho e investimentos culturais: como acessibilidade para frequentar universidades, atividades artísticas, festas e shows e, as vezes, ultrapassando a fronteira da cidade.

Transterritorialidade cultural na cidade

Além do processo de densificação das atividades e ofertas de lazer nessas cidades, e uma geografia da noite mais propícia aos investimentos juvenis até altas horas, os estímulos e significados para os jovens da periferia saltarem as escalas da cidade se deram também sob os impulsos de uma indústria de lazer e entretenimento e dos efeitos dos desencaixes culturais.

De um lado, estavam expostos às formas e conteúdos simbólicos disponibilizados nos núcleos de lazer (cinemas, clubes, casas noturnas etc.) e, de outro lado, aos formatos e variedade de produtos culturais, que cresceram em decorrência não apenas dos contextos de produção cultural local, como dos meios técnicos de comunicação de massa (Rádio, TV), sob a força da indústria cultural, nacional e internacional. Sem contar, as plataformas digitais que se tornaram mais ubíquas e relativamente acessíveis aos jovens das periferias, no início do século XXI. Ou seja, o conteúdo simbólico, também tem peso nas suas filiações identitárias e estímulos para suas trajetórias na cidade, no campo da diversão e expressão cultural. O que permitiu terem outras alternativas de consumo cultural e encontrar outras alternativas de lazer, não restritas apenas ao *mainstream*.

As estruturas técnicas mediaram, na cidade, o estabelecimento de ligações entre o local e o distante, contribuindo enormemente para a diversidade de microculturas juvenis entre os jovens das periferias e da cidade como um todo – ainda que em condição desigual de acesso e uso dessas tecnologias.

Culturas juvenis de vários estilos e performatividades como punk, hip hop, funk, skate entre outras culturas, encontraram contextos espaciais e redes de sociabilidades que tornaram possível uma efetiva transterritorialidade cultural (TURRA NETO, 2008; 2012). Ou seja, culturas urbanas e juvenis que além de aterrissarem nessas cidades, constituíam conteúdos simbólicos transacionados pelo empenho de várias redes juvenis, que se aglutinavam em torno de terminais de conexões (CARRANO, 2002); ou aproveitavam artefatos e bens culturais, que chegavam nessas cidades; assim como conheciam novos estilos musicais a partir de shows e espetáculos, na medida em que essas cidades, também passaram a fazer parte de um circuito cultural mais amplo.

Na maioria das vezes, a implantação desses conteúdos simbólicos se deu pela força de uma significativa economia do lazer (SHAW, 2010), mas também, pelo protagonismo das redes juvenis que, em suas trocas, negociações e territorialidades, constituíam-se como consumidores desses bens e conteúdos culturais. Assim como, desenvolviam especificidades locais, tornando possível o estabelecimento de uma pluralidade de microculturas na cidade.

Em suma, os investimentos destes jovens nos tipos de festa e encontros para a diversão vêm, ao longo das gerações, diversificando-se em face das mudanças na oferta de lazer. Novos núcleos de lazer e pluralidade de culturas juvenis que aterrissaram nessas cidades é o que parece explicar, nos últimos anos, o surgimento de diferentes circuitos de lazer, como em torno das festas do *fluxo*, *bailes funk* e mesmo as *baladas*.

A pluralidade na periferia

Comparar bairros em cidades médias permitiu descobrir diferentes práticas de diversão dos jovens moradores da periferia, mas igualmente, permitiu capturar aspectos da formação socioespacial desses bairros, a estigmatização territorial a qual estão sujeitos e as diferenciações sociais internas, que marcam também significativas clivagens sociais e formas de sociabilidades, que alcançam os jovens e as redes juvenis nos seus gostos e circulações na cidade.

Os jovens que vivem na periferia, além da menor condição de renda e gasto, quase sempre precisam criar improvisações na diversão, adaptar-se a escassez de estruturas até para o lazer. Por isso, é comum compor suas bricolagens, saídas criativas que encontram para criar suas formas de diversão no bairro. Muito das misturas, bricolagens e hibridismos resulta do fato da periferia ser um espaço aberto, no sentido cultural. Um lugar que passou a estar conectado com muitas culturas juvenis, sobretudo, em conexão interescalar com grandes centros urbanos – que ditam na maior parte das vezes as tendências e valores culturais nesses bairros.

Os bairros descritos apresentam condições de transterritorialidade cultural, algo que se deu por meio de diferentes terminais de conexão, como na escola, *lan houses*, quadras poliesportivas. Espaços de relações que funcionam como porta de entrada dos conteúdos simbólicos, onde há sociabilidades juvenis em curso, o que torna possível absorver e compartilhar os artefatos e conteúdos culturais na periferia. A partir destes espaços de relações, jovens podem expressar as novidades, atrair amizades e formar redes para sustentar novas microculturas juvenis.

É no interior de suas redes na periferia, que também aprendem não apenas absorver os conteúdos simbólicos que chegam nestes lugares, como readaptá-los à suas condições materiais e até dissimularem marcas e grifes, que aprendem a valorizar como símbolos de projeção social e prestígio.

Porém, o efeito espacial mais significativo na cidade é que as microculturas que surgem a partir da periferia, passaram a ter amplo espectro territorial na cidade, pois, não se reduzem territorialmente em seus bairros ou *pedaços*, mas alimentam em suas reticularidades a pulsão para se enredarem com outras redes na cidade. Impulso que potencializa para que seus circuitos de lazer possam abranger uma escala além da periferia.

As redes e as microculturas juvenis

O uso do conceito de redes juvenis, como aspecto constituinte das práticas de diversão dos jovens das periferias, permitiu tocar na questão das tensões que surgem no interior das microculturas (TURRA NETO, 2012), além da pertinência de elementos socioespaciais, como da aglomeração espacial, escalas e territorialidades que vão sendo tecidas conforme as redes e retículas juvenis vão se organizando no propósito de se divertirem, irem nas festas ou *baladas*.

Um primeiro aspecto a ser abordado é o reconhecimento das divisões internas e tramas interativas que compõe as microculturas. Seja a microcultura do *wheeling* ou *low* em Marília, como os *rolês* organizados pelos jovens adolescentes em Bauru, todas se compõem de várias redes de sociabilidade que se organizam, fundam clubes, *famílias*, *bondes*, *zonas* ou grupos dentro da própria microcultura, exercendo diferentes territorialismos e microterritorialidades no âmbito de suas práticas de diversão.

Essas redes também vão se juntando e se ajudando, dinâmica que resulta da inserção desses jovens em diferentes retículas, que se formam nas mídias sociais e plataformas digitais, em torno de diversos interesses e identificações culturais. Reticularidade com forte impacto espacial, pois é dessas negociações, compartilhamentos e entrosamentos que vão organizar de maneira concreta eventos, planejar locais onde vão fazer festas, participarem de encontros e comporem aglomerações espaciais.

Praticamente, o poder de suas redes em compor grandes aglomerações espaciais mostra a força de seus enredamentos. Suas aglomerações anulam o efeito de estarem dispersos nos bairros periféricos, são táticas criadas para a diversão, implicam auto-organização para ramificar a partir de interfaces digitais e comunicacionais, diversas retículas de forma espontânea para constituir um *rolê*.

Ainda que componham territorialidades transitórias e efêmeras no campo da diversão, mesmo assim, impactam a cidade com suas visibilidades e performances. *Jovens do wheeling* podem reforçar ainda mais a visibilidade da sua microcultura, ou como as festas do *fluxo,* que instituem transitoriamente outras formas de apropriação do espaço público.

Outro resultado de seus enredamentos está em produzir um *tudo junto e misturado*, reunindo heterogêneas redes e microculturas juvenis, estabelecendo "hiperfestas", ou seja, aglomerações festivas na cidade. O que tem impacto nos circuitos de lazer, pois é preciso destacar que os circuitos nos núcleos de lazer do centro urbano não constituem a única direção para estes jovens quando buscam a diversão. Como no circuito do hip hop, *fluxo* e até as *baladas* nas áreas periféricas, mesmo apesar de muitos destes encontros e festas estejam no terreno da clandestinidade, ainda assim, informam que estas redes e microculturas, colocaram de certa forma a periferia na cartografia cultural da cidade, ao estabelecerem um circuito de lazer entre os bairros da periferia.

A importância do capital espacial

Cada microcultura ou rede juvenil descrita nesta pesquisa realiza diferentes táticas para buscarem a diversão, primeiro precisam estar enredadas, encontrar locais de encontro ou de festa, comporem seus circuitos de diversão, construírem suas escalas e territorialidades na cidade, a partir de seus bairros distantes. Várias ações são articuladas em nível de grupo, com diferentes trocas e negociações. São agentes sociais que não atuam de forma isolada, não jogam sozinhos ou fora das estruturas que compõe seu contexto de vida social.

Esse contexto é complexo, reúne as disponibilidades técnicas e estruturais da própria cidade, algo que se altera continuamente, como a própria escala da cidade, as ofertas de consumo e estruturas espaciais. Um contexto que frequentemente é hostil aos jovens da periferia, além de perifericamente situados, também se impõe a eles, barreiras físicas e simbólicas nas suas circulações. Neste sentido, precisam encontrar na cartografia da cidade, maneiras de alcançarem os locais que elegem para diversão, grafar suas passagens, consumirem e expressarem suas performances.

Para isso, precisam acessar e articular recursos, a partir da própria periferia. Recursos que lhes permitem saltar as escalas que os confinam nos bairros periféricos. Ações que também se configuram em táticas de deslocamento, escapadas, fuga, aglomeração e encontros na cidade. Precisam reunir vários capitais: capital social, que

ocorre na capacidade para tecerem com suas redes; capital econômico que os possibilita realizarem consumos relacionados as suas identificações e gosto, mas também, investirem em formas de mobilidade urbana. Algo que vai desde algum dinheiro para passagens de ônibus até aqueles investimentos destinados as suas motorizações.

São jovens que reconhecem que sem capital social e econômico, seus investimentos em diversão (capital cultural) e visibilidade (capital simbólico) são prejudicados. Mas também sabem que na situação espacial que se encontram, o capital espacial é neste caso imprescindível, pois se não querem ver suas chances reduzidas para a diversão, e, por conseguinte auferirem os lucros da visibilidade, precisam reunir condições para acessar os locais de preferência e de lazer, cujos circuitos, como já visto, abrangem a escala além do bairro e, às vezes, da cidade.

Este capital espacial, num sentido específico, é o poder de produzir espacialidade, reunir condições para se locomover, acessar locais e empreender salto de escalas. Revela formas de autonomia individuais e coletivas, centrado, numa condição objetiva de expandir o acesso para outros capitais, como o cultural e simbólico. Ou seja, é na capacidade para circularem que os jovens da periferia podem encontrar outras alternativas de lazer; frequentarem outros espaços de relações; criarem formas de territorialidades particulares em consonância com seus gostos e identificações culturais.

Em realidade, o capital espacial constitui um *habitus* que se distribui diferentemente entre as classes, gêneros e grupos. Faz parte de uma experiência cotidiana e de aprendizados que predispõe os agentes para seus movimentos e trânsitos na cidade. Para os jovens pobres da periferia, é um capital que ocorre em negociação com suas redes sociais e sociedade como um todo, reunindo condições econômicas para se motorizarem, investirem na carteira de habilitação, negociarem caronas ou redefinindo usos de transporte coletivo para transporem as escalas da cidade. Algo próximo da abordagem de Marie-France Prévõt-Schapira (2001)[250] em que

[250] Neste trabalho, o capital espacial surge como um conceito chave para destacar a diferenciação de estratégias espaciais entre os pobres e a classe média empobrecida focada na cidade de Buenos Aires, em que, muitas vezes, acaba se reproduzindo as separações entre nós e os outros na cidade.

o capital espacial, também é interiorizado e ocorre nas relações práticas com o espaço, com seu uso. Algo que se dá na experiência com a cidade, além disso seria um conceito chave para entender as diferenciações entre segmentos e classes, em que os aspectos de localização, acessibilidade e mobilidade informam como cada segmento lida com os aspectos da exclusão.

Mesmo os jovens da periferia em gerações anteriores produziram uma diversidade de táticas, ajustando-se ou se aproveitando das estruturas para saltar as escalas e produzirem suas territorialidades, tornando-se cada vez mais móveis na cidade e compondo diferentes circuitos de lazer. Observa-se que as relações reticulares são parte do capital espacial destes jovens, o que é um recurso significativo para mobilizarem recursos para suas territorialidades e performances na diversão. Interações em que investem e lhes permitem criar formas de mobilidade para seus encontros, combinar seus *rolês* e formar seus *pedaços* em áreas centrais.

Outras considerações que se atrelam ao capital espacial exigem mais pesquisas, mas a potencialidade do seu uso no entendimento das práticas socioespaciais me parecem amplas. Por esta ideia, seria possível oferecer uma compreensão sobre: como diferentes classes, segmentos e gerações constroem suas táticas espaciais; como o capital espacial amplia a noção de cidadania, baseada na concepção de mobilidade, territorialidade e consumo; ou ainda, como ampliação e dispersão do tecido urbano da cidade afetam a necessidade de formas diferentes de capitais espaciais, diante das necessidades de mobilidade, trajetos e visibilidades dos seus citadinos; mesmo nas questões de gênero, podem ser questionados a construção desse capital, entre os vários grupos, no contexto de uma geometria do poder em que estão inseridos.

Visibilidade e consumo no campo da diversão

A visibilidade tornou-se outra categoria crucial na descrição das redes e microculturas, em face da sua pertinência, na exploração das identificações culturais e das formas de consumo no campo da diversão, como também trazia *a fortiori* o questionamento sobre a importância do espaço nestes agenciamentos. Aliás, práticas

de diversão que entram no campo das divergências simbólicas e territoriais com outros grupos e segmentos sociais na cidade.

A visibilidade vista no ângulo das práticas de consumo, comporta uma dimensão objetiva e subjetiva, que associa diversos fatores. Do lado objetivo, muitas práticas de consumo, inseridas nos circuitos de lazer destes jovens, deriva do relativo poder de acesso ao consumo de artigos e produtos, que podem ser às vezes de alto valor material e simbólico, não raro, partilhado por classes mais afluentes e que passam a estar presentes nas relações de ostentações em muitas dessas redes juvenis. Ou seja, estão também expostos a uma estrutura social que se apoia na distribuição e desigualdade de bens materiais e simbólicos, percepção que interiorizam como legítimas e passam a ser valorizadas, como bens de distinção social.

Seja nos *rolês* dos jovens adolescentes na cidade*, as festas do fluxo* e outros *rolês*, ainda que possam variar os valores de apreciação em torno desses bens, estes jovens aprendem a importância das estratégias de distinções e classificações sociais que começam nos seus espaços de origem. Acresce que a aproximação com os valores e consumos que fazem parte dos *habitus* de classes mais afluentes também decorre de uma conjuntura econômica e monetária, que os atingiu favoravelmente nos últimos anos e que os aproxima da realização de algumas formas de consumo.

No plano subjetivo, as relações de ostentação que decorrem desses novos consumos, muito presentes no interior das redes e microculturas juvenis desta pesquisa, constituem, assim, um novo *habitus*. Mas, que não se dissocia das suas condições sociais, onde precisam confrontar uma vida de escassez de recursos com novas perspectivas de consumo, onde veem um passaporte para melhor se posicionarem socialmente e, ao mesmo tempo, investirem nas suas identificações culturais.

Tentam, assim, construir uma ponte entre suas esperanças subjetivas e suas probabilidades objetivas (BOURDIEU, 1979). Contudo, esse *habitus*, ao menos no campo da diversão e das redes juvenis descritas, não é um passaporte que garanta entrada como cidadãos reconhecidos no seu direito à cidade, pois são julgados e cerceados no movimento, carregam nas suas circulações as marcas da periferia,

portanto, não há uma espécie de transferência de *habitus* que anule outras marcas de distinção reconhecidas entre as classes sociais[251].

É justamente no jogo aparente entre objetividade do consumo e a subjetividade das suas ostentações e expressões, que reside as ambiguidades da visibilidade social. De um lado, sentem e absorvem os efeitos das injunções do mercado, que incorporam em parte nas suas visibilidades, ou quando fazem seus *rolês* em espaços de consumo valorizados socialmente. Mas, que por outro lado, sabem redefinir muitos desses bens e usos dos espaços, a partir dos valores e identificações que se projetam de suas redes e microculturas periféricas. Isto é, corpos que se apresentam em suas performances extravagantes, nas suas misturas e imposturas estéticas.

É, portanto, nas suas dissimilações e subversões no espaço que se estabelece uma zona de divergência, um aspecto importante de suas práticas e que se mostra visível nos seus *rolês* ou em suas produções culturais (DAYRELL, 2001)[252]. Desde a dança do *passinho do romano* à moto de um praticante de *wheeling*, muitos são artefatos de identificação cultural, meios para suas performances, pretextos para outros enredamentos e aumento de seu capital social (amizades, frequentar com amigos as *quebradas*, reconhecimento etc.). Porém, suas expressividades e busca por visibilidade, ainda que orientadas para suas redes sociais, ocorrem produzindo uma territorialidade, tornando-se também visíveis para outros segmentos e classes sociais na cidade. Nesse sentido, a despeito de estarem conscientes ou não, são julgados esteticamente, moralmente e socialmente. Acabam, assim, compondo uma **visibilidade bifrontal**, de um lado, a visibilidade e expressão de suas diversões, que ocorre entre os seus, e a outra face dessa visibilidade, que são as atribuições de significados de outros grupos e classes, que os julgam e os classificam social e simbolicamente.

---

[251] O que não nega uma das teses de Norbert Elias (1994), que também se utiliza do conceito de *habitus*. Há em sua análise quanto ao processo civilizatório, aquisições/transferências de certos costumes de uma elite dominante, ao logo do tempo, entre as massas. São novos padrões que se tornam inconscientes nas práticas dos sujeitos. Mas é um processo dinâmico, pois as classes dominantes buscam renovar as distinções, criando outros costumes e padrões de diferenciação.

[252] Juarez Dayrell aplica esse entendimento aos jovens que buscam construir projetos de vida a partir da música.

A posição dos jovens da periferia na geometria do poder na cidade

Conceber uma geometria do poder (MASSEY, 2000) implica reconhecer como diferentes grupos em suas diferentes clivagens (social, gênero e etnia etc.) jogam um jogo de posições, onde precisam negociar constantemente, com estruturas econômicas, sociais e espaciais, muitas vezes, em contexto de conflitos e divergências.

Mas é uma geometria dinâmica, sempre sendo alterada pela emergência de novos atores, ou por recursos que alteram suas autonomias. A cidade é o lugar onde estas assimetrias ganham materialidade. As redes e microculturas descritas, apesar de suas particularidades locais, encontram-se num cenário de transformações urbanas, econômicas e tecnológicas que ocorrem de forma muito ampla na sociedade, o que altera o quadro de suas possibilidades, a partir de diferentes contextos locais.

Os jogos de diversão constituem uma das dimensões de suas vidas, aproveitam sua moratória vital para buscarem o lazer, produzir sensações e viver um tempo *ipsativo*. Mas, seus jogos implicam se posicionarem num campo de disputas. Embora nem sempre estão conscientes do impacto do jogo que estão jogando, suas práticas de diversão são vistas como divergentes. De forma explícita ou velada, veem-se numa disputa com diferentes grupos e classes, seja em espaços públicos, seja nos shoppings center, postos de gasolina ou outros tantos espaços em que se territorializam nos seus *rolês*.

No caso dos jovens adolescentes que praticam *rolês* nos espaços de consumo, há uma criminalização das suas práticas socioespaciais, onde a força policial sempre está monitorando suas aglomerações e fluxos, até mesmo conhecendo suas escalas. Nas *quebradas* onde se dá a festa do *fluxo* e mesmo os encontros do *wheeling*, precisam ser estratégicos, no sentido de estarem distantes das áreas de aglomeração urbana e longe dos controles e monitoramentos. Constituem territorialidades evasivas, burlam as regras que regulam o uso dos espaços públicos. O que revela o desencontro entre o que se representa como diversão para estas redes juvenis e a dificuldade do poder público em reconhecer essas práticas ou de negociar com elas.

Mas os choques e tensões territoriais também ocorrem com outros segmentos da sociedade, é bem verdade que o *fluxo* se dá num ambiente de clandestinidade, não

contam de forma absoluta com o apoio de moradores dos próprios bairros da periferia, mesmo os *fluxos* em espaços privados, em áreas próximas aos núcleos de lazer luminosos, podem ocorrer transgressões e tumultos encontrando na vizinhança destes postos de combustíveis forte aversão para suas festas.

É emblemático o caso dos *jovens do low* que, ao exibirem e perfilarem seus carros rebaixados - trunfos simbólicos e materiais - defronte das fachadas luminosas em núcleos de lazer noturno, enunciam indiferenças aos territórios de outros grupos e classes, criam territorialidades transitórias e mostram seu poder de mobilidade e mobilização, numa negação ao confinamento territorial na periferia.

Ou como *jovens das baladas* que precisam investir suas economias num *passaporte de classe*, para estarem em conformidade às regras e padrões de outros grupos ou classes, que se impõem como modelos de consumo e diversão, contornando algumas barreiras sociais e simbólicas para estarem visíveis.

As redes e microculturas descritas são participantes ativos da multiplicação de esferas sociais nos espaços públicos e privados, seja com os jovens adolescentes nas suas aglomerações nos espaços de consumo*,* com *as jovens nas baladas,* ou ainda*,* quando eles mesmos criam seus *circuitos de lazer* nas *quebradas*. Seus *rolês* revelam estratégias para transpor o confinamento dos seus bairros. Porém, como bem destacou Glória Diógenes (1998), o território acaba sendo o que cada jovem carrega aonde quer que vá na cidade, onde o corpo enuncia sua origem e marca de classe.

Por isso, os estigmas territoriais (WACQUANT, 2006) não pesam apenas sobre seus bairros de origem, mas também sobre seus movimentos e escalas; sobre suas visibilidades; é por isto que seus *rolês* se tornam formas de expressão de uma diversão que se dá também como divergência. Ser jovem da periferia é saber jogar, num sentido mais estrito agora do termo[253], como inspirado em Carrano (2002) e Margulis (1997),

[253] Há aqui uma diferença com o que Johan Huizinga (2008 [1938]) define como jogo. Para este pensador, o jogo não seria imposto e sério, constituído de um caráter de faz de conta. Penso que no âmbito do lazer e uso do tempo livre, isso seja válido, menos que "não seja sério" a todo tempo. Os perigos da noite e mesmo as barreiras que os jovens enfrentam constituem condições objetivas que impõem jogos de divergências e, às vezes, escaramuças com alguns poderes instituídos, isso porque, estes atores não fazem parte do jogo no sentido de estarem consentindo com as regras, mas aparecem no jogo para "atrapalhar" acabar com ele.

que é de saber sair de situações de inércia, enfrentar situações desafiadoras e lidar com os estigmas que os cercam e que os perseguem na cidade. Inserem uma contraordem, outras possibilidades de diversão e subversão na cidade.

Por fim, o porquê de não os ter vistos nas explorações iniciais dessa pesquisa, agora se torna claro, pois, quando estão realizando seus encontros nos lugares opacos da cidade num trecho de rodovia ou num pátio de estacionamento distante, ou quando seus fluxos e bailes ocorrem em ruas desoladas da cidade ou na periferia, o que está implícito é o desejo de se tornarem visíveis entre os seus e se protegerem da visibilidade que os torna indesejáveis e que os pune, por isso, o espaço assume uma condição estratégica para estes jovens no campo da diversão na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas linhas e entrelinhas desta pesquisa, tentei transitar entre duas propostas aparentemente distintas, embora conciliáveis: uma, a maneira de um Certeau (ou mesmo de um Pais, Carrano, Magnani e outros) de não estar preso a uma leitura panorâmica ou panóptica da cidade; e outra, um esforço em construir um discurso onde não há mais os discursos dos agentes[254], onde se interpreta e atribui significados mais amplos para suas práticas, sem ignorar os significados que eles mesmos, os agentes, atribuem para elas. Algo talvez próximo da etnografia comparada de Bourdieu, que busca no cotidiano e em meio a um rol de transformações sociais e culturais, encontrar as regras do jogo entre os agentes[255]. Em síntese, uma disposição em haurir seus construtos e encontrar pontos de contato, um diálogo que pudesse levar a um entendimento mais amplo do que observei e descrevi sobre as práticas de diversão juvenis.

Não obstante, houve um esforço de superar uma certa dualidade. O resultado, penso - e que julgue o leitor e a leitora -, foi na direção de encontrar um ponto arquimediano, como já destacou Carrano (2011), que não nega aquilo que os jovens vão herdar de sua sociedade e socializações, mas, também, que não se deve deixar de considerar a capacidade de cada jovem de construir seus acervos, escolhas e projetos de vida. Uma leitura menos esquemática da vida destes jovens da periferia, que considera as injunções a que estão submetidos e que, ao mesmo tempo, revaloriza suas práticas de diversão, como pertencentes ao primeiro plano das suas sociabilidades e de suas escolhas.

Esta tese impôs outro desafio, que foi encarar a indagação de Magnani (1996) e Turra Neto (2014; 2015) sobre a possibilidade de se fazer estudos sobre grupos juvenis, sem perder o vínculo com as diferentes dimensões e transformações da vida urbana, e tentar responder até onde a cidade, tomada como uma grande estrutura em

[254] Aliás parte de uma análise que o próprio Michel de Certeau faz à Pierre Bourdieu, no capítulo V de seu livro "A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994".
[255] Inspiro-me nesse caso em uma das primeiras obras de Pierre Bourdieu, "Desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais" (1979 [1963]).

estruturação, interfere nas práticas sociais dos grupos e redes juvenis. E é aqui que penso que esteve o diferencial desta pesquisa, o de tensionar com a dimensão socioespacial em vários níveis da vida social, a partir do campo da diversão, na escala da cidade e dos movimentos dos agentes.

As juventudes se mostram na sua dinâmica e devir e nada mais dinâmico que tentar capturar uma parte da sua condição juvenil, no movimento na cidade, nas suas escalas e territorialidades, enfim, na pluralidade das suas redes e microculturas que se dão no e pelo espaço.

Entrementes, pode ser que tenha apenas tocado na superfície, os limites da pesquisa são vários, há decerto muito a ser descoberto sobre a realidade de vida dos jovens pobres e/ou que moram na periferia (seja nas cidades pequenas, médias e metrópoles). A questão das frações de classe e diversidade de modos de vida nas periferias precisa ser explorada, são clivagens e sociabilidades que se relacionam com seus *habitus* e preferências. Também não ignoro que o fato de destacar algumas formas de sociabilidades juvenis na periferia, não me permite ainda ter claro toda sua diversidade, como suas relações culturais interescalares (cidade média-metrópole), assim como, os impactos conjunturais que acabam tendo efeito nas suas microculturas. Acredito que da mesma forma que se deu esse trabalho em cidades médias, deverá ser feito nas metrópoles, onde se poderá conseguir informações mais detalhadas e um panorama mais amplo para se entender os movimentos culturais transescalares. Ainda se encontram muitas lacunas tanto sobre a origem, como das redes iniciais de difusão das culturas juvenis.

Há muitos desdobramentos sobre o que foi descrito e analisado nesta pesquisa, que o leitor poderá questionar ou indagar. Decerto, outros estudos poderão ser realizados nas mesmas condições ou em condições parecidas ao que se fez nesta pesquisa, e reafirmar (ou mesmo discordar) os resultados aqui delineados. Já em relação a isso, este trabalho também mostra encontros e desencontros com outras pesquisas e abordagens. Por exemplo, Ferreira (2008, p.102) destaca aspectos que também se confirmam nesta pesquisa, a respeito da condição juvenil atual, como a "mutabilidade intergrupal"; "socialidades reticulares"; "profusão eclética e acumulada de estilos".

Contudo, alguns marcadores geracionais precisam ser problematizados, refletidos criticamente, sobretudo, quando se invoca um sentido ostentativo e hedonista das juventudes, ou de viverem cada vez mais lealdades transitórias, alienados na individuação e não mais vistos como propositores de resistências. Helena Abramo (1997, p.122) já havia problematizado sobre as tematizações geracionais que mais criam uma "encenação distópica" e uma homogeneidade estigmatizante, do que entender seus contextos de vida, sobretudo, em torno dos jovens pobres.

Até onde esta pesquisa chegou, encontrei diversas formas de lealdade, e muitas não são tão temporárias, a esmagadora maioria dos jovens da periferia tece suas amizades e redes de sociabilidade na escola e isso não é temporalmente insignificante. São amizades tecidas por vários anos, muitas delas fazem parte de suas redes, sem contar os *bondes*, clubes, *famílias* entre outras redes de sociabilidade, que entre os jovens das periferias exigem também diferentes formas de lealdade e identificação com o grupo.

Portanto, antes de se fazer reificações, afinal, que valores estariam por trás das identidades de determinado grupo ou classe, em que condições sociais e geometrias de poder os jovens conseguem construir seus projetos de vida? O mesmo vale para outras gerações ("jovens apaches", "jovens dos guetos de Chicago", entre outros grupos do passado, estigmatizados em suas épocas). Que peso teria o espaço nas formas de expressões individuais? As injunções das estruturas, as desigualdades sociais e diferentes oportunidades nada influem? Seus investimentos sociais apenas visam alargar suas individualidades, mas o que dizer do *footing* do passado, seria tão somente um congraçamento em espaço público, apenas para exaltar as amizades interclasses, sem efeito na diferenciação de classe, projeção de visibilidades pessoais? Afinal, o que se dispõe em seus campos de possibilidades, que tipo de escolhas podem fazer? Ainda é comum falar de geração, tendo olhos para o que se tornou icônico de uma condição juvenil, ou daquilo que é desviante, que sairia da curva (*os arrastões, tumultos dos rolês juvenis...*).

Outras vezes, se costuma ressaltar um senso de coletividade, apenas exaltado ou tendo como referência, por exemplo, os jovens das manifestações de 1968 ou os jovens de Woodstock, certamente aqueles que falaram e falam, aqueles que têm registros, que

se tornaram emblemáticos de uma época. Interessante que se ignora, no mesmo período, que uma massa de milhões de jovens no Brasil estava, na mesma época, realizando junto de suas famílias, um gigantesco fluxo e esforço migratório para as cidades, uma geração que vai se espalhar nos arredores das grandes e médias cidades, e que muito provavelmente não tinham ainda acesso à esta condição social, de moratória e preparação para o futuro, que se chama juventude?

Claro que não se está ignorando o peso da condição geracional, afinal se está diante de jovens que têm que se situar num contexto tecnocientífico, diferente dos contextos de outras gerações. Elementos fáticos, simbólicos e culturais que perpassem uma grande parte da população jovem e são específicas de um momento da sociedade (o que é parte da própria ideia de geração), mas isso costuma ser confundido com uma planície lisa, onde na verdade há um vasto relevo social cheio de rugosidades e diferenciações.

Costuma-se escorregar para uma comparação geracional, em que a referência está estribada em uma classe social (às vezes sem se perceber), ou seja, subjetividades situadas e determinadas num determinado campo, sem contar as especificidades da sua situação temporal e espacial particulares. Este é o ponto, estudar geração sem atentar para as diferenças de classe e socialização é redundar numa deformidade de análise, que simplifica onde existe muita complexidade a ser analisada.

Se há algum resultado que esta pesquisa alcança é que as coisas são ainda mais complexas que uma certa visão geracional quer repousar ou que se quer tornar insofismável.

Numa entrevista com uma bibliotecária da Câmara de Marília, sobre como era a diversão da área central da cidade, na metade dos anos de 1970, ela destaca a vinda de jovens dos grandes centros para a cidade, onde viviam um tempo de invisibilidade, eram jovens da classe média e que conviviam na universidade. Alguns seriam hoje reitores, artistas e professores[256]. Ela ainda destaca que essa invisibilidade estratégica era devido ao fato de que estes jovens estrangeiros traziam informações críticas sobre a

[256] Outro fato interessante, na mesma época, um jovem negro e pobre saído do Morro do Querosene seria hoje também um reitor de uma Universidade e que foi por mim entrevistado.

realidade política do país (os anos do regime militar), eram filmes, livros subversivos, leituras coletivas, o que gerava uma atmosfera de muita politização.

Ela disse que, no caso dela, isso já era gestado desde os anos do ensino colegial, numa escola particular, onde havia alguns professores contestadores da ordem vigente. Também descreve que era um momento de muita efervescência juvenil na cidade, a vinda de cantores nacionais e a formação de grupos teatrais na cidade. Estes jovens costumavam passear na noite em alguns bares ou se reunir clandestinamente. Achei isso tudo muito interessante, mas então perguntei, já que ela convivia com a juventude da cidade, como os jovens de bairros pobres interagiam, como participavam dessa vida e atmosfera política. Ela então, numa situação de surpresa e depois numa breve pausa, me disse: *olha, sabe que nunca me perguntei sobre isso, acho que eles estavam lá, mas não sei dizer, às vezes os via na rua 9 de julho...*

A entrevistada, por sinal, muito atenciosa e de grande conhecimento sobre uma juventude - ela mesma escreveu um livro e artigos sobre essa juventude da cidade -, tinha como concepção uma geração que era visível por distinção social e capital cultural e econômico, mas que, estrategicamente, precisavam se tornar invisíveis diante de seus posicionamentos contestatórios. No mesmo arquivo da Câmara Municipal, encontrei fotos e mais fotos de encontros juvenis, de festas, clubes, mas não encontrei uma foto sequer do "Morro do Querosene", ou "bairro Jóquei Club", ou informações sobre a vida social nestes bairros - a periferia dos pobres e da ralé -, como se os jovens destes bairros não existissem. O que se denotava era que, com estes jovens, ocorria o avesso em comparação com a juventude que ela estava me relatando. Estes que eu indagava eram invisíveis como cidadãos, na verdade nem precisavam se tornar invisíveis por uma causa política, em realidade já nasciam assim.

O que viso discutir é que o estudo das gerações dos jovens das periferias ou bairros pobres não está contado, muito se precisa avançar no conhecimento de suas sociabilidades, de como foram se transformando seus modos de vida, suas aspirações e suas referências identitárias. Pouco se atenta que as experiências geracionais, que se dão sob diversos estímulos da vida cultural e social, não apenas se diferenciam em classe e grupo, como também se é objeto de representação em face de sua situação social e espacial, pela qual as marcas de origem social estão sendo julgadas e classificadas.

Os jovens da periferia, ou as redes que pude descrever e analisar, procuram no tempo livre, juntamente, a diversão e visibilidade. Almejam de fato uma individuação, mas não observei que não tivessem na maioria das vezes uma referência à sua rede ou microcultura, ou que quisessem subsumir apenas numa ostentação direcionada às outras classes, ou com um fim puramente narcisista e hedonista. A verdade é que as redes as quais eles se inserem são uma referência objetiva e simbólica onde ajustam suas visibilidades sociais, constroem um capital espacial e onde encontram um caminho de fuga articulada numa relação de autonomia/alonomia[257].

Buscam contornar e superar um *habitus* precário que logra a eles escassos meios de projeção social, mas sabem que não basta intencionar. Como é central nesta pesquisa, não encontram uma cidade disposta a reconhecer suas práticas, em realidade, não encontram um campo de diversão neutro, precisam criar também capital espacial para, objetivamente, criarem seus circuitos de lazer. Da geração de 1970, 1980 e mesmo hoje, para os jovens pobres, viver com os seus não é desaparecer na homogeneidade ou no extremo da individualização, encontram um interstício para se posicionar diante das distinções e classificações, o que se dá perante as suas próprias redes que se integram em suas trajetórias de vida. Por que, no final das contas, precisam se enredar e produzirem seus capitais para experienciar uma cidade na e para além da periferia.

[257] Maffesoli (1998, p.42) destaca essa relação, uma autonomia que é uma afirmação de dentro para fora e ao mesmo tempo na alonomia, "que se apoia no ajustamento, na acomodação, na articulação orgânica com a alteridade social e natural", ou seja, com o meio socioespacial.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. **Cenas Juvenis:** punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Página Aberta, 1994.

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação,** São Paulo, n. 5 e 6, p. 25-36, mai-dez. 1997.

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1985.

AMARAL, A; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. COLÓQUIO BINACIONAL BRASIL-MÉXICO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, II**. **Anais eletrônicos...** 2009, São Paulo: Disponível http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687.Acesso em 20 de Jan de 2015.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARIOVICH, L; PARYSOW, J; VARELA, A. Juegos en el shopping center. In: MARGULIS, M. (org.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 31-46.

BARBOSA, V. L. **A expansão urbana em áreas de fundo de vale na cidade de Bauru-SP**. 2006, 254 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

BARTH, F. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BECKER, H. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.

BONDUKI, N. Depoimento. Periferia Revisitada. **Revista Espaço & Debates,** São Paulo, ano XVII, n.42, p. 92-99 , 2001.

BOURDIEU, P. **Desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

BOURDIEU, P. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo. Editora Ática, 1994, n. 39, p. 46-86.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Org. e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva (col. Estudos), 2007.

BOURDIEU, P. Capital simbólico e classes sociais. **Novos Estudos - CEBRAP**, n. 96, p. 105–115, jul. 2013.

BOURDIN, A. **Urbanismo depois da crise**. Lisboa: Livros Horizontes, 2011.

BRANDÃO, Z. Operando com conceitos: com e para além de Bourdieu. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 36, n. 1, p. 227–241, 2010.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CANCLINI, N.G. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2013.

CARLOS, A F. A **(re)produção do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 2008.

CARRANO, P. C. R. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas.** Rio de Janeiro. Relume Dumará: Faperj, 2002.

CARRANO, P. Jovens, escolas e cidades: Desafios à autonomia e à convivência. **Revista Teias**, v. 12, n. 26, p. 7–22, 2011.

CARVALHO, S.M.S; RAVAGNANI, O.M; LAUAND, N. A antropologia e os dilemas da educação. **Perspectivas**, v. 3, n. 8, p. 29–50, 1980.

CASTRO, L.R. **A Aventura Urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras/Faperj, 2004.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 143–176, jul. 2002.

CASTRO, I. E. O Problema da Escala. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C; CORRÊA, R.L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p. 117-141.

CATANI, A. C.; GILIOLI, S. P. G. **Culturas juvenis: múltiplos olhare**s. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994

CICOUREL. A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. **Desvendando máscaras sociais**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 87-120.

CLIFFORD, J. Culturas Viajantes. In: ARANTES, Antônio A. **O Espaço da Diferença**. São Paulo: Papirus, 2000. p. 51-79.

COLOGNESE, S.; MELO, J. L. B. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre: UFRGS, v. 9 , 1998, p.143-159.

COMAS, D. Agobio y normalidad: una mirada critica sobre el sector "ocio juvenil" en la España actual. **Rev. Estudios de Juventud**, Madrid, n. 54, p. 71-78, 2000.

CONTEL, F.B. **Finanças municipais e território: horizontalidades e verticalidades no munícipio de Bauru (SP)**. 2001, 254 p. Dissertação (mestrado) - Universidade de São

Paulo, Faculdade de Filosofia, letras e ciências humanas. Departamento de Geografia, São Paulo.

CORGHI, F.N. **Urbanização e segregação sócio-espacial em Bauru (SP): Um estudo de caso sobre a Bacia hidrográfica do Córrego da Água Comprida**. 2008, 197p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências - Pós-Graduação em Geografia, Campinas.

CORRÊA. R. L. Diferenciação sócio-espacial, escalas e práticas espaciais. **Revista Cidades**, Presidente Prudente, v.4, n.6, 2007, p. 62-72.

COSTA, B. P. As microterritorialidades nas cidades: reflexões sobre as convivências homoafetivas e/ou homoeróticas. **TerraPlural**, Ponta Grossa, v.6, n.2, p. 257-271, jul/dez. 2012.

COSTA, B. P. da. Microterritorialidade: uma relação entre objetividade do espaço, cultura e ação intuitiva do sujeito. In. HEIDRICH, A.L; COSTA, B.P; PIRES, L. Z (Org). **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre. Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013.

CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. **ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, XIII**, Ouro Preto 2002. **Anais Eletrônicos**... Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil , 2002. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf>. Acesso em: 12 de Março de 2013.

DAL POZO, C.F. **Territórios de autossegregação e de segregação imposta: fragmentação socioespacial em Marília e São Carlos**. 2011, 316p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011, Presidente Prudente.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. 2001. 401pf. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40–52, dez. 2003.

DAYRELL, J. Um olhar sobre a juventude. In: DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.21-44.

DAYRELL, J. O Jovem como sujeito social. In: FÁVERO, O; SPÓSITO, M; CARRANO, P; NOVAES, R. (Org.). **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. p. 155-179. (Coleção Educação para Todos, 16).

DELICATO, C.T. **Faces de Marília: a moradia em um condomínio horizontal**. 2004. 111 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências,Marília.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Trad.:Aurélio Guerra Neto et alii. vol. 3,. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DEMATTEIS, G. Suburbanización y periurbanización. Ciudades anglosajonas y ciudades latinas. In: MONCLÚS, F. J. (Ed.). **La ciudad dispersa**. Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona,1998, p.17-34.

DIÓGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência: gangues e o movimento hip hop**. São Paulo: Annablume, 1998

DUMAZEDIER, J. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo. Studio Nobel: SESC, 1994.

DURÃO, S.; WACQUANT, L. O corpo, o gueto e o Estado penal: entrevista com Loïc Wacquant. **Etnografica**, v. 12, n. vol. 12 (2), p. 455–486, 1 nov. 2008

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1994.

FAUSTO NETO, A.M e QUIROGA, C. **Juventude urbana pobre: Manifestações públicas e leituras sociais**. Rio de Janeiro, 1996, mimeo.

FAUSTO NETO, A.M; QUIROGA, C. Juventude urbana pobre: manifestações públicas e leituras sociais. In: PEREIRA; MESSEDER et al. (Orgs). **Linguagens da violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 221-235.

FÁVERO, O; SPÓSITO, M; CARRANO,P; NOVAES, R. (org.). **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. (Coleção Educação para Todos, 16).

FEIXA, C. **De jóvenes, bandas e tribus**. Barcelona: Ariel, 1998.

FEIXA, C. P. La Ciudad Invisible: Territorios de las culturas juveniles. In. MARGULIS, M et al (org). **Viviendo a toda: Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Departamento de investigaciones Universidad Central, 1998, p. 83-111.

FEIXA, C. Generación XX. Teorías sobre la juventud en la era contemporánea. **Rev. Latinoamericana de Ciencias Sociales,** Niñez y Juventud, v.4, n. 2, p. 21-48, 2006.

FELIX, A. S.; SANCHEZ, H. C; GÓIS, M. P. F. A Construção do Bairro da Lapa como Lugar Central para a Sociabilidade Noturna Carioca: uma análise dos projetos de espaços públicos. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, XIII,** 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

FERREIRA, V. S. Ondas, cenas e microculturas juvenis. **Plural. Rev. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo**, v. 15, p. 99–128, 2008

FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In. GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. p.77-86.

FOUCAULT, M. Outros espaços. In. **Ditos e Escritos (v. III). Estética: Literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 125-136.

FRAINER, D.M. **A estrutura e a dinâmica da indústria automobilística no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2010, 137p. Tese (Doutorado Institucional em Economia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, 2010.

GARCIA, L. P.; FREITAS, L. R. S. DE. Consumo abusivo de álcool no Brasil: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde 2013. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 24, n. 2, p. 227–237, 2015.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GÓES, E. Os jovens, a periferia e a violência: a importância da perspectiva urbana. **Rev. Arius**, Campina Grande, v.20, n.2, p-6-37, Jul/Dez. 2014.

GOFFMAN, E. **Comportamentos em lugares públicos**. Editora Vozes: Petrópolis, 2010

GREGORY, D. Teoria social e Geografia Humana. In: Derek Gregory, Ron Martin e Graham Smith (org.). **Geografia Humana: sociedade, espaço e Ciência Social**. Trad. Mylan Isaack. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p. 90-122.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica. Cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996

HAESBAERT. R. Território e Multiterritorialidade: um debate. **Rev. Geographia**. Ano IX, n.17, p. 19-46, 2007.

HAESBAERT, R. Dilema de conceitos: espaço-território e a contenção territorial": em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In. SAQUET, M. A e SPOSITO, E.S. (orgs). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São

Paulo: Expressão Popular/Programa de Pós-Graduação em Geografia UNESP, 2009, p. 95-120.

HAESBAERT. R. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 7 ed, 2012.

HALL, E.T. **A dimensão oculta**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977. (Col. Ciência Sociais).

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOFFMANN, O. Identidad-espacio: relaciones ambiguas. in: ESTRADA, Margarita; LABAZÉE, Pascal. **Globalización y localidad: espacios, actores, movilidades e identidades**. México: CIESAS-IRD, 2007. p. 431-450.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. Trad.: João Paulo Monteiro. Perspectiva: São Paulo, 2008.

JANUZZI, D.C.R. **Calçadões: a revitalização urbana e a valorização das estruturas comerciais em áreas centrais**. São Paulo: USP, 2006, 318p. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, 2006

JEOLÁS, L. S. O canto dos motores: expressão e produção de sentidos entre rachadores de carros e motos. In.: **II Encontro Internacional sobre Imaginários Sonoros**, 2013, Curitiba. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/imaginariossonoros/files/2014/02/Leila-Jeolas-Imaginários-2013.pdf. Acesso em 12/11/2015.

KAYSER, B. O geógrafo e a pesquisa de campo. **Revista AGB - Seleção de textos**. São Paulo, n. 11, p. 25 – 43, 1985.

KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil**. São Paulo, 2009.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.

LANGENBUCH, J. R. Depoimento. Periferia Revisitada. **Revista Espaço & Debates**, São Paulo, ano XVII, n.42, 2001. p. 85-91.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, Editora Ática, 1991.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. 144 p.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LÉVY, Jacques. Espace intime, espace légitime? Paris, l'urbain, l'urbanité. **Politix**, v.6, n.21, p. 52-64, 1993.

LÉVY, J. Os novos espaços da mobilidade. **GEOgraphia**, v. 3, n. 6, p. 1–11, 2001.

LINDÓN, A. Geografías de la vida cotidiana. In: LINDON, A; HIERNAUX, D. (org.). **Tratado de Geografía Humana**. Cidade do México. Ed Anthropos, Mexico, 2006. P.134-161.

LOBODA, C. R. Espaço público e periferia na cidade contemporânea: entre as necessidades e as possibilidades. **RA'E GA - O Espaco Geografico em Analise**, v. 37, p. 37–63, 2016.

LOSNAK, C. J. **Polifonia urbana: Imagens e representações: Bauru 1950-1980**. Bauru: EDUSC, 2004. p. 284.

LÖW, M. O *spatial turn* : para uma sociologia do espaço. **Revista Tempo Social**, v. 25, n. 2, p. 17–34, 2008.

LUSSAULT, M; STOCK, M. "Doing with space": towards a pragmatics of space. **Social Geography**, 5, p. 11-19, 2010.

MAGNANI, J.G.C. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. **Revista de Antropologia**. São Paulo,v.35, p. 191-203, 1992.

MAGNANI, J.G.C. "Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole". In: MAGNANI, J.G.C e TORRES, Lilian (org.). **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: Edusp, 1996. p.12-53.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11–29, 2002.

MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**, v. 17, n. 2. p. 173 – 205, 2005.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARGULIS, M; URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. In: (org.) MARGULIS, M. **La juventud es Más Que una Palabra**. Buenos Aires, Biblos, 1996. p. 11-29.

MARGULIS, M. La cultura de la noche. In: _____ **La cultura de la noche: La vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires**. Buenos Aires: Ed. Biblos, 1997.

MARRE, J. A. **A construção do objeto científico na investigação empírica. (Seminário de Pesquisa do Oeste do Paraná)**. Fundação Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 1991, Cascavel (PR), Mimeo.

MARTINS, J. S. **A aparição do demônio na fábrica: origens sociais do Eu dividido no subúrbio**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

MASSEY, D. The spatial construction of youth cultures. In: SKELTON, T; VALENTINE, G (Org). **Cool Places: Geographies of Youth Cultures**. London: Routledge, 1998. p.122-131.

MASSEY, D. Um sentido global de lugar. In: Arantes, Antônio (org). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 177-186.

MASSEY. D. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **Rev. Geographia**, Niteroi, ano VI, n.2, p. 7-23, 2004.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p.312.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3.ed. Trad. Carlos A. Silveira. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MCDOWELL, L. A transformação da Geografia Cultural. In: GREGORY, D.; MARTIN, R.; SMITH G. (org.) **Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p. 159-188.

MEDEIROS, C. C. C. DE. *Habitus* e corpo social: Reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. **Movimento**, v. 17, n. 1, p. 281–300, 2011

MOREIRA, R. **O discurso do avesso: para a crítica da Geografia que se ensina**. São Paulo: Contexto, 2014.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro, Editora Forense-Universitária, 1984.

NOUCHER, M. Du capital spatial au capital social des cartes participatives. Pour un droit à le dé-contextualisation cartographique. **EspacesTemps.net, Association Espaces Temps.net, 2014**. Disponível em: http://www.espacestemps.net/articles/pour-un-droit-a-le-de-contextualisation-cartographique/. <halshs-00994957>. Acesso em 10/04/2017.

NUNES, M. **Produção do espaço urbano e exclusão social em Marília**. 2007, 173p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente.

OJIMA, R. Dimensões da urbanização dispersa e proposta metodológica para estudos comparativos: uma abordagem socioespacial em aglomerações urbanas brasileiras. **Revista Brasileira de Estudos da População**, v. 24, n. 2, p. 277–300, 2007.

OLIVE, J. L. Reflecting on the tensions between emic and etic perspectives in life history research: Lessons learned. **Forum Qualitative Sozialforschung**, v. 15, n. 2, 2014.

PAIS, J. M. Lazeres e sociabilidades juvenis - um ensaio de análise etnográfica. **Análise Social**, v. 25, p. 591-644, 1990.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude. Alguns contributos. **Análise Social**, v. XXV, p. 139–165, 1990.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**., 2 ed. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da moeda, 2003.

PAIS, J.M. Jovens e cidadania. **Rev. Sociologia**: Problemas e práticas, n.49, p. 53-70, 2005.

PAIS, J. M. Cotidiano e Reflexividade. In. **Educação & Sociedade**, vol. 28, n. 98, 2007, p.23-46.

PALADIN JÚNIOR, H.A. **Etnogeografia: reflexões sobre a educação escolar, a espacialização e a territorialização do povo Xakriabá no Norte de Minas Gerais**. São Paulo: 2011: 210p. Tese (doutoradoo) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

PALLARÉS J. G. ; FEIXA, C. Espacios e itinerarios para el ocio juvenil nocturno. **Rev. Estudios de Juventud**, n. 50, p. 23-41, 2000.

PEREIRA, A. B. Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais. **Ponto Urbe**, v. 1, n. 1, p. 1–15, 8 out. 2014.

PEREZ, M; SALCEDO; R; CÁCERES; G. Apropiación y control social em um centro comercial de Santiago: prácticas socioespaciales y significaciones adolescentes. **EURE**, vol. 38, n. 113, p. 53-75, enero 2012.

PINSKY, I.; EL JUNDI, S. A. R. J. O impacto da publicidade de bebidas alcoólicas sobre o consumo entre jovens: Revisão da literatura internacional. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 30, n. 4, p. 362–374, 2008.

POCHMANN, M. **Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2012.

PRÉVÔT-SCHAPIRA, M.-F. Fragmentación espacial y social: conceptos y realidades. **Perfiles Latinoamericanos**, v. 4, n. 19, p. 33–56, 2001.

RAMOS, E. C.M. **A descentralização espacial do setor terciário em Bauru. Bauru**: USC, 39p. Monografia para obtenção de bacharelado em Geografia. Universidade do Sagrado Coração, 1998.

REGUILLO, R. La performatividad de las culturas juveniles. **Estudios de Juventud**, n. 64, p. 49–56, 2004.

ROLNIK, R. Exclusão territorial e violência**. São Paulo em Perspectiva**, v. 13, n. 4, p. 100–111, 1999.

RORTY, R. **Verdade e progresso**. Barueri, SP: Manole, 2005.

SÁNCHEZ-JANKOWSKI, M. As gangues e a estrutura da sociedade norte-americana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.12, n. 34, p. 25-37, junho 1997.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 54, p. 35-59, jun. 1977.

SANTOS, M. **Metamorfose do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4.a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006 (versão digital).

SANTOS, C.A.M; NUNES, J.O.R. Mapeamento Geomorfológico do perímetro urbano do munícipio de Marília. **Geografia em Atos**, n.17, v.1. Presidente Prudente, 2007.

SARAVÍ, G. Mundos aislados: segregación urbana y desigualdad en la ciudad de México. **EURE**. 2008, vol. 34, n. 103, p. 93-110. Disponível em: http://www.eure.cl/numero/mundos-aislados-segregacion-urbana-y-desigualdad-en-la-ciudad-de-mexico/. Acesso em 10 Março de 2014.

SAVAJE, J. **A criação da juventude: como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX**. Rio de janeiro. Rocco, 2009.

SECCHI, B. A cidade contemporânea e seu projeto. In: REIS, Nestor G.; PORTAS, N; TANAKA, M. (coord.). **Dispersão Urbana. Diálogos sobre pesquisas Brasil – Europa**. São Paulo: FAO/USP, 2007, p. 111-139.

SILVA, R. B. **Os motoboys no globo da morte: Circulação no Espaço e Trabalho Precário na Cidade de São Paulo**. 2009, 245p. Dissertação (mestrado) - Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, São Paulo.

SILVA, A. L. **A ilusão de uma "nova classe média" brasileira: conhecendo as trajetórias de jovens trabalhadores**. 2015, 199p. Tese de doutorado - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP/FGV), São Paulo.

SHAW, R. Neoliberal subjectivities and the development of the night-time economy in British cities. **Geography compass,** v.4, p. 893–903, Jul. 2010.

SLATER, T. Territorial stigmatization: symbolic defamation and the contemporany metropolis. In: RICHARDS, J. H. AND G. (Ed.). **The Handbook of New Urban Studies**. London: Sage Publications, 2015. p. 1–17.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção de espaço.** Trad. Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SMITH, N. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem teto e produção de escala geográfica. In: ARANTES, A. A. (org.). **O espaço da diferença**. São Paulo: Papirus, 2000. p. 132-175.

SOUZA, J. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

SOUZA, M.L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. .E; GOMES, P. C. C.; CORRÊA,R. L.. **Geografia: conceitos e temas**. (orgs.). Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 1995

SOUZA, M. L. Da "Diferenciação de áreas " à " Diferenciação socioespacial" a " visão (apenas) de sobrevôo" como uma tradição epistemológica e metodológica limitante. **Revista Cidades**, v. 4, n. 6, p. 101–114, 2007.

SOUZA, M.L. "Território" da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In. SAQUET, M. A e SPOSITO, E.S. (orgs). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular/Programa de Pós-Graduação em Geografia UNESP, 2009, p. 57-72

SPOSITO, M. E. B. **Espacialidade, cotidiano e poder**. GEOSUL, n. 14, p. 60–65, 1992.

SPOSITO, M.E.B. Reestruturação da cidade. In: MELO, J. G. (org.). **Região, cidade e poder**. Presidente Prudente: GAsPERR, 1996. p. 111-126.

SPOSITO, M.E.B. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intraurbana. In.: SPOSITO, M. E. B.(org). **Textos e Contextos para a Leitura Geográfica de uma Cidade Média**. Presidente Prudente: UNESP, 2001.

SPOSITO, M.E.B. Reestruturação urbana e segregação socioespacial no interior paulista. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, nº 245, v. 21, agosto. 2007.

SPOSITO, M.E.B. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: SPOSITO, M.E.B (Org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007

SPOSITO, M.E.B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: Pedro de Almeida Vasconcelos; Roberto Lobato Corrêa; Silvana Maria Pintaudi. **A cidade contemporânea**. Segregação Espacial. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013, v.1, p. 61-93

SUERTEGARAY, D.M.A. Pesquisa de campo em geografia. **Rev. Geographia**, v.4, n.7, p. 2002.

THOMPSON, J.B. **A mídia e a modernidade: uma teoria da comunicação social**. Trad.: Wagner de Oliveira Brandão, 12 ed, Petrópolis: Vozes, 2011.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, v. 40, n. 1, p. 27–53, 2006.

TURRA NETO, N**. Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. 2008, 533 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente.

TURRA NETO, N. Metodologias de pesquisa qualitativa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. **Revista RA'EGA**, n.23, Curitiba, UFPR,2011, p 340-375.

TURRA NETO, N. Pesquisa qualitativa em Geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, XVII, 2012, Belo Horizonte/MG. **Anais...**, 2012. Belo Horizonte, 2012. p. 1-10

TURRA NETO, N. Juventudes e territórios na cidade. In: PASSOS, M. M. .; CUNHA, L.; JACINTO, R. (org.). **As novas geografias dos países de língua portuguesa: paisagens, territórios e políticas no Brasil e Portugal**. São Paulo: Outras Expressões, 2012. p. 425-433.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis: territórios e rede de sociabilidade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

TURRA NETO, N. Pesquisa qualitativa em Geografia. **XVII ENG Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais**. Campus Pampulha. Disponível em: <www.eng2012.org.br/trabalhos-completos?download=167>. Acesso em: 01 set 2013.

TURRA NETO, N. A noção de geração no estudo das transformações do espaço urbano: contribuições e práticas culturais na produção da cidade. In: OLIVEIRA et al (Org). **Geografia Urbana: ciência e ação política**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p. 317-342.

TURRA NETO, N. Espaço e lugar no debate sobre território. **Geograficidade**, v. 5, n. 1, p. 52–59, 2015.

TURRA NETO, N. Definir juventude como ato político: na confluência entre orientação de tempo, idade e espaço. In. CAVALCANTI, L. S; CHAVEIRO, E.F; PIRES, L.M. (Org**.). A cidade e seus jovens**. Goiânia: Ed. da PUC de Goiás, 2015. p. 119-137.

VASCONCELOS, E. A. **Risco no trânsito, omissão e calamidade: impactos do incentivo à motocicleta no Brasil**. São Paulo: Ed. Do Autor, 2013.

VELHO, G. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre o conhecimento e heresia. In: VELHO, G (Org). **O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 1980, p. 13-20.

VELHO, G. Trajetória Individual e Campo de Possibilidades. In: **Projeto e Metamorfose**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 47-61.

WACQUANT, L. A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. **Sociologia: Problemas e Práticas**, n. 16, p. 25–39, 2006.

WACQUANT, L.; SLATER, T.; PEREIRA, V. B. Territorial stigmatization in action. **Environment and Planning**, v. 46, n. 6, p. 1270–1280, 2014.

WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Rev. Sociedade e estado**. vol.25, n.2, 2010, p. 205-224.

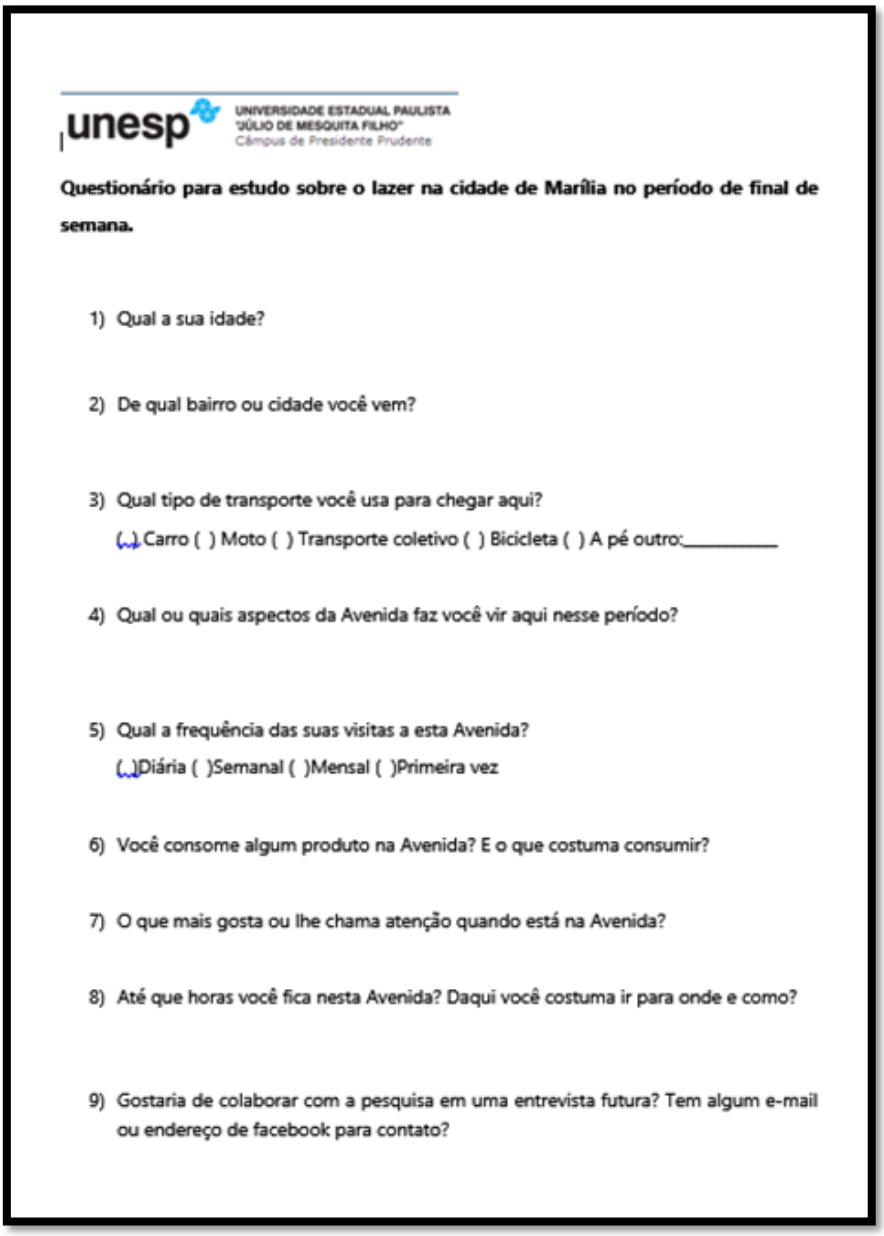
WERLEN, B. Regionalismo e sociedade política. **GEOgraphia**, Niterói, ano II, n. 4, p. 7 – 25, 2000.

WINKIN, Y. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Capinas (SP): Papirus, 1998.

ZANDONADI, J.C. **Novas centralidades e novos habitats: caminhos para a fragmentação urbana em Marília (SP)**. Presidente Prudente: 2008, 251p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário aplicado para alunos do último ano do Ensino fundamental



unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" Câmpus de Presidente Prudente

Questionário para estudo sobre o lazer na cidade de Marília no período de final de semana.

1) Qual a sua idade?

2) De qual bairro ou cidade você vem?

3) Qual tipo de transporte você usa para chegar aqui?
(..) Carro ( ) Moto ( ) Transporte coletivo ( ) Bicicleta ( ) A pé outro:_____

4) Qual ou quais aspectos da Avenida faz você vir aqui nesse período?

5) Qual a frequência das suas visitas a esta Avenida?
(..)Diária ( )Semanal ( )Mensal ( )Primeira vez

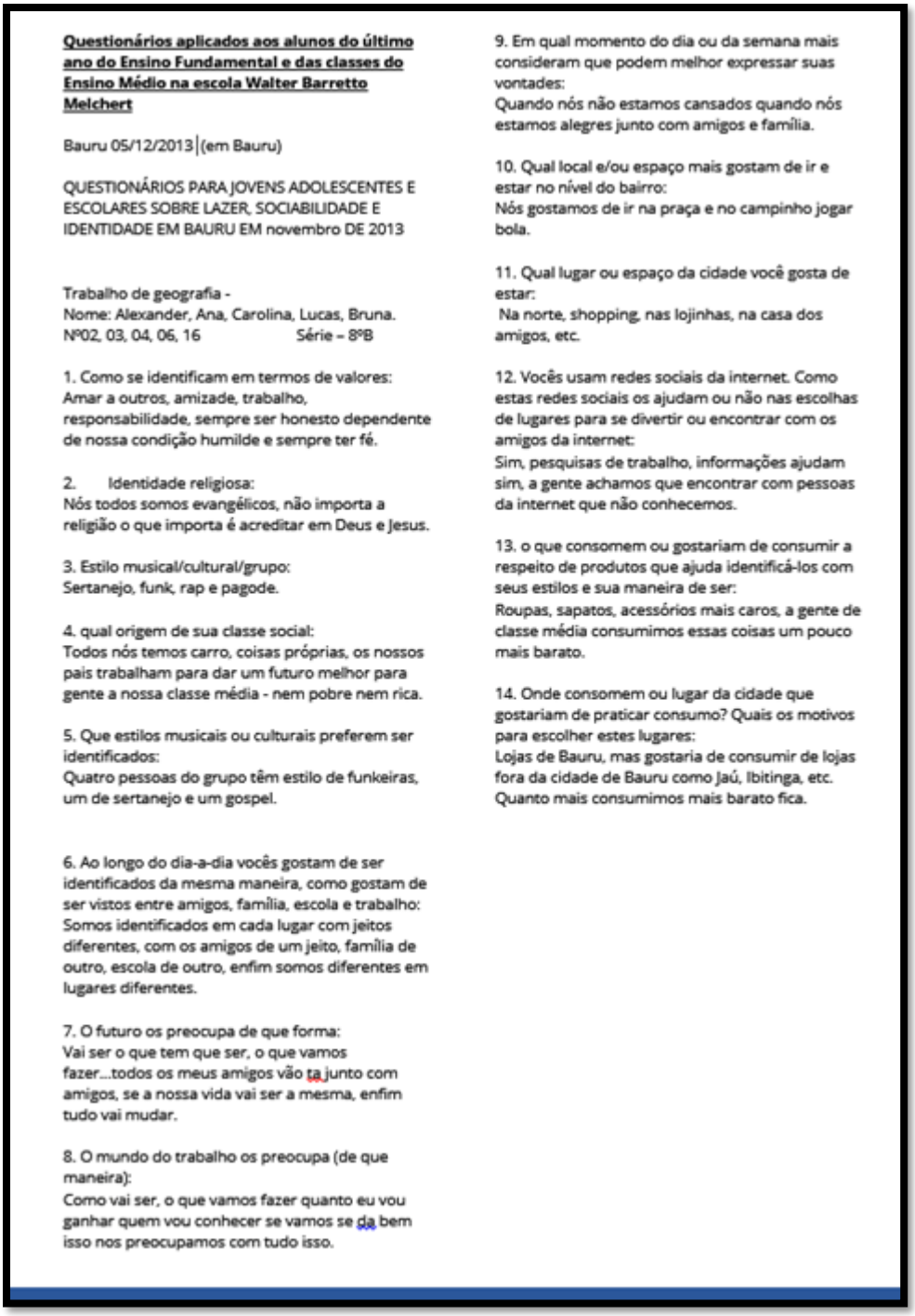
6) Você consome algum produto na Avenida? E o que costuma consumir?

7) O que mais gosta ou lhe chama atenção quando está na Avenida?

8) Até que horas você fica nesta Avenida? Daqui você costuma ir para onde e como?

9) Gostaria de colaborar com a pesquisa em uma entrevista futura? Tem algum e-mail ou endereço de facebook para contato?

APÊNDICE B – Enquete para exploração inicial de núcleos de lazer e diversão noturna



Questionários aplicados aos alunos do último ano do Ensino Fundamental e das classes do Ensino Médio na escola Walter Barretto Melchert

Bauru 05/12/2013|(em Bauru)

QUESTIONÁRIOS PARA JOVENS ADOLESCENTES E ESCOLARES SOBRE LAZER, SOCIABILIDADE E IDENTIDADE EM BAURU EM novembro DE 2013

Trabalho de geografia -
Nome: Alexander, Ana, Carolina, Lucas, Bruna.
Nº02, 03, 04, 06, 16 Série – 8ºB

1. Como se identificam em termos de valores:
Amar a outros, amizade, trabalho, responsabilidade, sempre ser honesto dependente de nossa condição humilde e sempre ter fé.

2. Identidade religiosa:
Nós todos somos evangélicos, não importa a religião o que importa é acreditar em Deus e Jesus.

3. Estilo musical/cultural/grupo:
Sertanejo, funk, rap e pagode.

4. qual origem de sua classe social:
Todos nós temos carro, coisas próprias, os nossos pais trabalham para dar um futuro melhor para gente a nossa classe média - nem pobre nem rica.

5. Que estilos musicais ou culturais preferem ser identificados:
Quatro pessoas do grupo têm estilo de funkeiras, um de sertanejo e um gospel.

6. Ao longo do dia-a-dia vocês gostam de ser identificados da mesma maneira, como gostam de ser vistos entre amigos, família, escola e trabalho:
Somos identificados em cada lugar com jeitos diferentes, com os amigos de um jeito, família de outro, escola de outro, enfim somos diferentes em lugares diferentes.

7. O futuro os preocupa de que forma:
Vai ser o que tem que ser, o que vamos fazer...todos os meus amigos vão ta junto com amigos, se a nossa vida vai ser a mesma, enfim tudo vai mudar.

8. O mundo do trabalho os preocupa (de que maneira):
Como vai ser, o que vamos fazer quanto eu vou ganhar quem vou conhecer se vamos se da bem isso nos preocupamos com tudo isso.

9. Em qual momento do dia ou da semana mais consideram que podem melhor expressar suas vontades:
Quando nós não estamos cansados quando nós estamos alegres junto com amigos e família.

10. Qual local e/ou espaço mais gostam de ir e estar no nível do bairro:
Nós gostamos de ir na praça e no campinho jogar bola.

11. Qual lugar ou espaço da cidade você gosta de estar:
Na norte, shopping, nas lojinhas, na casa dos amigos, etc.

12. Vocês usam redes sociais da internet. Como estas redes sociais os ajudam ou não nas escolhas de lugares para se divertir ou encontrar com os amigos da internet:
Sim, pesquisas de trabalho, informações ajudam sim, a gente achamos que encontrar com pessoas da internet que não conhecemos.

13. o que consomem ou gostariam de consumir a respeito de produtos que ajuda identificá-los com seus estilos e sua maneira de ser:
Roupas, sapatos, acessórios mais caros, a gente de classe média consumimos essas coisas um pouco mais barato.

14. Onde consomem ou lugar da cidade que gostariam de praticar consumo? Quais os motivos para escolher estes lugares:
Lojas de Bauru, mas gostaria de consumir de lojas fora da cidade de Bauru como Jaú, Ibitinga, etc. Quanto mais consumimos mais barato fica.

APÊNDICE C – Enquete aplicada em Escolas de Ensino Médio de Bauru e Marília

Questionário estruturado para jovens adolescentes sobre suas práticas socioespaciais para alunos do Ensino Médio

Série_____

PRIMEIRA PARTE

1. Sexo: Masculino ( ) Feminino ( )
2. Idade _____
3. Bairro/cidade onde mora:_____
4. Você trabalha: sim ( ) Não ( )
5. Você trabalha em qual parte da cidade?

( ) Centro - ( ) no próprio bairro ( ) outro bairro da cidade – Qual bairro:_____

6. **Com relação a seu atual grupo de amigo**s, eles foram conhecidos:
(PODEM MARCAR MAIS DE UMA RESPOSTA)
   - ( ) no próprio bairro
   - ( ) de diversos bairros da cidade ou mesmo de outras cidades – Quais bairros/cidades: _____
   - ( ) na igreja
   - ( ) na própria escola que estuda
   - ( ) nas redes sociais (facebook, twitter etc)
   - ( ) no local onde trabalha
   - ( ) no clube que frequenta – Qual:_____
   - ( ) não tem um grupo de amigos

   Caso existam outros locais em que você se relaciona com outros amigos escreva abaixo:
   _____
   _____
7. Anote a(s) alternativa (s) ou escreva qual **grupo ou estilo cultural/musical que você e seu grupo de amigos mais se identificam**;

( ) Religioso/Gospel	( ) Rock	( ) Estudo/escola
( ) Samba/Pagode	( ) Eletrônica/dance	( ) Esporte
( ) Sertanejo/country	( ) Pop	( ) Games/jogos
( ) hip hop/Rap/Break	( ) Piche	( ) Reggae
( ) Funk	( ) Grafite	

( ) Não pertenço a nenhum grupo cultural ou jovem
Se o grupo cultural ou de jovens do qual você faz parte não aparece nas alternativas acima, escreva ele aqui:_____

8. Estilos musicais e culturais que mais se identifica e acompanha:

( )**Música**:
Quais tipos de música e/ou grupo musicais?
_____
( ) não me interesso por música

( )**Dança**:
Qual tipo de dança ou estilo?
_____
( ) não me interesso por dança

( ) **Literatura**:
Qual livro ou tema?
_____
( ) não me interesso por literatura

( ) **Grafite**:
Qual o estilo e onde gostam ou gostariam de grafitar?
_____
( ) não me interesso por grafite

Picho:
Quais lugares da cidade costumam pichar para deixar suas marcas ou falar do grupo?
_____
( ) não me interesso por pichação
( ) não sei do que se trata

( ) **Cinema**:
Qual tipo de filme tem mais preferência?

_____

( ) não me interesso por cinema

Game/jogos/RPG:
Qual tipo de jogo tem maior interesse?
_____

( ) não me interesso por jogos

Carros (tunados) e motos:
Que tipo de interesse por carros ou motos? Por exemplo (carros tunados e "whelling" de moto)
_____

( ) não me interesso por carros e motos

Outros interesses:_____

9. Quais redes sociais prefere usar mais no dia-a-dia: (PODE MARCAR MAIS DE UMA RESPOSTA)
( ) Facebook ( ) YouTube ( ) WhatsApp ( )Google+ ( ) Tumblr ( ) Linkedin
( ) Twitter ( ) WeChat ( ) Bate-papo UOL ( )Instagram ( )Skype

Outras redes que você por acaso também usa e não está nas alternativas:_____
( ) não me interesso por redes sociais
( ) não uso nenhuma rede social para me comunicar com meus amigos

10. Se você usa alguma das redes sociais acima mencionadas, responda: elas têm quais finalidades para você no dia-a-dia: (PODE MARCAR MAIS DE UMA RESPOSTA)
( ) Saber mais dos amigos
( ) Ajudam a escolher produtos para consumir
( ) Compartilhar interesses
( ) Para marcar encontros e rolês
( ) Bate-papo
( ) Passar o tempo
( ) todas as alternativas anteriores
( ) Outros:_____

11. Quais desses lugares costuma mais frequentar nas noites de final de semana? Ou anote aquele espaço que não aparece. (PODE MARCAR MAIS DE UMA RESPOSTA)

( ) Napoleão
( ) Empório 66
( ) Cameleão
( ) Ponto G
( ) Canto do galo
( ) Festas das repúblicas
( ) Sampa
( ) Ellos
( ) Rastro do cowboy
( ) Muamba Music
( ) Casa de shows Labirinthus
( ) Kiss and fly
( ) Jack Pub
( ) Glasses Deluxe
( ) 212
( ) On The Road Pub
( ) Armazém Bar
( ) Exilio Art Pub
( ) Pão de queijo
( ) Habib's
( ) Mc Donald's
( ) Ragazzo
( ) Flipper lanches
( ) Fiu fiu
( ) Alameda Quality Center
( ) SESC
( ) Skate - Parque Vitória-Régia (lazer diurno)
( ) Boulevard Shopping Nações
( ) Bauru Shopping
( ) Villaggio Mall Center
( ) Roda de Rima
( ) Praça Rui Barbosa a noite
( ) Avenida Getúlio Vargas (rolês nos finais de semana)
( ) Bairro Mary Dota noite e finais de semana
( ) Praça da Paz
( ) Nações Norte – (nos FDS)
( ) Posto das Paineiras - Av. Getúlio Vargas 24-20
( ) Postos de combustíveis onde tem som e agito: quais? _____
Outros lugares que frequenta: _____

12. Quantas vezes você sai para se divertir na noite durante o mês?

( ) uma vez por mês ( ) 2 vezes ( ) entre 2 a 4 vezes
( ) entre 4 e 8 vezes ( ) mais de 8 vezes por mês

13. Com qual tipo de transporte você costuma ir aos locais de agito e lazer no centro:

( ) seu Carro ( ) sua Moto ( ) Ônibus ( ) Bicicleta ( ) Moto-taxi ( ) Carona com amigos ( ) À pé
Outro: _____

14. E o que dificulta frequentar tais espaços da cidade **durante à noite**? (PODE MARCAR MAIS DE UMA RESPOSTA)
( ) falta de dinheiro ( ) trabalho ( ) controle dos pais ( ) falta de amigos ( ) transporte ( ) distância ( ) ônibus ( ) horário
Outro:_____

15. Em relação às festas, eventos e shows que você costuma ir, **eles geralmente ocorrem**:

( ) no centro da cidade
( ) no seu próprio bairro
( ) em outro bairro da periferia da cidade
( ) lugares fora da cidade (chácaras, áreas longe da área urbana)
( ) em outra cidade
Outro:_____

16. Quando você sai para se divertir na noite, **como você fica sabendo dos agitos e das festas que estão acontecendo**: (PODE MARCAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA)

( ) amigos por celular ( ) através das redes sociais ( ) na escola ( ) no bairro com amigos ( ) rádio ( ) outdoors/cartazes

( ) sites da Internet

17. Há locais ou espaços do seu **bairro** que você mais gosta de estar com amigos ou frequentar à noite? Quais são?
_____

18. O que acha **que falta ou sente necessidade para se divertir** e realizar seus lazeres no bairro na noite? (PODE MARCAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA)
( ) bares e restaurantes ( ) casas de show ( ) eventos que representam meu estilo cultural
( ) espaços públicos para festas e encontros ( ) maior segurança ( ) maior divulgação de eventos
Outros:_____

19. Que **produtos você valoriza para se destacar na diversão da noite?** (PODE MARCAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA)
( ) bebidas - ( ) roupas ( ) sapatos - ( ) tênis - ( ) carro ou moto - ( ) aparelho celular -
Outros:_____
Quais as marcas? _____
( ) Não se preocupa com isto

20. O que **valorizo em termos de pessoas e lugar** quando saio para me divertir na noite? (PODE MARCAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA)
( ) bebidas - ( ) tipo de comida - ( ) como se vestem - ( ) que tipo de automóvel tem - ( ) música - ( ) som dos carros ( ) pessoas conhecidas que curte o mesmo estilo - ( ) locais modernos - ( ) locais calmos - ( ) locais agitados – ( ) locais onde se encontram pessoas diferentes do meu convívio – ( ) locais onde vai muita gente
( ) Não se preocupa com isto

21. Há outros lugares que frequenta na noite para se divertir, **mas que ocorrem em outros bairros**? Quais seriam esses lugares e qual tipo de diversão?
_____
_____

22. E como você chega lá?
_____

23. Quando **saem para se divertir nas noites, o que você costuma fazer**?

( ) encontrar os amigos
( ) dar rolê com os amigos
( ) namorar
( ) ficar com alguém
( ) dançar
( ) curtir a música
( ) dar volta de carro com os amigos
( ) frequentar bares
( ) ir as festas
( ) ver o movimento nas avenidas e lugares de agito
( ) consumir alimentos
( ) consumir bebidas
( ) ir ao cinema
( ) ir ao shopping

Anote as outras curtições que você gosta de fazer nas noites:
_____

24. Quando sai nas noites para se divertir **você vai com o seu grupo de amigos ou se encontra com eles**? Em quais locais costuma se encontrar? Como vocês marcam esse encontro?

25. **Descreva como costuma ser seu final de semana** começando pela sexta feira no final da tarde:

26. Você percebe **diferenças ou conflitos** entre seu grupo de amigos e outros grupos de jovens, nos espaços de diversão que frequenta?
Sim ( ) - não ( )

27. Estas **diferenças/conflitos** são motivadas por:
( ) estilos culturais e musicais
( ) financeiras
( ) idade
( ) bairros diferentes
Há outras formas de diferença que observa e onde elas costumam ocorrer:

28. Sofre ou já **sofreu alguma discriminação por seu estilo, modo de ser ou preferencias culturais, principalmente ao frequentar alguns espaços**:
Sim ( ) - Não ( )
Se já sofreu, qual lugar ou espaço que isso ocorreu:

29. Quais **aspectos positivos e negativos** que você apontaria sobre o bairro onde mora?

30. Quais **diferenças existem para você entre seu bairro e o centro da cidad**e em termos de lazer na noite?

31. **O que você pensa da sua cidade**?

32. Qual seria a faixa **de renda mensal de sua família**:
( ) Menos de 724 reais / ( ) 724 até 1500 Reais
( ) de 1500 até 2.200 Reais / ( ) 2 200 até 2900 Reais
( ) 2900 até 3600 Reais / ( ) maior que 3600 Reais

33. **Quanto você gasta aproximadamente na noite,** quando sai para se divertir?
(_) Nada
(_) entre 5 e 10 reais
(_) entre 10 e 20 reais
(_) entre 20 e 30 reais
(_) entre 30 e 50 reais
(_) mais que 50 reais

34. Quanto ganha mais ou menos e como usa esse dinheiro?

- **Caso tenha disponibilidade e queira contribuir mais com esta pesquisa, participando de entrevistas individuais ou coletivas, por favor, deixe seu celular e seu e-mail ou facebook, para que possamos fazer futuros contatos:**_____

- **Caso queira saber mais sobre a pesquisa, pode nos contatar pelo e-mail – solelvis@gmail.com ou pelo facebook:** *solelvis@gmail.com*

APÊNDICE D – Modelo de roteiro para entrevistas geracionais

Roteiro para o Reitor Dr. José Vicente – Faculdade Zumbi dos Palmares – entrevista no dia 19/08/2014 - 17:00

Poderia dizer seu nome, idade e profissão?

Senhor nasceu em qual cidade e até que ano viveu em Marília.

Você viveu sua juventude em qual Bairro da Cidade e quais anos?

Era um bairro da periferia ou área central?

Socioeconomicamente falando eram pobres ou classe média?

Vivia com seus pais e irmãos e como era vida da sua família?

Onde o senhor estudava?

Quais eram seu circuito de parada e frequentação durante o dia para uso do tempo livre?

Onde é como acontecia sua amizade?

Que locais costumava se encontrar e interagir com os amigos?

Havia amizades com jovens de diferentes bairros e classes sociais?

Que interesses e gostos você tinha na sua juventude?

Quando começou a sair à noite para se divertir?

O senhor trabalhava neste período?

Como o senhor usava sua renda?

Havia uma parte reservada ao lazer?

Havia diversão noturna no bairro?

Tinha um horário para voltar para casa quando a diversão noturna era no bairro?

O que gostava ou não gostava do seu bairro no seu tempo?

Como era a área central no seu tempo diurno e a noite?

Você consegue identificar quais eram os locais de maior frequentação na noite em seu tempo?

Havia diferenciação e/ou conflito com outros jovens em seu tempo?

O que era periferia no seu tempo e você acha que esses jovens vinham até as áreas centrais

Você achava que havia algum tipo de segregação espacial, quanto a entrada e frequentação de jovens na noite?

Em que momento e espaços isso acontecia?

Vocês tinham um pedaço/espaço que eram mais frequentados por vocês nas áreas centrais?

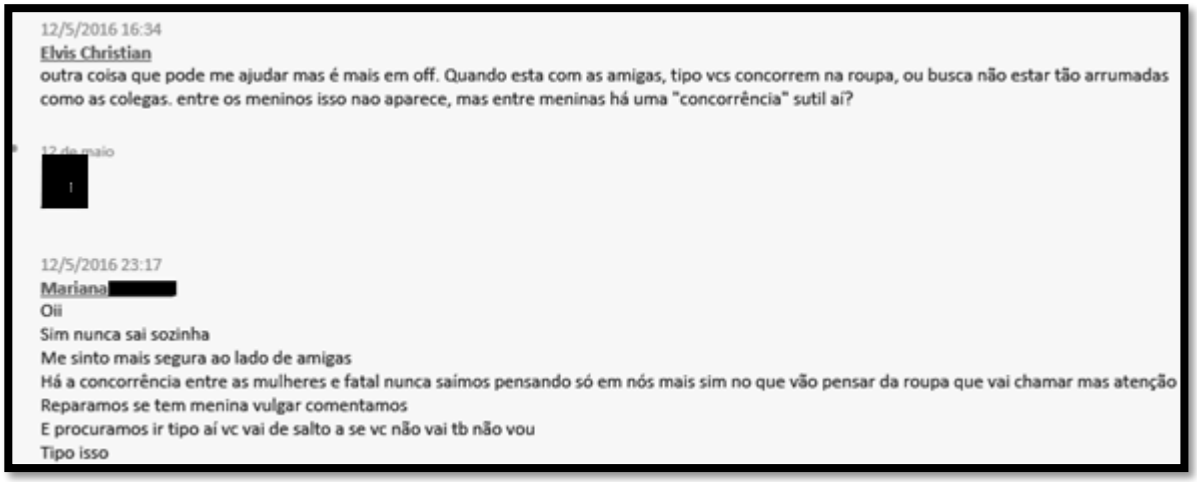
Você e seus amigos visitavam a noite em outras cidades?

Havia festas e eventos na cidade, como eram e como era o agito?

Como era o consumo de vocês na área central?

Porque saiu de Marília?

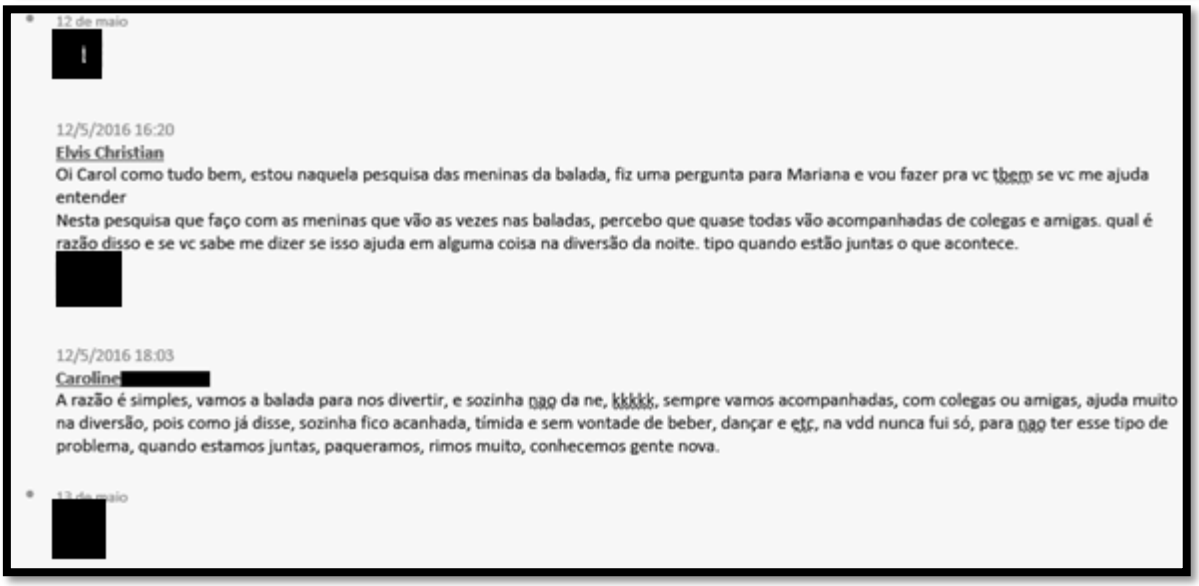
APÊNDICE E - Trechos de conversas dirigidas com ex-alunos sobre o lazer e suas sociabilidades.



12/5/2016 16:34
Elvis Christian
outra coisa que pode me ajudar mas é mais em off. Quando esta com as amigas, tipo vcs concorrem na roupa, ou busca não estar tão arrumadas como as colegas. entre os meninos isso nao aparece, mas entre meninas há uma "concorrência" sutil aí?

12 de maio
[redacted]

12/5/2016 23:17
Mariana[redacted]
Oii
Sim nunca sai sozinha
Me sinto mais segura ao lado de amigas
Há a concorrência entre as mulheres e fatal nunca saímos pensando só em nós mais sim no que vão pensar da roupa que vai chamar mas atenção
Reparamos se tem menina vulgar comentamos
E procuramos ir tipo aí vc vai de salto a se vc não vai tb não vou
Tipo isso



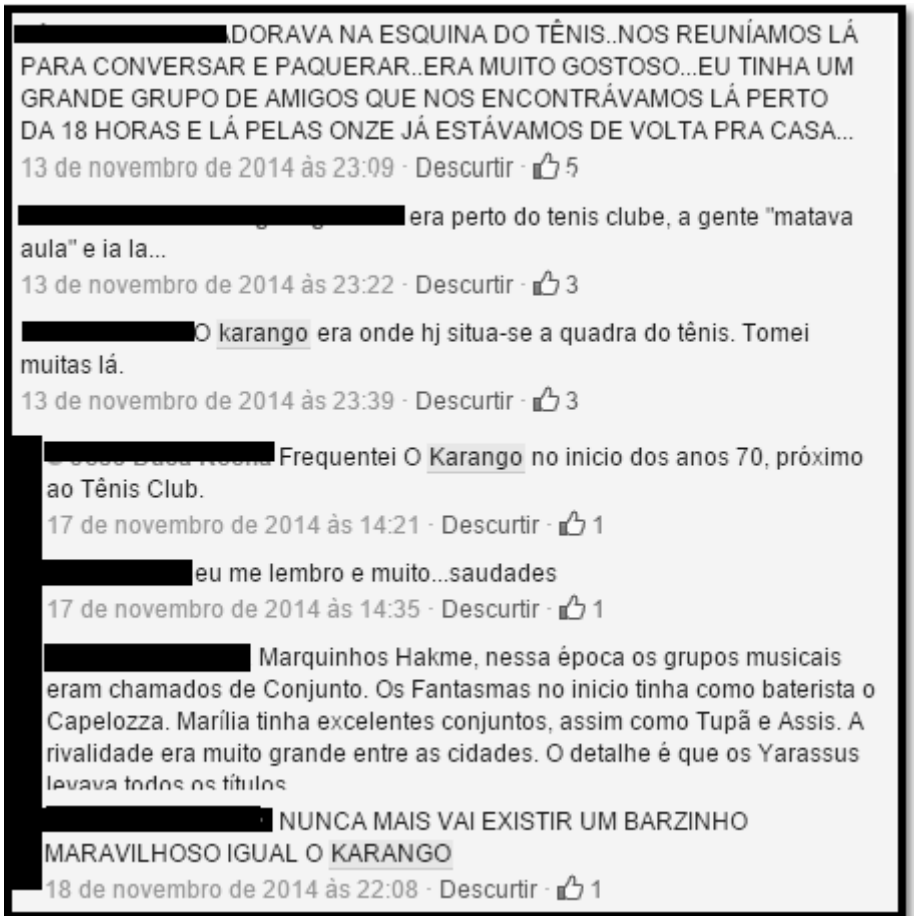
12 de maio
[redacted]

12/5/2016 16:20
Elvis Christian
Oi Carol como tudo bem, estou naquela pesquisa das meninas da balada, fiz uma pergunta para Mariana e vou fazer pra vc tbem se vc me ajuda entender
Nesta pesquisa que faço com as meninas que vão as vezes nas baladas, percebo que quase todas vão acompanhadas de colegas e amigas. qual é razão disso e se vc sabe me dizer se isso ajuda em alguma coisa na diversão da noite. tipo quando estão juntas o que acontece.
[redacted]

12/5/2016 18:03
Caroline[redacted]
A razão é simples, vamos a balada para nos divertir, e sozinha nao da ne, kkkkk, sempre vamos acompanhadas, com colegas ou amigas, ajuda muito na diversão, pois como já disse, sozinha fico acanhada, tímida e sem vontade de beber, dançar e etc, na vdd nunca fui só, para nao ter esse tipo de problema, quando estamos juntas, paqueramos, rimos muito, conhecemos gente nova.

13 de maio
[redacted]

APÊNDICE F- Comentários extraídos do Grupo Memória de Marília, através da mídia social.


[redacted]DORAVA NA ESQUINA DO TÊNIS..NOS REUNÍAMOS LÁ PARA CONVERSAR E PAQUERAR..ERA MUITO GOSTOSO...EU TINHA UM GRANDE GRUPO DE AMIGOS QUE NOS ENCONTRÁVAMOS LÁ PERTO DA 18 HORAS E LÁ PELAS ONZE JÁ ESTÁVAMOS DE VOLTA PRA CASA...
13 de novembro de 2014 às 23:09 · Descurtir · 5

[redacted] era perto do tenis clube, a gente "matava aula" e ia la...
13 de novembro de 2014 às 23:22 · Descurtir · 3

[redacted]O karango era onde hj situa-se a quadra do tênis. Tomei muitas lá.
13 de novembro de 2014 às 23:39 · Descurtir · 3

[redacted] Frequentei O Karango no inicio dos anos 70, próximo ao Tênis Club.
17 de novembro de 2014 às 14:21 · Descurtir · 1

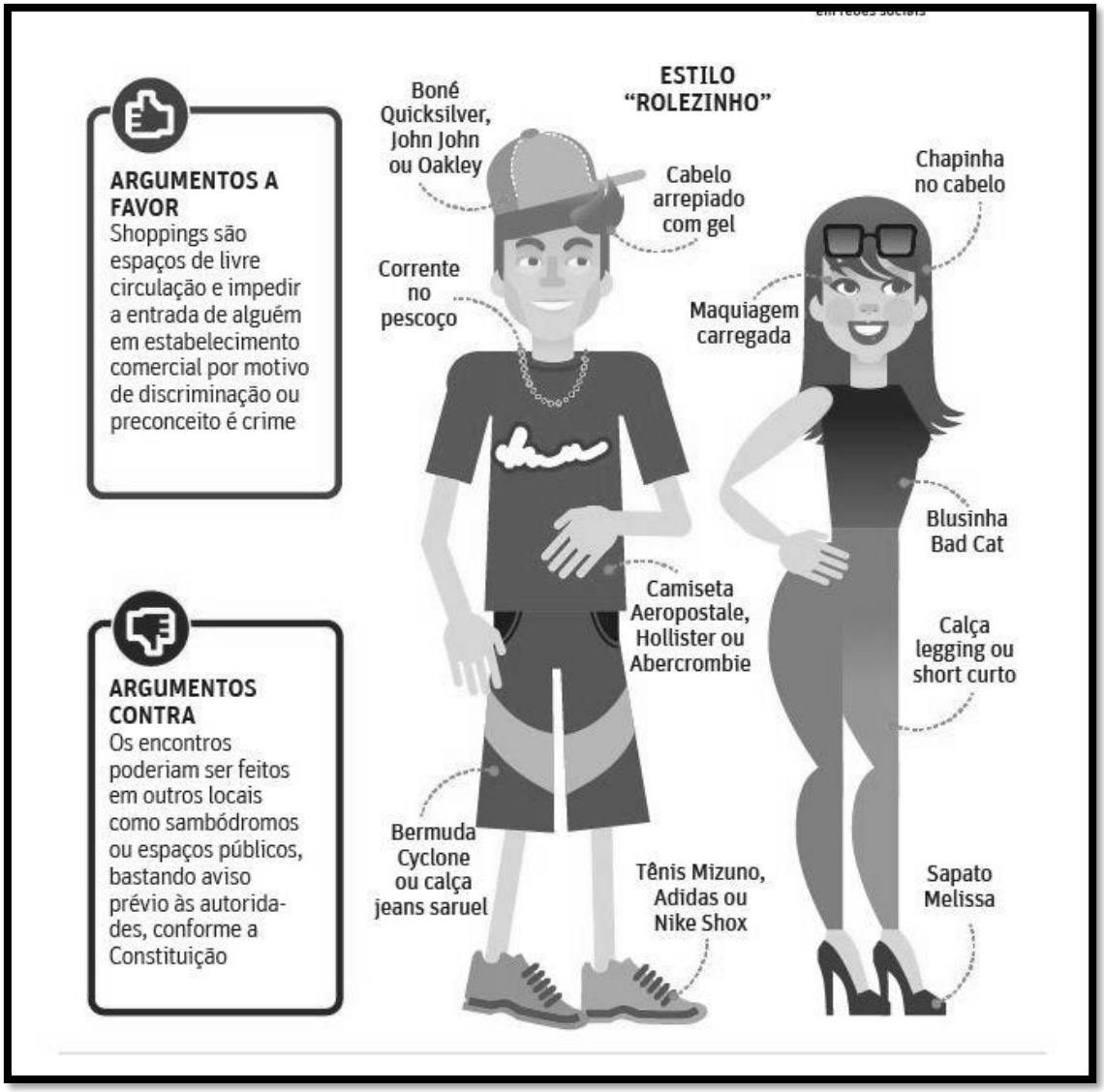
[redacted] eu me lembro e muito...saudades
17 de novembro de 2014 às 14:35 · Descurtir · 1

[redacted] Marquinhos Hakme, nessa época os grupos musicais eram chamados de Conjunto. Os Fantasmas no inicio tinha como baterista o Capelozza. Marília tinha excelentes conjuntos, assim como Tupã e Assis. A rivalidade era muito grande entre as cidades. O detalhe é que os Yarassus levava todos os títulos

[redacted] NUNCA MAIS VAI EXISTIR UM BARZINHO MARAVILHOSO IGUAL O KARANGO
18 de novembro de 2014 às 22:08 · Descurtir · 1

ANEXOS

ANEXO A - Comunicação visual dos que praticam rolês nos espaços de consumo, informação extraída do Jornal Folha de São Paulo em 15/01/15



ANEXO B – Evolução da malha urbana de referência para Marília

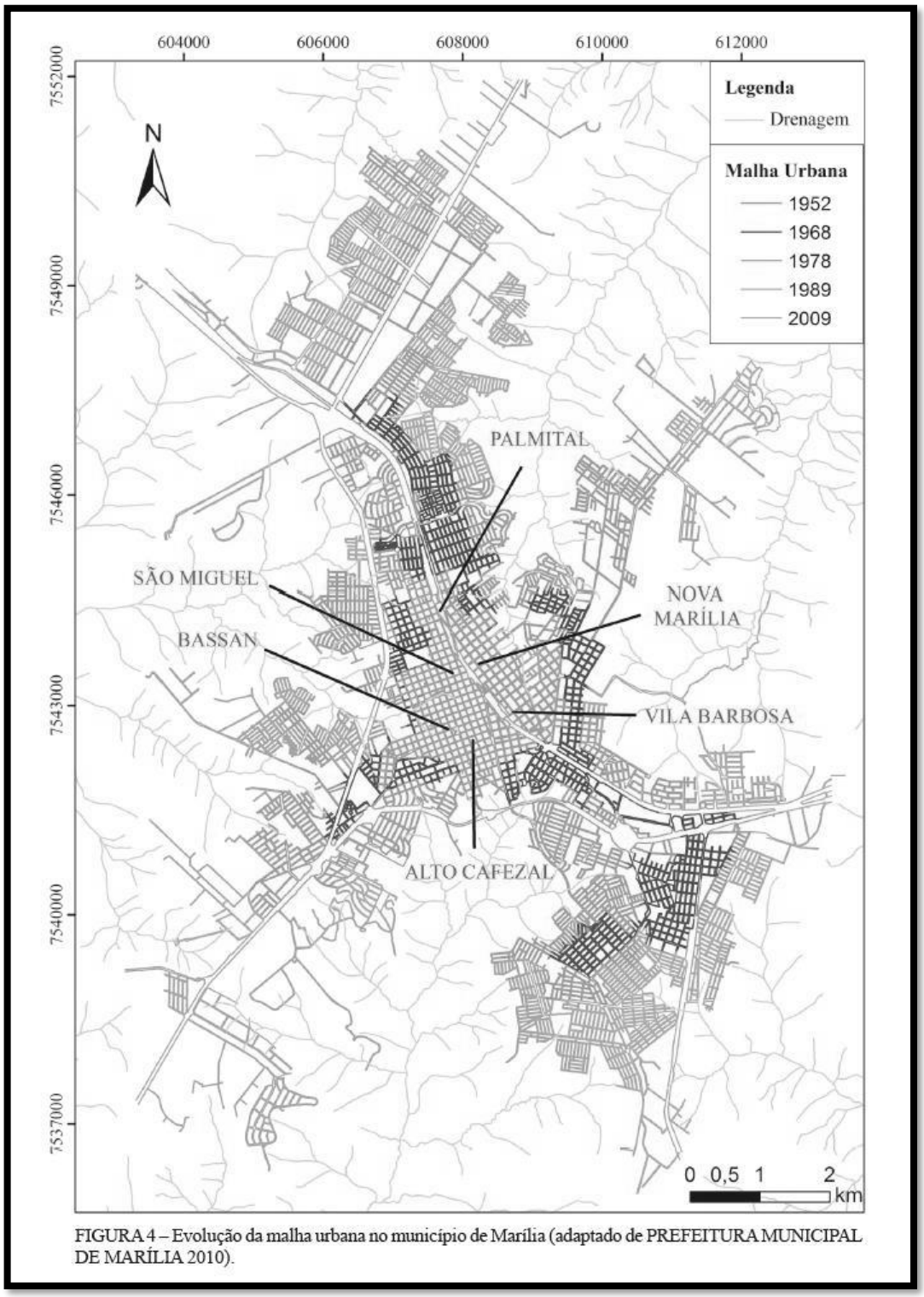


FIGURA 4 – Evolução da malha urbana no município de Marília (adaptado de PREFEITURA MUNICIPAL DE MARÍLIA 2010).